

ANDREAS L. DOESWIJK

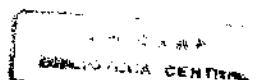
**ENTRE CAMALEÕES E CRISTALIZADOS:
OS ANARCO-BOLCHEVIQUES RIOPLATENSES,
1917-1930**

Tese de Doutorado
apresentada ao departamento
de História do Instituto de
Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Michael M. Hall.

CAMPINAS
OUTUBRO DE 1998

D675e

36483/BC



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	Ex.
TOMBO BC/	36483
PROG.	229/99
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 1,00
DATA	05/02/99
N.º CPD	

CM-00120728-6

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Doeswijk, Andreas L.
D 675 e **Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses, 1917-1930 / Andreas L. Doeswijk. - - Campinas, SP : [s. n.], 1998.**

Orientador: Michael M. Hall.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História social - Argentina. 2. Movimento operário. 3. Conflitos sociais. 4. Anarquismo e anarquistas. 5. Sindicalismo. I. Hall, Michael M. (Michael McDonald), 1941-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

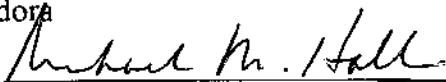
ANDREAS L. DOESWIJK

ENTRE CAMALEÕES E CRISTALIZADOS:
OS ANARCO-BOLCHEVIQUES RIOPLATENSES, 1917-1930

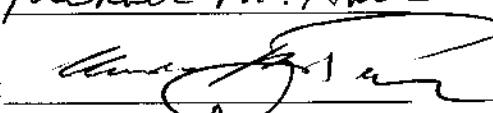
Tese de Doutorado
apresentada ao departamento
de História do Instituto de
Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Michael M. Hall.

Banca Examinadora

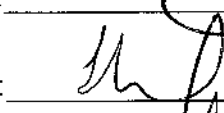
Prof. (a). Dr.(a):



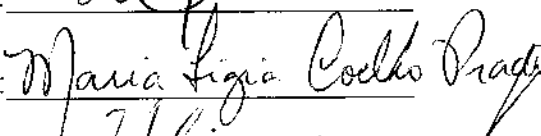
Prof. (a). Dr.(a):



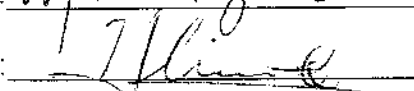
Prof. (a). Dr.(a):



Prof. (a). Dr.(a):



Prof. (a). Dr.(a):



CAMPINAS
OUTUBRO DE 1998

SUMÁRIO

ENTRE CAMALEÕES E CRISTALIZADOS

OS ANARCO-BOLCHEVIQUES RIOPLATENSES, 1917-1930

INTRODUÇÃO: REVOLUÇÃO E CONSTRUÇÃO UTÓPICA	7
I. PANORAMA SOCIAL DA REGIÃO DO RÍO DE LA PLATA EM 1917	
I.1 Economia, Política e Sociedade	12
I.2 A Crise da Primeira Guerra Mundial e sua Repercussão na Região	19
I.3 O Governo Radical e a Questão Social	25
I.4 A Situação da Classe Trabalhadora Argentina	28
I.5 Os Rebelionistas de Rosario	35
II. A REVOLUÇÃO RUSSA NO RÍO DE LA PLATA, 1917 - 1919	
II.1 Notícias de Petrogrado	44
II.2 Notícias de Leningrado	52
II.3 Palavras em Luta: Maximalistas, Bolsheviki, Comunistas, Anarquismo	60
II.4 Erva e Tabaco para Simón e uma Montonera Asturiana	70
II.5 A Revolução na República das Letras	76
III. O LONGO ANO 1919	
III.1 Do Armistício a Bandera Roja	84
III.2 Bandera Roja, Diário de La Mañana	96
III.3 A União de Trabalhadores Agrícolas (UTA) e a Colheita Vermelha do Verão de 1919/1920	106
III.4 A Greve das Bombas, Março de 1920	119

IV. TRANSFORMAÇÕES NO MOVIMENTO OPERÁRIO, 1919-1921	
IV.1 Legislação Social e Sindicalismo Industrial	117
IV.2 A Luta pelo Espaço Operário e sua Dimensão Utópica	139
IV.3 A Luta pelo Closed Shop e a Oficialização e as Pautas de Reivindicações	147
V. A REVOLUÇÃO RUSSA DIVIDE AO MOVIMENTO OPERÁRIO, 1921-1922	
V.1 A separação dos anarco-bolcheviques da FORAC, o “Affaire Internacional” e a Delegação para Moscou, 1920-1921	163
V.2 A União tão Desejada: a União Sindical Argentina, 1922 a 1930	172
V.3 Argentinos no Hotel Lux	182
VI. A ALIANÇA LIBERTÁRIA ARGENTINA, 1923 - 1930	
VI.1 Fundação da Aliança Libertária Argentina pelos Grupos de Afinidade	191
VI.2 O Desempenho da Aliança na União Sindical Argentina, 1923-1930	196
VI.3 A Questão Agrária e a Associação Argentina de Arrendatários e Colonos	207
VI.4 Os Fantasmas sempre reaparecem	217
FIM DO TEMPO UTÓPICO. MEMÓRIA E ESQUECIMENTO	224
BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA	228

ABREVIATURAS

- A.A.C.A.: Associação Argentina de Colonos e Arrendatários, 1925-1926
- A.I.T.: Associação Internacional do Trabalho (Berlim), 1922-
- A.L.A.: Aliança Libertária Argentina, 1923-1930
- B.D.N.T.: Boletim do Departamento Nacional do Trabalho, 1907-
- C.G.T.: Confederação Geral do Trabalho, 1930
- Comintern: terceira Internacional (Moscou), 1919-1943
- C.N.T.: Confederação Nacional do Trabalho (Espanha), 1910-
- D.N.T.: Departamento Nacional do Trabalho, 1907-
- F.A.A: Federação Agrária Argentina, 1912-
- F.O.M.: Federação Operária Marítima: 1910-1943
- F.O.R.A. do V Congresso, Federação Operária Regional Argentina, 1905-
- F.O.R.A. do IX Congresso, Federação Operária Regional Argentina, 1915-1922
- F.O.R.A.C.: Federação Operária Regional Argentina Comunista, 1919-1923
- F.O.R.P.: Federação Operária Regional Portuária, 1919-1923
- I.S.V.: Internacional Sindical Vermelha. Profintern. Moscou, 1920-
- I.W.W.: International Workers of the World, 1905-1925
- L.P.A.: Liga Patriótica Argentina, 1919-
- U.S.A: União Sindical Argentina, 1922-1930
- U.T.A: União de Trabalhadores Agrícolas, 1919-1922

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar, quero expressar meus AGRADECIMENTOS ao professor Dr. Michael M. Hall e ao Departamento de Pos-graduação em História da UNICAMP, por sua orientação e por readmitir-me ao Programa do Doutorado, após meu regresso à Argentina em decorrência de circunstâncias particulares. Em segundo lugar, agradeço ao Decano Dr. Carlos Calderón e o Conselho Acadêmico da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional do COMAHUE, por outorgar-me um ano de licença para poder escrever, finalmente, esta tese cuja matéria prima descansava nas gavetas e já não esperava ver a luz do dia. Agradeço também aos professores Maria Beatriz Gentile, Rolando Bel e Carolina Destéffaniz que me substituíram na Cátedra de América em 1997, enquanto escrevia em Barra da Lagoa a história inédita dos anarco-bolcheviques do Rio de La Plata, longamente esperada pela humanidade. A Rolando aliás, por ter sido, na Patagônia, um amigo sincero e um interlocutor acadêmico de muita valia.

Em segundo lugar, devo agradecer a toda uma série de pessoas a quem entrevistei e os quais -de uma forma ou outra- me ajudaram na recompilação de dados. Penso nos velhos militantes, quase todos falecidos já, Luis Di Filippo, José Fernández, Jacobo Maguid, José María Lunazzi, Juvenal Fernández, Américo "Bepo" Ghezzi, Héctor Woolands, José Grinfeld Enrique Palazzo e muitos outros. Também as pessoas que me atenderam em bibliotecas y arquivos como os do Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis -em especial ao Dr. Rudolf de Jong- e do CEDLA, de Amsterdã, do Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP, Campinas, a Biblioteca Nacional, da Federação Libertária Argentina, a Biblioteca José Ingenieros, a de Juan B. Justo, todas da cidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Federação Agrária Argentina, de Rosario.

Quero expressar também meu sincero afeto aos professores da Universidade Estadual de Maringá, em especial a Sidnei Munhoz, Marta Bellini, Eda Góes, Lúcio Tadeu Mota, Beatriz Colere Hanff, Luis Hermenegildo Fabiano, Celene Tonella, Reginaldo Dias, Jane Fadel, Antonieta Gomes Penteado e José Henrique Rollo Gonçalves; a Sérgio Norte Queiroz, de Assis e a meus amigos da época de Campinas: em especial, Héctor Alimonda, Florencia Menegalli, Maria Lúcia Lamounier, Denise Bottmann, Ronaldo "Batata" Simões, e Gustavo y Sandra Caponi.

A meus doze irmãos e cunhados: por ordem de nascimento: Jo e Manuel, Dick e Susana, Sjaan e Sepp, Mien e Alberto, Annie e Bartolo, Leo e Dora, Peter e Marijke, Sjakie e Laura, Ria e Gabriel, Rosa e Charly, José e Araceli e Cor e Patricia e a meus 61 sobrinhos - dos quais estou muito orgulhoso- um carinho muito especial.

Finalmente, como DEDICATÓRIA, quiero ofrecer este trabajo a minhas queridas filhas Bárbara e Maite, à memória de meus pais e a melhor pessoa que existe no mundo, minha irmã, Annie.

INTRODUÇÃO: REVOLUÇÃO E CONSTRUÇÃO UTÓPICA

Reivindicamos a direção do possível movimento revolucionário social. aceitamos a aplicação dos temperamentos de força -a ditadura do proletariado. por exemplo- nos dobramos à realidade da luta de classes. reconhecemos a Revolução Social e a Anarquia: louvamos a formação de conselhos de fábrica e centúrias vermelhas no período pré-revolucionário e de exércitos vermelhos depois da vitória. enquanto a revolução estiver em perigo de ser atacada.

A partir de 1917, a Revolução Russa teve um impacto grande na região do Rio de la Plata, região que foi caracterizada por uma grande presença de imigrantes do Sul e do Leste da Europa. Aquele impacto fazia-se sentir, em primeiro lugar, no movimento libertário -os revolucionários da época- no Partido Socialista e ainda em outros setores da sociedade, gerando adesões ou rejeições. Consideramos que, tanto no Partido Socialista como no movimento libertário e nas duas FORA -a sindicalista e a anarco-comunista- a Revolução Russa produziu uma série de reflexões que levaram a uma reconsideração da questão social e a uma série de iniciativas para tentar levar a cabo na região uma mudança significativa da sociedade, substituindo -como acreditaram- o sistema capitalista por uma sociedade igualitária. Um exemplo dessas iniciativas constituiu, sem dúvida, o projeto de legislação social que apresentou um grupo de políticos radicais -alguns com um passado anarquista distante- para o governo de Yrigoyen em abril de 1919. Essa legislação social e agrária apresentaria -conforme a idéia de seus autores- de uma vez por todas, uma situação superadora do capitalismo e, por conseguinte, evitaria as perturbações sociais como aquela da Semana Trágica de começos desse ano.

Quanto ao movimento libertário, a partir de 1917 mesmo, aderiu quase na sua totalidade à causa da revolução comprovada, e só no começo de 1919 alguns pensadores começaram a questioná-la, sendo imitados pelas bases da FORA e *La Protesta*, somente a partir de 1921 e por alguns setores da USA, em 1924. Entre novembro de 1918 e fins de 1921, nos encontramos com um período que denominamos o Triênio Vermelho do Río de la Plata. Na historiografia social, são razoavelmente conhecidos os eventos da Semana de Janeiro de 1919 pelos trabalhos de Rock, Godio e Bilsky e os acontecimentos de 1920 e 1921 em Santa Cruz, Patagônia, pela pesquisa de Osvaldo Bayer. Porém, estes dois eventos são mencionados nos trabalhos de caráter mais geral, como fatos isolados sem ser percebida a continuidade do clima de rebelião, manifestado nas falas e nas práticas, durante o Triênio inteiro. A quantidade enorme de publicações libertárias e o crescimento, impressionante para os padrões da época, dos afiliados às FORA e as uniões autônomas, indicam que aquele Janeiro de 1919 e a Patagônia Trágica não eram apenas *eclosões caóticas da plebe*, mas eventos num processo social que a classe dominante e o Estado só pôde dominar ao término de 1921, por meio de muita repressão e algumas concessões.

Está claro que aquele Triênio Vermelho não era o fruto exclusivo da vitória da revolução soviética, nem do clima originado pela vitória aliada sobre os Impérios Centrais, nem da influência das virtualidades revolucionárias que apareceram na Alemanha, Itália, Espanha e outros lugares, mas estava ligado fortemente à luta pela recuperação do poder aquisitivo perdido durante a guerra.

De acordo com alguns pensadores da época, a Guerra Grande significou *o suicídio dos bárbaros*; e este suicídio foi visto por um autor como José Ingenieros, no fuzilamento do Czar Nicolás II e na abdicação do Kaiser Guilherme.¹ Finalmente, o processo civilizatório, com seu início na Revolução Francesa, continuaria pelas suas vertentes naturais e só os governos que não interpretaram os sinais dos tempos e não introduziram reformas sociais fundamentais, teriam que temer a rebelião social. De novembro de 1918 até fins de 1921, grassou em vastas regiões de América do Sul -em especial nessas que tinham recebido um importante excedente imigratório da Europa- um clima social, do qual os setores libertários, sindicalistas-revolucionários e os internacionalistas desmembrados do Partido Socialista esperaram mudanças grandes que se espalhariam pelo mundo inteiro, na medida em que a Revolução avançara desde o Oriente para o Ocidente. Ora, esta mesma Revolução -escrita deste modo, com maiúscula- foi considerada freqüentemente e ainda pelos próprios anarquistas, como uma entidade autônoma, com existência independente dos revolucionários da região. Era alguma coisa que batia nas portas e para o que era necessário estar preparado, quase como se fosse a primavera ou o fim de uma guerra. Interpretar os significados daquele tempo revolucionário, por meio do estudo de um de seus protagonistas, constitui um dos objetivos deste estudo.

No Rio de la Plata, foi entre os anarquistas que a Revolução Russa teve seu impacto maior. Até começos de 1919, o movimento libertário na sua totalidade considerou que o movimento maximalista foi protagonizado por uma aliança das esquerdas socialistas, anarquistas e social-revolucionárias; e quando o panorama foi clarificado, começou-se a construir a teoria da Terceira Revolução, a libertária, a qual chegaria na passagem do Reino da Necessidade para o da Liberdade. Ora, entre os diferentes agrupamentos de anarquistas simpatizantes do Acontecimento Russo, se salientaram os que, em abril de 1919, publicaram *Bandera Roja*, na qual atuaram os que tinham publicado *La Rebelión* de Rosário, junto os anarco-comunistas dos sindicatos de Buenos Aires e outros.

Como veremos no curso deste trabalho, o problema deste grupo foi destacar-se frente à sociedade, ser diferenciado de outros setores e isto começou pela questão da sua denominação. Por falta de um nome comum e em favor da inteligibilidade, optamos por chamá-los de anarco-bolcheviques, embora eles próprios nunca aceitaram esta nomenclatura que lhes foi imputada -a partir de 1921- pelos protestistas. Eles costumavam se autodenominar anarquistas revisionistas, novos, construcionistas, orgânicos, aliancistas e, claro está, revolucionários. Não há dúvida de que pelas suas publicações -tais como *Bandera Roja*, *El Comunista* de Rosário, *El Trabajo* e, finalmente, *El Libertário* e *La Rebelión*- estavam construindo um projeto revolucionário utópico no qual tentaram combinar os fundamentos anarquistas -por sinal, rejeitando o nível da ação política- com elementos novos do bolcheviquismo e do sindicalismo-revolucionário -tais como a ditadura do proletariado ou a teoria sindicalista do "embrião", isto

¹ Ver. José Ingenieros. "Significación Histórica del Movimiento Maximalista". Em, *Revista de Filosofía*, La Plata, março de 1919.

é, aquela teoria que sustentava que, a partir da vida sindical e do espaço operário poder-se-ia começar a construir a sociedade nova.

Premeditadamente temos utilizado a expressão construção utópica, conscientes que os contemporâneos dificilmente veriam os anarco-bolcheviques como fabricantes de utopias -se excluímos a marcante figura de Pierre Quiroule- e nem eles, naquela época, teriam se considerado como tais, já que chamavam de utópicos aos anarquistas ortodoxos ou *cristalizados*. Porém, eles acreditaram que uma realidade diferente à existente era possível e a Revolução Russa os empurrou a preparar-se para dirigir a revolução na região. A América, enquanto espelho da Europa, ofereceria um lugar tão favorável para os sonhos igualitários como o mesmo Velho Continente.

As primeiras utopias do Renascimento, essas de Moro, Campanella e Bacon- foram caracterizadas pela insalubridade, acronia, autarquia, planejamento urbanístico e regulamentação meticulosa da vida social.² Elas eram, acima de tudo, uma construção do intelecto cujo objetivo não consistiu na realização concreta de uma sociedade futura, mas na amostragem de um mundo diferente; a apresentação de um espelho onde os homens se veriam com a imagem invertida; queriam mostrar aos leitores que o existente não era um dado imutável do real e que -ao menos no nível da representação- se poderia criar um mundo parcial ou completamente diferente. Essas construções literárias eram, acima de tudo, uma crítica social: na ilha americana chamada Utopia, as ovelhas não devoravam aos homens, como na Inglaterra de 1516.

Quando, depois das revoluções burguesas, as idéias de progresso convergiram com as do pensamento utópico, nos deparamos com utopias radicalmente diferentes. Então, utopistas como Saint-Simón, Fourier e Owen quiseram assentar os fundamentos para experiências concretas. Deste modo, a virtualidade transformadora da utopia passou do nível da especulação para a incidência direta nas práticas sociais. Aqui, a tradição judaico-cristã do Ocidente ofereceu um chão fértil às utopias coletivas levadas à realidade; naquela tradição, o homem estava em um lugar ruim, entre duas utopias: o paraíso perdido e o céu para ganhar; e não só se encontravam saturados dessas idéias os socialistas chamados utópicos, mas também os social-revolucionários russos e os apóstolos bakuninistas e ainda os mesmos seguidores de Marx e Engels, apesar das críticas anti-utópicas de ambos pensadores. A partir do século XIX, a Razão poderia levar a cabo o Progresso e liberar a Humanidade das cadeias da opressão do passado. Enquanto os socialistas daquele século, buscaram ir além do liberalismo burguês, o estudo da transição do feudalismo para o capitalismo -o sistema que liberou as forças produtivas e individualizou os homens- levou à conclusão de que a transição para a igualdade econômica e a liberdade, individual ou coletiva, seria levada a cabo da mesma maneira. Uma vez esgotadas as potencialidades do mundo velho, o novo seria imposto com ou sem a colaboração dos homens.

O estado nacional soviético que emergiu na Rússia a partir de 1917 foi um dos poucos exemplos históricos em que uma sociedade foi pensada primeiro e depois construída, embora o resultado concreto daquela construção só foi parcialmente a realização do pensamento marxiano, inclusive porque Marx nunca elaborou um projeto completo de uma sociedade socialista futura, privilegiando a análise do sistema capitalista de produção e o estudo da

² Ver, Fernando Ainsa. *Necesidad de la Utopia*. Buenos Aires, Tupac ediciones / Montevideo, Nordan-Comunidad, 1990, pág. 41 a 46.

emergência das revoluções burguesas. Por outro lado, Lenin, no embate dos acontecimentos de 1917, escreveu, *Estado e Revolução*, obra com muitos elementos social-revolucionários e libertários notadamente por seus aspectos voluntaristas, bastante estranhos ao pensamento marxiano sistemático. Esta obra de Lenin é concomitante com o processo revolucionário de março a novembro de 1917, constituindo um claro exemplo de adaptação da teoria às circunstâncias históricas e ajudou a ocultar -ao menos por um tempo- o caráter marxista e leninista da Revolução.

Franco Crespi afirma que a idéia de utopia, no seu significado forte de nenhum-lugar, permite abandonar duas ilusões inversas: aquela de acreditar que o lugar onde moramos é o único possível, e acreditar que há realmente um lugar ou uma sociedade imaginária ao qual podemos ter aceso. Para Crespi, o homem não possui lugar nenhum no mundo que lhe pertence e existe uma diferença inflexível entre a utopia como projeto e o resultado da sua realização.³ Se levamos estas premissas ao campo histórico, talvez se pudesse verificar que toda utopia, por exemplo a de Lenin em 1917, ou a de García Thomas em 1919, tem uma face dupla. Por um lado, o que questiona o existente e por outro, o que contesta a fé cega numa nova ordem, o que transforma o mundo em um paraíso, uma vez eliminados os restos da sociedade burguesa.

Postulamos que os anarco-bolcheviques no Rio de la Plata foram os atores sociais que com mais força tentaram realizar a Revolução como na Rússia e, neste sentido, eles questionaram a ilusão de que a sociedade argentina ou uruguaia não poderia ser mudada. Porém, embora combatessem a primeira ilusão, eles não foram imunes à canção da sereia da segunda. Eles realmente acreditaram que poderiam levar a cabo o projeto que tinham elaborado. Sendo um movimento que, depois de 1921, não conseguiu fixar raízes fora de alguns sindicatos da USA e de uns trinta grupos de afinidade, não pôde confrontar o seu projeto com a realidade e acabaram se transformando em um dos tantos grupos sociais da região que não aceitaram o projeto político-social agro-exportador hegemônico e consideraram insuficientes as mudanças políticas introduzidas pelo yrigoyenismo.

É importante destacar que os anarco-bolcheviques, cuja história procuramos salvar do esquecimento, não só publicaram jornais, folhetos ou livros, mas participaram ativamente na vida operária da região. Lideraram movimentos como o do Verão Vermelho do Sul da província de Buenos Aires e a Greve das Bombas para libertar os prisioneiros sociais; foram os ativistas principais a levar a cabo a união entre anarquistas, sindicalistas e autônomos, com a fundação da Unión Sindical Argentina (USA); eles fundaram uma Federação de Grupos de Afinidade -a Aliança Libertária Argentina- antecedente imediato da Federação Anarquista Ibérica da Espanha e da Federação Libertária Argentina; eles preocuparam-se com a questão agrária -com os intentos de organização de federações de arrendatários à margem da Federação Agrária Argentina de Rosario- e, finalmente, foram os protagonistas principais -junto aos setores sindicalistas e sindicalistas-revolucionários- de uma luta tipicamente obreirista, a da conquista do domínio do espaço operário, por meio do estabelecimento do *closed shop*. Tanto esta luta nomeada em último termo, como seu objetivo mais geral -o de levar a cabo a Revolução- tiveram dimensões utópicas notáveis.

³ Franco Crespi. "Projet social, différence, utopie ". Em, *L ' Imaginaire Subversif*. Genebra, Interrogations, 1982, p. 111.

Finalmente, o movimento deslizou para um duplo fracasso: próximo dos anarquistas -e com o tempo também dos sindicalistas-revolucionários- eles se confrontavam com um movimento operário nacional, pragmático e politizado. A outra derrota dele foi a nível da memória coletiva. Ao contrário de todas as outras tendências sociais que atuaram no movimento operário e popular antes de 1930, os anarco-bolsheviques não tiveram o seu cronista ou historiador para salvar seu legado de experiências do manto compassivo do esquecimento que os próprios protagonistas estenderam sobre a sua história. Após a Revolução de Uruburu não ficou quase ninguém que poderia contar aquela história porque enquanto alguns deles se mimetizaram com os sindicalistas, outros voltaram à ortodoxia libertária reconstituída. Por outro lado, a força da tradição ácrata de mais de três décadas preveniu que os anarquistas favoráveis à Rússia, ingressassem no Partido Comunista, fundado pelos filhos dos odiados socialistas.

Este trabalho procura apresentar uma interpretação plausível de um movimento fracassado. Depois de 1921, desapareceu o Clima da Época, o que bloqueou qualquer tentativa de realização, até mesmo parcial, de projetos revolucionários. Outra causa do fracasso, ao nosso ver, reside na inabilidade do grupo de apresentar-se com uma identidade específica e com uma proposta peculiar frente ao mundo operário. Isto é, enquanto para os socialistas, comunistas, radicais e conservadores, eles continuaram sendo anarquistas -ou seja, agitadores profissionais- para os libertários, eram bolcheviques, por terem legitimado o novo regime de opressão aparecido na Rússia, em 1917.

CAPÍTULO I. PANORAMA SOCIAL DA REGIÃO DO RÍO DE LA PLATA.

1.1 ECONOMIA, POLÍTICA E SOCIEDADE

*A elite argentina perdeu a oportunidade de incorporar a classe trabalhadora num modelo de economia de mercado e criar instituições pluralistas e liberais em consonância com a economia agroexportadora.*⁴

Previamente a 1945, a elite argentina não só perdeu a oportunidade para criar uma legislação laboral, mas as classes dirigentes, e a maioria dos políticos, não se empenharam para que os trabalhadores, nativos e estrangeiros, pudessem ter acesso a uma cidadania política e social plena, embora a Lei Sáenz Peña -a qual, em 1912, sancionou o voto universal masculino- e a chegada ao governo da União Cívica Radical -chegada muito condicionada pelos donos do poder econômico dos quais, por outro lado, os radicais nem sempre mantiveram distância- preanunciaram um projeto socio-econômico alternativo do hegemônico desde 1880.

Havia, porém, nesta tradição de exclusão social, efetiva desde a Independência até 1945, um período breve que apontou uma inflexão naquela ordem das coisas; estamos nos referindo aos primeiros cinco anos dos governos radicais, à experiência que começou com o governo de Hipólito Yrigoyen, ao término de 1916, e concluiu em meados de 1921. Esta experiência -que já tinha sido anunciada pela criação do Departamento Nacional do Trabalho, em 1907- consistiu, basicamente, no estabelecimento de uma relação forte entre o Poder Executivo e um setor da classe operária organizada, especialmente aquele ligado mais de perto ao setor externo da economia na esfera do transporte terrestre, fluvial e marítimo.⁵ Este vínculo *de facto*, estabelecido entre Yrigoyen e um setor da classe operária organizada, teve como virtude desafiar pela primeira vez o *laissez-faire* argentino e produzir uma oposição acirrada

⁴ Jeremy Adelman. "Labour Law in Twentieth Century Argentina". Princeton University, 1995, p. 37, paper inédito. Talvez não seja redundante observar que aquela incorporação dos sindicalistas ou anarquistas à sociedade global, nem sempre foi desejada por esses possíveis beneficiários da mesma e, seguramente, rejeitada pela maioria dos anarquistas. É necessário destacar que o epígrafe de Adelman parece partir de uma perspectiva liberal, diferente de uma visão thompsoniana da *ótica da minhoca*, quer dizer, da perspectiva dos próprios trabalhadores. Nisto nos queremos distanciar de Adelman que parece sugerir que aquela incorporação da classe trabalhadora tinha, quase que necessariamente, conotações positivas, com independência das expectativas e dos projetos da classe trabalhadora regional. Indubitavelmente, neste caso, *o camelo de Borges que não está no Alcorão*, é o fantasma do populismo, o qual os radicais poderiam ter conjurado com a integração do proletariado na sociedade global. Ultimamente queremos deixar claro que damos à categoria de *cidadão social* uma dimensão mais ampla que a de cidadão político, categoria que, freqüentemente, possui conotações de instrumento de dominação social na sua aplicação prática.

⁵ Esta experiência com a qual também estavam relacionados os anarco-bolcheviques, será examinada, com atenção, posteriormente. No momento, queremos acentuar a importância da relação dos radicais com os ferroviários, portuários e, sobretudo, com os trabalhadores da Federação Operária Marítima, a FOM. Quanto aos portuários, a sua fragmentação em correntes que responderam ao anarquismo, sindicalismo e ao autonomismo, dificultou sua relação com os radicais e eles foram, de fato, a causa da ruptura de relações entre o governo de Yrigoyen e o sindicalismo, em 1921. Também havia contatos entre o Poder Executivo e os ferroviários, contato que, em parte, teve continuidade com o governo de Alvear.

por parte do capital estrangeiro e nacional. Como veremos no curso de nosso trabalho, em meados de 1921, o governo radical deixou de sustentar o sindicalismo-revolucionário na frente dos seus adversários e, deste modo, a questão social caiu, novamente, na situação prévia a 1916, onde as condições de vida dos produtores diretos dependiam, em grande medida, da conjuntura econômica e da sua capacidade de fazer frente às combativas organizações empresariais.⁶

Diferente da situação dos Estados Unidos -onde as diferenças sobre assuntos laborais podiam ser julgadas por tribunais- ou da Grã Bretanha, Nova Zelândia e Austrália -países em que o Congresso sancionou uma legislação operária considerada apropriada- os sindicalistas argentinos confiaram na boa disposição do Executivo, que parecia querer abrir a porta de acesso para o paraíso social da negociação coletiva, à semelhança do que José Batlle e Ordóñez tinha realizado no Uruguai, a partir de 1904.

O fracasso, embora não total, da experiência iniciada em 1916, teve como causa uma série de fatores nem sempre fáceis de entender ou hierarquizar. De fato, era um jogo complexo de interesses no qual estavam envolvidos a classe trabalhadora, o empresariado e o Estado; jogo emoldurado pela articulação econômica e social. O enfraquecimento da política trabalhista yrigoyenista originou-se no fato de que o laço estabelecido entre Yrigoyen e os marítimos não rendeu os resultados políticos esperados, já que os trabalhadores não responderam humildemente às expectativas do Executivo, querendo avançar sempre mais nas suas conquistas, diferenciando suas lealdades políticas das sociais ou sindicais e pela razão de que uma grande parte do proletariado do país era estrangeira, quer dizer, sem direito ao voto e que, a exceção dos socialistas, os partidos políticos não se interessaram pela naturalização do numeroso contingente europeu. Esta situação ainda foi incrementada pelo fato que as organizações anarquistas, na sua maior parte, eram refratárias à influência da política radical; além disso, a oposição socialista também contou com numerosos simpatizantes em cidades como Buenos Aires, Córdoba ou Mar del Plata.

O outro elemento que influenciou na mudança de atitude de Yrigoyen com relação à classe operária foi a pressão exercida pela elite nacional, ligada aos interesses do capital externo, especialmente o britânico. Mais que a Sociedade Rural e a União Industrial Argentina e muito mais que a ideologizada Liga Patriótica Argentina, foi o *lobby* hegemônico pelos dirigentes ferroviários, das indústrias frigoríficas e das companhias de navegação de ultramar, todos eles nucleados na Associação Nacional do Trabalho, os que acabaram convencendo Yrigoyen a mudar sua política para com os trabalhadores e deixar a questão social novamente nas mãos das livres forças do mercado. Ao lado disto, a falta de uma frota mercantil nacional e a dependência econômica da agricultura de exportação em geral, junto à crise de 1920 - 1922,

⁶ Não compartilhamos da posição de Adelman enquanto que no período que transcorre de 1916 a 1922, estaríamos em presença de *forças do capital não suficientemente organizadas como para desencorajar a Yrigoyen de tomar partido pelos trabalhadores*. J. Adelman. *art. cit.*, pág. 12. Prova que os empresários, argentinos e estrangeiros defenderam com firmeza seus interesses, constitui o fato de que a Sociedade Rural e a União Industrial Argentina já existiram com anterioridade à criação dos primeiros sindicatos estáveis e que, desde 1910, a Associação Nacional do Trabalho possuía uma estratégia consolidada para responder às ações do sindicalismo mais combativo. Também, em janeiro de 1919, os donos do poder econômico criaram uma organização paramilitar e de beneficência social como resposta aos eventos da Semana Trágica; esta instituição se revelaria extremamente eficaz. Nos referimos, é claro, à Liga Patriótica Argentina.

fizeram o resto e, deste modo, o fim desta experiência radical coincidiu com o final do período que batizamos de Triênio Vermelho.

Se nesta introdução estamos enfatizando este aspecto da história social argentina, é para chamar a atenção para o fato de que a ação dos anarco-bolcheviques se registrou no contexto desta articulação política e social, e que - junto com o impacto da Revolução Russa na região e as profundas seqüelas da crise econômica e social da Primeira Guerra Mundial- influenciou decisivamente as ações do grupo social pesquisado.

A temática da cidadania social da classe trabalhadora argentina, anterior a 1930, registra-se num contexto maior: no modelo agro-exportador de uma sociedade liberal e conservadora, que se desenvolveu com a paz roquense, em 1880. O desenvolvimento definitivo deste modelo -o qual, como o da U.R.S.S., tinha sido pensado primeiro e levado à prática depois- só pôde ser concretizado a partir da derrota *do Paraguai*, da montonera federal e dos indomáveis índios mapuches. Este modelo estava fundamentado, basicamente, na importação de capitais e de força de trabalho da Europa e na existência da fértil planície dos pampas.

O modelo agro-exportador da região não era completamente novo mas, a partir do final da década de 70, entrou numa aceleração notável, incrementando e modernizando a produção pecuária, agora somada à produção agrícola de trigo, milho e linho e à exploração florestal do tanino, todos eles produtos novos na região e destinados ao mercado mundial. A exportação dos produtos pecuários afundou suas raízes no passado colonial com a comercialização de couros e sebo, produção que se somou, no começo do século XIX, a importante indústria de charque ou carne salgada destinada ao Brasil e ao Caribe, como comida rica em proteínas para as populações escravas. Para a segunda metade do século XIX, aconteceu o grande *boom* da exportação de lã em coincidência com a aparição do gado bovino refinado.

A sociedade autocrática e conservadora do tempo de Juan Manuel de Rosas, assentada na estância pecuarista, não foi questionada, na sua totalidade, pelos intelectuais liberais que procuraram modernizar a sociedade, *bárbara, rural e pecuarista*. Por exemplo, Juan Batista Alberdi, via com simpatia crescente a ordem social que tinha podido impor Rosas disciplinando o povo; e, em 1847 e 1852, planejando a futura sociedade posrosista, não sonhava em conceder qualquer protagonismo social à plebe rural e urbana. A este respeito, as reflexões de Halperin Donghi, em um famoso prefácio, são drásticas:

*Aqueles que não pertenciam às elites não receberam qualquer incentivo que tornasse menos doloroso aquele período de mudanças rápidas e esforços intensificados. A subordinação passiva constitui um aspecto essencial do legado rosista que Alberdi convida a tesourar.*⁷

Entre a República Ideal e a República Possível, os intelectuais argentinos que formavam parte do bando vencedor em Caseros e Pavón, pragmaticamente optaram pela

⁷ Túlío Halperin Donghi. *Una Nación para el Desierto Argentino*. Bs. As., Ceal, 1995, p. 39. Este livro foi publicado originalmente como Prefácio do livro, *Proyecto y Construcción de una Nación Argentina, 1846-1880*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980. Para o livro de Alberdi, nos referimos, obviamente, a *Las Bases*, obra fundamental para a Constituição Argentina de 1853.

República Possível e essa se parecia muito com a *Monarquia que poderia passar por República*, de Alberdi.⁸

Domingo Faustino Sarmiento -outro estadista que *pensou* a sociedade argentina- ainda que compartilhasse com Alberdi suas prevenções contra a indisciplina popular- em especial a da montonera federal e gaúcha- diferiu do autor de *Las Bases* em questões econômicas fundamentais, como a da apropriação escandalosa das terras conquistadas dos índios por parte da elite, que se operou ao longo do século XIX, desde a enfiteusis rivadaviana da década dos 20, continuando com as privatizações da época de Rosas, até a ocupação do resto dos pampas e das estepes patagônicas pelos militares e acionistas da, mal chamada, *Conquista do Deserto*.

Se Alberdi louvasse uma transição para um liberalismo argentino -muito semelhante, por outro lado, ao conservantismo chileno da República de Portales- livre de qualquer característica igualitária e popular próprio do ideário da Revolução Francesa ou da Revolução de Maio no Rio de la Plata, para o político, literato e pensador de San Juan, o modelo social para implantar era obviamente o dos Estados Unidos. Não resistimos à tentação de mencionar um outro parágrafo de Halperin Donghi, o qual se liga, casualmente, ao nosso objeto de pesquisa:

*Quando deixou os Estados Unidos, Sarmiento poderia ter dito, como algum peregrino da União Soviética noventa anos depois, que tinha visto que o futuro realmente funcionava.*⁹

Depois da sua visita aos Estados Unidos, em 1847, Sarmiento condena vigorosamente a concentração de terras na Argentina e no Chile e propõe uma solução intermediária entre a ideologia igualitária de Echeverría, e a de Rosas e Alberdi, que pretendia manter a plebe na sua *feliz ignorância*. Outro aspecto popular do ideário sarmentino consistia, sem dúvida, na sua ênfase na educação do soberano, continuando assim a tradição bolivariana, não somente no sentido da formação duma nação qualificada para o uso dos seus direitos cívicos, mas também naquela idéia de que a educação não só é um mecanismo moral ou de elevação cultural, mas também um instrumento eficiente de dominação social.¹⁰

Se o general-presidente Bartolomé Mitre -o mesmo que escreveu a história de bronze de San Martín e Belgrano- venceu Urquiza em Cepeda e Pavón, e com o Império escravocrata brasileiro, a aniquilação do Paraguai, foi, porém, Julio Argentino Roca, o Conquistador do Deserto, que esmagou as últimas resistências federais centrífugas para impor a soberania da Nação -direcionada fortemente por um Estado centralizado- nas províncias previamente soberanas.

Em 1880, Roca federaliza a cidade de Buenos Aires -em nome da elite pampeana, agora solidamente unida em torno do modelo político e econômico único e esquecidas as suas velhas confrontações- e a República Possível, agora Verdadeira, começou deste modo um período de cinquenta anos de paz, somente perturbada, em 1890, 1893 e 1905, pelas rebeliões urbanas dos radicais e pelas greves gerais dos anarquistas, a partir de 1901.

⁸ A idéia da República Possível pertence ao último Bolívar. Enquanto que a idéia da *monarquia não coroada* como estrutura política desejável para os países de América Latina é de Alberdi. Além disto, muitas das idéias políticas deste autor foram adquiridas durante a sua permanência no Chile, na conservadora República Portaliana. Também ver, Halperin Donghi, *op. cit.*, pág. 40.

⁹ Halperin Donghi, *op. cit.*, p. 49.

¹⁰ *Ibidem.* p. 47

Contudo, Sarmiento, José Manuel Estrada, o próprio Alberdi e outros pensadores e estadistas da época, não ficaram satisfeitos com o resultado obtido por Roca, apesar dos capitais e dos imigrantes entrarem no país de forma contínua e apesar também do crescimento impressionante da produção de cereais, de lã e de carnes congeladas. Em 1883, alguns anos antes de morrer, Sarmiento verificou amargamente que tinha lutado em vão contra um tirano, que o estabelecimento de vias férreas e capitais britânicos não eram necessariamente sinônimos de progresso, desde o momento em que também se implantaram nas colônias europeias de África e Ásia; e que, finalmente, a grande realização de Roca não produziu um país novo, já que a Argentina, no fundo, não era muito melhor que a Venezuela de Guzmán Blanco, porque a corrupção, a descrença e as iniquidades predominavam nela. Em resumo, considerava que não tinha acontecido a regeneração da sociedade rosista, pecuarista e bárbara. Um aspecto das idéias do último Sarmiento que consideramos interessante consiste nas lamúrias suas lamúrias sobre a República idealizada no papel, vista mais como resultado do avanço cego das forças capitalistas do que como fruto das decisões sábias dos governos.¹¹

Finalmente, o país estava preparado para abrir as suas portas à imigração europeia, a qual deveria povoar os imensos territórios vazios, como estrato subordinado aos latifundiários nativos e ao capital internacional. Deste modo, a Argentina recebeu, entre 1881 e 1950, um contingente de mais que 6 milhões e meio de habitantes novos, os quais deixaram um saldo imigratório de 3.684.000 pessoas, italianos e espanhóis na sua ampla maioria.¹²

O número de europeus que radicou-se definitivamente na Argentina aproxima-se bastante ao do Brasil, onde a imigração sazonal, ou *golondrina*, era muito menos freqüente e pesou menos nos números finais. Ainda assim, o impacto da imigração na Argentina foi maior que em qualquer outro país do mundo já que, em 1914, os imigrantes constituíam 30,3% do total da população.¹³

Apesar dos milhões de habitantes novos que foram povoando o território nacional e do crescimento excepcional da rede ferroviária e da produção pecuária e agrícola, o milagre argentino, de sucesso em sucesso, foi preparando a sua estagnação futura e hoje em dia não resulta muito difícil adivinhar suas causas. A produção rural era fruto, quase exclusivo, da incorporação de terras marginais do pampa úmido para a produção de cereais e quando aquela integração chegou ao seu limite, quer dizer, antes de 1914, o incremento agrário desacelerou-se substancialmente. Por exemplo, enquanto a superfície total semeada do país passou de 6,1

¹¹ *Ibidem*, p. 140. Halperin menciona aqui uma carta de 1883 de Sarmiento para Mary Mann.

¹² Ver. Marta Costa. *Los Inmigrantes*. Bs. As., CEAL, 1972, p. 45. A estatística completa da imigração ultramarina é a que transcrevemos a seguir:

Décadas	Nº Imigrantes	Décadas	Nº Imigrantes
1881-1890	636.000	1921-1930	878.000
1891-1900	320.000	1931-1940	73.000
1901-1910	1.120.000	1941-1950	386.000
1911-1920	269.000		

¹³ *Ibidem*, p. 74. Damos a continuação, os dados do crescimento populacional argentino e a porcentagem de estrangeiros no total dos habitantes: A estatística completa apresentada pelos autores é a que segue:

Anos	População	% os Estrangeiros
1869	1.737.000	12,1
1895	3.955.000	25,5
1914	7.885.000	30,3
1930	11.746.000	23,5

milhões de hectares em 1900 a 21,3 milhões em 1915 -um aumento, aproximadamente, de 350%- entre 1915 e 1930 somente foi atingido o limite de 25,9 milhões de hectares.¹⁴

Enquanto os latifundiários investiam seu capital na pecuária, os *chacareiros* italianos, espanhóis e argentinos, os quais, por meio de contratos, alugavam 30, 50, 100 ou mais hectares, só adquiriam a infra-estrutura mínima para trabalhar a terra: cavalos, um arado, uma rastra, uma semeadora, uma carruagem e quase nada mais. Trabalhavam a maior superfície possível e esperavam que a natureza fizesse o resto. Contrariamente às afirmações de uma historiografia tradicional, os novos estudos agrários dos anos oitenta e noventa estão demonstrando que o regime de exploração da terra não era tão esquemático quanto foi acreditado previamente. As explorações mistas de agricultura e pecuária eram frequentes e também era corriqueiro arrendar terras para a criação de gado. Também não era tão impossível o acesso do arrendatário à propriedade de uma chácara própria. De qualquer forma, o sistema de arrendamento -tal como foi implantado na década de 90- continuou crescendo até o início da II Guerra Mundial.

Além disto, a situação dos *chacareros* variava muito segundo as regiões e os cultivos praticados. Por exemplo, no Sul da província de Buenos Aires -onde aconteceu, em dezembro de 1919, uma rebelião importante de jornaleiros- os *chalarreiros* costumavam alugar extensões grandes de terra -200 hectares não era nada incomum- viviam nas cidades e, já na década de 20, muitos possuíam um carro Ford. Por outro lado, na área de cultivo de milho, Sul de Santa Fé e Norte da província de Buenos Aires -ali onde explodiu, em 1912, a famosa rebelião *chacarera* conhecida como o *Grito de Alcorta*- os lotes arrendados eram pequenos e o aluguel a pagar alto, de tal modo que os *chacareros* com mais iniciativas, decidiam migrar às áreas marginais do território de La Pampa ou ao Sul de Córdoba.

Em todo caso, aproximadamente 200.000 famílias, entre os arrendatários e jornaleiros estáveis, se estabeleceram na planície pampeana e, na época da colheita, chegavam, aproximadamente uns 300.000 trabalhadores sazonais, esses que, no começo de todos os verões, migravam do Sul da Europa e das cidades argentinas. Eles não se estabeleceram nas áreas rurais como uma população estável ou como um estrato social consumidor, que podia incentivar a indústria ou o comércio. Neste contexto, os projetos de Sarmiento, -o qual quis fundar 1.000 colônias agrícolas semelhantes a Chivilcoy- ou de um Juan B. Justo -com seu projeto de *Homestead-Act* argentino- não resultavam surrealistas como alguns autores acreditaram.¹⁵

¹⁴ Guido Di Tella e Manuel Zymelman. *Etapas del Desarrollo Económico Argentino*. Bs. As., Paidós, 1973, p. 82. Área Total semeada (em milhões de hectares)

1900	6,1
1910	16,0
1915	21,3
1920	22,3
1925	21,3
1930	25,9

Este quadro mostra o crescimento extraordinário operado entre 1900 e 1915. Também mostra que a superfície cultivada, em 1925, não tinha aumentado muito com respeito a 1915.

¹⁵ Jeremy Adelman, comentando a política agrária dos socialistas, criticou Justo pela sua *imposição de objetivos aos chacareros* ou arrendatários. O político e pensador socialista pretendia que todo *chacarero* se tornasse um pequeno proprietário, enquanto que eles -conforme o historiador canadense- só quiseram alugar superfícies cada vez maiores e em condições econômicas melhores. Ver, Adelman "Una Cosecha Esquiva. Los Socialistas y el Campo antes de la Primera Guerra Mundial". Em: *Anuario del IEHS*, Tandil, 1989.

Quanto às atividades industriais, haveria que mencionar em primeiro lugar aos sucessores das velhas charqueadas, os modernos estabelecimentos frigoríficos de matriz tecnológica, organização e controle do trabalho, *made in Chicago*. A partir de 1902 foram concedidas autorizações legais para a livre importação de máquinas e materiais para a produção de carne bovina e ovina, congelada e esfriada. Esses privilégios eram altamente favoráveis, se considerarmos as taxas de importação da época, com 34,9% do produto em 1900-1904; 29,3% entre 1910-14 e 21% no período de 1920-24.¹⁶

A indústria da carne, sem dúvida, representava a concentração de capital mais importante com respeito à quantidade de força de trabalho utilizada. O número de estabelecimentos passou de 8 em 1908, a 21 em 1935, e o capital investido quintuplicou-se nesses 27 anos. Por sua parte, o contingente de trabalhadores e o valor da produção foram quadruplicados. Com respeito a outras indústrias de produtos alimentícios, eram importantes os moinhos de farinha e azeite, as cervejarias, adegas e os engenhos de açúcar. Na sua totalidade representaram, em 1913, mais da metade do valor da produção industrial total e nela encontravam emprego, aproximadamente um terço dos operários da atividade secundária, quer dizer, cerca de 134.000 pessoas sobre um total de 410.000 trabalhadores industriais.

Outras atividades, as quais, por 1914, ocupavam numerosos contingentes de trabalhadores, eram constituídas pela Construção -87.000 trabalhadores- a Indústria de Vestiário e Tocador -57.000- Marceneiros e Anexos -29.000- e Metalúrgicos, também, aproximadamente, 29.000. Contrasta com estes números, os 15.500 trabalhadores de fábricas têxteis- isto é, só 3,6% da força de trabalho industrial total- e os 10.000 empregados na indústria química.¹⁷

Esta realidade industrial da imediata pré-guerra, revela a preponderância das atividades relacionadas com a alimentação, bebida e construção. Com uma concentração relevante de capitais e tecnologia em indústrias como os frigoríficos, a Companhia Geral de Fósforos de Avellaneda, algumas metalúrgicas como as de Pedro Vasena e Hijos, La Vascongada e La Cantábrica ou a têxtil Fábrica Argentina de Alpargatas, a maioria das indústrias não passou de pequenas fábricas e oficinas. Se excluirmos à agroindústria dedicada à exportação e algumas grandes companhias de serviços, nos deparamos com atividades industriais bastante tradicionais de presença quase obrigatória nos países de América Latina de tamanho comparável.

¹⁶ Adolfo Dorfman. *Historia da Industria Argentina*. Bs. As., Ed. Solar, 1970, p. 172. De acordo com este autor, essas tarifas "protecionistas" quase foram suprimidas durante o período da Primeira Guerra Mundial. Quanto ao número de operários e empregados na indústria frigorífica, o autor nos fornece dados relevantes. De acordo com uma estatística que apresenta, enquanto o número de estabelecimentos passou de 8, em 1908, a 21, em 1935, o valor da produção foi quadruplicado, e o capital investido aumentou 5 vezes. Ora, os empregados e operários passaram de 5.800, em 1908 a 23.000 em 1935. Este aumento resulta, sem dúvida, significativo, mas não achamos que esta categoria de trabalhadores teve a virtualidade de imprimir uma identidade ou um perfil à classe trabalhadora ou à sociedade argentina globais, o que pretende demonstrar o autor Charles Bergquist. Em todo caso, pensamos que esses 23.000 trabalhadores - embora se situassem num lugar estratégico na economia do país- não constituíram um estrato suficientemente importante para definir algo assim como uma identidade da classe. Ver, Charles Bergquist. *Los Trabajadores en la Historia Latinoamericana*. México, Siglo XXI, 1988. Se se comparasse esse número de trabalhadores da carne com os aproximadamente 70.000 ferroviários de 1915 ou ao contingente de 300.000 jornaleiros da colheita, teremos uma idéia global da importância desses setores. Além disto, como nos Estados Unidos, os trabalhadores da carne demoraram muito para organizar-se em uniões fortes.

¹⁷ *Ibidem*, p. 288

Embora as estatísticas possam impressionar o leitor desavisado, a região metropolitana de Buenos Aires encontrava-se industrialmente atrás de outras regiões americanas tais como São Paulo, no Brasil ou Monterrey, no México. Antes de 1930, não se tinha implantado indústrias pesadas ao estilo das metalúrgicas de Monterrey, e também não existia uma indústria têxtil à semelhança de São Paulo, Medellín ou, novamente, Monterrey. Como veremos logo, a Grande Guerra não ofereceu para a Argentina a oportunidade para aprofundar seu processo de industrialização, e só trouxe benefícios financeiros para os setores pecuaristas, frigoríficos e de transportes enquanto que, em contrapartida, afundou na miséria os arrendatários, jornaleiros urbanos e rurais e algumas indústrias.

Considerado este panorama econômico do país, não é necessário surpreender-se com o fato de que - antes da Crise do 30 - os setores de trabalhadores mais ativos do proletariado nacional encontravam-se nos portos, na navegação e entre os ferroviários e, ocasionalmente, entre o extenso proletariado rural da colheita, do tanino e da tosquia, no pampa, Chaco e Patagônia, respectivamente, e não, por exemplo, entre os trabalhadores industriais.

Uma última palavra com referência à produção industrial. Se expurgássemos o setor secundário da economia desses produtos destinados ao mercado externo, o volume dos produtos industriais para o mercado interno, representaria figuras bastante moderadas. Porém não atribuímos este fenômeno a uma idiosincrasia conservadora ou anti-industrial da elite local - havia uma marcante presença de empresários burgueses, na sua maioria imigrantes - senão a própria natureza do vitorioso projeto agro-exportador e ao relativamente pequeno número de consumidores potenciais.

1.2 A CRISE DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A SUA REPERCUSSÃO NA REGIÃO

*Quando a guerra europeia explodiu, em 2 de agosto de 1914, não só ruíu o equilíbrio internacional do poder: o sistema global de comércio e pagamentos, que tinha surgido gradualmente a partir das guerras napoleônicas mergulhou na desorganização. Com a assinatura do armistício, em 1919, apareceu uma boa tentativa de reconstruir o sistema prévio à guerra, mas a velha ordem econômica internacional tinha perecido e a nova, inaugurada na década de 1920, era perigosamente instável.*¹⁸

Se, tal como afirmou David Rock, os movimentos de rebelião social do imediato pós-guerra, são largamente devidos ao desejo de recuperar os níveis salariais perdidos durante a grave crise econômica do período 1913-1918, consideramos que esta crise deve ser analisada.

¹⁸ Victor Bulmer Thomas. "Las Economías Latinoamericanas, 1929-1939". Em, Leslie Bethell. *Historia de América Latina. Vol. 11*. Barcelona, Grijalbo-Mondadori, 1997, p. 3

Aparentemente, o período entre 1914 e 1920 poderia ter significado para a Argentina uma aceleração e um aprofundamento desse lento processo de industrialização que se iniciou à sombra do projeto agro-exportador nas últimas décadas do século XIX. Frente às dificuldades para importar uma série de produtos industriais e com uma balança comercial favorável, muito fazia prever uma ação direcionada à criação de uma indústria nacional para ocupar os espaços disponíveis no mercado. Porém, a realidade se mostrou bastante mais complicada. As oportunidades que realmente surgiram em grande parte bloquearam-se pelas dificuldades surgidas na navegação ultramarina e o gargalo de garrafa que constituiu a insuficiente provisão de carvão, petróleo e outros insumos industriais necessários. A produção agrícola também se viu afetada pela guerra: estrangulação nas importações de máquinas agrícolas e das peças de reposição, escassez de combustíveis, de juta, etc.

Deste modo, enquanto os frigoríficos, estancieiros invernadores, e as companhias de transporte, encontravam-se em uma conjuntura favorável, a agricultura e grande parte das indústrias locais estavam num estado de crise sem precedentes. Isto fica demonstrado pela alta taxa de desemprego que, em 1917, superou o índice de 30% da força de trabalho total da região.

A Crise da Primeira Guerra, não só afetou o nível de emprego, mas também redundou em uma perda notável do poder aquisitivo dos salários. A luta começada pelos trabalhadores para recuperar essas perdas, nos anos posteriores à guerra, constituirão uma das chaves de interpretação de nosso objeto de estudo; a outra chave será constituída pelo tenso clima social desses anos.

A Guerra Mundial desorganizou totalmente a estrutura econômica dominante no mundo. O equilíbrio internacional -fundado no comércio livre, a libra esterlina e a conversibilidade da moeda sustentada no padrão ouro- foi totalmente perturbado. Tudo isso foi substituído nos países beligerantes por uma economia de guerra, em que os estados começaram a controlar os estoques de materiais estratégicos -petróleo, cobre e salitre, mas também carne congelada e conservada. Se antes de 1914, o único obstáculo econômico que impôs o Estado para a livre circulação das mercadorias era a tarifa da alfândega, agora a Inglaterra e outros países aboliram o padrão ouro, cortaram os créditos comerciais e as emissões de capitais e regularam a exportação de materiais estratégicos tais como o carvão, o petróleo, certas matérias primas e, inclusive, os tecidos de algodão e lã. Também reivindicaram o repatriamento dos empréstimos para poder fazer frente às suas enormes despesas bélicas.

De qualquer maneira poderia ser considerado que o período que se iniciou em 1913 poderia significar um avanço das indústrias regionais existentes e a criação de outras novas, para substituir com seus produtos o que a Inglaterra, a França e a Alemanha já não podiam, ou queriam, exportar. Mas isto dificilmente aconteceu, se excetuamos a indústria do calçado ou dos panos de lã, quer dizer, algumas atividades que dispunham de abundante matéria prima na região. Rosemary Thorp até acaba afirmando que - diversamente, por exemplo, do Brasil e do Chile- na Argentina o setor industrial não cresceu em absoluto durante o período bélico.¹⁹

¹⁹ Rosemary Thorp. "América Latina y la Economía Internacional desde a Primera Guerra Mundial". Em, L. Bethell. *op. cit.*, vol vii, p. 70. De acordo com a autora, o país recuperou-se, entre 1918 e 1929, da estagnação industrial com um crescimento de 8% anual. Porém, é necessário insistir, novamente, que uma porcentagem alta daquele crescimento devia-se à indústria frigorífica, especialmente a norte-americana, que a quase duplicou, entre

A crise atingiu de um modo muito desigual os diferentes setores da sociedade argentina. Por exemplo, os frigoríficos e pecuaristas -que produziam a carne congelada e enlatada para as tropas européias -e que tinham encolhido, momentaneamente, a produção de carne esfriada de qualidade superior- fizeram bons negócios e a mesma coisa acontecia com os produtores patagônicos de lã e os exportadores de tanino do Chaco. Por outro lado, a indústria direcionada ao mercado interno em estado de pauperismo e, em especial, a agricultura que sofreu anos de condições climáticas adversas, falta de infra-estrutura de produção, transporte e armazenamento, passou por uma depressão muito grande que só começou a se recuperar lentamente a partir de 1918 com a colheita extraordinária de 1919/1920.

Apenas superada a etapa mais grave da crise bélica, outra aproximava-se no horizonte. Na crise mundial de 1920-1921, os preços de muitos artigos -tais como o açúcar, a lã, o tanino e a carne congelada- sofreram um colapso quando certos países -a Inglaterra em primeiro lugar- liberaram seus estoques estratégicos acumulados durante todo o período bélico. Também a abolição dos controles de preços produziu um forte rebaixamento nos mesmos.²⁰ Se durante a Guerra, um dos setores danificados foi a agricultura e as pessoas mais vítimas os *chacareros* e os jornaleiros rurais, a partir de 1920, era o setor pecuarista o que entrou em crise, com as conseqüências sociais e políticas previsíveis.

A década do 20 -considerada tradicionalmente de paz social e crescimento econômico- era, de fato, uma época de transição entre o liberalismo fundado no setor externo e o intervencionismo estatal com expansão do mercado interno, característico da sociedade posterior à Crise de 30. Apesar da cegueira da maioria dos protagonistas sociais daquele tempo, estava claro que o mundo nunca voltaria à situação de estabilidade econômica relativa que caracterizou o período prévio a 1914. Em outras palavras, hoje em dia a década de 20 é vista tanto como o começo de uma nova era, como o fim de uma época.

Outro aspecto da Crise Bélica na Argentina foi seu impacto social: enquanto o volume das importações desceu de 10 milhões de toneladas, em 1913, a 2,6 toneladas, em 1918, produzindo uma penúria fiscal para o governo que percebia o grosso de suas entradas da importação, os assalariados, e também os *chacareros*, tinham que fazer frente a duas realidades adversas: a perda do seu poder aquisitivo e o desemprego.

Enquanto o auge de desemprego foi alcançado em 1917, com 19,4% de desocupados sobre a força total de trabalho, o salário real achou o fundo do poço ao ano seguinte chegando a só 42% do poder aquisitivo que teria em 1929. Porém, foi em 1919 -ano em que a situação econômica começou a melhorar significativamente- que começaram a eclodir a maioria das greves da época, constituindo, entre 1917 e 1921, o zênite de uma parábola de uma simetria surpreendente.²¹ Podemos constatar que o ponto alto das greves, junto aos protestos sociais, apareceu com dois anos de atraso com respeito ao pior

1920 e 1924, o volume de carne exportada, de 416.000 a 733.000 toneladas. Ver, Horacio Giberti. *Historia de la Ganaderia Argentina*. Bs. As., Ed. Solar, 1989, p. 210.

²⁰ As crises sociais de 1920 e 1921 na Patagônia e no Chaco estavam, em grande parte, relacionadas àquela crise econômica a qual, continuando uma tradição liberal inveterada, era revertida nos ombros dos trabalhadores.

²¹ Nível de emprego, salário real, volume da produção industrial e número de grevistas, 1914-1922:

Ano	Desemprego	Salário Real	Produção Industrial	Grevistas
1914	13,4%	--	20,3%	- 14.000
1915	14,4	61%	18,2%	- 12.000
1916	17,7	57	18,7	- 24.000

momento da crise econômica, exatamente porque os salários se mantiveram desfasados do crescimento econômico, o que gerou uma dupla intranquilidade entre as fileiras operárias: aquela produzida pelo nível de pobreza e aquela produto da indignação, na consciência de que as companhias os excluam das melhorias ocorridas na nova conjuntura econômica.

Uma outra parábola que pode ser identificada, a partir de 1917, é aquela que representa o número de afiliados às organizações sindicais. Realmente, a partir daquele ano, a vida gremial conheceu um crescimento extraordinário, uma expansão que chegou até 1921 e se deteriorou mais tarde por causa de uma multiplicidade de razões que tentaremos identificar no momento oportuno. O que muitos autores ignoraram ou minimizaram, foi que, de 1917 a 1921, não só a FORA sindicalista, animada pelos sindicatos da FOM, cresceu de forma impressionante, mas também a sua homônima anarco-comunista, a qual, mais ainda que o sindicalismo, entrou numa decadência abrupta depois -e não antes- de 1921. É importante advertir que, a partir daquele ano da Revolução Russa, as categorias que mais se declararam em greve foram, não só as dos bem organizados marítimos e ferroviários, mas também os trabalhadores da carne dos frigoríficos ingleses Smihfield e Hall de Zárate e dos estabelecimentos norte-americanos de Armour, de Avellaneda, e Swift, de Berisso. Uma chave para interpretar esse aparecimento dos protestos numa categoria com escassa experiência de organização sindical radicava nas rendas elevadas desses estabelecimentos, enquanto que os salários continuaram oscilando em torno dos 28 a 32 centavos a hora.²² Algo semelhante acontecia também no começo de 1919, quando os trabalhadores da metalúrgica Vasena exigiram a adaptação de seus salários ao aumento do custo de vida; e ainda, ao término daquele ano, quando os jornaleiros da União de Trabalhadores Agrícolas (UTA) -frente à colheita abundante e a relativa escassez de braços- pediram um aumento drástico nos seus salários. Além do mais, durante aquela época, nem todas as greves eram pela recuperação salarial, já que, desde janeiro de 1919, muitos movimentos foram levados a cabo para liberar os presos sociais, enquanto as lutas pelo domínio do processo e do espaço laboral se acirravam.

1917	19,4	49	18,5	136.000
1918	12,0	42	22,1	133.000
1919	7,9	57	23,0	309.000
1920	7,2	59	23,8	134.000
1921	—	73	25,1	139.000
1922	—	84	27,9	- 41.700

Fonte: G. Di Tella e M. Zymelman. *op. cit.*, p.p. 309, 317, 339 e 343. Para o número de grevistas: *Boletín del D.N.T.*, janeiro de 1922. Explicações: o desemprego mostra a porcentagem do total da mão de obra; a porcentagem do salário real corresponde à comparação ao de 1929 (= 100%); e o volume da produção industrial é calculado a partir do ano de 1950 (= 100%). Destaca-se, assim que o desemprego baixou a 7,4%, em 1918, e o volume da produção industrial aumentou 3,6%, naquele mesmo ano, o salário real -embora começasse a melhorar a partir de 1919- só conseguiu atingir o patamar de 1915, no ano de 1921.

²² As greves de Avellaneda e Berisso foram descritas, com detalhes, por David Rock; ver, *op. cit.*, p. 162 a 166. Porém o autor não menciona às primeiras greves da indústria da carne que aconteceram em Zárate no inverno de 1917. Uma publicação que nos dá notícias daquela greve é o jornal anarquista *La Protesta*, que descreve com eficácia a influência dos propagandistas anarquistas da FORA na mesma. Os ácratas não só conseguiram deslocar os delegados do Departamento Nacional do Trabalho, mas também os delegados enviados pelos sindicalistas da FOM. De acordo com o jornal, a greve teve êxito, já que os salários foram aumentados e foram conquistadas outras melhorias secundárias. Naquele momento o governo radical não enviou tropas a Zárate como faria, no final desse ano, na ocasião das greves de Avellaneda e Berisso. Porém essas greves dos trabalhadores da carne foram um fracasso no sentido de que não constituíram um ponto de partida para uma organização sindical estável. Depois de uma luta árdua em que os trabalhadores mostraram a sua tenacidade, solidariedade e espírito

O período de 1910 a 1920, também conheceu muitos protestos dos *chacareros*, esses que, em face a uma miséria extrema, agiam com violência contra a polícia, os proprietários ou os intermediários cerealistas e contratistas, donos das máquinas debulhadoras. O inconformismo frente à situação na qual se encontrava a agricultura pôde exteriorizar-se na quebra dos cercados dos fazendeiros ou no envenenamento de animais ou na destruição do maquinário agrícola daqueles colonos que não se solidarizavam com o protesto social; ou, em alguns casos extremos -como aconteceu em Bartolomé Mitre em dezembro de 1919- no incêndio de comércios e casas cerealistas. A prática do incêndio, porém, era mais usada pelos jornaleiros que, em certas ocasiões, queimavam o trigo ou o linho amontoado em calcadouros, quando os *chacareros* se recusavam a responder a suas demandas.²³

No ano de 1917, uma grande seca coincidiu com o climax da crise agrária aumentando assim o desemprego no campo e, de acordo com uma fonte, isto teria igualado as condições econômicas de *chacareros* e jornaleiros.²⁴ Existiram, realmente, uns poucos movimentos de solidariedade entre os *chacareros* e os jornaleiros, mas em geral, constituíam dois grupos com interesses bem diferenciados: os *chacareros* estavam interessados em condições favoráveis de arrendamento da terra e para os *golondrinas*, nada era mais importante que os salários. Também o lucro dos *chacareros* não só dependia da taxa de arrendamento e dos preços dos cereais, mas também do nível salarial dos jornaleiros que contratavam de forma direta. Ao lado disto, o sistema tinha sido inventado de tal modo que os donos das terras agrícolas não tinham que se confrontar diretamente com os jornaleiros e os contratistas, mas só com os *chacareros* e estes com os operários. Também a época em que apareciam os conflitos não era coincidente para arrendatários e assalariados: enquanto as greves *chacareras* eclodiam no outono - no tempo da renovação dos contratos- as greves dos jornaleiros quase sempre foram levados a cabo em dezembro quando -antes do começo da colheita- eram especificados os padrões salariais e, as outras condições de trabalho por meio das pautas de reivindicações.

Ao término de 1916 e no começo do ano seguinte, os jornais dão notícias da prática de roubos de gado levadas a cabo por *chacareros* e jornaleiros, especialmente na área de Santa Fé e Córdoba, por exemplo em Firmat, San Urbano ou Moisesville. Também são mencionadas agressões a mão armada pelas estradas rurais nesses distritos agrícolas. Como era característico daquela época na planície pampeana, os movimentos rurais de protesto chamavam à solidariedade grupos de militantes urbanos: existia uma forte simbiose entre a cidade e a zona rural. Deste modo, no começo de março de 1917, eram organizadas reuniões contra o desemprego em Rosario e os mesmos oradores das concentrações daquela cidade passaram o domingo, 11 de março, em Firmat, para arengar uma multidão de *chacareros* e jornaleiros daquela pequena cidade santafesina. Foi nesse dia que os *chacareros* se enfrentaram com a polícia, com mortos e feridos em ambos bandos.²⁵

combativo, tudo se evaporou em um quase-nada. No caso dos frigoríficos argentinos, é necessário não menosprezar as estratégias da administração, as que tentaram evitar qualquer tipo de agremiação operária.

²³ No decorrer deste trabalho veremos algumas dessas práticas, principalmente nas colheitas de 1919-1920 e 1920-1921 no Sul da província de Buenos Aires e no território de La Pampas.

²⁴ *El Libertario*. 1.09.1923. "Reconstrucción Agraria". O autor deste artigo, José Vidal Mata estava muito interessado em que os *chacareros* se aliassem aos jornaleiros para lutar pela reforma agrária socializadora.

²⁵ Os dois oradores que viajaram de Rosario a Firmat eram os anarquistas espanhóis José Vidal Mata e Jesús María Suárez. O primeiro, um jornaleiro rural, era organizador agrário e autor de folhetos como o *Catecismo do Campesino Argentino*; e o segundo, jornalista e professor de escola. Ambos formariam parte do núcleo dirigente

O sociólogo argentino Julio Godio, na sua interpretação da Semana Trágica de janeiro de 1919, faz muita ênfase nas causas políticas e ideológicas, as quais teriam levado um numeroso setor de trabalhadores da Capital Federal a enfrentar os empresários metalúrgicos, a polícia e o Exército. Da sua obra global se conclui que considerou que a Semana de Janeiro teve as características de uma revolução operária consciente, dirigida pelos anarquistas e sindicalistas, os quais -sob a sedução do Acontecimento Russo- demonstraram uma grande combatividade revolucionária embora, lamentavelmente, as lideranças não tenham entendido que era necessário unir o nível da luta social, ou classista, com a questão nacional, próprio de um país dependente. O proletariado, embora revolucionário, também não entendeu que era necessário fundar um partido marxista e entrar na III Internacional de Moscou. Por outro lado, deveriam ter se aliado ao movimento nacional e popular, representado, principalmente, pelos radicais de Yrigoyen. A essa interpretação historiográfica, David Rock fez uma crítica bastante mais devastadora que a que aparece na superfície dos seus artigos, o que Godio, aparentemente, nunca entendeu. Acima de tudo, chamou a atenção para o fato de uma omissão muito importante: o do impacto da crise da guerra nas lutas operárias do período. Para o historiador inglês, a chave das greves operárias da época deve ser procurada, em primeiro e quase único lugar, na luta pela recuperação do poder aquisitivo, perdido entre 1913 e 1918.²⁶

Embora concordemos com Rock em relação à importância das lutas pela recuperação do poder aquisitivo, não concordamos com ele nas suas tentativas obsessivas de diminuir, ou eliminar a incidência de outros fatores, em primeiro lugar, a combatividade dos anarquistas e sindicalistas, os quais apareceram com um espírito revolucionário novo a partir de 1917. Postulamos, que uma série de fatores, tais como a pauperização operada no período bélico, o atraso notável em conceder à classe trabalhadora argentina e estrangeira a sua cidadania social e o fator que denominamos de *clima da época*, que emergiu, sobretudo, a partir da vitória da Revolução de Outubro, se aliassem para produzir uma situação social que só ao término de 1921 poderia ser contornada pelas classes dominantes e as lideranças políticas, por meio de algumas concessões e muita repressão.

do anarco-bolchevismo argentino. Para, *Os Eventos de Firmat* pode-se consultar o *La Nación* dos dias 14, 20, 25 e 27 de Março de 1917 e *La Protesta* dos dias 15 e 25 do mesmo mês e ano. Nos atos de roubo de gado e assaltos, ver *La Nación* dos primeiros meses daquele ano. Além disto, *La Protesta*, durante aquela época, legitimou completamente a ação direta ou a expropriação, atitude que mudaria uma década depois quando Abad de Santillán e López Arango condenariam, firmemente, a ação de Severino Di Giovanni e seu grupo. Por outro lado, *La Tierra*, o porta-voz da Federação Agrária Argentina, na ocasião dos Eventos de Firmat, somente assumiu de um modo muito frouxo a defesa dos *chacareros* atacados pela polícia. Esteban Piacenza, líder da Federação e futuro admirador de Benito Mussolini, enfrentou-se com os arrendatários da região de Alcorta e Firmat, quando estes buscavam radicalizar a organização.

²⁶ Ver, Julio Godio. *La Semana Trágica de Enero de 1919*. Bs. As., Granica Ed., 1972; Edgardo Bilsky. *La Semana Trágica*. Bs. As., Ceal, 1985 e David Rock. "La Semana Trágica y los Usos de la Historia", en, *Desarrollo Económico*, nº 41, 1972. No caso peculiar da Semana Trágica, Rock a vê mais como, uma *explosão caótica do povo*, que como uma ação consciente dirigida a objetivos políticos e liderada pelos anarquistas e sindicalistas. Também não considera que a Revolução Russa tivesse tido um grande impacto na massa dos trabalhadores argentinos, já que esse impacto se limitaria a alguns intelectuais.

1.3. O GOVERNO RADICAL E A QUESTÃO SOCIAL

Havia uma razão poderosa para que a oligarquia desse ao radicalismo a legislação que este precisava para chegar ao governo: a ascensão das lutas da classe operária e as idéias avançadas de anarquistas e socialistas²

Uma década antes que emergisse, com tanta virulência, o movimento de protesto social dos trabalhadores estrangeiros e nativos, uma impugnação revolucionária -de caráter mais político que social- tinha surgido; era aquela que arvorava o respeito à Constituição e a reivindicação da sanção de uma lei eleitoral nova que garantisse a participação efetiva de todos os cidadãos argentinos de sexo masculino em eleições livres de fraudes e empecilhos. Esta luta originou-se em 1890 com a formação da União Cívica, espaço político no qual os mitristas republicanos, os partidários de Leandro Alem e Bernardo de Irigoyen e setores de católicos convergiram em oposição à política de Julio Argentino Roca. Esta frente se desmembrou cedo quando, em 1892, se separou a União Cívica Radical, liderada por Leandro N. Alem e seu sobrinho Hipólito Yrigoyen. Estamos convencidos de que para poder interpretar o desempenho do radicalismo no Governo, não se pode perder de vista que os fundadores formaram, durante 25 anos, uma oposição de caráter conspirativo ao *Antigo Regime* mediante a estratégia da não participação na estrutura política do *regimen falaz e descreído*, e tendo como bandeira, quase exclusiva, a vigência plena da Constituição, mediante a prática, em primeiro lugar, da eleição universal e livre de fraudes.

Para atingir estes objetivos, os radicais consideraram que o único método viável era a resposta revolucionária e desse modo, a União Cívica Radical levou a cabo três revoluções cívico-militares, as quais reproduziram, ainda que de uma forma mais moderna, as velhas patriadas dos gaúchos federais, *patriadas* nas quais, freqüentemente, o objetivo principal não era a vitória militar ou o derramamento de sangue e, sim, o culto à honra e à coragem e mostrar à sociedade que se estava radicalmente contra o pragmatismo e materialismo do Regime. Por isso, a impugnação revolucionária radical não era tanto uma crítica ao modelo econômico agro-exportador e nem uma crítica ao paradigma da sociedade que tinha sido plasmada na Constituição de 1853. Deliberadamente, o U.C.R. -ao contrário, por exemplo, do Partido Socialista- não apresentou um programa social alternativo ao do Regime, nem participou, até 1912, da estrutura parlamentarária propondo leis sociais, pois considerava que tudo isso, sem a premissa do império soberano da Constituição, não fazia sentido. De fato, o verdadeiro problema político com que se deparou o movimento radical, apresentou-se depois de 1912 e 1916, quando -embora os reformadores tivessem mudado as regras do jogo político- quase não apresentaram nenhuma alternativa econômica ou social para a sociedade argentina. Desse modo, nem sequer tentaram levar a cabo as reformas que tinham sido implantadas a partir de 1904 na república vizinha do Uruguai. Como veremos, o yrigoyenismo preferiu movimentar-se num território difuso e ambíguo -ideológico e pragmático ao mesmo tempo- onde as decisões políticas e sociais eram tomadas de mês em mês ou de um ano para o outro. Muitos dados da

realidade nos levam à conjectura de que na pessoa de Yrigoyen, o caráter do velho conspirador continuava dominando o do Presidente da República.

O radicalismo incubou em seu seio uma contradição grave, já que era um movimento *modernizador* que integrava setores excluídos da participação política e, ao mesmo tempo, era um movimento *conservador*, pois apresentou como a culminação de seu programa político, a plena validade da Constituição de 1853, a qual não contemplava a integração política e social das classes médias e populares -nativas e estrangeiras- numa cidadania social.

A última revolução radical -a de fevereiro de 1905- foi uma conspiração cívica e militar minuciosamente preparada por Yrigoyen e o seu destinatário original era o governo de Roca e não o do seu sucessor Quintana. O caudilho opositor rejeitou qualquer aliado que pudesse comprometer a ação futura da sua causa. Assim, sucessivamente, foram rejeitadas a colaboração do governador conservador da província de Buenos Aires, Marcelino Ugarte, e a do próprio autor da Lei do Voto Universal, Roque Sáenz Peña.²⁷ A revolta, planejada para setembro de 1904, no fim do segundo período presidencial de Roca, finalmente estalou em fevereiro do ano seguinte nas cidades de Rosario, Córdoba, Mendoza, San Juan e Bahía Blanca, mas não em Buenos Aires. Embora os revolucionários tivessem capturado o vice-presidente Figueroa Alcorta, o próprio Roca tivesse que escapar de sua fazenda cordobesa para Tucumán e os radicais de Lencinas se apoderassem, em Mendoza, do tesouro provincial, a revolução fracassou e seus protagonistas foram presos ou marcharam para o exílio. Quanto ao *Manifiesto Revolucionário* de 1905 -segundo Honorio Díaz- denunciou a fraude eleitoral, a destruição da vida comunitária, o colapso das instituições, a dissipação irresponsável da riqueza e a imoralidade na administração pública; tudo isso revelava, nitidamente, a ideologia da UCR.

O instrumento legal que finalmente abriu aos radicais as portas de acesso ao Governo foi a Lei Sáenz Peña de 1912. Promovida pelo grupo de reformadores liberais, o mesmo que pôde remover, a partir de 1906, a hegemonia política do roquismo, tinha como motivação clara

²⁷ Rodolfo Puiggrós. *Historia Crítica de los Partidos Políticos*. Bs. As., Argumentos, 1956, p. 111.

²⁸ Ver, Roberto Echepareborda. *Yrigoyen*. Bs. As., Ceal, 1983, p. 71. Em algum momento especulou-se com a hipótese do apoio à Revolução de 1905 por parte dos anarquistas. Realmente, o setor libertário do poeta Alberto Ghirardo, nesse momento editor de *La Protesta*, e o anarquismo de Rosario, tiveram uma certa participação nesta rebelião embora a escassez de documentos não permitam tirar conclusões gerais. Isaac Oved menciona que *La Protesta* era o único jornal argentino que noticiou o acontecimento, porém foi fechado no mesmo 5 de fevereiro e o autor de *Mis Harapos y Madre Anarquía*, foi preso junto a trabalhadores anarquistas e socialistas. O próprio Oved, não aceita a versão -difundida, por exemplo no *The Buenos Aires Herald*- de uma conspiração anarco-radical, algo semelhante a da Comuna de Paris, em que os radicais teriam armado os anarquistas do bairro de La Boca. Oved menciona um artigo de *La Protesta* o qual, realmente, reconhece que os radicais pediram a colaboração dos anarquistas, mas esses teriam recusado este chamado. Aqui é necessário considerar que dificilmente o jornal anarquista poderia ter reconhecido, por escrito, qualquer tipo de participação. Um dos problemas da história das conspirações reside em que suas lideranças não costumam deixar vestígios da sua atividade. Ora, de fato, vários ex-anarquistas entraram, posteriormente a 1905, ao movimento radical e o mesmo aconteceu com alguns libertários uruguaios que entraram ao batllismo. Além disso, uma das razões do autoexílio de Ghirardo foi o fato de ter sido acusado de filorradicalismo por anarquistas espanhóis como Eduardo Gilimón, primeiro, e Diego Abad de Santillán, depois. A revolução radical coincidiu com o planejamento de uma greve no porto de Buenos Aires, com o qual a repressão tirou proveito dessa coincidência, segundo *La Protesta*, ao reprimir radicais e anarquistas, ao mesmo tempo. Ver, Isaac Oved. *El Anarquismo y el Movimiento Obrero en Argentina*. México, Século de XXI, 1978, p. 382 a 388.

²⁸ Ver, Honorio Díaz. *La Ley Sáenz Peña: Pro y Contra*. Bs. As., Ceal, 1983, p. 54. Este autor, contra a historiografia radical oficial, postula que a Revolução falhou porque Yrigoyen não decidiu claramente entre a

a canalização da impugnação revolucionária radical e operária. E, e ainda que ambas corressem por trilhas separadas, constituíam uma ameaça considerada sem igual para o modelo social hegemônico. Que a Lei Sáenz Peña fornecesse uma resposta dos reformadores para a impugnação revolucionária da oposição radical, já é um lugar tranquilo na historiografia política argentina; porém, esta não é considerada também uma resposta a questão social.²⁹ De fato, a reformulação da estrutura política da sociedade argentina acabou sendo o resultado das ações de três protagonistas diferenciados: os radicais, os trabalhadores e, finalmente, os próprios reformadores do Antigo Regime oligárquico-liberal.

Quanto ao protagonismo histórico dos trabalhadores, estes eram envolvidos na reforma por parte dos líderes políticos. Na Argentina não existiu, com a exceção de pequenos núcleos socialistas, uma campanha popular em favor do voto universal -tal como aconteceu, por exemplo na Itália para 1907- e isto seguramente é devido à presença marcante dos imigrantes. Deste modo, a influência operária na sanção da Lei Sáenz Peña, mostrou ser indireta, mas não por isso menos relevante e decisiva. A pressão das correntes sindicais a favor da ação direta participou na conquista daquilo que não foi demandado: a modernização política da sociedade argentina.

A questão social tinha uma presença destacada no pensamento dos reformadores e isto revela-se, sem qualquer lugar para dúvidas, nas falas do Ministro do Interior Indalecio Gómez, quando, em 1911, defendia a Lei comentada no Congresso. Assim, mencionava, por exemplo, que numa nação com apenas 32% de jornaleiros, com o resto da população em uma situação econômica confortável e com uma taxa de analfabetismo não superior a 30%, existiam, realmente, as condições para exercer os direitos de cidadão.³⁰ Estas palavras, quase textuais, de Don Indalecio, denotam a preocupação dos reformadores para com as classes perigosas, assimiladas aqui a esse 30% de jornaleiros e analfabetos. Com o voto universal masculino foi satisfeita não só a impugnação radical, mas também se tenta integrar à *ciudadania* -uma categoria que Gómez utiliza expressamente- um dos setores da constelação de trabalhadores, quer dizer, o setor nativo de tendências moderadas e, deste modo, isolá-lo socialmente dos setores mais combativos. Também num discurso de Sáenz Peña aparece a idéia de que os que ameaçavam a ordem institucional eram uma minoria e que só devido à inércia e o egoísmo da maioria, essas minorias de trabalhadores podiam por em cheque a ordem institucional. Por seu lado, Natalio Botana compara a figura de Indalecio Gómez com a do primeiro ministro de Espanha Antônio Maura, o qual dentro do movimento do *regeneracionismo hispánico*, tinha promulgado uma Reforma Eleitoral em 1907. Além disso, o próprio Indalecio Gómez mencionou o caso espanhol ao defender a sanção da Lei Sáenz Peña. O Ministro do Interior só se esqueceu de pronunciar a famosa frase de Maura: *Ou fazemos a revolução de cima, ou o povo a fará de baixo*.³¹ De acordo com a leitura de Botana, tanto para Gómez como para Maura, o "mal" era o fraude oligárquico, porque uma sociedade naturalmente saudável,

opção de uma subversão popular e de um motim militar. Possivelmente, embora os autores não mencionem isto, Yrigoyen temia uma rebelião popular e isto seria revelado, tragicamente, em 1919 e 1921.

²⁹ Por exemplo, Natalio R. Botana em, *El Orden Conservador*. Bs. As., Sudamericana, 1994, só dedica meia página àquele aspecto da reforma de 1912. Também na historiografia radical este tópico brilha pela sua ausência; possivelmente, estes autores concordaram com a premissa de que o movimento radical, representava a nação.

³⁰ *Ibidem op. cit.*, p. 296.

³¹ Ver, J. Romero Maura. *La Rosa de Fuego*. Barcelona, Grijalbo, 1975, p. 201.

funcionaria melhor sem exclusivismos políticos; a abertura eleitoral não seria, desse modo, um salto no abismo, já que os setores integrados por aquela legislação progressiva seriam as mais seguras garantias contra a anarquia, a revolução e a desordem.³²

Deste modo, se levarmos em conta os argumentos precedentes, podemos apreciar que nas razões para aprovar a Lei, jogou um papel protagônico, não só a impugnação radical, mas também a rebelião operária. Neste sentido, a Lei Sáenz Peña posiciona-se no nível da criação do Departamento Nacional do Trabalho e de outros canais esboçados para responder à questão social. O movimento operário argentino -embora antipolítico na sua maior parte- estava, dessa maneira, no centro do debate político.

Depois de 1912 foi aberto aos radicais o acesso à presidência e, então viram-se confrontados com a questão social, anteriormente ignorada. Algumas das questões abertas nessa época foram: Sobre que bases se assentariam as relações entre os operários e o Governo? Como se posicionariam os radicais frente ao movimento anarquista, socialista e sindicalista? Legislariam ou não um Código Laboral amplo, para consolidar os direitos trabalhistas? Em 1916 todas essas perguntas estavam abertas por causa da inexistência de algo semelhante a um Programa Social -Mínimo ou Máximo- dos radicais para governar.

Quando, finalmente, foram consagrados Hipólito Yrigoyen e Pelagio Luna como os novos governantes do país, este encontrava-se imerso no momento pior da crise econômica e as maiorias conservadoras do Congresso recusaram-se a votar créditos especiais para aliviar as penúrias da população urbana e rural desempregada. Mas, como veremos no decorrer deste trabalho, o silêncio radical com referência à questão social da época em que o movimento estava na oposição, tornou-se uma política pragmática na qual uma aliança informal do yrigoyenismo com o sindicalismo buscou substituir uma solução integral para a questão social. Ainda com a aliança yrigoyenista, com o sindicalismo, dificilmente podia-se ocultar os objetivos políticos consistentes em isolar o anarquismo e excluir o socialismo.

1.4 A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA ARGENTINA

*Com a exceção das elites ou a classe patricia ou oligárquica, não é muito provável que exista na Argentina uma única família que não teve algum linheta, ocasional ou persistente, entre os seus antepassados.*³³

Freqüentemente a expressão "classe operária" é utilizada num sentido metafísico aceitando, de antemão, a sua existência plena, com a concessão de atributos universais e com a missão redentora da humanidade. Por isso, chegado a este lugar do capítulo introdutório, seria útil formularmos uma série de questões tais como: Em 1917 se poderia falar -em termos thompsonianos- de uma classe operária argentina? Em caso afirmativo, quem eram, em última

³² Botana. *op. cit.* p. 270

³³ Laurcano Riera Díaz. *Memorias de un Luchador Social. Tomo II.* Bs. As., s/ed., 1981, p. 154

instância, esses trabalhadores? Qual era a sua face humana? Como se encontravam distribuídos pela geografia laboral do país? Que clivagens havia entre eles e como operavam essas divisões? Quais eram suas armas de luta, suas organizações e suas experiências mais profundas como proletários e explorados?

Apesar de ser a economia agrária a atividade hegemônica da região e as indústrias ocupassem um lugar subordinado a essa produção primária, os trabalhadores se encontravam distribuídos, eqüitativamente, entre as três atividades básicas: as do setor agrícola, industrial e de serviços.

Entre a grande massa de imigrantes, os italianos e espanhóis constituíram mais de três quartas partes do total dos imigrantes. Porém, existiu uma diferença importante entre ambos contingentes: a imigração italiana, pelo fato de ter se iniciado com anterioridade, ultrapassou, significativamente, a imigração espanhola durante a época prévia a 1908. Esse panorama posteriormente, foi invertido, mas sempre com uma participação italiana continuada no tempo. Para o total do período de 1857 a 1930, os italianos contribuíram com 45,7% dos imigrantes e os espanhóis com 31%. A uma distância muito grande de ambos os grupos apareciam os judeus, sírio-libaneses franceses, alemães, austríacos, ingleses e eslavos. Entre os russos e polacos mostrados pelas estatísticas, mais de 80% eram hebreus que, a partir de 1888, começaram a chegar à República para povoar as numerosas colônias agrícolas planejadas pelo Barão Maurício Hirsch e, sobretudo depois de 1905, chegavam como imigrantes livres com características de fixação urbana. No total acabaram constituindo 5% da imigração à semelhança dos árabes sírios e libaneses, que entraram ao país com passaporte do Império Otomano e, por isso, eram chamados de turcos.

De um modo bastante impressionista se poderia organizar o seguinte mapa laboral do país durante a época da Guerra Mundial: aproximadamente umas 200.000 famílias de arrendatários e jornaleiros trabalhavam nas planícies pampeanas, maioritariamente, na agricultura. Ali encontravam trabalho, durante os meses do verão, aproximadamente uns 300.000 jornaleiros, seja nas quadrilhas da colheita nas chácaras, seja nas máquinas desgranadoras ou como estivadores nos galpões das ferrovias. Para a colheita do milho -levado a cabo de março a junho e feito completamente à mão- o número de trabalhadores era bastante menor do que o que realizava as tarefas da colheita fina mas, de qualquer forma, constituía um número importante. Além do mais, só no porto de Buenos Aires, durante o auge da estação cerealista, eram empregados aproximadamente 20.000 trabalhadores entre estivadores, condutores de carros e outras funções; aliás, fora de Buenos Aires existiam os portos de Rosario, San Nicolás, Engenheiro White (Bahía Blanca) e Quequén (Necochea). Quanto a Buenos Aires, Zárate, Ensenada (La Plata) e Río Gallegos, eram também portos de embarque de carne congelada e esfriada. Categorias muito grandes constituíram os ferroviários -mais de 100.000 trabalhadores e empregados em tempos normais- os trabalhadores da Construção e os da fabricação de Vestidos. Estes contingentes contrastavam bastante com os que eram empregados na indústria têxtil e nos frigoríficos, os quais dificilmente ultrapassavam os 15.000, de acordo com o Censo de 1914.

Muito diferente, seguramente, era a situação dessas regiões do Interior, não muito afetadas pela imigração européia. Entre elas se salientaram a região de Tucumán onde, em 1911, cerca de 33.000 trabalhadores do açúcar foram considerados pelo Departamento

Nacional do Trabalho como trabalhadores industriais; ou em Mendoza onde havia 26.000 assalariados na indústria do vinho.³⁴ Outras atividades que empregavam uma quantidade importante de trabalhadores foram as tanineiras do Norte de Santa Fé, Chaco e Formosa e os ervatais de Misiones. Ora, se em Mendoza e Misiones era utilizada uma certa proporção de trabalhadores imigrantes, em Tucumán, Jujuy, Salta, Chaco e Corrientes como também nas estâncias pampeanas de cria de gado, a força de trabalho era nativa, índia ou de migrantes dos países vizinhos. Por sua vez, os jornaleiros das criações ovinas do imenso território patagônico eram chilenos, em sua quase totalidade.

A clivagem principal na classe trabalhadora argentina encontrava-se não entre brancos, *criollos* ou índios, mas, em primeiro lugar, entre europeus e americanos. As vezes é expressada na literatura operária a idéia de que os *criollos* -ou nativos- seriam relutantes à sindicalizado e dados a hábitos ruins como o do tabaco e do álcool: *cavalheiros da taba, o naipe e o facão*, como foram apelidados. Foram acusados, inclusive, por parte dos sindicalizados, de trabalhar como fura-greves. Pela documentação que conhecemos, o trabalhador *criollo* do interior parecia pouco afeito a hábitos de poupança e, em geral, faltou-lhe um projeto individual de progresso econômico, peculiar do imigrante. Porém, não há evidências fidedignas sobre a constituição étnica das organizações de fura-greves e, na verdade, as escassas notícias existentes, às vezes, falavam de pessoas do Interior, mas também existem indicações de que, foram usados como fura-greves contingentes de imigrantes recentemente desembarcados.

A correlação entre os trabalhadores argentinos e estrangeiros não era homogênea nem em sua distribuição regional, nem em sua distribuição pelos diversos setores do mercado de trabalho. O Censo de 1914 nos clarifica bastante o panorama: enquanto os argentinos dominaram nitidamente -com mais de 80%- os empregos na administração pública e na docência, os estrangeiros eram maioria nas atividades agrícolas e comerciais. Em outros empregos, tais como de transportes, de serviços e, em geral, de jornaleiros encontravam-se representados ambos setores com equanimidade; enquanto no proletariado do Noroeste e das estâncias de gado, os nativos constituíram a maioria esmagadora da mão de obra.³⁵

Freqüentemente, o *Boletim do Departamento do Trabalho*, nos dá um panorama bom da visão de seus inspetores sobre os trabalhadores do interior. Eles nos informam que nos Engenhos de Tucumán não existiam sociedades cooperativas, caixas de poupança ou sociedades de ajuda mútua. Por outro lado, *La Protesta*, em 1907, considerou os operários tucumanos como uma *massa de idéias atrasadas*, enquanto que o *Boletim* dizia que o trabalhador *criollo* era conformista e que não estava interessado em melhorar a sua situação.³⁶ Por seu lado, outro inspetor do Departamento que visitou os engenhos de Jujuy e Salta, descreveu os trabalhadores nativos de Salta e Tucumán como crianças.³⁷ Estas opiniões difundidas contrastam com a informação que possuímos sobre a FOM: a metade dos seus trabalhadores era formada por paraguaios, correntinos e *criollos* do interior. Como comentaremos oportunamente, esses homens constituíram o nervo central das greves realizadas contra as companhias de navegação entre 1916 e 1921.

³⁴ Ver, *Boletín del Departamento Nacional de Trabajo*, 1911, p. 38.

³⁵ Ver, Iñigo Carrera. *La Experiencia Radical*. Bs. As, 1985, p. 158.

³⁶ *Boletín del DNT*, 1910, p. 63 e 64. *La Protesta*. 29.3 1907

³⁷ *Ibidem*, 1910, p. 527. O inspetor era Pablo Stormi.

Outros fatos que contradizem o sentido comum ou as versões normalmente aceitas, eram os movimentos de protesto realizados pelos trabalhadores das tanineiras de Las Palmas e de La Forestal e dos já mencionados chilenos da Patagônia Meridional. Acreditamos que sempre deveríamos questionar, as premissas propagadas pela imprensa burguesa e, mesmo dos trabalhadores, de que todo imigrante era um agitador, revolucionário ou um trabalhador com consciência de classe, sempre a fim de se afiliar àquele sindicato que melhor defendesse seus direitos trabalhistas. É necessário fazer duas reflexões aqui: a maioria dos imigrantes que a miséria expulsou da Itália, Espanha, Rússia ou do Império Otomano, veio de áreas rurais e, a sua primeira aspiração foi o progresso econômico. O processo de conscientização das massas rurais proletarizadas consistiu, acima de tudo, na sua própria aceitação como operários e não, por exemplo, como uma futura classe média. Mas isto, geralmente, era um processo demorado no qual participavam muitos fatores objetivos e subjetivos e, nesse aspecto, não fazia muita diferença se o trabalhador tinha chegado do interior argentino ou das áreas rurais de Itália e Espanha. Um outro possível obstáculo para aquela formação da consciência operária -e, por conseguinte, para a formação da classe operária- veio da sua própria condição de imigrante. Muitos espanhóis e italianos -à diferença dos europeus do Norte e do Leste- vieram com o "síndrome mediterrâneo": formar um pequeno capital para voltar logo aos seus países de origem. Ora, na prática -com a exceção da experiência dos *golondrinas*- esse projeto de retorno era infinitas vezes adiado ou porque muitas vezes a Deusa Fortuna mesquinhava os seus sorrisos, ou porque os filhos dos imigrantes se opunham ao retorno a uma pátria que não era mais a deles.

De fato, embora seja difícil fornecer dados precisos, pode-se presumir que não era muito grande o número de imigrantes anarquistas, sindicalistas ou socialistas. Sem ousar subscrever o asseveração que Sheldon Maram expressou para o caso de Brasil - em que o imigrante médio italiano, português ou espanhol não tinha consciência de classe- também não afirmariamos a tese contrária sem fazer uma série de arguições prévias. Pensamos que -embora algum catalão, italiano do Norte ou russo já possuísse uma ideologia libertária no momento da sua emigração enquanto outros traziam idéias socialistas ou sindicalistas- a grande maioria das lideranças operárias e dos seus seguidores adquiriam consciência da sua situação social, nas suas experiências concretas no Río de la Plata, quando suas expectativas contrastavam com a realidade encontrada. O nosso trabalho tentará mostrar algumas experiências que fizeram com que o conglomerado de trabalhadores imigrantes e nativos das últimas duas décadas do século XIX, se tornasse uma classe operária para si nas primeiras três décadas do século atual. Entendemos que essas grandes mudanças qualitativas foram operadas, sobretudo, entre 1900 e 1910 e entre 1917 e 1922.

Sobre o por quê o anarquismo teve um chão tão fértil na região do Río de la Plata no princípio do século, não é uma questão passível de ser respondida facilmente. Por um lado, o movimento libertário parece ter dado uma resposta social aos habitantes de regiões socialmente irredentas -como, por exemplo, o campo andaluz na Espanha- ou para categorias de trabalhadores sem qualquer possibilidade de acesso aos direitos políticos, como no caso dos imigrantes europeus do Sul de Brasil, Uruguai ou Argentina. Porém, a história não é tão linear. Na Europa, o anarquismo floresceu não só nas regiões atrasadas, mas também nas cidades em vias de industrialização -por exemplo no Norte de Itália e na cidade de Barcelona- embora

também seja verdade que a expulsão extraordinária das populações rurais está na base da rebelião anarquista dos italianos do Norte e da Catalunha. O fato de que os anarquistas tenham sido chamados de "murcianos" em Barcelona e, às vezes, "catalões" ou "russos", na Argentina, é bastante elucidativo.

Um elemento que ofereceu um caldo de cultivo apropriado à rejeição total do nível político foi constituído na Argentina, pela estrutura de poder do roquismo com suas seqüelas de exclusão, autoritarismo e fraudes eleitorais. Quando lentamente e à semelhança do Uruguai de Batlle e Ordóñez, se começou a abrir o panorama político argentino à participação de vastos setores da população, o movimento libertário teve grandes dificuldades para reformular seu ideário e práticas sociais de acordo com a nova realidade.

Não achamos casual o fato de que em 1901, coincidiram na Argentina dois fenômenos cruciais nos anais da história do movimento operário. Em Buenos Aires se fundou a primeira central operária estável -a Federação Operária Argentina- formada por anarquistas e socialistas e, em Rosario, foi levada a cabo a primeira greve geral, arma de luta privilegiada da primeira década do Século. De 1900 a 1907 a organização e a defesa dos direitos próprios se encontrava em ascensão, pois todos os anos foram realizadas greves gerais massivas em favor de salários mais altos e melhores condições secundárias de trabalho, em prol da jornada de oito horas, por moradias mais amplas e baratas ou contra os exorbitantes preços do aluguel. Já vimos como os políticos e os reformadores liberais elaboraram uma resposta para o desafio operário, resposta que apresentou duas faces: repressão e integração.

É de notar que depois da repressão de 1910, a greve geral foi substituída em parte pela prática do boicote: se de 1901 às 1910 prevaleceu a greve geral, mais tarde, de 1913 a 1921, uma das armas escolhidas para defender os interesses específicos, seria o boicote contra certas companhias. Famosos foram os boicotes proclamados contra o Cervejaria Quilmes, a Companhia de Tabacos Piccardo, o frigorífico La Negra ou a loja Gath e Chaves. No caso da cervejaria Quilmes e a Companhia de Tabacos Piccardo, a imprensa anarquista e, às vezes, jornais como *La Vanguardia* ou *Crítica*, propriedade do chantagista Natalio Botana, publicavam advertências para instigar seus leitores a não consumir aquela cerveja ou evitar comprar as marcas de cigarros da companhia boicoteada. No caso do frigorífico americano La Negra, os portuários -em resposta à repressão contra os trabalhadores daquele estabelecimento de Avellaneda, ao término de 1917- tinham avaliado com um imposto sindical os couros que o frigorífico exportava e as peles ficaram amontoadas, como na época em que as esquadras inglesas e francesas bloquearam o porto de Buenos Aires, durante o governo de Don Juan Manuel de Rosas.

Porém, a prática do boicote convertiu-se numa arma perigosa que, às vezes, se tornava um bumerangue contra os próprios operários. Foram exatamente as companhias rivais das boicoteadas as que incentivaram economicamente os anarquistas e sindicalistas em favor de suas empresas. Deste modo, por exemplo, no começo de 1916, o Cervejaria Palermo deu dinheiro e cartazes a Apolinario Barrera, de *La Protesta*, para financiar a campanha de boicote contra seu rival, a Cervejaria Quilmes, campanha que durou três anos e foi lançada como protesto pelo assassinato de um trabalhador daquela companhia, em 1913. Esse evento dividiu o movimento libertário do Río de la Plata e esteve na raiz da confrontação entre *La Protesta* e

os grupos de *La Antorcha* e *Bandera Roja*.³⁸ Como as uniões e as publicações anarquistas estavam em penúrias econômicas contínuas, a ajuda financeira das companhias rivais virou uma tentação à qual Apolinario Barrera, Emilio López Arango e Diego Abad de Santillán, isto é, o grupo dominante de *La Protesta*, de 1919 a 1930, não soube resistir. Manter o jornal anarquista se tornou, desse modo, um fim em si mesmo.

Outra estratégia, sobretudo praticada de 1916 a 1922 foi a do *closed shop*, instrumento de luta usado na primeira década do século pelos trabalhadores da pedra de Tandil, Balcarce e Montevideu e, na época que historiamos, pelos Marítimos da FOM, os portuários e, às vezes, pelos estivadores e pelas quadrilhas de jornaleiros da colheita.³⁹

Como parte integral da organização das práticas de luta, os trabalhadores foram construindo as suas primeiras centrais sindicais. O movimento anarquista no Rio de la Plata, na década de 90, teve que vencer primeiramente a sua alergia à organização. Neste sentido, personalidades anarquistas de prestígio como o criminologista Pietro Gori, o poeta argentino Alberto Ghirardo, o líder sindical catalão José Prat ou o médico irlandês, Dr. Creaghe, influenciaram decisivamente o espírito dos libertários para aceitar, não só a organização sindical, mas, também a colaboração com os socialistas. Por outro lado, as experiências de luta acumulada pelos trabalhadores nas primeiras décadas do auge do projeto agro-exportador e a influência do movimento sindical em outros países, levou-os à convicção de que era necessário a união dos trabalhadores em organizações de defesa. Deste modo, em 25 de maio de 1901 foi fundada a FOA, mas a união entre anarquistas e socialistas não durou. Os libertários estavam a favor da ação direta, representada, sobretudo, pela greve geral e os socialistas acreditavam nas transformações graduais, por meios não violentos em que o trabalho sindical constituía um braço do trabalho político centrado na atividade parlamentar. Porém, em 1906, três anos depois que os socialistas se separaram da FOA e fundaram a União Geral de Trabalhadores, também eles abandonaram as fileiras do Partido Socialista para se tornar o primeiro núcleo de sindicalistas, quimicamente puros. Em 1909, em 1915 e, novamente, em 1922, grupos de anarquistas abandonariam à Federação Operária Regional Argentina -FORA- para entrar às organizações sindicalistas. Uma razão plausível para este fenômeno estaria no fato de que, com o correr dos anos, os trabalhadores se cansaram das lutas estéreis ou das "ginásticas revolucionárias" e optaram para uma atitude mais pragmática e realista a qual -com frequência contra os seus discursos revolucionários- procurava a melhoria das condições econômicas mais que a luta por uma sociedade igualitária.

Não foram só os socialistas e sindicalistas os que tentaram estabelecer uma certa distância entre eles e os anarquistas, mas estes últimos, por sua vez, impuseram, em 1905, uma "recomendação anarco-comunista" à sua central a que, embora no sentido estrito ela continuava aberta a qualquer trabalhador, a sua orientação geral tinha um caráter mais ideológico, propagandístico e revolucionário que o da defesa dos direitos econômicos do

³⁸ Ver, *La Protesta*. 4.1.1916; 23.1916; 26.1.1916. *El Libertario*. 10.7.1923. Os que se opuseram aquele tipo de práticas, foram Rodolfo González Pacheco, Teodoro Antillí, jornalistas de *La Antorcha* e Enrique García Thomas de *La Rebelión* de Rosario e, também, o grupo "Esplendor" onde militava o utopista Pierre Quiroule. Depois, todos eles transformaram-se em inimigos de *La Protesta*, de acordo com a história oficial do anarquismo segundo São Abad de Santillán, versão aceita, acriticamente, pelo grande historiador Max Nettlau.

³⁹ Dedicaremos um subcapítulo a este tópico do domínio e controle do espaço laboral por parte dos trabalhadores federados.

trabalhador. O paradigma sindical, o qual denominamos "forista", *made in Argentine*, estendeu-se a Montevideu, Asunción, Porto Alegre e Santos e mereceu a desaprovação explícita de pensadores libertários como Neno Vasco, Luigi Fabbri, Errico Malatesta ou Eusebio Carbó. Consideramos que esse forismo não correspondia ao modelo do sindicalismo-revolucionário da CGT francesa, nem ao anarco-sindicalista da Confederação Nacional de Trabalhadores da Espanha.⁴⁰

Até 1915 a FORA -a qual tinha sofrido o impacto das expulsões de lideranças estrangeiras no Centenário da Independência- foi a maior central sindical operária, mas naquele ano, a Confederação Operária Regional Argentina, decidiu entrar, em sua maioria, para o Nono Congresso da FORA, enquanto que os anarquistas partidários da recomendação da prática do anarco-comunismo decidiram manter uma FORA com as características anteriores. Deste modo, de fato, existiam duas FORAS: uma, dominada pelos sindicalistas, e outra, minoritária, fiel ao anarco-comunismo de 1905.

Um fato que muitos historiadores -e em primeiro lugar o historiador inglês David Rock- ignoram, consiste no ressurgimento operado na vida anarquista, entre 1917 e 1921. Uma razão desse desconhecimento encontra-se, sem dúvida, na existência de duas centrais sindicais com o mesmo nome. Acreditamos que não seria aventurado calcular para 1920, o número de afiliados à FORAC -agora com o agregado de "comunista"- de aproximadamente 25.000 trabalhadores; naquele ano, a FORA sindicalista contava com cerca de 62.000 cotizantes mensais. Quando em 1922, os anarco-bolcheviques protagonizaram uma renovada tentativa de coalizão entre as duas FORA criando a União Sindical Argentina (USA), já havia começado, no ano anterior, a decadência de todas as organizações sindicais. A USA contava, no ano da sua fundação, com aproximadamente 32.000 filiados -número que conseguiu manter até 1926. As causas principais dessa redução foram as grandes derrotas da FOM e dos portuários no ano 1921 à

⁴⁰ José Prat que tinha esboçado, em 1901, as bases da FOA argentina, também colaborou na elaboração dos estatutos da CNT espanhola, em 1910. Ora, os espanhóis adotaram o modelo sindical da Carta de Amiens, do sindicalismo da CGT francesa em 1906, embora, na prática, a CNT era muito mais anarquista que a central francesa. Apesar disto, até a década dos 20, o sindicalismo espanhol manteve em seu seio uma corrente "sindicalista", enquanto na FORA e na FORU, a partir de 1905, todas as lideranças (não necessariamente as afiliadas) eram anarquistas. Por isso achamos correto denominar como "forismo" esta tendência anarco-sindical extrema. Nas tendências gremiais apolíticas que vão do sindicalismo (revolucionário) para o anarquismo (sindical), os sindicalistas e anarquistas uruguaios e argentinos estariam nos extremos de um *continuum* enquanto que a CGT francesa, a USI italiana, a COB brasileira e, ainda a CNT espanhola, ocupariam lugares localizados no meio desses extremos. Que o "forismo" não pôde ser assimilado ao anarco-sindicalismo, ficou demonstrado pelo debate começado no II Congresso da Confederação Operária do Brasil, levado a cabo em setembro de 1913. A delegação do Rio de Janeiro, representada por Santos Barboza, considerava que a divulgação dos princípios anarquistas no seio dos sindicatos era uma "imposição" enquanto João Crispim e Rafael Serrato Muñoz da Federação de Santos, fizeram a proposta seguinte: *Este Congresso aconselha a propoganda do anarquismo nas sociedades operárias como meio para alcançar a emancipação dos trabalhadores.* Entre ambas propostas, José Borobio propôs uma terceira e conciliatória que permitia o debate de todas as idéias. Ver, *A Voz do Trabalhador*, 1.10.1913: "As Resoluções do Segundo Congresso". Já previamente ao Congresso da COB, Neno Vasco, de Portugal, tinha alertado os sindicalistas brasileiros para não imitar o modelo sindical anarco-comunista argentino: *Tenho visto defendida pelo Jerminal e expressa numa declaração da Federação Operária de Santos, uma doutrina que me parece estar em contradição, não só com as bases e necessidades da organização da classe proletária, mas ainda -poderia dizer, e sobretudo- com o anarquismo. Mal importado da Arjentina, onde ela é cauzta de divisão do operariado em um terreno em que este pode estar unido, essa doutrina consiste em fazer adotar nos estatutos e congressos sindicais o comunismo anarquista como finalidade dos sindicatos e suas federações.* Neno Vasco, *A Voz do Trabalhador*, 1.9.1913: "O Anarquismo no Sindicato". Este debate sobre o modelo sindical exclusivamente anarquista, novamente apareceu nas Conferências do A.I.T. de Berlim nos anos

mão dos empresários e do governo de Hipólito Yrigoyen e o clima geral de desmobilização operária na região, por outro lado, característico das derrotas das revoluções na Alemanha, Hungria, Itália e Espanha.⁴¹

Porém, apesar das derrotas operárias, não só na região central mas em todos os confins do país, o balanço geral do crescimento da consciência da classe trabalhadora, é positivo. Não há dúvidas de que podemos concordar, no caso do Rio de la Plata, com aquilo que Spalding e Hall colocaram para os trabalhadores urbanos de América Latina em geral. Junto ao crescimento significativo da indústria -ainda com todas as relativizações que expusemos- e enfatizando a participação dos jornaleiros relacionados com a atividade agro-exportadora, os trabalhadores argentinos tinham criado instituições -nem sempre estáveis- para a defesa de seus interesses. Tinham adquirido experiência e melhorado as suas condições de vida. Pelo contrário, no aspecto da legislação social, tinha-se avançado bem menos. Neste aspecto, não só o Uruguai superava amplamente a Argentina, mas também países como Chile, Costa Rica e México tinham progredido muito mais. De nenhuma maneira compartilhamos a visão histórica de que o movimento operário argentino anterior à Crise dos 30, tenha tido pouca importância ou tenha sido uma mera introdução para a história do movimento operário, a qual começaria com a fundação da CGT, ou com a vinda do sindicalismo populista. Como foi assinalado por Bulmer-Thomas e Rosemary Thorp com referência aos aspectos econômicos da década dos 20 na América Latina, esse período foi tanto o final duma época como o começo de uma era nova. O fato de que as experiências acumuladas não puderam manter a autonomia da classe trabalhadora na frente do Estado populista, obedece a uma pluralidade de causas, ainda não suficientemente estudadas. Para o presente -e aqui parafraseamos a Spalding e Hall- o próprio peronismo era, em parte, uma reação à luta de classe e à mobilização real e potencial da classe trabalhadora que afundava as suas raízes nas experiências do final do século passado e do começo deste.

1.5 OS REBELIONISTAS DE ROSARIO

No paladim revolucionário comunista La Rebelión, que apareceu em Rosario -acompanhado pelos camaradas Jesús M. Suárez, Alejandro Alba, Florencio González e outros- levamos a cabo uma intensa campanha em favor da federação das forças anarquistas.⁴²

vinte. Nessa ocasião, Juan Guerrero do Uruguai e Julio Díaz e Abad de Santillán da Argentina, fracassaram no seu intento de impor este paradigma a todas as organizações aderidas à Central de Berlim.

⁴¹ Frequentemente os historiadores sociais enganaram-se com as estatísticas dos afiliados aos sindicatos, confundindo os cotizantes mensais -62.000 para a FORA sindicalista em 1920- com a soma dos cotizantes anuais -750.000 sócios para esse mesmo ano.

⁴² Enrique García Thomas. *El Comunista*, Rosario, 22.1.1921.

Chegados a este ponto, queremos introduzir alguns dos protagonistas principais desta história para tentar obter a visão dum perfil das suas bases sociais. Um dos problemas do grupo foi a variedade de nomes com que foi denominado no decorrer do tempo. Foram chamados de *rebelionistas* com anterioridade a 1919; *banderarrojistas* em 1919 e 1920; e, a partir desse último ano passado, foram designados como *anarco-ditadores* pelos seus inimigos, enquanto que se autodenominavam *anarquistas novos* ou *construtivos*, em oposição aos libertários *cristalizados*. Nunca aceitaram o apelido de *anarco-bolchevique* dado a eles pelos protestistas em 1922. Finalmente, a partir de 1923 com a fundação da Aliança Libertária Argentina (ALA), foram conhecidos como *aliancistas*, embora *La Protesta* e outras publicações anarquistas, continuassem falando em anarco-bolcheviques.⁴³

La Rebelión apareceu em Rosario em 5 de janeiro de 1913 e em fevereiro de 1918 fundiu-se com *Voces Proletarias* da cidade da costa paranaense, Campana. Em junho daquele ano, os editores planejaram a mudança para Buenos Aires e tentaram fundar uma Federação Anarquista que teria por missão a publicação dum matutino revolucionário comparável ao *La Protesta*. Para tal fim, os rebelionistas contataram-se com *La Obra* de Rodolfo González Pacheco e Teodoro Antilli, com *Ideas* de La Plata editada por Fernando del Intento e com *Nubes Rojas* de Junín, dirigida por Albino Dardo López. Finalmente essa coalizão não vingou por não aceitar os editores de *La Obra* e *Ideas* a hegemonia de García Thomas e sua agrupação e por não concordar com o nome que estes quiseram impor ao jornal: *Bandera Roja*. Pacheco y del Intento também não viram a necessidade de criar uma Federação Anarquista, pelo perigo de autoritarismo que como toda instituição poderia representar.⁴⁴

Deste modo, *La Rebelión* só se fundiu com *Nubes Rojas* e o primeiro de abril de 1919 aparece à luz *Bandera Roja. Diario de la Mañana*, cujo último exemplar foi confiscado no dia 6 de maio por uma ordem do Chefe de Polícia, Elpidio González, sendo, nessa ocasião, condenados seus editores, García Thomas, Hermenegildo Rosales e Atilio Biondi ao presídio de Ushuaia. Nessa oportunidade, foram fechados *La Protesta* e *El Burro*. Só para o ano seguinte, os rebelionistas publicam *El Comunista* de Rosario sob a direção de Jesús M. Suárez e essa publicação foi substituída em setembro de 1921, por *El Trabajo*, jornal quase exclusivamente dedicado à fusão das duas Federações trabalhistas na União Sindical Argentina. Por outro lado, nos períodos em que os anarco-bolcheviques não tinham uma publicação própria costumavam utilizar as colunas do jornal *La Montaña*, uma curiosa edição capitalina do jornal lencinista homônimo de Mendoza.

Entre 1919 e 1921, os anarco-bolcheviques se destacaram na organização dos jornaleiros rurais, os trabalhadores do Porto, de Construções Navais, dos Marceneiros, Pintores e algumas outras uniões. A partir de 1922 -já com alguns dos seus protagonistas nas secretarias principais da USA- gradativamente a maioria deles se mimetizou com o sindicalismo dos

⁴³ Decidimos adotar a denominação *anarco-bolchevique*, menos por razões históricas do que por causa de constituir uma referência internacional e para a inteligibilidade desta história. De fato, embora o nome lhes haja sido atribuído pelos seus oponentes, dá uma idéia da posição a meio caminho entre o anarquismo e o bolchevismo. Como anarquistas rejeitaram o nível político ou a sua subordinação para o Comintern; e como bolcheviques defenderam a revolução por meio da implantação da ditadura do proletariado, dos sindicatos ou, inclusive, da própria Aliança.

⁴⁴ Ver, Max Nettlau. "Vom November 1909 bis 1934". *Manuscritos Inéditos. Vol. XVI*, 1934, p. 16. *La Obra*, 1.6.1918 e 24.8.1918. *Ideas*, La Plata, 10.8.1918. Pacheco e Antilli defendiam o nome *Revolução Social*, para o jornal projetado.

camaleões, enquanto outros voltaram às suas origens anarquistas e, muito poucos, entraram no Partido Comunista ou na União Cívica Radical. Já nos tempos da Aliança, isto é, a partir de 1923, a sua publicação era *El Libertario* -1923-1930- separando-se, em 1925, uma dissidência ortodoxa que acabou publicando *La Rebelión* de 1925 ao ano seguinte.

As edições que enumeramos formaram algo assim como uma linha central do grupo, mas havia outras publicações anarquistas favoráveis ao bolchevismo russo. Por exemplo, Julio R. Barcos e Nemesio Canale publicaram o decenário *Cuasimodo*, primeiro no Panamá (sic) e depois em Buenos Aires; Santiago Locascio publicou, com a ajuda financeira de García Thomas, *Vía Libre*, enquanto Orestes Ristori editava *El Burro, Semanario Anticlerical*. Esta última publicação chegou a editar até 40.000 exemplares, recorde absoluto para a imprensa anarquista dessa época. Também *La Batalla* de Montevideu era, foi até 1924, uma defensora ardente da Revolução Russa.

Entre as lideranças anarco-bolcheviques podemos distinguir claramente dois setores. Um deles poderia ser chamado de "intelectual" -a maioria com o autodidatismo característico da militância libertária- e o outro de natureza sindical, do anarco-comunismo forista. Por suas publicações, conhecemos mais acerca do primeiro grupo, mas foram as lideranças sindicais as que sustentaram as edições específicas e as outras atividades do movimento. Entre as figuras mais destacadas achamos a García Thomas, Eva Vivé, Julio R. Barcos, Elías Castelnuovo, Pierre Quiroule, Jesús María Suárez, José Torralvo, Juan Lazarte, Luis Di Filippo e Fernán Ricard. Entre os líderes sindicais, os nomes que mais aparecem são: Leopoldo Alonso, Pedro Casas, Atilio Biondi, Mariano Barraón, Jesús González Lemos, Sebastián Ferrer e Antônio Abílio Gonçalves. Havia outros que reuniam as condições de escritores e líderes de união, por exemplo, Alejandro Silveti, José Vidal Mata e Hermenegildo Rosales. De qualquer forma o desejo de apoderar-se de uma cultura universal era tão grande que foi difícil demarcar uma linha divisória entre líderes sindicais e intelectuais.

Sobre a profissão desses líderes poderíamos fazer os comentários seguintes. Em primeiro lugar, chama a atenção a presença de alguns professores e pedagogos -uma categoria a qual nem sempre se caracterizava pela sua combatividade. Por exemplo, eram pedagogos Julio R. Barcos, Jesús M. Suárez, José Torralvo e Enrique Balbuena. Também era marcante a presença de jornalistas; entre eles encontramos a Suárez, Barcos, Torralvo, Elías Castelnuovo, Pierre Quiroule e Santiago Locascio.⁴⁵

Quanto à nacionalidade dos protagonistas principais, podemos observar um fenômeno já assinalado para a militância anarquista em geral. Depois da fase italiana, que durou até 1910, podemos constatar uma presença notável de libertários espanhóis. Isto é revelado pelos jornais quando davam notícias sobre as pessoas capturadas pela polícia nas manifestações e greves; entre elas os ibéricos e argentinos quase sempre encabeçavam as listas.

Continuando apontaremos alguns dos protagonistas principais da nossa história, com a intenção de mostrar a composição heterogênea do grupo, o seu internacionalismo e a sua inserção aleatória numa sociedade e num mercado de trabalho ainda flexíveis.⁴⁶

⁴⁵ Muitos dos jornalistas e escritores da época começaram a sua profissão escrevendo para as publicações operárias e populares. A posteriori, não era raro que acabaram ingressando na grande imprensa o que, de fato, aconteceu com os anarco-bolcheviques como Suárez, Torralvo, Quiroule e Barcos.

⁴⁶ Extraímos bastante informação biográfica da *Gran Enciclopedia Argentina*. Bs. As., Ediar, 1956 a 1960, 9 volumes no total. Dentro do possível tentamos comparar esses dados com outras fontes primárias ou com as

Como líderes incontestados do agrupamento, encontramos Enrique García Thomas (Barcelona, 1883 - Buenos Aires, 1950) e sua esposa Eva Vivé (La Pampa, 1882 - Buenos Aires, 1947). García Thomas chegou ao país muito jovem e em Rosario aprendeu o ofício de mecânico. Durante o tempo da sua experiência bolchevique, foi um pequeno empresário metalúrgico e o fato da sua solvência econômica é mostrado com as suas contribuições monetárias para sustentar as publicações de propaganda. Como escritor possuía um estilo claro, direto e forte, com uma fundamentação teórica típica de um autodidata esforçado da época. Foi expulso do país em 1906 e, novamente, em 1933 e condenado várias vezes à prisão. A sua esposa Eva Vivé era filha de imigrantes franceses do Território de La Pampa e de profissão obstetra; era bastante conhecida nos círculos libertários de Rosario e Buenos Aires por causa de sua profissão. Militante feminista, colaborou na revista *Nosotras* e teve presença nos grupos de afinidade femininos "Luisa Michel" e "La Antorcha Chaqueña". Foi das poucas mulheres daquela época que conheceu a prisão por motivos da sua militância social, um fato que, em 1920, produziu a indignação de *Crítica*, jornal que, naquela ocasião, acusou as mulheres da alta sociedade por preocuparem-se mais com seus cachorros e gatos do que com as vítimas da repressão radical como Eva Vivé.

Uma figura central no anarco-bolchevismo rioplatense era, dúvidas, José Vidal Mata, aliás Leopoldo Gustavo, que militou nos movimentos agraristas na sua Andaluzia natal, no Sul do Brasil, no Uruguai e no Interior argentino. Entre as suas diferentes ocupações foi *catango* nas quadrilhas ferroviárias e pedreiro em Bagé (Brasil), Paso Molino e Salto (Uruguai) e em Tandil e Balcarce (província de Buenos Aires). Foi o *alma mater* da União de Trabalhadores Agrícolas (UTA) e tentou organizar em várias oportunidades uma Federação Agrária alternativa para os *chacareros*, sob a bandeira da socialização da terra. Em 1929 foi um dos poucos anarco-bolcheviques da região que pôde visitar Rússia e -encantado pelo paraíso de mulheres e tratores emancipados- publicou no ano seguinte seu livro: *La Verdad sobre Rusia*. Finalmente, terminou a sua existência em Rosario como o "Dr. Lestong", efadólogo e apicultor, inimigo acérrimo do tabaco e do açúcar.⁴⁷

Outra biografia na qual a realidade supera a ficção é a de Hermenegildo Rosales (Junín de los Andes, 1881 - Mar del Plata, 1961). Mapuche de origem, nasceu no território de Neuquén, Norte de Patagônia, dois anos depois da Expedição ao Deserto de Roca. Como tantos outros jornaleiros daquela Argentina em um processo de rápida expansão econômica, trabalhou em ocupações tão diversas como sapateiro, padeiro, barbeiro, professor e construtor naval. Bom orador nos comícios do Primeiro de Maio, também tinha um estilo elegante para escrever. Publicou, de 1917 a 1919, *El Construtor Naval* e era um dos editores de *Bandera Roja*. Como muitos outros, por exemplo, Orestes Ristori, Juan Lazarte ou Luis Di Filippo, voltou depois de um tempo para a ortodoxia anarquista, uma vez superada a febre bolchevique.

Na província de Santa Fé vivia Jesús María Suárez (Asturias, 1889 - Santiago del Estero, 1946). Tinha chegado ao país de jovem e não se diferenciava de um militante americano nativo. Professor escolar em San Cristóbal e Rosario, foi condenado a Ushuaia em

testemunhas orais de Luis Di Filippo, José Grunfeld, e Jacobo Maguid. Os dados sobre Orestes Ristori vêm fundamentalmente de Luigi Biondi, os de Juan Lazarte, de Abad de Santillán, Invaldi e Capelletti e os de Castelnovo de John Eipper. Os *Manuscritos Inéditos*, em alemão, de Max Nettlau, constitui uma fonte inestimável de informação sobre pessoas e publicações.

⁴⁷ Este último dado vem de um testemunho direto para o autor por parte do livreiro rosarino Juvenal Fernández.

1910 -de onde escapou e voltou ao país via Chile. Expulso da Argentina em 1917, em ocasião dos "Eventos de Firmat", apareceu novamente em Rosario sob o pseudônimo de Fernando Gonzalo. Mais tarde, radicou-se em Santiago del Estero onde devotou-se à exploração florestal e à direção do jornal *El Liberal*. De acordo com Santillán, no fim da sua vida estava escrevendo a história do socialismo na América. Suárez aparece como um pensador e escritor de um talento não valorizado em seu tempo e completamente desconhecido na atualidade. "Malatesta Chico" foi chamado em uma ocasião por Apolinario Barrera e, em seus escritos, freqüentemente avançou núcleos temáticos que viraram à baila décadas depois.

Um colaborador assíduo das publicações anarquistas, anarco-bolcheviques e comunistas era Elías Castelnuovo (Montevideu, 1893 - Buenos Aires, 1982). Não era uma figura central dentro do grupo pesquisado, mas sim a figura melhor conhecida nos círculos literários por encarnar, como ninguém, o realismo social da Escola chamada de Boedo. Gráfico de profissão, percorreu na sua mocidade os vastos territórios de Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, recolhendo no seu trabalho em charqueadas e saladeiros, as experiências para suas histórias e contos, quase autobiográficas, de um "tremendismo social" semelhante à obra de Leonid Andreiev.⁴⁸ Em 1919 e 1920, publicou em *La Protesta* dois poemas quase desconhecidos: "Rosa de Luxemburgo, in Memoriam" e "Los Bárbaros están en las Puertas de Petrogrado". Foi cofundador da Aliança e seu primeiro Secretário de Relações Internacionais, função pomposa mas, por razões desconhecidas, não costumava assistir às reuniões da Federação e só dirigiu os primeiros 8 números do decenário da Aliança, *La Rebelión*. Foi um dos poucos aliancistas que acabou se aproximando ao Partido Comunista, sem nunca nele entrar como afiliado e neste aspecto a sua situação é semelhante a Orestes Ristori, os irmãos Álvaro Yunque e Juan Guijarro -ambos também de passado anarquista- e o escritor Roberto Arlt. Finalmente, como Vidal Mata, visitou a Rússia em 1931 na qualidade de secretário do médico Lelio O. Zeno e relatou as suas experiências soviéticas em *Bandera Roja*, órgão oficial do Partido Comunista. Já naquela época, tinha se afastado do anarquismo, de acordo com suas próprias palavras, *por uma questão de método*.

Entre os pensadores, escritores e conspiradores mais distintos, estava Julio Ricardo Barcos (La Coronda, Sta. Fé, 1883 - Buenos Aires, 1960). Pedagogo e ensaísta social e político, orador e conferencista, foi um dos poucos anarquistas que abraçou a causa dos Aliados durante a Grande Guerra. Nos anos 1918 a 1920 encontra-se em Centro América onde participou da Revolução contra o ditador Tinoco da Costa Rica. Propagandista fervente da Escola Racional, ou Nova, em 1921 foi um dos fundadores da Associação Americana do Ensino. Como fato curioso, poderia-se mencionar que dirigiu durante 21 anos a revista *El Auto Argentino*. Foi um dos pensadores que refletiu sobre a passagem do *anarquismo cristalizado* ao anarquismo novo, orgânico ou construtivo e, já na década dos 30, foram publicados pela Editorial Claridad seus ensaios, *Política para Intelectuales*, de 1931 e *La Conquista del Pan*, 1933. Também escreveu sobre tópicos como a emancipação feminina e a Escola Nova. Na década dos 20, começou a sua lenta passagem para o radicalismo yrigoyenista de tal modo que

⁴⁸ Célebre foi na época, um soneto satírico que a Sta. N. China (Lorenzo Stanchina) dedicou a "Elieff Castelnuoeff". Começava deste modo: "Este es que ayer nomás decía/ Puras macanas en el sindicato/ Y hoy, en el reino de la porquería/ Chamuya en ruso con algunos gatos." Ver, John E. Eipper. *Elías Castelnuovo, la Revolución Hecha Palabra. Biografía, estudio crítico y antología*. Bs. As., Ed. Rescate, 1995, p. 42.

conspirou ativamente junto a militares rebeldes como Gregorio Pomar ou Atilio Cattaneo contra os governos de Uriburu e Justo.

Outro intelectual do grupo foi Santiago Locascio (Salerno, Itália, 1874 - Buenos Aires, 1940). Chegou ao país de adolescente e foi ativista nas uniões desde 1901. Ao término de 1902, figurou como o número 1 da primeira leva de estrangeiros expulsos pela Lei de Residência. Enviado para Gênova, foi um dos primeiros que inaugurou a longa tradição de saltar dos navios, em Montevideu. De 1919 a 1922 dirigiu a revista mensal de crítica social, *Via Libre*, que girava em torno da influência de Garcia Thomas. Locascio foi livreiro e também exercitou a ocupação de procurador. Teorizador das mudanças que a experiência da Revolução Russa impôs ao anarquismo, seus escritos carecem de brilho intelectual e libertário.

José Torralvo (Jérez da Frontera, 1880 - Rosario, 1943). Residiu na cidade de Santa Fé e publicou, de 1914 a 1917, com Enrique Nido, a revista *Estudios* uma publicação de natureza pedagógica e cultural, de caráter anarco-individualista. Na sua mocidade, militou nos movimentos rebeldes do campo andaluz e como educador nas Escolas Racionais de Francisco Ferrer, em Barcelona e teve que se exilar em 1909. Trabalhou durante um tempo nas obras da construção do Canal de Panamá e depois da Revolução Russa à semelhança de Suárez, Locascio e outros, publicou folhetos sobre o bolchevismo e um deles -"Maximalismo e Comunismo"- foi traduzido ao português e publicado pela imprensa anarquista de Brasil. Na fase de sua maturidade sua ocupação principal foi a de jornalista nas cidades de Santa Fé e Rosario.

Entre tantos espanhóis que aderiram à causa russa, achamos também a um francês. Referimo-nos ao autor de utopias, Pierre Quiroule -"a pedra que gira"- pseudônimo de Joaquín Alexis Falconnet, (Lyon, 1867 - Buenos Aires, 1939). Tinha chegado ao país em 1890 e depois de uma breve militância na União Cívica Radical -foi revolucionário do 93- participou do movimento anarquista como jornalista de *Le Cyclone*, na década dos 90, e de *La Protesta*, até 1921. Lutou contra o militarismo publicando, em 1915, *El Gran Crimen Europeo*. Porém, o ápice da sua obra foi, sem dúvida, *La Ciudad Anarquista Americana*, de 1914, uma utopia que comentaremos em seu momento oportuno. Este trabalho foi precedido por uma outra utopia, *En la Ruta de la Anarquía*, de 1912 e continuado pela possivelmente última utopia coletiva intitulada, *En la Soñada Tierra del Ideal*, em 1924. Já nesse último ano tinha voltado ao ideário anarquista e os últimos 15 anos da sua vida os dedicou a seu trabalho de editor de *La Nación* e em escrever romances do gênero *noir*.

Uma pessoa de extensa trajetória no anarquismo do Río de la Plata foi, sem dúvida, o médico santafesino Juan Lazarte (Rosario, 1891 - San Genaro, 1963). Junto a Luis Di Filippo e outros, participou do movimento da Reforma Universitária de 1918 e desenvolveu uma intensa propaganda contra a guerra na Argentina, Chile e Uruguai. Participou como estudante universitário de Congressos Operários, defendendo a causa da Revolução Russa; porém, para 1924, regressou em forma definitiva ao anarquismo ortodoxo no qual militou nas suas diversas federações específicas até o fim da sua vida.⁴⁹ Para a nossa história resulta significativo que

⁴⁹ Ver, Abad de Santillán, Invaldi e Capelletti, "Juan Lazarte. Militante Social, Médico Humanista". Em: *Reconstruir* n° 41, 1964. Claro que os autores escondem piamente o passado anarco-bolchevique de Lazarte, característica que invariavelmente será aplicada a todos aqueles que voltaram à ortodoxia. Difícilmente no Río de la Plata exista um movimento mais "negado" pela historiografia social e a memória que o destes anarco-bolcheviques.

alguns estudantes universitários como Lazarte, Di Filippo e um núcleo de estudantes de medicina de Rosario -que em colaboração com Suárez, instalaram um "Soviet" durante breves dias na Prefeitura e nos hospitais públicos e privados dessa cidade- participaram tanto da Reforma Universitária como das organizações que, na época, apoiaram à Revolução Russa na região.⁵⁰

Luis Di Filippo (Santa Fé 1902 - Santa Fé, 1994) foi o mais jovem de nossos protagonistas e o único que podemos entrevistar. Era, acima de tudo, professor de literatura e escritor. Já falamos da sua participação na Reforma Universitária do 18. Também participou, como estudante, dos Congressos operários da FORAC na província de Santa Fé. Em 1924, foi enviado pela Aliança para Europa para defender o prestígio da mesma nos foros anarquistas do velho continente, especialmente na A.I.T. de Berlim. Passou pela Espanha, França e Holanda em companhia de Rolando Martell -pseudônimo de Ramón Martínez Franco, poeta e operador de cinema- porém não conseguiu chegar a Moscou por falta de recursos econômicos.

Por último, queremos contribuir com alguns dados sobre a vida de Orestes Ristori (Empoli, Itália, 1874 - Roma, 1943).⁵¹ Militou no anarquismo italiano na sua juventude e foi condenado à prisão sob a acusação de ter incendiado o edifício municipal da sua cidade nativa, Empoli. Em 1901, foi liberado e provavelmente chegou à Argentina no ano seguinte. A causa da sua participação ativa nas greves gerais de Buenos Aires, foi um dos 67 expulsados do país entre novembro de 1902 e fevereiro do ano seguinte.⁵² Em 1904, o encontramos em São Paulo, Brasil, como editor de *La Battaglia* (1904-1912) e, em junho de 1917, volta a Buenos Aires sob o pseudônimo de César Montemayor.⁵³ Entre 1917 e 1919, foi colaborador regular de *La Protesta* e, em 1918, começou a editar o semanário anticlerical *El Burro*, fechado, como veremos, junto com *Bandera Roja* e *La Protesta*, em maio de 1919. Outra vez Ristori foi expulso do país para Montevideu e, em 1928, novamente encontra-se em São Paulo. Em 1936, vai para Espanha e volta a Empoli em 1940. Capturado, em 1943, é fuzilado o dia 2 de dezembro daquele ano em Roma, aos 69 anos de idade, em represália às ações dos partisanos antifascistas

Muito mais difícil do que relatar algumas particularidades da vida dos lideranças e escritores do grupo, é visualizar aos dirigentes gremiais e as suas bases sociais. Alguns líderes sindicais são figuras famosas, mas sobre outros -com exceção dos seus nomes e grêmios-

⁵⁰ Ver, *El Comunista*. 12.2.1921. Durante a greve geral rosarina de Fevereiro de 1921, em apoio às lutas no Norte de Santa Fé, por parte dos trabalhadores de La Forestal, em contra do *lockout* dos empregadores e contra a administração do prefeito de Rosario, Francisco Schlezinger, a Federação Universitária Rosarina aderiu à ocupação da Municipalidade e aos hospitais da cidade, promovida por um grupo de estudantes, de medicina, entre os quais estavam Felipe Morales, Armando Roche, Luis Tafalla, Ricardo Saturnino, Francisco Gianini, Clodomiro Ricard, Lorenzo Biamino, Adolfo Gómez, Telémaco Georgiadis, José M. Dumas, Carlos Chaminaud, Francisco Schor, Carlos Ábalos, Carlos Stemberg, Ricardo Chaminaud, Manuel Martínez, Antonio Oliva e Antonio Ferreyra eram. Estes estudantes emitiram uma série de Ordenanças nas quais destituíram o prefeito da cidade por um Soviet dirigido por Carlos Chaminaud com assessoria letrada de nosso conhecido Jesús M. Suárez. Stemberg foi nomeado diretor do Hospital Rosarino; Ricardo Chaminaud, Diretor do Hospital Carrasco, com faculdades amplas para separar de suas funções, às *Irmãs tituladas da Caridade*; J. M. Dumas ficou na frente do Hospital Centenário e o coitado de Georgiadis, teve que se conformar com a direção do Sifilocômio Municipal.

⁵¹ Ver, Luigi Biondi. *La Stampa Anarchica Italiana in Brasile, 1904-1915*. Università degli Studi di Roma "La Sapienza", 1993-94. (Tesi di Laurea). Ver, da página 58 em diante.

⁵² Ristori, saltando do navio em Montevideu, teve o infortúnio de fraturar uma perna. porém, tirou proveito da sua internação no Hospital, convertendo à "Idéia" ao médico que o assistiu, o Doutor Lelio O. Zeno, de longa militância social no Rio de la Plata.

⁵³ De acordo com Biondi, este pseudônimo vem da região de Montemaggiore, Itália.

possuímos só informações esporádicas pelas suas intervenções nos congressos operários do FORAC e da USA ou pela sua atuação nos movimentos grevistas. Entre os dirigentes sindicais, já mencionamos as figuras de Rosales e Vidal Mata. Ora, uma das figuras destacadas na vida militante e gremial era Alejandro Silveti, (Lage, Galícia, 1889 - Buenos Aires, 1960) pessoa que, apesar do seu nome italiano, tinha nascido na Espanha como Manuel Fandiño. Chegou a Buenos Aires em 1905, quer dizer aos 16 anos. Deportado pela sua militância forista em 1909, volta para o ano seguinte ao país com os documentos de Manuel Campos. Expulso novamente, desembarcou, clandestinamente em Santos. Permaneceu alguns anos em São Paulo como Alejandro Alba e lá vinculou-se a Orestes Ristori, Alessandro Cherchiai e Gigi Damiani na redação de *La Battaglia*. Em 1914, tornou-se Francisco Benitez, cidadão uruguaio e, em Montevideu, contactou-se com Jesús María Suárez. Novamente no Brasil, Astrogildo Pereyra conseguiu um emprego para ele no Ministério de Agricultura. Com Pereyra editou *Na Barricada*, nos porões desse Ministério, junto com Fábio Luz, Correia Lopes e José Oiticica. Ao mesmo tempo, foi correspondente de *La Protesta*. Ainda durante a Guerra, residiu em Rosario para colaborar em *La Rebelión* e depois -como Alejandro Alba ou Alejandro Silveti- foi editor de *Bandera Roja*, *El Comunista* e *El Trabajo*. Em março de 1922 foi escolhido como o primeiro secretário da USA. Porém, no ano seguinte, não participou da fundação da Aliança Libertária Argentina e, ao contrário, se transformou no principal opositor a influência da Aliança, do Partido Comunista e de outros agrupamentos extra-sindicais na vida interna da central operária. Entre os líderes anarco-comunistas, Silveti foi o primeiro que, após 1921, entrou no sindicalismo. Consideramos que a desmobilização ideológica da década do 20, não foi alheia a esse fenômeno.

O grupo que tentamos descrever brevemente por meio de suas lideranças, apresenta uma característica cosmopolita tanto quanto à sua origem quanto à sua passagem por regiões diferentes da Europa e América. Também chama a atenção o fato de que muitos dos líderes já possuíram uma extensa tradição militante que em alguns casos, afundava suas raízes nos fins do século de XIX; esse era o caso de Ristori, Quiroule, Locascio, Torralvo ou Pedro Casas. Não obstante esta afirmação para 1919, havia também um setor de anarquistas jovens que começara a sua militância na época da Revolução Russa, da Reforma Universitária e das experiências das lutas sociais, específicas do período. Por exemplo, entre as lideranças da FORAC estavam Antônio Abílio Gonçalves, um português do Minho, Sebastián Ferrer e os estudantes universitários Juan Lazarte e Luis Di Filippo. Porém, a geração que hegemonizou o movimento era a que -nos começos da década dos 20- estava chegando aos 40 anos. Muito em geral poderia-se afirmar que o perfil do setor simpatizante da Revolução Soviética era bastante semelhante ao dos militantes anarquistas da FORAC: um perfil de um propagandista devotado completamente à difusão do Ideal, e entre as suas bases encontravam-se muitos imigrantes sobretudo os espanhóis.

No curso deste trabalho veremos como categorias de trabalhadores como os marceneiros, construtores navais, portuários e jornaleiros agrícolas, responderam de um modo positivo à convocação dos organizadores sindicais como Vidal Mata, Ferrer ou Gonçalves. Porém, é quase impossível avaliar o número e visualizar com clareza a face humana desses trabalhadores que optaram por seguir este perfil de líderes sindicais. Achemos importante assinalar aqui que deveriam ser evitadas, dentro do possível, duas posições extremas: de um

lado, as bases não necessariamente têm que compartilhar o mundo de representações de seus líderes. A metáfora do *iceberg*, em que a parte submersa é do mesmo material e qualidade que a que emerge na superfície, não ilustra, a nosso ver, a correlação entre líderes e afiliados ou simpatizantes. Por outro lado, a tese contrária também nem sempre é a verdadeira. Acreditamos que a pesquisa histórica deveria encaminhar-se a procura de possíveis respostas à questão de por que e como, em certas épocas e condições sociais, certos grupos aceitam um determinado perfil de líderes. Não é suficiente verificar possíveis assimetrias entre os líderes e suas bases. Neste sentido, um artigo de Ruth Thompson sobre as limitações da influência ideológica no anarquismo argentino, não oferece uma interpretação esclarecedora, enquanto não explica os motivos que tinham os trabalhadores para ingressar à FORA anarquista, já que existiam outras opções possíveis.⁵⁴ Se ficasse comprovado que antes da Crise de 30, os líderes gremiais costumavam ser mais revolucionários e ideologizados do que as massas, teríamos que explicar porque as massas, nos períodos como o Triênio Vermelho, 1919-1921, não rejeitavam esse radicalismo da liderança operária, sempre que esta mantivera sua estratégia de combinar objetivos utópicos com outros mais imediatos e materiais.

⁵⁴ Ver, Ruth Thompson. "Limitations of Ideology in the Early Argentine Labour Movement: Anarchism in the Trade Unions, 1890-1920". Em, *Journal of Latin American Studies*, 16, 1983. Válido resulta, naturalmente, o alerta que não todo afiliado forista era um militante anarquista e, menos ainda, assumir como verdadeira a convicção de que o proletariado argentino, nas primeiras duas décadas do século foi, sua maior parte, anarquista nas idéias ou nas práticas

CAPÍTULO II. A REVOLUÇÃO RUSSA NA REGIÃO DO RÍO DE LA PLATA, 1917 -1919

2.1 NOTÍCIAS DE PETROGRADO

Considerar a Revolução Russa e o Bolchevismo como entidades em si e não como figurações históricas, ou seja, esgotar, historicamente neles o comunismo, é um erro. O comunismo é, antes, o socialismo revolucionário que surgiu com a ruptura do equilíbrio que se conservava na Europa antes da Guerra.⁵⁵

A construção historiográfica do socialismo real e da sua versão anticomunista antagonica, -e não só eles- apresentaram algumas coincidências enquanto às interpretações respectivas acerca da Revolução Russa. Ambas apresentaram a tendência de considerar este evento fora do seu contexto, tratando-o como um fenômeno histórico auto-sustentado, isolado da sociedade e do processo em que foi gerado, quer dizer, com independência de uma análise da sociedade russa, ainda principalmente agrária, e, a partir de 1914, profundamente desestabilizada pela Primeira Guerra Mundial. Também ambas versões reduziram muito a Revolução ao protagonismo do grupo encabeçado por Lenin e à aplicação histórica das Teses de Abril e eles também tenderam a considerar a sua influência em outros países de uma forma trans-histórica, que não levou em conta as experiências concretas das formações sociais européias, americanas ou asiáticas, entre as quais se procuravam produzir as mesmas mudanças que as operadas na Rússia. A frase de Morandi, mencionada na epígrafe, clarifica bem esta idéia.

Uma outra tendência, normalmente compartilhada por essas análises prévias à década dos 40, consiste em atribuir aos protagonistas -classes, agrupamentos, partidos políticos ou sindicatos- ideologias e práticas inalteráveis no tempo e sem contradições. Neste trabalho tentaremos demonstrar que a Guerra Mundial, as suas seqüelas em diferentes países e outros eventos históricos da segunda e terceira década do Século, operaram mudanças profundas, não só nas classes trabalhadoras e nas organizações de defesa, mas também nos meios e setores dominantes.⁵⁶ Demais está dizer que os laços de solidariedade e o arco da recusa a favor e contra a Revolução Russa se estabeleceram em forma diferenciada, não só de acordo a países e classes sociais, mas também no interior das classes, partidos e sindicatos. Por exemplo, não existem muitas evidências de que nas regiões argentinas onde a imigração não tinha tido peso

⁵⁵ N. Morandi, mencionado por Aldo Agosti em, "As Correntes Constitutivas do Movimento Comunista Internacional". Em, Eric Hobsbawm, *História do Marxismo. Vol. 6*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 46.

⁵⁶ Por exemplo, não só as mudanças operadas no anarquismo e no socialismo do Rio de la Plata, são patentes, mas também as operadas em outros setores da sociedade. Se lêssemos, atentamente, *La Nación*, durante e depois do Triênio Vermelho, poderíamos observar que, em 1919, a publicação dos Mitre deixou de lado seu liberalismo elegante para se tornar o porta-voz da Liga Patriótica Argentina.

ou nas estâncias pampeanas de gado, os eventos europeus tiveram uma repercussão significativa até o grau de mudar as práticas sociais dos trabalhadores dessas regiões. É mais, a Liga Patriótica planejou armar ao proletariado rural *criollo* das fazendas pecuaristas afim de combater ao maximalismo urbano e rural, sinal inequívoco de que as chamadas *idéias extremas* tiveram pouco impacto nesse tipo de trabalhadores.

Embora a advertência pudesse parecer banal, quando analisamos a recepção dos eventos russos no Rio de la Plata, não deveríamos nos esquecer de que se tratava de um processo histórico em evolução e ninguém sabia que inflexões se operariam e em que ponto poderia terminar aquele processo. Não só se trata de descobrir os erros de interpretação em que incorreram os europeus e americanos, mas de analisar, cuidadosamente, as mudanças contínuas operadas na Revolução Russa, a partir de 1917. Além disso, a Revolução não seguia por caminhos previamente determinados. Nem Lenin, nem Trotsky, nem Stalin construíram uma sociedade nova de acordo com um receituário -inexistente- de Marx e Engels. Fevereiro, julho e novembro de 1917 abriram as portas a possibilidades múltiplas para que atores sociais diferentes respondessem, de acordo com as suas peculiaridades, dentro das limitações oferecidas pelas circunstâncias históricas. Era a época em que surgiu o desejo da realização das utopias e cada grupo social fez suas próprias projeções para realizar essas sociedades futuras. Consideramos que o resultado final foi um paralelogramo de forças, coeficiente das opções tomadas pelos grupos e pessoas com poder e dispostos a utilizá-lo.

Ante as dificuldades para entender o que estava acontecendo na Rússia, nada mais *científico* que recordar as revoluções conhecidas do passado. Aqui os pensadores marxistas e liberais inclinaram-se a compará-la com a Revolução Francesa, enquanto os anarquistas lembraram-se daquela outra Revolução -agora tão esquecida- a que tinha acontecido fazia menos de 50 anos, a Comuna de Paris. De acordo com o padrão escolhido, a Revolução foi interpretada em forma determinista ou como uma obra, quase exclusiva, da vontade humana.⁵⁷

Com anterioridade a 1917 poucos europeus e americanos -nem sequer as esquerdas- conheceram Lenin, Trotsky ou outro dos principais protagonistas de Outubro. Eles, na verdade, tinham sido alguns dos tantos exilados russos de Bruxelas, Paris, Londres, Genebra ou Nova Iorque, divididos em grupos pequenos fortemente ideologizados e com tendência para o sectarismo. Ao lado disto, poucos se preocuparam com eles e, de acordo com Hobsbawm, quando antes de 1914 falava-se em "revolucionários", pensava-se, em primeiro lugar, nos anarquistas ou nos social-revolucionários de esquerda e dificilmente nos bem comportados social-democratas. O fato de que os social-democratas russos operassem na clandestinidade não era muito considerado no ocidente, já que a ilegalidade era um território próprio de anarquistas, nihilistas e social-revolucionários de esquerda. No caso dos socialistas, está claro que as figuras de Kautsky, Bernstein, Jaurès, Guesde, Labriola ou Ferri, se conheciam bem

⁵⁷ Interpretar o ignorado a partir do conhecido levou a algumas considerações particulares. Por exemplo, tentaram descobrir quem, na Rússia, exerceria os papéis de Robespierre, Danton ou Napoleão. Deste modo Kerenski foi travestido de Danton, enquanto, para Lenin foi reservado o papel do jacobino Robespierre; Trotsky -na sua qualidade de Chefe do Exército Vermelho- foi considerado como um candidato firme à figura de Napoleão, o executor da Reação termidoriana. A tudo isso, Stalin -de perfil baixo- passava inadvertido aos olhos dos críticos ocidentais. Aliás, o mesmo Lenin disse, em março de 1921 durante a repressão à base naval de Kronstadt, *Isto é Termidor*. Ver, Víctor Serge. *Memórias de um Revolucionário*. 1901-1941. S.P., Companhia das Letras, 1987.

melhor que as de Lenin e Trotsky. E a mesma coisa pode ser afirmado para Malatesta, Fabbri, Grave, Faure, Kropotkin, Seguí e Sorel.

Levando em conta essas considerações, se desprende a necessidade de analisar o impacto da Revolução Russa no Rio de la Plata, não só nas formas em que as notícias chegaram para estas plagas, mas no modo em que essas informações foram acolhidos pelos diferentes grupos sociais. Queremos dizer com isto que aqui não há só distância e falta de informação, mas também, e não em último lugar, a especificidade histórica de cada sociedade, a qual lhe concedia significados altamente diferenciados, a partir do mundo de suas experiências. Deste modo as Notícias de Petrogrado eram filtradas pelo desejo e a distância.⁵⁸

É uma pena que Marc Ferro não incluiu em seu trabalho -que analisa o impacto da Revolução Russa no Ocidente- o continente americano.⁵⁹ De qualquer maneira, muitas das suas reflexões referentes à Europa Ocidental e Central, também são aplicáveis à região do Rio de la Plata, dada a grande imigração de italianos, espanhóis e de judeus provenientes do Império dos Czares.⁶⁰

Antes de nos devotarmos à análise do caso da nossa região, queríamos comentar, brevemente, alguns aspectos da recepção da Revolução Russa na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, tanto para efeitos de comparação como pelo fato de que muitas notícias chegaram ao confim meridional da América do Sul filtradas pelos canais de comunicação do Ocidente europeu. Sobretudo na Europa, notaremos que a atitude assumida na frente do evento russo por parte dos diferentes setores sociais, entre eles os trabalhadores, dependeu, em grande medida, da situação de cada país no contexto da Guerra Mundial. Embora existissem pequenos núcleos de socialistas zimeraldianos, e os militantes anarquistas geralmente eram contrários a toda guerra, a grande maioria da população, influenciada pelos aparatos ideológicos dos seus estados respectivos, esperava que a causa de seu país fosse a vencedora. Primeiro era necessário vencer o inimigo da nação ameaçada e depois começaria a tarefa da transformação social. Esse estado de espírito nos povos combatentes durou pelo menos até 1917, quando começaram a emergir algumas rebeliões nas fileiras dos exércitos de França, Alemanha, Itália e outros países, para não falar da Rússia, onde aquele processo que minava o sentimento nacional, tinha começado no primeiro ano da guerra, ou seja em seguida as grandes derrotas e carnificinas.

Na França, por exemplo, a Revolução de Fevereiro foi recebida com entusiasmo na convicção de que a Rússia, como república democrática, colaboraria de um modo mais efetivo para a derrota alemã do que tinha feito o Império corrupto dos Czares. Mas, a partir de

⁵⁸ A expressão, *distância e desejo* pertence a Meaker. A citação completa é: *Com a sua visão obscurecida pela distância e o desejo, os homens de Tierra y Libertad, sentiam com certeza que a revolução bolchevique era um evento Anarquista.* Gerald Meaker. *The Revolutionary Left in Spain, 1914-1923.* Stanford University Press. 1974, p. 103.

⁵⁹ Marc Ferro. *O Ocidente diante da Revolução Soviética A História e seus Mitos.* S.P., Brasiliense, 1984.

⁶⁰ Embora os italianos superassem em número aos espanhóis, estes últimos, de imigração mais recente, começaram a dominar nos setores anarquistas e anarco-sindicalistas do Rio de La Plata, a partir de 1910. Além disso, a partir daquele mesmo ano, a Confederação Nacional de Trabalhadores - a poderosa central sindical espanhola- dominada pelos anarco-sindicalistas, constituiu sempre uma referência poderosa para a esquerda apolítica da região com uma maior influência que, por exemplo, as centrais sindicais italianas.

novembro de 1917, o cidadão francês começou a perder cada vez mais o interesse pela questão, pois era evidente que o novo regime bolchevique não procurava continuar o conflito bélico.⁶¹

Na França a queda de Kerensky já não chegou a ser notícia importante na grande imprensa, nem mobilizou a opinião pública e ninguém percebeu a importância da insurreição de Outubro.⁶² Por outro lado, na Alemanha e na Europa Central deu-se o efeito completamente inverso: Fevereiro encheu os alemães e austríacos com apreensões com respeito à evolução futura da Guerra, enquanto que Outubro enchera a esquerda e os belicistas de entusiasmo.⁶³ Exatamente um ano depois, em novembro de 1918, a esquerda alemã, inspirou-se na Revolução Russa para transformar a derrota na frente militar em uma vitória social. Mas, apesar das diferentes experiências revolucionárias -tais como a República Socialista da Baviera- a Rússia esperou em vão pela vitória definitiva dos espartaquistas alemães até que, depois do *putsch* fracassado de Berlim, em 1920, já poucos continuaram acreditando em uma vitória socialista a curto prazo, na Alemanha ou no mundo. Os corpos francos e os partidos políticos, encabeçados pela Social-Democracia, puseram fim ao maximalismo subversivo alemão.

De acordo com Ferro, Itália era o país onde a Insurreição de Outubro era melhor compreendida, naquele novembro de 1917; foi percebido que na Rússia o poder passou dos meios políticos para os comitês de trabalhadores e para o campesinato.⁶⁴ Novamente, devemos nos localizar no contexto dramático da Guerra. Itália entrou, tardiamente, em guerra contra os Impérios Centrais, sobretudo por causa da sua velha rivalidade contra Áustria. Exatamente duas semanas antes do estouro da Revolução em Petrogrado, tinha sofrido uma derrota severa em Caporetto: foram presos quase 300.000 soldados italianos, outros se dispersaram, muitos se rebelaram. Certamente, a situação bélica apresentava algumas semelhança com a Rússia. Também na frente industrial de algumas cidades do Norte da Itália, a situação peninsular ofereceu semelhanças com aquele país. Não era inconcebível que, ao ruir os sonhos nacionalistas de uma brilhante vitória militar, os trabalhadores se voltaram para objetivos classistas. Isto é, exatamente, o que tinha acontecido na Rússia. Aparte disto, a Itália tinha lideranças de esquerda de uma lucidez extrema, capacitados para dirigir uma revolução: Malatesta, Fabbri, Labriola, Bordiga e Gramsci. Turim bem poderia se transformar em Petrogrado.

Mas fora de Petrogrado e Turim, existiam outras cidades e regiões no mundo onde a situação era tal que uma revolta popular não era inconcebível. Já mencionamos o caso de Berlim, mas ainda estava Barcelona, o campo andaluz, Budapest e na longínqua América havia

⁶¹ Por outro lado, Víctor Serge escreveu que os operários parisienses, em novembro de 1917, se mostraram exasperados pela direção inesperada que levou a Revolução Russa: *De início, tinham-na saudado com júbilo; depois, impusera-se a eles a idéia de que os problemas e as reivindicações "maximalistas", como se dizia, enfraqueciam o exército russo.* Víctor Serge, *op. cit.* pág. 79. Víctor Serge - na realidade, Víctor Lvovich Kibalchiche. 1890-1947 -russo nascido em Bruxelas, era um anarquista que havia militado na França e Espanha. Em 1917, vai para a pátria dos seus pais a colaborar com Lenin, Trotsky e Stalin até, depois de vários encarceramentos, poder deixar a União Soviética, em 1936 Como veremos mais tarde, Serge não era um estranho para os libertários do Rio de la Plata da década dos 20. Já em 1917, *La Protesta* publica um artigo dele sobre a Revolução Russa à qual seguirão outros. Como dominava bem o espanhol, os viajantes latino-americanos entravam em contato com ele, e até tomava chimarrão com eles, vício adquirido por Serge na Espanha.

⁶² Ver, Marc Ferro. *op. cit.* p. 34.

⁶³ *Ibidem*, pág. 36.

⁶⁴ *Ibidem*, pág. 35.

as grandes perturbações em São Paulo, Rio de Janeiro e Montevideu e -no começo do armistício europeu- os conflitos começaram em Buenos Aires.

Quanto à Espanha, grandes regiões dela não ficavam atrás das do Norte de Itália, com o anarco-sindicalismo da CNT, firmemente estabelecido em importantes regiões do país e com práticas terroristas -resultantes de um irredentismo regional e social- bem parecidas às da Rússia. Outra semelhança entre as duas sociedades residia no fato de que, enquanto a sua *intelligentsia* de esquerda não representasse uma produção teórica destacada, grande parte do proletariado urbano e rural, estava disposto a por em prática certas convicções teóricas, fenômeno que nem sempre acontecia em países como a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Argentina ou o Uruguai. Com a prudência devida, poderia afirmar-se também que a experiência de uma tradição milenarista, estabelecia um outro laço entre Espanha e Rússia. De acordo com Gerald Meaker, a forma como emergiu a ordem social bolchevique, estabelecendo centenas de conselhos em toda a Rússia, causou um impacto muito favorável nos círculos anarquistas de Barcelona e, inevitavelmente, os anarquistas lembravam-se das comunidades autônomas de Bakunin.⁶⁵

Evidentemente as notícias sobre a Revolução Russa não caíram, na Espanha, em um vazio de experiências próprias. À metade daquele ano de 1917, tinha-se realizado uma greve geral que galvanizou a população rural e urbana. Em vastas regiões do país -tais como Andaluzia, Navarra e Aragão- a miséria só igualava-se à fome pela possessão da terra. Desse modo, as notícias que falavam da distribuição da terra na Rússia, do pacifismo radical - Espanha se encontrava em uma guerra colonial com o Marrocos, guerra extremamente impopular- e da instalação dos conselhos de trabalhadores, soldados e camponeses, não puderam deixar de causar uma profunda impressão nos espanhóis. Por outro lado, Pelai Pagés nos faz lembrar que 1917 havia sido o ano das Juntas Militares de Defesa, da Assembléia dos Parlamentares e da Greve Geral em agosto; movimentos que puseram em perigo os fundamentos políticos da monarquia e a própria estabilidade do regime político espanhol.⁶⁶

Está claro que na Espanha, na Alemanha e em outros países europeus, a assimilação da Revolução Russa conheceu, entre as esquerdas, um percurso muito diferenciado. O socialismo parlamentar -especialmente em países como a França e a Alemanha onde tinham abdicado do antimilitarismo para reforçar a *Union Sacrée*, votando os créditos de guerra- não podia considerar, sem grande ambigüidade, a saída de Rússia da Guerra e a uma Revolução, aparentemente, tão "anárquica" ou "social-revolucionária". De acordo com Ferro, o mito da Revolução Russa, anunciador da Paz Universal, ia se transformando, para os socialistas, em uma verificação amarga: *a da paz em separado*.⁶⁷

Embora estamos acostumados a ver os Estados Unidos como uma sociedade radicalmente diferente às latino-americanas como a Argentina, o Uruguai, partes do Brasil ou outros países do Continente, as semelhanças sociais, freqüentemente, são mais importantes que essas que, geralmente, aparecem nos trabalhos historiográficos. Nos encontramos frente a sociedades transplantadas -não só da Europa mas também da África- e as correntes imigratórias ofereciam, no começo do Século XX, a força de trabalho para as atividades mais dinâmicas em

⁶⁵ Ver, Gerald Meaker. *op. cit.* p. 104.

⁶⁶ Ver, Pelai Pagés. *Historia del P.C. de España*. Barcelona, Ed. Ricou, 1978, p. 16.

⁶⁷ Ver, Marc Ferro. *op. cit.* p. 36

idades como Chicago, São Paulo ou Buenos Aires. Existiam, então, alguns termos comparáveis, o que não nos deveria levar a insustentáveis extrapolações. A agricultura em algumas regiões dos Estados Unidos apresentava mais semelhanças com a do Pampa Úmido que ambas com a da Velha Europa. Não só existia em ambas regiões uma mecanização avançada, mas também o perfil do trabalhador, do *hobo harvester*, e do *linyera* ou *golondrina*, oferecia características comuns, refletidas também nas suas práticas de resistência e opções sindicais. Postulamos que as práticas *foristas* do Rio de La Plata se assemelhavam bastante às dos Trabalhadores Industriais do Mundo, quanto a seu internacionalismo, a priorizarão das lutas pela *Idéia* antes que aquelas por melhorias materiais -por exemplo a luta pelo *Free Speech* dos *wobblies*, ou a pela liberação dos prisioneiros sociais dos *foristas*. Quanto à atitude dos governos e das classes dominantes para com a classe trabalhadora, tanto contra a I.W.W. como contra a FORA, soltaram uma repressão estatal e para-estatal sendo que a burguesia, em ambas regiões, levou vantagem sobre a histeria anti-bolchevique para tentar suprimir qualquer movimento de rebelião ou de reivindicação, já fora no campo ou na cidade.⁶⁸ Por exemplo, as leis que permitiram nos Estados Unidos e na Argentina expulsar os estrangeiros indesejáveis pareciam-se em demasia para não chamar a atenção. Trata-se em ambos os casos de combater aquela perigosa primeira geração de imigrantes, alienada da sociedade onde tinha emigrado. Também o desenvolvimento do nacionalismo nas escolas, igrejas e até nas fábricas, -a americanização ou argentinização da sociedade- era um instrumento para conjurar o fantasma das ameaças exóticas de anarquistas, maximalistas ou de agitadores profissionais.⁶⁹

Uma região sempre interessante para ser comparada com o Rio de la Plata é sem dúvida, o Centro-Sul do Brasil. Em geral, a historiografia brasileira que se refere aos eventos que estamos analisando, só começa a mostrar um real interesse quando, em 1922, é fundado o "verdadeiro" Partido Comunista e quando se produz a primeira de uma série de levantes tenentistas, do gênero que, na década dos 30, levaria a III Internacional a experimentar a Revolução Armada no Brasil. O período entre 1917 e 1921 é visto como o tempo que os líderes anarquistas e os jovens oficiais das forças armadas precisaram para poder "entender o verdadeiro significado da Revolução Russa e da III Internacional".⁷⁰

⁶⁸ De acordo com Melvyn Dubovsky, o *hobo wobbly* -o jornaleiro rural afiliado à I.W.W.- causou, na burguesia americana, um tal pânico que não podemos deixar de esquecer o medo aos maximalistas em Buenos Aires ou para com os "bandidos rurais" de Santa Cruz na Patagônia. O autor menciona uma frase de Lewis I. Gannett que mostra pateticamente como o *establishment* americano via ao *hobo*: *Cruéis, a favor dos alemães, ou bolcheviques, incendiários de colheitas e campos (...) opostos à guerra e sabotadores de fábricas de munições -verdadeiros super-homens, com um poder sobre-humano para fazer o mal- onipresentes e quase onipotentes*. Melvyn Dubovsky. *We Shall Be All. A History of the I.W.W.* Nova Iorque, Quadrangle/The New Yorks Times Books, 1969, p. 16.

⁶⁹ Se comparamos o famoso Julgamento de Chicago -abril/ agosto de 1918- contra 113 *wobblies* com os julgamentos aos propagandistas de idéias anárquicas na Argentina, vêm à memória as reflexões de E. P. Thompson de *Whigs and Hunters*. Aquele Julgamento de Chicago, quando não podendo comprovar crimes reais, condenou à maioria dos incriminados a penas severas pelo crime de publicar idéias subversivas e até por opiniões expressas na sua correspondência privada. Para crimes semelhantes -ou seja, a propaganda de idéias dissolventes- também os anarquistas, anarco-bolcheviques e comunistas foram condenados na Argentina, com fundamento jurídico na Lei de Defesa Social de 1910. Porém, na Argentina as penas impostas por estes "crimes" foram menores que nos Estados Unidos -um máximo de 6 anos, os quais, de fato, dificilmente chegavam a 3. Mas, por outro lado, a repressão ilegal, com centenas de prisioneiros fuzilados, foi uma prática aplicada pelas forças armadas argentinas em conivência com o Governo radical, como demonstrou Osvaldo Bayer.

⁷⁰ Nesse contexto, localizam-se Moniz Bandeira et alii. *O Ano Vermelho*. S.P., Brasiliense, 1978; e Eliecer Pacheco. *O Partido Comunista Brasileiro, 1922-1965*. S. P., Ed. Alfa-Ômega, 1984. Moniz Bandeira e seu micro soviète tropical, no capítulo "Dez Dias que abalaram o Mundo", tenta descrever como era a recepção, no Brasil,

Como na Espanha, Itália e Argentina, no Brasil o período da Guerra foi caracterizado por uma sucessão de graves conflitos sociais que não podem ser descritos como simples reações dos acontecimentos russos, mas, em primeiro lugar, eram o produto da crise econômica que se manifestava no aumento do custo de vida, na defasagem entre preços e salários, no elevado índice de desemprego e, como uma variável especificamente brasileira, a falta de direitos políticos, civis e sociais. Todos esses fatores estavam, por exemplo, na base da greve geral de São Paulo em meados de 1917.

Vejamos a opinião de um dos organizadores do Comitê de Defesa Proletária. Estamos nos referindo ao conhecido anarquista de São Paulo, Edgar Leuenroth:

*A carestia do indispensável à subsistência do povo trabalhador tinha como aliada a insuficiência dos ganhos; a possibilidade normal de legítimas reivindicações, de indispensáveis melhorias esbarrava com a sistemática reação policial: organizações dos trabalhadores eram constantemente assaltadas e impedidas de funcionar.*⁷¹

Poderíamos fazer a seguinte pergunta: Em que grau a Revolução Russa e a influência da III Internacional mudaram o curso da história social dos trabalhadores brasileiros? Consideramos que este não é o lugar apropriado para responder a esta questão, mas a análise do caso do Rio de la Plata talvez a ilumine. A propósito, e voltando ao *leitmotif* deste capítulo, toda a influência é condicionada pelas especificidades das sociedades receptoras.⁷²

Quanto aos governos ocidentais e, em especial, os das nações em guerra, tentaram em todo o momento apresentar as notícias de Petrogrado de acordo com as conveniências das suas estratégias bélicas e suas políticas internas de controle social. Marc Ferro afirma que, em 1917, os governos e as classes dirigentes não tinham cessado de mentir sobre a Rússia. Começaram a apresentar a revolução como uma vitória dos aliados sobre um clã pró-alemão. Depois ocultaram a desintegração do exército do antigo regime; mais tarde divulgaram o boato de que Lenin e os bolcheviques eram agentes alemães. Finalmente, anunciaram -não uma, mas inumeráveis vezes- a derrota dos vermelhos e a vitória dos brancos.⁷³ Por outro lado, as numerosas publicações em russo que apareciam na Europa Ocidental e Central, na sua maioria

dos eventos russos mediante as notícias das agências "Havas" e "Americana". Não falta nessa explicação as teorias conspiratórias e as citações autoexplicantes, como se a tesoura já não tivesse feito os recortes prévios. Resumindo esta história, em 1917, tanto no Brasil como no Rio de la Plata, não foram feitas diferenças entre maximalistas, bolcheviques e anarquistas. Como em outras partes do mundo, os aliados brasileiros consideraram os bolcheviques como instrumentos manipulados por agentes alemães.

⁷¹ Mencionado por Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall. *A Classe Operária no Brasil, 1889-1930. Vol. I.* S.P., Alfa-Ômega, 1979, p. 227.

⁷² Os líderes da III Internacional não ignoravam esta afirmação e, permanentemente, faziam diagnósticos econômicos, políticos e sociais, para avaliar as possibilidades da expansão da Revolução Mundial. As dificuldades nas suas interpretações estavam, sobretudo, na aplicação de uma matriz teórica de um grosseiro marxismo vulgar. Por outra parte, antes de 1928, pouco interesse foi mostrado pelas sociedades americanas, continuando, assim, uma tradição já inaugurada pelo próprio Marx. A isto ainda foi somada a falta de lucidez dos líderes americanos destacados em Moscou. Em geral, lendo avaliações do Comintern, se tem a impressão de que a realidade sempre se submete à teoria e que poucos elementos históricos eram necessários para extrair grandes generalizações teóricas e políticas.

⁷³ Mar Ferro. *op. cit.* p. 54-55.

anti-bolcheviques, divulgaram todo tipo de notícias e versões sobre os eventos revolucionários.⁷⁴

Tudo isso nos conduz a pensar que as diversas interpretações sobre Revolução Russa no Rio de la Plata, longe de constituir uma exceção, formava parte do panorama geral de Ocidente. Aliás, Argentina e Uruguai, apesar da sua distância geográfica da Rússia, tiveram, como a França e os Estados Unidos, uma vantagem: encontrava-se na sua sociedade uma numerosa comunidade de russos e poloneses, os quais não só dominavam o russo e o *yiddish*, mas estavam também muito interessados em saber o que acontecia nas suas regiões nativas. Embora não existam evidências de que muitos judeus rioplatenses tenham voltado para a Rússia, a partir de 1917, sabemos da imensa felicidade que invadiu essas comunidades de Buenos Aires, Rosario ou Montevideu, quando foi conhecida a queda do czarismo dos pogroms anti-semiticos.⁷⁵ É necessário enfatizar aqui que a presença hebréia nos movimentos socialistas e anarquistas do Rio de la Plata era muito importante. Também o seria depois no Partido Comunista, embora, de fato, eles não dirijam a sua estrutura. Durante aquele tempo foi publicado em Buenos Aires, o semanário *Golos Truda*, órgão da Confederação de Organizações de Trabalhadores Russos na América do Sul, de filiação libertária.⁷⁶

Para encerrar esta aproximação geral ao impacto da Revolução Russa na Europa e no Extremo Ocidente: apesar da ação dos governos, dos cabos burgueses, da distância geográfica do teatro dos acontecimentos e que o desejo da realização de uma utopia revolucionária embaçasse uma visão clara dos eventos, acreditamos que isto foi bastante exagerado na historiografia convencional. Não foi necessário esperar o aparecimento de *Retorno do U.R.S.S.* (1936), de André Gide; *O Zero e o Infinito* (1939), de Arthur Koestler ou os Processos de Moscou (1936-1938); e menos ainda Invasão de Budapest, 1956, para descobrir, pelo menos em linhas gerais que algo havia de podre no Reino de Dinamarca. O regime de terror que grassou na Rússia a partir do começo mesmo da Revolução não era completamente desconhecido para os contemporâneos como comumente se presume. Desde 1920 começaram-se a publicar artigos, folhetos e livros sobre praticamente tudo o que acontecia na Rússia, desde as execuções sumárias do oposição de esquerda por parte da W-cheka -a partir de abril de 1918- passando pelo Machnovichina e a massacre dos marinheiros rebeldes de Kronstadt, até chegar à da Oposição Operária.⁷⁷ Também no Rio de la Plata, a partir dos anos 1919 a 1922,

⁷⁴ Ver Mar Ferro. *op. cit.* p. 55. Só em Paris, em 1920, editavam-se três publicações hostis aos bolcheviques: *Poslednye Novosti*, de Miliukov, *Obscee Delo*, de Burtzev, e *Svobodnye Mysli*, de Vassiliewieski. Outras eram impressas na Alemanha, Sofia, Constantinopla, Praga e nos países do Báltico. De acordo com Ferro, *Tch-o Delate*, de Berlin, anunciou a morte de Lenin 7 vezes em 3 anos. Trotsky, Bukharin e Dzerzinski, estariam planejando a derrubada de Lenin, e assim por diante.

⁷⁵ Veremos mais tarde que o russo judeu "Misha", pseudônimo de Juan Romanov, será um dos hermeneutas autorizados do anarquismo para interpretar e comentar os acontecimentos russos. Emigrado de Rússia e expulso da Argentina, vivia naquele momento em Montevideu e escrevia para *La Batalla*, no Uruguai e para *La Protesta*. Outros tradutores russos eram N. Minsky e M. Yarochevski. Este último regressou mais tarde à União Soviética.

⁷⁶ Esta publicação. *A Voz do Trabalho*, é de denominação idêntica à publicada nos Estados Unidos e Petrogrado. A coleção argentina (1918-1927), está no I.S.G. de Amsterdã. Em Estados Unidos, *Golos Truda* foi fundada por Anatole Gorelik e V. Kornuk e em Petrogrado a publicação estava a cargo de Volin. Enquanto a Gorelik, vai se estabelecer na Argentina depois da sua expulsão de Rússia e frente à dificuldade regressar aos Estados Unidos.

⁷⁷ A versão trotskista convencional da história da revolução sempre tendeu a ignorar a repressão social e política anterior à época de Stalin. Evidentemente, de Lenin para Stalin houve uma mudança de escala e perversidade no exercício sistemático do terror, mas resulta difícil continuar mantendo que Stalin inaugurou a violência indiscriminada contra a oposição de esquerda. Nesta questão, as *Memórias* de Serge, por exemplo, são bastante ambíguas e só refletem uma parte da realidade, em especial a referente ao período anterior a 1927. O melhor

apareceram publicações como, *La Antorcha*, *El Hombre*, *Ideas*, *La Pampa* e *La Protesta*, que não cessavam de divulgar todo tipo de testemunhas com referência às perseguições bolcheviques aos anarquistas, os quais, de fato, tinham colaborado na conquista do poder. Os libertários argentinos e uruguaios publicaram as experiências de Pestaña, Berkman, Goldman, Leval, Gorelik, Volin e Yarchuk. Porém a questão era: quem lia esse artigos senão os endogrupos já afirmados de antemão nas suas convicções anti-bolcheviques? Algo semelhante acontecia com as notícias publicadas pelos mencheviques e social-revolucionários. Por outro lado, os anarco-bolcheviques e os comunistas, publicaram as experiências dos simpatizantes do regime e enquanto os primeiros esforçavam-se em descobrir os sinais da "Terceira Revolução" -a libertária- os comunistas legitimavam tudo aquilo que acontecia na Rússia. Como escreveria mais tarde Lukács, numa confissão patética e tardia, era necessário calar as críticas para não favorecer os inimigos do momento. Estes, através dos anos e décadas iam variando: os exércitos brancos, as potências ocidentais, o nazifascismo e, novamente, o imperialismo capitalista. O argumento de Serge de uma violência necessária para que o país não sucumbisse àquela outra violência, muito mais perigosa para ele, à espontânea das massas russas, também não resulta convincente. Aquela ameaça existiu de fato e é difícil calcular o que teria acontecido com a sociedade russa se a imensa massa rural tivesse exercitado seu poder como, parcialmente ao menos, tinha exercitado, em 1917. Aos soldados desertores -que votaram pela paz com os pés, que continuaram nas suas aldeias a guerra para conquistar um pedaço de terra própria e não para defender prestígios nacionais ultrajados- o Exército Vermelho lhes mostrou seus limites, os limites do Exército Vermelho ou dos bolcheviques- como lhes teriam sido mostrados pelo Exército Branco, no caso de um triunfo da reação.

2.2 NOTÍCIAS DE PETROGRADO.

*Foi feita na Rússia a revolução do trabalho, mas eis aqui que nem os puritanos do marxismo, nem os quakers do bakuninismo concordaram com ela. Simplesmente, porque a Revolução não foi ajustada matematicamente às santas escrituras do Evangelho de Marx ou Bakunin. mas às inesperadas circunstâncias biológicas da história com um extraordinário sentido realista das coisas.*⁷⁸

comentário que conhecemos sobre isto pertence a Jaap Kloosterman, quem, interpretando a massacre de Kronstadt afirma o que segue: *Um tipo de argüição -tão velho quanto Cromwell e Robespierre- consiste em identificar o partido triunfante com a Revolução e, então, com o Bem e a seus inimigos com o Mal. (Refere-se aqui, à premissa histórica de que o partido de Lenin teria sido forçado a agir contra a democracia operária de Kronstadt, para salvar à Revolução). De fato -continua Kloosterman- os bolcheviques combateram em duas guerras civis diferentes: contra a reação externa e contra a revolução interna; e não resulta difícil entrever que esta segunda guerra civil, não era uma consequência da primeira, mas que os bolcheviques se valiam da primeira, para desacreditar e vencer a segunda. Em, *Kroonstad 1921. De Derde Revolutie*. Bussum, Het Wereldvenster, 1982, pág. 7 e 8. Ora, como culminação suprema de falsificação histórica, em 1939, Stalin acusou de ter instigado à Rebelião de Kronstadt. a... Trotsky e Tukachewsky.*

⁷⁸ Julio R. Barcos. *Cuasimodo*. Abril 1921: "Los dictadores anti-dictadores".

Em 1917, a República Argentina possuía uma imprensa onde os diferentes setores sociais e políticos estavam razoavelmente representados. O governo yrigoyenista tinha como porta-voz o jornal *La Época* que expressava a política neutralista com um nacionalismo moderado que não cedia à pressão do rupturismo, nem mesmo quando foram afundados pelos submarinos alemães vários navios argentinos. Nos aspectos socio-econômicos, este jornal divulgava as propostas do governo de uma "industrialização complementar", de uma comercialização dos excedentes agrícolas de governo para governo e do projeto de levar a cabo uma aliança informal entre o governo de Yrigoyen e os sindicalistas, especialmente com os marítimos da FOM. Por sua parte, os jornais *La Prensa* e *La Unión*, compartilhavam a perspectiva neutralista do governo, enquanto que, pelo contrário, *La Nación*, *Crítica* e *Caras y Caretas*, eram aliadófilos e rupturistas, além de opositores ferrenhos de Yrigoyen.

Quanto à imprensa dos setores populares, os dois jornais, *La Vanguardia* y *La Protesta*, concordavam com a posição oficial de não intervenção no conflito bélico, embora -com a entrada na Guerra dos Estados Unidos, em abril de 1917, e os afundamentos de navios que mencionamos- o jornal dos socialistas começou a evoluir para posições aliadófilas até terminar no rupturismo, frente à oposição de um setor minoritário -em primeiro lugar, sindicalistas gráficos, e o setor da juventude do Partido Socialista. Por outro lado, entre os anarquistas da região, como já foi expressado, encontravam-se poucos aliadófilos.⁷⁹

Não só para os anarquistas e socialistas mas para toda a sociedade, a Grande Guerra, os eventos revolucionários europeus de 1917 a 1920 e o armistício de novembro de 1918, significaram uma profunda divisão das águas, um antes e um depois. Contrariamente à opinião de Rock, mas com argumentos diferentes às de Godio, consideramos que a Revolução Russa - como processo histórico analisado nos seus próprios termos- teve uma virtualidade catalítica que operou no contexto social da crise econômica e da rebelião social da época. Como sintetizou Santillán: *A Revolução parecia chamar às portas e a burguesia e as autoridades entenderam a gravidade da hora.*⁸⁰

Para poder medir esta afirmação, podem ser analisadas as temáticas publicadas nos periódicos de esquerda, anteriormente a 1917. Deste modo, os tópicos que mais frequentemente aparecem no *La Protesta* de Buenos Aires e em *La Batalla* de Montevideu se referem à vida bastante lânguida do gremialismo anarquista e à divisão sindical de 1915; são publicados numerosos artigos, chamados "sociológicos", saturados de um cientificismo do século XIX e de um autodidatismo muito pronunciado. São mencionadas as dificuldades econômicas para manter, financeiramente, as escolas racionalistas; Pierre Quiroule, na Argentina e José Tato Lorenzo no Uruguai, defendiam a compatibilidade entre o anarquismo e a maçonaria contra a opinião predominante; César Montemayor (Orestes Ristori) sustentou

⁷⁹ Max Nettlau, *Manuscritos Inéditos*, XVI, 1934, p. 25. Diz textualmente, *E deste modo veio a Guerra, na qual somente J. E. Carulla, Julio R. Barcos e algum outro compartilharam o ponto de vista que tiveram Kropotkin na Europa, Grave e Malato; nem mesmo originou-se um debate sobre esta questão. Embora Nettlau tivesse razão quando afirmava que a imensa maioria dos libertários eram pacifistas militantes, houve um debate sobre a questão da Guerra. Por exemplo, o poeta Ángel Falco publicou, em 1917, uma antologia dedicada à apologia das nações da Entente e à injúria dos Impérios Centrais. Ángel Falco. Troquel de Fuego. Bocetos en rojo sobre la tragedia. Bs. As.. Casa Editora Ferrari Hermanos, 1917.*

⁸⁰ Emilio López Arango e Diego Abad de Santillán. *El Anarquismo en el Movimiento Obrero*. Barcelona, Cosmos, 1925, p. 29.

uma longa polêmica com J. B. Podestá sobre o tema "Darwin ou Moisés", polêmica onde o libertário e o católico ventilaram seus conhecimentos respectivos em matéria de evolucionismo e criacionismo. Um cavalheiro que se ocultava sob o pseudônimo "Ignorantibus" -muito bem escolhido, aliás- escrevia sobre tópicos referentes à sexualidade e à condição feminina, de modo que, hoje em dia, indignaria a toda pessoa medianamente progressista. Notável era também o antinacionalismo militante que utilizava um vocabulário impossível de ser usado em épocas posteriores. Ao ler essas publicações, freqüentemente tem-se a impressão que uma das funções principais do anarquismo no Rio de la Plata consistia na defesa dos interesses dos imigrantes *gringos* e *gallegos* contra o domínio dos *criollos*. Além disso combatia-se a militarização da juventude pelo escoteirismo e recriminava-se o culto dos símbolos nacionais, culto inculcado, enfaticamente, pela escola argentinizadora sarmentina.⁸¹

Uma questão que não deixava de preocupar os anarquistas, foi a chegada ao governo de Hipólito Yrigoyen. Eles sabiam -pela experiência política uruguaia do batllismo- que com o governo radical mudariam muitas relações sociais e apesar de que antes e depois de 1916 alguns anarquistas tivessem se aproximado ao yrigoyenismo- o seu discurso oficial continuou sendo violentamente antirradical. Por exemplo, *La Protesta*, em 1915, considerava que o poder dos radicais ofereceria a prova flagrante da equação: *a uma maior soma de nacionalismo, uma soma maior de bestialidade*. Não muito antes tinham definido o radicalismo como *argentinismo crasso e nitido. Com boné e em quatro patas. Um verdadeiro êxito nacional*.⁸² Também um artigo do ano seguinte, mostra toda a prevenção anarquista contra o acesso ao governo dos radicais. Ao negar violentamente a legitimidade da existência do Estado, a vinda de um governo que mostrava certas preocupações para com a questão social era preocupante. Isto aparece com bastante clarividência nesta passagem:

*Os governos democráticos, com seus programas de reformas e suas amigáveis intervenções "em favor" dos trabalhadores quando estes esboçam um conflito (...) não fazem outra coisa que dificultar a marcha ascendente dos povos para a emancipação econômica e social (...) esterilizando a energia vital das massas (...). Batlle e Ordóñez no Uruguai, foi o presidente que levou vantagem daquele modo fácil governar, conseguindo conquistar partidários para o seu governo até entre os mesmos anarquistas, esses que ficaram divididos em Montevideu em batllistas e antibatllistas.*⁸³

À continuação, o jornalista expressa a sua esperança em que os anarquistas não confiassem na generosidade do governo radical, como, de fato, já confiavam os marítimos.

Havíamos dito que -a partir de 1910 e por causa da repressão desencadeada pelos eventos do Centenário e, novamente, em 1915, com a divisão da FORA em dois setores- os anarquistas tinham perdido parte dos seus contatos com os trabalhadores. Ora, isto, a meados de 1917, começa a ser revertido, acompanhando a lenta saída da crise econômica da guerra. As bases do FORA anarquista crescerão até, aproximadamente, a primeira metade de 1921,

⁸¹ Sobre a maçonaria, ver *La Protesta*. 5.1.1915; sobre o deísmo, *Idem* dos dias 26.9. ao 25.10.1917; sobre o antinacionalismo: *Idem*. 3.10.1915 e 7.7.1916. Apesar do antinacionalismo professo, não são atacadas, em momento nenhum, as estátuas da história de bronze do liberalismo do Século XIX, estátuas levantadas para a construção do Estado Nacional: Artigas, Belgrano, San Martín, Alberdi e Sarmiento eram tão intocáveis para os anarquistas, como o seriam depois para os comunistas vernáculos da era staliniana.

⁸² *La Protesta*. 21.12.1915: "La Victoria del Radicalismo".

⁸³ *Ibidem*. 14.12.1916.

ameaçando seriamente a hegemonia dos sindicalistas, inclusive pela ação realizada pelos anarco-bolcheviques. A mesma coisa acontecerá no Uruguai com a FORU, a que percorre um roteiro paralelo ao da central anarquista argentina. Um aspecto deste novo crescimento do sindicalismo anarquista, consistiu em que os *quintistas* -à semelhança dos *wobblies* nos Estados Unidos- acudiam para os lugares de conflitos onde não havia trabalhadores organizados, ou aqueles que estavam sob a influência dos sindicalistas. Os apóstolos anarquistas convergiram para essas localidades para radicalizar a luta pela recuperação salarial atraindo, deste modo, setores de trabalhadores a sua esfera de influência. Nesta atividade eles sofreram a competição dos sindicalistas e dos inspetores do Departamento Nacional -ou Provincial- do Trabalho. Bons exemplos destas atividades podem ser encontrados na Greve dos Frigoríficos de Zárate e Campana, em junho de 1917, no movimento de parede dos Professores de Mendoza, em agosto de 1919, ou nos graves conflitos sociais no "La Forestal", no Norte de Santa Fé, e "Las Palmas", no Chaco, entre 1919 e 1921. Nos casos mencionados, e em numerosos outros, durante essas experiências, os grevistas, ou parte deles, deixarão o sindicalismo para ingressar -ao menos durante algum tempo- nas fileiras anarquistas. Deste modo, o ano 1917 marcará o começo de um ciclo de greves difundidas que encontrarão seu epicentro em 1919 e acaba, abruptamente, no começo de 1922. Seja pela intensidade da crise econômica ou pelo crescimento dos conflitos urbanos e rurais, as notícias de Petrogrado não cairão, no Cone Sul da América, como um trovão num dia de céu azul.

Não temos a intenção de multiplicar aqui os testemunhos de jornais e revistas sobre os eventos russos de 1917, na maioria dos casos trata-se dos mesmos telegramas recebidos no mundo inteiro, e eles não acrescentam muito à especificidade da história local. Mencionaremos, então, somente algumas interpretações consideradas singulares para a região.

Durante o período da Guerra, o movimento libertário do Rio de la Plata continuou com suas práticas de começos do século. Seu grande mérito foi ter criado o movimento operário na Argentina e no Uruguai, o que levou os reformadores da elite liberal a abrir novos canais políticos e sociais de participação cívica, tais como o Departamento Nacional do Trabalho, em 1907, e o Ley Sáenz Peña, em 1912. Outro mérito era, sem dúvida, a luta continuada por uma cultura popular e proletária. Essa obra messiânica não só foi realizada nos sindicatos, mas também nas Bibliotecas Populares e Escolas Racionalistas, nos Grupos de Afinidade, no mundo artístico e nos piqueniques ao ar livre, organizadas na Ilha Maciel, a Ilha Paulino, no Delta e outros lugares, e que congregavam até 3000 pessoas. Todavia, distanciando-nos da etiqueta que lhes foi aplicada de refletir a consciência, da etapa artesanal do proletariado, ou de ser uma expressão típica da pequena burguesia, não se pode negar o fato de que o ano de 1917 encontrava os anarquistas com um ideário e com práticas onde predominavam amplamente as tradições do século de XIX. Possuíam uma cosmovisão cujos eixos eram uma ética social, a utopia de uma sociedade livre e com uma forte aposta na bondade intrínseca dos homens. Tinham também uma coerência notável entre o discurso e as práticas, porém uma análise moderna da situação socio-econômica brilhava pela sua ausência, enquanto que uma estratégia de tomada do poder dificilmente poderia estar presente, por negar as suas convicções libertárias mais profundas. Com efeito, poder e autoridades existiam para ser destruídos e não para ser conquistados. Na verdade, não estavam muito preparados para ter uma resposta pragmática, não só para a vinda do socialismo real soviético, mas também não para a modernização

capitalista nas esferas do social, político e econômico. Não puderam criar estratégias apropriadas para coabitar com uma democracia aumentada e com canais novos de participação social e nem poderiam utilizar recursos nacionalistas com registros anti-imperialistas, para aumentar suas bases, em épocas de "crescimento da consciência nacional". Desse modo, seu crescimento gremial, entre 1917 e 1921, resultou ser um fogo fátuo, facilmente extinguido pela repressão e o pragmatismo de outras correntes sociais como as do sindicalismo, radicalismo e socialismo. Depois de 1921, ficaram alguns núcleos de uniões anarquistas, tanto na FORA como na USA, isto é, pequenos cenáculos de grupos de afinidade, bibliotecas populares e o jornal *La Protesta*. Porém, a grande massa dos trabalhadores foi-se distanciando desses homens que mantiveram sua fé inflexível no Ideal. A maioria dos operários queriam melhorar, em primeiro lugar, a situação econômica, ainda que fosse às custas da usurpação da autonomia e das iniciativas, da cultura e do saber operários.⁸⁴

Já numa data tão prematura como outubro de 1915, apareceu no jornal anarquista um artigo que noticiava uma revolução no Império dos Czares. Informa que em Moscou e outras cidades, o povo tinha-se rebelado contra o czarismo e comentava: *Nós, esperávamos esta revolução do povo russo*. Constatava aliás, que também na Alemanha, Áustria e Itália, o povo estava se rebelando contra a Guerra.⁸⁵

Por outro lado, era normal que em países como Uruguai e Argentina, com a grande quantidade de imigrantes europeus, os acontecimentos bélicos fossem seguidos em todas suas fases e incidentes. Por isto, os eventos de 1917 tiveram no Rio de la Plata uma repercussão semelhante à de países como Espanha ou os Estados Unidos. Por exemplo, em março de 1917, *La Protesta* comentava com entusiasmo:

A queda de um regime como o da Rússia que resume todo o despotismo que se poderia imaginar, é algo mais que a mudança de um governo. É o passado que foge (...) dá lugar para acreditar que no transcurso desta guerra serão dados passos transcendentais que marcarão os novos horizontes da humanidade.

E, com anterioridade à época em que as lideranças socialistas e anarquistas retornassem do exílio exterior ou dos campos da Sibéria para Moscou e Petrogrado, *La Protesta* expressava que os revolucionários eram, *socialistas extremos, nossos companheiros, os anarquistas*.⁸⁶ Também no *La Vanguardia*, embora com um tom bem mais prudente que aquele do matutino libertário, dizia:

*A Revolução Russa será para nosso tempo, o que era a Revolução Francesa para os tempos modernos (...). Na Rússia poderia ser organizada a revolução socialista, destinada a criar uma nova sociedade fundada nos princípios da justiça econômica.*⁸⁷

⁸⁴ Não estamos cobrando aos anarquistas que se comportassem como anarquistas, no sentido de insinuar uma valoração ética ou política acerca de suas condutas. Aqui só queremos manifestar que a cosmovisão idealista deles -nos dois significados principais daquele termo "idealismo"- e suas práticas, dificultavam cada vez mais a sua capacidade de enfrentar situações novas de governos não oligárquicos e a uma sociedade civil cada vez mais saturada de um pragmatismo materialista.

⁸⁵ *La Protesta*. 6.10.1915: ¿Revolução em Petrogrado?. Ver também: *Ibidem*. 6.10.16: "Revolución en Rusia".

⁸⁶ *La Protesta*. 22.3.1917: "La Revolución Rusa".

⁸⁷ *La Vanguardia*. 18.3.1917: "La Revolución en Rusia".

No começo de junho, aparece no *La Batalla* de Montevideu, um artigo assinado por "Misha", o primeiro que, nesta parte de América, descrevia o vazio de poder que se estava operando na Rússia e mencionava os principais protagonistas da Revolução. O artigo resultava confuso: os organizadores do proletariado russo eram os anarquistas; outros atores seriam os jovens social-revolucionários e social-democratas e os *bundontzi*. Menciona Lenin e termina a sua nota com a frase: *Quando fala a voz da dinamite, não há político que possa resistir*.⁸⁸

Misha -ou Iván Romanov- escreveria, desde meados de 1917 até o começo do ano seguinte, uma série importante de artigos em *La Batalla* e *La Protesta* nos quais dava muita importância ao esclarecimento histórico do termo "maximalista".⁸⁹ Já em maio de 1917 na publicação argentina um artigo de Vitor Serge titulado "Um Czar cai" e, em agosto, um artigo no *Guerra Sociale* de São Paulo, titulado "Lenin". Outro comentário, bastante curioso, foi publicado por Guido M. Cartey -um futuro trotskista- no qual enumerava os fatores favoráveis e desfavoráveis para a Revolução, presentes na Rússia, em termos quase euclidianos ou, poderia-se dizer, sarmentinos.⁹⁰

De fato, até novembro de 1917, as publicações comentam os eventos russos aleatoriamente, e ainda não há uma polêmica instalada. Já a Revolução de Outubro (lembramos que o calendário russo retrasava em 13 dias), divide, claramente, as águas da opinião pública. Para *La Nación*, liberal, conservadora e aliadófila, o regime novo na Rússia debatia-se entre a extrema direita e esquerda extrema, movidas pelo criminoso Lenin, não em favor do proletariado alemão, mas das classes governantes da Alemanha. É de notar que o proletariado russo não é mencionado. Por sua parte, *La Época*, o jornal yrigoyenista, determinava: *O movimento maximalista é, no fundo, pacifista*; porém, já no dia seguinte, qualifica de Golpe de Estado a tomada do poder pelos bolcheviques e que estes traíram o pacto da Entente e negavam-se a convocar a Constituinte. Por outro lado, não difere do jornal dos Mitre para categorizar os líderes russos: dizia, por exemplo que o maximalismo tinha escolhido como presidentes honorários, o agitador e espião germanófilo Lenin e a seu assistente Zinoviev.⁹¹

O clima originado entre os libertários pelos eventos russos diferia, em grau supremo, do dos conservadores e radicais. *La Protesta* proclamava:

Rússia representa hoje o amanhecer vermelho (...) A democracia não pôde resolver os problemas múltiplos que a guerra esboçou ao proletariado russo (...) o povo deu em terra com a ditadura ignomimiosa do novo. czar É a Revolução Social e

⁸⁸ *La Batalla*. Montevideu. Primeira Quinzena de Junho de 1917: "El Verdadero Significado de la Revolución Rusa". O Autor é "Misha", ou seja Iván Romanov, o mesmo que, em junho de 1910, lançara um petardo poderoso no Teatro Colón de Buenos Aires, para vingar as vítimas da celebração do Centenário da Revolução de Maio. Condenado por um Juiz a 14 anos de prisão em Ushuaia, depois de um tempo, foi-lhe comutada a pena pela expulsão do país. Já para 1917, "Misha" era o dono de uma prosaica loja de legumes em Montevideu. Atrás tinha ficado a sua trajetória de petardista. Porém, os eventos russos lhe insuflaram novos ares revolucionários.

⁸⁹ Ver os números de *La Batalla*, II Quinzena de Julho de 1917 e I Quinzena de Agosto. Misha também publicou artigos em *La Protesta*, nos dias 15.8.1917; 13.11.1917; 4.12.1917 e 30.12.1917.

⁹⁰ Ver, *La Vanguardia*. 25.3.1917. Artigo de Víctor Serge: *La Protesta*. 23 e 24.5.1917. Artigo de *La Guerra Sociale*. São Paulo: *La Obra*. 5.8.1917, sem menção de autor. Entre outras elucubrações Cartey escrevia que os fatores negativos para a Revolução na Rússia seriam: a raça mongólica, o clima cruel e a geografia extensa. Por outro lado, os aspectos positivos eram: o enigma interior de cada russo, o *mir*, o progresso técnico-econômico, os pensadores e os homens de ação. Entre os homens de ação ainda não figuram Lenin e Trotsky, mas sim, por exemplo, o octogenário Kropotkin, e os já defuntos Tolstoy, Turgeniev, Dostoiewski e Gogol.

⁹¹ Ver, *La Nación*. 7 e 8. de 11.1917: "El Nuevo Régimen en Rusia. Los Maximalistas". *La Época*. 8.11.1917: "Graves Noticias de Rusia" e 9.11.1917: "El Golpe de Estado en Rusia".

emancipadora, o alçamento consciente dos trabalhadores contra os amos e o privilégio.

Dois dias depois, Misha começou a se lembrar cada vez com mais clareza de seu passado anarquista e modificou, uma vez mais, sua descrição dos maximalistas: *Em um conceito libertário, afirma, a coalizão foi feita entre os mais rebeldes, os mais ativos, os mais válidos de dois partidos (o social-democrático e o social-revolucionário) junto com nossos companheiros.*⁹²

No último mês daquele ano que nunca terminava, segundo Hobsbawm, o terceiro do Século XX, *La Batalla* de Montevideu teve uma iniciativa original, semelhante à famosa enquete operária de Marx, em 1881: elaborar um questionário com 6 perguntas com a finalidade de incentivar os leitores a tomar partido pela Revolução Russa. Transcrevemo-la, ainda que em forma resumida:

1. A Revolução triunfante na Rússia pode ter influência em outros países do mundo?
2. Em tal caso, que atitude devem ter os anarquistas?
3. As minorias revolucionárias são capazes de decidir a situação em cada país?
4. Será necessário concentrar os esforços das minorias para um futuro próximo?
5. É necessário um jornal para preparar as minorias?
6. Seria conveniente que todos, anarquistas, sindicalistas, etc., se unissem e formassem um programa, como os maximalistas russos?⁹³

O Questionário apresentado pela publicação -dirigida naquele momento pela famosa militante libertária María Collazo- levava as respostas embutidas nas perguntas: os anarquistas deveriam se preparar para a revolução, deveriam unir-se a outras minorias revolucionárias e formular um projeto para tomar posse da situação, à semelhança do que fizeram os maximalistas. O Questionário também foi publicado em *La Protesta*, e muitas figuras de respeito do movimento libertário responderam às perguntas. Entre respostas publicadas encontramos as de César Montemayor, Rafael Méndez, J. González Lemos e Gabriel Biagiotti. Ora, responder um Questionário era uma coisa, e fazer a Revolução, algo muito diferente.

De novembro de 1917 até o fim de 1921, os libertários rioplatenses se dedicarão a tentar unir suas forças às dos sindicalistas e chamar a atenção de Moscou, sobre o fato de qual era o verdadeiro movimento revolucionário na região e, sobretudo, a embrenhar-se em polêmicas infundáveis sobre os maximalistas e bolcheviques, para enveredar depois para um debate sobre a natureza e a conveniência da ditadura do proletariado e sobre as perseguições bolcheviques aos anarquistas na Rússia. Contra o que, é afirmado na literatura marxista e ainda na libertária, quase todos os anarquistas do Rio de la Plata apoiaram, embora de modos diferentes, a Revolução Russa até, aproximadamente, maio de 1919, quando os jornalistas e escritores Rodolfo González Pacheco, Teodoro Antillí, o poeta platense Fernando del Intento,

⁹² *La Protesta*. 11.11.1917: "Los Prolegómenos de la Revolución" e 13.11.1917: "Los Maximalistas". Quase um mês depois, Iván Romanov se lembra do lugar e o ano daquele famoso Congresso onde eles se uniram às esquerdas marxistas, populistas e libertárias: Genebra, 1904. Ver, *La Protesta*. 4.12.1917: "Rússia!". A série de artigos de "Misha", é bastante irregular e em geral tende a confirmar o ditado que afirma ser o desejo a mãe da idéia. Porém, a sua versão particular da gênese histórica do maximalismo realmente contém um núcleo de verdade. Em 1905, foram chamados "maximalistas" os integrantes da extrema esquerda dos social-revolucionários. Este núcleo, abandonou o Partido e se uniu, posteriormente, aos anarquistas favoráveis aos atentados. Depois perdem-se na nebulosa da história, mas o nome ficou como equivalente a extremista.

⁹³ *La Batalla*. 12.1919.

como também José Tato Lorenzo no Uruguai, condenaram vigorosamente o maximalismo, a ditadura do proletariado e as imposições em geral. Porém, *La Protesta* e a FORA do Quinto Congresso, só expulsarão os anarco-bolcheviques de seu seio, a partir de agosto de 1921. Os que, depois de agosto de 1921, continuarão defendendo às posições soviéticas, serão chamados de *anarco-ditadores* e, a partir de 1922, *anarco-bolcheviques*. Ainda depois de 1921, o grupo de anarco-ditadores, objeto de nosso estudo, continuará evoluindo em suas posições teóricas e experiências práticas; porém, enquanto ninguém entre eles tinha ingressado ao Partido Socialista Internacional -fundado em janeiro de 1918- poucos entrarão ao Partido Comunista, e o contingente de anarquistas orientais que, de fato entrou no Partido Comunista Uruguaio, na sua maioria voltou para o anarquismo ao longo da década do 20. De dezembro de 1919 até maio de 1921, os anarco-ditadores se encontravam na direção da FORA do V Congresso e tentaram fazer uma coalizão com a FORA sindicalista. Mais tarde -a partir de 1922 e até 1930- formarão parte dos quadros dirigentes da União Sindical Argentina (USA).

Quanto aos socialistas argentinos, exatamente nesses dias de outubro que abalaram o mundo, precisamente o 7 de novembro de 1917, eclodiu a crise que estava se incubando no Partido, desde 1912. Já vimos que existia uma discrepância séria em torno da relação entre o Partido e os sindicatos, entre o setor jovem e sindical, por um lado, e a liderança socialista, pelo outro. (Juan B. Justo defendia a teoria das três esferas autônomas dentro do movimento socialista: a política, a sindical e a cooperativista). Outro grave conflito surgiu pela posição da liderança política, a favor da ruptura com os Impérios Centrais em oposição ao voto da maioria do Congresso Extraordinário do Partido levado a cabo em abril de 1917. Já em outubro, o jornal anarquista anunciava esta confrontação e, no mês seguinte, transcrevia o modo em que o Comitê Executivo dissolveu os centros dissidentes da Capital Federal. *La Protesta* chegou ao extremo de anunciar um comício junto com os internacionalistas dissidentes e até lhes ofereceu suas páginas. *La Época*, também dá difusão ampla à ruptura socialista a qual, em primeira instância, não aconteceu como consequência da Revolução de Outubro, mas pela ruptura dos acordos assumidos por uma parte dos Partidos Socialistas do mundo no Congresso de Zimmerwald, em 1915. Tanto o jornal anarquista, quanto o yrigoyenista, dão as notícias da fundação de um "partido internacional", embora, por razões diferentes, não consigam esconder sua satisfação causada pela crise socialista.

A notícia mais importante de Petrogrado, a de que os russos fizeram a revolução socialista, caiu numa atmosfera de crise econômica e social, aumento do custo de vida e greves gerais dos ferroviários, portuários, trabalhadores dos frigoríficos e outros. Desde meados de 1917, a organização sindical anarquista começava uma decolagem temporária, acompanhada pelo sindicalismo, que tinha começado a fortalecer-se com a chegada ao governo de Yrigoyen. A partir de outubro de 1916, o Estado aumentou seu protagonismo com a mediação nos conflitos sociais e operários e os socialistas, por seu lado, depararam-se com a ruptura mais séria da sua história.

2.3 PALAVRAS EM LUTA: MAXIMALISTAS, BOLSHEVIKI, COMUNISTAS, DITADORES E ANARQUISTAS.

Quando a revolução bate às portas anarquistas, só os críticos farão ouvidos surdos. Os outros estarão com ela sem vacilar e sem discutir. Como nós não temos pasta de cristãos e mártires, preferimos a ditadura dos que lutam para liberar aos povos, antes que sofrer, pacientemente, as amarguras da eterna escravidão.⁹⁴

Charles Chasteen, utiliza a expressão *fighting words*, para se referir às falas revolucionárias -com suas metáforas estereotípicas e seus procedimentos de exclusão- que articularam os chefes rurais uruguaios e gaúchos, em ambos lados da fronteira entre o Brasil e a Banda Oriental, no fim do século passado. Postula Chasteen que essas falas, orais ou escritas, respondem a um gênero específico -quase diríamos um gênero literário, embora o autor não utilize semelhante termo- com códigos próprios fixados. Nos exemplos apanhados das falas insurgentes, apela-se ao *auto-sacrifício*, à *ética*, à restauração da *doença da desordem* e às *qualidades viris*; estas virtudes eram como uma atualização das ações épicas do passado. Os heróis do passado surgiram dos seus túmulos, sob a evocação das falas apaixonadas e o objetivo principal da luta não estava tanto no triunfo, e menos ainda em matar, mas na atitude de mostrar coragem, dignidade e a capacidade para o sacrifício pela causa do Partido, da região ou da pátria pequena. À mulher, por outro lado, lhe era atribuída a missão sagrada da preservação da memória histórica.⁹⁵

Todavia nestes discursos é tão importante o que não se diz -porque não pode ser dito- como o que realmente é comunicado. No caso de Chasteen -que se refere aos discursos dos chefes revolucionários da fronteira- nada foi dito sobre as causas econômicas pelas quais as pessoas foram para a guerra. A causa econômica era, por outro lado, a causa principal para os líderes: consistia em defender a autonomia regional o comércio e o contrabando da fronteira, contra o intervenção dos poderes políticos centrais.

Este "giro lingüístico" aplicado à história política, tem para nós uma utilidade particular, desde que analisamos os discursos e os escritos daqueles que defenderam ou atacaram no Rio de la Plata a experiência política russa. Sem tentar interpretar às condições nas quais foram produzidas essas mesmas falas polêmicas, podemos nos encaminhar para o beco sem saída de um exame "realista" em que não aparecerão os elementos ocultos atrás das palavras e ações. Postulamos aqui que, entre os elementos silenciados nesta polêmica, estava a

⁹⁴ E. García Thomas em, *El Comunista* (Ros.) 1.5.1921: "Los Anarquistas y la Revolución".

⁹⁵ Chama a atenção esta divisão genérica de papéis sociais: enquanto o valor é um atributo viril, a história é uma incumbência feminina. Isto não é novo na América Latina. Por exemplo, no período da construção do Estado Nacional na Venezuela, enquanto os rapazes estudavam a história de Grécia e Roma, as meninas tinham nos seus currículos, a história de bronze venezuelana, já que foi considerado que era a mãe a que deveria inculcar nos seus filhos os valores nacionais. Ver, Nikita Harwich Valenilla, "Imaginário Coletivo e Identidad Nacional." Em: Michael Riekenberg (comp.) *Latinoamérica: Enseñanza de Historia, Libros de Textos y Conciencia Histórica*. Buenos Aires/Madrid. Alianza Ed., 1989, p. 87. Claro que não queremos comparar a história dos gaúchos da fronteira com a dos anarco-ditadores, mas destacar o paralelismo existente entre ambos grupos, com referência às suas práticas discursivas ou, dito de outro modo, à função das falas.

dificuldade dos anarquistas em encontrar uma estratégia nova, diante da chegada do movimento sindicalista, da democracia radical, da argentinização dos trabalhadores e do crescimento dos sentimentos nacionalistas. Outro elemento oculto, e que fala com um silêncio muito forte, é o desejo fervente -por parte dos anarco-ditadores- em dirigir a revolução, e encontrar o termo justo entre o que permitia a tradição anarquista e o que impôs a novidade do evento russo.

Depois de repetidas leituras dos escritos publicados entre novembro de 1917 e março de 1922, poderia-se concluir que a Revolução Russa, depois do entusiasmo extraordinário do seu começo, colocou aos libertários rioplatenses um desafio novo, além desse que tinha sido colocado pela chegada ao governo de Batlle e Ordóñez e Hipólito Yrigoyen: o de reformular ou reinventar a sua identidade coletiva. Os anarquistas esperaram uma revolução que tornasse realidade o Ideal; essa revolução teria um fundamento, ao mesmo tempo, biológico e voluntarista e chegaria num futuro não especificado. As condições para realizá-la dependeriam, em primeiro lugar, da evolução de todas as consciências individuais. Aquela Vitória do Ideal, dependia então, de uma mudança geral na mentalidade ou, em outros termos, da expansão das práticas de solidariedade entre os explorados. Esta perspectiva foi acompanhada pela desconfiança para com uma teoria do poder -para eles, a única teoria sobre o poder, era a sua eliminação- e igualmente de uma teoria econômica que poderia confrontar o teste da experiência. Como os sindicalistas, com sua Teoria do Embrião, os anarquistas só possuíam noções vagas de como o sistema econômico funcionaria na sociedade emancipada. A sociedade futura seria, basicamente, a materialização de suas idéias; Pierre Quiroule, por exemplo, revela tudo isto em *La Ciudad Anarquista Americana*.

Aparentemente, poderia parecer um exercício acadêmico surrealista comparar os discursos dos anacrônicos gaúchos da fronteira com os dos anarquistas rioplatenses, já que a maior parte destes eram estrangeiros e viviam num meio urbano ou metropolizado. Porém há semelhanças que caracterizam todos os discursos revolucionários americanos: a consideração da sociedade como um corpo doente; o apelo ao auto-sacrifício e o fato de falar a partir de um *locus* que constitui o resultado natural de uma genealogia de ações heróicas do passado. A ação no presente é a continuação de epopéias históricas. Por isso os apelos tão freqüentes a Artigas e Oribe ou a Kropotkin, Bakunin e Malatesta. Outro ponto de coincidência está no uso dos símbolos de identificação que estruturam os discursos e as ações. Os cavalos brancos ou as fitas brancas com dísticos nos chapéus e as bandeiras negras e vermelhas. O próprio jornal anarquista que existia desde 1897, já em 1920 tinha se tornado um símbolo, portador de um prestígio autosustentado: sua história passada, dava legitimidade a seus possuidores do presente.⁹⁶

⁹⁶ Isto foi percebido, prematuramente, por Santillán e López Arango nos seus trabalhos 1925, 1927 e por Santillán nesses de 1930, 1933 e 1977. Eles próprios se localizam claramente na genealogia de Malatesta, Gori, Creaghe, Prat e Gilimón. É o que, por outro lado, os bolcheviques faziam naquela época com as autobiografias autorizadas, publicadas pela editora Granat. Nessas obras, enfatizaram suas ações próximas a Lenin, antes de 1917. Chasteen menciona os casos dos Sandinistas, o da Frente Farabundo Martí e dos montoneros e tupamaros, como movimentos de apropriação ou de naturalização de mitos mobilizadores do passado. Aqui também pode-se fazer menção do uso mitológico, por parte de Fidel Castro, do panteão nacionalista cubano da Guerra da Independência. E, mais que ninguém, o uso que faz o Sendeiro Luminoso, de Mao e seu a "Caminho de Yanan", de Mariátegui e do mito incaico do "Pachacuti".

Quanto aos gaúchos rebeldes da fronteira, a revolução de caudilhos como Gumercindo e Aparicio Saravia era de conteúdo quase diametralmente oposto ao socialismo do Século de XX, já que tentava defender um passado ameaçado pela modernização. Também os interesses econômicos desses líderes -devidamente ocultados pelos discursos- não coincidiam com os dos trabalhadores rurais que participaram nessas *patriadas*. Para eles o objetivo reduzia-se a uma temporada de *liberdade e carne gorda*. Por seu lado, a revolução libertária era futurista e igualitária e não pretendia voltar a uma mitológica época de ouro. Finalmente, se nos discursos dos insurgentes rurais do século XIX, o grande ausente era o fator econômico, nos dos anarquistas argentinos e uruguaios que quiseram fazer a revolução como na Rússia, o ausente é o oculto designio de dirigir o processo revolucionário, o desejo a ser escolhido por Moscou para encabeçar a Revolução Mundial na região, frente a incompetência dos sindicalistas, socialistas e comunistas.

Deixando de lado a comparação entre os discursos de dois grupos tão heterogêneos, verificamos que o problema subjacente a muitas de suas ações, é a dificuldade enorme em reformular sua identidade anarquista e trabalhadora em face às mudanças operadas na sociedade. Acreditamos possuir evidências de que, de 1917 até maio de 1919, quase todos os anarquistas da região se encontravam numa zona cinzenta entre o território bolchevique e o seu território libertário anterior. Outro fato marcante do período era a progressiva formação de três correntes anarquistas no Cone Sul: a do protestismo, a do antorchismo e a do anarco-bolchevismo. Essas correntes anarquistas apresentavam, ao menos, uma coincidência: todos se consideravam verdadeiros e autênticos anarquistas. Para ser fiéis ao caráter revolucionário do movimento libertário, as três correntes, a partir da experiência russa, julgavam que era necessário adaptar as idéias e as práticas à situação nova. Só mais tarde, a partir de maio de 1919, os antorchistas voltaram à tradição libertária ortodoxa e a mesma coisa fizeram os protestistas em agosto de 1921. Porém, eles também sofreram mudanças por causa da experiência soviética e tiveram na sua frente dois adversários novos: o Partido Comunista e os anarco-bolcheviques.

O debate sobre a Revolução Russa e sobre as atitudes dos anarquistas em frente a ela, teve fases bem diferenciadas. A primera aconteceu de março de 1917 até maio de 1919. Nesta fase, praticamente todos os libertários mostraram-se como defensores entusiastas de ambas revoluções, à semelhança dos anarquistas espanhóis que acolheram a Revolução Russa com mais naturalidade e entusiasmo que os socialistas do PSOE e da UGT.⁹⁷

Essa primeira fase transcorreu num período em que os três grupos frequentemente compartilharam as ações sociais e os espaços jornalísticos. Desse modo, depois do fechamento de *Bandera Roja*, e *La Obra*, os anarco-bolcheviques e antorchistas publicaram e polemizavam em *Tribuna Proletária* e, até maio de 1921, vários dos seguidores de García Thomas editavam seus artigos em *La Protesta*. Aliás, a Revolução comprovada teve a virtude de fomentar a

⁹⁷ Não achamos testemunhos diretos de críticos de primeira hora. O primeiro comentário crítico da Revolução Russa que conhecemos, é de começos de 1918 e pertence à publicação de González Pacheco e Antillí, os futuros antorchistas: *Achamos que a ação dos anarquistas na Rússia deveria ser, não tentar obter sanções mais ou menos avançadas do maximalismo, sempre dentro de um regime coletivista, nem em participar em seus comissões distribuidoras das terras; que abandonem toda essa idéia estatista, coletivista e todo militarismo, assim como qualquer confiança nos soviets, comissões ou o que for, para começar a viver, de fato, no comunismo. La Obra. 1.2.1918.*

união entre as diferentes tendências e as duas FORA de um modo semelhante que na Europa havia conseguido o milagre de unir, em uma primeira instância, as diferentes correntes do socialismo. Sem lugar a dúvidas, que o segundo "milagre" foi -e para Hobsbawm isto foi a consequência mais séria da Revolução Russa e da ação da III Internacional- a separação do mundo socialista, bolchevique e libertário, em campos antagônicos irreconciliáveis.

Enquanto que, até maio de 1919, os anarquistas tentaram compreender que representavam exatamente os maximalistas e quais eram suas afinidades, na segunda fase, um período que transcorreu de maio de 1919 até agosto de 1921, o tópico central dos debates foi a ditadura do proletariado, do povo, do Partido Comunista ou dos líderes do Partido. O maximalismo começa a ser questionado como autoritário e estatizante. Foi debatido se a ditadura do proletariado -no caso em que a sua legitimidade era aceita- deveria ser temporária ou permanente e debatia-se a questão se a revolução maximalista era uma fase transitória entre a Revolução Burguesa e a Terceira Revolução, quer dizer, a Libertária.

Em 1919, os antorchistas, já totalmente distanciados dos bolcheviques, tentaram promover, no *Tribuna Proletária*, um debate entre as diferentes posições anarquistas adotadas, algo que a militância de *Bandera Roja* não tinha aceitado na sua publicação. Contrariamente ao que foi divulgado na historiografia naquele ano, a polêmica ainda era muito forte e a esquerda ainda apresentam a capacidade de conviver com as diferenças. Em geral, *La Protesta* defende a ditadura e critica os antorchistas os quais começam a chamar de *puritanos* e *crystalizados*. Depois, esses rótulos foram aplicados aos próprios reconversos do jornal. Até maio de 1921, Santillán, Torralvo, Ricard e outros, defenderão a Revolução Russa e não atacam suas características autoritárias. Por outro lado os artigos de Emilio López Arango, até aquela data, oscilarão permanente e contraditoriamente, entre a defesa e a crítica do sistema soviético.⁹⁸

Como tínhamos argüido, nesta fase a questão da ditadura está no centro do debate, mas ainda não há informações confiáveis das práticas terroristas, contra as oposições esquerdas na

⁹⁸ A partir de 1925, López Arango e, especialmente, Abad de Santillán, começam a escrever a história oficial do anarquismo, uma história caracterizada pelo seu sectarismo. Mostram-se muito pouco leais com seus pseudo-adversários os antorchistas e terminaram convencendo a Max Nettlau, que, em seus *Manuscritos Inéditos*, concorda com a maior parte das versões destes dois espanhóis que, na década do 20, atacaram não só os outros anarquistas da região, mas também a I.W.W. americana, a C. N. T. espanhola, a Luigi Fabbri e a Neno Vasco, com uma virulência merecedora de melhor causa. Santillán acabou atribuindo ao *entusiasmo do momento* o que ele mesmo reivindica como *culto ao divisionismo*. Com respeito às mudanças de opinião de López Arango, podem-se comparar seus artigos no *La Protesta*, do 9 de fevereiro de 1919 -"La República Social y los Anarquistas"- com o "El Sentido Histórico de la Revolución", do 9 de dezembro do mesmo ano. No primeiro postula: *Nós apoiamos a Revolução Russa pelo seu caráter eminentemente proletário, antiburguês (...) e o fim da guerra capitalista (...). Mas, como anarquistas, não depusemos nossas idéias para abraçar o maximalismo*. Por outro lado, no artigo publicado em dezembro, proclama: *A ditadura constitui a essência, o fundamento de todo governo no período revolucionário; a ditadura é necessária, inevitável para destruir as forças da oposição e matar o espírito conservador adaptável da classe produtora. Não é então nossa missão, como anarquistas, censurar os maximalistas nem os métodos usados pelo bolchevismo para fazer triunfar a Revolução*. Santillán, por outro lado, ainda era mais drástico em sua defesa da ditadura do proletariado: *Entre as duas ditaduras que lutam entre si para impor seu domínio, os anarquistas deveriam colocar-se ao lado da ditadura proletária para não favorecer a opinião burguesa*. *La Campana*. (Sta. Fé). 28.9.1919: "La Dictadura Proletaria". No mesmo número desta revista da cidade de Santa Fé, escreve: *Na Rússia não se governa, se aconselha e chama de puritanos os libertários críticos de Lenin e Trotsky (Evidentemente se refere a Pacheco, Antillí, del Intento e Lorenzo)*. Não estamos julgando aqui às posições ideológicas destes autores, mas criticando seu fraude historiográfico quando afirmaram, em muitas oportunidades, que *La Protesta* nunca se afastou de sua posição anarquista na frente dos acontecimentos russos e quando pretendem ter sido críticos dos bolcheviques a partir da primeira hora e únicos depositários da verdade anarquista. Ver E. López Arango e D. Abad de Santillán. *op. cit.*, 1925. *El Certamen Internacional de La Protesta*. Bs.As., 1927 e os trabalhos de Santillán 1930, 1933 e 1977.

União Soviética. Por outro lado, os anarco-sindicalistas da FORA quintista começaram a construir um programa de unidade sindical. Na cabeça dessa luta, e integrando o Comitê Federal, encontravam-se o conhecido militante agrarista, José Vidal Mata e os portuários, Sebastián Ferrer e Antônio A. Gonçalves e não há dúvida de que estavam lutando por uma central sindical semelhante à CNT da Espanha, com a intenção de abandonar o padrão sindical forista praticado desde começos do Século e criticado por Luigi Fabbri, Neno Vasco, Malatesta e outros.

A partir de maio e, em forma definitiva, desde agosto de 1921, abriu-se uma perspectiva nova, quando em *La Protesta* e a *FORAC* os anarquistas levaram a cabo uma verdadeira limpeza de anarco-ditadores, não para defender a liberdade contra a ditadura, mas para impedir a coalizão das FORA e preservar o padrão sindical anarco-comunista.⁹⁹ É a partir de uma reunião do Conselho Federal da *FORAC*, em 20 de agosto de 1921, que *La Protesta* muda, definitivamente, seu rumo e começa a combater a Revolução Russa, os anarco-bolcheviques e os comunistas. Por outro lado, desde essa época, os anarco-bolcheviques vão para a FORA sindicalista e, em março de 1922, serão os principais protagonistas da fundação da União Sindical Argentina.

Evidentemente muitos elementos do debate social daquela época são semelhantes aos dos Estados Unidos, Espanha ou Brasil. O peculiar da Argentina eram as confrontações violentas de anarquistas com os sindicalistas, socialistas e comunistas e, sobretudo na década dos 20, entre eles. Na Espanha, embora também existissem essas confrontações, havia uma maior cultura de coexistência entre a esquerda extra-parlamentar. No Brasil, a marcha de um setor anarquista para posições claramente marxistas não foi acompanhada pela violência verbal e, às vezes, física à semelhança do que acontecia no Río de la Plata.

No debate sobre a ditadura, cada setor escoou seus argumentos em favor, em contra, ou numa posição intermediária: a ditadura temporária. Os argumentos costumavam ser sofisticados tais como o da *ditadura invisível das massas* sobre a qual tinha escrito Bakunin, ou especulava-se com os silêncios do velho Kropotkin. Em geral, os defensores da ditadura do proletariado a consideravam como uma fase transitória para dominar a burguesia ou a parte inconsciente do campo popular. Outras vezes falava-se numa Terceira Revolução. As primeiras, a burguesa e a maximalista, abririam as portas à Anarquia.¹⁰⁰

De modos diferentes combinava-se o binômio *comunismo* -palavra transvasada do anarquismo para o marxismo- e *anarquismo*. Por comunismo geralmente era entendido a igualdade econômica ou a coletivização bakuninista. A anarquia era o Reino da Liberdade, a conquista da humanidade plena, liberação de todas as opressões. Entre os anarco-ditadores, alguns defenderam que a igualdade econômica era uma condição prévia e necessária à chegada

⁹⁹ Embora a insistência possa resultar tediosa, os protagonistas da purga dos anarco-bolcheviques, foram Apolinario Barrera Apolinario e Emilio López Arango, este último introduzido no Conselho da FORA anarquista com o intuito explícito de expulsar Vidal Mata, Ferrer e Gonçalves.

¹⁰⁰ Sobre essa Terceira Revolução ver, *La Obra*, 1.2.1918: "Anarquismo y Maximalismo". *Não negaremos a importância desta revolução. É a revolução maximalista. Mas temos, eu acho, outra revolução a fazer e é a revolução anarquista e comunista.* Também, *La Obra*, 27.11.1918: "Hasta cuándo durará la revolución Maximalista?". A idéia da Terceira Revolução sobreviverá ao Triênio Vermelho no Río de la Plata. Em *La Batalla* do 18.8.1922, Garcia Thomas declarava: *A Revolução não é a Anarquia, mas o primeiro passo para ela e a ditadura proletária é só aplicável no período de reconstrução comunista.* Uma expressão desse etapismo foi a idéia defendida que *sem igualdade econômica não pode existir a liberdade.*

da anarquia enquanto outros reformulavam a sua identidade e suas práticas em um amálgama de elementos igualitários e libertários. Finalmente, estavam os que se opunham fortemente aquele etapismo e afirmavam que a revolução autoritária e estatista se perpetuaria, já que os meios deveriam ser adequados aos fins.¹⁰¹

Os argumentos desses que, pouco a pouco, começaram a questionar a legitimidade da violência proletária -ainda no caso de que fosse transitória e coletiva- giram, insistentemente, em torno da ética. O fim não justifica os meios; a liberdade não é estabelecida por meio da tirania; os libertários não deveriam reduzir a sua doutrina para obter o aval do maximalismo, mas realizar a sua obra específica. Com tudo, existia um imenso problema prático: sendo opostos ao maximalismo, seriam facilmente acusados de coniventes com a burguesia reacionária e, talvez por isso, raramente são escutadas vozes contrárias à ditadura antes de 1919. Ninguém possuía uma certeza plena, pelo menos até 1922, sobre o fato de que os bolcheviques, a partir do mesmo momento de seu acesso ao poder, operassem em duas frentes diferenciadas: na da reação branca -aliada a Inglaterra, França, os Estados Unidos e Checoslováquia- e contra as oposições esquerdas. Contestar a legitimidade da ditadura proletária quando a burguesia se expressava, militarmente, por meio dos exércitos de Yudenich Denikin, Kolchak e tantos outros, não constituía uma operação fácil.

Mais tarde, veremos algumas experiências vitais desse quinquênio movimentado, experiências que contribuíram a perfilar as diferentes identidades dos grupos anarquistas dos anos 20. Havia naquela polêmica infinita, alguns escritos que marcaram época e uns poucos foram lembrados mais tarde pelos amigos e adversários da Revolução. Na época em que foram publicados, foram importantes os artigos de *La Obra* que já permitia ver que o grupo que, mais tarde, publicou *La Antorcha*, começa a distanciar-se criticamente, a partir do final de 1918, do consenso anarquista para com a Revolução. As primeiras críticas foram dirigidas ao estatismo e ao controle estatal. Quando, em abril de 1919, os rebelionistas começaram a publicar *Bandera Roja* -de grande sucesso na sua existência de apenas 36 dias- Pacheco e Antillí publicaram uma declaração de guerra famosa: "Maximalismo No y No". Consideramos que este artigo fechou a fase da aceitação geral do maximalismo por parte dos libertários. Há naquele artigo um ataque direto às idéias divulgadas em *Bandera Roja*:

*O jornal no qual "confusionam" suas novas teses antianarquistas, não satisfaz nada nem ninguém. É para os sindicalistas e socialistas (...). Os autoritários querem reconstruir autoritariamente; nós ficamos com os meios e com as finalidades libertárias.*¹⁰²

Aos defensores da Rússia causou um grande impacto a Conferência do Dr. José Ingenieros, pronunciada no dia 18 de novembro de 1918, e chamada: "Significado Histórico do Maximalismo". Esta conferência operou o milagre de reunir em um teatro a anarquistas,

¹⁰¹ Ver. *El Comunista*. 28.8.20: "Las Definiciones del Anarquismo". Neste artigo Fernando Gonzalo escreveu: *Na ordem econômica, somos comunistas. Na ordem política, manifestamos ser anarquistas*. Pelo contrário, Teodoro Antillí, em 1919, já escrevia contra o etapismo consistente na realização do comunismo por meio da instalação da ditadura proletária, para chegar dessa forma ao Reino da Liberdade. Também alerta logo contra o que ele denomina, *fazer transvasamento da palavra comunismo do marxismo para nós*. Foi um sinal dos tempos que a palavra "comunismo" caiu com tanta facilidade na área dominada pelos marxistas. Ver o folheto de T. Antillí. "Comunismo e Anarquia". Bs. As., 1919.

¹⁰² *La Obra*. 1.5.1919: "Maximalismo No y No".

socialistas e liberais. Também teve uma grande transcendência o folheto de José Torralvo intitulado "Anarquismo e Comunismo".¹⁰³

E estavam, naturalmente, os pensadores libertários tais como Malatesta, Fabbri, Pestaña, Rocker e Nettelau, esses que com seu prestígio tendiam a influenciar poderosamente a opinião do ambiente. É de notar que alguns dos patriarcas venerados do anarquismo internacional, tais como Kropotkin, Grave e Malato, tinham perdido, a partir de 1914, uma parte da sua aura por ter apoiado a guerra contra os Impérios Centrais. Apesar de não concordar com as avaliações de 1919 a 1921 de Malatesta, Fabbri ou José Prat, tiveram que passar anos até que algum anarco-bolchevique destas regiões ousara questionar aberta e diretamente suas opiniões. Para muitos, as palavras escritas por Malatesta e Fabbri foram decisivas, não em último lugar, por causa das suas reflexões tranqüilas, inteligentes e ponderadas.¹⁰⁴

Finalmente, a partir de maio de 1921, a eterna questão do domínio das estruturas sindicais, levou *La Protesta*, para o antibolchevismo. A partir de dezembro de 1919, Gonçalves e Ferrer, dirigiam a FORA anarquista e esforçavam-se em realizar a união das duas centrais sindicais. O jornal anarquista que exercitava um tipo de paternidade sobre a FORAC, viu em perigo sua ascendência, já que a renúncia à recomendação do anarco-comunismo, provavelmente, subtrairia a futura central unificada da sua esfera de influência. Em 1920 e 1921 os ânimos estavam preparados para aceitar um sindicalismo do estilo da CGT francesa, da USI italiana ou, mais ainda, da CNT espanhola. Em face à possibilidade crescente de uma fusão sindical, os editores do jornal anarquista expulsaram os três anarco-bolcheviques do Comitê Federal da FORAC. Com o argumento de que Júlio R. Barcos em Buenos Aires e Orestes Ristori em Montevideú, haviam tido contatos secretos com um agente inglês da III Internacional, um grupo de líderes anarco-bolcheviques foi "desqualificado" pela central quintista. Um outro argumento, esgrimido para legitimar as expulsões, consistiu no fato de que Ferrer e Gonçalves tinham delegado, em 1920, a Tom Barker para o Congresso da Internacional Sindical Vermelha de Moscou, o que, por outro lado, não era nenhum segredo, já que obteve, no seu momento, o consentimento do Comitê Federal inteiro.

¹⁰³ De acordo a Moniz Bandeira -*op. cit.*, p. 237- Ingenieros veio ao Brasil para pronunciar essa mesma Conferência, a qual teve um impacto importante. Também o folheto de José Torralvo, "Maximalismo y Anarquía". -Avellaneda, Nuevos Caminos, 1919- foi traduzido para o português e publicado em *O Internacional*, no 22 de agosto de 1922.

¹⁰⁴ É de notar que os pensadores italianos eram muito respeitados no Rio de la Plata. Em uma entrevista de Eusebio Carbó a Malatesta, o catalão afirmou: *Já sabes que eles falam da ditadura como uma coisa passageira, momentânea e transitória*; para o que Malatesta respondeu: *Eu conheço isso. Sempre se trata, em última análise, da ditadura ou do governo de um partido, que poderá ser bom para defender a revolução contra os inimigos externos; mas uma vez vencidos estes, a ditadura é utilizada para dominar as massas e para deter o desenvolvimento dessa mesma revolução*". *La Rebelión*. 7.8.1920: "Una Entrevista con Malatesta". Por outro lado José Prat -o militante catalão expulso da Argentina em 1902, o teorizador do paradigma sindical da CNT espanhola- denunciou num artigo no *La Protesta*, sem ambigüidades, o autoritarismo, burocratismo e, inclusive, o capitalismo de Estado que militarizava o trabalho na Rússia. Ver, *La Protesta*, 27.2.1921: "Las Delicias de la Dictadura". Quanto a Fabbri, viu com sagacidade que o jacobinismo bolchevique levaria a Revolução a seu Termidor em nome do *povo*, hipostasiado em Lenin e seu grupo no poder. A Revolução Russa, de acordo com o pensador italiano, se assemelhava à utopia de Robespierre que quis dar a felicidade ao gênero humano, mas pela força, utilizando a ditadura do Comitê de Saúde Pública e a guilhotina e enviando à morte os revolucionários mais sinceros e fervorosos. Desse modo desarmou a Revolução e se desarmou frente à reação dos *sapos do pântano*. Ver. *Suplemento de La Protesta*. 30.1.1922: "Historia y Antihistoria".

Há em todas essas polêmicas e divisões complicadas, geralmente não muito interessantes, um elemento que se ressalta: a idéia de querer construir uma sociedade utópica, seja imitando aos russos, seja planejando edificar uma nova sociedade sobre fundamentos libertários. Assim, foi se construindo, ao longo de 1918 a 1922, a imagem do *bom bolchevique* ou, pelo contrário, a do *comunista pérfido*, de uma forma que nos faz lembrar os conquistadores da América, esses que, de fato, não *descobriram* o índio, mas o *acharam* tal como o tinham inventado previamente. Como, de qualquer forma, tratava-se de uma construção, a imagem do *bom selvagem* poderia evoluir para a do *bárbaro indolente e canibal*. E, da mesma forma que aquele índio refletia muito mais o mundo do conquistador que o do conquistado, a imagem do prestigioso maximalista revolucionário se converteu, para muitos libertários, na do comunista autoritário, estatista e repressor.¹⁰⁵

A Revolução Russa na região do Plata, operou como um catalisador que incentivava a vontade de levar a cabo mudanças sociais drásticas. Também impeliu a procura e a construção de símbolos fortes que operassem como dinamizadores de mitos desses projetos utópicos. Os anarco-bolcheviques locais quiseram realizar seu projeto de liderar o movimento sindical, com a intenção de ser a vanguarda regional da revolução mundial. Eles precisaram para isto -e intuitivamente o sabiam- de um mito dinamizador, e sua procura era uma tarefa árdua em uma região onde ainda tinham poucas raízes. E aqui podemos voltar a Chasteen: se para os Saravia era *natural* o apelo à genealogia dos revolucionários brancos da Guerra de Farrupilhas ou das campanhas de Oribe a fim de fazer-lhes combater nas suas batalhas finisseculares, para os anarco-ditadores, muitos deles estrangeiros em um país novo, não era tão fácil esse apelo às origens revolucionárias. Uma tentativa de criar mitos novos podemos encontrar nas figuras das capas da revista *Via Libre*. Dos 30 números que foram editados, nada menos de 18 aparecem com próceres do anarquismo regional e internacional. Desse modo, nos deparamos com as imagens de Ferrer, Tolstoy, Cafiero, Gorki, Luisa Michel, Florencio Sánchez, Kropotkin, Hermenegildo Rosales -emoldurado pelo jornal *Bandera Roja*- Eva Vivé, Bakunin, Barrett, Salvochea, Ferrer, Soledad Villafranca, Nina van Zandt, John Brown, a trinka Cherkov, Gorki e Tolstoy, novamente Tolstoy, e Eliseo Reclus. Entre os não-anarquistas encontramos Alberdi, Benjamín Constant, Giordano Bruno, José Enrique Rodó e ...Cervantes. Completando a série, há três números com imagens da Comunidade de Paris, o Povo Sofredor e a Escravidão Religiosa. Finalmente -como homenagem à modernidade- em um dos números aparece um avião.

Via Libre era dirigido pelo livreiro e procurador italiano, Santiago Locascio e financiado por García Thomas. Nessa série de imagens, vários elementos chamam a atenção. No panteão não aparecem os santos marxistas: nem Marx, nem Engels, nem Lenin, nem

¹⁰⁵ A idéia de que os conquistadores encontraram o que esperavam e construíram uma imagem amalgamada do índio, é desenvolvida por Tzvetan Todorov, Guillermo Bonfil e, ultimamente, pelos historiadores chilenos Holdenis Casanova e Jorge Pinto Rodríguez. Bonfil, por exemplo, afirma que o índio era uma consequência do regime colonial. Quer dizer, uma abstração, uma generalização, uma simplificação, uma imagem que os europeus criaram, quando reuniram em um único termo toda a população da América. Ver, G. Bonfil. *México Profundo. Una Civilización Negada*. México, CHESAS, 1987, pág. 121. Apud, H. Casanova. "La Auracanía Colonial". Em, J. Pinto Rodríguez (Ed.) del *Discurso Colonial al Proindigenismo*. Temuco, Universidad de la Frontera, 1996. Debaixo da luz dessas e outras práticas, já não achamos tão estranho que Iván Romanov, "Misha", via na figura do maximalista, toda a esquerda russa.

Trotsky. Ao contrário, estão muito bem representados os fundadores do anarquismo russo tais como Bakunin, Kropotkin, Tolstoy e Gorki. Entre as figuras locais evocadas estão o escritor uruguaio Florencio Sánchez e o paraguaio por adoção, Rafael Barrett; mas também há americanistas como Alberdi e Rodó. Sem lugar para dúvidas, o mais expressivo resulta ser a inclusão de dois militantes da esfera de García Thomas: sua esposa Eva Vivé e o índio neuquino Hermenegildo Rosales. Por que eles?

No caso do *bom bolchevique russo*, aquele com sua biografia autorizada pela editora Granat, em geral, possuía três méritos essenciais no seu currículo revolucionário: tinha sido prisioneiro -com preferência no *katorga* de Sibéria- tinha ido para o exílio e tinha colaborado com Lenin, previamente a 1917. Hermenegildo Rosales, o índio mapuche da Patagônia, havia nascido em Junín de los Andes. Autodidata, grande orador, professor, barbeiro e construtor naval, era uma das pessoas mais próximas a García Thomas. Em ocasião do fechamento de *Bandera Roja*, foi condenado à prisão em Ushuaia. Reunia, desse modo, algumas qualidades significantes, as que foram reforçadas por *Via Libre*, com sua associação imagética ao jornal de abril de 1919, símbolo dos anarco-bolcheviques. Uma indicação que se especulava também com o caráter aborigem de Rosales, aparece em um discurso de seu advogado defensor, o Dr. Ricardo Paz, que enfatizou sua rebeldia de proletário e de indígena e apelava à pureza de seu sangue araucano.

O lançamento da imagem de Eva Vivé também pode dar lugar a várias conjeturas: trata-se de uma imagem feminina; também foi encarcerada na ocasião do fechamento do *Bandera Roja* e, novamente, depois da Greve das Bombas. A revista publicou também um artigo de Locascio que faz os maiores elogios a Eva tais como, *ter curado os feridos durante a Semana Trágica*; ou por ser, *uma virgem do mais puro sangue galês* -aqui nos encontramos, novamente, com a pureza do sangue- e ainda, por ser, *a mulher de García Thomas*.

Não seria uma audácia pensar que existiam modelos mais atraentes que Vivé e Rosales, militantes esforçados, sem dúvida, mas não muito fora do comum dentro do núcleo de apóstolos abnegados do Ideal. Porém, nada mais difícil que reunir todas as condições para candidatar-se para a função de mito vivo. Por exemplo, Julio R. Barcos era sem dúvida um escritor e pensador brilhante, mas boêmio e mulhengo. José Torralvo, Santiago Locascio, Pierre Quiroule e Fernán Ricard, com os anos tinham perdido a combatividade de barricada. Escreviam e pensavam, mas as prisões haviam ficado no passado. A Argentina não possuía figuras como um Malatesta ou um Seguí e embora o uso das imagens de Eva -*what is a name?*- Vivé e Hermenegildo Rosales, são atraentes, lhes falta dimensão histórica para se tornar mitos mobilizadores eficazes.

Mas estava Simón. Prisioneiro durante 10 anos na Sibéria argentina, Simón Radowitzky já havia se tornado um mito para todos os anarquistas rioplatenses que tudo fizeram para liberá-lo da prisão. É para estranhar então que a imagem do homem de Kiev não foi utilizada como capa de *Via Libre*, ausência mais notável ainda, porque pouco tempo depois passa a ser o escolhido dos anarco-bolcheviques para ser sua bandeira. Como veremos mais adiante, o grupo de García Thomas tentará, durante um ano, convencê-lo com diplomacia e subtrai-lo da influência do círculo protestista. Desse modo os futuros aliancistas, em vez de criar um novo mito, tentarão capturar um já existente.

Na polêmica estabelecida em torno da legitimidade de realizar uma revolução semelhante à russa, várias oposições binárias são utilizadas: o novo contra o anacrônico; a realidade-verdade contra a utopia-ilusão; o construtivo versus o destrutivo e o orgânico contra o cristalizado. Entre esses elementos antagônicos, era especialmente forte o apelo à *realidade*, aos *fatos que presidem a história*, à *revolução verificada* contra as idéias, bonitas, porém impraticáveis. Esse discurso pragmático não foi apresentado como uma opção, mas como a verdade, o científico, o único viável. De fato, tudo isso se assemelhava aos discursos do emergente Partido Comunista e por isso chama tanto a atenção que, embora houvesse trasfego de idéias do anarquismo para formas autoritárias de pensar e agir, foi quase insignificante a passagem de militantes anarquistas para o comunismo político. Já foi dito que poucos anarquistas entraram ao Partido Comunista Argentino. No Uruguai, esse fenômeno foi relativamente mais freqüente, porém a maioria dos anarquistas charruas que aderiram ao comunismo voltaram depois para o movimento libertário.¹⁰⁶

Como afirmamos, finalizado o Triênio Vermelho, o ainda importante movimento anarquista se encontrava dividido em três grupos e cada um deles adotou uma identidade coletiva reconstruída, fruto das experiências desses anos. Havia sido confrontados com o dilema do que fazer naquele momento em que a revolução parecia chamar a suas portas, apresentando-se como uma possibilidade e não mais como um mero desejo. No começo de 1922, ainda não se vislumbrava que se estava nos umbrais de um período histórico de auge do nacionalismo de direita, primeiro, e de "esquerda", depois. Tampouco se imaginava que estavam nos começos do crescimento dos movimentos fascistas; da confrontação entre as democracias liberais e a União Soviética de um lado, com o nazifacismo, de outro. Após a Crise dos 30, surgiram na América Latina os diferentes movimentos populistas que mobilizariam grandes massas em prol de organizações políticas caracterizadas como alianças de classes e que, economicamente, eram uma opção pela expansão do mercado interno em que um Estado centralizado e forte tentava salvar as burguesias nacionais das mudanças operadas pela Crise, regulando as relações econômicas e políticas.

Na frente de todas essas mudanças, os anarquistas foram pouco mais que espectadores passivos. Em 1922 poderiam acreditar ainda que seu estado de desmobilização era produto exclusivo das derrotas infligidas aos trabalhadores pelo Estado yrigoyenista e a Liga Patriótica. Porém, com o passar do tempo, perceberiam que aquela perda de protagonismo social seria definitiva. Na década dos 20, ainda jogaram um papel social modesto na USA e, na década dos 30, alguns iriam para a guerra civil espanhola, encontro de honra e condensação da consciência de toda a esquerda internacional.

¹⁰⁶ Surpreendentemente, embora em escala reduzida, este fenômeno aconteceria novamente no Uruguai nas décadas dos 60 e começos dos 70. Grupos de libertários participaram da guerrilha tupumara mas, a posteriori, voltaram para as suas idéias e práticas anarquistas.

2.4 ERVA E TABACO PARA SIMÓN E UMA MONTONERA ASTURIANA

Indubitavelmente Radowitzky não pode ser deste grupo ou daquele outro, mas deveria ser restituído à comunidade. Belas são as palavras deste homem: por que tenho que ter erva eu? Além disto, enviem-me o que me enviam, eu não terei bastante até o outro pacote, porque faço a distribuição imediatamente. Que diferença com aqueles que desejam ter não só erva, mas poder.¹⁰⁷

Entre as últimas décadas do Século passado -nas quais haviam estado na Argentina, como colonos, Paulino Pallas e Auguste Vaillant - até o aparecimento dos anarco-expropriadores, com Severino Di Giovanni, nos anos vinte deste Século, os atentados individualistas dos anarquistas não foram muito freqüentes no Rio de la Plata. Porém houve uma ação que foi célebre na história social argentina: a de Simón Radowitzky, aquele que, em 14 de novembro de 1909, executara com uma bomba o comissário Ramón Falcón que morreu por causa das suas feridas.¹⁰⁸

Radowitzky tinha nascido em Stepaneso, município de Kiev, Ucrânia, em 10 de setembro de 1891. Em 1908 chegou ao país, por Londres, para trabalhar no seu ofício de mecânico. Depois do atentado foi sentenciado à pena da morte, mas descobriu-se que ainda era menor de idade e foi-lhe comutada a pena capital pela prisão perpétua no presídio de Ushuaia, Terra do Fogo. Lá permaneceu até abril de 1930, quando obteve a liberação por parte do governo de Hipólito Yrigoyen, depois que os anarquistas fizeram inúmeras campanhas a favor da liberação de seu prisioneiro, símbolo por antonomásia da vingança proletária contra a opressão capitalista.

A prisão de Ushuaia, foi construída ao término de Século passado durante o governo de Julio Argentino Roca e foi concebida como uma verdadeira *katorga* americana. A *katorga* siberiana tinha sido uma invenção russa do Século XVI e possuía, desde seu começo, as características seguintes: era um campo de concentração e um campo de trabalho; estava geograficamente longe dos núcleos urbanos importantes o que transformou essas prisões em lugares de exílio e com escassas possibilidades de fuga; por último, foi destinado a criminosos comuns reincidentes e aos prisioneiros políticos ou sociais. As ações na Sibéria variavam de um ano e meio até a prisão perpétua; os prisioneiros novos levavam correntes e algemas durante uma terceira parte da sua condenação e, uma vez cumprida esta, o prisioneiro, em vez de recuperar a liberdade, passava a um "regime de colonização", freqüentemente acompanhado por sua família.

Ushuaia na Argentina, Clevelândia no Norte de Brasil, Quintana Róo no Sul de México ou, inclusive, Cayena na Guayana Francesa, apresentavam numerosas semelhanças com aquela *katorga* siberiana. Deste modo, a prisão de Tierra del Fuego abrigava presos comuns e prisioneiros sociais; estava localizada no extremo Sul do país com o clima mais inóspito da

¹⁰⁷ *La Antorcha*, 9.6.1922: "El Asunto Radowitzky". O jornalista ataca, sobretudo, o grupo liderado por García Thomas e a *La Batalla* de Montevideú.

¹⁰⁸ Ver, Osvaldo Bayer. *Simón Radowitzky y Otros Ensayos*. Bs. As., Ed. Granica, 1974.

República e era -o que, freqüentemente é esquecido- um campo de trabalho. Realmente, se o prisioneiro não era mantido a pão e água numa cela estreita sem luz ou aquecimento, ele tinha que trabalhar na depredadora exploração da floresta, na serraria anexa à prisão ou nas oficinas da mesma.¹⁰⁹ Aquela combinação de prisão e campo de trabalho, localizada nas fronteiras do país, teve por objetivo impor o terror e fazer desaparecer as pessoas consideradas perigosas da visão da sociedade. De fato, enquanto durava sua condenação em Ushuaia, esses prisioneiros se tornavam *desaparecidos*.

Entre outubro e novembro de 1917 uma série de 21 artigos, de autoria de Marcial Belascoain Sayos apareceu em *La Protesta*. A descrição detalhada da vida da prisão nos faz recordar as *Memórias do Cárcere* do romancista brasileiro Graciliano Ramos. Castigos corporais com lesões e mortes, corrupção difundida, roubos e violações praticados pelos carcereiros e mesmos dos prisioneiros, eram moeda corrente entre as práticas da cadeia.¹¹⁰ Com razão González Pacheco que conheceu a prisão em 1910 e, novamente, em 1930, comentava que em Ushuaia havia três artigos que não necessitavam ser lidos aos prisioneiros, já que vibravam com efetividade opressiva: a vara, o chumbo e o plantão.¹¹¹

Talvez por sua juventude, pela mesma natureza da sua ação, ou pela condenação perpétua -um castigo em condições infra-humanas- Radowitzky passou a constituir, durante duas décadas, o símbolo da vontade anarquista dos que queriam mudar o mundo. Foi o herói e o mártir do povo, do proletariado e do explorado.¹¹²

No amanhecer nebuloso do 7 de novembro de 1918, Simón saiu caminhando pela porta da prisão, vestido de civil, com um quepe na cabeça e o corpo embrulhado num pano preto como se fosse uma capa. Apolinario Barrera já o estava esperando, há três dias, escondido na floresta perto da prisão e os aguardava um cutter alugado para levá-los a Punta Arenas pelos canais da Terra do Fogo. Porém ambos caíram nas mãos das autoridades chilenas e foram devolvidos imediatamente aos seus pares argentinos. Novamente na prisão, Radowitzky é condenado a dois anos de isolamento celular com uma porção diária de 400 gramas de pão e um litro de água. De em lado, a ação de Barrera -descrita em detalhes por Bayer- não foi a única tentativa de liberação de Radowitzky. Iván Romanof de Montevideú, outro ex-condenado como Barrera, foi o responsável por outro fracasso semelhante. De outro lado, o anarco-expropriador e sindicalista, Miguel Ángel Roscigna e seu companheiro Francisco Trotta, também levaram a cabo uma tentativa de liberação, mas fracassaram por causa da falta de solidariedade por parte da união dos metalúrgicos.¹¹³

¹⁰⁹ Ver, *La Protesta*. 15.7.1924: "Carta de Simón Radowitzky".

¹¹⁰ *Ibidem* do 10 de outubro a 3 de novembro de 1917.

¹¹¹ *La Antorcha*. 21.8.1925: "Los Castigos".

¹¹² Uma menção especial ao que se refere à solidariedade para com os prisioneiros anarquistas em geral, e Simón Radowitzky, em particular, merece a Federação Operária Russa Sul-americana, cujos associados eram quase todos hebreus e publicavam em Buenos Aires, *Golos Truda -A Voz do Trabalho*. Em todas as coletas para os prisioneiros, as maiores contribuições eram deste grupo. Simpatizantes naturais da Revolução Bolchevique, a maioria ficou no anarquismo durante a década dos 20. A sua publicação data de 1918 e continua até 1927, pelo menos. Ver Max Nettlau, *op. cit.*, XVI, p. 52. Esse grupo não deve ser confundido com a União de Sociedades Operárias de Rússia, socialista primeiro e comunista, depois. Ver, por exemplo, *La Internacional* do Primeiro de Maio de 1918.

¹¹³ De acordo com a versão que dá a *Revista de Policia*, de Dezembro de 1918, o prisioneiro tinha pedido ajuda a *La Protesta* e Barrera ofereceu-se, voluntariamente, para tentar liberar a Simón. Porém, sempre de acordo com a versão dos guardiães da ordem, Barrera não entrou à prisão, mas ficou esperando por Radowitzky nas proximidades do presídio durante vários dias, ou seja de 4 até 7 de novembro. Como curiosidade pode-se

Entre 1919 e 1920, os condenados de *Bandera Roja*, Hermenegildo Rosales, Enrique García Thomas e Atilio Biondi, puderam estabelecer contato com Simón, que ainda estava em regime de isolamento. Então, de acordo com seus testemunhos, obtiveram para ele o fim do regime de reclusão celular e, em 1922, um grupo de anarco-bolcheviques encabeça uma campanha da USA para obter o indulto presidencial para o preso mais querido do movimento extra-parlamentar.

Simón Radowitzky tinha sido o prisioneiro de todos os anarquistas, mas na década de 1920 transformou-se, involuntariamente, em um objeto de litígio entre aliancistas e protestistas. A reflexão que mencionamos na epígrafe, ilustra aquele sentido de propriedade coletiva e de seu valor como supremo símbolo libertário. No presente contexto, não interessa demasiado a análise de mais uma controvérsia entre os diferentes agrupamentos anarquistas rioplatenses, mas a intenção dos anarco-ditadores de apropriar-se de um símbolo ou mito ao melhor estilo dos movimentos sociais hispano-americanos. Em 1922, o grupo que buscou liderar a Revolução Mundial no Rio de la Plata percebeu claramente que a Revolução Russa, cada vez mais questionada na região, já não era bastante como bandeira única do movimento e que a história de sua própria trajetória, também não bastava e que era necessário atrair um símbolo forte como Radowitzky. É importante assinalar que a encarregada de estabelecer os contatos com Radowitzky foi Eva Vivé, não em sua qualidade de militante, mas como uma pessoa preocupada com saúde e bem-estar do prisioneiro. Desta forma o grupo de Barrera e de García Thomas competiam entre si para mandar a Simón, erva para o chimarrão, tabaco e roupas.

Quase todo movimento hispano-americano, com um projeto social e político para o futuro, pareceria precisar de um ancoradouro em mitos fundantes do passado que passam a operar como símbolos ou faces de significados que apelam, com força, à estrutura dos sentimentos. Desse modo, a formação dos Estados Nacionais, a partir da segunda metade do século XIX, foi o resultado de uma ação dupla: a luta militar contra os projetos antagônicos e a construção de uma história nacional, enraizada nos mitos fundantes e, ao mesmo tempo, legitimadores e orientadores desses estados novos. No México, foram utilizadas as figuras de Hidalgo e Morelos -e, previamente, a Virgem de Guadalupe que apareceu no México antes da chegada dos espanhóis, de acordo com Servando Teresa de Mier; na Venezuela, está claro, a Bolívar; na Colômbia, a Santander e Bolívar; no Chile, depois da queda da estátua de Portales, a O'Higgins; no Uruguai a Artigas, depois que havia sido esquecido por 30 anos na floresta paraguaia- e na Argentina nos encontramos com o caso no qual o militar que havia sido o demiurgo principal do Estado centralizado, também foi o historiador das vidas de San Martín e Belgrano, história tão necessária à construção daquele Estado como as batalhas de Cepeda, Pavón e Puente de la Noria.

E a esquerda? É de notar que os socialistas e anarquistas -e a partir de 1918, também os comunistas- adotaram, com certas variáveis, o mesmo panteão de fundadores da pátria que os

mencionar que no julgamento feito a Barrera, estabeleceu-se uma batalha jurídica interessante, e desde então, em primeira instância, não foi considerado crime a ajuda prestada a um prisioneiro para realizar a sua fuga. Como a fuga, de parte do prisioneiro, constitui um ato natural e não um crime, também a colaboração com um ato não-criminoso na poderia constituir um delito. Deste modo, os juristas tiveram que procurar uma outra Lei para condenar Barrera a um ano de prisão. Na ação de Romanov -"Misha", ver *La Protesta*, 14.9.1921: "A la Colectividad Anarquista": também os artigos dos dias 15 e 22 de outubro de 1922. Enquanto a Roscigna e Trotta ver, *La Protesta*, 31.10.1922: "Movimiento Obrero. Metalúrgicos"!

liberais. O *Esboço da História do Partido Comunista*, por exemplo, apresenta, no começo do livro, os retratos de Marx, Engels, Lenin e Stalin e, ao fim, os de San Martín, Belgrano, Moreno, Rivadavia, Sarmiento e Alberdi.¹¹⁴ Também em uma *payada* gaúcha publicada, em 1923, em ocasião do assassinato de Kurt Wilckens, o *payador* libertário, Garcia Costa, evoca a Ameghino, Moreno, Rivadavia, Alberdi e Sarmiento.¹¹⁵ Apesar dos heróis nacionais compartilhados com os liberais, socialistas e radicais, os anarquistas tinham seus próprios fundadores, tais como Bakunin e Kropotkin e pensadores como Fabbri, Malatesta, Nettlau, Rocker e Salvador Seguí. Ao contrário, chama a atenção que ninguém no anarquismo do Rio de la Plata, reunia todas as condições para ser considerado como uma referência permanente. Alberto Ghirardo a tinha sido em algum momento do passado e seu "Madre Anarquía" era o hino regional dos libertários, porém, em 1920, a sua imagem tinha perdido seus contornos, depois do seu autoexílio para a Espanha em 1916 e suas brigas com os anarquistas espanhóis como Gilimón, a partir de 1905.¹¹⁶ Por sua parte, o médico Dr. John Creaghe morreu em Paterson, nos Estados Unidos, em 1920, vítima do alcoolismo e de fato, ninguém entre os anarquistas da região era considerado, por consenso, a grande liderança da comunidade libertária. Nem Locascio, Ristori, Barcos, Antillí, González Pacheco ou Garcia Thomas, obtiveram tal unanimidade que podia aglutinar em torno das suas idéias e práticas, o movimento ácrata.

Que a disputa pela propriedade simbólica de Radowitzky excedia completamente os limites de um simples aval de um prisioneiro ilustre, fica bastante claro. Das uniões, grupos de afinidade, e publicações, revestia-se a Simón de um aura de martírio e heroísmo. Seu prestígio fundamentava-se não só no seu ato vingador dos massacrados em maio de 1909, mas em sua abnegação em compartilhar erva, tabaco e roupas com os outros prisioneiros e em sua negativa em admitir privilégios ou transformar-se num fator de discórdias. Ao lado disso, seu castigo não era, de fato, uma invenção dos anarquistas.

Radowitzky, disputado por grupos diferentes, ao fim optou para ficar ao lado do grupo de *La Protesta*, ou seja escolheu formar parte do grupo oposto aos anarco-bolcheviques da Argentina e do Uruguai. Desse modo, o operativo consistente em capturar Radowitzky para a causa da revolução Russa falhou, apesar dos esforços de Iván Romanov de Montevideu e Eva Vivé e García Thomas de Buenos Aires em coletar dinheiro para lhe enviar erva e tabaco. Além disso eles organizarão planos de fuga ou intercederão ante o governo radical para obter o perdão do ativista encurralado. Em 1923, a Aliança perdeu uma figura mitológica, capaz de simbolizar seu projeto social.

Outra tentativa de procurar no passado um ancoradouro mitológico para a orientação das ações presentes foi empreendida por Jesús María Suárez. Era o momento da primeira greve agrária de Sta. Cruz e Suárez comparava Manuel Carlés com um *pelucón unitário* e descrevia os grevistas como uma *montonera anarquista*. Tenta traçar assim, uma genealogia que vai do

¹¹⁴ Comissão do C.C. do Partido Comunista. *Esbozo de Historia del Partido Comunista de la Argentina*. Bs. As., Anteo, 1947.

¹¹⁵ Ver. Osvaldo Bayer. *La Patagonia Rebelde*, vol. III. Bs. As., Ed. Granica, 1972.

¹¹⁶ Hernán Díaz. *Alberto Ghirardo: anarquismo y cultura*. Bs. As., Ceal, 1991. A sua luta pela união dos anarquistas com outras tendências sindicais o converteu em alvo das críticas de Eduardo Gilimón e daqueles que defendiam a linha do forismo anarco-comunista.

gaúcho federal e do montonero do Século de XIX, para o anarco-comunista agrário rebelde, de 1921:

Os camponeses conhecem Carlés e suas brigadas. Eles são os clássicos "doutores" que montam à inglesa e vestem-se como dandies: são as brigadas decentes, educadas na cidade para destruir a montonera anarquista que proclama a liberdade de trabalho dos gaúchos e da terra sem cercas nem balizas proprietárias.¹¹⁷

Esta exposição de Suárez não era uma simples especulação ideológica de laboratório. Durante esses dias, estavam lutando contra a gendarmeria volante do Norte de Santa Fé, os *obrajeros* e *tanineros* de Villa Ana, Villa Guillermina, La Felicia, Tartagal e Florencia, no feudo de La Forestal, no Norte santafesino e a mesma coisa acontecia em Las Palmas, no Chaco. Entre esses trabalhadores rebeldes, prevaleceram os elementos nativos afiliados à FOM, sindicalista e à FORAC, anarco-comunista.

Os trabalhadores -comentava uma publicação santafesina dirigida pelo mesmo Suárez- estão bem armados porque no primeiro ataque ficaram donos dos povoados. (...) Estamos informados de Santa Fé, através de viajantes, que os trabalhadores lutam arvorando suas bandeiras vermelhas e lançaram um manifesto exortando a formar o exército vermelho.¹¹⁸

Por sua vez, o antorchismo procurava explicar a rebelião patagônica pela migração dos gaúchos que preferiram a vida livre do Estepe Meridional à proletarização e ao confinamento nos pampas povoados de cercas. O calvário dos peões chilenos quase tornou-se um Machnovíchina argentina.

Organizaram-se por milhares os arrieiros, os manseros, os peões das estâncias. E receberam jornais e folhetos de todas as partes e em todos os idiomas. E nas cidades da costa fundaram centros sindicais e escolas. E aos patrões impuseram horário, tratamento e salário.¹¹⁹

A idéia de que o *gaúcho* ou chileno patagônicos ou os *criollos* de Chaco pudessem se tornar companheiros para lutar ao lado de espanhóis, italianos ou russos, não deixou de atrair os libertários, desde o principio do Século XX. Tinha havido um argentinização incipiente do movimento anarquista entre 1900 e 1907, quando Alberto Ghirardo dirigia *La Protesta*, secundado por Julio R. Barcos, Juan Emiliano Carulla e outros escritores. Por exemplo, na revista literária *Martin Fierro*, também editada por Ghirardo, publicava suas *Cartas Gaúchas*, Juan Crusao (Luis Woolands). Escritores como Ghirardo, Barcos, Pacheco, Antillí e Woolands, mas também estrangeiros que tinham chegado ao país na sua infância, tais como Suárez, García Thomas ou Pierre Quiroule, conheciam demais a atmosfera local para não apelar, unicamente, aos registros internacionalistas. Mas, a partir de 1907, os imigrantes e, sobretudo, os espanhóis, dominaram as duas instituições estáveis do anarquismo, quer dizer, o jornal *La Protesta*, e a central sindical a FORA, de tal modo que estes organismos às vezes pareciam operar como

¹¹⁷ Jesús M. Suárez. *El Comunista*. 12.2.1921. É de notar que esse predecessor estranho dos guerrilheiros peronistas, tinha nascido em Asturias, Espanha.

¹¹⁸ *El Comunista*. 6.2.1921: "Últimas Noticias del Chaco. Los combates continúan. Recios ataques de los comunistas.

porta-vozes dos imigrantes, uma espécie de pseudo-partido político dos estrangeiros de esquerda. Por outro lado, os sindicalistas começaram a distanciar-se gradualmente do comunismo-anárquico, optando para um desempenho sindical mais pragmático. Frequentes eram os artigos que denunciaram a *política criolla*, a *gauchieracia* e a política da taba e do facão. Para o operário anarquista portenho, o gaúcho geralmente era um polícia, um fura-greve ou um inconsciente usado contra os inimigos do proletariado e os epítetos de *mazorqueiros*, *maloqueiros* ou *bárbaros* eram frequentes. Ora, em 1919 a 1921, os movimentos de rebelião no Chaco, na Patagônia ou em Mendoza, impressionaram fortemente, abalando estes preconceitos. Possivelmente porque Suárez trabalhava como professor de escola -a qual, a partir de 1880, era um aparato poderoso para transformar italianos, espanhóis e russos em cidadãos argentinos- sentira em forma mais aguda que outros a necessidade de relacionar o movimento socialista mundial à história nacional.

Em 1922, Suárez volta à carga com um artigo chamado "Origem Sociológica da Montonera". Aqui racionaliza e afina a idéia básica de seu artigo anterior e só três anos depois, García Thomas sente a necessidade de refutar sua proposta. Com o sentido comum da historiografia daquela época -ou seja, com muitos preconceitos- condena em bloco às lutas federais, desqualifica o gaúcho como ocioso e encrenqueiro. Porém, a García Thomas não lhe faltaram algumas razões para questionar às megadescrições transhistóricas de Suárez, o qual, na realidade, foi um precursor da chamada "esquerda nacional", ou revisionismo nacionalista de esquerda. Por exemplo, quando García Thomas reprochava Suárez que deveria ser uma mania de historiador moderno descobrir em toda guerra civil a luta de classes e que os chefes montoneros não eram gaúchos proletários, mas fazendeiros ricos e autoritários, demonstrava ser menos ingênuo que Suárez e a esquerda montonera que reinventou essa história, na década dos 60. Finalmente, o catalão escreve para o asturiano:

*Bem está Carlés quando invoca o exemplo dos gaúchos de Güemes para justificar os crimes dos liguistas em Guleguychi. Equivocado é, querer descobrir uma ação anarquista onde só se rende culto à coragem.*¹²⁰

Esse debate demonstra, entre outras coisas, o grande poder de socialização que exercia a sociedade argentina nos imigrantes: dois espanhóis polemizavam na Argentina sobre as raízes históricas das rebeliões sociais. Debatia-se um tópico que, décadas depois, seria um dos preferidos dos revisionistas históricos: a incorporação das revoluções do passado federal, à luta do presente, usando, claro está, a mais flagrante das transhistoricidades.

Voltando a 1922, podemos apreciar que nem prosperaram os intentos de usar Radowitzky como bandeira do anarco-bolcheviquismo, nem a iniciativa de Suárez de uma *nacionalização* da luta libertária com a incorporação para a mesma, da resistência antiliberal federal. A partir daquele ano, pouco a pouco, alguns aliancistas recaíram nas suas representações anarquistas tradicionais, embora modificadas, enquanto outros -que haviam adotado a imagem do bom revolucionário, admirador da Rússia, mas inimigo de todo partido político. Depois de 1923, um núcleo cada vez mais raro quis imitar os bolcheviques russos,

¹¹⁹ *La Antorcha*. 27.1.1921. "Santa Cruz".

¹²⁰ E. García Thomas. *La Rebelión*. 15.3.1925: "Sobre la Origen Sociológica de la Montonera". O autor declara que é a resposta a uma carta que Suárez lhe enviou em 1922.

sem o aval da III Internacional, rejeitando, como anarquistas, à ação política. A ausência de símbolos que perfilassem isto ante a opinião dos trabalhadores ou atuara sobre o imaginário deles constituiu, sem lugar para dúvidas, um impedimento para o seu desenvolvimento.

2.5 A REVOLUÇÃO RUSSA NA REPÚBLICA DAS LETRAS

*Pasea el viento, la nieve vuela.
Los doce hombres marchan en vela.
Negras correas de los fusiles,
y en torno a ellos hay luces miles.
Siguiendo sus huellas, un cachorro listo,
y delante de ellos con bandera roja,
invisible en la nieve de albores de alas,
immune a las balas,
andando en el aire con un paso leve,
llevando un tesoro de perlas de nieve,
corona de rosas, que jamás se ha visto,
delante de ellos va Jesucristo.¹²¹*

Escolhemos para esta parte de nosso trabalho os poemas de três escritores do Rio de la Plata, os quais possuíam um laço específico em comum com a tradição libertária regional. Estas poesias, de Elías Castelnuovo, Jorge Luis Borges e Rolando Martell, bastante desconhecidas no ambiente literário atual, no seu momento, procuraram erguer um monumento em homenagem à Revolução com o objetivo explícito de sensibilizar e mobilizar seus leitores e as "massas". *Gasolina para o coração*, o teria definido Maiakovsky.¹²²

Ora, apesar dos seus laços em comum com algumas das modalidades do movimento libertário regional, estamos na frente de três autores de extração de classe, escola literária e compromissos para com as lutas sociais muito diferenciados. Elías Castelnuovo de Montevideu era, para essa época, um dos editores de *La Protesta*. Em maio de 1919, havia publicado o poema, "Rosa Luxemburgo: in Memoriam" e, em outubro do mesmo ano, "Los Bárbaros están a las Puertas de Petrogrado". Diferente era o caso de Borges: em 1914 havia partido com sua família para Genebra, Suíça e, em 1918, chegou à Espanha, *Embriagado de Whitman, apetrechado de Stirner e de Romain Rolland*, de acordo com o comentário de seu cunhado, Guillermo de Torre.¹²³ Tendo publicado suas primeiras poesias em revistas ultraístas

¹²¹ Fragmento de "Os Doze" de Alexander Blok. Versão espanhola em, L. Gregorich. *Poesía Rusa del Siglo XX*. Bs. As., Ceal, 1970. Tradução de Fiódor Kélin e César M. Arconada.

¹²² Sem ignorar que a poesia pertence a um gênero literário com códigos formais, específicos, não queremos deixar de lado esta produção que mostra uma faceta peculiar do impacto da Revolução Russa na sociedade do Rio de la Plata. Queremos esclarecer aqui, que não pretendemos levar a cabo uma interpretação fundamentada em uma teoria literária -como talvez seria desejável- no rastro do "giro lingüístico" manifestado em algumas produções historiográficas recentes.

¹²³ Guillermo de Torre. "Para la Historia Ultraísta de Borges". Em, *Cuadernos Hispánicos*, nº 169, Janeiro de 1964. Também ver. Fernando Sorrentino. *Siete Conversaciones con Jorge Luis Borges*. Bs. As., Casa Pardo, S.A.,

espanholas, guiado por Rafael Cansino Assens, voltou a Buenos Aires, em 1921, e publicou, quase imediatamente, seu poema "Rusia" e "Guardia Roja" na revista literária *Cuasimodo*, dirigida por Julio R. Barcos e Nemesio Canale; nesta publicação colaboravam também Elías Castelnuovo e Rolando Martel.¹²⁴ Este último, que na vida real se chamava Ramón Martínez Franco, e era um escritor e operador de cinema de Rosario, ainda hoje é praticamente desconhecido na Argentina. Em 1924 acompanhou Luis Di Filippo na sua viagem para Europa, ambos como delegados da Aliança Libertária Argentina. Depois de morar uns anos em Paris -onde escreveu o poema "1917"- migrou para Cuba, e formou parte do grupo de escritores cubanos conhecido como a "geração do 30".

Na sequência, transcreveremos algumas amostras dessa produção literária de Borges, Martell e Castelnuovo, para em seguida fazer alguns comentários sobre certos aspectos considerados relevantes.

"RUSIA"

La trinchera avanzada
es en la estepa un barco al abordaje
con gallardetes de hurras
mediodías estallan en los ojos
Bajo huracanes de silencio pasan las muchedumbres
y el sol crucificado en los ponientes
dice su queja en la vocinglería
de las torres del Kremlin
La tropa que desfila
Con bayonetas levantadas
Semeja un candelabro de mil brazos.¹²⁵ □

Estamos no Reino do movimento vanguardista e da metáfora e até é possível ler o poema a partir da última oração, terminando na primeira. O outro exemplo que queremos, apareceu no mesmo número da revista:

"GUARDIA ROJA"

El viento es la bandera que se enreda en las lanzas
la estepa es una inútil copia del alma
las lejanías cuelgan de las colas de los caballos
La llanura rendida
no acaba de morir
Durante los combates
el milagro implacable del dolor estrujó los instantes
Ya grita el sol
Por el espacio trepan hordas de luces

1973 e M. S. Losada. "Presencia de la literatura hispano-americana en las revistas españolas de vanguardia". Em, *Anales de la Literatura Hispanoamericana*, n.º 17, 1988.

¹²⁴ □ *Cuasimodo*. Em abril de 1921 saiu o n.º 15, o primeiro número publicado na Argentina. Com efeito, a revista começou a se publicar no Panamá, dois anos antes. A parte de Barcos e Canale, colaboraram na revista, Saúl Taborda, F. Ricard (José M. Dopico), William Bullit, Orestes Ristori, E. Samor Vigetti, Carlos Astrada, Castelnuovo e Martell.

¹²⁵ □ Jorge Luis Borges. *Cuasimodo*. Dezembro de 1921. Existem outras versões de "Rússia", já que Borges transformava continuamente suas poesias.

En la ciudad lejana
 Donde los mediodías bañan los tensos viaductos
 Y de las cruces pende el Nazareno
 Como un cartel sobre los mundos
 Se embozarán los hombres en los cuerpos desnudos.¹²⁶

Em outubro de 1919, Elías Castelnuovo expressou em *La Protesta*, seu medo de que os brancos se apoderassem da Rússia, pondo fim à utopia maximalista.

"LOS BÁRBAROS ESTÁN A LAS PUERTAS DE PETROGRADO"

Pueblos tristes
 Pueblos magnos

Paradójicos y esquivos, negros, raquiticos y huraños...
 Rusia cae; se debate en estertores estupendamente trágicos;
 Rusia llora bajo el casco de los Silas y Alaricos mercenarios
 y el terror de los Kóltchak bandoleros, aristócratas y bárbaros.

Pueblos nobles
 Oprimidos y explotados...

Rusia muere; se desploma en el abismo de los sueños libertarios
 Y con ella, nuestras ansias de justicia, nuestros bienes concretados;
 Rusia gime; se desgarrá; Rusia extiende temblorosa, sus dos manos;
 Solicita nuestra ayuda, nuestra sangre, nuestros huesos, nuestros cráneos.

¡Pronto, pronto!
 ¡Bolchevikis legendarios!

Hay que darles una batida a los burgueses que trabajan como topes subterráneos
 Por quitarnos este mundo –este mundo que no tiene popietarios-
 Hay que darles la postrera despedida con los puños de Espartaco;
 empujarlos al Nirvana
 arrojarles al abismo...
 ¡acabarlos!

¡A la calle bolchevikis!
 Comunistas visionarios;

Cristos negros, carne magra de taller, de la fábrica y del campo;
 Saturada de venenos, impregnada de miserias con olor a camposanto,
 Harapientos, pordioseros, prostitutas de esta tierra de corsarios
 Que nos cazan como lobos, que nos matan y destierran como a Gracos.

¡A la calle los cruzados!
 ¡A la calle!

Los que quieren acabar con los tiranos, con los dioses y los amos,
 los que quieren acabar con los gobiernos que nos mandan como vándalos;
 los que anhelan la justicia, los que quieren ver los pueblos hermanados,
 desterrar toda la peste, todo el lodo, todo el cieno que vomitan los aliados
 los videntes, los poetas, marineros, campesinos, todos, todos...

¡Levantáos!
 Pueblos tristes
 Pueblos magnos,

Paradójicos y esquivos, negros, raquiticos y huraños...

¹²⁶ Ibidem

¡A la carga que los bárbaros arrasan Petrogrado!
 Contra el plomo de los blancos y el blasón del Vaticano...
 ¡la metralla de los rojos sublevados, el fusil de los anárquicos,
 la revuelta proletaria:
 un saludo universal de cañonazos!¹²⁷

Sete anos mais tarde, os aliancistas publicaram uma poesia de Rolando Martell em que a HISTÓRIA, aparece como o demiurgo do processo revolucionário. A obra de Martell se aproxima ao vanguardismo borgiano: as imagens superam a descrição da realidade. Se Borges escreve uma, *álgebra de metáforas*, e Castelnuovo um *drama épico*, o "1917" de Martell, constitui uma, *festa numa terra liberada*.

1917

Sobre el Volga
 se ha helado el lamento
 sueltan los bateleros
 una jauría de carcajadas rojas
 las maromas son corbatas de muerte
 un redoble de potros que no cabe en el cielo
 estremece la piel de la tierra
 huracanes de cosacos
 van despertando caminos
 en los mástiles de Kronstadt
 flamean labios sangrientos
 un dolor milenario
 habla en lenguaje de cañones
 el Kremlin es un volcán de bronces
 el tiempo
 -Cuasimodo ciego-
 está repicando cataclismos.

¡Tiene espasmos de vientre en aurora la estepa madura!
 Vibra una selva de aullidos
 en la garganta del viento:
 es el tártaro que venga
 todos los siglos hambrientos
 misa de frutos podridos
 en el altar de las horcas
 coro de pólvora y sables
 con balalaikas de hogueras.

La HISTORIA arroja dioses
 como cáscaras secas
 vuela el polvo de símbolos rotos
 entre negras pavesas de zares
 sobre las edades concluidas
 ha pasado la esponja de la Nada
 está virgen la pizarra de las horas
 resucita el hombre
 Pascua de la Utopía
 Se visten de novia las aldeas

¹²⁷ Elías Castelnuovo. *La Protesta*. 26.10.1919

el mujik
 borracho de horizontes
 danza en torno al fuego de su clara alegría
 en todas las isbas
 hay vodka y sol.
 Madre Estepa amamanta un capullo de mundo
 La Tierra se ha puesto de rodillas.¹²⁸

Sem dúvida, para Borges, o radicalismo da Revolução Russa constituía uma oportunidade esplêndida para expressar seu ultraísmo literário: a transgressão do conteúdo adequava-se à forma. *Escreve*, com uma série de metáforas, a geografia e o movimento da Revolução, a terra em transe de ser liberada. Outra é a intencionalidade de Castelnuovo: reitera em "Os Bárbaros", sua denúncia social já expressa em "Rosa Luxemburgo: in Memoriam".¹²⁹ Quanto a Martell, participa tanto do compromisso pessoal com a revolução como com o modo vanguardista de expressar aquele compromisso. É possível que o realismo social de Castelnuovo participe de uma tendência estética anatemizada por César Fernández Moreno como, *naturalismo inocente e trasnoitado*. Por outro lado, Eipper vê isto como uma imitação *sui generis*, do estilo de Darío e Lugones, e nós queremos mostrar que aqui nos encontramos também sob a influência do único bardo da geração dos 80 admirado por todos os escritores jovens da esquerda, o poeta da *plebe amada* e dos oprimidos e desconformes de todo o tipo, ou seja "Almafuerte", Pedro B. Palacios.¹³⁰ Como dissemos, mais que analisar os elementos modernistas ou naturalistas presentes na obra de Castelnuovo ou a perfeição ultraísta no vanguardismo de Borges ou Martell, queremos entender, a imagem e o conteúdo que os autores apresentam nos seus poemas. Aqui poderia ser assinalada a influência da literatura russa anterior e posterior à Revolução. Castelnuovo era leitor de Dostoievsky e Andreeiev; Martell, no seu terceiro ano de permanência em Paris, não ignorava os trabalhos de Blok e Maiakovsky e Borges, adolescente em Genebra, não deve ter deixado de perceber a presença da comunidade de exilados russos que moravam naquela cidade.

Para efeitos dos objetivos gerais de nosso trabalho, achamos relevante ver como os autores visualizam os protagonistas da Revolução ou, dito de outro modo, quem eram, para eles, os revolucionários. Relacionadas com este tópico estão as idéias-força desta produção literária entre as quais acreditamos que aparecem, nitidamente, os elementos messiânicos e heróicos. Na antípoda deste mundo dual, aparece o inimigo, o mal, o passado a ser vencido ou ser derrotado.

Para Borges, o protagonista principal de ambos poemas é a paisagem -as estepes e o mar- pela qual passam e nadam as multidões que representam a humanidade. A Geografia e os homens -ambos em movimento- são apresentados em um processo simbiótico de liberação

¹²⁸ Rolando Martell. *El Libertario*. 5.7.1926

¹²⁹ John E. Eipper comete um engano supondo que a poesia "Os Bárbaros", foi a única representante do gênero poético que sobreviveu na obra castelnuoviana, já que "Rosa Luxemburgo", publicada a começos de 1919, representa outra parte do legado poético do escritor uruguaio. Ver, John E. Eipper. *Elias Castelnuovo. La revolución hecha palabra*. Bs. As., Ed. Rescate, 1995, p. 45.

¹³⁰ De acordo com Julio Noé, *A vitória da revolução russa e, muito particularmente, a guerra civil espanhola que anunciou a Segunda Guerra Mundial, reavivaram os tópicos sociais esquecidos no terceiro quinquênio do século*. Anteriormente tinha afirmado que só "Almafuerte", entre os poetas surgidos por 1880, interessava à juventude. Em, Rafael A. Arrieta. *Historia de la Literatura Argentina. Vol. III*, Bs. As., Ed. Peuser, 1959, p. 120 e 64, respectivamente.

coletiva. Por outro lado, o inimigo existe, mas é como se estivesse além do horizonte. Castelnuovo, fala das multidões de explorados, ameaçadas pela reação branca, porém os chamados ao combate são os anarquistas e comunistas, de fato, termos sinônimos no Rio de la Planta, anterior a 1921.

Por último, em 1926, para Martell, a Revolução já está consolidada. Mais que um espaço de luta, nos encontramos com uma Utopia já realizada. *Os dramatis personae*, não são as multidões, quase ausentes na paisagem, mas o Tempo que dividiu em duas a História. Isto, por meio da destruição das coisas velhas e a construção das novas, substituiu a exploração milenar, para por em ação o tempo utópico. A marca libertária de Martell -também fortemente presente no imaginário de Blok- está na tabula rasa que fez a Revolução com o passado para poder construir um mundo completamente novo. Não há evolução das forças produtivas -ou idéias economicistas do gênero- mas um momento e um ponto de ruptura total com o passado, convertido em Nada. Mais que a Revolução, Martell *escreve* a Páscoa que ressuscitou o homem. Como Borges e Castelnuovo, usa como tempo verbal o presente, mas já não é mais um presente de luta ou de ameaças, mas o tempo eterno do cumprimento da História, quer dizer, a versão socialista do fim da história.¹³¹

O único autor que nomeia os revolucionários e seus inimigos é Castelnuovo. Os revolucionários não são só os bolcheviques, cruzados, anárquicos, libertários, vermelhos, comunistas, videntes, marinheiros e poetas, mas também a marginália de Almafuerte, Carriego, Maiakowski ou Blok, os mendigos, esfarrapados e prostitutas. Em troca, os bárbaros eram para o escritor dos explorados, todas as pessoas com poder do regime antigo: os bandidos, aristocratas, burgueses, tiranos, deuses e amos. A Revolução Social é a vitória da justiça e da razão sobre a exploração, a desumanização e a repressão, ou seja, sobre a barbárie. John Eipper se mostra um tanto surpreendido com o fato de que Castelnuovo fez elogios tanto aos anarquistas como aos bolcheviques, porém, para o escritor de Boedo -que compartilhava a visão de Iván Romanoff sobre os protagonistas da Revolução- o maximalismo russo era integrado pelas esquerdas libertárias, social-democratas e social-revolucionárias. Aliás, no Rio de la Plata um comunista era ainda um libertário e um maximalista representava mais uma tradição anárquica que marxista.

Se em Don Elías há uma clara identificação com os bolcheviques -vistos, em 1919, como libertários e liberadores- em Borges, a Revolução é, acima de tudo, uma ocasião magnífica para burilar metáforas, descrevendo a paisagem e o tempo de liberação. Borges estetiza experiências universais antes de municipalizá-las no seu, *Fervor de Buenos Aires*, de 1923. Em "Rússia" e "Guarda Vermelha" descreve a Revolução da humanidade; depois de 1919, virão Buenos Aires, os espelhos, as espadas, os tigres, a memória, as infâmias, os livros, os labirintos, o Amor e a Dor.

O caráter heróico, bélico e, inclusive, as estéticas futuristas de um enredo no qual o Bem luta contra o Mal, estão presentes nos três autores. Embora de um modo diferente, tanto para Borges, como para Castelnuovo e Martell, a Revolução é vista como um fato natural: o parto dos séculos grávidos de promessas futuras. O uruguaio, mais voluntarista que os outros dois, põe o acento na luta concreta, no assalto definitivo às fortalezas de Satã. A linguagem

¹³¹ Este presente histórico também é utilizado por Alexander Blok e Vladimir Maiakowsky, por exemplo, em "Os Doze" e "Os Citas", "é 150.000.000", respectivamente.

militarizada não necessita de muitas explicações; entre as armas usadas encontramos não só fuzis e metralha, mas também espadas arcaicas e lanças. A questão não era tanto defender Petrogrado, mas descrever a batalha universal de todos os tempos.

Quanto à linguagem religiosa e ao espírito messiânico -que permeiam esse gênero de literatura- a Revolução Social como utopia e a Revolução Russa, como experiência concreta, se tornaram a religião dos ateus e o messianismo secular, e os poetas perceberam isso perfeitamente. Na história universal existiu, freqüentemente, uma equação entre duas histórias de salvação, com paralelas que, às vezes, se unem no finito, como no caso de muitos movimentos milenaristas medievais e ainda da época Moderna e Contemporânea. Ora, a partir do Iluminismo, a Utopia Socialista, muitas vezes ocupa o lugar abandonado pelos movimentos esotéricos de raízes cristãs. Desse modo, o aparecimento da figura de Cristo como símbolo da Revolução, em Alexander Blok e Jorge Luis Borges cobra uma dimensão particular difícil de medir em toda a sua riqueza. Em Blok, por exemplo, Cristo será o espírito revolucionário que precede aos Doze sem-vergonha, para levar a cabo a Revolução, não com, mas apesar dos soldados camponeses bêbados e violentos. Nesse caso, Cristo seria a Idéia encarnada no corpo da Matéria bruta da força ancestral desatada. Em Borges, Cristo não precede mas preside; do alto da cruz, como um cartaz, uma mensagem, contempla a transformação revolucionária do mundo.¹³²

Também em Castelnuovo o messianismo tem uma presença forte como sinônimo do processo revolucionário de transformação social. Além disso, o Gorki uruguaio foi durante toda sua vida o mais cristão da esquerda rioplatense, de tal modo que essa visão da redenção dos pobres, foi o único elemento inalterável de sua passagem do anarquismo para o marxismo e o peronismo. Nem o "1917", de Rolando Martell, deixa dúvidas com respeito à presença forte de um espírito messiânico e milenarista. Embora a sua religiosidade aparece um pouco artificial, cria, com sutileza, uma paisagem majestosa onde o homem se reconcilia com a natureza, na melhor das tradições utopistas do Século XIX.

Os autores comentados não foram os únicos poetas que escreveram sobre a Revolução nos anos posteriores a 1917. Poderia citar-se a Conrado Nalé Roxlo, o qual, em maio de 1919, publicou o poema, triste e fabiano, "Canção para Rússia". Ou ao dramaturgo Rodolfo González Pacheco, que, já em 1917 e 1918, escreveu vários "Cartazes" dedicados a Rússia. Para Pacheco, a Revolução Russa era o começo da Revolução Social que liberaria os índios dos engenhos, os meninos da rua, os mendigos e a Simón Radowitzky, o prisioneiro da Sibéria Argentina. Por exemplo o Cartaz, "Não! Sim!" expressava:

*No meio da neve, congelado e vibrante. dilacerado e maldicente, Jesus Cristo e Bakunin. Tolstoy e Ravachol, ressurgem na Rússia. É branco, branco, branco; mas traz ondulando ao vento um pano vermelho, vermelho, vermelho. Oh, a luz, a glória, o dia! A Revolução Social? Sim! Sim! Sim!*¹³³

Só quisemos mostrar a ponta de um *iceberg*; como pessoas tão diferentes como Borges, Castelnuovo e Martell, concordaram em celebrar o evento de 1917, como um vento forte que

¹³² Mais de 60 anos depois, em 1984, Borges escreverá o, *Cristo na Cruz*. Mas aqui Cristo não é mais o símbolo da Revolução, mas um judeu condenado à morte que deixa, *uma doutrina de perdão que pode apagar o passado*.

¹³³ Rodolfo González Pacheco. *Carteles*. Bs. As., La Obra. 1919. Estes pequenos artigos, emoldurados em vinhetas, de fato, são poesias camufladas de prosa.

renovava a face da terra. Além disso, os versos escritos, *ao calor do acontecimento russo*, apresentam uma relação peculiar com as mensagens da vanguarda literária russa. Os elementos messiânicos e bélicos se assemelhavam, mas os escritos libertários do Rio de la Plata lembravam mais os versos de Maiakowsky que os de Alexander Blok. Esse último é o único que na sua obra literária, contemporânea à Revolução, sustenta que os revolucionários não são os heróis maximalistas, bolcheviques ou anarquistas, mas os analfabetos, os camponeses violentos e destrutivos que tomaram à força aquilo que ninguém nunca lhes tinha dado.

CAPÍTULO III. O LONGO ANO 1919

3.1 DO ARMISTÍCIO À BANDERA ROJA

Há notícias de que os maximalistas russos enviaram quantidades enormes de dinheiro à Holanda, para serem distribuídas pelo mundo a fim de estimular os movimentos anárquicos. A Argentina seria um dos povos favoritos para essa emigração sob o pretexto de procurar terras favoráveis para o trabalho, fazendo passar por agricultores os apóstolos de doutrinas subversivas.¹³⁴

Os últimos meses do ano de 1918 foram caracterizados por três eventos sociais: em primeiro lugar, chegou o armistício esperado, muito festejado pelos aliadófilos de Montevideu, Buenos Aires, Rosario e outras cidades. Os aliadófilos celebraram sua vitória, hostilizando ao mesmo tempo o governo de Yrigoyen por causa de sua neutralidade e sua germanofilia atribuída. Em segundo lugar, aconteceu a liberação de Radowitzky, em seguida obscurecida por sua detenção em Punta Arenas e sua entrega para as autoridades argentinas. Por último, eclodiu uma grande quantidade de greves, tanto a favor da recuperação do poder aquisitivo, como pelo controle e domínio do processo de trabalho.

Começando com o último fator, as greves dos portuários, marítimos, motoristas, trabalhadores dos frigoríficos e ferrovias, dos metalúrgicos e outros, foram, em primeiro lugar, uma consequência direta da situação do aumento do custo de vida, mas também influenciou por esses meses o clima de euforia, produzido pelos eventos europeus. Comentando uma marcha patriótica, *La Prensa* observava:

Ontem demonstrou o povo argentino não só a repulsão inspirada pelas extravagantes utopias, postas em circulação ativa por causa da última guerra, mas também a raiz profunda que tem o sentimento patriótico no seu espírito. (...) Inflamados pelo incentivo da crise, os conflitos entre capital e trabalho, em estado quase permanente de greves internas parciais e gerais, e, como agravamento dolorosa de tanto contraste, invadidos os grandes centros urbanos por um mal exótico de rebelião social.¹³⁵

No final do ano 1918, uma plêiade de atividades estavam suspensas e o jornal anarquista enumera nada menos que 18 greves parciais. Entre elas se mencionavam as dos metalúrgicos da Casa Vasena, as de diversas uniões de padeiros, dos peões de campo, setores de colonos em várias regiões e da união mais importante do país, a dos marítimos e a curiosa greve dos policiais de Rosario.¹³⁶ Ora, uma especificidade do caso argentino foi que, a partir de

¹³⁴ *El Libertario*. 15.1.1919. "Los Movimientos Maximalistas Dirigidos desde Rusia"

¹³⁵ *La Prensa*. 14.11.1918. "La Procepción Patriótica"

¹³⁶ *La Protesta*. 3.1.1919. "Las Huelgas".

1918, a recuperação dos salários reais constituiu um processo bem mais lento que o da recuperação que mostrava o mercado de trabalho na maioria das ocupações, e isto explicaria, em grande parte ao menos, o aparecimento de tantas greves naquele período.¹³⁷

Uma greve de características muito especiais foi aquela dos policiais e bombeiros de Rosario. Uma publicação opositora a Yrigoyen nos transmite a *Pauta de Reivindicações*, a qual, além de exigir aumento salarial, e outras condições estritamente legais, apresentou demandas bem estranhas para o idiossincrasia daquela instituição. Senão, vejamos:

-Reconhecimento, por parte do Governo, das Sociedades de Empregados e Agentes de Policia (Compreende também os bombeiros, soldados do esquadrão, ordenanças, etc.):

-Considerando que os agentes de policia pertencem à classe despossuída cujos interesses lhes são comuns, de agora em diante eles não intervirão nos conflitos entre capital e o trabalho e todo o movimento que tende a divulgar o bem-estar e a liberdade do povo:

-O Corpo de Bombeiros não terá mais funções "policiais":

-Abolição completa da instrução militar:

-Tendo em conta que o Corpo de Bombeiros é uma instituição genuinamente civil para os fins que justificam sua criação, não representará em caso nenhum a autoridade.¹³⁸

Era evidente que atrás daquela ação estava a mão negra do militante anarquismo rosarino e a mesma instituição policial afirmava que os grevistas tinham sido influenciados por *líderes exóticos de propósitos desordenados e prédicas estranhas e dissolventes*. Como era de esperar, os rebeldes foram reprimidos por um corpo de artilheiros e vários regimentos de infantaria. Muitos dos agentes foram expulsos da instituição para encontrar trabalho na colheita de trigo.

Também naquele mês de dezembro -no início dos embarques do cereal para Europa- a FOM apresentou uma pauta de reivindicações, na qual se fazia uma forte pressão, não só na recuperação do salário, mas também nas condições chamadas secundárias de trabalho, aquelas que, de fato, melhor revelam o grau de consciência da classe dos trabalhadores.¹³⁹

¹³⁷ De acordo com um quadro estatístico de Di Tella e Zymelman, enquanto que de 1917 a 1919, o desemprego caiu de 19.4% a 7, 9%, o salário real só aumentou de 42% a 57% (1910 = 100%). Ainda em 1921, com uma ocupação quase plena, o salário ainda estava em um nível modesto de 73%, em relação ao de 11 anos antes. Ver, G. Di Tella e M. Zymelman. *op. cit.* p. 309, 317, 339 e 343.

¹³⁸ *La Mañana*, 11.12.1918 e 12.12.1918: "La Sangrienta Huelga de Rosario". Ver também, *La Época*, 1.12.1918: "La Huelga General en Rosario". Portanto, de acordo com o livreiro anarquista Juvenal Fernández, o libertário que organizou, gremialmente os policiais rosarinos foi o orador e militante agrário, Mario Anderson Pacheco. Por outro lado, para José Grinfeld, foi Enrique García Thomas - que ainda morava naquela cidade- o principal organizador dessa greve. Uma semana depois dos eventos, *La Mañana* informava que, *numerosos trabalhadores considerados perigosos, foram detidos, às vezes só, por ter cara de maximalistas*. Aquela mesma fonte - do dia 19 de dezembro de 1918- comentava: *Os agentes e bombeiros (...) só esperam que lhes sejam liquidados os haveres para ir ao trabalho da colheita*. De fato, para um policial maximalista, dezembro não era uma época ruim para entrar em uma greve revolucionária, já que nesse mês começava a colheita de trigo. Por sua parte, a *Revista de Policia*, condenava vigorosamente a atitude de um setor da instituição.

¹³⁹ As demandas de salário foram de 50 pesos mensais para os limpa-bronzes, até 105 pesos para os marinheiros e 110 para cabos, paioleiros e caldeireiros. Ver, *La Mañana*, 12.12.1918: "Obreros Marítimos. Pliego". Nas condições exigidas não aparece muito a luta pelo controle do espaço de trabalho, a não ser pela cláusula seguinte: *Alimentação: a Comissão da FOM será a inspetora de uma comida saudável e abundante*.

Outro aspecto histórico que caracteriza o começo do Triênio Vermelho no Rio de la Plata é o clima gerado pelo armistício, alcançado exatamente um ano depois da Revolução dos soviéticos. No dia 7 de novembro de 1918, houve uma manifestação popular espontânea na qual Yrigoyen foi vaiado. Realmente, sua resistência à ruptura das relações com os Impérios Centrais o levou a ser acusado de "germanófilo" pela oposição conservadora e -desde abril de 1917- pelos líderes principais do Partido Socialista. O Comitê Nacional da Juventude - criado fazia pouco tempo, para apoiar a causa aliada, e que será um dos fundadores da Liga Patriótica Argentina no começo do ano seguinte- tinha anunciado um comício para o dia 11, segunda-feira. Naquele Comitê militaram desde então algumas das figuras que constituiriam mais tarde o núcleo do nacionalismo argentino: Leopoldo Lugones, Francisco Uriburu e Alfonso de Laferrère. Porém, também estavam Alfredo Palacios, socialista dissidente, o escritor russo-argentino Alberto Gerchunov, o filho do General Luis Dellepiane, além da constelação tradicional de jovens conservadores da aristocracia vernácula. Também aderiu ao ato a Concentração Radical do 93 e os jornais mostraram que naquele ato do dia 11, as bandeiras de Estados Unidos, Inglaterra e França foram tão numerosas quanto as argentinas; quer dizer que os nacionalistas, ainda não tinham internalizado qualquer tipo de sentimentos anti-imperialistas. Que não foi só uma celebração da vitória aliada mas, ao mesmo tempo, um ato de protesto contra o governo radical, podemos verificar no antiyrigoyenismo da imprensa: *O país protesta e condena a política internacional do Sr. Hipólito Yrigoyen. A turba oficial faz fogo contra a juventude e o povo*, assim diziam algumas manchetes da imprensa opositora.¹⁴⁰

Para acalmar os espíritos, Yrigoyen decretou um feriado nacional para o dia 14 de novembro, com o fim de celebrar a vitória aliada. Esse triunfo foi também celebrado com tiroteios entre radicais e conservadores quando houve vários feridos e um morto. Este modo estranho para festejar a suspensão das hostilidades, coincidiu com os dias em que os anarquistas começaram a mobilizar-se por Radowitzky e Barrera e em que o médico e filósofo socialista, José Ingenieros, pronunciou sua conferência famosa : "O Significado Histórico do Maximalismo", ante uma audiência de anarquistas socialistas e simples interessados.¹⁴¹

Por aquela época, *La Nación* começa a preocupar-se seriamente com o avanço do maximalismo no país inteiro, ao contrário do *La Época*, que não pára de burlar-se das apreensões da publicação dos Mitre:

*O maximalismo que chamaremos argentino -diz, com ironia, o jornal radical- e de cujo parto foi responsável o Doutor Ingenieros, é, antes de qualquer coisa, uma atitude literária, uma ocorrência de certos rapazes desocupados que passam seu tempo imaginando aventuras que, como estes, só assustam os editores ingênuos de La Nación.*¹⁴²

¹⁴⁰ Nas vaias para Yrigoyen, ver, *La Mañana*. 9.11.1918; para a convocação do comício do Comitê da Juventude. idem. 10.11.1918; a citação sobre a manifestação do dia 11, é do mesmo jornal do 12.11.1918. "El Gran Plebiscito de Ayer".

¹⁴¹ Ver, *El Libertario* do 27.12.1918: "La Conferencia de Ingenieros". O comentário da publicação era: "A ciência foi confirmando, uma a uma todas as opiniões dos anarquistas". E, mais tarde: "O público do Teatro Novo (em número de 2.000), descobriu em um dos palcos, González Pacheco e obrigou-o a falar". Este episódio mostra o fervor popular produzido pela Revolução Russa, nos finais de 1918.

¹⁴² *La Época*. 25.11.1918: "Maximalismo Alegre y Confiado".

Porém, depois dos episódios da Semana de Janeiro, *La Época* fará coro a imprensa grande, em suas acusações de complôs maximalistas.¹⁴³ Com efeito, durante alguns meses, o jornal radical uivava com os lobos na floresta da grande imprensa e da Liga Patriótica, denunciando as conspirações maximalistas e sustentando a repressão estatal e paraestatal. Porém, quando em meados de 1919 percebeu a ameaça que significava a Liga Patriótica Argentina, para a estabilidade do governo radical, começou a moderar sua linguagem e negar outra vez -como o tinha feito antes de janeiro de 1919- as versões dos jornais conservadores sobre a infiltração bolchevique na sociedade argentina.

Em relação à liderança do Partido Socialista, uma vez finalizada a Guerra, começou a colocar-se numa posição de condenação ao regime bolchevique. Os artigos mais relevantes saem da pena de Antônio Di Tomasso, o qual pretende clarificar a essência do regime maximalista de Lenin. Os artigos de Di Tomasso mostram a evolução das posições socialistas com respeito à Revolução Russa, nos anos posteriores a 1917. À precaução inicial dos líderes e de uma parte das bases socialistas, seguiu a condenação franca do regime bolchevique. Lenin era um demagogo que lisonjeou as paixões populares com sua aplicação do programa agrário do Partido Social-Revolucionário e, finalmente, o deputado socialista fez votos para que essa revolução agrária e política levasse a Rússia a salvar a brecha que a separava da civilização ocidental, para assim entrar de cheio no caminho do desenvolvimento burguês e capitalista. Quer dizer que Di Tomasso defendia para a Rússia um regime democrático que a guiasse, num futuro distante, para a prática do socialismo.¹⁴⁴ Podemos apreciar que, em dezembro de 1918, a maioria dos socialistas argentinos -ao contrário dos chilenos e uruguaios- estavam convencidos de que na Rússia tinha sido feito um erro sério entrando para o caminho do maximalismo ou dos social-revolucionários, ignorando as fases históricas correspondentes da evolução das sociedades. Isto terá como consequência que o socialismo argentino recusará apoiar qualquer movimento social que avaliasse o regime democrático e constitucional. Sua alergia à ação espontânea das massas, em geral, e ao *anarquismo irracional*, em particular, reforçaria ainda mais, sua atitude antimaximalista.

Nos mesmos dias em que foi proclamado o armistício, os anarquistas estavam na expectativa do que poderia acontecer com Radowitzky e Barrera, recentemente capturados no Chile. No dia 29 de novembro de 1918, *La Protesta* organizava uma manifestação pela Avenida de Maio, a qual concentrou-se na Praça dos Dois Congressos. Quando o ato ia por seu terceiro orador, chegou um operário com um telegrama do Chile no qual foi anunciado que

¹⁴³ Ibidem. 15.1.1919: "Los Movimientos Maximalistas". É necessário reconhecer que os maximalistas russos realmente tinham planejado sua conspiração com uma antecipação generosa, já que a primeira colônia russa-judia -Moiscsville - data de 1889. Aqui aparece também uma crítica muito difundida às numerosas colônias agrícolas hebréias: a de que esses colonos não eram agricultores mas, *mercachifles y bedeles*. Com referência à filiação anarquista dos russos rioplatenses, é interessante considerar uma declaração de Lewin *No que se refere ao seu anarco-sindicalismo -escreve- sua influência entre os trabalhadores judeus era, em grande medida, produto do ambiente argentino*. Boleslao Lewin. *Como fue la Inmigración Judía en la Argentina*. Bs. As., Ed. Plus Ultra, 1983, p. 165.

¹⁴⁴ Ver, *La Vanguardia* dos dias 12 a 16 de dezembro de 1918. "¿Qué Significa la Revolución Rusa? La Verdad sobre el Maximalismo". Cinco artigos no total. É notável a total discrepância do socialismo oficial, não só com os internacionalistas já separados do Partido, em novembro de 1917, mas também com as idéias de Ingenieros, expressa um mês antes. O título dos artigos de Di Tomasso indicaria que é possivelmente uma resposta a

Radowitzky tinha sido entregue às autoridades argentinas.¹⁴⁵ Com essa notícia, um grupo de pessoas deslocou-se para a embaixada chilena, em Esmeralda nº 800, e enfrentou a tiros a polícia. Consideramos que esta manifestação de fins de novembro -que convocou, segundo *La Época*, uns 3.500 pessoas- foi a primeira de uma série de protestos públicos que ganharam a rua, entre os quais a marcha para levar ao cemitério às vítimas da repressão à greve da Casa Vasena foi o maior. Desta maneira, pensamos que em 29 de novembro de 1918 inaugurou-se o Triênio Vermelho na Argentina. O ano 19 terminaria no mês de março de 1920, com a Greve das Bombas e o Triênio Vermelho, com os eventos dramáticos da segunda greve agrária no Território de Santa Cruz, em janeiro de 1922. Ora, resulta impossível entender cada episódio isolado deste processo, sem ter uma representação global.¹⁴⁶

A Semana de Janeiro de 1919 já foi comentada amplamente na historiografia argentina, de modo tal que não precisamos relacionar, uma vez mais, a crônica dos seus eventos. O lugar central que foi concedido a este acontecimento -sobretudo na história social entre 1968 e 1976- foi, sem dúvida, pela sua importância intrínseca, mas também resulta certo que uma determinada historiografia daquela época procurasse no passado uma revolução, cuja interpretação correta poderia oferecer as chaves para as estratégias a seguir nas lutas sociais desses anos de chumbo. Daquela forma, o anacronismo e a transhistoricidade caracterizaram estas interpretações, sobretudo em trabalhos como os de Julio Godio, os quais, normalmente, têm muito pouca paciência para lidar com fontes primárias. No caso do autor mencionado, considera em seu livro que os protagonistas principais da Semana de Janeiro foram os operários das duas FORA -a sindicalista e a anarco-comunista- e, em segundo termo que os anarquistas -os verdadeiros revolucionários da época- erraram quando não estabeleceram uma aliança com o yrigoyenismo. Outro erro, mais grave ainda, foi a não aceitação, por parte dos anarquistas, do nível político da luta social. Com respeito a esta última consideração, estava exigindo dos anarquistas que deixassem de ser anarquistas, para aceitar uma determinada racionalidade, mais própria da esquerda nacional dos anos sessenta que dos libertários dos começo do Século.¹⁴⁷

Com respeito à primeira premissa, já Rock demonstrou, em forma categórica que a Semana Trágica tomou por surpresa, não só o governo radical, mas também às organizações sindicais. Porém, a definição de Rock, do evento social como *uma explosão emocional e caótica do povo* merece ser analisada, não tanto pelo conteúdo da frase, com a qual, em linhas gerais, pode-se acabar concordando, mas pelas considerações que Rock faz com respeito ao

Ingenieros. Também é de destacar que o jornalista não faz questão de associar os internacionalistas argentinos aos maximalistas ou bolcheviques russos.

¹⁴⁵ *La Vanguardia*. 30.11.1918: "El Mitín de Anoche"

¹⁴⁶ Ver. *La Época*. 30.11.1918 e *La Vanguardia* da mesma data. Postulamos que a Semana Trágica não encerrou um período da história social argentina mas, ao contrário, abriu um tempo de intensas lutas, das quais as greves no porto de Buenos Aires e os eventos de Chaco e Santa Cruz, são apenas acontecimentos isolados.

¹⁴⁷ Um paradigma daquela historiografia constitui, realmente, *La Semana Trágica*, de Julio Godio. (Buenos Aires, Galerna, 1972). Também ver os artigos de David Rock, comentando este trabalho em, *Desarrollo Económico*. nº 42, Junho de 1972. Para uma análise específica dos acontecimentos da Semana de Janeiro, ver, Edgardo Bilsky. *La Semana Trágica*. Bs. As., Ceal, 1985. Este último autor, concede aos anarquistas um protagonismo que lhes tinha sido recusado por Rock. Discordamos da declaração de Bilsky de que os anarquistas não possuíram uma visão classista da sociedade. Parece confundir as idéias e as práticas libertárias anteriores a 1922, com os escritos do protestismo, na época dos López Arango e Abad de Santillán.

movimento anarquista, na sua totalidade. Julgamos que Rock na sua obra -cuja descoberta principal a constitui a relação estabelecida entre Yrigoyen e o sindicalismo- não atenta à extrema complexidade do movimento social entre 1916 e 1930. No seu trabalho não menciona o importante ressurgimento do anarquismo no Rio de la Plata entre 1917 e 1921, reduzindo todo o peso causal dos movimentos de protesto à crise econômica e ao aumento do custo de vida.¹⁴⁸

Nos tempos da Semana de Janeiro, a sociedade -também quanto as suas classes trabalhadoras- estava sensibilizada pelos eventos sociais que se operavam na Europa. Achamos que isto não só era consequência da presença dos europeus imigrantes, mas também da natureza relativamente moderna e capitalista da região. Os trabalhadores, constituíram uma classe que foi se construindo ao mesmo tempo de um Estado em vias de democratização. Eles não possuíram muitas amarras clientelistas com os donos da riqueza social e sua condição de assalariados estava bem definida. Neste sentido, não era tão surrealista projetar uma mudança social drástica, para superar a crise econômica, a partir da percepção de que a Rússia estava demonstrando que a revolução social era possível.

O fato de que, durante a Semana de Janeiro, ninguém dirigiu, ou soube dirigir, os trabalhadores para canalizar suas ações para objetivos revolucionários, constituiu um assunto em que os homens de *La Protesta* e de *Bandera Roja* concordariam com as conclusões de David Rock. Por exemplo, dizia *La Protesta*:

*Confunde-se, lamentavelmente, a revolta e a revolução o que não é nenhum obstáculo para que se admita que a revolta (há quem denominou-a revolução social), terminou quando o povo gastou as últimas balas que tinha... e já estava cansado de ginásticas.*¹⁴⁹

Mais tarde o mesmo artigo esclarecia que um programa mínimo tinha sido apresentado -o arranjo do conflito de Vasena e a liberdade de Radowitzky, Barrera e outros prisioneiros sociais:

*Porque nós não viamos a revolução social em nenhuma parte e sim uma greve violenta, um motim popular, se quiséssemos, que deveria se apagar conforme transcorressem os dias sem receber o concurso de forças capazes de se colocar na frente do Estado e operar uma mudança de opinião na maioria indiferente.*¹⁵⁰

Também no campo dos anarco-bolcheviques tinha-se chegado à conclusão de que não tinha havido uma direção revolucionária:

¹⁴⁸ O ressurgimento do ativismo anarquista de 1917 a 1921 pode ser comprovado em inúmeras experiências históricas como os congressos da FORP de Sta. Fé, dos Portuários, o Congresso Extraordinário da FORA, as greves dos Frigoríficos de Zárate, Berisso e Avellaneda, as rebeliões operárias de Las Palmas e La Forestal, as greves dos jornaleiros do cereal organizadas pela UTA, os protestos dos Professores de Mendoza, dos Motoristas, etc. Aparte disso, de fato, os trabalhadores metalúrgicos de Vasena, estavam associados à Fora anarquista. Ver, *La Protesta*, 3.1.1919: "Metalúrgicos Unidos". Nesse artigo aparece a notícia de uma doação muito importante de dinheiro -1718 pesos- para apoiar a luta dos trabalhadores de Vasena.

¹⁴⁹ *La Protesta*, 20.2.1919: "Concepto de la Revolución" Pelo estilo, o autor é, provavelmente, Emilio López Arango; ele critica um anarquista uruguaio -não é nomeado- que tinha objetado que na Semana Trágica, *La Protesta* e a FORA, em vez de apresentar um programa mínimo ao governo, deveriam ter divulgado a Revolução Social.

¹⁵⁰ *Ibidem*. Trata-se de um artigo muito extenso que compara a Semana de Janeiro com a Revolução Russa.

A Semana de Janeiro foi para os anarquistas inteligentes uma surpreendente revelação. Verificamos que o povo estava maduro para a Revolução, quando os anarquistas não admitiam quase essa possibilidade. Fomos surpreendidos por nossa imprevisão. O povo nos deu uma das suas lições históricas.

E García Thomas conclui seu artigo desta forma, *apressamo-nos para recuperar o tempo perdido. Só restam alguns redutos capitalistas. O Exército entre outros.*¹⁵¹

Entre as reflexões de López Arango e García Thomas, podemos encontrar uma coincidência e uma divergência: os anarquistas não encabeçaram as ações da Semana Trágica; para o primeiro, porque não era uma Revolução Social e para o segundo, porque todo o mundo foi surpreendido pela maturidade da consciência revolucionária do povo.

Poderíamos concluir que a seqüela mais importante dessa semana foi o aparecimento, em janeiro de 1919, da Liga Patriótica Argentina. A história das atividades repressoras da Liga, a qual, embora num estado caquético, ainda sobrevive, é suficientemente conhecida. O que uma literatura, relativamente nova nos esclarece é que seus objetivos autoatribuídos procuraram ir muito além do mero controle do perigo anarquista e da aniquilação de qualquer tipo de poder, saber e organização dos trabalhadores que não correspondessem a suas idéias liberais, conservadoras e nacionalistas da sociedade argentina.¹⁵²

De acordo com a sua Declaração de Princípios, a Liga pretendia realizar as tarefas seguintes:

*Estimular o argentinismo entre os trabalhadores:
Cuidar do bem-estar dos professores e das escolas (os verdadeiros focos de argentinidade):
Incentivar a celebração das festas pátrias e conceder prêmios aos melhores trabalhos sobre história argentina;
Incentivar, também, o amor para as forças armadas, instituições que protegem as casas argentinas na ordem e a liberdade;
Elevar econômica e moralmente as classes pobres, dentro das soluções que oferece a Constituição liberal.*¹⁵³

Um artigo do presidente vitalício da Liga, Manuel Carlés, de meados de 1919, especificou a ideologia desta instituição para-militar:

Quando o maximalismo profiriu ameaças contra o regime social argentino, atentou contra a Constituição; quando o anarquismo lutou para modificar a moral argentina, atentou contra a pátria; era necessário que os cidadãos se armassem, disciplinassem e preparassem para repelir a força ameaçadora. Fundou-se a Liga como seriam formados regimentos para defender as instituições e a ordem ameaçadas pelo inimigo estrangeiro. Todos os argentinos são militares. Em

¹⁵¹ *El Comunista*, 22.1.1921: "Entrevista a García Thomas". García Thomas foi uma testemunha ocular e, talvez, um protagonista da Semana Trágica.

¹⁵² Ver. Sandra Mc.Gee-Deutsch. *Counterrevolution*. Nebraska University Press, 1986 e Luis M. Catarina. *La Liga Patriótica Argentina*. Bs. As., Corregedor, 1995. Mc.Gee Deutsch enfatiza o caráter anti-operário e anti-semítico da Liga e presta uma atenção especial à participação das mulheres na instituição vil. Catarina, que utilizou uma documentação primária muito importante, critica a Instituição de não ter levado em consideração a doutrina social da Igreja. Porém, em geral, não consegue esconder sua empatia pela entidade. De fato, a Liga atentou, insistentemente, contra a legalidade constituída, considerando-se Juiz Supremo da Pátria. Com referência aos trabalhadores, e especialmente aos anarquistas, Catarina, freqüentemente, utiliza as mesmas expressões que usavam os lingüistas.

¹⁵³ Síntese a partir dos dados oferecidos por Mc Gee Deutsch. *op. cit.* p. 81.

continuação, Carlés ergue-se em Juiz do Governo radical: *É necessário descobrir se o governo fez um pacto com a sedição, acreditando utilizá-la para seus próprios fins.*¹⁵⁴

Apesar da criação de brigadas de vacas leiteiras para oferecer a algumas crianças argentinas pobres um copo de leite ou das aulas de economia doméstica oferecidas às adolescentes proletárias pelas *brigadas de senhoritas*, a Liga mal podia disfarçar seu caráter essencialmente repressor e anti-operário.¹⁵⁵ Por exemplo, algumas das suas atividades consistiam em ajudar a impor o *trabalho livre* no porto de Buenos Aires, Rosario, Montevideu e Bahía Blanca, em destruir as uniões de peões agrícolas do Pampa Úmido, da Patagônia e do Chaco e no seu empenho para eliminar o *closed shop* dos portuários, marítimos e jornaleiros, em colaboração com a Associação Nacional do Trabalho. Ao lado disto, os trabalhadores chamados *livres* -os quais, de fato, eram afiliados à Liga na sua qualidade de fura-greves- não eram considerados como sócios plenos, nem formavam parte das Juntas Centrais da Associação, e, raramente eram admitidos nos Congressos anuais, o que revelava o paternalismo da L.P.A. e sua visão anacrônica da sociedade e da questão social.

Embora o governo mantivesse, depois da Semana de Janeiro, seus laços com os líderes sindicalistas, o clima político na primeira metade de 1919 era de uma tensão extraordinária, por parte de ambos lados do espectro social. Muitos do setor dos revolucionários, do governo e da Liga esperavam um acontecimento social novo durante maio, mês no qual, em 1909 e 1910, tinham acontecido graves perturbações que levaram à prisão e à deportação numerosos militantes. Colaboravam para agravar esse clima de tensão a greve agrária -especialmente grave entre os colonos arrendatários do território de La Pampa- a greve mencionada dos marítimos, e, não em último lugar, as atividades da Liga.

Neste contexto político um grupo de pessoas entrou em contato com Yrigoyen, para convencê-lo de promulgar uma legislação social ampla que erradicaria as causas imediatas de uma nova explosão social.¹⁵⁶ Um dos protagonistas da iniciativa foi o Dr. José Ingenieros e tanto entre os representantes do governo como nos da sociedade civil, havia personalidades relacionadas, no passado, a atividades anarquistas. Porém, em abril de 1919, a maioria deles estava integrada à administração radical. Na representação dos sindicalistas foram convocados dois médicos: Julio Arraga e Emilio Troise. Para esta negociação, não foram chamados representantes diretos dos trabalhadores ou, ao menos, o autor não menciona isto. As conferências realizaram-se em fins de abril, quando o clima social -ainda influenciado pelas seqüelas da Semana de Janeiro- estava impregnado de medo sobre o que poderia acontecer no primeiro de maio, com uma possível confrontação entre o povo e a Liga e com uma greve que

¹⁵⁴ *Crítica*. 16.7.1919. Aqui é necessário levar em consideração que esse jornal chantagista, "O Tábano de Botana" era especialmente hostil ao governo de Yrigoyen. Como em muitos outros aspectos, *Crítica* evolui em suas posições: quando percebe que entre a Liga e o yrigoyenismo não existia, *uma luta mortal*, a partir daquela verificação, começa a criticar e ridicularizar os liguistas.

¹⁵⁵ Ver, *La Época*. 19.8.1919: "Una Nueva y Necesaria Brigada". Refere-se aqui às brigadas de vacas leiteiras que mencionamos.

¹⁵⁶ Conhecemos os detalhes desta negociação, pela obra de Delia Kamia -na realidade, Delia Ingenieros de Kaminsky- *Entre Yrigoyen e Ingenieros*. Bs. As. Meridión, 1957. A filha de José Ingenieros utilizou as anotações deixadas por seu pai.

continuava crescendo. De Rosario, foram chamados Daniel Infante e Julio Bello e participaram também o Engenheiro Manuel S. Claps e o Dr. Julio Moreno.¹⁵⁷

As reuniões foram realizadas entre os dias 23 e 27 de abril e tinham como objetivo principal obter que Yrigoyen empreendesse uma grande reforma social que transformasse -nas palavras dos protagonistas- o regime capitalista em um regime socialista. De acordo com as notas de Ingenieros, ele mesmo postulou que o objetivo principal não consistia em evitar a agitação operária por meio de medidas ocasionais, mas em uma ampla satisfação das legítimas aspirações das classes trabalhadoras.¹⁵⁸ Para tanto, elaboraram um plano de reformas sociais que consistia em quatro pontos básicos que passamos em forma resumida:

1. Lei de salário mínimo; jornada máxima de trabalho; lei de direito ao trabalho e à vida, semelhante à ditada no Uruguai; lei que assegurasse o direito de moradia a todos os habitantes; representação dos sindicatos em um Conselho Diretivo do Departamento Nacional do Trabalho; declarar feriado o dia Primeiro de Maio, como a festa dos trabalhadores.
2. Organização do abastecimento, requisitando a farinha, o açúcar, a carne e outros artigos de primeira necessidade e formando o Conselho de Técnicos para confiar a ele sua administração; perseguição aos açambarcadores e especuladores; lei contra o aumento do aluguel.
3. Reavaliação dos bens sujeitos a imposto; imposto direto progressivo sobre a renda; aumento do imposto às heranças; abolição dos impostos que agravam, direta ou indiretamente, o consumo.
4. Adiamento dos julgamentos de desalojamento de colonos arrendatários; limitação legal dos preços dos arrendamentos; proibição legal de embargar uma parte do produto de trabalho; compensação aos colonos às melhorias introduzidas no campo; expropriação gradual de latifúndios ao valor estabelecido para o pagamento da contribuição direta e adjudicação enfiteútica das terras às famílias dos colonos.¹⁵⁹

Examinando esta proposta, podemos ver que o primeiro ponto se refere a uma legislação social e operária -semelhante à promulgada por Batlle e Ordóñez no Uruguai e que pareceria tão impossível de introduzir na Argentina. Essa legislação favorecia, em primeiro lugar, os assalariados. Os pontos segundo e terceiro se referem, basicamente, a uma proteção radical dos direitos do consumidor e o quarto tenta lançar uma legislação agrária em favor dos colonos e preparar o caminho para o acesso dos colonos à propriedade fundiária. Se este plano tivesse sido aceito, e se o governo tivesse tido a vontade política de implantá-lo, outra teria sido a história política e social da Argentina no Século XX. Porém, este plano não seria confrontado

¹⁵⁷ Daniel J. Infante, um político radical de passado anarquista -igual que Ricardo Caballero e Juan Ferrarotti- foi chamado como especialista em questões agrárias. Leopoldo O. Herrera y Pascual Guaglianoni, eram educadores e, por sua trajetória libertária, poderiam constituir-se numa ponte entre os operários e o governo radical. Os médicos Troise e Arraga -como os médicos Bartolomé Bossio e Lelio O. Zeno- estavam próximos ao movimento sindicalista e -depois de 1930 do Partido Comunista. Destaca-se que nessas negociações não participaram os representantes diretos dos operários, socialistas, conservadores ou liguistas.

¹⁵⁸ Delia Kamia. *op. cit.* p. 87

¹⁵⁹ Ver, *Ibidem.* p. 89 a 90. Resumo próprio.

com a prática, como veremos em continuação; mas, embora permanecesse no nível das possibilidades, o fato de ter sido debatido por parte dos representantes da sociedade civil, do governo e pelo mesmo presidente Yrigoyen, já possui um significado peculiar. O governo de Yrigoyen não era fechado e suas práticas dependiam, em todo momento, das circunstâncias políticas e poucos fatores eram excluídos de antemão. Acreditamos que a mesma coisa não poderia ser afirmada para a maioria das repúblicas latino-americanas daquela época.

Existem no plano programático ecos soviéticos -por exemplo *Conselhos de Técnicos*- e até rivadavianos -*adjudicação enfiteútica*- mas o tom geral da proposta assemelha-se muito a um Programa Mínimo dos socialistas. Durante as deliberações, o engenheiro Claps manifestou que Yrigoyen tinha-lhe falado pessoalmente sobre a necessidade de satisfazer as aspirações operárias, em vez de reprimi-las, o que foi confirmado pelas palavras de Julio Bello. Porém, apesar dos presságios otimistas, em 28 de abril tudo veio águas abaixo. O que tinha acontecido? Naquele mesmo dia, uma comissão de militares, em combinação com elementos clericais da Liga Patriótica, tinha visitado o Presidente para exigir medidas drásticas de repressão contra a agitação operária.¹⁶⁰

Recém no dia 2 de maio, Yrigoyen advertia a Comissão que o momento não era oportuno para dar curso à iniciativa, sem desistir, com isto, dos propósitos que a tinham inspirado. Mais tarde, o Dr. Emilio Troise comentou que a razão da não realização da entrevista final, com Yrigoyen, foi a causa de que o presidente *cedeu à opinião conservadora do país e a posição conservadora de seu próprio partido, onde estavam Cantilo, os católicos e outros.*

A questão da legislação social na Argentina não deixa de chamar a atenção em muitos dos seus aspectos. Já em 1902, Joaquín V. González, tinha projetado um Código Laboral bastante avançado para o seu tempo, porém não foi sancionado. Em 1907, sete anos antes da chegada dos radicais para o governo, criou-se o Departamento Nacional do Trabalho -com jurisdição na Capital Federal e nos Territórios Nacionais- cuja ação tendia a fiscalizar e investigar as condições de trabalho nas fábricas, comércios, transportes e nas atividades agrícolas. Também foram criados Departamentos Provinciais de Trabalho e -por causa da democracia radical e a combatividade dos trabalhadores imigrantes e nativos- tudo fazia supor que, a partir de 1916, se operasse uma reforma social que mudasse às relações entre Capital, Trabalho e o Estado. Porém, nada disso aconteceu. Ainda quando para 1918 e 1919, o governo já tinha a maioria dos legisladores na Câmara de deputados e o Poder Executivo era tradicionalmente forte na Argentina, essa legislação social não foi promulgada. Postulamos que o governo radical, e em primeiro lugar o próprio Yrigoyen- preferira manter em um cone de sombra as relações informais com o movimento operário e manter uma situação, legalmente, ambígua

Isto não parece uma situação muito normal para uma sociedade na qual predominavam as relações capitalistas de produção e onde, a partir de 1912, tinha sido levado a cabo um grande avanço no estabelecimento de um sistema político democrático. Não só o Uruguai, mas também países latino-americanos com uma estrutura social mais antiquada, precederam a Argentina em seu caminho de regular as de relações sociais; estamos nos referindo a países

como México, Costa Rica e Chile. Por exemplo, as únicas leis sociais importantes que foram sancionadas entre 1916 e 1922, foram a 10.505: Lei de Trabalho Domiciliar (1918); a 10.650: Lei de Aposentadoria de Trabalhadores e Empregados Ferroviários (1919) e a 11.170: Lei de Arrendamentos Agrícolas e Desalojamentos (1921).¹⁶¹

Quanto à repercussão que tiveram no movimento anarquista essas negociações mencionadas, *Bandear Roja*, que tinha começado a aparecer desde o princípio do mês de abril, comentava severamente:

*Legislação social? Chegaram tarde os burgueses para curar com emplastos um mal que requer uma operação cirúrgica dolorosa. O mal é o capitalismo: o operador será o povo que produz e quer saúde.*¹⁶²

Finalmente, no dia 19 de maio, é apresentado ao Congresso um projeto de legislação social com objetivos bem mais modestos que os apresentados pelo grupo de Ingenieros. Mas nem este projeto foi sancionado, na sua integridade. No fim desse mês estava voltando à região, por algum tempo ao menos, a paz social. A greve agrária foi solucionada, embora alguns dos seus líderes fossem para a prisão, enquanto outros se ocultavam. Os marítimos e telefônicos alcançaram conquistas significativas. O Projeto de legislação social foi passado às Câmaras, para fazer o itinerário da maioria das leis sociais apresentadas e nunca sancionadas.¹⁶³

Em linhas gerais, podemos concluir que -frente à pressão das forças vivas- não foram feitos esforços sérios para codificar as relações trabalhistas em um sistema legalmente definido. O radicalismo yrigoyenista preferiu, uma e outra vez, manter suas práticas de relações informais e maleáveis com a classe trabalhadora ou representantes dela.

Em fevereiro de 1919 tinha aparecido em Buenos Aires um jornal, dirigido por Edmundo Montagne e Pedro Calou, com o nome jacobino de *La Montaña*. Esta publicação dá ampla cobertura à questão social, no que se refere às greves agrárias e urbanas. Já em seu primeiro número apresenta 7 fotografias sobre a greve portuária e uma reprodução do *Die Rote Fahne*, órgão dos espartaquistas de Berlim. Mas este jornal -chamada maximalista por *The Review of the River Plate*- não é nem socialista nem libertário, embora ofereça aos anarco-bolcheviques as suas páginas. Na sua linha editorial tenta divulgar o nacionalismo, o liberalismo e a justiça social; e tudo isso, como expressou: *para adiantar-nos ao avanço que vão conquistando os proletários do mundo.*¹⁶⁴

Cultivando um certo arcano sobre seu *locus* político e social e, mais prosaicamente, sobre sua fonte financeira, com o tempo vai revelando a sua identidade quando assume, com firmeza, a defesa do caudilho José Néstor Lencinas, governador de Mendoza, em sua

¹⁶⁰ Ver, *Ibidem* p. 84, 90 e 91

¹⁶¹ J. Iñigo Carrera, *La Experiencia Radical*. Bs. As., Ed. La Bastida, 1980. Vol. I, p. 246 el Vol. II, p. 287 e 297.

¹⁶² *Bandera Roja*. 24.4.1919: "La Huelga". Neste artigo, os anarco-bolcheviques mencionam que a União Industrial Argentina, tinha solicitado ao Congresso, a suspensão da legislação social projetada, na espera da Conferência de Paz, a qual preparava uma *Legislação Universal*.

¹⁶³ Ver, neste contexto, Joel Horowitz, *art. cit.* p. 60. O autor não menciona os países que tiveram uma legislação social mais avançada, porém -aparte da legislação social dos governos Balle y Ordóñez, no Uruguai, Obregón, no México e Alessandri, no Chile- as reformas sociais na América Latina foram promulgadas, majoritariamente, a partir da Crise de 1930.

confrontação épica com seu anterior-correligionário e amigo, Hipólito Yrigoyen. O nome de *La Montaña*, deste modo, perde sua aura jacobina para estreitar seus laços com a Cordilheira dos Andes e com o jornal homônimo daquela província andina. Os editores da réplica portenha do jornal mendocino compartilharam as orientações daqueles que foram relacionar-se com Yrigoyen, para instigá-lo a lançar as grandes reformas sociais. Edmundo Montagne e Pedro Calou também tiveram um passado anarquista como, por exemplo, Leopoldo O. Herrera, Pascual Guaglianoni ou J. Daniel Infante e, na sua transição para o radicalismo, não abandonaram, necessariamente, todas suas idéias sociais prévias.

Nos dias prévios desse temido Primeiro de Maio, *La Montaña* publicou uma série de artigos sobre o Exército, criticando essa instituição por tomar parte no setor social oposto aos trabalhadores. *La Montaña* diz:

*Entre as muitas confusões introduzidas, erradamente, nos problemas sociais, está a rivalidade entre o Exército e os trabalhadores. Não é o Exército um conglomerado de homens capitalistas e, então, não deveriam ver um inimigo natural nos trabalhadores: se o capital os explora, é culpa das leis que não são feitas pelos funcionários do Exército.*¹⁶⁵

Neste artigo se menciona uma reunião de oficiais do Exército, para organizar a repressão, ante qualquer ação dos operários, no Dia do Trabalho.

Naquela época, Mendoza era a única província da República onde uma série de direitos operários -como o salário mínimo de 2,50 pesos e a jornada de 8 horas- não só foram legislados mas onde o próprio governador, o Gaúcho Lencinas convocou nesse Primeiro de Maio a população mendocina para celebrar, na Praça Chile, o Dia dos Trabalhadores, em nome da harmonia entre o capital e o trabalho.¹⁶⁶ Tudo isto pareceria ter fortes características populistas e precedia em mais de uma década às primeiras experiências populistas do Continente. Mas a experiência mendocina não foi durável: em dezembro de 1918, José Néstor Lencinas, viu a sua província sob a ameaça da intervenção federal e, embora continuasse como governador virtual até a sua morte, seria hostilizado permanentemente pelo Governo Central, por um lado, e pelos conflitos operários, pelo outro. Esta experiência inédita de aproximação de um Estado Provinciano de sua população trabalhadora será perturbada seriamente, no transcurso de 1919, pelo tratamento que Lencinas deu à Greve dos Professores e aos setores operários que se solidarizaram com os docentes. Os trabalhadores recusavam-se a fechar linhas após um sindicalismo estatal precoce.¹⁶⁷

¹⁶⁴ *La Montaña*. 26.2.1919: "Saludo a la Esperanza, Saludo al Porvenir".

¹⁶⁵ *Idem*. 28.4.1919: "Un Asunto Grave". Actitud del Ejército. Sus reuniones de Ayer. El Problema Social".

¹⁶⁶ *Ibidem*. 4.5.1919: "El Doctor Lencinas y la Política Obrera".

¹⁶⁷ Ver. Iñigo Carrera. *op. cit.* vol. I, p. 189 a 193. O lencinismo foi herdado pelos três filhos do caudilho, Carlos Washington, José Hipólito e Rafael Néstor que continuaram a política anti-yrigoyenista do pai.

3.2 BANDERA ROJA, DIARIO DE LA MAÑANA

É necessária a união dos operários e os colonos (...) e as pessoas das cidades devem relacionar-se com as das cidades próximas para semear a campanha inteira de associações de colonos e trabalhadores que, no momento da revolta, deverão dizer: "não trabalhamos e não pagamos" e, indo mais longe ainda, não devem parar até dominar a situação.¹⁶⁸

No primeiro de abril de 1919, no meio do *grande peur* argentino que transcorre entre a Semana Trágica e o 25 de Maio, aparece, finalmente, o jornal projetado pelo círculo anarquista rosarino de Garcia Thomas, ao qual se uniu um importante grupo de anarco-sindicalistas de Buenos Aires. A confusão gerada por este jornal, quanto à época em que saiu e a seu conteúdo, não poderia ter sido maior e a isto não é alheio o fato de que, aparentemente, na República Argentina não foram conservados exemplares de desta publicação. Por isso achamos oportuno especificar alguns dados sobre este matutino anarco-bolchevique, o único jornal daquela natureza que viu a luz em toda América Latina. O primeiro número saiu no dia primeiro de abril de 1919 e o último foi aquele do 6 de maio, em total 35 números.¹⁶⁹ A impressão do jornal se fazia nas oficinas gráficas de Rocha, 901, Capital Federal. *Bandera Roja* possuía uma imprensa própria, uma Marinoni, que tinha sido trazido de Campana onde ultimamente tinha sido publicada *La Rebelión*.¹⁷⁰

Alguns colaboradores do jornal são anônimos, não figuram os nomes de diretores, editores ou administradores e, entre aqueles que assinam seus artigos, encontramos os nomes de Santiago Locascio, F. E. Canosa, Luis María López, Rómulo Schenini, Manuel S. Porteiro, Salerno Constante e Juan Roqué, quer dizer, pessoas de Buenos Aires e de Rosario. Há muitos artigos que não levam assinatura e alguns dos autores utilizam pseudônimos. Alguns dos que se escondiam atrás desses nomes de guerra podem ser identificados: por exemplo, Alejandro Silvetti, assina como "Bisturi" e Jesús M. Suárez, como " F.G " -quer dizer, as iniciais de Fernando Gonzalo, seu pseudônimo mais comum; por outro lado, não figuram os nomes, ou pseudônimos famosos, das pessoas como Garcia Thomas, Eva Vivé, Hermenegildo Rosales, Vidal Mata, ou Dardo López Albino; nem dos conhecidos jornalistas José Torralvo, Fernán Ricard e Julio R. Barcos.

Sustentar uma publicação de 20.000 exemplares diários, sem espaço de publicidade, não era uma empresa fácil e isto é demonstrado pela vida azarenta de *La Protesta* durante esses anos. Por isso acreditamos importante investigar com que recursos foi sustentado este jornal para poder enxergar também suas bases de sustentação social. Ora, esta questão não resulta

¹⁶⁸ *Bandera Roja*. 24.4.1919: "La Huelga".

¹⁶⁹ Por exemplo, Santillán em suas *Memórias* o faz desaparecer em janeiro de 1919, junto com o fechamento de *La Protesta*. O jornal anarco-bolchevique também não deve ser confundido com a publicação do Partido Comunista, que começou a se editar em 1932. Dos 32 números editados, pudemos consultar 19, entre os que se conservam no Instituto de História Social de Amsterdã, Holanda e o Arquivo Edgar Leuenroth, Campinas, Brasil. Destaque: os 10 exemplares de Amsterdã, foram remetidos a Santa Fe, a nome de Diego Abad de Santillán.

¹⁷⁰ Ver, *Bandera Roja*. 21.4.1919.

difícil de resolver: os que tornam possível a saída de *Bandera Roja*, são os trabalhadores sindicalizados.¹⁷¹

Resulta evidente que o jornal foi financiado com contribuições voluntárias dos grêmios e entre as uniões se salientaram aquelas do porto de Buenos Aires. Isto não deveria parecer estranho, já que entre os portuários se encontravam lideranças sindicais como Atilio Biondi, de Caldeireiros, Sebastián Ferrer e Antônio Abilio Gonçalves, de Pintores e Rosales de Construções Navais.

Esta base sindical, com um peso forte entre os portuários, será uma constante na vida e as atividades do grupo. Também o jornal *El Trabajo* - setembro de 1921, março de 1922- será financiado com capitais que vêm, em grande medida, das uniões do porto.¹⁷²

Em geral a historiografia social considera que os marítimos e portuários eram dirigidos, na sua totalidade, pelo sindicalismo revolucionário. É necessário remarcar, então, que a FOM só organizava os trabalhadores do mar, isto é, os marinheiros, garçons, cozinheiros, maquinistas, capitães, etc., mas não as numerosas categorias de trabalhadores do cais. Nos diques e docas, o quadro sindical é bastante complexo e existiam gremios autônomos, anarco-comunistas e sindicalistas. Por exemplo, algumas uniões como os Caldeireiros, Metalúrgicos Navais, Condutores de Carros e Motoristas, freqüentemente oscilavam entre a autonomia e o comunismo-anárquico. Também foi importante o desempenho da FORP, chamada "La Portuaria". Entre 1919 e 1923, foi o único sindicato industrial que o anarco-comunismo tolerou em seu seio. Buscou organizar todos os trabalhadores da "linha do cereal", desde os estivadores dos galpões de grão, até os condutores de carros e estivadores dos portos. Em 1923, no IX Congresso da FORA, o espírito de estreita ortodoxia eliminou esta organização que tinha sido criada por iniciativa de suas próprias bases.

Tínhamos visto que, em 1918, os rebeldes de Rosario, tinham tentado promover uma Federação Anarquista, iniciativa que naquele tempo não teve sucesso, sobretudo porque nem os protestistas nem os futuros antorchistas a aceitaram. Por outro lado, os partidários mais fervorosos da Revolução Russa desconfiavam dos anarquistas indóceis de *La Obra e Ideas*.¹⁷³

Ainda durante o ano 1918, *La Rebelión* estabeleceu contatos com os notáveis do anarquismo para fundar um jornal com um Programa para a Revolução. Como as informações

¹⁷¹ Um resumo próprio de algumas das principais contribuições econômicas. nós dá, o seguinte resultado parcial:

Operários Caldeireiros	3.500
Metalúrgicos Navais	1.000
Marceneiros da Ribeira	800
Cozinheiros e Marinheiros (Marítimos)	500
Pintores Unidos	500
Calafeteiros	300
Operários do Calçado	100
F.C.C.Norte (Ferroviários)	100
García Thomas y Eva Vivé	500
TOTAL	7.000

¹⁷² Ver, *El Comunista*. 4.6.1921. "El Trabajo".

¹⁷³ Ver, *La Obra*. 20.6.1918: "Sobre la federación Anarquista". Idem. 24.8.1918: "Llamamos al Orden a La Rebelión". No primeiro artigo, Pacheco e Antillí -ainda partidários da Revolução Russa- alertavam contra o perigo de perder a autonomia e liberdade, numa instituição estável, que superasse os limites de organizações com tarefas concretas tais como a luta pela liberação dos presos sociais. No artigo de agosto, rejeita qualquer forma de federação "especificista", seja de parte de *La Protesta* ou de *La Rebelión. Ideas*, de La Plata, também rejeitou esses projetos.

sobre este projeto são escassas, transcrevemos uma página, de *La Obra* de dezembro daquele ano, já que se revelam bastantes aspectos desta trama. O artigo comenta o processo de negociações que aconteceu durante meses para fundar um jornal "específico", a publicação de Pacheco e Antilli disse:

Alguns diziam: agora La Obra deve fundir-se com La Protesta. Outros diziam igualmente: deve fundir-se com La Rebelión. (...) Os companheiros de La Rebelión convocaram uma assembléia de "notáveis". Frente a ela, expusemos nosso conceito de maioria, e nosso projeto para um jornal com influência completa na América do Sul (...). Com um título direito: A Revolução Social. Por subtítulo teria Órgão da Maioria, o que parecia ser aceito. Na segunda reunião achamos tudo mudado que a desconfiança flutuava no ar e aquela desconfiança era por nós. (...) Fala-se de um programa. Que Programa? O do jornal? Não, o da Revolução! O grupo quis aprovar este programa e que fora feito por uma comissão. Socialista, socialista! Nós sustentamos que não deveria haver outro programa que o da Revolução Social. (...) O curioso é que os redutores, pelo menos do nome do comunismo anárquico, são os mesmos iniciadores da Federação Anarquista. O nome do jornal também foi mudado depois: Bandera Roja. Nossos notáveis conformam-se para com uma bandeirola, pois bem, o comunismo anárquico é um bandeirão.¹⁷⁴

A exaltação literária de González Pacheco dramatiza bastante estas negociações preparatórias da publicação de *Bandera Roja*, mas, por sua vez, revela com clareza que se trata de um projeto ambicioso que teve como objetivo divulgar um programa revolucionário cuja realização seria controlada pelos rebelionistas. Ora, se uma primeira intenção consistia em amalgamar uma série de publicações anarquistas isto rapidamente foi frustrado. Quanto ao nome, foi explicitamente escolhido como um tributo a *Die Rothe Fahne* de Berlim. Consideramos que optar pelo nome de um ícone espartaquista teve por objetivo estabelecer uma mediação clara entre o anarquismo e o socialismo revolucionário. Estamos ao término de 1918, e também na Argentina acreditava-se que os espartaquistas da Alemanha tinham grandes possibilidades de triunfar numa Revolução, que superaria em importância à bolchevique do ano anterior. Aliás, esta relação estabelecida entre os nomes da publicação argentina e da alemã era consciente: *Bandera Roja é Die Rothe Fahne dos espartaquistas de Berlim, adaptada a nossos meios*, escrevia o jornal de García Thomas em um texto que contesta um artigo de *The Buenos Aires Herald*, o qual tinha chamado os editores de *Bandera Roja* de *trânsfugas espartaquistas com serviço telepático direto de Berlim*.¹⁷⁵

Para as autoridades nacionais, a Liga e a imprensa grande, o nome do jornal o fez suspeito até um tal limite que se tornou objeto de imputação e defesa no processo iniciado a seus editores. O advogado defensor, o Dr. Ricardo Paz, teve que dizer na alegação de defesa que a bandeira vermelha não era um emblema de violência, de destruição e de morte como eram, por exemplo, a bandeira de Facundo, mas um símbolo de paz, de justiça, de amor e de fraternidade humana.¹⁷⁶

Todavia cabe perguntar que elementos perigosos apresentou esta publicação para que, em maio de 1919, o governo de Yrigoyen aplicasse a Lei de Defesa Social de 1910 -que punia os crimes de propaganda anarquista, incitação à violência e ofensa à pátria- pela primeira vez,

¹⁷⁴ *La Obra*, 21.12.1918: "Mayoría".

¹⁷⁵ *Bandera Roja*, 21.4.1919: "El Problema"

¹⁷⁶ Ver. "La Defensa Jurídica de Bandera Roja". Folheto de junho de 1919.

desde a sua chegada à presidência? Ou, variando a pergunta: o que foi publicado na *Bandera Roja* que já não tinha sido publicado previamente em outros periódicos? A resposta é: aparentemente nada. Os artigos não eram muito diferentes dos que costumavam aparecer no *La Obra*, em *La Protesta* ou em *La Montaña*. Talvez um elemento que poderia chamar a atenção foi o ataque virulento às forças armadas, por participar na repressão e por permitir que seus funcionários participassem nas atividades da Liga Patriótica. Quanto a este último ponto postulava que o Exército era uma instituição patriótica e, como tal, não podia exercer funções policiais, nem aderir -ou receber ordens- a qualquer instituição para-estatal como a Liga. O artigo constatava a existência de uma grande indisciplina no Exército, já que, em vez de aceitar ordens de seu Chefe, o Presidente da República submetia-se à Liga.¹⁷⁷ Tudo isso pareceria muito corrosivo, mas este tipo de comentário também apareceu no *La Vanguardia* e no *La Montaña*. Esta crítica aos militares -se bem pode ter apressado o fechamento da publicação- não constituiu um motivo de condenação, durante o julgamento posterior. Porém existia uma diferença entre a crítica de *Bandera Roja*, por um lado, e a de *La Vanguardia* e *La Montaña*, pelo outro. Enquanto as publicações dos socialistas e leninistas condenavam a participação das Forças Armadas e da Marinha na repressão para-estatal, o jornal de García Thomas mostrava-se contente para com essa indisciplina dos militares, porque isso significava a decomposição das instituições armadas, *medula -disseram- da nossa propaganda*.¹⁷⁸

Se nos detivermos no processo a *Bandera Roja*, dois editoriais questionados tinham como título "A Greve" e "A Pátria". Os artigos são duros mas, insistimos, não de um teor inédito. Com respeito ao primeiro, sustentava o jornal que a greve revolucionária já não consistia em pedir ou exigir melhorias, nem protestar contra abusos parciais, mas tinham como único fim atacar o Estado e o Capital por meio da apropriação da propriedade privada, das fábricas e lojas e dos campos. Por outra parte, para *Bandera Roja*, o simples exercício da violência não era revolucionário, nem se justificavam já as escaramuças entre capital e trabalho. O proletariado tinha necessidade de uma verdadeira organização de resistência e de ataque para dar os golpes onde eles deveriam ser dados; e para tanto, resultava indispensável uma direção revolucionária. A conclusão era definitiva: *É necessário que quando comece a batalha, termine com a vitória. Não há dilema*.¹⁷⁹ Nestas frases, os ecos leninistas da Revolução de Outubro, são mais que evidentes.

O outro editorial questionado tinha por tema e título "A Pátria". A seqüência discursiva é hábil e começa com uma concessão:

*Se por patriotismo se entende o sentimento de afeto para a região onde vimos a luz, em que nossa infância transcorreu, em que nosso espírito foi educado e nosso sentido da natureza foi modelado, (...) somos patriotas como qualquer um. Claro que, uma vez introduzido o tópico, veio o ataque: Mas se se confunde esta coisa natural, com as instituições e o regime que prevalecem em um país, esse conceito mesquinho e interessado da pátria, nos conta entre seus inimigos mais irreconciliáveis. Isso é o que fazem, esses que hoje se consideram os únicos patriotas.*¹⁸⁰

¹⁷⁷ *Bandera Roja*, 5.5.1919: "Indisciplina"

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ *Idem*, 24.4.1919: "La Huelga".

¹⁸⁰ *Idem*, 3.5.1919: "La Patria".

Esta última frase atacava a Liga, para o jornal, uma verdadeira engrenagem entre os dois inimigos do proletariado: o Estado e o Capital. E termina o editorial com uma fina reflexão, a qual, porém, causaria pouco impacto entre seus adversários:

Considera-se como um crime horrendo contra a pátria que aqueles que lutam pela transformação econômica e social inspiram seus propósitos no exemplo de países distantes e tentam implantar formas iguais ou semelhantes de coexistência aqui. Mas esquecem estes patriotas horrorizados que as instituições burguesas que hoje regem a República Argentina, foram copiadas, em toda sua integridade, dessas que regiam em terras estranhas.¹⁸¹

Embora, de fato, o artigo incitasse à insurgência e rejeitasse a pátria capitalista ou burguesa, tudo isso não era, insistimos, uma novidade, já que os anarquistas sempre tinham professado essas idéias. Por exemplo, se compararmos o artigo sobre a pátria, com alguns "brulotes" que costumavam escrever os libertários sobre a pátria e seus símbolos; ou se comparamos aquele outro artigo, o da violência, com as convocatórias reincidentes para incendiar as colheitas ou matar os "milicos", os conteúdos de *Bandera Roja* até que pareceriam se ajustar aos limites do permissível para aquela época.

Porém existiram -e aqui reside, a nosso entender, o nó do problema que faz que a clausura do jornal, por parte do Governo, não fosse um ato irracional ou arbitrário - dois elementos que marcavam a diferença com os outros escritos. O primeiro foi o clima de histeria coletiva da classe média e alta e dos setores da cúpula do Exército, da Igreja e da Liga. O segundo elemento se referia diretamente ao diário e não dependeu daquele clima de paranóia coletiva. *Bandera Roja* poderia enunciar as mesmas idéias que *La Obra* ou *La Protesta*, mas seu conteúdo era muito mais monolítico e programático, sem lugar para debates, diálogos, reflexões relativizadoras ou matizadoras. Nas suas páginas a Revolução não era debatida ou comentada, mas programada para ser realizada. Por exemplo, não achamos entre o primeiro de abril e 6 de maio, reflexões sobre a autenticidade da ditadura do proletariado e não há polêmicas com outras publicações de esquerda, mas abundam os ataques frontais ao regime dominante, ao sistema capitalista e ao seu governo burguês. Por outro lado, os conteúdos revolucionários das outras publicações costumavam ser apresentados entre relatórios, contribuições culturais e debates ideológicos, relativizando deste modo seu impacto, do modo como, hoje em dia, um noticioso da televisão banaliza as notícias sérias com uma parafernália de frivolidades. No *Die Rothe Fahne* portenho, a revolução maximalista constituía o ingrediente principal da publicação, diante da qual os outros assuntos foram subordinados. Curiosamente, este fato inédito na imprensa anarquista, não se repetiria com as publicações posteriores dos anarco-bolcheviques, ou seja, com *El Comunista*, *El Trabajo*, *El Libertario* e *La Rebelión*.

Até agora, só comentamos dois editoriais, mas acreditamos que o que observamos neles pode ser sustentado para a publicação inteira. Tudo nela foi dirigido a um fim e aquele fim se assemelhava muito ao que os novos partidos comunistas priorizavam -ou, de acordo com as diretivas de Moscou, deveriam priorizar - é dizer: *Fazer como na Rússia*. Enquanto os antorchistas e, num nível consideravelmente menor, os protestistas, continuaram discutindo em

¹⁸¹ *Ibidem*.

um nível teórico e ético a idiossincracia da Revolução, em primeiro lugar para entendê-la, *Bandera Roja* não cessou de afirmar que, *um fato valia mais de mil idéias. Os ideólogos planejarão uma transformação, mas o povo faz a revolução.*¹⁸²

Essa fé na importância da organização também é manifestada claramente em um ataque forte para o que chama determinismo econômico, o qual -conforme o jornal- acredita erroneamente que:

*a evolução não tem nada a ver com a pessoa humana. esta tem que permanecer imóvel; o mundo novo tem que sair por antítese lógica do mesmo desenvolvimento da grande indústria; os trabalhadores se encontrarão, quando menos espere, numa sociedade completamente socializada, por obra e graça do desenvolvimento econômico calmo, moderado e suave. Para esses que sofrem a exploração na carne e sangue, a liberação econômica se vincula a sua energia individual, se rebelando (...). Só é fator de emancipação econômica quem age diretamente contra os usurpadores da riqueza pública.*¹⁸³

Bandera Roja reservava nas suas páginas um grande espaço para os artigos de Lenin, Zinoviev, Trotsky, Louise Bryant e Stepniak, ou seja, nada fora do esperado numa publicação daquela natureza. A importância que dá aos eventos europeus também é relevante, especialmente aos avanços dos movimentos revolucionários em Berlim, na Baviera e na Hungria e à convergência dos exércitos vermelhos sobre Varsóvia e Finlândia. Para o primeiro de maio, apresenta uma gravura em que o sol nascente leva como inscrição a palavra maximalismo e é saudado por um grupo de bolcheviques, simbolizados pela estética masculinizada revolucionária do Século de XX: punhos em alto, torsos hercúleos, músculos de halterofilista e mandíbulas de cimento.¹⁸⁴

Uma das quatro páginas do jornal estava dedicada a comentar as atividades sindicalistas. Há uma presença importante dos trabalhadores dos frigoríficos. O jornal envia seus delegados a dar conferências em Avellaneda e Berisso -nesta última cidade a pedido da União de Trabalhadores Russos. Também dá notícias sobre uma Federação Operária de Transportes, uma união em formação que aglutinaria os motoristas, motomeiros e condutores de carros, ou seja, uma verdadeira união "industrial", à que tanto resistiu a ortodoxia anarquista. Também publica a realização de um Congresso Ferroviário em Rosario e mantém seus leitores informados da evolução da greve agrária. Entre os conferencistas que anuncia, a maioria é anônima, mas menciona alguns nomes conhecidos: Vidal Mata, R. Schenini, González Lemos e S. Locascio. Dá notícias de um Congresso de Trabalhadores Russos Sul-americanos, os que publicavam *Golos Truda*. Naquele Congresso os russos decidiram enviar à sua pátria de origem a Komin Alexandrovsky e por os soviéticos em guarda contra o *pseudo-representante da classe operária, Penelón.*¹⁸⁵

¹⁸² Idem. 24.4.1919: "La Huelga".

¹⁸³ Idem. 9.4.1919. "Carta Abierta de un Colono Revolucionario". Esta carta é publicada por *Bandera Roja*, durante a grande greve de colonos arrendatários de abril a junho de 1919.

¹⁸⁴ Idem. 30.4.1919. Esta gravura também formou parte do processo. García Thomas, Biondi e Rosales, foram acusados de "Incitar à Revolução". Para a interpretação da iconografia do movimento operário, ver Eric Hobsbawm, "Imágenes a la Izquierda". En, *Mundo del Trabajo*. Barcelona, Crítica, 1990.

¹⁸⁵ Idem. 21.4.1919: "Tercer Congreso de Organizaciones Obreras Rusos Sudamericanos".

A relação do jornal com outras publicações anarquistas não foi de confrontação, como erroneamente se supôs, mas de convivência pacífica. A sua relação com *La Protesta* era estável e, em várias oportunidades, anunciou uma velada a favor do decano da imprensa anarquista. Ambos os jornais participaram juntos em um Comitê a favor das Vítimas de Janeiro e em ações para liberar a Radowitzky e Barrera.¹⁸⁶ De parte de *La Protesta*, também não há hostilidade contra *Bandera Roja* ou qualquer forma de combate a suas idéias maximalistas.

O único comentário crítico veio do jovem Santillán que lamentava que não havia em Buenos Aires lugar para dois jornais anarquistas: *Seria necessário conspirar mais e escrever menos*, escrevia. Este conselho era algo supérfluo, já que o ponto forte no perfil de García Thomas era, exatamente, a conspiração.¹⁸⁷ Quanto à publicação *La Obra*, de Pacheco y Antilli, a partir do 19 de abril desse ano, começariam suas críticas ao maximalismo e a *Bandera Roja*. Meses mais tarde, Teodoro Antilli afirmava que as principais características de *Bandera Roja*, eram recusa ao debate, e a crença na verdade absoluta, ou seja, seu autoritarismo.¹⁸⁸

Durante sua existência efêmera, *Bandera Roja* recebeu fortes ataques da grande imprensa. *La Prensa* acusava-a de estar fora da legalidade e incitava o Governo para clausurá-la. *La Nación* -por aquela época o inimigo principal da esquerda e porta-voz informal da Liga- criticava asperamente. Por sua parte *Bandera Roja* a acusa de preparar e justificar outra massacre de cidadãos indefesos, em nome de imaginárias conspirações.¹⁸⁹

Uma característica de *Bandera Roja* era, sem dúvidas, aceitar a revolução comunista sem considerações teóricas ou éticas, sabendo que não era a aurora libertária, mas a transição para ela. Neste ponto não se encontrava isolada, só que especificidade estava na força com que constantemente a reafirmava. A Segunda Revolução, a bolchevique, teria por objeto alcançar a igualdade econômica e derrotar os setores proprietários e o regime político que os sustentava. Por outro lado, a Terceira Revolução -que seria a liberação total de todas as opressões, do Estado, do Partido e da autoridade, em geral- viria com o tempo e de modo não explicitado. Essa tese aparece em todos os artigos de fundo desta publicação e -com um caráter sindicalista-revolucionário- em *El Comunista*, *El Trabajo* e seus sucessores. Desse modo, enfrentando as futuras críticas anti-bolcheviques afirmava:

*Não conhecemos nenhum pensador revolucionário que haja sustentado que a sociedade ideal tem que sair perfeitamente imaculada, impelida por um "fiat" milagroso, que converta uma sociedade inorgânica e injusta imediatamente em outra organizada para a justiça.*¹⁹⁰

Aqui são mencionados os sonhos da igualdade econômica e da liberdade social. A diferença entre *Bandera Roja* e os antorchistas era que para o primeiro a realização dos dois projetos poderia acontecer separadamente por fases, já que a igualdade leva à liberdade, e não

¹⁸⁶ Idem. 23.4.1919

¹⁸⁷ *La Protesta*. 18.4.1919: "Dos Diarios Anarquistas". Queremos destacar, que *La Protesta*, não publica absolutamente nada semelhante a uma condenação das idéias de *Bandera Roja*.

¹⁸⁸ Ver, *La Obra*. 1.5.1919: "Conferencia de Pacheco". Esta conferência com um auditório de 2000 pessoas, foi a primeira claramente anti-bolchevique por parte de Rodolfo González Pacheco. Nessa ocasião chamou os redatores de *Bandera Roja* de maximalistas e autoritários. Ver também, *Tribuna Proletaria*. 20.9.1919: "Dictadura Proletaria y Anarquía"

¹⁸⁹ *Bandera Roja*. 10.4.1919: "Incitaciones a la Ilegalidad y al Atropello. La Prensa contra nosotros". Idem. 9.4.1919: "Sin Audacia"

¹⁹⁰ Idem. 21.4.1919: "El Problema"

era a liberdade que levava à igualdade. Porém para os antorchistas, uma revolução equitativa com uma base autoritária ou política, levava em seu seio a lei de bloquear, desde seu início, a instauração de toda liberdade. À liberdade não é possível chegar pela ditadura, afirmavam. *Bandera Roja* não utiliza o termo "etapismo", mas constrói a doutrina da Segunda e da Terceira Revolução. Nessa doutrina -que aceitava também as "imposições"- estava presente a idéia de que se poderia ir à anarquia pelo comunismo, ou à liberdade, pela ditadura.¹⁹¹ O jornal anarcolbolchevique, apoiado em seu paradigma russo adaptado às circunstâncias do Rio de la Plata, defendia o Possível contra o Ideal. Por outro lado, acreditamos que os antorchistas de *La Obra* e *Tribuna Proletaria*, não possuíam um modelo, só tiveram seu Ideal. Defenderam a realização do Ideal sem mediações ou concessões e na estratégia para realizá-la os Meios deveriam corresponder ao Fim.

O clima de tensão que reinava em abril de 1919 foi crescendo à medida em que se aproximava o Primeiro de Maio. Nos setores populares existia o medo de uma nova repressão mas também a esperança da vinda de tempos novos. Ainda no dia 25, *Bandera Roja* verificou que a burguesia, a religião, o estado, os militares e a guarda branca, estavam preparando uma nova *chirinada*, para salvar as instituições, assassinando trabalhadores em massa. Desejava saber:

Enquanto isso, o que é que nós faremos? Para uma nova semana vermelha, sairemos às ruas indefesos e desarmados, para servir de alvo para provar para o máuser de qualquer policial bêbado e degenerado, ou armaremos nosso braço e responderemos à agressão com a agressão?. Mais tarde, aconselha aos leitores para privilegiar um certo objetivo: Eu acredito que nossa pontaria deveria ir para o exército, já que ele é o ponto formidável no qual se apóia esse regime.¹⁹²

Apesar desse artigo, com sua convocação à luta, quatro dias depois o jornal anarcolbolchevique chamava uma greve geral para o Primeiro de Maio, mas sem mobilização pública, para não dar ocasião às autoridades, à Liga e aos militares para exercer a repressão indiscriminada. Dá notícias de que em algumas armarias se venderam até 500 rifles aos defensores da ordem. Aliás, a polícia destacaria entre os trabalhadores um contingente de 100 investigadores, ou agentes provocadores, para levar a cabo ataques e, desse modo, produzir uma massacre:

Elementos militares, unidos numa loja de exterminação, preparam suas armas de forma semelhante são elementos civis, unidos na chamada liga patriota. As autoridades consentem e encobrem. As ligas fundadas para a massacre compõem-se de políticos, burgueses em decadência, por capitalistas estrangeiros unidos aos daqui em um mesmo propósito criminoso. Eles distribuem seus elementos para diferentes seções e enviam armas, como também os nomes e as casas dos companheiros mais ativos, de forma que, ao primeiro sinal, se proceda ao assassinato e à invasão de casas com a ordem expressa de não respeitar nem mulheres nem crianças. E, depois de argumentar que as vidas dos amigos e

¹⁹¹ Uma pessoa que concordava, naquela época e até a metade de 1921, com essa teoria, era Diego Abad de Santillán. *Sim, o mundo vai ao comunismo, não ao anarquismo, mas o regime comunista é anárquico. Nossos desejos imediatos consistem na anulação das desigualdades econômicas, sustentação dos governos. Vamos, então, ao regime comunista, ao maximalismo. La Protesta. 12.4.1919: "Maximalismo y Anarquismo"*

¹⁹² *Bandera Roja. 25.4.1919: "¡A la Lucha!"*.

companheiros eram preciosas demais para ser sacrificadas, termina aconselhando prudência com um sábio: *Esperemos*.¹⁹³

Desse modo, *Bandera Roja* adere à resolução das FORAS para não organizar nenhum ato para o primeiro de maio. A Semana de Janeiro tinha sido para os banderarrojistas uma revolução sem direção, enquanto que para os protestistas foi uma simples explosão social. Chama a atenção a mudança na atitude do jornal na véspera do Dia do Trabalho. Entre tentar dirigir uma revolta e chamar à moderação, optaram pelo último. Certamente entenderam que Buenos Aires não era Berlim, Piter, Turin, ou Barcelona e que os tempos ainda não estavam maduros. Porém ainda não renunciaram ao exercício da violência revolucionária; o plano para a colheita vermelha e a culminação dele, a Greve das Bombas, demonstraria o oposto.

Desse modo, chegou o dia Primeiro e os anarquistas e sindicalistas viram marchar uma imensa multidão de socialistas, em perfeita ordem e custodiada por peritos, quer dizer, pela polícia, a marinha, o exército e a mocidade dourada da Liga. Realmente, nada aconteceu. Esse dia, *Bandera Roja* não apareceu, pela decisão da Federação Gráfica de suspender as atividades. Por outro lado, em Rosario, foi realizado o ato de protesto dos trabalhadores e o jornal publicou quatro fotografias onde podem ser observadas faixas com a inscrição de *Bandera Roja*.¹⁹⁴

Por aqueles dias o jornal propagava o rumor de que a Liga, ajudada pelo Exército, estava planejando derrubar o Governo de Yrigoyen. Como naquela época os anarcobolcheviques não atribuíam nenhum valor positivo à democracia, uma revolução política como prefácio da revolução social era inevitável e nivelaria o caminho para a revolução operária.¹⁹⁵

Quanto ao Governo, executava no dia 5 de maio uma das medidas para morigerar o tenso clima social reinante. Um decreto policial, assinado por Elpidio González, colocou em vigor a Lei Social de 1910, o que teve por objetivo principal proibir qualquer tipo de propaganda anarquista por meio de escritos, emblemas, etc. *Bandera Roja*, apesar da ordem que proibia a sua continuidade, desafiou as autoridades saindo à luz no dia 6 de maio, como se nada tivesse acontecido e, na noite de 6 para 7, de acordo com a memória do grupo, os bombeiros cercaram o velho prédio onde o porta-voz da revolução social era publicado.¹⁹⁶ A edição foi confiscada e os editores e colaboradores, que estavam no edifício da rua Rocha, foram presos. Também foram clausuradas *La Obra* e *La Protesta*, embora seus editores continuassem em liberdade. *La Montaña*, não foi fechada -afinal de contas, era um jornal radical- mas no dia 7 foi assaltado, possivelmente, por causa da sua prédica antimilitar.

¹⁹³ Idem. 29.4.1919. A infiltração policial nas fileiras anarquistas, era real. Os grêmios anarquistas, com seu estilo livre e aberto, eram fáceis de infiltrar e, periodicamente, eram desmascarados alguns "confidentes policiais". Na publicação, *Revista de Policía*, admitia-se que a Seção Ordem Social, tinha destacada seus efetivos entre os operários, especialmente entre os anarquistas.

¹⁹⁴ Idem. 5.5.1919: "Los Obreros Siempre Están Complotados", e 2.5.1919. No comício realizado em Rosário, pronunciaram discursos, Juan Lazarte e Pedro Casas.

¹⁹⁵ Idem. 4.5.1919: "El Pueblo". Contrariamente a Rock, hoje em dia, vários autores não acreditam na eminência de um golpe de Estado ou que Yrigoyen tivesse perdido o monopólio da violência, em 1919. Luis M. Catarina, não admite a hipótese de um golpe e Adelman e Horowitz relativizam a posição de Rock. Por nossas leituras temos a seguinte impressão: até o 25 de maio, a opinião conservadora era, efetivamente, crítica a Yrigoyen. Porém em maio, o presidente começa a infundir uma renovada confiança na elite local e somente continuaram hostilizando a proteção estatal a alguns grêmios sindicalistas. Expressiva é também a opinião de Sir Reginald Tower sobre Hipólito Yrigoyen. Por um período achava encontrar-se na presença de um social-revolucionário, até convencer-se de que se tratava de um figura política aceitável para os britânicos.

¹⁹⁶ *El Libertario*. 1.11.1923: "Un Proceso Revolucionario".

O fim de *Bandera Roja* foi festejado por *La Nación* e *La Prensa*. O jornal dos Mitre estava envolvido numa campanha contra o Governo, a quem incriminava de não fazer o necessário para manter a ordem social e por não delimitar os limites entre os movimentos de natureza econômica e aqueles de caráter subversivo.¹⁹⁷ Também *La Prensa* -algo mais simpático a Yrigoyen que o jornal da família Mitre- alegrava-se pela clausura do bravo matutino. Duas semanas antes, comparou a luta anarquista com as *montoneras* do Século XIX que originaram a ditadura rosista, em uma clara insinuação de que a subversão anarquista originaria uma ditadura militar. Agora felicitava o governo, por advertir a necessidade de colocar barreiras à desordem.¹⁹⁸

No dia 5 de Maio de 1919 Yrigoyen aplicou, pela primeira vez, uma das Leis Sociais, neste caso a de Defesa Social de 1910. Em um processo tumultuado, foram condenados Hermenegildo Rosales, Atilio Biondi e Enrique García Thomas. Como nenhum dos três tinha assinado qualquer artigo, foram condenados por ser os editores -Rosales e Thomas- e o proprietário do *Marinoni* -Biondi. Por outro lado, Eva Vivé foi presa, por ordem do Juiz, por fazer escândalos durante o processo. A impressora também foi apreendida e, com aquela seriedade própria dos advogados, o defensor Dr. Ricardo Paz, teve que demonstrar que o instrumento do crime nunca podia ser uma máquina. A *Marinoni* foi liberada e em seguida vendida para financiar as despesas do processo, entre outras, os emolumentos do rábula e o pagamento de fianças.¹⁹⁹

Em outubro daquele ano, o Juiz Ramos Mexia condenou a Biondi, Rosales e García Thomas a seis anos de presídio a Ushuaia, mas já em maio do ano seguinte, foram indultados por Yrigoyen. Para Biondi e Thomas a pena não foi comutada pelo exílio, como havia sido o caso de Juan Romanof, em 1910, ou o de Simón Radowitzky, em 1930. Durante o processo, a possibilidade da aplicação da Lei de Residência, com a expulsão durante 10 anos do território da República, constituiu uma real ameaça, mas finalmente não foi decretada.²⁰⁰

Desde Villa Devoto até Ushuaia, Rosales e García Thomas continuaram publicando na imprensa anarquista. Esse último, ainda continuando prisioneiro, foi sindicado em março de 1920, como um dos organizadores da Greve das Bombas e a fotografia dele aparecerá em *Caras y Caretas*. A partir de fins de 1920 os anarco-bolcheviques dirigirão seus esforços para a unidade das organizações operárias e para a adesão do operariado regional à Internacional Sindical Vermelha de Moscou. Cada vez mais os líderes do grupo irão assumindo, como identidade coletiva, uma variante específica do sindicalismo revolucionário.

¹⁹⁷ *La Nación*. 6.5.1919: "La Defensa Social".

¹⁹⁸ *La Prensa*. 21.4.1919: "Situación Agraria". E Idem. 9.5.1919: "Reacción contra las Violencias".

¹⁹⁹ "La Defensa Jurídica de Bandera Roja". Folheto. junho de 1919

²⁰⁰ O indulto presidencial levantou um acirrado debate entre os anarquistas. López Arango escrevia: *Imploraram o perdão do chefe máximo da burguesia, aquele que autoriza o massacre de Janeiro*. Nesse caso convém aclarar que, de fato, foi José Pellicer, do Comitê pró-Presos, a pessoa que solicitou o indulto. Ver, *La Protesta*. 5.11.1919: "El Proceso de Bandera Roja. Criticando Procedimientos". Idem. 4.11.1919: "En Favor de los Proccsados de Bandera Roja".

3.3. A UNIÃO DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS (UTA) E A COLHEITA VERMELHA DO VERÃO DE 1919 - 20

This is about the time of year when labour generally begins to show restive symptoms in Argentina. The demands of harvest hands, the advent of the hot weather, Christmas, New Year, the mosquitoes.²⁰¹

Nas terras que estão abaixo da bacia do rio Salado, no Sul da província de Buenos Aires, essas que, por sua localização geográfica são para trigais, os *chacareros* costumavam arrendar superfícies bastante maiores que na região Fluvial e pagar seus arrendamentos em dinheiro e não em uma porcentagem da colheita.²⁰² Já no começo dos anos vinte, os arrendatários se assemelhavam a empresários agrícolas que administravam seus cultivos, contratavam mão de obra assalariada e, frequentemente, possuíam um carro e viviam na cidade.

Entre março e junho, esses *chacareros* deviam negociar os novos contratos com os proprietários da terra. Exatamente no outono daquele ano de 1919 havia sido declarada uma grande greve de colonos, especialmente grave no território de La Pampa, Santa Fé e Sul de Córdoba. Naquela conjuntura, Defesa Agrícola -organismo dedicado a combater as pragas rurais- e o Departamento Nacional do Trabalho, havia colaborado para resolver os conflitos sociais, seja como intermediários entre as partes ou colaborando com as forças de repressão, descobrindo os agitadores agrários. Entre abril e maio, também a Liga Patriótica Argentina se apresentou no cenário rural para impor suas idéias patriarcais e suas práticas repressoras. Consideramos que os acordos a que chegaram *chacareros* e proprietários naquele outono de 1919 não foram desfavoráveis para os primeiros já que -depois da "greve de arada"- uma grande superfície foi semeada com cereais e, em dezembro, devido ao preço internacional do cereal e as condições climáticas, a colheita foi muito boa.

O Sul da província de Buenos Aires tinha participado pouco dos conflitos de abril e maio; por outro lado foi a região onde, em dezembro, estorou com mais violência o conflito agrário, e onde impactou mais a influência da União de Trabalhadores Agrícolas (UTA), recentemente criada. É perceptível que os protagonistas centrais destes conflitos foram os trabalhadores *golondrinas*, os peões da colheita, das máquinas debulhadoras e dos galpões das estações ferroviárias.

Se no outono o *chacarero* devia negociar seu arrendamento com os donos da terra, ao término da primavera devia contratar os serviços dos jornaleiros da colheita e de uma máquina debulhadora de um contratista. Por sua vez, os contratistas, do mesmo modo que os *chacareros*, conchavavam suas quadrilhas de peões, negociando com eles salários e outras

²⁰¹ *The Review of the River Plate*. 19.12.1919

²⁰² Consideram-se como região agrícola do Sul da província de Buenos Aires, os partidos de Tres Arroyos, Coronel Dorrego, González Chaves, Coronel Suárez, etc. Esta região exporta seus cereais pelos portos de Quequén y Bahía Blanca. As outras regiões agrícolas da província são o Norte Fluvial, entre Zárate e São Nicolás, e o Norte Interior com Arrecifes, Salto, Pergamino, Rojas, Junín, Chacabuco, Villegas, Los Toldos, Bragado e Nueve de Julio. Para uma descrição detalhada ver, Eduardo Sartelli. "De Sol a Sol". En, Waldo Ansaldo. *Conflictos Agrarios Pampeanos/1*. Bs. As. Ceal, 1990

condições de trabalho. Com semanas de antecipação, os peões da colheita se amontoavam por centenas e milhares nas pousadas das cidades ou nos galpões das estações e lá *chacarero* e contratistas iam procurar a sua força de trabalho para a colheita. Ora, no caso de que os trabalhadores tivessem sido organizados e que a união tivesse elaborado uma *Pauta de Reivindicações*, essa negociação poderia entrar em uma fase de discussões árduas e poderia declarar-se uma greve de jornaleiros. A folha de Condições -denominada *Pliego de Condiciones* em espanhol- não só especificava o montante do salário, que dependia da conjuntura econômica do momento, mas também outras condições, tais como a duração da jornada -"de sol a sol" ou "de estrela a estrela"- os intervalos de descanso, a quantidade e a qualidade da comida, a provisão de água fresca durante o trabalho, a moradia, etc. Desse modo, o *chacarero* era um produtor que se encontrava embretado entre o proprietário da terra, a casa de cereais, os donos das máquinas colheitadeiras e os jornaleiros. Da negociação com todos esses atores econômicos dependia seu lucro e, freqüentemente, sua sobrevivência.

O jornaleiro do pampa úmido, era um assalariado empreiteiro. Seu salário podia ser diário ou mensal. Podia ser designado como *golondrina* -nome dado a este trabalhador pelos sociólogos e historiadores- *linyera* ou *croto*, porém era, de fato, um jornaleiro ou peão da colheita.²⁰³ Conforme aparece nos documentos das primeiras décadas do Século, o *linyera* era um homem jovem, espanhol, italiano ou argentino, que vinha de algum centro urbano do país ou do sul de Europa. A oportunidade dele para achar trabalho e o nível de seus salários era diretamente proporcional à abundância e valor da colheita e, inversamente proporcional à oferta da força de trabalho. Um militante anarquista de Tandil, Jesus, el "galego", Losada, nos deixou um quadro realista da vida deste operário. Estamos em dezembro de 1922, em Tres Arroyos,

Um patrão qualquer. numa cidade qualquer também, leva de uma pousada 3, 4, 5 ou 10 peões. Chegados à chácara, lhes dará um galpão por hospedagem: naquele galpão dormirão os cachorros, as galinhas, enchendo tudo de excrementos e piolhos; haverá várias classes de remédios para curar animais; há couros, epidemia e sujeiras incontáveis que, com o telhado de zinco e o calor do verão, produzirão um cheiro nauseabundo.

Depois de mencionar a qualidade ruim da comida -um elemento muito enfatizado nas Pautas da UTA - medita com pessimismo:

*O trabalhador agrícola na Argentina não poderá formar família porque a sua vida nômade não lhe dará lugar para poder viver com ela; da colheita de trigo irá para a colheita de batatas e daí para a de milho, ou então para as construções ferroviárias, canais e trabalhos daquela natureza.*²⁰⁴

Em dezembro de 1919 a colheita era abundante e a quantidade de jornaleiros não era excessiva, já que ainda não foi reaberta a imigração européia; os jornaleiros sabiam isso e

²⁰³ Primitivamente, a "la linyeria", era a trouxa de roupa branca que levava o jornaleiro italiano. Posteriormente, virou o nome do portador dela. Croto, segundo a tradição, tem sua origem em José Camilo Crotto, governador de Buenos Aires (1918 a 1921), que permitia viajar aos jornaleiros em trem de carga. Atualmente tanto *linyera* como *croto*, significam andarilho, caminante ou, inclusive esfarrapado, mendigo. Enquanto que *linyera* já era utilizado no começo do século, a palavra *croto*, a encontramos pela primeira vez em 1925.

²⁰⁴ *La Protesta*, 6.2.1923: "Sueño y Realidad"

estavam dispostos a aproveitar a oportunidade oferecida. Aqui é necessário dar uma explicação: duas são as colheitas grandes na região pampeana: a colheita fina e a colheita grossa. A colheita fina compreende o trigo, o linho e, como cultivos secundários, a cevada, a aveia e o centeio. Seu ciclo começa, ao término de novembro, em Entre Rios e o centro de Santa Fé e termina, a meados de janeiro, no Sul da província de Buenos Aires. Por colheita grossa entende-se o milho -e na atualidade o girassol, o sorgo e a soja- e a *juntada* era realizada totalmente a mão, entre os meses de março e junho. Entre ambas colheitas a diferença não era só sazonal mas enquanto que a primeira tinha que se realizar em seu momento oportuno, antes de que o grão caísse no chão, o milho não apresentava tanta urgência. De tal forma, a fraqueza do trigo se tornou a força do trabalhador e, por outro lado, a força do milho, fez que seu juntador não pudesse levar longe demais suas demandas por salários aceitáveis. Não era então casual que a maioria dos conflitos e as as maiores concentrações de jornaleiros se apresentassem em dezembro e não em março.

Por último, acreditamos que foram exageradas certas características do perfil do operário do cereal. Aparte desses que vieram da Espanha e Itália -os que quase desapareceram entre 1914 e 1920- e dos contingentes urbanos, existiu uma força de trabalho temporária que residia permanentemente na região. Assim, segundo estimações de *La Tierra*, un 40% do total da mão de obra, trabalhava permanentemente na região.²⁰⁵ Ao lado disso, esses que chegaram dos centros urbanos grandes como Buenos Aires, Rosario ou Bahía Blanca, não eram ilustres desconhecidos na região, porque tinham tendência natural para ir às mesmas cidades e chácaras. Se isso realmente é confirmado, teríamos como resultado que os contingentes que se aglomeravam todos os novembros e dezembros nas cidades pampeanas, não estavam formados, na sua maior parte, por estranhos para os residentes locais, a polícia e para eles mesmos, mas eram pessoas que tinham estabelecido laços de familiaridade e, em ocasiões, de solidariedade, resultado de participar das mesmas experiências.

As possibilidades para obter condições boas para o trabalho na colheita, na trilha e na estiva, dependia em alto grau da conjuntura econômica e da oferta de braços. Porém, há um outro fator importante: o da organização, da combatividade, da presença na região de sindicatos capazes de unir os jornaleiros na luta, antes do começo das atividades. No tempo da espera para começar as atividades, a função do sindicato era elaborar a pauta de reivindicações e negociar com os *chacareros*. É óbvio que quando não existia uma organização sindical, as negociações eram feitas de um modo direto entre *chacareros* e jornaleiros.

A pauta apresentada no verão de 1919/20, tinha sido feita pela UTA e publicado nos jornais operários. Como particularidade para aquela temporada, podemos verificar que tanto a UTA como a FORA sindicalista adotaram um documento unitário para a região inteira. A modalidade de elaborar esses abaixo-assinados que serviram como base para começar a negociar um acordo, era uma prática já velha e usada nas atividades industriais e comerciais como no setor primário. Os *chacareros* também apresentavam sua Pauta de Reivindicações aos proprietários, assessorados, a partir de 1912, pela Federação Agrária Argentina ou, no caso do Sul da província de Buenos Aires, pela União Agrária, com sede em Bahía Blanca.

Desde começos do século as tentativas de organizar o proletariado rural foram numerosas e geralmente com resultados não muito favoráveis, especialmente, em tempos de

crise econômica, colheitas ruins e desemprego, como tinha sido todo o período de 1914 a 1918. Diferentes autores registraram os intentos dos socialistas para sindicalizar os operários e, desde 1910, os sindicalistas da FOM começaram a levar a cabo um esforço contínuo para organizar os trabalhadores rurais, especialmente os que estavam mais ao alcance deles, ou seja, os da vizinhança da costa fluvial. O Interior foi visitado periodicamente pelos "delegados em gira", geralmente os secretários assalariados dos sindicalistas ou os militantes boêmios -ao estilo dos *narodniki* russos do Século XIX- no caso dos anarquistas. Um dos méritos da FORA do IX Congresso era, sem dúvida, haver tentado organizar as categorias de trabalhadores tais como os *mensii* dos ervatais e os *obrajeros* dos montes e tanineiras do Chaco. Nesse verão, os sindicalistas enviaram seus delegados ao Norte Fluvial e -bastante menos- ao Norte Interior e ao Sul da província de Buenos Aires. Com respeito aos socialistas, naquela ocasião a sua atividade nos pampas, era escassa e absolutamente ocasional.²⁰⁶ Deste modo, esse ano o Sul se tornou um território privilegiado para o desempenho dos quintistas da UTA.

Já nomeamos em oportunidades reiteradas a UTA e agora queremos fazer um comentário sobre suas origens ignotas. As primeiras notícias sobre a União de Trabalhadores Agrícolas, apareceu na imprensa operária em novembro de 1919.²⁰⁷ A semelhança da FORA sindicalista, e a FORP anarco-comunista, os idealizadores da UTA a organizaram na base de uma união industrial que unira a todos os trabalhadores do campo e das máquinas debulhadoras em uma única união dividida nos centros: "A", "B" e "C", localizados em Rosario, Buenos Aires e Engenheiro White (Bahía Blanca), respectivamente. Os secretários correspondentes eram Juan del Campo, Oscar Farías e Hilario Calvo.²⁰⁸ Outras características da nova união eram as seguintes: cada cidade levava um número -deste modo o número 1 era General Pico e o 69, San Emílio- e a organização levava em conta a trama da rede ferroviária à semelhança do que fazia a FOM para planejar suas estratégias de propaganda sindical.

Evidentemente, em novembro de 1919, a UTA não começava a operar em um território sindicalmente virgem, já que existiam sociedades de Ofícios Vários, Trabalhadores do Campo, Estivadores e Condutores de Carros e, sobretudo, Padeiros, em muitas cidades da planície pampeana onde, entre 1919 e 1921, fincaram pé as organizações dos trabalhadores agrícolas. Por outro lado, os anarquistas não respeitaram os territórios dos sindicalistas; é mais, sempre que surgia algum conflito, ia para o lugar a militância anarco-comunista, independentemente se a categoria em greve tivesse sido organizada ou não pelos sindicalistas ou socialistas. Isto aconteceu com os *obrajeros* do Chaco, com os Professores de Mendoza e com os trabalhadores dos frigoríficos de Zárate, Berisso e Avellaneda.

Vejamos agora a pauta. Aos *chacareros* lhes foram exigidos as seguintes condições: Uma jornada de 9 horas de trabalho -das 5 de manhã até as 18 horas pela tarde, mas com 4 horas inseridas para comida e descanso; salários de 10 a 14 pesos; comida abundante e em bom

²⁰⁵ *La Tierra*. 16.11.1917: "Peones a la Cosecha"

²⁰⁶ Sartelli sugere no seu trabalho uma importante presença do Partido Socialista na região Sul, mas aporta poucas evidências para comprová-la.

²⁰⁷ Ver, *Tribuna Proletaria*. 8.11.1919: "Palabras de Aliento para los Labriegos". Por Oscar Farías. Farías era um dos pseudónimos de Vidal Mata, idealizador e organizador da UTA. Idem. 15.11.1919: "Unión de Trabajadores Agrícolas". Neste artigo se publica a *Pauta de Reivindicaciones. La Protesta*. 19.11.1919: "FORA. Manifiesto a los Trabajadores Agrícolas". Também aqui é publicado a pauta.

²⁰⁸ *Tribuna Proletaria*. 19.11.1919. "Constitución de la UTA". Os endereços mencionados correspondem à FORA anarco-comunista.

estado -fala-se de churrasco, frios, vinho, café, chimarrão, e água fresca nos restolhos- abolição completa do trabalho por empreitada; eliminação dos vales e, por fim, uma cláusula extremamente importante: *O pessoal admitido deve ser associado à UTA.*²⁰⁹

Para os que trabalhavam nas máquinas dos contratistas, procurava-se impor este tratamento: o mesmo horário e regime de comida e descansos como nos restolhos; salários oscilantes entre 10 e 11 pesos diários ou 120 a 200 mensais. Também foi exigido o pagamento das despesas de viagem, barracas perto dos máquinas debulhadoras, água fresca o dia inteiro, e detalhe significativo, que o relógio sempre devia estar à vista dos operários. A última condição, como no caso dos trabalhadores do campo, referia-se ao controle do espaço e tempo dos trabalhadores. Uma cláusula importante era que o sindicato devia ser consultado para o caso de despedida de seus associados.²¹⁰

Mas fora desta Pauta da UTA e de outros semelhantes da Federação Portuária, havia outros documentos que circulavam por aquele verão pelas planícies do pampa e, especialmente, no Sul da Buenos Aires com a sua tradição de tranqüilidade social relativa. A grande imprensa deu notícias de um plano sedicioso anarco-agrário, como também de um ultimatum que expiraria no dia 20 de janeiro:

Ultimatum para o Governo e os Capitalistas:

Desde a tremenda Semana de Janeiro eles rivalizaram na tarefa criminal de perseguir, prender, condenar e maltratar os melhores companheiros da família revolucionária. Governadores, juizes, policiais e capitalistas são os responsáveis diretos por essas infâmias. Não queremos discutir as razões nas quais fundamentam sua atitude. Mas nos constituímos em tribunal para executar represálias terríveis. O povo encontrará em nós os seus vingadores.

Ultimatum:

- 1. Exigimos a liberação de todos os prisioneiros por questões sociais confinados na ilha de Martín García;*
- 2. Suspensão definitiva de todos os processos pendentes em virtude da Lei 7.029 e a liberação dos acusados;*
- 3. A liberação dos três condenados, editores de Bandera Roja, e a restauração para seus proprietários da imprensa e implementos daquele jornal, retidos pelo Tribunal;*
- 4. As demandas expostas com as três cláusulas precedentes, têm que ser concedidas antes do dia 20 de janeiro*

Em caso de as demandas não serem atendidas, o manifesto faz as seguintes ameaças:

- 1. Que a colheita será destruída pelo fogo e em forma total;*
- 2. Que para executar esta vontade revolucionária, o agrupamento signatário distribuiu os emissários pela área agrícola inteira, os quais, vencido o prazo procederão sem contempções;*
- 3. Que o trabalho de nossos emissários é secundado entusiasticamente pelos trabalhadores rurais que incendiarão os calcadouros e as máquinas debulhadoras;*

²⁰⁹ Para Waldo Ansaldi, as três reivindicações básicas do proletariado rural organizado daquela época eram: o nível salarial, a jornada de 8 horas e o reconhecimento do sindicato. Acreditamos que a imposição da pauta de reivindicação, era outra das armas de luta social. Nesses documentos aparecem os elementos que tiram o tema do seu essencialismo e mostram que a finalidade última da luta era, *humanizar o trabalho agrícola.*

²¹⁰ *La Protesta*, 6.12.1919: "La Cuestión Agraria en la Pampa Central. Un Manifiesto de la UTA".

4. *Que o cereal que escapasse à destruição no mesmo campo, seria queimado nos vagões, ou nos mesmos depósitos dos portos de remessa.*

O folheto não faz nenhuma insinuação com referência a questões estritamente laborais e, por causa do teor das ameaças, pretende ter uma presença, não só nos meios rurais, mas também nos portos. A única reivindicação concreta se refere à liberdade dos prisioneiros de janeiro, maio e julho e a ameaça com pôr em prática a violência coletiva, é inédita na história social argentina. Conclui deste modo:

Trabalhadores rurais.

O dia 20 de Janeiro de 1920 será um dia grande nos anais do proletariado argentino. Se este ultimatum não for respondido, será a hora do povo trabalhador para agir. Nossos emissários farão seu trabalho nos distritos rurais, sem falhar. Colaborem com eles! A liberdade de nossos prisioneiros ou o fogo aos campos. Os oportunistas e o Governo ainda têm tempo para decidi-lo.

20 - 11 - 1919. Agrupamento Revolucionário da Região Argentina.²¹¹

Em seu momento, *Crítica*, afirmava que se tratava de uma manobra ou conspiração radical, para poder reprimir como na Semana de Janeiro. Para o jornal de Botana, os planos coletivos terroristas não existiriam como objetivo social -e é verdade que até aquele verão, o terrorismo coletivo de esquerda era um elemento desconhecido na Argentina.²¹² Porém, *Crítica* encontrava-se absolutamente só na posição que defendia de que o Plano Terrorista era um fantasma tramado pelo governo para legitimar a repressão das possíveis greves. *La Nación*, *La Prensa* e *La Época*, não compartilharam dessa postura e não parecia que seu medo era pura imaginação. Mais surpreendente foi o fato que *La Vanguardia* e *Organización Obrera* (FORA IX) compartilharam esse medo e fizessem coro com a grande imprensa em sua acusação ao terrorismo.

Será então que aquele Plano realmente existiu e -em caso afirmativo - quiseram levá-lo à prática? Quem seria o autor do folheto que transcrevemos?. Se nos detemos nas notícias das publicações anarquistas, esbarramos em sérias dificuldades e a principal delas é, sem dúvida, uma comunicação oficial que a UTA publica em dezembro onde nega ser a autora do folheto e do Plano. Mas, lendo atentamente e entre linhas, tudo aquilo que os anarquistas publicaram sobre a questão social e agrária ao término daquele ano, não há dúvida de que estavam pressionando para que as demandas verbais se apoiassem em ações diretas. Para quase todos os anarquistas havia chegado o tempo da ação, e eles manifestam, em muitas oportunidades, que não estavam dispostos a ser massacrados pelo único fato de reivindicar justiça.

É verdade que o Conselho Central da UTA, afirmou que não teve participação na publicação de alguns "folhetos anônimos" (sic) ou que houvesse aconselhado a atear fogo nos

²¹¹ *The Review of the River Plate*. 5.12.1919. Também G. Cuadrado Hernández. "La Rebelión de los Braceros". En. *Todo es Historia*. Nº 185, outubro de 1982. Por sua parte, *La Vanguardia*, mostra numa foto o carimbo do agrupamento e um exemplar de *El Soldado Rojo*, onde foi publicado o ultimatum.

²¹² *Crítica*. 16.12.1919: "¿Se prepara otra Semana Roja?". Como de costume, o jornal ataca a *La Época*, *La Nación* e *La Prensa*. Não considerava que os anarquistas chegassem a constituir uma ameaça real: *A questão do anarquismo é um fantasma que não assusta ninguém já que os intelectuais dessa idéia são, geralmente, pessoas boas, doces e incapazes de matar uma mosca.*

trigais, com o propósito de liberar os prisioneiros por questões sociais.²¹³ O folheto tinha sido assinado por um agrupamento desconhecido, mas acreditamos haver evidências de que foi elaborado nos círculos dos sindicatos industriais recentemente criadas, quer dizer, na UTA e na Federação do Porto (FORP), uniões ambas, lideradas pelo grupo de *Bandera Roja*. O carimbo anônimo e o desmentido devem-se à estratégia forista do grupo de atuar em duas frentes ao mesmo tempo: na frente sindical, com uma pauta bastante radicalizada para melhorar a situação do trabalhador do campo, e na ação subversiva ou revolucionária -com a preconização de meios violentos- para obter a liberdade dos prisioneiros. Com esta leitura dos eventos, diferimos frontalmente da interpretação geral que oferecem os escassos trabalhos sobre esses eventos e que aderem à hipótese conspirativa por parte do Governo ou da Liga Patriótica.²¹⁴

Acreditamos que o plano terrorista agrário -consiste, basicamente, em incendiar o cereal e as máquinas debulhadoras, e não em assassinatos, como foi denunciado no *La Vanguardia*- de fato existiu e foi organizado pela FORA comunista, naquele momento sob a direção dos anarco-bolcheviques Gonçalves, Ferrer e Vidal Mata. A versão da revista britânica que sintetiza a opinião da grande imprensa de Buenos Aires, menciona, explicitamente, a exigência da liberação dos três condenados de *Bandera Roja*. Cecilio Moreno, apresado em Três Arroyos, distribuindo os libelos incendiários do ultimatum, longe de ser um "obstrucionista" ou um "escuro oportunista", era um conhecido militante forista da região de Tandil e Balcarce.²¹⁵ Já em abril, *Bandera Roja* tinha louvado a violência para por de joelhos o Governo de forma que libertasse os prisioneiros da Semana de Janeiro. O grupo de García Thomas também editava aquela revista que incitava os soldados e os policiais a assumir a causa do povo. Estamos nos referindo ao *El Soldado Rojo*, onde o ultimatum tinha sido publicado. Finalmente, em janeiro de 1920, de fato, houve uma quantidade importante de incêndios e alguns assaltos a estabelecimentos comerciais entre os quais se destaca a área de Bartolomé Mitre, onde a UTA tinha fundada um sindicato, Arrecifes.

Como dissemos, as notícias que dão os anarquistas são sutis: eles não querem reconhecer que haviam elaborado aquele ultimatum como arma secreta que acompanharia seu trabalho legal; mas, em geral, defendem a greve revolucionária em que as recuperações econômicas trabalham como uma estratégia para obter uma real inserção nas linhas dos operários do cereal. Não podemos nos esquecer que ainda eram tempos em que os líderes anarquistas acreditavam que as relações sociais seriam mudadas drasticamente em alguns anos. Os artigos de *La Protesta*, *Tribuna Proletaria* e *Organización Obrera*, com suas ameaças contínuas à burguesia que, assim acreditavam, havia esgotado seu tempo histórico, assim o demonstrariam.²¹⁶

²¹³ Ver, *Tribuna Proletaria*, 16.12.1919: "Un Desmentido". Note-se que os anarco-bolcheviques utilizavam freqüentemente esse jornal operário.

²¹⁴ Mais que optar pela tese de uma conspiração radical, Cuadrado Hernández, assume uma interpretação híbrida de um possível plano anarquista. Por exemplo, escreve: *E assim como é muito problemático um plano subversivo anarco-agrário (La Época), os acontecimentos que se desenvolviam na campanha, revestiam gravidade, seja pelo emprego da ação direta, seja pela reação brutal das autoridades, ou por ambas ações.* Desta forma, Cuadrado não chega a conclusão nenhuma.

²¹⁵ É conhecida a militância de Moreno, entre outros motivos, por ter participado dos episódios de Villa Laza, Tandil, em 1923, em que os pedreiros libertários de "La Comuna", se enfrentaram com os sindicalistas na sede do sindicato tandilense. Ver, *La Verdad*, Tandil, Outubro de 1925 e Março de 1926.

²¹⁶ Ver, *La Protesta*, 1.2.1920: "El Quintismo". Nesse artigo os anarquistas aceitam ser quintistas, no sentido de nihilistas dinamiteiros.

Na imprensa anarquista posterior a 1921, os anarco-bolcheviques são criticados freqüentemente por esse ultimato, sobretudo porque, de fato, não foram muito além da ameaça. Eles próprios nunca se encarregaram de negar isto, ao contrário de outros fatos, aos quais continuamente se referiram como a calúnias. Se permanecessem dúvidas sobre os autores desses folhetos múltiplos e desses ataques escassos, achamos que a Greve das Bombas, em março de 1920, o esclarece. De fato, o Verão Vermelho e a Greve das Bombas formaram os últimos episódios de um drama em quatro atos cujas primeiras partes haviam sido a Semana de Janeiro e o perseguição à *Bandera Roja*. Em lugar de ver certos eventos sociais como episódios isolados devemos passar a considerá-los em uma perspectiva ampla. Para fundamentar nossa afirmação consistente em que o plano do verão de 1919/20 era o mesmo que o de março de 1920, devem-se olhar para seus objetivos: em ambos casos obedecem à liberação dos prisioneiros, objetivo que o FORA anarquista já havia incluído, em sua reivindicação da greve geral da Semana de Janeiro e que *Bandera Roja* tinha exigido, o tempo todo, antes de ser fechado. Um fio vermelho recorre todo o ano 1919, ano que havia antecipado sua chegada em novembro de 1918 e só terminaria em março de 1920, com o silêncio das bombas que não explodiram. Em janeiro, a revolta popular tomou de surpresa a todos; em abril, se editou o jornal que proclamava a vontade de fazer a Revolução como na Rússia e, no verão, a militância da FORAC, UTA e FORP, planejou uma série de ações diretas para melhorar suas condições de vida, liberar os prisioneiros ou -quem sabe- começar a tomar o poder.

Frente ao alarme de cerealistas, contratistas, *chacareros* e a opinião de público em geral, as forças vivas entraram em ação. Devido a que as brigadas de Carlés haviam se preparado para agir no Norte, e não no Sul, nos partidos de Três Arroyos, González Chávez e Dorrego, tiveram mais protagonismo a Gendarmeria Móvil, o Esquadrão de Segurança e até alguns vizinhos das cidades mencionadas, do que a instituição anti-operária.

Os contingentes de operários, que esperavam que seus *Pautas* fossem aceitos para poder começar com o trabalho da colheita, tiveram várias confrontações com os gendarmes, a polícia e os vizinhos armados, em Tres Arroyos, Cascallares, Copetonas, Gil, Oriente, El Perdido e outros lugares da Costa Atlântica Sul da província. Nas diferentes escaramuças e assaltos a delegacias houve mortos, feridos e uma grande quantidade de detentos. Para evitar malentendidos, é bom assinalar que estava no centro dos conflitos a pauta de reivindicações da UTA -e não o ultimatum incendiário. As prédicas anarquistas -inflamaram o clima nessas grandes concentrações de trabalhadores que esperavam o amadurecimento do trigo nas cidades e que os *chacareros* e contratistas aceitassem as suas exigências - não ficaram sem efeito. Porém devemos observar que os operários não enfrentaram as tropas de repressão para liberar aos prisioneiros de Martín García, Devoto ou Ushuaia -e menos ainda para fazer a Revolução como na Rússia- mas o fizeram para libertar a seus próprios companheiros detidos na delegacia de Tres Arroyos, Cascallares e Arrecifes. Se, como pensamos, poucos foram mobilizados pelos prisioneiros distantes e, ainda menos entre eles praticavam "ginásticas revolucionárias" enquanto esperavam pela utopia bolchevique, porém a solidariedade com seus colegas de trabalho capturados pelos guardiães da ordem não deixa de ser importante. Finalmente, nem todos os anos foram assaltadas delegacias de polícia, ocupadas pequenas cidades ou postos em

xeque os donos do poder econômico da região.²¹⁷ Destacamos que, em todos os acontecimentos, o conflito começou por razões puramente laborais mas, em vista da prisão de alguns companheiros, iniciaram as confrontações com a polícia ou as tropas. Essas confrontações aconteceram sobretudo entre o 15 e o 28 de dezembro e os partidos de Tres Arroyos, Coronel Dorrego e González Chávez constituíram o epicentro.²¹⁸

Ao mesmo tempo que iam chegando às áreas em conflito as forças de repressão de La Plata e Bahía Blanca, a polícia ia detendo ou afugentando a todo militante famoso, inclusive os que tiveram "cara de linghera". Sómente na provincia de Buenos Aires, foram capturados mais de 600 agitadores, na sua maioria, é claro, humildes trabalhadores que, num instante breve de sua vida, acreditaram estar às portas de uma sociedade nova. Porém, embora os militantes regionais ou forâneos fossem feitos prisioneiros ou desapareceram da área do Sul, o movimento -sobretudo no seu aspecto gremial- não foi um fracasso. E ainda, ousamos afirmar, em linhas gerais, obtiveram um resultados econômico favorável. Por exemplo, os salários que os grevistas obtiveram em Tres Arroyos não só superaram os resultados obtidos pelos cautelosos sindicalistas, mas também superariam os da pauta de reivindicações de Carhue -é dizer a demanda, não a concessão- que os agraristas da FORA haviam tinham adotado como modelo para a região inteira.²¹⁹

Se comparamos a pauta do UTA de novembro de 1919, com o dos sindicalistas de Carhué e a esses dois com os resultados concretos obtidos pela UTA em Tres Arroyos e em outros lugares, teríamos a estatística seguinte:

TRABALHADORES DA COLHEITA:

Categoria Trabalhador	Pauta UTA	Pauta CARHUÉ	Res. Tres Arroyos
Maquinista Cortadora	14	10	?
Parveiro	14	11	8
Forquilha	10	7,50	8
Cavaliço (<i>chatero</i>)	120 *	7,50	8
Cozinheiro Chacra	?	120	120
Pisador (<i>Pistin</i>)	?	7,50	?

TRABALHADORES DAS MÁQUINAS DEBULHADORAS:

Categoria Trabalhador	Pauta UTA	Pauta CARHUÉ	Res. Tres Arroyos
Foguista	200 *	150	200
Foguista assistente	170	120	160

²¹⁷ Ao ano seguinte, em Trenel território de La Pampa, as mulheres da cidade sitiaram a delegacia para liberar os prisioneiros.

²¹⁸ Os episódios de Tres Arroyos, Cascallares e Arrecifes -ao contrário da Semana Trágica de Buenos Aires- não mereceram muita atenção por parte dos historiadores sociais. Enquanto os historiadores sessentistas viam na Semana de Janeiro a virtualidade revolucionária do povo, esses conflitos rurais não passavam de conflitos gremiais, sem grande importância.

²¹⁹ Se analisamos o caso do conflito de Tres Arroyos -interpretado por Cuadrado Hernández y Eduardo Sartelli- outras interpretações são possíveis, tanto no que se refere ao *fracasso anarquista*, como ao *êxito socialista*. Sartelli, por exemplo, ao querer evidenciar sua tese de que os sindicalistas e socialistas foram mais exitosos no seu trabalho gremial que os anarquistas, faz uma grande confusão com os salários demandados e obtidos, não conhece o valor real deles e não esclarece absolutamente nada. Aliás acredita com ingenuidade nos escritos do jornalista de *La Vanguardia*, Leonardo Halkett -inimigo dos libertários- que se autoatribui todos os méritos sobre o resultado final das negociações entre *chacareros* e jornaleiros. As lutas anteriores parecem não revestir importância alguma.

Azeiteiro	200	150	170
Cozinheiro	?	120	150
Vigia	170	120	150
Cavalição	120	?	120
Aguateiro	10	120	160
Forquilha	10	6	8
Cosedor de Bolsas	12	8	11
Enganchador de Bolsas	11	7	8
Estivador Trilha	11	7	8,50

* = Salário mensal 220

Se observamos atentamente o quadro, pode-se apreciar que os resultados de Tres Arroyos superaram em 9 casos às demandas sindicalistas formuladas na pauta de Carhué. Aliás, salários de 8 pesos diários -e mais ainda se os comparamos com os dos anos prévios- realmente eram elevados e as outras conquistas -como a jornada de 9 horas e a qualidade e abundância da comida- não apontam para um fracasso.²²¹

Do Sul da província, os conflitos estenderam-se para diferentes regiões no Oeste, Noroeste e Norte da área agrícola, mas sem adquirir a gravidade que tiveram no Sul, com exceção dos acontecimentos de Arrecifes. Onde explodiram conflitos sérios foi em Vila Guillermina, Vila Ana e Tartagal, no Norte de Santa Fé, nos domínios da companhia britânica de La Forestal e onde menos conflitos houve naquela temporada, foi no território de La Pampa e na província de Entre Rios. Contudo, no ano seguinte essas regiões também foram palcos de conflitos sociais que desembocaram na repressão aos jornaleiros e *chacareros*.

Quanto aos incêndios anunciados para a data em que o ultimatum expirasse, aconteceram durante todo o mês de janeiro e alguns deles foram atribuídos aos quintistas. Todavia resulte extremamente difícil determinar as causas dos mesmos já que, naquela época, os calcadouros de trigo, linho e cevada eram muito vulneráveis e podiam facilmente ser devorados pelo fogo. Quando, ao longo da década dos 20, começou a ser generalizado o uso da colheitadeira -a conhecida como a "corte e trilha"- começou a diminuir o perigo de incêndios naturais ou intencionais. De qualquer maneira, há notícias de incêndios de campos em El Perdido, Coronel Dorrego, Vila Iris, San Germán, Estela, López Lecube e Pelincurá e também na região de Córdoba e Santa Fé.²²² No meio do mês de janeiro, um conflito sério explodiu na cidade e área de Arrecifes, partido de Bartolomé Mitre, no Norte da província. Já em dezembro um grupo de anarquistas tinha assaltado a delegacia policial de Arrecifes para liberar o militante e organizador agrarista Mauricio Balvidares Bustos. Novamente, no dia 16 de Janeiro, um grupo de jornaleiros e *chacareros* é acusado de incendiar calcadouros, envenenar

²²⁰ *Pliego UTA*, ver *La Protesta*, 6.12.1919 e *Tribuna Proletaria*, 15.11.1919. *Pauta Carhué*: segundo Casaretto, este foi elaborado em Adolfo Alsina e adotado pelos sindicalistas. Martín Casaretto, *Historia del Movimiento Obrero Argentino*. Bs. As., Imprenta Vescovo, 1946, p. 125. Resultado de Tres Arroyos: *La Prensa*, 28.12.1919. Queremos insistir no fato de que nos casos das pautas da UTA e Carhué, se tratava de demandas, e em Tres Arroyos de resultados concretos conquistados pela luta anarquista.

²²¹ Não há dúvida de que os anarquistas, com frequência, estavam mais interessados em cultivar a consciência de explorados que na conquista de melhoras materiais. Porém, na prática, os resultados econômicos não lhes eram indiferentes e não era incomum que costumavam obter melhores resultados que os sindicalistas. Talvez Sartelli tenha razão num ponto só: o trabalho dos anarquistas possuía um caráter efêmero, não estável. Mas aqui não devemos perder de vista que os anarquistas não eram aceitos no sistema social argentino, nem antes nem depois de 1916, ao contrário das correntes gremiais dos socialistas e sindicalistas.

animais, queimar um armazém e assaltar uma casa cerealista, com a qual estavam em conflito. Foram cercados pela polícia e no tiroteio subsequente, morreram Pablo Arruti e um policial.

Quanto ao dia 20 de janeiro de 1920, data em que o ultimatum expirasse, nesse dia foi declarada a greve geral, já que o governo não tinha feito a mais mínima concessão frente às ameaças da UTA e da FORAC. Nos lugares onde previam-se conflitos, -Balcarce, Tres Arroyos, Trenque Lauquén e Bartolomé Mitre entre outros- foram destacadas tropas da Gendarmeria e do Esquadrao de Segurança, mas pouca coisa aconteceu. De acordo com a polícia, ao término de janeiro reinava a paz. Os foristas lançaram um ultimatum novo, primeiro para o 15 de fevereiro e depois para março. Houve alguns mortos no Sul e aumentava o número dos presos sociais. Esses que quiseram fazer a Revolução como na Rússia, embora duvidassem de entrar em ação, continuaram preparando sua ordália.

A ação da UTA e dos anarquistas em geral, foi muito criticada tanto pelos sindicalistas -seus rivais na organização dos jornaleiros naquele verão- como pelos socialistas. As frases de condenação foram severas e as acusações sérias. Desse modo, os primeiros manifestaram que o aparecimento inoportuno dos terroristas dificultou a campanha de organização agrária dos trabalhadores do campo, empreendida pela FORA sindicalista. Em um libelo acusatório chamam aos agraristas da UTA: *Agentes provocadores, instrumentos para o serviço do capitalismo e do governo (...) queimando calcadouros e destruindo colheitas, as portas das prisões não se abrem, nem as leis coercitivas são revogadas.*²²³

La Vanguardia também ataca e condena os foristas e denuncia seu desempenho de proclamar demandas extremas e aconselhar a destruição das colheitas e o assassinato (sic) das pessoas que recusaram consentir com essas exigências. Também acusa a polícia do país inteiro pela sua atitude indiferente -e até tolerante- para com os extremistas. Em princípio, o jornal socialista, afirmava ignorar a origem das ameaças de incêndios e mostra uma fotografia com a revista *El Soldado Rojo*, onde aparecia o ultimatum. Mas, uma semana depois, já não demonstra nenhuma dúvida e afirmava tratar-se dos líderes anarquistas do V Congresso.²²⁴

O movimento da UTA teve sua continuidade no verão de 1920/21. Em fevereiro de 1921, foi publicada uma lista com 69 seções, ainda que 12 delas já estivessem desativadas. Consideramos que vale a pena reproduzir essa lista desconhecida, para poder demonstrar que, com a exceção de Entre Rios, a UTA havia uma presença marcante na área agrícola inteira. As localidades que aparecem representadas são as seguintes:

A UNIÃO DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS.

1 Gral. Pico*	24 Bahía Blanca*	47 Tres Lomas*
2 Médanos	25 Centeno	48 Chacabuco
3 Dionisia	26 LasVarillas	49 (9)
4 Cnel. Bogado*	27 Villa Maria*	50 Firmat*
5 Arroyo Dulce*	28 Bragado	51 Chabás
6 Tres Arroyos*	29 Pérez Millán	52 Gral. Pico (sic)
7 Santa Rosa del Toay	30 Bolívar	53 Rivera
8 Idem	31 Colón	54 Oriente*
9 Villa Constitución	32 Salto Grande	55 Maciel

²²² Ver. *The Review of the River Plate*. 9.1.1920. Também *La Nación* do mês de janeiro.

²²³ *La Organización Obrera*. (sind.) 27.12.1919: "El Cuento Terrorista"

²²⁴ Para o ultimatum e *El Soldado Rojo: La Vanguardia*. 21.12.1919; para a acusação à polícia: idem. 22.12.1919; para a acusação à FORA anarquista: idem, 29.12.1919.

10 Salto Argentino	33 Vanpraet	56 (10)*
11 San Pedro	34 Peyrano	57 Cascallares*
12 Cnel. Dorrego	35 (7)*	58 Arata*
13 Rancagua	36 Camilo Aldao	59 Maza
14 Junín	37 Armstrong	60 Sta. Lucía (11)*
15 Hughes	38 Alcorta	61 Henderson
16 Wheelwright	39 Vanguardia	62 Chanilao
17 Alejandro	40 Díaz	63 Quemú Quemú
18 Arrecifes	41 Germania	64 Catriló
19 Totoras	42 Sta. Isabel	65 Realicó
20 V. Cafferatta	43 Pueblo Italiano	66 Carlos Tejedor
21 Fuentes	44 Bernasconi	67 Huinca Renencó
22 Serodino	45 Comoreal	68 Gral. Villegas
23 Necochea	46 Idem	69 San Emilio ²²⁵

A UTA trabalhou em colaboração estreita com a FORP que organizou os estivadores das estações da via férrea e dos portos fluviais e de ultramar. Em novembro de 1920 vários delegados da FORP entre os quais estavam Juan del Campo um dos secretários da UTA, viajam para o Oeste da província de Buenos Aires e chegam ao território do Pampa Central, onde não só fundam o Regional de Gral. Pico, mas também organizam a Sociedade de Resistência de Colonos Unidos de Arata. De acordo com os "delegados em excursão", em uma assembléia, onde não faltava um colono só, decidiram pedir a incorporação dessa sociedade para a FORAC.²²⁶ Isso não constituiu um caso isolado, porque Vidal Mata estava tentando, nessa época, organizar uma Federação de Arrendatários oposta à Federação Agrária Argentina. Outro caso famoso é a União de Colonos Arrendatários de Los Surgentes no Departamento de Marcos Juárez, Córdoba, que celebra com as uniões operárias um pacto de solidariedade. Porém apesar da simpatia com que os anarquistas consideravam essas iniciativas, nos seus Congressos não as avaliavam.²²⁷

Mas, quem eram, afinal, esses transumantes que acudiam no verão para o Sul da província de Buenos Aires, para Darregueira, Trenque Lauquen, Arrecifes, Leones, Trenel ou Castex?. Em janeiro de 1920 aparece em um quadro de *Caras y Caretas* um grupo de jornaleiros ouvindo um orador em alguma coisa que ainda não era uma praça pública, na cidade de Oriente. Eles vestem *bombachas*, jaqueta de camponês europeu, lenço no pescoço, calçados com alpargatas e com boné ou *chambergo*.²²⁸ Assim, sua indumentária não é de gaúcho nem de camponês espanhol ou italiano, mas uma bricolagem deles. Ao lado do orador - de casaco, camisa e gravata voadora - pode-se ver um grupo de trabalhadores que parecem constituir a liderança da união. A revista apresenta outras fotografias. Em uma delas aparece uma manifestação em Tres Arroyos em apoio ao comissário Andrés Cárcano. Aqui achamos pessoas bem vestidas, com seus ternos de verão, chapéus panamá de cor clara e fita escura. São os vizinhos honrados da cidade, esses que colaboraram com as forças de repressão para manter disciplinados os jornaleiros durante os dias de dezembro. De acordo com a epígrafe, representam as casas cerealistas, os fazendeiros e a sociedade de Tres Arroyos. O setor social

²²⁵ *La Organización Obrera*. (FORAC) 5.2.1921

²²⁶ *Idem*. 17.11.1920: "FOR Portuaria y Anexos"

²²⁷ *Idem*. 14.2.1921. "Córdoba. La Unión de Colonos Arrendatarios pide Inserción".

²²⁸ *Caras y Caretas*. 10.1.1920

que está ausente nas fotos -e também na manifestação a favor da liberdade para o socialista Halkett- foi o dos *chacareros*.

Um dado curioso que nos dá a imprensa é aquele de que, entre os 2.500 jornaleiros que haviam chegado a Tres Arroyos, prevaleceram os árabes, ou seja os cidadãos sírios e libaneses. A maioria dos 250 detentos de Cascallares também seria árabe. Por outro lado, no partido de Coronel Dorrego, os espanhóis prevaleceriam sobre os árabes e italianos. Consideramos que, em referência àquela maioria árabe, se deveria guardar muita precaução; freqüentemente o aspecto exótico é utilizado para esconder uma realidade mais monótona ou cinzenta. Aquela maioria árabe não é confirmada pela lista de presos, ou seja dos líderes que ainda estavam na prisão de Bahía Blanca, um ano depois dos eventos do Verão Vermelho. Aqui nos encontramos com a mistura internacional rotineira que costumava povoar a prisão em cada evento rebelde: uma maioria de espanhóis e argentinos, acompanhada por alguns italianos e russos. Seguramente é possível que pode haver ido ao Sul um contingente de sírio-libaneses recentemente chegado ao país, mas é inútil procurar entre eles os líderes das rebeliões agrárias. Por outro lado a mesma coisa não aconteceu com esses da Península Ibérica. No Triênio Vermelho espanhóis foram mais presos que, por exemplo, os italianos. Também na FORA anarquista, na UTA e na FORP, o contingente espanhol prevalece sobre o italiano. A nosso critério, isso seria devido, em primeiro lugar, ao fato de que a imigração espanhola era mais recente que a italiana e, por isso, teve uma presença maior, tanto entre os jornaleiros do porto, quadrilhas ferroviárias e jornaleiros da colheita, ofícios com um grande predomínio de imigrantes novos. Dessa forma, a FORAC de 1919 a 1921, era mais que nada, uma organização de estrangeiros rebeldes.

A UTA teve uma vida que, na prática, não ultrapassou os dois verões. Em abril de 1921, no começo da ruptura definitiva entre os anarco-bolcheviques e anarco-comunistas puros, Vidal Mata é substituído na secretaria da UTA pelo trabalhador em calçados, Pedro López. Durante o ano de 1921, a nova direção da FORAC não soube manter a organização e esta vai se dissolvendo em seções de Ofícios Vários, na autonomia ou simplesmente desaparece. Daquela luta só ficaram alguns vestígios, como a Comarcal de General Pico, que editava *Pampa Libre* ou, como foi expresso por Laureano Riera, *a humanização do trabalho no campo*.²²⁹ As conquistas não foram estáveis mas também não inexistentes. De acordo com alguns testemunhas, lá onde os trabalhadores pretenderam lutar para manter seus direitos, estes foram conservados, ainda depois de 1921

²²⁹ Laureano Riera. *Memorias de un Luchador Social*. Bs. As., s/ed., 1981.

3.4 A GREVE DAS BOMBAS; MARÇO DE 1920

Ao término de 1919, algumas pessoas como Antônio Abílio Gonçalves e Sebastián Ferrer, infiltraram o núcleo da FORA e rapidamente se tornaram Secretário e Vice-secretário do Comitê Federal. Fizeram tudo que estava no seu poder para que a FORA com a direção bolchevique de Bandera Roja, levasse a cabo, em março de 1920, uma greve geral com o objetivo de liberar os deportados. Com esse projeto concordaram os outros companheiros do Comitê Federal. Essa preparação foi acompanhada por uma história de bombas e esse acontecimento todo - inspirado e delatado pelo agente de polícia Juan Portas - terminou num fracasso.²³⁰

Em março de 1920, aconteceu um dos fenômenos mais estranhos da história social da Capital Federal, a chamada Greve das Bombas. Como os planejadores principais dessa greve foram nossos protagonistas, queremos tentar reconstruí-la, apesar da documentação tendenciosa, típica deste gênero de acontecimentos- e interpretar os silêncios ao redor dessa história não relatada ainda.²³¹

Esse episódio quase não é mencionada pelos cronistas da história do sindicalismo argentino, e quando há uma breve referência a ele, geralmente é desqualificado como uma conspiração anarco-policia, ou uma prova do fracasso do anarquismo naquele período. Analisemos, por via de exemplo, a opinião de dois historiadores de épocas e escolas muito diferentes.

Por exemplo, para o Heródoto do Anarquismo, Max Nettlau, que o denomina uma *Bombengeschichte*, em síntese consistiria em um conspiração bolchevique, infiltrada pela polícia, cujo objetivo era a liberação dos prisioneiros sociais do ano 1919. Por outro lado, para David Rock, esta iniciativa da FORA anarquista era uma evidência a mais que mostrava a decadência total do movimento anarquista no Rio de la Plata. Assim ele escreve;

Depois da Semana Trágica, a decadência do anarquismo na Argentina continuou: teve uma atuação periférica nos sucessos de meados de 1919 e foi incapaz de tirar proveito da expansão do gremialismo até fins de 1920. No dia 14 de março deste último ano, a FORA do V Congresso tentou promover uma greve geral, depois que a polícia descobriu um grupo que fabricava bombas num bairro de Liniers. Como antes, foi um fracasso total.²³²

O que havia acontecido de fato e quem seriam os protagonistas desta ação tão singular?. Era uma conspiração policial -ou anarco-policia, como também muitos interpretaram isto em seu momento- ou uma tentativa de greve revolucionária violenta projetada pelos quintistas da

²³⁰ Max Nettlau. *op. cit.* p. 43

²³¹ Essa greve não foi analisada em nenhum trabalho historiográfico. Essa produção do silêncio em torno desse episódio nos parece paradigmático para toda a história dos anarco-bolcheviques. Um dos objetivos deste trabalho consiste, exatamente em interpretar as causas desses silêncios e esquecimentos.

²³² David Rock. *op. cit.* p. 326

FORA e o grupo de *Bandera Roja*? E de onde saiu aquela quantidade enorme de bombas, já que se menciona que seriam mais de 500? Seria uma ação planejada para forçar o governo a liberar os prisioneiros sociais -os da Semana de Janeiro, de *Bandera Roja* e, como sempre, Radowitzky- ou era para fazer a Revolução Social?

A imprensa grande deu bastante cartaz a este episódio, inclusive por suas características sensacionalistas. Por outro lado a imprensa anarquista uma vez mais teve que fechar suas publicações, quando a maioria de seus militantes foram presos por um período de cinco meses. Vejamos, em síntese, os eventos principais. Em fevereiro de 1920 entraram em greve 3.000 vigilantes, basicamente, por uma questão de salários atrasados. Entre os grevistas havia tanto vigilantes de tráfico, como parte do esquadrão de segurança.²³³ Uma greve de policiais não era uma novidade absoluta e já comentamos o movimento maximalista levado a cabo pela polícia de Rosario em dezembro de 1918. Ora, em novembro de 1919 uma nota tinha aparecido no jornal anarquista com o incendiário título de, "Os Vigilantes Farão a Revolução Social conosco". Se durante anos os vigilantes argentinos, recrutados entre os elementos *criollos* do interior, tinham sido *cossacos, milicos, indios, chineses* e, sobretudo, inconscientes e represores do Ideal, agora tudo tinha mudado: *Os vigilantes são pessoas do povo escrevia La Protesta, explorados como nós, filhos da fome e da miséria, e eles não se rebelam porque não têm um objetivo social*. E depois de se referir a vários casos históricos de policiais que tinham passado para as fileiras populares, continua:

*Aqui vimos dois movimentos semelhantes: um em Mendoza e outro em Rosario. Na Semana de Janeiro, muitos se recusaram a fazer fogo contra seus irmãos, os trabalhadores. No departamento houve uma rebelião heróica que afogaram em sangue e foi traída por bombeiros (...) Todos estes detalhes não só provam que os vigilantes têm um alma revolucionária como a nossa; eles são explorados e escarnecidos, eles amam a liberdade e, se sabemos lhe fazer propaganda, farão a Revolução Social conosco*²³⁴

Essa propaganda da FORA anarquista, dirigida por Ferrer e Gonçalves, era efetiva, porque pôde organizar um sindicato de policiais aderido à Federação. Já em julho, *Crítica* fala de um soviete vigilante e, novamente, em janeiro de 1920.²³⁵ Também no mesmo mês e ano, a *Revista de Policia*, comenta essa rebeldia nas linhas dos agentes da ordem e alerta:

*A policia está só para cumprir ordens de forma em que pode reconciliar obediência com a humanidade, a autoridade com a ordem social, e a disciplina com a liberdade. Ela deveria ficar incôhume de toda idéia sobre reivindicação social e seus oficiais superiores devem garantir que os empregados e agentes sob suas ordens, não desertem no momento do perigo, contrariando a propaganda insidiosa que, há algum um tempo atrás, é desenvolvida.*²³⁶

No dia 9 de março se notifica o descobrimento de uma conspiração policial, com 3.700 vigilantes cotizantes da FORA anarquista. O agente Migone era o secretário da sociedade. No dia 12 à noite explode uma bomba: os vigilantes emitem um manifesto no qual denunciam a detenção de 200 policiais e a demissão imediata de outros 300; o comitê chama à greve geral

²³³ *La Prensa*. 7.2.1920: "Huelga de Vigilantes". Na linguagem da época, "vigilante" era um polícia comum.

²³⁴ *La Protesta*. 28.11.1919: "Los vigilantes harán la revolución social con nosotros".

²³⁵ *Crítica*. 24.7.1919: "La Liga y el Yettatore". Idem. 21.11.1920: "Vigilantes que Protestan".

em protesto contra os sócios detidos e demitidos e esta greve convergirá com o plano, articulado pela FORA a favor da liberação dos prisioneiros sociais.²³⁷ A greve havia iniciado entre os dias 12 e 13, com o turno das 22 a 6 horas. o Chefe de Polícia, Elpidio González, com o aval explícito de Yrigoyen, promete uma série de aumentos: os salários seriam de 150 pesos para os vigilantes, 160 para os cabos e 170 para os sargentos, montantes nada desprezíveis para os padrões da época, quando 100 pesos por mês, já era um salário razoável. Com a concessão, veio a repressão: o Exército ocupou a delegacia policial e o turno das 6 a 14 horas no dia 13, começou a trabalhar com toda normalidade.²³⁸

Uma publicação estrangeira relaciona o evento da seguinte forma:

*Sexta-feira passada as guardas noturnos de 4 seções da policia entraram em greve. (...) A situação parece normalizada. Três delegados apresentaram uma pauta de reivindicações ao Chefe de Policia. Eles foram presos imediatamente mas, em seguida, liberados. Alguns dias antes aproximadamente 80 sócios foram demitidos sob a acusação de lerem de publicações dadas por pessoas de idéias avançadas. Também as forças do Exército e da Marinha estiveram prontas para entrar em ação*²³⁹

Naquele mesmo 13 de março, a Seção Ordem Social, deteve entre 150 a 200 militantes operários, encontrou perto de 500 bombas e até surpreendeu um sapateiro espanhol na tarefa da produção de explosivos.

Dois anedotas, pelo seu caráter de histórias construídas para o consumo da plebe, valem a pena ser relatadas. Na rua Rivadavia nº 10.500, o agente Zabala deteve,

*um homem jovem de blusa azul que tinha se sentado debaixo de um ombú levava um pacote contendo uma arma automática e dez bombas de dinamite. Levava-as para usá-las imediatamente. "Sou libertário e como Rivadavia e Moreno penso que em minha pátria a liberdade entrará com sangue. Hoje vou preso, mas serão muitos os que continuarão o trabalho que, cedo ou tarde, tem que triunfar". O detento se chama Andrés Vázquez. É de profissão pintor (...). é um rapaz jovem, agradável de testa ampla e olhar firme. Seu aspecto é sedutor.*²⁴⁰

A outra anedota que queremos relatar nessa história de bombas se refere à detenção de Eva Vivé, a que, alguns meses antes, havia sido provisoriamente absolvida, no caso de *Bandera Roja*. A história de *Crítica nos* permite entrar na casa dos García Thomas,

A policia invadiu, entre outras casas, a da Senhora Emma Vives de Thomas, que, em ocasião do processo à Bandera Roja, teve seus quinze minutos de popularidade. A visita à moradia modesta era interessante. Havia tudo que a um temperamento revolucionário poderia interessar. (...) A farsa dos soviéticos bombísticos reduziu à

²³⁶ *Revista de Policia*. 1.1.1920. O autor do artigo é Alfonso Durao.

²³⁷ Ver, "El Manifiesto de los Vigilantes". en *Crítica*. 14.3-1920. *La Montaña*. 10.3.1920.

²³⁸ *La Montaña*. 13.3.1920: "Huelga de Vigilantes".

²³⁹ *The Review of the River Plate*. 19.3.1920: "Notes of News"

²⁴⁰ *La Montaña*. 14.3.1920: "Una Detención Importante". Un número clandestino do jornal anarquista, nos dá a filiação seguinte: Andrés Vázquez, argentino de 27 anos, pintor, fabricante de explosivos. Ver, *La Protesta*. 25.3.1920: "El Proceso de las Bombas". Entre os autores principais, o jornal menciona a 9 espanhóis, 7 argentinos, 2 portugueses, 1 italiano e 1 chileno. Os ofícios variavam: havia entre eles pedreiros, fundidores, sapateiros, ferroviários, jornalistas, marceneiros e mecânicos. Quanto a Vázquez, ele não era argentino e sim espanhol. Acreditamos que se trata do futuro anarco-expropriador, Andrés Vázquez Paredes, companheiro de Severino Di Giovanni.

*prisão a senhora de Thomas. As damas argentinas que estão fazendo coletas para curar gatos doentes não têm para estes perseguidos uma única palavra de compaixão.*²⁴¹

Enquanto isso Enrique Garcia Thomas ainda continuava na prisão, porém, *Caras y Caretas*, publica a foto dele como um dos 6 líderes do evento das bombas.²⁴²

Também *La Protesta* foi fechada. Apolinario Barrera, Joaquín Gómez e Federico Pardo encarcerados por 5 meses. O jornal só reaparecerá diariamente em abril de 1921. Embora mais tarde o jornal tenha negado, a participação nos acontecimentos de março, o mesmo fica demonstrado, por seu apoio à greve dos vigilantes e sua atitude positiva para enfrentar uma ação em favor dos numerosos prisioneiros sociais.²⁴³ Da mesma forma foi fechado o jornal *Tribuna Proletaria*, o qual estava sob a redação dos anarco-sindicalistas González Lemos, Rey Villaba y Valdés. O *Tribuna Proletaria* não aparecerá mais.

O número total de detentos oscilou entre 150 e 180 pessoas, em sua maioria militantes da FORA anarquista, já que os sindicalistas não aderiram a este empreendimento. Alguns prisioneiros foram levados para Villa Devoto, porém muitos foram confinados na ilha Martín García. Os prisioneiros sociais novos estarão confinados com os do ano anterior e com a marginália portenha destinada à extradição: prostitutas, tratantes de brancas, *souteneurs*, carteiristas, etc. Todos eles seriam expulsos do país, junto aos ácratas, fabricantes de bombas. A Greve das Bombas na capital federal, coincidiu com uma greve geral violenta em Rosario. O movimento havia começado com os Condutores de Carros e trabalhadores do porto. A Greve das Bombas também havia sido programada na cidade santafesina, o que é revelado pelo seqüestro de material bélico. Em Rosario, a polícia havia confiscado armas, munição e uma bomba de 5 quilos de dinamite. Dias depois, um tiroteio violento aconteceu entre grevistas refugiados no local dos Condutores de Carros que foram finalmente subjulgados pela polícia e, de acordo com uma declaração oficial, *foram capturados 27 fugitivos, a maioria agitadores criminais*. Durante a semana da greve, a polícia rosarina fez mais de 100 prisões de anarquistas e fechou 20 sedes sindicais.²⁴⁴

A origem de um número tão grande de bombas, era razão de muitas ponderações. De fato, embora o plano da fabricação e distribuição de bombas por parte dos líderes da FORA, realmente existiu, eles caíram com bastante ingenuidade na armadilha montada pela Seção Ordem Social. Exceto num local em Liniers, onde um fundidor e um estivador fabricavam suas máquinas infernais e do sapateiro espanhol, Mariano Barraón, quem foi surpreendido em flagrante, montando bombas; a maioria dos elementos explosivos procedia da esfera policial. O fato de que, em algumas horas, em numerosos pontos do subúrbio de Buenos Aires foram encontradas 500 bombas, indicava um complô, não planejado pelos policiais foristas, mas forjada na Seção Ordem Social, sob as ordens diretas de Elpidio González. O jornal anarquista -o qual depois quis tomar distância das responsabilidades- sugere o que outras publicações também afirmavam:

²⁴¹ *Crítica*. 15.3.1920: "El Golpe Final" e 26.3.1920: "La Horrible Situación de los Presos Sociales".

²⁴² *Caras y Caretas*. 20.3.1920: "Nota de la Semana". As outras fotos são de Mariano Barraón, Francisco Trotta, Matías García, Benito Beltrán e Juan Peri.

²⁴³ *La Montaña* do 16 de março de 1920, relata que a polícia encontrou na redação de *La Protesta*, um carimbo da "Unión de Vigilantes y Bomberos de la Capital".

²⁴⁴ *The Review of the River Plate*. 12.3.1920 e 19.3.1920: "Notes of News".

A greve geral teve um propósito bem definido: a liberdade dos trabalhadores processados por questões sociais; foi declarada pelas organizações operárias que a FORA integra. Em primeiro lugar a polícia, mediante seus elementos intrigantes e provocativos -pois é conhecido que são introduzidos nas fileiras operárias para desviar propósitos altos, semear a confusão e acusar os homens mais capazes- preparou os arsenais de bombas e complicando os trabalhadores sinceros e entusiásticos talvez, para "descobri-los" no momento oportuno.²⁴⁵

Embora houvesse muitas invasões em locais sindicais e casas particulares da Capital, a maioria das bombas foram encontradas no subúrbio de Buenos Aires, em Avellaneda, Ciudadela, Lanús e Bernal. Por exemplo, em Bernal, Comodoro Rivadavia e Comandante Espora, havia um arsenal,

com 28 quilogramas de dinamite, três frascos de ácido sulfúrico, 4 quilos de pólvora, 200 tubos de vidro, armas e balas: 19 bombas para dinamite e ácido sulfúrico, frascos com líquidos inflamáveis, 20 tampas para bombas, alguns recipientes de amoníaco e uma bomba de ácido sulfúrico.²⁴⁶

Esse arsenal poderoso, já que o uso de explosivos na Argentina nunca havia passado de uma iniciativa puramente individual, foi encontrado num barraco de madeira e quando chegou a comissão policial, seus ocupantes resistiram com um tiroteio forte que feriu um sargento. Também lançaram uma bomba que não explodiu porque caiu na lama. A polícia retrocedeu para reorganizar o ataque, mas os ocupantes do barraco escaparam descarregando seus revólveres.²⁴⁷ Por outro lado, poucas foram as bombas que explodiram. É mencionado que três delas foram colocadas na ferrovia Central Córdoba entre La Bajada e Empalme Rosario.²⁴⁸

Ora, ao menos uma fonte menciona claramente que as bombas -ou o material para fabricá-las- foram fornecidas pela polícia; tratava-se de 5.000 quilos de bronze:

Faz quatro dias, disseram os vizinhos de Lanús, chegou ali um carro carregado com bronze. Estavam perguntando onde ficava o centro anarquista. O centro era um galpão e lá eles foram apresentados: Companheiros, aqui nós trazemos estes quilos de metal para a revolução.²⁴⁹

Para teatralizar mais ainda o enredo, a polícia organizou uma exibição pública do perigoso material confiscado e os jornais e revistas também reproduziram as fotos do arsenal. Na versão de Botana, *para que os honrados armazeneiros, vendedores de espécies venenosas, se tornassem peludistas (radicais) e começassem a pedir o fuzilamento em massa.*²⁵⁰ De acordo com a *Crítica*, próximo às bombas foi encontrado um folheto, que parece proceder mais do intelecto de Ordem Social, que de um cérebro anarquista:

²⁴⁵ *La Protesta*, 26.3.1920: "El Complot Policial".

²⁴⁶ *La Prensa*, 15.3.1920: "Acción represiva de las Autoridades".

²⁴⁷ *Idem* 14.3.1920 "La Propaganda Antisocial". Plagiando Osvaldo Bayer, e trocando Adrogué por Bernal, pareceria que Roberto Arlt, havia-se inspirado também neste lugar para escrever *Los Siete Locos* e *Los Lanzallamas*.

²⁴⁸ *La Montaña*, 15.3.1920: "Los Explosivos Descubiertos por la Policía".

²⁴⁹ *Crítica*, 16.3.1920: "El Pseudo Complot Teatral de la Policía. En Enero los Maximalistas, en Marzo los Ácratas".

²⁵⁰ *Ibidem*.

-A cidade deve ser semeada com pregos de ponta afiada e todas as ruas com veículos virados barriga para cima.

-Não é necessário atirar de longe à tropa, mas de perto: se uma bomba não alcança, lançar duas. Os bairros operários não devem ser queimados:

-Se um vigilante não adere, é necessário dar na cabeça dele, tomar o apito e destruí-lo com um machete.

Um detalhe bastante hilário, foi o comentário sobre a descoberta de um mapa, que representava a futura cidade comunista americana. De fato se referia ao plano que acompanhava a utopia escrita, em 1914, por Pierre Quiroule, intitulada *A Cidade Anarquista Americana*.²⁵¹

Para *La Vanguardia* -que nesses dias estava mais preocupada pelos resultados das eleições para deputados que por essas confusões entre os anarquistas e os radicais- não existia dúvida alguma, tudo era trabalho da polícia:

*As recentes descobertas de materiais explosivos e documentos comprometedores, feitas pela polícia, em lugares tão diferentes mas à mesma hora, comprovam completamente que ela teve uma participação principal por meio dos seus agentes, no pretendido plano terrorista que agora procura abortar.*²⁵²

Qual seria a possível interpretação deste evento? Em nosso entender, três circunstâncias convergem para produzir esse fato, único no seu gênero na história social argentina. O primeiro consistiu em uma associação significativa da polícia da capital a Federação Anarquista. E surpreendentemente que, no meio do reinado da Liga, os anarquistas pudessem afiliar tantos vigilantes e distribuir seu material de propaganda no interior das delegacias, inclusive o corrosivo *El Soldado Rojo*.²⁵³ Em segundo lugar, os líderes da FORA estavam preparando há vários meses uma greve geral, literalmente fulminante, para forçar o governo a libertar os prisioneiros sociais, especialmente os de *Bandera Roja*. Em março, tinham caducado já dois ultimatoss e havia chegado a hora para agir. Na condução da FORA estavam Gonçalves e Ferrer, dois líderes sindicais novos e com pouca experiência. Procuraram por em prática algo que *Bandera Roja* tinha proclamado em abril de 1919: realizar uma greve armada e não permitir que a repressão os sacrificasse como em janeiro do ano prévio. Em março, estavam em greve o combativo grêmio dos motoristas da Capital, aliás dos Condutores de Carros e Estivadores do porto de Rosario. Porém, no dia 9 tudo se complicou quando Ordem Social começou a dismantelar a organização sindical da polícia. Quando uma parte da polícia entrou em greve, na noite do 12 para o 13 de Março, e ao ser derrotada com relativa facilidade por polícias legalistas e tropas do Exército, a FORA declarou a greve geral, sem o apoio previsto dos policiais sindicalizados.

Mas houve um terceiro elemento que convergiu neste episódio: o do complô policial que teve uma existência tão real como o complô anarquista. Por meio da infiltração nas linhas do novo sindicato de vigilantes, Ordem Social sabia de todos os movimentos e planos da FORA, de forma tal que no dia " D ", consegue recoletar todas as bombas em lugares perfeitamente mapeados. A ocasião foi aproveitada para colocar na cadeia, durante alguns

²⁵¹ *La Prensa*, 16.3.1920: "La Propaganda Antisocial"

²⁵² *La Vanguardia*, 19.3.1920: "Jugando con Fuego".

²⁵³ Não pudemos consultar, diretamente, a coleção de *El Soldado Rojo*

meses, um número significativo de militantes e expulsar alguns do país, corretamente misturados com os proxenetas e outros "capitalistas" da marginalia portenha.

Seria possível perguntar-nos qual era o benefício que o Governo radical desejava obter com esta operação maquiavélica. A resposta não é tão difícil de encontrar já que o rendimento do operativo foi pleno. Em linhas gerais, foi um movimento estratégico de antecipação. Esboçando ante a opinião pública o fato político da descoberta de uma grande conspiração anarquista, o governo matou vários pássaros com um só tiro: desmantelou o sindicato policial anarquista, implodiu, em grande parte, o plano preparado pela FORA, apresentando essa como uma entidade inimiga da sociedade e deteve, durante algum tempo, uma quantidade de muitos líderes sindicais até que os ventos revolucionários passassem. Fora disso, essa operação não pretendia por em perigo a relação, que ainda estava íntata, entre o governo e os sindicalistas da FOM. Como último fator, e acreditamos que é o mais importante, o governo mostrava à parte conservadora da sociedade, à grande imprensa, à Liga e à Associação do Trabalho e aos militares que exercia o monopólio da repressão, que o país estava em mãos confiáveis e que, para controlar o panorama social, não precisava das incômodas brigadas de Carlés. Em relação ao último ponto, a Liga não teve nenhuma ação por esses dias de março e, embora o persistente Carlés se apressasse a convocar suas brigadas, essas não tiveram oportunidade para entrar em ação. A ordem conservadora aprovou a ação do governo; os socialistas e leninistas censuraram civilizadamente; para o sindicalista Sebastián Marotta, foi uma *chirinada quintista* e para os protagonistas principais dos fatos -policiais despedidos e militantes prisioneiros- eles foram chamados ao silêncio.

Por último, a produção do silêncio. A historiografia anarquista preferiu esquecer a desgraçada Greve das Bombas embora, em alguma ocasião, atribuiu seu fracasso à incompetência dos anarco-bolcheviques ou, inclusive, o círculo de Abad de Santillán sugere um enredo anarco-policial do qual foram vítimas os trabalhadores e os jornalistas das publicações libertárias. Ora, a qualidade das pessoas envolvidas neste fato e a razão altruística de libertar os prisioneiros, permite descartar a hipótese de que a liderança da greve, era informante da polícia.²⁵⁴

No dia 13 de agosto de 1920, há cinco meses exatos depois da Greve, foram libertados 27 dos militantes capturados, entre eles alguns de *Bandera Roja*. Entre os nomes conhecidos estão: Apolinario Barrera, Mario Anderson Pacheco, Mario O. Herrera, Ángel Petrarca, Florencio González, Joaquín Gómez e Federico Pardo. Com relação a Eva Vivé, Mariano Barrajón, Alejandro Colman, R. Herrera Spada, Raúl Tejera, Matías García, Andrés Vázquez e M. Martínez Rodríguez. lhes foram embargados os bens até uma soma de 3.000 pesos, a título de depósito.²⁵⁵ Esse embargo foi imposto depois do encarceramento por 5 meses e os nomes incluídos na disposição, foram aqueles que realmente foram surpreendidos em posse dos explosivos.

²⁵⁴ Ferrer e Gonçalves foram, possivelmente, os autores principais deste plano, junto a Gracia Thomas, preso em Devoto.

²⁵⁵ *El Libertario*. 14.8.1920: "El Proceso del terrorismo".

CAPÍTULO IV. TRANSFORMAÇÕES NO MOVIMENTO OPERÁRIO. 1919-1922

4.1 LEGISLAÇÃO SOCIAL E SINDICALISMO INDUSTRIAL

Havia duas instituições irmãs - a FORP e a UTA- que se complementavam. E ninguém poderá negar que as duas instituições acabaram humanizando o processo de trabalho e fazendo menos bestiais os trabalhos da colheita.²⁵⁶

Entre 1915 e 1923, a FORA quintista - que, em 1919, acrescentou ao seu nome o adjetivo "comunista"- não celebrou qualquer Congresso Ordinário, ao contrário da FORA sindicalista que se reuniu em 1918, 1921 e 1922. Porém, os anarquistas também se congregaram com frequência relativa por esses anos. Por exemplo, nos dois Congressos da Federação Operária Provincial de Santa Fé (1919 e 1921), no dos Portuários, (1919), na Federação de Rodados e Transporte (1919) e, finalmente, no Congresso Extraordinário da FORAC, em setembro/outubro de 1920. Esses congressos possuíram algumas características em comum; em primeiro lugar, um grande entusiasmo reinava entre eles por causa do clima social do momento que era expressado pelas manifestações de solidariedade com a Rússia, por uma tendência para a união de todos os trabalhadores e, por último, pela proposta e defesa de métodos e estratégias sindicais novas, entre as quais se salientaram a organização da UTA e da FORP, em um paradigma mais semelhante ao da FOM sindicalista que com o desses sindicatos tradicionais por ofícios.

O *sindicato por ofício* era um modelo de organização tipicamente anarquista -que tentava evitar tanto a centralização da estrutura sindical, como a concentração numerosa de sócios- e fragmentava os trabalhadores de uma mesma atividade em setores múltiplos. Por exemplo, os trabalhadores rurais eram divididos em jornaleiros da colheita, estivadores dos galpões e condutores de carros e estavam organizados por localidade, distrito e província. No porto, havia condutores de carros, estivadores do cais, estivadores de bordo dos barcos e, assim, sucessivamente. Quer dizer que a célula básica do sindicalismo era o grupo de trabalhadores de um determinado ofício, de uma certa cidade; esse grupo se unia a seus pares do distrito e da província. Nessa estrutura organizativa, de baixo para cima, não tinham lugar as federações nacionais.

Por outro lado, o *sindicato por indústria* nucleava todos os trabalhadores de uma atividade, por exemplo, a da construção -sem a distinção de pedreiros, carpinteiros e peões- dos operários frigoríficos, do porto ou da navegação. Desde o seu aparecimento no panorama laboral do Rio de la Plata, o sindicalismo puro começou a adotar formas organizacionais que se

²⁵⁶ *El Trabajo*. 9.2.1922

aproximaram às do sindicalismo industrial. De fato, a Federação Operária Marítima, surgida em 1910, foi constituída como uma federação de seções e não de uniões. Também a União de Trabalhadores Agrícolas, criada por Vidal Mata em 1919, tentou concentrar todos os trabalhadores da linha do cereal ao longo da área agrícola. Da mesma forma a Federação Operária Regional Portuária, organizava os estivadores e condutores de carros das estações de trem do interior com seus pares dos portos do Atlântico.

Ao término de junho de 1919, os sindicalistas convocaram um Congresso Extraordinário com o único objetivo de deliberar sobre um Projeto de Lei de "Regulamentação de Associações Profissionais", projeto anunciado por Yrigoyen no seu discurso de abertura do Legislativo. Lembremos aqui que, em abril daquele ano, José Ingenieros e um grupo de radicais progressistas, haviam pressionado o presidente para que promulgasse, com a maior urgência possível, uma proposta avançada de legislação social, o que - na concepção positivista e idealista de Ingenieros- faria entrar a sociedade argentina ao socialismo e evitaria no futuro a pressão das massas rebeldes e repressões do tipo das que foram praticadas durante a Semana de Janeiro. Já tentamos descrever como Hipólito Yrigoyen, em primeira instância, parecia concordar com esta *iniciativa uruguaia*, mas que, logo, deu marcha ré, ante o *lobby* dos militares, clérigos, conservadores e os azuis de seu próprio partido. Todos reivindicavam do presidente a imposição da ordem por meio do uso da força e não a procura da harmonia social por meio de uma legislação social que abria as portas a uma *cidadania econômica e social* para todos os habitantes do solo argentino.

Poucos historiadores e cronistas do movimento operário atribuíram importância a essas manobras do governo e das câmaras quanto à legislação social e laboral. Não faltam os comentários que atribuem a rejeição desses projetos por parte do movimento operário, como uma demonstração da falta da visão dos líderes sindicais, que por seu anti-estatismo fechado, haviam se recusado a entrar ao paraíso do bem-estar social que lhes fora oferecido graciosamente.²⁵⁷

Muitas foram as preocupações das classes dominantes, em meados de 1919, uma delas foi a luta que os sindicalistas, autônomos e anarquistas começaram de forma permanente no porto de Buenos Aires e em outros lugares do país para o controle operário e contra as listas negras, o trabalho livre e os *lockouts* administrativos. Por exemplo, nos mesmos dias de maio em que Yrigoyen anunciou o primeiro dos projetos de legislação social, a Associação Nacional do Trabalho -dirigida pelos gerentes das grandes companhias de transportes e das casas exportadoras- teve uma entrevista com ele e se queixava da desordem social e das pretensões absurdas do gremialismo, ameaçando o governo com um *lockout* do porto. Ante as palavras do presidente asseguravam que o governo estava completamente em condições de controlar a situação, os gerentes adiaram a medida de força, mas não sem publicar um manifesto no qual, embora prometessem manter as melhorias econômicas, decretaram que despediriam a todo agitador que perturbasse a ordem e que não reconheceriam as sociedades de resistência.²⁵⁸

²⁵⁷ Por exemplo, Rock, Santillán e Oddone nem sequer mencionam esta luta, a qual, em agosto de 1919, mobilizou grandes massas de trabalhadores, produzindo até a solidariedade entre sindicalistas, anarquistas e socialistas. Para David Rock, que pesquisou as relações entre o governo e os sindicalistas, teria sido um tema fundamental porque estes últimos rejeitam a legislação social oferecida em 1919, 1921 e, novamente, em 1924

²⁵⁸ *The Review of the River Plate*. 16.5.1919

Uma velha preocupação, que se agudizou nas épocas de conflito, foi a imigração. Embora quase inexistente entre 1914 e 1920, a falta de controle e seleção dos estrangeiros, foi considerada como um dos motivos da deterioração social que sofreu a República. A excessiva generosidade argentina, permitia a entrada no país de elementos de desordem, ressentidos pelas ofensas que a Velha Europa os tinha infligidos. No período da imediata pós-guerra, especulou-se também com um perfil de imigrante novo que contribuiria para resolver dois problemas ao mesmo tempo: a escassez da força de trabalho e a falta de capital. Aquele trabalhador de novo perfil, viria principalmente da Alemanha e Áustria, seria um técnico altamente qualificado e portador de um modesto capital próprio. Demais está dizer que esse imigrante idealizado nunca chegaria ao porto de Buenos Aires nas quantidades especuladas de forma que, como nos tempos de Sarmiento e Alberdi, a nação teve que se conformar com seus hóspedes de sempre, em primeiro lugar, italianos e espanhóis.

Finalmente, o empresariado estava preocupado pela demora na chegada de capitais novos para o país e recriminou o governo que, por causa de sua inabilidade para manter a ordem, estava afugentando o capital estrangeiro novo. *The Review of the River Plate* escreveu que, entre os capitalistas ingleses, começou a formar-se a opinião de que a Argentina não era um país apropriado para investir dinheiro; porém, como os ingleses precisavam do cereal e da carne argentina e não queriam perder sua hegemonia no Rio de la Plata frente ao capital dos Estados Unidos, não levaram a um extremo as críticas a Yrigoyen, ainda que o embaixador Reginald Tower, freqüentemente necessitasse acalmar os gerentes ingleses desconformes.²⁵⁹

Voltando aos diversos projetos de legislação social de maio e junho de 1919, o Regulamento denominado de Associações Profissionais, era de responsabilidade do deputado conservador Matías Sánchez Sorondo. Era, claramente, um Projeto para dominar a classe trabalhadora sem oferecer-lhe quase nada em compensação. Antepôs, em todo momento, o controle social à possibilidade de criar uma participação popular nova na esfera trabalhista. A ambivalência radical, na frente da legislação social, chama a atenção e, mais ainda, se considerarmos o fato de que o Regime já tinha mostrado seu interesse dando uma resposta à pergunta social emergente, criando o Departamento Nacional do Trabalho, em 1907. Este Departamento possuía uma gama de Inspetores onde não faltavam os liberais, radicais, apolíticos e socialistas. Pareceria que àquela Instituição -com a emergência, em 1916, do governo radical e com a onda de rebeliões a partir de 1919- tinha sido reservado um protagonismo histórico, no sentido de apresentar uma legislação operária apropriada para a modernidade social argentina e do momento político que se abriu, depois de 1918, no mundo e na Argentina. Mas as coisas não aconteceram desse modo. O Projeto de Sánchez Sorondo do 30 de maio de 1919, contou, desde seu começo, com uma oposição acirrada de sindicalistas, socialistas e, até num primeiro momento, de um setor de políticos radicais.²⁶⁰

O Congresso Extraordinário dos sindicalistas foi convocado para fins de junho e os pontos mais problemáticos do projeto - tanto para a liderança da FORA, como a do Partido

²⁵⁹ *The Review of the River Plate*. 4.7.1919. Segundo Rock, os ingleses não tinham muito capital para oferecer em 1919, já que se encontravam em plena etapa de reconstrução pós-bélica.

²⁶⁰ Não foi possível saber a posição da FORAC sobre o Projeto, por estar a imprensa anarquista fechada desde maio desse ano. Uma parte dos políticos radicais tinha a intenção de participar dos protestos contra o projeto, ainda que, finalmente, não comparecesse.

Socialista- eram, sem dúvida, os artigos que restringiam a atividade sindical. Por exemplo, os artigos 84 e 85 proibiam o direito à agremiação, não só a empregados estatais como professores ou trabalhadores do petróleo, mas também aos ferroviários, portuários e de outras atividades consideradas essenciais. Se considerarmos que a FORA teve na FOM a sua união mais forte e combativa e que os socialistas tiveram uma certa influência em um setor importante dos ferroviários, não é difícil de imaginar a razão da grande resistência para com o Projeto e que ambos setores se uniram como poucas vezes tinha acontecido antes de 1930. Outro ponto de fricção foi a discriminação que o Projeto fez aos estrangeiros. Por exemplo, estes, para se associar às uniões, deveriam apresentar um Certificado de Boa Conduta, emitido pela Polícia.

Por outro lado, este Projeto denominado "Ley Mordaza", já tinha recebido a reprovação no seio da Comissão de Legislação da Câmara de Deputados, onde um despacho alternativo socialista foi apresentado, que defendia a legalidade e o reconhecimento das uniões.²⁶¹ No Congresso Extraordinário, foram debatidos ambos despachos mas, finalmente, decidiram rejeitar em bloco o despacho da maioria e não propor modificações ao mesmo, nem defender o despacho da minoria, de inspiração socialista. Não deixa de surpreender, que a maioria sindicalista do Congresso, não tentou defender a proposta da minoria ou apresentar uma alternativa laboral própria, desde que teria sido importante para ela, ancorar suas relações com os radicais e assegurar suas conquistas reais, sem dúvida, porém informais. Mais compreensível resulta que rejeitasse frontalmente o Projeto da Maioria, já que aquela iniciativa teve a aprovação plena da União Industrial Argentina, dos Círculos Católicos e de outras instituições da elite.

É significativa a discordância do Departamento Nacional do Trabalho em relação ao Projeto. Dentro da estratégia esboçada por José Elías Niklison, seria necessário promulgar uma legislação que conformasse os líderes sindicalistas para colocar num beco sem saída, não só os anarquistas, mas também os socialistas.²⁶²

O Congresso Operário -depois de debater a moção sindicalista- de rejeição total- e a socialista -que defendia o Projeto da minoria- alcançou um acordo final nos pontos seguintes: realizar uma manifestação pública no país inteiro contra a sanção do Projeto; convocar outro Congresso no caso de que essa legislação fosse sancionada com o propósito de chamar a greve geral e, por último, incluir nos reclamos a supressão das "Leis Baldão", a de Residência, de 1902, e de Defesa Social, de 1910.

A manifestação foi chamada para o dia 10 de agosto e consistiu em uma marcha de 6 colunas que, de pontos diferentes da cidade, convergiram para a praça San Martín. A convocação combinada de socialistas e sindicalistas fez com que participasse da manifestação uma multidão de quase 100.000 pessoas, quantidade só comparável à da marcha patriótica do 24 de maio.²⁶³ Nas 4 tribunas erguidas na praça falaram militantes sindicalistas, e autônomos, deputados socialistas e políticos internacionalistas do P.S.I. Entre os locutores anunciados, mas que não compareceram estavam os deputados radicais Tamborini e Oyhanarte. A lista dos

²⁶¹ M. Casaretto. *op. cit.* p. 193 a 197. Este despacho em minoria, fundado num Projeto de Juan B. Justo, de 1912, foi adaptado às novas circunstâncias pelo deputado Mario Bravo.

²⁶² *B.D.N.T. n.º 41*. Niklison fala de uma, *ação proflática da FORA sindicalista na organização operária; ação oposta, à incompetência dos ácratas ortodoxos*. O Relatório Niklison é de abril de 1919.

²⁶³ *La Organización Obrera* (sind.) do 16 de agosto de 1919, estimava em 93.000 o número de manifestantes e de 140.000, os de toda a Argentina. As estimações de *La Vanguardia*, são maiores ainda.

sindicatos que participaram da passeata era extensa e nos discursos foram atacados a "Ley Mordaza", a Liga Patriótica, a Associação Nacional do Trabalho, Mons. Miguel D'Andrea e o "generalíssimo" Carlés. Defendia-se o direito de todos os trabalhadores para o exercício da greve, do boicote e da liberdade de associação. Um protesto específico ia contra o artigo do Projeto que classificava trabalhadores, legalmente, em duas categorias: estrangeiros e argentinos, com direitos diferenciados.

Também se fizeram protestos em lugares que abarcavam uma grande parte do território argentino. Desse modo houve manifestações em Talleres, Santos Lugares, Temperley, Quilmes, San Fernando, La Plata, Rosario, Córdoba, Mar del Plata, Tandil, Concepción del Uruguay, Gualeguaychú, Zárate, Corrientes, Tres Arroyos, Balcarce, Chivilcoy e em muitos outros lugares, chegando a geografia do protesto até os confins do Vale de Lerma, em Catamarca, e da Quebrada de Humahuaca, em Jujuy.²⁶⁴

O Projeto, como tantos outros, terminou nas Câmaras, dois anos depois do seu anúncio e foi substituído, naquela ocasião, por outro, dessa vez de autoria do Executivo, que teve um destino semelhante. As únicas leis aprovadas durante a primeira presidência de Yrigoyen, foram a 10.505 de "Regulamentação do Trabalho Domiciliar" -um Projeto apresentado pelo senador socialista Do Valle Iberlucea e sancionado em 1918; a 11.170 do "Regime de Arrendamentos", de 1921 -até aquela data, a legislação agrária mais importante- e duas leis sobre aposentadoria, uma para os Ferroviários e a outra para os empregados de Companhias Particulares, ou seja a 10.650 e a 11.110, respectivamente.²⁶⁵ Algumas poucas leis mais foram sancionadas depois de 1922, mas tudo era muito pouca coisa comparado com o que a *Causa* parecia prometer em 1916 e, mais ainda, se considerarmos que a esfera de aplicação dessas leis, freqüentemente, estava limitada à Capital Federal e aos Territórios Nacionais.²⁶⁶

Com respeito ao Projeto de "Código de Trabalho", de 1921, de responsabilidade do Poder Executivo, ele foi anunciado em 6 de junho significativamente dias depois que os gerentes, por meio da Associação Nacional do Trabalho, puderam obrigar ao governo de Yrigoyen a abrir o porto ao trabalho não federado. Este Projeto teve capítulos específicos dedicados às mulheres e menores, ferroviários, marítimos e aos índios dos territórios nacionais. Para os marítimos foi garantido o seguro de desemprego e indenização em caso de naufrágio e para os nativos a isonomia com as outras categorias de trabalhadores. Com respeito às associações profissionais, em geral, determinava-se, *Que ninguém pudesse ser forçado a formar parte de uma associação profissional; Que os industriais não podiam opor-se a que seus trabalhadores ou empregados formassem parte de associações profissionais.*²⁶⁷

Na sua Mensagem ao Congresso, Hipólito Yrigoyen assegurou que o Código de Trabalho apresentado na ocasião, estava fundamentado nas disposições aprovadas nas

²⁶⁴ Ibidem. Os lugares citados pelo artigo chegam a mais de 40.

²⁶⁵ Ver. Ifiigo Carrera. *op. cit.* p. 246

²⁶⁶ Em tempos de Marcelo de Alvear, em 1924, uma Lei de Aposentadoria, produziu um conflito semelhante ao do Projeto de 1919, de tal modo que se converteu na greve mais importante no período do Presidente Alvear. O ponto questionado naquela lei era o fato de que seu custo, seria deduzido, exclusivamente, dos salários dos trabalhadores. Outros dos numerosos Projetos do primeiro período de Yrigoyen, a Lei 11.338 - que sancionava o dia de 8 horas- foi sancionado em 1929. No período presidencial de Alvear, 1922-1928, foram sancionadas, em 1926, a Lei 11.338, "Proibição do Trabalho Noturno" - em padarias e confeitarias- e, em 1925, a 11.278, "Sobre as Modalidades do Pagamento do Salário" - obrigação de pagar em moeda corrente nacional e, por conseguinte, a proibição da emissão de vales.

conferências de Washington (1919) e Gênova (1920), onde os representantes do Governo argentino teriam sustentado as doutrinas mais amplas com respeito a todas as questões trabalhistas, para levar a cabo, dentro do possível, a ação da lei e da paz. O Presidente também calculou que, no caso em que o Projeto fosse sancionado, que os obstáculos que perturbavam o processo produtivo do país, seriam eliminados.²⁶⁸

Com referência à participação argentina nos Congressos de Washington e Gênova, isto merece um comentário separado. No Congresso de Washington participaram o deputado radical Leónidas Anastasi, o empresário Hermenegildo Pini e os funcionários do Departamento do Trabalho, Alejandro J. Hayes e Alejandro Unsain. Em nome dos trabalhadores concorreu Américo Baliño, ferroviário de La Fraternidad. O relatório desta Conferência foi apresentado por Unsain, que, com fundamentos duvidosos, salientou que a legislação argentina era mais completa que a proposta pela Conferência. Ele tinha razão no que dizia respeito à legislação operária proposta em Washington que estava destinada, principalmente, à indústria, enquanto as atividades argentinas principais se localizavam no comércio e na agricultura. Por outro lado, Baliño tirou proveito do foro internacional para atacar a FORA sindicalista, inaugurando, desse modo, uma tradição que fez escola pela década do 20.²⁶⁹

No ano seguinte assistiram à Conferência de Gênova as seguintes pessoas: por parte do Governo, o Dr. Alfredo Colmo - sócio da Junta Central da Liga Patriótica- e novamente o Dr. A. Unsain; por parte dos empresários, ninguém menos que o secretário da Associação Nacional do Trabalho, o Dr. Atilio Dell'Oro Maini e como delegado do trabalho, Pedro Dicuatro da FOM. Relevante nesse encontro foi o debate sobre uma legislação marítima internacional. Naquela ocasião os representantes do governo e do empresariado argentino defenderam o internacionalismo com respeito ao recrutamento de mão de obra nas companhias de navegação, em face à fúria dos sindicalistas europeus e o do delegado Dicuatro. Além disto, o delegado da FOM aproveitou muito bem este foro para negar as versões do Secretário da Associação do Trabalho, afirmando que tudo aquilo que tinha sido conquistado na Argentina foi devido exclusivamente à luta dos marítimos argentinos contra dos empresários.²⁷⁰

O fato de que os delegados dos trabalhadores, empregadores e os representantes de governo fossem para congressos internacionais para participar do intento de uma legislação mundial que ordenasse os direitos dos trabalhadores, constituiu, sem dúvida, uma novidade no cenário das relações trabalhistas. Outra inovação que aparece nos Congressos operários de 1915 a 1923, se refere à organização da estrutura e práticas sindicais, mais especificamente, ao sindicalismo industrial, ao gremialismo por campo de atividades. No IX Congresso da FORA, levado a cabo em 1915, já apareceu o tópico e era para sancionar uma experiência que, de fato, a FOM já estava praticando há vários anos. Realmente, desde sua criação, em 1910 -e certamente inspirada nas práticas gremiais dos sindicatos marítimos estrangeiros- a FOM tinha juntado as seções de Marinheiros, Foguistas, Caldeireiros, Capitães e Oficiais, Práticos, Cozinheiros e Garçons, em uma organização poderosa que agia centralizadamente sob as ordens de que seu Secretário Geral, o qual, de 1910 às 1923, foi Francisco Javier García. Os numerosos e disciplinados afiliados tornaram possível sustentar alguns secretários rentados.

²⁶⁷ *BDNT* n° 48. Novembro de 1921: "Proyecto del Código del Trabajo del Poder Ejecutivo"

²⁶⁸ *Ibidem*.

²⁶⁹ *Idem* n° 45. Fevereiro de 1920. "Conferencia Internacional de Washington".

Quando García e outros fundaram a FOM, começaram a ser institucionalizadas várias práticas novas no sindicalismo argentino. Algumas destas práticas consistiram em dialogar com o Governo e o Departamento - diálogos que começaram antes de 1916, mas isso, com o governo radical, se tornou rotineiro: pôr em prática uma estratégia de organização sindical e de conquista gradual do controle sobre a admissão dos trabalhadores nas companhias e, finalmente, tentar organizar, também nas uniões fora dos portos, a atividade operária na base do sindicalismo industrial.

O X Congresso dos sindicalistas, realizado no final de 1918, reforçou mais ainda a opção pelo sindicalismo industrial. No artigo 11 da sua nova Carta Orgânica determinou que a FORA propiciaria a criação de Federações de Indústria entre todas as organizações de ofícios semelhantes no país. A finalidade principal disso consistia em *desenvolver as aptidões necessárias para reorganizar a produção, no futuro, sobre os princípios de solidariedade e liberdade.*²⁷¹

Não há dúvida de que na Argentina, com o setor externo da economia amplamente desenvolvido, as atividades primárias e terciárias prevalecessem sobre a produção industrial e, por isso, as uniões mais importantes pertencessem aos transportes, ferroviários e marítimos. No caso regional, o tipo de organização por indústria era mais apropriada às atividades grandes da agroexportação que a organização por ofícios, já que possibilitava o planejamento de uma estratégia larga para alcançar os objetivos por meio de uma pressão sobre o Estado e a classe proprietária. Em um espaço operário, como o porto de Buenos Aires por exemplo, o segundo em importância de América e o oitavo no mundo e com uns 20.000 trabalhadores- a prática do sindicalismo industrial forneceu uma arma poderosa e essa experiência se estendeu a outros portos como Rosario, Ingeniero White, Quequén, Mar del Plata e outros. Essa prática também poderia-se estender dos marítimos aos estivadores, condutores de carros assim como aos jornaleiros do campo ou aos trabalhadores dos frigoríficos, escassamente sindicalizados. De fato, a FOM estendeu seus tentáculos, não só para os outros portos argentinos, mas também para Montevideu e Assunção para os trabalhadores das tanineiras e ervatais do Norte do país.²⁷²

Outro grande contingente de portuários era aquele que trabalhava nos cais e depósitos e ele esta subdividido em numerosas categorias tais como estivadores, operadores de guindastes e condutores de carros; por sua vez "Construções Navais", compreendia pintores, raspadores e calafeteiros, além de funcionários e supervisores.

Se em 1915 a FORA defendia as federações por indústria por aumentar os horizontes da luta e eliminar o espírito corporativista e localista entre os trabalhadores, três anos depois foi abolido o Pacto Federal de 1904, possibilitando uma maior liberdade para a modernização das uniões. Desse modo, foi legalizada a nova organização da FOM, uma combinação prática de federalismo e centralismo.²⁷³

²⁷⁰ *Ibidem*

²⁷¹ *Idem* n° 41, Abril de 1919: "Las Organizaciones Obreras de Buenos Aires".

²⁷² Para o tamanho do porto, ver J. Adelman. "State and labour in Argentina: the portworkers of Buenos Aires, 1910-1921". Em. *Journal of Latin American Studies*, n° 25, 1993, p. 78

²⁷³ O Pacto Federal, além de impor a organização por ofícios, obrigava aos sindicatos a aderir a federações locais, comarcais e provinciais. É de destacar que os sindicalistas, mesmo que promocionassem o sindicalismo industrial,

Também em 1918, os sindicalistas resolveram que o secretário geral e os delegados para os Congressos não poderiam ocupar cargos políticos. Isto levou a protestos infinitos por parte dos socialistas e comunistas e, em cada Congresso, os primeiros dias eram dedicados a discutir as credenciais sindicais dos delegados políticos. Mas se este ponto era uma questão de litígio com os socialistas e comunistas, constituía um fator de união entre os sindicalistas, anarquistas e autônomos e um elemento que terminou levando os anarco-bolcheviques argentinos para o seio da USA.

A nova modalidade de organização sindical também seduziu alguns sindicatos do porto e podemos ver que, ao término de 1919, emergiu um sindicato industrial, denominado Federação Operária Regional Portuária -FORP ou, simplesmente, "a Portuária". A iniciativa desta união partiu dos sindicatos de ofício dos estivadores, condutores de carros e descarregadores de carvão do porto de Buenos Aires e o mais peculiar nesta Federação foi o fato de que também sindicalizou os estivadores e condutores de carros das estações ferroviárias do pampa agrícola.²⁷⁴ Assim como a UTA, os organizadores da FORP receberam o apoio da militância anarquista de tendências e lugares diferentes; em muitos casos os organizadores e propagandistas da FORP são os mesmos que fundaram a UTA.²⁷⁵

As primeiras notícias sobre a constituição da FORP aparecem em novembro de 1919 quando é publicado seu programa. O primeiro ponto deste Projeto de Bases, Princípios e Propósitos consistiu em reunir todas as seções ou sociedades do porto e de estivadores das estações ferroviárias. Outros pontos programáticos eram: lutar pela diminuição das horas de trabalho; o peso uniforme dos sacos e cargas; o salário mínimo; a compensação no caso de acidentes -mas sem ingerência estatal; a solidariedade operária e, finalmente, a eliminação dos trabalhos perigosos para a saúde e a vida dos trabalhadores.²⁷⁶

Já em dezembro, os trabalhadores do cais e das estações ferroviárias se encontraram em um Congresso. No dia 6, o Congresso paralisava as atividades do Porto para votar a unificação das numerosas seções e a lista de delegados que convergiram ao mesmo. São mencionados delegados de Ingeniero White, Puerto Galván, Campana, La Salada, Coronel Bogado, Rosario, San Pedro, Santos Lugares, Zárate, La Plata, Ensenada, Bahía Blanca, Tres Arroyos, Hughes, Necochea, Bajada Grande, Arroyo Dulce, Chacabuco, Isla Verde, Constitución, San Martín, Firmat e San Fernando. Do porto de Buenos Aires e conurbanos, convergiram as seções de Dock Sud, Guindasteiros, a Federação de Trabalhadores do Carvão (estivadores), Serrarias e Anexos de Boca e Barracas, Carpinteiros, os "Marine Transport Workers" (sic; pertencia a

não eliminavam os sindicatos por ofício. A própria FOM tinha mantida algumas características federais; permitia, por exemplo, que Garçons e Cozinheiros cotizassem diretamente à sua seção e não à Federação.

²⁷⁴ Ver, *Bandera Roja*. 3.4.1919: "Los Gremios del Puerto se Unificarán". Aqui se menciona um Conselho de Relações, integrado por Diques e Docas, Dock Sud e Carvoeiros. Ver também *El Comunista*. 27.11.1920: "Proyéctase la Unificación de los Portuarios Bonaerenses". Aqui se refere a Diques e Dársenas (sindicalista), Dock Sud (autônomo) e Boca e Barracas (anarquista).

²⁷⁵ As duas organizações são contemporâneas. Por causa das perseguições, utilizavam-se de codinomes. Daí a dificuldade em identificar os homens que se utilizam dos mesmos. Porém, o caso de Juan del Campo, um dos 3 secretários da UTA e delegado da FORP nos Congressos, não devia ser um caso único. Outro delegado da FORP, era Mario Anderson Pacheco, anarquista de longa militância entre os trabalhadores rurais e urbanos.

²⁷⁶ *La Protesta*. 28.11.1919: "Por la Federación Obrera Regional Portuaria".

I.W.W.), Trabalhadores em Bolsas, Federação Operária de Construções, Açougueiros (dos frigoríficos) e Construções Navais.²⁷⁷

Se detivermo-nos só no porto de Buenos Aires veremos que sua organização operária foi extremamente complicada e suas ocupações multiplicavam-se em função de especializações, mas também com o intuito de controlar mais facilmente o processo laboral. Em primeiro lugar, estavam as duas grandes categorias: marítimos e portuários. Quanto à primeira, organizava na FOM os trabalhadores das companhias transatlânticas, do tráfico litoral e os rebocadores. No cais, a categoria mais numerosa era a dos estivadores -aproximadamente, uns entre 7000 e 10000 trabalhadores por aquele tempo. Estes, por sua vez, estavam divididos em três federações -divisão que era ao mesmo tempo geográfica e ideológica: a de Diques e Dársenas, (sindicalista), a de Dock Sud (autônomo) e a de Boca e Barracas (anarco-comunista). Também havia dois tipos de estivadores, os do cais e os que trabalhavam nos porões dos navios e que deviam dispor de modo equilibrado e seguro a carga, de forma que não pusesse em perigo a navegabilidade do navio.

Um setor célebre no porto, que, até 1915, constituiu o nervo da FORA anarquista: era dos condutores de carros. Eles eram os trabalhadores que levavam o cereal, os quartos de rês e outras mercadorias, desde os finais das ferrovias ou dos frigoríficos e depósitos próximos até o cais, onde a carga era passada aos estivadores. Seu número era de aproximadamente 1.500 pessoas e, embora os assalariados prevalecessem entre eles, havia também, donos de um ou vários carros.²⁷⁸ Entre os que se ocupavam da carga dos navios estavam os operadores de guindastes, uma categoria extremamente qualificada e importante daquela época. Outras categorias relevantes que desenvolviam suas atividades na zona do porto eram as dos Raspadores, Pintores, Carpinteiros Navais e Calafateiros, por sua vez, reunidas em Construções Navais.

Adelman, em uma intenção louvável de descrever as características geográficas e sociais do Porto de Buenos Aires, enumera três elementos peculiares do mesmo. O primeiro consistiu na relação estreita entre o Porto, a área dos mercados e os bairros onde moravam os portuários. Essa relação reforçava os laços de solidariedade entre os trabalhadores do cais e os residentes dos bairros populares. Isto era muito importante no caso das greves, pois os grevistas se apoiavam, em grande medida, na infra-estrutura e nos elos de solidariedade dos bairros. Em segundo lugar, estava a vizinhança do Porto para a Casa Rosada e os Ministérios, o que facilitou a comunicação entre os portuários, marítimos e as instâncias oficiais. Metaforicamente, Diques e Dársenas estavam por detrás da Casa Rosada, enquanto a Boca do Riachuelo, anarquista, estava bem mais longe das esferas políticas. Por último, o historiador canadense menciona que o porto da capital, concentrava as exportações argentinas o que concedia a esse pequeno espaço dos cais, uma virtualidade extraordinária para a organização de ações coletivas.²⁷⁹

²⁷⁷ Abad de Santillán. *op. cit.* p. 246.

²⁷⁸ Para o número de estivadores e condutores, ver *The Review of the River Plate*, 20.5.1921 que menciona o número de 6500 estivadores e 1500 condutores de carros, e J. Adelman, *op. cit.* p. 97, que estima em 10000, os trabalhadores federados do cais. A FORA, tinha um sindicato denominado: Proprietários de Um ou Dois Carros.

²⁷⁹ Adelman. *art. cit.*, p. 78 e 79., quanto ao terceiro fator mencionado, exagera um pouco a nota; pois Buenos Aires, embora tivesse o mesmo movimento que todos os outros portos argentinos agrupados, não monopolizava a atividade de exportação. Também eram importantes os portos de Ensenada (La Plata), Ingeniero White (Bahía Blanca), Quicquén, Mar del Plata, Rio Gallegos, Carmen de Patagones, e os portos fluviais do Paraná (Rosario) e o

O Congresso fundador da FORP foi levado a cabo em dezembro de 1919 e não pôde unir todo o porto, dadas as divisões existentes. Podemos assinalar que as divergências ideológicas, muitas vezes, representavam a fachada de disputas corporativistas pelo espaço laboral. Essa disputa era especialmente árdua entre os estivadores e condutores de carros de Diques e Dársenas por um lado, e os de Boca e Barracas pelo outro. Porém o congresso obteve um resultado inédito nos anais do anarco-sindicalismo argentino: a união já mencionada entre uma parte dos trabalhadores do cais com os estivadores e condutores de carros das estações ferroviárias. Este tipo de coalizão poderia pressagiar outras concentrações futuras e, possivelmente, transformar a história sindical do país.

No congresso dos portuários, foram tratados alguns assuntos práticos e outros de natureza mais ideológica. A regulamentação do peso dos sacos estava entre os primeiros (de 80 a 120 quilos), das cestas de carvão (de 105 era necessário baixá-las para 70 ou 80 quilos) e dos fardos de lã (que havia que padronizar em 800 a 900 quilos). Outras resoluções referiram-se à demanda de um salário mínimo e aos boicotes a Piccardo, a Companhia Argentina de Tabaco e ao jornal *La Vanguardia*.²⁸⁰ Como em tantas outras oportunidades, discutia-se também a questão da unificação sindical, porém, naquele momento, os esforços se concentraram mais em atrair os autônomos do porto e do campo do que realizar uma coalizão com os sindicalistas. Outro ponto de debate foi a conveniência, ou não, da ditadura do proletariado, foi lida então uma carta do Comitê de Prisioneiros de *Bandera Roja*. Finalmente, entre as saudações que o Congresso emitiu, há uma, proposta pelo delegado uruguaio, dedicado aos trabalhadores do I.W.W., o que constituiu um indicador a mais de que o anarco-comunismo estava disposto a adotar o unionismo industrial e, talvez, não priorizar demasiado os aspectos ideológicos da organização.²⁸¹

A iniciativa dos portuários, na adoção do gremialismo por ramo de atividades foi debatida detalhadamente no Congresso Extraordinário da FORA, em fins de setembro de 1920. O delegado de Rosario tinha proposto uma moção para que o Congresso admitisse o unionismo industrial, fundamentado nas razões da unidade operária, a luta de classes (sic) e a imposição natural do próprio processo industrial. Na votação, a moção perdeu por ampla maioria e Juan del Campo, delegado da FORP, abandonou indignado a Assembléia, alegando que tinha sido eliminado moralmente todo o esforço feito para criar a FORP. De qualquer modo, o Congresso

Uruguai. De qualquer forma, Adelman tem razão quando enfatiza a importância operária e social da grande concentração de atividades em um espaço reduzido onde encontravam trabalho mais de 20.000 trabalhadores.

²⁸⁰ Como expusemos, os sindicalistas tinham se associado aos socialistas para rejeitar a Lei de Regulamentação das Associações Profissionais, em junho daquele ano; mas com os anarquistas e anarco-bolcheviques os socialistas estavam em péssimas relações, como foi demonstrado naquele mesmo dezembro quando os socialistas denunciaram os ativistas rurais libertários como "terroristas" e se queixavam da falta de controle policial.

²⁸¹ Ver, *La Protesta* do 1 ao 6 de dezembro de 1919. Os editores dos jornais *La Protesta* e *Tribuna Proletaria*, assistiram ao Congresso. A resolução do Congresso de tomar medidas enérgicas remete aos planos do Verão Vermelho e a Greve das Bombas. Resulta necessário clarificar que a documentação sobre a história do porto, e muito ainda sobre os trabalhadores rurais reunidos na UTA e na FORP, além de escassa e fragmentária, apresenta lacunas difíceis de preencher. Isto devido tanto à perda da documentação, como a perseguição às publicações libertárias durante aquele triênio. Por exemplo, não é nada fácil chegar a uma visão global sobre todas as seções de trabalhadores existentes no porto de Buenos Aires e sobre as variáveis relações que mantinham entre si. Neste sentido, todos os autores que trataram o tema apresentam informações superficiais e incompletas.

admitiu mais tarde que a FORP podia continuar trabalhando como até aquele momento, em caráter de excepcionalidade.²⁸²

Embora o grupo investigado tivesse uma grande presença no Congresso, não conseguiu que esse aprovasse o unionismo industrial, nem que eliminasse o Pacto Federal de 1904. Os assuntos em que alcançaram sucessos moderados foram a aprovação de uma Entente Sindical, a qual estava dirigida mais à solidariedade nos casos de greves e para com os prisioneiros sociais, que para uma coalizão das forças sindicais.

Nos meses de setembro e outubro de 1920, a FORAC estava auge e no Congresso reinava um grande entusiasmo, pois ainda não havia sido extinta a esperança de uma mudança revolucionária. Uma peculiaridade do mesmo foi a numerosa assistência de jornalistas da imprensa operária e burguesa, de delegados de uniões autônomas e de representantes de várias organizações estudantis de Rosario, Santa Fé e La Plata -porém não de Buenos Aires- vindos do ramo anarquista da Reforma Universitária de 1918. Também estavam presentes pessoas unidas à Liga de Educação Racionalista.²⁸³

Quanto às relações sindicais internacionais -além da condenação previsível da Internacional de Amsterdã- os delegados decidiram aceitar um convite da Internacional Política de Moscou, para formar uma Internacional Econômica Vermelha, nas bases do comunismo, do anti-estatismo e do anti-politicismo; por um lado, foi declarado expressamente que a FORAC não aderiria à III Internacional de Zinoviev. Os líderes anarco-bolcheviques da FORAC delegaram Tom Barker, um norte-americano, para o Congresso fundacional da Internacional Sindical Vermelha -também chamada Profintern- em qualidade de representante da FORAC. Com isso, eles atuaram de acordo com o aprovado neste Congresso e não -como López Arango e Santillán sustentaram depois- por própria iniciativa em uma atitude de conspiradores anti-anarquistas.

Houve, antes de 1922, uma tendência para a unidade entre as seções sindicalizadas nas diferentes centrais. Em maio de 1921 existiu uma Comissão de Relações que reuniu praticamente todas as seções ou federações de estivadores e condutores de carros no porto. Aliás, havia a possibilidade, por parte do governo, de *oficializar* todos os portuários, nas pegadas da FOM. Porém, como veremos mais tarde, o resultado dos eventos de final de maio e princípios de junho quase não poderiam ter sido piores: além da não oficialização dos portuários, com a aprovação relutante do Governo, o porto e os barcos foram invadidos pelo *trabalho livre*. Naquele triângulo de forças, no qual operavam os empresários, os trabalhadores e o Estado, este último constituiu o fiel da balança, que em a meados de 1921, passou do

²⁸² Ver, *El Comunista*. 25.9.1920: "La Federación por Industria". Este jornal rosarino anarco-bolchevique dirigido por Jesús M. Suárez, está totalmente a favor da UTA, FORP e do unionismo industrial em geral. Menciona os que haviam feito a defesa da união industrial e da FORP, ou seja, José Vidal Mata (da UTA) e Alejo Pica, além de mencionar uma seção misteriosa do I.W.W. do porto de Buenos Aires e, possivelmente, de Rosario. A votação lançou 13 votos a favor da união industrial e, nada menos que 123 votos contra, com 42 abstenções e 12 delegados ausentes. É necessário lembrar que a exceção admitida para a FORP, foi eliminada no Congresso da FORA de 1923, quando a FORP já era pouco mais que um esqueleto semimóvel.

²⁸³ Entre a imprensa operária menciona-se a *La Protesta*, *Tribuna Obrera*, *La Voz del Explotado*, *Ideas* (La Plata), *El Libertario*, *Frente Proletário* e *El Comunista* (Rosario). Entre os jornais burgueses são citados *La Vanguardia*, *Crítica*, *La Montaña*, *Libre Palabra*, *El Diario*, *La Prensa* e *La Nación*. Os estudantes universitários de Córdoba e Tucumán enviaram suas saudações a este Congresso que era bastante Extraordinário, julgado pela quantidade de delegados presentes e os tópicos tratados.

campo operário ao dos empregadores, quando ponderou que os custos políticos ao apoiar o poder operário, seriam muito altos para uma estrutura política com fundamentos múltiplos.²⁸⁴

A Federação Portuária teve uma existência mais prolongada que a UTA -em parte, acreditamos, por suas características mais estáveis quanto a seu processo e temporadas de trabalho- mas, de qualquer maneira, sua influência real em escala ampliada não ultrapassou os três anos e seu começo do fim poderia ser localizado nos eventos que envolveram o porto em maio e junho de 1921. Quando, a partir de meados deste último ano, os anarco-bolcheviques intensificaram sua tendência para migrar a posições anarco-sindicalistas e sindicalistas-revolucionárias, perderam uma parte de sua base de apoio que voltou para o anarco-comunismo. Depois do debate de 1921 e da divisão de águas que significou a criação da USA, no começo do ano seguinte, instalou-se, em forma permanente, uma profunda divisão entre as seções de Diques e Dársenas, pertencentes a USA e a de Boca e Barracas, da FORA anarquista. Houve numerosas confrontações armadas e essa situação durou até o Golpe Militar de Uriburu em 1930. Um protagonista principal da época o expressava do modo seguinte:

*O porto do Capital é teatro cotidiano de incidentes violentos entre trabalhadores, afiliados uns, à união de Boca e Barracas (FORA) e outros, a Diques e Dársenas (USA). A razão da imposição forista é o monopólio do trabalho para os companheiros da FORA que trabalham no transbordo e no transporte.*²⁸⁵

Alguns testemunhos insistiram muito no tema de que a organização dos trabalhadores rurais da FORP e da UTA colaborou, em grande medida, no processo de humanização do trabalho do campo. Por um lado, foi organizada uma frente de resistência contra os abusos dos proprietários e, pelo outro, foram institucionalizadas práticas sociais de ajuda mútua. Uma destas práticas era a assim chamada *changa solidária*, consistente no hábito de dar a todo andarilho necessitado um ou vários dias de trabalho, principalmente na estiva nas estações ferroviárias. Já mencionamos a demanda na diminuição do peso das bolsas, cestas e fardos e aquela estandarização em pesos menores parece ter sido uma conquista permanente. Outras razões de luta eram: a altura da estiva -que costumava chegar aos nove metros- a imposição de *descansos* na estrutura da estiva; a eliminação do *pase y largue* -uma modalidade no processo de trabalho que consistia em lançar a bolsa de mais de 70 quilos do alto da pilha, para ser freado pelo jornaleiro entre seu ombro e a estiva- e a supressão de outros *jogos industriais* que puseram em perigo a integridade física do trabalhador. Também havia casos em que alguns *linyeras* pouco escrupulosos levavam vantagem da solidariedade praticada, e passavam as notícias sobre as cidades onde trabalhavam os da Portuária. Deste modo, na década dos 20 no

²⁸⁴ A documentação sobre o desempenho da FORP em maio e junho de 1921 é extremamente escassa. Nos eventos portuários e marítimos, os sindicalistas, anarco-comunistas e autônomos foram representados pela Comissão de Relações. Porém, a não aceitação, por parte dos estivadores de Diques e Dársenas, dos condutores de carros autônomos naquela seção do porto foi o que desencadeou o ataque da Associação do Trabalho ao gremialismo portuário, em maio de 1921.

²⁸⁵ José María Álvarez em, *La Pampa Libre*. 20. 4. 1930. Álvarez, era considerado o melhor discípulo de García Thomas, e atuava na USA. Por sua vez, Laureano Riera, escrevia: *Realmente, os mil portuários da FORA que dominavam a área da Bacia do Sul, disputavam a tiros, em encontros quase diários, a hegemonia do porto com os da união de Diques e Dársenas, afiliados à USA e apoiados, fortemente, na FOM. Aquela luta fratricida teve como bandeira as fontes de trabalho.* L. Riera. *op. cit.* p. 12

território de La Pampa, diziam: *vamos para Trenel que lá estão os bobos dos anarquistas, distribuindo changas.*²⁸⁶

Deixando de lado os aspectos parciais deste processo, podemos ver que durante os anos imediatamente posteriores à Guerra, foram operadas grandes mudanças nas organizações operárias. Originou-se um movimento importante de unificação operária e de concentração de efetivos para opor ao empregador uma frente trabalhista com capacidades melhores para negociar a recuperação das perdas salariais e exigir direitos novos. Por esses anos pode-se apreciar também uma tendência forte para a união nos níveis das centrais sindicais, passando por cima das tendências ideológicas que dividiram o proletariado no passado. De 1919 a 1921, sob os auspícios da luta pela recuperação dos salários e da influência da Revolução Russa, os trabalhadores procuraram unir-se sob as bandeiras do trabalho. Nisso haviam sido pioneiros os líderes sindicalistas, porém, a partir de meados de 1920, os anarco-bolcheviques foram os principais protagonistas da unidade operária. Tudo isso durou até meados de 1921, quando a mudança de atitude no governo radical e o desmobilização operária, junto com as notícias que chegaram da Rússia, dividiram e ideologizaram novamente o proletariado regional organizado. Por último, podemos verificar grandes avanços na luta pelo domínio do espaço, do processo trabalhista e, novamente, os marítimos e portuários constituindo a avançada desta luta.

4.2 A LUTA PELO ESPAÇO OPERÁRIO E SUA DIMENSÃO UTÓPICA

*A organização sindical operária, quando começou o ano 1918, tinha adquirido, em virtude dos grandes eventos produzidos, uma coesão tão sólida e uma força de autoridade e elementos tão notáveis que lhe impuseram, poderia ser dito, violentamente, a atenção do país inteiro no qual começava a se manifestar como um novo e incontestável poder.*²⁸⁷

De 1919 a 1921, o curso da história social do Rio de la Plata entrou em uma aceleração notável. Não só surgiram elementos novos mas, também, foram potencializados alguns fenômenos preexistentes. Um desses aspectos foi a luta pelo domínio -total ou parcial- do lugar de trabalho e pelo controle do processo de produção. Esta luta iniciara-se já em 1901, quando havia sido criada a primeira organização operária estável, e dependia, em grande medida, de um conjunto de variáveis como a articulação econômica, a escassez da força de trabalho e, não em último lugar, do espírito de luta dos trabalhadores, imigrantes e nativos, tanto na cidade como no campo.

²⁸⁶ Testemunho de José María Lunazzi ao autor. Lunazzi foi mestre de chacara e linyera em La Pampa, na década do 20. Ver também a L. Riera. *op. cit.*

²⁸⁷ José Elías Niklison. *BDNT*, n° 41, Abril de 1919

Em termos muito gerais, essa luta consistia no aumento do poder dos trabalhadores frente a seus empregadores e na valorização de sua capacidade de domínio sobre o processo produtivo de um modo tal que, embora o produto final do trabalho lhes era alienado, não o era a atividade mesma na qual se produziam as riquezas sociais. Porém, haviam outros elementos que formavam parte desta questão: aquela luta deu grande peso às condições nas quais era realizado o processo produtivo às relações sociais entre os trabalhadores, supervisores e gerentes. Por exemplo, tanto nas pautas dos jornaleiros rurais, como nas das fábricas tanineiras do Nordeste Fluvial, dava-se muita importância à qualidade e abundância da comida e da bebida e às condições de alojamento e saúde; os marítimos da FOM lutavam contra a diminuição das tripulações os jornaleiros rurais da Patagônia insistiam na relação apropriada entre o número de tosquiadores, por uma parte, e de apanhadores, preneiros etc., por outra. Já vimos que na pauta da UTA do verão de 1919/20, foram exigidos água fresca e abundante e barracas para resguardo do sol e da chuva. Também os trabalhadores de La Forestal pediam, *um doutor mais para Villa Guillermina* e os trabalhadores da tanineira e engenho de Las Palmas, Chaco, exigiam um maior respeito no tratamento, por parte dos gerentes e capatazes, e a mesma coisa reivindicavam as operárias da fábrica de fósforo de Avellaneda. Todos estes tópicos -e só mostramos a ponta do iceberg- entram na categoria de humanização das condições em que o trabalho era executado, luta contra a alienação do processo de produção e, inclusive, melhoria da qualidade da vida do trabalhador.

Os empresários perceberam bem o caráter corrosivo dessas demandas e consideraram, aliás, que atentavam contra seu monopólio de poder sobre o processo laboral. Como veremos mais tarde, os armadores e companhias de navegação temiam mais a oficialização decretada por Yrigoyen -e administrada, na prática, pelos líderes da FOM- que as demandas de recuperações salariais. Sabiam muito bem que estavam na frente de uma questão de poder. Em geral, admitiram como natural que os trabalhadores exigissem mais salário -e que eles se resistissem a outorgá-lo- mas o que constituiu um escândalo contínuo foi o avanço do poder operário em áreas que consideravam exclusivas da classe proprietária. Um instrumento de luta da imprensa grande ao serviço do capital era, sem dúvida, os comentários irônicos sobre a chamada tirania operária que exigia, por exemplo, meio litro de vinho nas comidas ou botas de borracha para correntinos que, normalmente, caminhariam descalços.

Para analisar este avanço operário -e a questão do *closed shop* é só uma de suas manifestações- é necessário não perder de vista uma série vasta de elementos tais como a natureza do trabalho e as condições de inserção dos trabalhadores no seu processo; a relação entre o lugar do trabalho e o bairro em que moram os trabalhadores -por exemplo, a importância que teve para o porto de Buenos Aires, os bairros de La Boca, Barracas e Nueva Pompeya; o tipo de relações entre as organizações sindicais, de empresariais e estatais; os mecanismos e práticas de relação entre os sindicalistas e suas bases e as diferenças étnicas, raciais e regionais dos trabalhadores; a relação entre as categorias operárias com a classe trabalhadora da região e desta com a sociedade global e, por último, a situação econômica e o clima social em nível regional, nacional e internacional.²⁸⁸

²⁸⁸ Alguns destes elementos mencionados, os extraímos de Calvin Winslow, "On the Waterfront: Black, Italian and Irish Longshoremen in the New York Harbour Strike of 1919" Em: John Rule e Robert Malcolson (eds)

O governo radical -a partir de 1916 e até meados de 1921- emprestou um certo apoio àquele avanço e, por outro lado, a Argentina não era o único país do mundo onde os trabalhadores levavam a cabo esse tipo de combates. Aqui também é necessário mencionar que em muitos países, os governos -fossem social-democracias ou não- fizeram concessões variadas à classe trabalhadora, geralmente com o intuito de parar aquele avanço autônomo sobre os espaços capitalistas e para diminuir o impacto da Revolução Russa sobre a classe trabalhadora.²⁸⁹

Quanto à natureza do trabalho de cada atividade em particular tanto na Argentina quanto no Uruguai não é muito conhecida, pois a história social -e, especialmente, a história social do trabalho- sofre neste e em outros aspectos uma atrofia e atraso, mais notável ainda se comparados com o desenvolvimento da historiografia política e econômica. Por exemplo, como foi o sistema de recrutamento da força de trabalho entre os portuários e os trabalhadores dos frigoríficos? Qual foi a proporção de trabalhadores que constituía a força de trabalho ocasional e como operou nesses ambientes o chamado exército industrial de reserva? Quem eram esses trabalhadores ocasionais da colheita, das quadrilhas dos diques ferroviários, dos transportes ou da indústria da carne? Sem dúvida contingentes grandes daquela força de trabalho eram ocasionais -embora nós não tenhamos dados empíricos. Por exemplo, no porto ignoramos se seu recrutamento se fazia pelo sistema *free call, shape up, parede*, como em Londres, Nova York ou Santos, respectivamente; quer dizer, por chamadas diárias pelos capatazes das quadrilhas. No caso em que se utilizasse um sistema semelhante, com que critérios era feita a seleção? Havia discriminação ou preferências étnicas ou alocação em tarefas por nacionalidades?²⁹⁰

Visto de outro ângulo, a ocupação parcial dos espaços operários redundou não só em uma melhoria imediata das condições materiais de trabalho e do nível de vida, mas para os sindicalistas e anarquistas -embora de um modo diferente- significou um avanço para uma sociedade mais equitativa, uma preparação para o futuro e, para os líderes sindicalistas, sua realização gradual.

Em primeiro lugar, estavam os sindicalistas. Aquela ocupação gradual do espaço laboral e aquele ingerência operária em assuntos tais como a seleção da força de trabalho e a determinação das condições nas quais as tarefas deveriam ser levadas a cabo, estavam inscritas na própria teoria do sindicalismo-revolucionário. Enrique Nido, em 1921, escreveu que o

Protest and Survival. The Historical Experience. New York. The New York Press, 1993. Com respeito a não perder a visão do contexto internacional, Horowitz menciona que, o momento de esplendor sindical, operado depois da Primeira Guerra Mundial e até 1921, era, de fato, um fenômeno quase mundial.

²⁸⁹ José Elias Niklison, no seu Relatório mencionado, considerou que o trabalho dos sindicalistas argentinos, apoiado pelo governo radical, constituiu uma verdadeira *profilaxis social*, contra o avanço de outras correntes -a anarquista e a socialista- consideradas como uma ameaça ao sistema e ao governo.

²⁹⁰ O já mencionado artigo de Winslow sobre a greve no porto de Nova Iorque entra de cheio na questão étnica dos trabalhadores e da importância a seus bairros de residência. Também considera a relação dos italianos, negros e irlandeses com suas comunidades respectivas e com as centrais sindicais. Outro trabalho que vai melhorando todas as décadas é o de María Lúcia Caira Gitahy. *Ventos do Mar. Trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914*. Sentimos muito que a história de Santos finaliza em 1914 mas, de qualquer forma, Gitahy, descreve o processo de trabalho nos Diques, Docas e Depósitos e a relação entre os portuários e a classe operária e a sociedade global da cidade de Santos. Os dois trabalhos mencionados, como também os de um caráter mais político como os de Adelman e Horowitz, têm em comum que eles consideram o processo histórico nas suas próprias condições, com resultados pouco previsíveis e, precisamente por isso, mais fascinantes para o historiador.

sindicalismo teve seu fundamento histórico nos grupos operários procedentes do socialismo, do anarquismo ou de outras correntes que procuravam um território obreirista em comum, para escapar às disputas ideológicas infinitas das organizações de trabalhadores da Primeira Internacional.²⁹¹ Ao menosprezar o nível da ação política dos socialistas e também a ação direta -enquanto as suas expressões violentas- os sindicalistas tinham como armas contra o capital, a greve parcial, a greve geral e o boicote. Ora, esses meios eram empregados não só para obter melhorias econômicas mas também para avançar na conquista do que poderia se chamar o poder operário em um ambiente privilegiado: o espaço operário, o domínio do processo do trabalho e a defesa do saber operário.

Se para o anarquismo em geral, o reconhecimento da união e a imposição de condições sobre o processo de trabalho constituíam objetivos para lutar por um mundo melhor, para os sindicalistas esses dois aspectos que mencionamos eram partes e estavam no centro da revolução proletária. O embrião da sociedade futura, e a extensão do poder operário a todos os poros da mesma, estava dentro do processo do trabalho e a emancipação da classe operária era representada como um *continuum* que partia da sociedade capitalista para terminar, gradualmente, na socialista. Porém, havia mais. Um aspecto desse problema, ao qual os sindicalistas deram muita importância, foi o domínio tecnológico do processo de produção e distribuição dos bens, domínio que facilitaria, num futuro, a instalação de uma sociedade equitativa, desde que os técnicos e gerentes burgueses da organização econômica fossem suplantados pelos especialistas proletários. Indubitavelmente, na prática, nem sempre os secretários rentados da FORA sindicalista como Sebastián Marotta e Pedro Vengut que haviam afiliado, em 1919, a central sindical à Internacional de Amsterdã, atuaram com coerência a essa teoria revolucionária; porém, a batalha que durante cinco anos a FOM levou contra os armadores e companhias de navegação, dificilmente poderia ser considerada como o trabalho de reformistas ou burocratas.

No Congresso de 1918 aparecem, claramente, os pontos programáticos característicos do sindicalismo que refletem a idéia da atividade no presente como parte da construção da sociedade futura. A nova Carta Orgânica estabelecia em seu artigo 11 -o mesmo que propiciou a criação de federações industriais - as seguintes pautas de ação:

-Ampliar os horizontes da luta operária, demonstrando que esta não se reduz a uma simples ação local ou corporativa;
-Acréscitar a efetividade das ações imediatas de reivindicação e desenvolver as aptidões necessárias para reorganizar a produção no futuro sobre os princípios da solidariedade e liberdade.²⁹²

Em teoria, ao menos para os sindicalistas, o trabalho não era *veneno e cruz* que fosse necessário combater em todos seus aspectos, mas representava o espaço onde eram desenvolvidas a capacitação e a criatividade dos trabalhadores.²⁹³

²⁹¹ Enrique Nido. *El Pensamiento Filosófico y el Anarquismo*. Rosario, s. ed., 1921. Ver o capítulo "Sindicalismo", páginas 111 a 124.

²⁹² *BDNT*, nº 41. Abril de 1919: "Nueva Carta Orgánica de la FORA". Esta Carta brilha por sua ausência no livro de Hugo del Campo. *El Sindicalismo Revolucionario*. Bs. As., Ceal, 1986

²⁹³ Este aspecto da teoria sindicalista não foi muito pesquisado na historiografia do movimento operário. Possivelmente essa ética do trabalho, com seu papel regenerador da sociedade, era difícil de sustentar nos países industrializados. Talvez por isso na América Latina, com o desenvolvimento da taylorização e a fordização, o

Mais que os socialistas que praticaram uma teoria da mudança cimentada nas conquistas graduais por meio da ação parlamentar ou que os anarquistas para os quais a transformação aconteceria por ações voluntaristas de toda natureza mas emolduradas em uma mudança geral das mentalidades, os sindicalistas defenderam uma mudança que partia do interior mesmo do sistema capitalista, do centro nevrálgico de seu poder econômico. É por isso que em 1918, ao saudar a Revolução Russa, consideravam que a solução da luta só seria obtida quando, como consequência de sua capacidade crescente e organização sindical, a classe proletária assumisse a direção da produção e dos transportes, pondo fim ao ciclo histórico do capitalismo.²⁹⁴

A Revolução Social anarquista seria protagonizada por toda a humanidade consciente e seria operada por uma mudança das mentalidades por ações que com exceção da política, não admitia exclusões, já que poderiam cobrir o arco-íris que ia do ataque subversivo e o complô, até o trabalho legal nos sindicatos de ofício. Aqui, como no caso dos sindicalistas, é necessário fazer algumas reflexões: apesar de admitir, em princípio, as ações subversivas e que não excluía os militantes que não pertenciam aos círculos operários, na prática, muitas vezes os anarquistas operavam de forma semelhante aos sindicalistas. Também a sua base mais ampla e seu lugar de luta estavam no seio da classe trabalhadora e em suas organizações específicas. Mudavam as formas: mais indisciplinados e caóticos e menos planejadores e racionais que os sindicalistas, os libertários não deixavam de prestar sua solidariedade a todas as causas dos oprimidos, ainda em ações condenadas de antemão para o fracasso. Metaforicamente, enquanto que os sindicalistas cuidavam dos corpos dos trabalhadores, os libertários cuidavam das almas dos explorados; porém, durante os períodos de aceleração da história, a utopia podia acabar sendo mais realista e realizadora que o racionalismo materialista e prudente.²⁹⁵

As utopias coletivas do século XIX normalmente funcionavam não só como crítica social e espelho do existente, mas também revelavam as idéias que tinham seus autores sobre como a mudança social poderia ser operada, que papel jogaria o trabalho naquela mudança e como teria que ser, na prática, a sociedade regenerada.²⁹⁶

ponto de apoio da combatividade operária se tornou em forma crescente o Partido Socialista, Comunista ou populista, em substituição da automia operária anterior a 1930. Acreditamos que o sindicalismo está relacionado com a modalidade do trabalho por empreitada, em que a auto-estima do trabalhador em sua capacidade profissional joga um papel importante. Em câmbio, o trabalho desqualificado não dá muito sustento àquela auto-estima e, provavelmente, é por isso que se começa a procurar a identidade operária em ambientes localizadas fora do processo trabalhista, por exemplo no partido político.

²⁹⁴ BNDT, n° 40, Fevereiro de 1919: "Las Organizaciones Obreras de Buenos Aires". Por José E. Niklison.

²⁹⁵ Apesar do afirmado, não concordamos com Edgardo Bilsky no ponto que os anarquistas argentinos não possuíam uma posição classista. A base social do anarquismo estava conformada por trabalhadores e algumas declarações de Gilimón, López Arango e outros, não deveriam levar o historiador a substituir o nível das ações por algumas opiniões escritas.

²⁹⁶ As utopias de Moro, Bacon e Campanella, e de outros anteriores à Revolução Francesa, nunca descreveram a forma como se realizaria a transição para uma sociedade equitativa. Os viajantes encontram o país utopiano em um estado perfeito, auto-suficiente e sem história. Não existe nessas construções um desejo real de concretizá-las por parte de seus idealizadores o que muda, por completo, no Século XIX no qual, as utopias não só são escritas mas também levadas a cabo em experiências reais. Neste sentido, *utópico* não é sinônimo de *impossível*. Enquanto a Quiroule escreveu três utopias: *Na Rota da Anarquia*, de 1909, *A Cidade Anarquista Americana*, de 1914, e *Na Sonhada Terra do Ideal*, de 1924. A cópia que usamos de *A Cidade...* é a versão espanhola de Ediciones Tuero, Madrid, 1991. Esta edição tem um comentário extenso de autoria de Luis Gómez Tovar, Ramón Gutiérrez e Silvia A. Vázquez.

Em 1914, em *A Cidade Anarquista Americana*, Pierre Quiroule descreve como a Revolução Social em O Dourado -uma Argentina de fronteiras difusas- foi protagonizada por uma Legião de 200 voluntários -socialistas, anarquistas e sindicalistas; espanhóis, ingleses, alemães, franceses, italianos e russos- os quais foram, no espaço de cinco anos, uma Legião Libertária.²⁹⁷ O fim da sociedade capitalista na Argentina foi realizado por meio do seqüestro do Casal Real -fazia 10 anos que *El Dorado* tinha se tornado uma Monarquia- dos ministros de Guerra, Marinha e Religião e de algumas outras pessoas notáveis; todas as rotas de acesso a *As Delicias* -Buenos Aires- foram bombardeadas por dois aviões e os centros do poder, em ordem cronológica: os *dreadnoughts* do porto, os quartéis, as estações telegráficas, a casa do governo e os arsenais, bancos, tribunais e arquivos da monarquia.²⁹⁸ Em uma segunda ação foram destruídos os palácios insolentes dos colossos da imprensa e os edifícios de prisão. Parecia, porém, que Falconnet estava se esquecendo de algo importante: bombardear as igrejas e os conventos; mas não, embora se lembrasse um pouco tarde, também os fez desaparecer entre as chamas. Os revolucionários aproveitaram-se da sua ordália para incinerar os sujos *conventillos* que serviam de moradia aos proletários.

E a classe operária local? Fora dos recrutados para formar as legiões secretas, a classe operária organizada não desempenhou nenhum papel na ação destrutiva dos poderes existentes. E mais: durante o período conspirativo foi mantida longe de toda participação, tanto para não comprometer os líderes sindicais e o povo, como para manter o segredo das ações. Ora, a classe trabalhadora e seu papel na reorganização do trabalho, junto com a eliminação da megalópolis, se tornou a preocupação principal, no período imediatamente posterior à Revolução. Dois anos depois da Revolução aconteceram, ao mesmo tempo, o abandono de *As Delicias* -o monstro urbano- e o começo da construção das comunidades libertárias. Esta última tarefa é levada a cabo em base da simbiose cidade-campo, com uma volta para o trabalho rural mas com residência em cidades platônicas, isto é, não maiores que 10.000 habitantes.²⁹⁹

Na mais extensa das utopias escritas por Quiroule, o leitor pode reparar em seus aspectos exóticos: a eliminação do Estado, da Igreja e do Exército; a organização arquitetônica da cidade; o sistema de ensino ou as invenções como o *vibratiber*, uma produção eldoradiana para liberar, com seus raios assassinos, o proletariado europeu. Porém, o tema principal desta e das outras utopias deste autor, é o do homem liberado do trabalho e nisto está muito próximo a William Morris. Quiroule considera que muito pouco se avança para uma sociedade comunista -é o termo que ele usa como equivalente a anarquista- se o homem e a mulher continuam sendo escravos do trabalho industrial e, pior ainda, morando empilhados em cidades como *As Delicias*, sem ar, sem luz e alienados do mundo natural. Por isso, a volta para o campo -ao estilo dos *narodniki* russos do século XIX- representa a síntese feliz entre a cultura urbana e a reconciliação com a natureza.

Dez anos depois, com *Na Sonhada Terra do Ideal*, encontramos-nos com algumas variantes, mudanças que não resultam alheias a experiência concreta da Revolução Russa, nem

²⁹⁷ Pierre Quiroule. *La Ciudad Anarquista Americana*. A descrição de como foi operada a mudança está nos capítulos 16 a 24.

²⁹⁸ Nada menos que três vezes Quiroule insiste na destruição dos arquivos; acreditamos que não é só para fazer a "tábua rasa" com o passado ou apagar a memória histórica, mas também para destruir as inscrições de propriedade da classe burguesa.

²⁹⁹ As alusões a Argentina são constantes e reveladoras.

ao auge do sindicalismo revolucionário e à passagem de grupos de anarco-comunistas a posições anarco-bolcheviques e sindicalista-revolucionários. Em 1924 não foi mencionada, concretamente a revolução para destruir o poder burguês, mas sim como os sindicalistas se apossaram do poder econômico e da organização da sociedade por meio da imposição da Ditadura do Trabalho, que durou sete anos.³⁰⁰

A posição de Quiroule frente à fase ditatorial é ambígua. Em princípio, não legitima a ditadura, mas a considera, como um elemento necessário para a reorganização econômica, como para forçar a classe parasitária a trabalhar. Em resumo, depois de um septênio, a República Sindicalista começa a desintegrar-se quando seus líderes entram em conflito com os produtores agrários e são confrontados com um êxodo urbano contínuo e o crescimento das comunidades rurais sustentados em critérios não sindicalistas.

Em ambas utopias, muito brevemente resenhadas, há insinuações contínuas à sociedade argentina daquela época, ao poder do movimento operário, à Revolução Russa e à estratégia sindicalista de tomar posse, gradualmente, da organização econômica, tentando substituir o gerenciamento burguês. Entre a variedade de mensagens, nos encontramos com uma intertextualidade forte com *Noticias de Nenhuma Parte* de William Morris, sem dúvida uma obra prima do gênero utópico, não ignorada por Quiroule e outros anarquistas do Rio de la Plata.³⁰¹ Quanto à etapa do socialismo consolidado, Quiroule e Morris se assemelham bastante: ambos apresentam uma sociedade em que o trabalho passou de escravo a liberador; existe uma prevalência pela economia rural e pelo abandono da grande indústria e da megalópolis; o livre consenso reina em tudo com a supressão das imposições autoritárias de qualquer gênero.

Uma diferença bastante radical entre *Noticias de Nenhuma Parte* e a *Cidade Anarquista Americana* encontramos no tópico das experiências imaginadas durante o período de transição entre o capitalismo e a liberdade. Esse período em Morris é muito prolongado -talvez mais de meio século, igual que em Bellamy- e caracterizado por greves, boicotes, guerras classistas e pela lenta e contínua corrosão do sistema capitalista. Neste último aspecto, Morris (1890), parece pressagiar a idéia e a ação que os sindicalistas expressaram na sua Carta de Amiens, em 1906. No trabalho do socialista inglês, quase todos os operários tinham-se associado e a força da união tinha conquistado uma série de melhorias à burguesia. Por outro lado, o Estado de Grã Bretanha criou uma série de centros nacionais de produção e consumo, mas todas essas medidas não eram suficientes para deter as crises contínuas do sistema e os trabalhadores queriam apoderar-se dos recursos naturais e das máquinas, reduzindo os antigos capitalistas à condição de pensionistas, começando, desse modo, a guerra de classes. Muito sucintamente originou-se uma duplicação do poder político: de um lado estava o governo, e do outro, o poder operário, representado pelo Comitê de Saúde Pública. A ruptura definitiva aconteceu em 1952 quando uma greve geral paralisou totalmente o país; os jornais da burguesia não apareceram e os órgãos dos trabalhadores não informaram, no noticiário, sobre a repressão; os soldados

³⁰⁰ Pierre Quiroule. *En la Soñada Tierra del Ideal*. Bs. As., Ed. Fuego, 1924. Esses sete anos de ditadura não representaram um número cabalístico ou arbitrário. Sete anos atrás, em 1924, a Revolução tinha triunfado na Rússia. Quiroule recebeu fervorosamente aquele evento e era um companheiro periférico do grupo anarco-bolchevique. Por exemplo, a partir de maio de 1921, não tem mais acesso a *La Protesta*.

³⁰¹ William Morris. *News from Nowhere*. 1890. Usamos a tradução espanhola que leva como títulos: *Noticias de Ninguna Parte o una Era de reposo*. (Capítulos para una Novela Utópica). Madrid, Ed. Ciencia Nueva, 1968. O resumo sobre a mudança social imaginada por Morris, é do capítulo XVII. A obra do autor socialista e libertário inglês era conhecida em espanhol -de acordo a Félix Weinberg- desde 1903.

estavam desmoralizados. No terceiro dia da greve, o governo teve que se render ante o Comitê de Saúde Pública.

Se a greve geral exitosa de Morris só durou 3 dias, a vitória precisou de uma incubação de meio século e dependeu do crescimento da consciência dos trabalhadores, incremento levado a cabo a nível político porém, mais ainda, ao nível das práticas autonomistas dos trabalhadores em seu lugar de trabalho, de sua capacitação no processo produtivo e de sua reformulação do imaginário coletivo.³⁰²

Visto sob o ângulo da história das utopias -e seria necessário nomear pelo menos os trabalhos seminais de Pedro Kropotkin, *Apoio Mútuo* e *A Conquista do Pão*, tão importantes para a obra quiroulana como *Noticias de Nenhuma Parte*- as orações declamatórias sobre construções socialistas futuras das Declarações de Princípios dos congressos operários adquirem uma dimensão nova e a mesma coisa acontece com os avanços no processo de produção da riqueza social, nos espaços operários do cais, dos navios, das pedreiras, dos campos de trigo e da infra-estrutura de transporte terrestre.

Se *Noticias de Nenhuma Parte* normalmente é considerada como uma resposta libertária ao excesso de controle estatal, burocratismo e tédio utópico de *Looking Backward* de Bellamy, as utopias de Quiroule de 1909 e 1914, possivelmente, constituem uma resposta à construção de Julio O. Dittrich, *Buenos Aires Bajo el Régimen Socialista*, de 1908. A grande diferença entre Bellamy e Morris, por uma parte, e Dittrich e Quiroule, por outra, descansa no regime social da sociedade liberada. Esse é de natureza regulada, industrial e urbana para os primeiros e livre e urbano-rural para os últimos. Os socialistas pensam, acima de tudo, nas necessidades econômicas e na organização e os libertários antepõem o desenvolvimento pleno das potencialidades individuais em uma estrutura coletiva igualitária.³⁰³

Na utopia de Quiroule de 1924, os sete anos de Ditadura do Trabalho refletem o período de entusiasmo do autor para com a Revolução Russa, entusiasmo que, em 1924, tinha desaparecido quase por completo. Realmente, o utopista nascido em Lyon tinha adotado, junto com os anarco-bolcheviques, posições afins ao sindicalismo-revolucionário, consistentes em uma revolução sindicalista que implantaria, depois da vitória militar, um breve período de ditadura proletária para eliminar a resistência dos privilegiados e para facilitar a chegada do reinado pleno da comunidade libertária.

Se *A Cidade Anarquista Americana* teve em 1914, um êxito muito maior que *Na Sonhada Terra do Ideal*, dez anos depois, foi porque em 1924, o tempo das utopias coletivas tinha se esgotado, frente às experiências da lenta instalação da sociedade de consumo, das emergências dos fascismos e -como marco privilegiado- a própria experiência de uma utopia realizada: a Revolução Russa, experiência que contribuiu, em grande medida, para matar esta forma de reflexão social, coisa que Marx e Engels não conseguiram realizar. Por isso, esta última utopia de Quiroule -provavelmente também a última espécie deste gênero no mundo inteiro- só apareceu seis anos antes da contra-utopia *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Só o fato de que Joaquim Alexis Falconnet, sete anos depois da Revolução Russa -e pela época em que os herdeiros dela levantavam como bandeira o lema *Eletricidade e Soviets-*

³⁰² Ver. W. Morris. *op. cit.* p. 152

³⁰³ O trabalho de Bellamy foi publicado em Buenos Aires em 1902, 1907 e 1909, pela Biblioteca "La Nación", sob o título, *Cien Años Después o el Año 2000*. Ver, Félix Weinberg. *op. cit.* p. 75

insistisse com a construção de uma sociedade que ousava eliminar a grande indústria e as metrópoles e, na qual as invenções tecnológicas se projetavam, não para um megaprodução de mercadorias mas para o alívio do trabalho liberado, para uma relação harmônica entre a condição humana e a natureza.³⁰⁴ Não há nessa produção de Quiroule a idéia que era necessário passar por uma fase de grandes sacrifícios no presente -planos quinquenais, militarização do trabalho, bandeiras nas torres e outras belezas soviéticas- para abrir o acesso a um futuro esplêndido.³⁰⁵

Em grandes linhas, seria possível concluir que as utopias de Quiroule registram-se na linha de Morris e Kropotkin, fundando a felicidade humana mais na liberdade que no bem-estar material; e se a última construção nos revela uma deslocação para uma ditadura sindical -aceita como transitória pelo autor- isto era para que se tornasse possível a instauração das comunidades libertárias.

As utopias sociais que proliferaram no Ocidente entre 1880 e 1914 serviram, ao menos, a um objetivo claro: introduzir no imaginário dos trabalhadores a idéia de que outra sociedade era possível. A necessidade da utopia descansa, exatamente na especificidade mostrada por Franco Crespi; ela tenta por fim a duas ilusões opostas: acreditar em que o lugar existente é o único possível e, inversamente, acreditar de que o lugar imaginado existe na realidade; para o autor, as duas ilusões são igualmente irreais e perigosas.³⁰⁶

4.3 A LUTA PELO CLOSED SHOP E AS PAUTAS DE REINVIDICAÇÕES

*A dificuldade em todas essas greves, não é o aumento de salário ou a melhoria econômica: os motoristas querem escolher seus clientes; as tripulações da Mihanovich, ditar ordens aos seus empregadores; os estivadores e trabalhadores de porão, ter reconhecidos seus delegados e, se a ocasião se apresenta, ter suas ordens obedecidas por parte dos patrões. Em resumo: um sindicalismo militante em plano de guerra.*³⁰⁷

³⁰⁴ Não é o lugar aqui para examinar com mais detalhes a utopia de 1924 em seus aspectos não relacionados com os objetivos gerais de nosso trabalho. Só como menção: Quiroule entra em tópicos como o *tédio utópico*, quer dizer, aquela *viagem de enfado em um mar de azeite*. Também é pressagiado por Quiroule, como por Morris, a preservação da natureza, contra a agressão da produção capitalista. Isto é notável em Morris, pelo uso dos carros a cavalo, no terceiro milênio e nos carros com baterias elétricas postos em circulação por Pierre Quirole.

³⁰⁵ O filósofo argentino, Rubén Dri, sustenta que a idéia do grande sacrifício no presente para realizar um grande projeto no futuro, é um mito que já se encontra na Bíblia e continua a ser utilizado, na atualidade, sobretudo pelos dirigentes políticos. A instalação do socialismo real foi um exemplo histórico e -para o professor Dri ao menos- o projeto neo-liberal, em sua aplicação nos países periféricos, também possui essas características. Ver, Rubén Dri, *Mitos Fundantes de Nuestra Cultura*. Paper inédito, 1993.

³⁰⁶ Neste contexto, pode se consultar a Tese de Doutorado de Helena I. Mueller, *Flores aos Rebeldes que Fracassaram*. S. P., USP, 1989. A idéia de Crespi, está em, "Projet social, difference, utopie". Em, *L' Imaginaire Subversif*. Genebra, Interrogations, 1982, p. 111, apud, Mueller, *tes. cit.* p. 25

³⁰⁷ *The Review of the River Plate*. 12. 3 1920.

Se Quiroule, em 1924, reservasse um papel de protagonista na Revolução aos sindicalistas revolucionários, sobretudo na reorganização econômica da nova sociedade, seria importante conhecer que relação tiveram eles com a utopia ou como eles representavam as possíveis mudanças sociais. Aparentemente, nada tão alheio aos devaneios sobre sociedades futuras como estes disciplinados sindicalistas; porém, os trabalhos de Bellamy e Morris eram vendidos nas suas livrarias desde princípios do século e, até 1930, em todo Congresso Operário, há uma declaração sobre a construção de uma sociedade futura a partir do embrião sindical. Por outro lado, Emile Pouget, em 1909, tinha publicado uma utopia sindicalista revolucionária, chamada *Como Faremos a Revolução* e Pedro Demaria, um motorista de Buenos Aires, publicou uma construção utópica local, em 1921.³⁰⁸

Temos enfatizado nas utopias comentadas, os aspectos relativos ao trabalho. Ora, isto realmente está no centro da maioria das construções utópicas, tanto nas do Renascimento como nas do ciclo começado por Bellamy e Morris. Não é de admirar então que os sindicalistas -que centravam sua teoria e práticas nas transformações no mundo do trabalho- não fossem imunes às influências utópicas e, mais ainda, em tempos de aceleração da história. Se analisamos as características da luta levadas a cabo pela FOM contra os empresários das grandes companhias de navegação, pode-se chegar à conclusão de que, sem uma representação sobre a possibilidade da apropriação dos espaços de decisão que pertence à esfera natural dos armadores, essa luta não teria sido possível, ou teria sido restringida aos aspectos meramente econômicos, a esses que não procuram invadir áreas, consideradas pelos empresários como exclusivas do capital. Vejamos, então, algumas facetas desta luta.

Acima de tudo, quem formava parte da Federação Operária Marítima? De acordo com as palavras de um sindicalista, a união se caracterizava por seu cosmopolitismo. É interessante verificar que a heterogeneidade étnica não comprometia a unidade na ação e salientava que o trabalhador *criollo* e paraguaio se destacavam por sua coragem ímpar. Francisco J. García reclamava que a cultura dos marinheiros não era muito alta. De um lado, um funcionário do Departamento do Trabalho relatou que -conforme as palavras do Secretário da FOM- os marinheiros, em geral, e especialmente o elemento *criollo*, eram operários que viviam ao dia, quer dizer, que não possuíam hábitos de poupança, e que era necessário se lembrar desse fato para não multiplicar e estender muito as greves.³⁰⁹ Com respeito aos trabalhadores *criollos*, não se referiam simplesmente aos argentinos nativos, mas ao trabalhador nacional da Mesopotâmia, o paraguaio ou o trabalhador argentino do interior. Isto é relevante porque se comprova a participação ativa dos trabalhadores americanos no movimento operário, indo contra certo preconceito que tinham os mesmos imigrantes contra *os de chiripá e botas de potro*, ou esses de "*taba, baralhos e facão*".³¹⁰

³⁰⁸ Ver. Max Nettlau. "Esbozo de una Historia das Utopias". uma série de artigos publicado no *Suplemento Semanal de La Protesta*, do 1.6. ao 27.7 de 1925. Foi publicado como livro pelo editorial Imán, em 1934, por Editorial Tuero. Barcelona, em 1992.

³⁰⁹ Para o primeiro comentário ver, *La Organización Obrera* (sind.) 26. 3. 1921: "La Huelga Marítima. El Triunfo de la FOM", por Augusto Pellegrini. As palavras de García são transcritas no *BDNT*, nº 40, Fevereiro de 1919: "Las Organizaciones Obreras de Buenos Aires". Cap. IV, por José E. Niklison.

³¹⁰ Esses preconceitos contra os trabalhadores nativos como inconscientes, jogadores e briguentos, tinham, as vezes, alguns fundamentos históricos. A polícia estava na maior parte composta por *criollos*; os trabalhadores do Interior e os operários das estâncias de gado, pareciam imunes à sindicalização e, com certa frequência, foram trazidos do Interior quadrilhas de fura-greves para quebrar as lutas operárias. Porém, historicamente, estes

Visto de uma perspectiva das práticas internacionais, não teve nada de estranho aquela presença de paraguaios ou uruguaios nos navios argentinos. Por exemplo, na Conferência Internacional de Gênova, os representantes do proletariado marítimo de Inglaterra e França protestaram pelo recrutamento de marinheiros e garçons hindus e yemenitas e, em uma ocasião, a FOM saiu em defesa dos marinheiros chilenos do navio norte-americano "Washington". Deste modo, a contratação de marinheiros paraguaios, correntinos ou uruguaios na Argentina, respondia mais à prática internacional de procurar a força de trabalho mais barata e efetiva que a antecipação de uma migração interregional.

Reveladora também é a descrição de Niklison sobre as causas da grande greve dos marinheiros no começo do governo de Yrigoyen. Motivos importantes eram os baixos salários -um marinheiro ganhava 45 pesos mensais em 1916, e um foguista de rebocador uns 55- e a extensão dos horários que transcorriam das 4,30 da manhã até as 23 horas da noite.³¹¹

A pauta de 1916 exigia salários que iam de 85 a 110 pesos mensais, o dia de 8 horas e melhores condições de alimentação e higiene. Porém, aparecem também demandas que estavam em um nível diferente. Assim exigem nas Disposições Gerais, condições tais como:

- *Os cabos, foguistas e carvoeiros ficam isentos de toda obrigação de fazer trabalhos em coberta, alheios a sua profissão;*
- *Nas guardas mortas os maquinistas não forçarão a trabalhar o pessoal;*
- *Com o objetivo de garantir as condições de trabalho aqui estabelecidas, os senhores armadores só embarcarão o pessoal afiliado à FOM*³¹²

Esta greve de final de 1916 foi comentada por Rock e outros de forma que não precisa ser descrita novamente. Considerada como um sucesso pelos trabalhadores, encontrou uma grande oposição por parte do Centro de Cabotagem e seus aliados que não abandonaram sua luta até conjurar o dragão da *tiranía operária*. A oposição dos armadores se referia às concessões econômicas, mas sobretudo, às cláusulas, como as que mencionamos que não só procuravam estabelecer o *closed shop* nas companhias de navegação, mas também alcançar outras conquistas que abalasses o monopólio administrativo no domínio do tempo do trabalho do marítimos. Um dos resultados que conquistaram Francisco J. García e os sindicalistas - como consequência dos seus contatos diretos com Yrigoyen- foi a promessa de que as forças armadas não entrariam ao porto e os trabalhadores poderiam organizar seu controle livremente. De acordo com Rock, já em abril de 1917, a companhia Mihanovich -ou Companhia de Navegação Argentina- teve que tolerar que a FOM escolhesse as tripulações de seus navios.³¹³ Um indicador da transcendência da greve marítima foi o crescimento verdadeiramente impressionante dos afiliados à FOM; de aproximadamente 2000 cotizantes em 1916, passou a sindicalizar praticamente toda a categoria, a qual oscilava entre 8000 e 10000 trabalhadores.

contingentes, cumpriam as mesmas funções que, no começo de século, cumpria a mais recente imigração. Algo assim também acontecia no porto de Nova Iorque com os italianos e os negros. Para os trabalhadores em greve eram fura-greves; mas eles estavam lutando pela sua sobrevivência.

³¹¹ Rock dá outras cifras. Menciona que, de 1914 a 1916 os salários abaixaram de 120 a 90 pesos, de acordo com a FOM, numa média calculada em 25%. D. Rock. *op. cit.* p. 143

³¹² *Ibidem.*

³¹³ D. Rock. *op. cit.*, p. 143. Isto aconteceu dois anos antes das famosas ordenanças de oficialização de Yrigoyen.

A experiência histórica do *closed shop*, sem dúvida, merece alguns comentários. Geralmente não é oposta ao trabalho ocasional mas -como no caso dos portuários em diferentes países do mundo- existe em combinação com ele. Também nem sempre significou uma conquista dos trabalhadores de base, pois existiram práticas muito diferenciadas, algumas ligadas ao domínio de grupos mafiosos.

Acima de tudo, a expressão inglesa que teve ampla difusão no mundo inteiro de começos do século e na Argentina era usada pelos funcionários do Departamento do Trabalho, significa, literalmente, oficina, ou fábrica fechada; *espacio fechado*, porque àquele lugar, só têm acesso os trabalhadores registrados ou oficializados. Com esta distinção, já podemos olhar brevemente para as possíveis diferenças entre os *closed shops*. Elas podiam ser institucionalizadas e administradas por uma instância oficial, da mesma maneira como o intentou estabelecer a Prefeitura Marítima, no porto de Buenos Aires, entre 1919 e 1921, ou podiam depender das uniões, de acordo com a modalidade pela qual, geralmente, lutaram os anarquistas e sindicalistas. Também havia formas misturadas na administração dessa prática e veremos mais tarde, que o caso da "loja fechada" dos marítimos e estivadores a bordo no porto de Buenos Aires, de fato, era uma dessas práticas mistas. Outro exemplo histórico foi a administração compartilhada por portuários e empresários nos portos da Costa do Pacífico nos Estados Unidos a partir de 1934.

Que esta instituição não dependeu só do grau de combatividade dos trabalhadores, mas também do outro polo social daquela relação dialéctica, quer dizer do poder e do espírito de luta dos empresários, sem esquecer do papel do Estado que poderia intervir naquela confrontação, é demonstrado pelos casos dos portos de Rio de Janeiro e de Santos. Enquanto no Rio, onde predominava o sindicalismo amarelo ou corporativista, a loja fechada foi estabelecida pelos estivadores em 1903, no porto de Santos, com um proletariado mais radicalizado, não fez seu aparecimento até 1930.³¹⁴ Também chamou a atenção dos historiadores a grande diferença entre o porto de Nova Iorque, onde até os começos da década dos 50, os empresários juntos aos líderes sindicais do RILU/AFL impediram qualquer tipo de controle operário, enquanto nos portos do Pacífico a situação era radicalmente diferente.³¹⁵

Outro aspecto dessa prática consistiu em que, em geral, não eliminava o sistema de trabalho ocasional mas vivia em consórcio com ele. Outorgava sim, uma cota maior de estabilidade e segurança ao trabalhador no sentido de que, no caso em que realmente havia trabalho, o trabalhador oficializado tinha prioridade absoluta sobre o recentemente chegado. Com respeito aos portos de Buenos Aires, Montevideu, Rosario e outros da América de Sul, sabemos muito pouco sobre as formas como foi contratada a força de trabalho e ignoramos se entre os portuários foi praticado algum sistema semelhante à *chamada diária* utilizada em Nova Iorque, Londres ou Santos e, no caso altamente provável que aquela prática existisse, qual era a relação desse contingente ocasional com os operários estáveis. Com respeito às

³¹⁴ Ver, M. L. Gitahy, *op. cit.* p. 138 e 179. A autora partiu de uma premissa contrária à nossa, para chegar, porém, à mesma conclusão: *Nem sempre a reivindicação do closed shop significa o exclusivismo corporativista, de lideranças corruptas ou de gangues na orla marítima. Ao contrário, a experiência histórica tem demonstrado que onde o controle dos trabalhadores tem estado presente em algum grau, uma certa democracia na distribuição do trabalho tem existido.* p. 106

³¹⁵ Idem, p. 106. C. Winslow, *art. cit.* Ver também a David Montgomery. "The New Unionism and the Transformation of Worker's Consciousness in America, 1919-22". Em: *Workers Control in America*.

tripulações dos navios, possuímos uma visibilidade maior sobre seu mecanismo de recrutamento e permanência; embora a *oficialização* não lhes garantissem a estabilidade no emprego, essas tripulações estavam atribuídas a navios específicos, de tal modo que se esses adquirissem carga para transportar, necessariamente deveriam ser equipados pela dotação estável.

Até 1930, e freqüentemente até depois de meados do século, a ocasionalidade do trabalho e o estabelecimento do *lugar fechado* tinha pouco que ver com o grau de desenvolvimento das relações industriais nas diferentes sociedades e obedecem mais a uma correlação de forças entre os trabalhadores, empresários e representantes do Estado. Desse modo, no porto de Nova Iorque se manteve um sistema de trabalho precário, em associação com uma forma de recrutamento chamada *shape up*, até começos da década dos 50, enquanto que na costa do Oeste, como já dissemos, implantaram-se práticas operárias participativas desde antes do *New Deal*. Com referência à intervenção política neste processo, enquanto o governo radical interveio na correlação de forças entre os armadores e os homens do mar entre 1916 e 1921, em Santos uma intervenção da esfera pública a favor dos trabalhadores, só foi perceptível a partir de 1930, sob a influência da administração de Miguel Costa.³¹⁶

Se para os marítimos a ocasionalidade do trabalho e o desemprego eram problemas conjunturais, para os portuários, e especialmente para os *shenangos* de Buenos Aires, os estivadores, o caráter precário do trabalho era estrutural. Deste modo, nos meses de remessa do cereal, entre dezembro e maio em que o trabalho no porto recebia a competição por parte das atividades da colheita e do transporte terrestre, a situação operária tendia a ser favorável aos jornaleiros e era o tempo de tentar conquistas específicas; de outro lado, de junho para novembro, o panorama econômico lhes era bastante adverso.

Outro fenômeno em escala mundial que caracterizou o trabalho ocasional em geral, e o dos marítimos, operários dos frigoríficos e jornaleiros, em particular, foi a presença de um exército industrial de reserva, deliberadamente formado e mantido para fazer viável este sistema de trabalho. A racionalidade daquela existência é transparente: uma força de trabalho ocasional escassa, gerando a possibilidade de pleno emprego, resultou economicamente cara e socialmente perigosa. Na Argentina e no Uruguai, o mecanismo principal da formação e manutenção de um contingente de força de trabalho abundante e, de preferência, com poucas exigências, foi constituído pela política da imigração européia e, em casos sectoriais, pela imigração de países limitrofes. A imigração trabalhava com uma válvula de escape que era aberta e fechada de acordo com as necessidades das demandas do mercado laboral. Quanto à atividade do governo, este tinha criado uma Registro Nacional de Colocações que teve uma certa demanda por parte dos estrangeiros que foram jogados aos empregos pior remunerados, por exemplo, aos de jornaleiros ferroviários ou do serviço doméstico.³¹⁷

Em algumas ocasiões poderia falhar a manipulação daquela válvula da imigração, como aconteceu, por exemplo, com a grande colheita de 1919/20, em que, a produção de trigo quadruplicou em relação a do ano anterior, enquanto a imigração européia continuava estagnada. Deste modo, originou-se uma situação social de demandas salariais e consciência sobre seu poder, por parte dos trabalhadores, e de repressão estatal e paraestatal. Aqui é

³¹⁶ Ver, Gitahy, *op. cit.* p. 106 e 107.

³¹⁷ *BDNI, Anuario Estadístico, 1917-19. "Mercado de Brazos en 1918"*.

necessário aclarar que não foi exatamente a falta de previsão dos empresários e funcionários públicos que originou a falta de braços para a lavoura. Durante o ano inteiro de 1919, foi debatida a questão da necessidade urgente de atrair novamente a imigração, mas as dificuldades estavam em operacionalização e no problema do *perfil de imigrante*. Procurava-se atrair não o russo ou asiático, mas o alemão e austriaco, com preferência os que contribuiriam com algum capital próprio. Até os mennonitas do Canadá seriam bem-vindos, na falta de melhores opções. Aliás, esta questão foi debatida ao nível do ainda inexistente Mercosul.³¹⁸ Ao lado disto, quando a imigração foi reiniciada, chegaram para essas plagas os mesmos imigrantes que tinham chegado antes de 1914: no primeiro lugar, espanhóis e italianos.

Temos utilizado o termo *oficialização*, sem ter definido seu significado. Essa expressão vem das Ordenanças de Oficialização que o governo radical emitiu em 22 de fevereiro, 28 de março e, novamente, e em 26 de maio de 1919, pelas quais a Administração Geral de Portos foi encarregada da abertura de um Registro para que se inscrevessem nele as tripulações das companhias marítimas argentinas e, também, a categoria de estivadores a bordo. Formalmente, isso significava a loja fechada em mãos das instâncias oficiais, mas -até junho de 1921- de fato foi a FOM que administrou o recrutamento, a permanência e a antigüidade dos marítimos, impondo, fortemente, a seus federados como única força de trabalho autorizada a trabalhar nos navios de cabotagem, nos rebocadores, lanchões e navios pesqueiros. Havia na Argentina duas grandes empresas de tráfico, a Companhia Argentina de Navegação, mais conhecida como a "Companhia Mihanovich", de capital anglo-argentino e a Hamburgo-Sudamericana, de capital alemão, que foi rebatizada, durante a guerra, como Companhia Marinha Mercante Argentina.³¹⁹

Ao término de 1918, a FOM conseguiu reunir em seu seio 95% dos trabalhadores marítimos e estava preparada para avançar drasticamente nas suas reivindicações, tirando proveito da conjuntura econômica, do clima social e, não em último termo, da consciência que as companhias de navegação tinham realizados lucros fabulosos durante a Guerra, enquanto os salários e o número de tripulantes a bordo tinham baixado. Já em setembro de 1918, a FOM exigiu ser consultada para a substituição de vagas e, ao ter escasso sucesso, formulou um ultimatum que expiraria para a 7 de janeiro e cuja demanda principal era exatamente aquela ingerência na política de contratação das tripulações. No dia 8 de janeiro, em plena Semana Trágica -para a qual a FOM não dispensou uma grande atenção- as companhias de tráfico aplicaram o *lockout* do porto em sinal de protesto contra os contínuos boicotes que a FOM e as federações do porto proclamaram contra as companhias que usavam os serviços de

³¹⁸ *The Review of the River Plate*, do 12 de setembro de 1919, menciona que uma reunião foi realizada em Montevideu entre diplomatas da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, presidida pelo ministro uruguaio Gabriel Terra. Esta reunião teve por objetivo discutir a questão da imigração européia. (Ninguém pensava em regular a imigração entre os países vizinhos). Foi definido, entre outros assuntos, que o imigrante não podia ser um incapacitado, analfabeto ou anarquista.

³¹⁹ De acordo com Rock, a Companhia Mihanovich era vista com certa desconfiança pelo governo britânico por causa do origem dalmata de seu proprietário original. Segundo uma observação de Horowitz, na sua luta contra a FOM, durante um período de cinco anos, a pesar de que as ações da companhia eram cotizadas na bolsa de valores, não teve muito apoio da Inglaterra, já que privilegiava a chegada dos cereais argentinos à Europa. Por outro lado a "Mihanovich", hegemônica no tráfico litoral regional, dominava a navegação fluvial da Mesopotâmia argentina, do Paraguai e do Uruguai e manteve serviços regulares na Costa Atlântica de Buenos Aires a Río Gallegos. Porém, isto não interessava demasiado à Inglaterra.

navegação.³²⁰ Durante o *lockout*, os marítimos demonstraram sua coesão e capacidade de organização e congregavam-se, diariamente, no clube Boca Juniors, administrando uma cozinha popular; por outro lado, os residentes de Boca e Barracas manifestaram a sua solidariedade com os grevistas doando toneladas de comida.³²¹ Em troca, o governo interveio como mediador, promulgando as ordenanças de oficialização mencionadas que significaram, na sua aplicação prática, maior poder obtido por uma categoria de trabalhadores até a década do 40.³²² Por outro lado, a oficialização, da mesma maneira que tinha sido idealizada pelo governo, ia além de uma simples criação de um Registro por parte da Administração do Porto; em ocasiões repetidas o governo radical quis também organizar, com sucesso variado, os aumentos salariais, convênios obrigatórios entre empresários e assalariados ou a execução dos acordos que tinham sido estabelecidos.

Porém havia uma circunstância especial no aspecto jurídico dessas ordenanças: tinham sido promulgadas, mas não regulamentadas, de forma que sua aplicação prática ficava embrulhada em uma nebulosa e estava liberada a uma série de casuismo. Como os funcionários da Administração de Portos não pareciam ter suas consignas claras, as companhias de navegação reclamavam, amargamente, que a FOM exercia sua tirania operária, apoiada no próprio governo que não aplicava suas próprias ordenanças.

De qualquer forma, criou-se uma situação inédita para o proletariado marítimo e acreditamos que Jeremy Adelman tenha razão quando afirmou que naquela estratégia da FOM, se fazia menos questão de demandas salariais e sim de um modelo de relações trabalhistas em um dos setores mais vitais da economia argentina.³²³

O Companhia Mihanovich que empregava mais de 3000 marítimos, aproximadamente um terço da categoria, ficou na boca da tormenta durante todo o ano de 1919. Participou ativamente no financiamento da Liga Patriótica, formava parte da Associação do Trabalho - instituição que não lhe dava um grande importância, como veremos- e contribuiu generosamente com a Grande Coleta Nacional de Monsenhor Miguel D'Andrea. Se em março de 1919 a Companhia tivesse que admitir uma derrota mais séria que a de dois anos antes -com o agravante de perder seu monopólio para recrutar seus empregados- em maio também não teve êxito na promulgação de um boicote comercial e industrial, pois a aplicação da Edito

³²⁰ Famosos foram os boicotes contra os frigoríficos de Avellaneda e Berisso, em protesto à repressão brutal de 1917 e, por razões diferentes, contra as empresas Gath e Chaves, La Martona e os estaleiros de San Fernando. Por outro lado, durante aquele tempo, dificilmente a FOM se mobilizava por solidariedade com alguma causa anarquista como, por exemplo a liberação dos prisioneiros sociais e também não se solidarizaram com *aventuras* do tipo da Colheita Vermelha ou da Greve das Bombas. Nas questões de solidariedade, os sindicalistas atuavam por motivos laboristas e não, por exemplo, humanitários.

³²¹ Ver, Rock, *op. cit.* p. 191

³²² Para que não fiquem dúvidas com respeito a seu significado a *oficialização*, tal como foi promulgada para o governo, foi a maior concessão outorgada a uma categoria de trabalhadores com anterioridade ao populismo; porém, na prática, foi também a maior conquista dos marítimos, enquanto eles conseguiram administrar com autonomia do Estado, este instrumento laboral.

³²³ Ver, J. Adelman, *art. cit.* p. 90. Concordamos com o autor que a luta ia muito além dos aspectos salariais, mas dissentimos como ele quando afirma que não se tratava do "lugar de trabalho" -*workplace*- já que, justamente, disso se tratava. O domínio sobre o lugar de trabalho foi colocado no centro do que Adelman chama de "Reformulação das relações laborais".

Policial e a posição ambígua das grandes Companhias Transatlânticas adiaram a aplicação desse instrumento patronal que visava deter os avanços dos trabalhadores.³²⁴

De fato, a FOM marchou de vitória em vitória para sua derrota definitiva ao término do período de prosperidade econômica com um movimento operário ascendente e em vias de unificação. Durante todo o quinquênio de 1916 a 1921, foi realizado um torneio de xadrez entre as companhias e os trabalhadores em que a partida entre a FOM e a Mihanovich foi, sem dúvida, a mais espetacular e na qual as forças estavam equilibradas. Ora, o resultado desse torneio não só dependia dos jogadores, mas também da atitude dos organizadores do torneio -o estado- ou da intervenção dos espectadores -as forças sociais em seu conjunto.

A FOM controlava suas tripulações e exercia junto aos portuários, o papel de árbitro ético com relação às empresas que não admitiam o protagonismo de seus empregados e era especialmente sensível ao uso das listas negras. Um instrumento privilegiado era o boicote, instrumento que foi aplicado com extremo cuidado e, na maioria das vezes, de uma forma pontual.³²⁵

A organização operária também estendeu sua influência para Montevidéu criando uma seção uruguaia aderida à Federação. Isto era importante, porque a Mihanovich tinha contratado tripulações uruguaias não federadas e também porque, durante a greve de 1920/21, fingiu vender uma parte importante de sua frota para uma tal de Companhia Uruguaia de Navegação, cujo presidente e vice eram Rodolfo Mezzera, Ministro de Educação no seu tempo de lazer, e José A. Doderó, um dos dirigentes principais da Companhia.³²⁶ Não satisfeita ainda com esta iniciativa, os bravos dirigentes da Companhia anglo-argentina também obtiveram a colaboração do governo paraguaio e, daquele modo, navios argentinos como o "Humaitá", "Peribibe", "Concepción", "Holanda" ou "Cuyabá", passaram a navegar sob pavilhão da República Guarani com suas novas tripulações devidamente *oficializadas* pelo governo paraguaio em novembro de 1920 e demitidas aos 5 meses, quando a FOM e a Mihanovich alcançaram um acordo que incluía a readmissão de todas as tripulações demitidas.³²⁷

³²⁴ A Liga Patriótica, até 1921, não interveio na questão dos marítimos, porque afinal de contas, a FOM não era considerada um ninho de anarquistas com prioridade de exterminação; mais complicado era a atitude de Associação Nacional do Trabalho, dominada pelo setor externo e que se conduzia por critérios predominantemente econômicos, e menos por considerações ideológicas. Embora tratasse de parar o avanço do sindicalismo nos espaços operários, teve que garantir o subministro das matérias primas argentinas ao mercado europeu e evitar, tanto quanto fosse possível, conflitos com o governo. Aqui pode ser observado o papel relativamente subsidiário da companhia Mihanovich, com respeito ao setor externo.

³²⁵ Por exemplo, durante a greve de 13 meses -entre 1920 e 1921- a FOM manteve o serviço de rebocadores, enquanto ficavam encalhados os navios carregados de tanino de La Forestal e Las Palmas. Por exemplo foi boicotado o navio "Bruxelas" por levar mercadorias de Gath e Chaves e La Martona a Asunción, Paraguay. Ver, *The Review of the River Plate*. 23.5.1919.

³²⁶ Ver, *Idem*, 17.9.1920. Tratava-se de nada menos que a venda de 8 vapores, 5 rebocadores, 10 lanchões e até de uma oficina naval. Já muito antes, a partir do final de 1919, a Mihanovich navegava com algumas tripulações uruguaias não federadas.

³²⁷ O episódio da oficialização e, sobretudo, da posterior desoficialização, dos marinheiros paraguaios, parece ter saído da pena de Augusto Roa Bastos e mostra o grau de desprezo total com que o governo paraguaio tratava os seus cidadãos. Quando os tripulantes do "Humaitá" descobriram que seriam demitidos -a pesar dos serviços patrióticos prestados- e que seriam substituídos pelos antigos federados da FOM, partiram, na escuridão, com seu navio do cais de Asunción, perseguido por dois vasos de guerra de sua pátria. De acordo com a revista britânica, o episódio seguinte foi mais sensacional ainda: com seu capitão na cabeça, afundaram o "Humaitá" no meio do rio, frente a Vila Concepción. *The Review of the River Plate*. 15.4.1921. Os detalhes sobre a oficialização à paraguaia estão na mesma publicação, nos números do 12 de novembro e de 10 de dezembro de 1920.

Se no começo de 1919 a oficialização tivesse sido aceita pelos armadores, frente à "usurpação" da mesma por parte da FOM, essa forma de alocação de serviços teria virado o símbolo do poder operário que os armadores procuraram eliminar a qualquer custo. Para poder por fim a esta modalidade de trabalho cativo, os armadores se utilizaram de uma série de argumentos tais como a letra da Lei 7029, artigo 25, que garantia a liberdade de trabalho e proibia impedir o acesso dos trabalhadores a seus lugares de trabalho; outra razão residia na soberania e autonomia de nações como o Uruguai e o Paraguai, soberania ultrajada pela FOM quando interveio nos assuntos internos de um país estrangeiro. Insistentemente, em face à ambigüidade que envolvia todos os aspectos jurídicos das relações operárias em geral, os gerentes clamavam por uma legislação que ordenasse as relações entre capital e trabalho.

Desde 1919 os dirigentes começaram uma série de demandas jurídicas a favor da sua liberdade de trabalho e quase sempre sustentados na Lei 7029 de Defesa Social de 1910. Um desses julgamentos, chamado "Expediente Matilde Diaz de Branco" era o caso em que as mulheres da companhia metalúrgica Pedro Vasena e Filhos tinham impedido um trabalhador de entrar na companhia boicotada pelos anarquistas. O juiz Jorge H. Frias terminou condenando, *a coerção moral praticada*. Esta sentença foi considerada por um inspetor do Departamento do Trabalho -o socialista Rouco Oliva- como uma condenação formal da loja fechada.³²⁸

Em todos estes conflitos argüia-se que a liberdade de recrutamento de uma mão de obra apropriada era uma prerrogativa absoluta da classe empresária e a transgressão dos limites, por parte dos trabalhadores, era considerada como uma ação subversiva com o objetivo de perturbar as atividades econômicas e fomentar a hostilidade entre os capitalistas e trabalhadores. A prática da FOM, dos portuários e de outras categorias, de só trabalhar com federados era, na opinião da A.N.T., um atentado não só contra a produção e a classe empresária, mas também contra a moral do próprio trabalhador já que a tirania da união o alienava de sua liberdade.³²⁹ Podemos observar aqui um fenômeno recorrente durante aquele período: se para a Liga, o governo radical ou o Partido Socialista, os agitadores sociais eram os anarquistas arraigados na FORA comunista ou nas uniões autônomas, para a A.N.T., a FOM era tanto o mais perigosa, por suas pretensões de domínio do processo laboral e pelo perigo, realmente existente, de que essa prática se estendesse a outras categorias ou atividades.

A greve e o boicote que, entre fevereiro de 1920 e março do ano seguinte, foram lançados pela FOM contra a Mihanovich, constituíram as ações mais prolongadas registradas nos anais do movimento operário. Seu início se devia à solidariedade dos marítimos da Mihanovich com os trabalhadores de Construções Navais de San Fernando, naquele momento afiliados a uma união autônoma. Existiam também alguns reclamos, bastante pontuais como,

³²⁸ BDNT. Nº 44, Janeiro de 1920: "Un Caso Judicial de Closed Shop". Havia mais casos jurídicos e, curiosamente, eles implicam a operárias. No caso da empresa láctea "La Martona", eram 3 mulheres jovens as protagonistas principais condenadas a um e dois anos de prisão, *por induzir, com insultos, a um trabalhador a entrar em greve*. É condenada aqui a violência moral (insultos) e não a agressão física. Os gerentes quiseram estender o alcance destas condenas a todos os casos onde os operários praticassem qualquer poder de coerção.

³²⁹ Ver, por exemplo, na mesma publicação de 1920, mencionada acima, "Apreciación de la Asociación Nacional del Trabajo", em que seu presidente, Pedro Christophersen, e seu secretário, Atilio Dell' Oro Maini, expressaram essas idéias que pretendiam proteger o trabalhador da tirania dos sindicatos. A Associação afirmava também que no Porto de Buenos Aires existia um Soviete. Como acontecerá em períodos posteriores, a condena ideológica, preenchia a função de deter o avanço da autonomia operária.

por exemplo, o restabelecimento da tripulação do "Uruguai II" e o pagamento de salário aos demitidos de homens do "Guatemala".³³⁰

O boicote, lançado o dia 12 de fevereiro, teve um efeito devastador nas atividades portuárias. 2.500 marinheiros ancoraram seus navios na Boca do Riachuelo, de tal modo que impossibilitava toda a navegação do porto, deixando uma parte dos 243 navios sem descarregar. Por outro lado, o gerente do Mihanovich, Luis A. Dodero, em carta enviada ao Administrador do Porto, apontou como responsável dessa ação o governo radical, já que, por ter promulgado a oficialização, era de sua incumbência forçar as tripulações a entregar as cargas de acordo com seus inventários.

No seu prolongado transcurso, a greve conheceu muitas mudanças entre as quais já relacionamos a venda de uma parte da frota para uma companhia uruguaia e a tragicômica pantomima da oficialização paraguaia. Na medida em que a companhia esboçava estratégias novas, a FOM respondia com movimentos adequados de forma tal que, embora alguns acordos surgissem com respeito às demandas iniciais, novas exigências emergiram como respostas às iniciativas empresariais. Deste modo, em novembro de 1920, as demandas da FOM já se pareciam pouco com as exigências iniciais do começo do ano. Vejamos às novas exigências: a mobilização da frota inteira e a normalização de todos os serviços com trabalhadores federados, exclusivamente; o fechamento do estaleiro de San Fernando e sua reabertura com federados; a diminuição dos passageiros em algumas linhas; o aumento de salário e a proscricão de um número de supervisores considerados indesejáveis. O ponto mais escandaloso para os armadores foi aquela exigência de que o governo argentino tentasse diretamente com seus pares do Paraguai e do Uruguai substituir as tripulações não federadas. Apesar da ação de pirataria explícita dos paraguaios e dos protestos nacionalistas dos uruguaios não federados, a Companhia teve que morder o pó amargo da derrota e ceder em quase todos estes pontos e, finalmente, em março de 1921 tudo parecia ter se normalizado.³³¹

Em geral, em uma negociação, ambas partes fazem uma série de concessões para construir um território aceitável para os dois, mas, nesse caso, a única concessão que fez a FOM foi permitir aos trabalhadores novos serem admitidos na Federação, depois de uma demissão prévia e sempre respeitando a ordem de antigüidade.³³²

A saída da greve e do boicote resultou num triunfo neto do novo modelo sindical e poucos elementos faziam prever que, de fato, era uma vitória de Pirro e que a FOM estava indo em direção a uma derrota significativa, resultado dos eventos de finais de maio e princípios de junho de 1921. Essa nova greve geral estava marcada por três circunstâncias que afinal foram decisivas para seu resultado final: a recessão econômica por uma nova crise mundial, a mudança de atitude por parte dos líderes do Centro de Navegação Transatlântica e os câmbios

³³⁰ Para a Pauta, que chamaremos "Inicial" que a FOM apresentou à Companhia Argentina de Navegação, ver, *The Review of the River Plate*. 30. 1. 1920; para a proclamação do boicote, Idem. 13. 2. 1920.

³³¹ A nova Pauta da FOM, está em, *The Review of the River Plate*, 5.11.1920; o protesto dos funcionários uruguaios na mesma publicação, 15.2.1921. Os capitães, pilotos e mecânicos não federados dos navios uruguaios protestaram por sua federação compulsiva, decidida por uma *união estrangeira*.

³³² Para um tratamento excelente desta greve, ver os artigos mencionados de Joel Horowitz e Jeremy Adelman. Ambos partem de um território historiográfico esboçado por David Rock, mas conseguem ultrapassá-lo em muitos aspectos, chegando a conclusões substancialmente diferentes. Como já comentamos, estes artigos possuem um caráter mais político que social, mas, enquanto que Rock analisou, em primeiro lugar, a relação entre os radicais e sindicalistas, estes trabalhos mais recentes se lembram também da perspectiva dos trabalhadores.

operados no seio das federações marítimas e portuárias. A recessão econômica afetava, em primeiro lugar, o setor exportador de carnes, lã e tanino. Em segundo lugar, e em virtude também da crise mencionada, o grande *lobby* econômico, liderado pelos dirigentes das empresas ferroviárias, das casas exportadoras de cereais e dos frigoríficos e, muito especialmente, do Centro de Navegação de Ultramar, associados todos na poderosa A.N.T., apertou fortemente ao governo de Yrigoyen de forma que esse mudou radicalmente sua política de relações trabalhistas. A crise de exportação de alguns produtos básicos, por causa de uma menor dependência européia desses produtos, levou à Associação do Trabalho a empreender um forte ataque contra todo tipo de *closed shop* e outras formas de domínio operário nas atividades econômicas, fosse no cais, a bordo dos navios ou em qualquer outra área. Deste modo quando, em maio de 1921, surgiu um de tantos conflitos entre os portuários -desta vez de estivadores e condutores de carros federados contra uma federação autônoma de condutores de carros- e o governo, por sua parte, pretendia estabelecer a paz social no cais, oficializando todos os estivadores e condutores de carros, isso levou a A.N.T. a reagir violentamente.³³³

A 20 de maio o governo emitiu um Decreto semi-oficial -o documento não levava a assinatura presidencial correspondente- ordenando a continuidade das atividades, ao que os gerentes responderam com um comício levado a cabo na Bolsa de Cereais, três dias depois. Esta reunião que congregou uma multidão de 3 a 4000 pessoas delegou uma Comissão de 8 notáveis para ter uma entrevista direta com o Presidente e o Ministro de Fazenda, para exigir a plena implantação do trabalho livre no Porto. Politicamente, havia sido gerado um clima social semelhante ao de abril e maio de 1919 com os gerentes que ameaçavam com um *lockout* geral - por exemplo, os transatlânticos evitariam a partir de então o porto de Buenos Aires. De seu lado, o General Uriburu e outros representantes das instituições do *establishment* pressionaram o governo e os *niños bien* da Liga Patriótica. Exarcebados uma vez mais em vésperas de uma efemêride pátria, empreenderam uma *razzia* heróica contra o local da União de Motoristas. O governo então -e novamente à semelhança de abril de 1919- cedeu à pressão da opinião conservadora, no dia 23 de maio, dando sua conformidade à demanda empresarial da entrada do trabalhador livre ao porto. De acordo com Horowitz, a FOM -que estava às voltas com alguns problemas internos- reagiu declarando, junto com a FORA anarquista, uma greve geral, no dia 31 de maio, enquanto entravam ao porto os fura-greves protegidos pelas forças do governo e os paramilitares da Liga Patriótica que ousaram pisar, pela primeira vez, uma área que -a igual que os bairros Boca e Barracas- lhes fora proibido.

Quanto aos portuários e marítimos, sua situação anterior aos eventos interpretados parecia mais consolidada que nunca e dava lugar a um clima de otimismo geral para todos os partidários de um movimento operário autônomo. Por primeira vez, as três federações de estivadores tinham se unido em uma Comissão de Relações Públicas e, embora os Condutores de Carros continuassem divididos em 2 federações, não era impossível sua união e sua

³³³ Para ver os eventos detalhados de maio e junho, resultam muito úteis as crônicas semanais do *The Review of the River Plate* do 6 de maio até o 10 de junho. Detalhes diários estão em *La Nación*, sempre preocupada com os assuntos que afetaram ao setor externo da economia. Para uma visão não empresarial, ver, *La Organización Obrera* (sind.) dos dias 21, 24 e 28 de maio e 4, 11 e 18 de junho. Além das versões e interpretações de Rock, *op. cit.* p. 213 a 218; Adelman, *art. cit.* p. 93 a 99, Mac Gee-Deutsh, *op. cit.*, p. 117 a 121 e o artigo mencionado de Horowitz, especificamente dedicado àquela greve general de 1921.

integração aos portuários em uma grande federação e, mais ainda, naquele momento quando o governo expressava sua intenção de oficializar a todos os portuários.³³⁴

Consideramos que um dos fatores daquela coexistência harmoniosa e efêmera entre os marítimos e os portuários e entre os portuários entre si foram, exatamente, os anarco-bolcheviques que estavam bem representados nas uniões quintistas e autônomas, em Construções Navais, Caldeiros, Pintores, Calafateiros e Raspadores. Durante aquele tempo, os líderes sindicais anarco-bolcheviques estavam em um território intermédio entre as duas FORA. Não é de estranhar então que na grande reunião celebrada entre as duas centrais sindicais e as uniões autônomas, no dia 29 de maio para decidir sobre a greve geral, estavam presentes Sebastián Ferrer, Antônio A. Gonçalves, Alejandro Silvetti, Félix Godoy, e outros 180 líderes anarquistas, sindicalistas, socialistas, internacionalistas, e autônomos; encontrava-se presente a totalidade do Comitê da FORA anarquista e quase todos os líderes sindicalistas. A variedade de tendências que estavam reunidas fortalecia o otimismo e um dirigente marítimo escreveu no dia 4 de junho -quando todas as lideranças estavam na prisão: *Os fatos, com sua eloquência, se encarregaram de precipitar aquela aproximação entre "quintistas" e "camaleões"*. Frase semelhante, na boca de um sindicalista simpatizante da Revolução Russa, nos induz a pensar que os portuários, com o estabelecimento da Comissão de Relações que unia às três federações, era fruto da *Entente* aprovada pelos anarquistas sob a direção dos anarco-bolcheviques e pelos sindicalistas dispostos à união de todas as tendências obreiristas.³³⁵

Consideramos que a derrota de 1921 não só foi impactante por aquilo que destruiu -em primeiro lugar a relação entre o governo e os marítimos- mas também pelo que impediu que fosse desenvolvido: a probabilidade de uma unidade de trabalhadores do porto, em torno a eixos programáticos autônomos do proletariado. A deterioração drástica das relações entre os radicais e sindicalistas permitiu que contingentes grandes de trabalhadores não federados se introduzissem nas docas e nos navios para pôr um fim ao poder da Confederação e fazer voltar os estivadores, condutores de carros e outras categorias a suas velhas divisões, onde o mais importante era a proteção sectária das diferentes áreas de trabalho.

Os autores que mencionamos concordam num ponto: os eventos de meados de 1921 significaram uma mudança de direção no movimento operário da região. Ora, já em níveis mais específicos, as interpretações variam bastante por autor e por época. Rock -para quem, depois de janeiro de 1919 a FOM era, praticamente, o único interlocutor do governo e que, depois de 1919, passou com demasiada pressa sobre os eventos sindicais- comenta o fato de que, em 1921, o governo radical pela primeira vez meteu na prisão a todos os líderes operários, deixando de lado a distinção entre anarquistas -maximalistas e agitadores- e sindicalistas -a parte saudável do movimento operário, interlocutor e possível base eleitoral. Para o historiador inglês -cujo trabalho continua sendo uma referência obrigatória- se em 1919 prevalecesse o

³³⁴ De fato reinou aos começos da greve de 1921 um clima de confiança e otimismo, porque os operários acreditavam que estavam em vésperas da unidade de todas as uniões do porto; deste modo, Fortunato Marinelli falava de *a unidade na prática* que tinha sido alcançada no cais. Ver, *La Organización Obrera* (sind.), 4 de junho de 1921.

³³⁵ *Ibidem*: "La Unidad de hecho".

medo ao terror vermelho, e por isso era necessário combater ao maximalismo, dois anos depois o inimigo principal a vencer era aquela parte do proletariado que exigia aumentos de salário.³³⁶

Adelman -as vezes prisioneiro da crônica de Marotta quanto aos fatos, embora não à sua interpretação- aumenta, substancialmente, o horizonte interpretativo de Rock. Considera as dificuldades internas entre os portuários, a coesão dos armadores ao redor do Centro de Navegação Transatlântica e o abandono do Estado radical dos trabalhadores, como as causas imediatas da derrota operária. O abandono, por parte de Yrigoyen, da causa dos trabalhadores, seria devido à proximidade das eleições, ao término da estação da exportação da colheita 1920/21 e à acefalia do Departamento Nacional do Trabalho. Talvez o historiador canadense infunda à política radical uma premeditação ou racionalidade que, do nosso ver, nem sempre é evidente. Até o dia 23 de maio de 1921, poucos elementos faziam prever a capitulação do governo na frente da demanda do trabalho livre, por parte dos empresários já porque o governo estava tentando estender sua política da loja fechada a outras categorias de trabalhadores.

A contribuição historiográfica de Adelman, acreditamos encontra-se em dois terrenos diferenciados: mostrar, como já comentamos, que nesse processo social e para os trabalhadores, não se tratava, em primeiro lugar de uma questão salarial ou de melhoras sectoriais, mas, acima de tudo, de uma reformulação das relações operárias ao nível político, social e econômico. A outra contribuição do canadense está em seu ataque à historiografia tradicional, saturada pelo que ele chama *objetivismo legal*, o que se mostraria, por exemplo, em uma visão conspiratória do Estado e de suas relações com o mundo do trabalho. Este objetivismo legal acharia o eixo explicativo na fraqueza da classe trabalhadora, na estrutura autoritária do Estado e na situação de miséria da própria classe trabalhadora. Como consequência dessa situação, as classes trabalhadoras da América Latina em geral, estariam, de maneira crônica, sem respostas entre o falso dilema dos estados populistas e autoritários. Essa historiografia, pelo menos de acordo com o profeta Jeremias, encontra-se incapacitada para invocar os poderes feiticeiros praticados pela democracia representativa ou de usar teorias de aburguesamento que obstaculizaram, de fato, uma estratégia operária autônoma por parte dos sindicalistas. Ora, esta consideração -talvez excelente para o período mais recente- é de difícil aplicação à época analisada que transcorre entre 1910 e 1921 e, menos ainda, ao resultado da greve de 1921.³³⁷ Quanto à conclusão final de seu trabalho, a achamos bastante pobre. Insiste em que o domínio da Lei e da Democracia não têm que ser considerados como epifenômenos na formação da classe operária. Conclusão brilhante -ou thompsoniana se se quer- mas só aceitável na sua generalidade é de aplicação mais que duvidosa aos eventos históricos que contêm o período por ele interpretado. Em maio de 1921, foram a Lei e a Democracia, encarnadas em um historicidade específica, os instrumentos elegidos para eliminar um espaço autônomo do poder operário, tanto no porto de Buenos Aires, como no Chaco e na Patagônia.

³³⁶ Ver, D. Rock. *op. cit.* p. 218.

³³⁷ J. Adelman, *art. cit.*, p. 99 a 100. Se estas considerações são muito apropriadas para a historiografia do movimento operário latino-americano dificilmente podem ser aplicadas à interpretação da greve de 1921. Não compartilhamos da idéia de que a aliança entre radicais e sindicalistas fosse caracterizada pelo aburguesamento da classe operária ou da categoria dos marítimos. É certo que o desempenho pessoal de alguns secretários rentados como Pedro Alegria, em La Forestal, Senra Pacheco, em Mendoza e, sobretudo, o triste papel de Santiago Lazzaro e Enrique Villacampa nas greves da Patagônia, são indicativos parciais de conformismo e até de corrupção sindical. Mas a luta pelo poder operário, por parte dos sindicalistas, aponta em outra direção.

Por último, o profeta Joel. (Por que será que Rock tem nome real e Adelman e Horowitz não passam de simples profetas?). Horowitz centraliza a ação de 1921 na estratégia empresarial de recuperar o controle do porto -com uma intervenção do governo bastante relutante- e na estratégia dos trabalhadores de reter e aumentar esse controle. O Estado, por sua parte, atuou como o fiel da balança que manobra entre as partes enfrentadas para salvar sua política operária começada em 1916. Finalmente, o Estado empurrado pela recessão econômica, sua dependência do setor externo e sua falta de uma frota mercante, terminou apostando pelo setor empresarial, porém sem deixar de lado, completamente, sua relação com o movimento operário, nem mesmo em épocas de Marcelo T. de Alvear.

Horowitz enfatiza a mudança global operada na política radical para com os grêmios, mudança acontecida a meados de 1921 não como consequência da Semana de Janeiro e insiste em que não deve ser esquecido a influência do movimento operário ao nível internacional, que como a crise econômica, influenciou poderosamente no refluxo da combatividade dos trabalhadores. O fracasso das tentativas revolucionárias na Alemanha, Hungria ou Itália e a mais recente estabilização do movimento operário em quase todos os países europeus constituem, todas elas, variáveis importantes a ser lembradas quando se quer analisar um processo social localizado.³³⁸

Queremos concluir esse tópico com a consideração de que a ingerência dos trabalhadores no recrutamento da força de trabalho e em uma série de condições de trabalho, não era delimitada aos marítimos, mas que a encontramos em muitas ocasiões, tanto em forma de demandas nas Pautas de Reivindicações, como nas experiências práticas, resultados da capacidade dos trabalhadores de obter ou impor suas demandas. Para só mostrar alguns exemplos, esses se encontravam tanto nos setores modernos da produção, como nos espaços da chácara, entre os motoristas urbanos como entre os pedreiros de Tandil ou Montevideu. Também achamos numerosos exemplos nas atividades do Interior, como nas tanineiras do Chaco, nos engenhos de Tucumán, nas adegas de Mendoza, entre o proletariado rural da Patagônia e ainda entre os chacareros agrícolas quando lutavam pela autonomia no recrutamento de serviços e da venda dos seus produtos. Os objetivos de todas essas lutas -as quais não começaram nem em 1916 nem em 1919, mas sim alcançaram, entre 1919 e 1921 seu ponto mais alto- poderiam variar e ir da estratégia da mudança gradual da sociedade capitalista, pelo avanço do espaço operário e, desse modo, a luta, freqüentemente, apresentava características utópicas, até a luta cotidiana para melhorar o nível de vida, sem perspectivas grandes de mudanças estruturais. Amostras dessas presenças múltiplas, dessas aspirações variadas, podem ser encontradas em todas partes. Por exemplo, um autor nos refere os detalhes de uma greve nos galpões de La Pampa, em uma data incerta:

Aquela era a greve que vi no galpão. que foi violenta; aos golondrinas não os deixavam trabalhar. Os tipos se paravam, não com uma pá na mão, mas com uma faca, e ninguém trabalhava. E, deste modo, ganhavam tudo aquilo que pediam. A

³³⁸ Ver, J. Horowitz, *art. cit.* p. 76 a 79. Em confirmação à declaração que os radicais não deixaram a questão trabalhista liberada a si mesma, Horowitz menciona o exemplo de que o presidente Alvear apoiou substancialmente o sindicalismo ferroviário na década dos 20.

*policia nao entrava. O que fariam dois "botões" da delegacia, com os anarcos que estavam todos armados.*³³⁹

Quando, naquela época, os chacareiros lutavam não só pela porcentagem da colheita ou pelo preço do arrendamento, mas também -como, por exemplo, no caso dos colonos de Guatraché- contra a obrigação de comprar e vender em certos estabelecimentos, também estavam imersos naquela luta pelo domínio do processo de trabalho e de seus frutos. Outro exemplo pontual pode ser encontrado na Pauta Federação Agrária de Resistência, seção O'Brien, no qual se exigia o aumento da superfície da terra para uso próprio (*ensenada*) o uso dos restos, a prorrogação dos contratos e a compensação às melhorias introduzidas.³⁴⁰

Que a idéia da loja fechada não tivesse sido uma invenção de Yrigoyen em 1919, também é demonstrado pelos pedreiros de Tandil e Balcarce, que, quando um empresário da pedra abria uma canteira, exigiam que fossem contratados os especialistas inscritos em registros sindicais, em ordem rigorosa de antiguidade. Como era uma categoria que se movimentava bastante entre as cidades onde existia a indústria da pedra, tinham fundado uma Confederação Sulamericana de Pedreiros, que compreendeu localidades como Montevideo, Piriápolis, Salto, Paso del Molino e Maldonado, no Uruguai; a Chacarita, La Plata, Sierra Chica, Villa Quilino, Rosario, Villa Dolores, Cerro Sotuyo, Balcarce, Avellaneda, Mar del Plata e Tandil, na Argentina; e Rio de Janeiro, Riberão Pires e Porto Alegre, no Brasil.³⁴¹

Em ocasiões, os pedreiros iam muito além da loja fechada e nos encontramos, deste modo, na região de Tandil, com duas comunidades anarquistas, a "Comuna", do Desvío Aguirre e a "Aurora", onde o trabalho estava socializado, a propriedade privada abolida e tudo era debatido em assembléia.³⁴²

Sindicalistas e anarquistas tinham divulgado essas idéias subversivas no interior fluvial e patagônico e é, exatamente, o proletariado *criollo* do Norte e o chileno do Sul, o que com maior força se levantou contra a exploração capitalista. As ações no Norte de Santa Fé, em Las Palmas e Santa Cruz, não respondiam ao padrão disciplinado da FOM; os trabalhadores que se rebelaram em Vila Guillermina, Villa Ana e Tartagal se defenderam, com suas armas na mão, contra as forças da ordem; os trabalhadores de Las Palmas tiveram que confrontar seus colegas indígenas, armados pelos empregadores e as grandes marchas dos peões chilenos pelas estepes patagônicas -acompanhados por algum anarquista estrangeiro- com seqüestro de tropas de cavalos e reféns, muito se assemelhava à criação de um espaço utópico e à inserção de um território livre, em uma época e uma região dominadas pelo capitalismo selvagem. Que a

³³⁹ Testemunho de Carlos Torres para Andrés Romero. Em: *Un Siglo de Luchas. Historia del Movimiento Obrero*. Bs.As., Ed. Antídoto, 1988, p. 40

³⁴⁰ Ver, por exemplo, as cláusulas exigidas por 300 colonos da seção de Guatraché da Liga Agrária (não afiliada à Federação Agrária Argentina), em outono de 1919: *La Época*. 1.4.1919: "Los Colonos de La Pampa". Para O'Brien, ver *La Vanguardia* 7.5.1919: "Federación Agraria de Resistencia, sección O'Brien. Petición de 10 puntos".

³⁴¹ Ver, *El Picapedrero. Órgano de la Federación Sudamericana*. Montevideo. Abril de 1920. Nesta publicação, e também em *La Organización Obrera*, sindicalista, faziam-se chamadas através de listas, no momento em que se abria uma canteira. Desta forma poderia-se falar de uma antiguidade operária de ordem internacional.

³⁴² Ver, a coleção, incompleta, de *La Verdad. Órgano de la Agrupación Aurora Libertaria de Tandil*, no ISG de Amsterdã e no AEL de Campinas. Assim um grupo de afinidade de Buenos Aires, também chamada Aurora Libertaria, publicava a última utopia de Quiroule, e nas colinas de La Aurora, a 400 quilômetros da Capital, essas idéias se punham em prática.

maioria dessas ações e lutas acabassem em derrotas e que ninguém ressuscitasse os mortos, são questões que conhecemos agora; os protagonistas daquela época lutaram nas suas próprias condições, por objetivos variados que consideravam justos.

CAPÍTULO V. A REVOLUÇÃO RUSSA DIVIDE O MOVIMENTO OPERÁRIO, 1921-1924

5.1 A SEPARAÇÃO DOS ANARCO-BOLCHEVIQUES DA FORAC; O "AFFAIRE INTERNACIONAL" E A DELEGAÇÃO PARA MOSCOU, 1920-1921

*Foi em 1920 que os bolcheviques se comprometeram com o que, retrospectivamente, parece um grande erro: a divisão permanente do movimento trabalhista internacional. Fizeram isso estruturando seu novo movimento internacional comunista com base no modelo do partido de vanguarda de uma elite de revolucionários profissionais.*³⁴³

Durante o ano de 1921, ao mesmo tempo que os anarco-bolcheviques da FORAC trabalhavam arduamente para construir a unidade gremial, estava-se gerando, no seio da central anarquista, sua separação da mesma por parte desses libertários que estavam voltando, lentamente, a uma ortodoxia nova, em oposição às práticas da ditadura do proletariado e da manutenção da estrutura estatal na República dos Soviets.

A separação dos líderes anarco-bolcheviques da FORAC foi levada a cabo em um processo que transcorreu entre maio e agosto de 1921 e as razões aduzidas pela direção nova - e para a história oficial do anarquismo- foram a delegação de Tom Barker para representar os foristas no Congresso preparatório da fundação da Internacional Sindical Vermelha (I.S.V.) realizada em Moscou ao final de 1920; os contatos secretos de um grupo de anarco-bolcheviques argentinos e uruguaios com um agente secreto russo que passou por Montevidéu e Buenos Aires entre janeiro e fevereiro de 1921 e, por último, a suposta delegação de Jesús M. Suárez e N. Glinsky ao Congresso fundador da Internacional Sindical Vermelha, em maio desse ano.³⁴⁴

A história da chegada dos primeiros delegados de Moscou à América Latina encontra-se envolvida em uma aura de mistério e fantasia. Não nos deveríamos esquecer que até 1923, aproximadamente a Revolução Russa foi vista pelos bolcheviques e seus simpatizantes de tendências diferentes, como o começo de uma Revolução Universal e que o Sol Vermelho que havia se levantado no Leste, não fazia mais que anunciar o nascimento do socialismo na Alemanha, Inglaterra, França, os Estados Unidos e outros países do Ocidente industrializado. Como afirma Hobsbawm em um trabalho recente, a sociedade esperou um sinal e, a partir de outubro de 1917, parecia óbvio que o mundo velho estava condenado e a humanidade estava

³⁴³ Eric Hobsbawm. *Era dos Extremos. O Breve Século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 75

³⁴⁴ Não há dúvidas de que a razão principal da separação fosse a questão da ditadura do proletariado e da perseguição dos anarquistas na Rússia, sobre a qual iam-se filtrando lentamente notícias e detalhes. A acusação superficial de que Ferrer, Gonçalves e Vidal Mata teriam agido por conta própria, às costas do Conselho Federal da FORAC, não se sustenta na documentação da época.

esperando uma alternativa.³⁴⁵ Não é de estranhar, então, que a chegada ao Rio de la Plata de um emissário direto da Revolução Mundial, apelasse fortemente ao imaginário de revolucionários e burgueses.

Já no verão boreal de 1919 tinha aparecido na redação do jornal socialista *El Herald*, da cidade de México, um cavalheiro de fala inglesa que dizia se chamar Brantwein e que procurava o secretário do Partido Socialista. Deixou dito em uma mensagem: *Por favor, não se preocupem. Sou um amigo ... e venho da Rússia. O mais cedo possível, avisem-lhe. Volto amanhã a esta mesma hora.*³⁴⁶ A visita russa revelou logo seu nome verdadeiro: Mikhael Borodin, ex-residente nos Estados Unidos e um funcionário do Comisariado de Relações Externas de Moscou. A visita de Borodin teve por objetivo tatear a atmosfera de América Latina com respeito à fundação dos partidos comunistas regionais sob o domínio da III Internacional, recentemente fundada. É de notar que Borodin no México se dirigiu para os socialistas locais e para o secretário do Partido Socialista, o hindú Manabendra N Roy. Em novembro de 1919, consegue que esta instituição mudasse seu nome para o de Partido Comunista de México, o primeiro da América Latina com tal denominação. Outro sucesso diplomático de Borodin consistiu nos contatos diretos que estabeleceu com o presidente mexicano Venustiano Carranza, a quem assegurou que o novo regime russo simpatizava com a Revolução Mexicana, com a luta dos povos latino-americanos e que estava contra o imperialismo e colaboraria nas ações anti-imperialistas.³⁴⁷

Durante aquele tempo, a imprensa de Buenos Aires foi alertada contra a presença de um perigoso maximalista russo, a quem as autoridades argentinas não deixavam desembarcar. Respondia ao nome improvável -mesmo para um agente secreto de uma novela detetivesca de quarta categoria- de Vladimiro Rolland von Chichkin e foi entrevistado e fotografado por dois repórteres de *Caras y Caretas*. Para o jornalista disse que era um nobre despojado das suas propriedades pela Revolução e que sua profissão era -algo estranho para um nobre- a de circence, com especialização em provas de força física. Consentiu em ser fotografado fazendo exercícios de barras na cobertura do navio e -embora a revista não quisesse defraudar seus leitores que esperavam que fosse um conspirador internacional ao serviço de Moscou- tudo fazia crer que sua profissão declarada era a verdadeira. De qualquer forma, Vladimiro - novamente é difícil imaginar um nome mais impróprio para um agente secreto russo- teve que continuar sua viagem para o Chile. Um fisicoculturista de linhagem duvidosa em procura de um lugar no mundo.³⁴⁸

Na historiografia especializada brasileira é conhecido o episódio do "Passo do Cometa de Manchester". Afonso Schmidt, em seu romance, *Bom Tempo*, relata que um emissário

³⁴⁵ E. o Hobsbawm. *op. cit.* p. 62. A idéia da Revolução Russa como detonador da Revolução proletária nos países industrializados já está nas obras do próprio Marx.

³⁴⁶ P. S. Pinheiro. *op. cit.* p. 23. Não só Brantwein era o pseudônimo de Mikhael Borodin, mas Borodin o era de Mikhael Marcovich Grusenberq que tinha sido enviado aos Estados Unidos com uma partida das jóias do Czar para financiar as despesas da sua missão diplomática. Como bom intelectual, conseguiu perder as jóias, mas, por intermédio de Manabendra N. Roy, finalmente elas foram recuperadas. De fato, a missão mexicana pareceria ocupar uma importância secundária, embora o prestígio da revolução asteca, seguramente influenciou a iniciativa daquela visita. Pinheiro insiste no fato de que, desde seu começo, a representação oficial do Comintern não era distinta do serviço das relações exteriores do governo soviético.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 24 e 25.

bolchevique anglófono tinha chegado ao Rio de Janeiro, em meados de 1921 e teria entrado em contato com Edgard Leuenroth, renomado diretor de *A Plebe*, de São Paulo, a quem lhe pediu que fundasse o Partido Comunista do Brasil. Leuenroth recusou-se aduzindo que era anarquista e não comunista, mas indicou o nome do, também jornalista e libertário, Astrojildo Pereira como a pessoa mais indicada para tal empresa. O emissário de Moscou seria um inglês chamado Ramison e, embora tivesse vindo de Londres, ficou famoso como o Cometa de Manchester. Deste modo, Astrojildo foi investido com a autoridade de Moscou para fundar a seção brasileira da III Internacional, o Partido Comunista do Brasil.³⁴⁹

Sobre fundamentos mais sólidos -os quais, por outro lado, comprovam a veracidade do relatado por Schmidt- o professor Pinheiro comenta o conteúdo do *Relatório Abramson* editado pelo adido do exército norte-americano em Berlim para o F.B.I. de Washington. Neste relatório ele comunica que um funcionário de Moscou, chamado Abramson, depois de passar por todos os portos da costa chilena, chegou a Lima a 10 de janeiro de 1921. O delegado cruzou o continente em direção a Buenos Aires e de lá teria passado para Montevidéu. No seu *Relatório* -interceptado alguns meses depois pelos serviços secretos americanos- Abramson comenta a situação social das repúblicas sul-americanas. Essa oferecia perspectivas encorajadoras para a instalação de seções regionais da III Internacional. Por exemplo, na Argentina, os italianos não se adaptariam a uma organização partidária, os espanhóis se movimentariam por seus desejos de uma vingança sangrenta contra seus exploradores, os russos trabalhariam na agricultura, longe do mundo civilizado e os ingleses estariam dedicados ao roubo, à vadiagem e a outros negócios ilícitos. De acordo com Abramson, a falta de consciência no proletariado levava à imitação inconsciente e desesperada dos eventos europeus e se expressava por revoltas caóticas que assumiam a forma de banditismo simples alheio aos os interesses de classe. O delegado propôs que seria importante enviar para a Europa um número considerável de líderes operários para a formação de quadros revolucionários que implicaria uma certa despesa em dinheiro, pois às organizações operárias locais faltavam os meios econômicos para financiar tais despesas.³⁵⁰

O *Relatório Abramson* não menciona os contatos que teve na América do Sul o delegado soviético, de tal modo que não sabemos se na Argentina ou no Uruguai se entrevistou com socialistas, internacionalistas ou anarquistas simpatizantes da Rússia. Ora, se se mostrasse que Abramson era a mesma pessoa que Ramison -como termina argüindo Paulo Sérgio Pinheiro- e Ramison procurou, em primeira instância, a Leuenroth, tudo faz supor que este, no Rio de la Plata, procuraria também estabelecer contactos com o movimento anarquista. Que Ramison -que estava no Rio de Janeiro a meados de 1921- e Abramson -que chegou a Buenos Aires e Montevidéu desde Lima- são realmente nomes que se referem à mesma pessoa, isto revela um terceiro desdobramento desse personagem misterioso.

³⁴⁸ Ver, *Caras y Caretas*. 26. 4. 1919

³⁴⁹ Usamos a versão da história que nos oferece o livro já mencionado de P. S. Pinheiro, nas páginas 31 e 32; mas também está em Moniz Bandeira et alii. *op. cit.*, p. 273-4. A história de Afonso Schmidt está em, *Bom Tempo*. São Paulo, 1980. Schmidt era um anarquista que colaborou com Leuenroth na edição de *A Plebe*.

³⁵⁰ Ver, P. S. Pinheiro. *op. cit.* p. 29 a 32. O autor comenta que o *Relatório* ainda não revela os clichês típicos da III Internacional, depois do VI Congresso da Comintern, em 1928. Com respeito a sua análise do proletariado imigrante -não atribuía aos imigrantes uma vocação compulsiva para a militância e mostrava algumas características e clivagens interessantes que existiam entre os trabalhadores do Rio de la Plata. Quanto ao banditismo, é difícil não pensar nos eventos da Patagônia e do Chaco. O tom condenatório e a mesma

Se a expressão "Cometa de Manchester" é só conhecida na literatura especializada brasileira, era conhecida na imprensa anarquista do Rio de la Plata um episódio chamado o "Affaire Internacional". Trata-se da passagem por Montevideu e Buenos Aires de um certo senhor Watson Davis, afiliado ao Partido Comunista Inglês e que se hospedou em Montevideu na casa de Orestes Ristori e em Buenos Aires na de Julio R. Barcos. Em maio de 1922 a ortodoxia anarquista elaborou um extenso *Sumário* sobre este assunto e por isso possuímos bastantes detalhes do mesmo, embora todos eles tingidos pela intensa confrontação ideológica entre anarquistas e anarco-bolcheviques. O documento tem que ser interpretado de acordo com suas premissas, quer dizer, uma elaboração do protestismo posterior a agosto de 1921 que reconstrói um episódio de começos desse ano para legitimar a expulsão dos anarco-bolcheviques do movimento e libertário e forista. Com esta advertência, apresentaremos um resumo próximo daquilo que aconteceu, sempre de acordo com a versão mencionada.³⁵¹

Uma vez mais a vida anarquista de Buenos Aires está intimamente relacionada com a de Montevideu e o *Relatório* informa que em meados de 1920, partiram do Uruguai para a Rússia, Américo Tabárez, anarquista, e Pizzotano, madeireiro operário e que o primeiro tinha dado para o delegado moscovita o endereço de seu irmão Oscar para conectar-se com o ambiente revolucionário e sindical do Rio de la Plata. Watson Davis chegava de Moscou - depois de ter assistido ao II Congresso da III Internacional- com a seguinte missão secreta:

*Estudar o clima político e operário do Uruguai, Argentina e Chile para estender a propagação das suas Internacionais de Moscou para estes países e conseguir, adequadamente, a adesão das corporações operárias regionais a essas entidades.*³⁵²

Por razões de segurança, Ristori e Tabárez em Montevideu, tentaram proteger seu ilustre visitante do contato direto com um número grande de líderes anarquistas da FORU. Enquanto os anarquistas procuravam ser escolhidos como os interlocutores privilegiados do delegado bolchevique, este foi monopolizado por uma série de personagens históricos do anarquismo que, em 1921, estavam muito próximos ao batllismo. Entre eles estavam Orsini Bertani, Ángel Lostorto, Oscar Tabárez e Leopoldo Rodriguez. No Uruguai se produz, então, uma verdadeira batalha entre os anarquistas sindicalistas e batllistas pela exclusividade da relação com o bolchevique de carne e osso, cujo resultado terminou em um compromisso: no dia 21 de janeiro se encontram com o inglês -que se expressava corretamente em idioma espanhol- Orestes Ristori, Heriberto Staffa, Fernando Tognetti, Juan Negri, Oscar Tabárez, Orsini Bertani, Antônio Marzovillo e o chofer Insurralde. Naquela reunião Davis clarificou o objetivo de sua missão:

Procurar o modo de fazer uma propaganda ativa entre os trabalhadores americanos do Sul e chegar a uma inteligência estreita entre estes e os trabalhadores dos sindicatos russos, levar a cabo uma ação de grupo contra a

desqualificação que expressa a termo *bandido*, indicaria uma proximidade aos socialistas e internacionalistas, e não aos anarquistas e anarco-bolcheviques.

³⁵¹ *La Organización Obrera*. 1.5.1922: "Informe sobre el Affaire Internacional". A autoria do Relatório é anônima. Seguramente é um espanhol para o uso do *vosotros* e poder-ia ser Emilio López Arango ou Edelberto Gofii, ambos com protagonismo na expulsão de Gonçalves e Ferrer da FORAC e confrontados aos grupos de García Thomas e Ristori.

³⁵² Luis Guerrero em Carta do 18 de agosto de 1921 a Edelberto Gofii. Ver, *La Organización Obrera*, (anarq.) 1.5.1922.

burguesia internacional por meio de greves, boicotes, sabotagens e todos os meios ao alcance das massas, no caso de que os governos capitalistas procurassem afogar à força a República Russa dos Soviets.

Em continuação, Heriberto Staffa teria clarificado a Davis que entre os anarquistas e os russos, o único ponto de coincidência era a Revolução e, com isso, o inglês haveria concordado.³⁵³ Dez dias depois, foram para a casa de Ristori os operários Vicente Costa, Gino Fabri, Manuel Marreiro, Lerda Ginovale, dois motoristas um trabalhador calafateiro, mas o Relatório não deixa em claro se Watson Davis estava realmente presente na reunião. Os delegados da FORU concordaram em constituir um Comitê Revolucionário de natureza secreta. No dia seguinte, os delegados operários outra vez convergiram para a casa de Ristori para ter uma entrevista com Davis, mas o dono de casa se opôs à reunião e lhes negou reverlar o paradeiro dele. Por outro lado, alguns dias mais tarde, Watson Davis viajou para Buenos Aires. Tudo indica que a passagem por Montevideu de Davis teve êxito, pois tanto os delegados da FORU, como os militantes de outras correntes anarquistas se organizaram em um Comitê e, na imprensa de Orsini Bertani, imprimiram um folheto intitulado, *O Internacionalismo nas Lutas Operárias*, de Lozovsky, para o qual Davis lhe teria pago 800 pesos uruguaios. Para tudo isso, Barcos e seu amigo, o poeta Nemesio Canale de Puerto Rico, tinham viajado a Montevideu e, por intermédio de Ristori, se comunicaram com Davis, o que, mais tarde, ficou hospedado na casa do pedagogo santafesino.

Com respeito à opinião de que a Davis mereciam as forças revolucionárias e os socialistas argentinos, de acordo com Luis J. Guerrero, teria o manifestado os seguintes conceitos:

Que o Partido Comunista não tinha força nem valor algum e que, por outro lado, a direção revolucionária ficaria nas mãos de ex-anarquistas que agora estavam evoluindo para concepções marxistas; que o grande problema atual consistia na unificação das forças operárias, confiando sua orientação para esses homens de que antes falara; que, deste modo unificada, a organização operária entraria na Sindical Vermelha e, então, nas táticas aconselhadas por Moscou; que até que isto acontecesse não era conveniente tocar na questão política, dada a atual opinião desfavorável, que tinham sobre ela, as massas operárias. (...); que era preciso fundar um jornal que sustentasse os pontos da unificação proletária.

Deste modo, para Guerrero, as táticas de Moscou para alcançar seus objetivos consistiriam em ajudar e reconhecer aos que estivessem *equidistantes entre os comunistas meramente parlamentários e os revolucionários estritamente anarquistas*. Também, o uruguaio testemunhou por escrito que Barcos havia lhe comunicado que ele serviu de guia a Watson Davis em sua permanência em Buenos Aires e o pôs em contato com a central sindicalista FORA e a anarquista FORAC. Na central anarquista, contactou-se com Gonçalves,

³⁵³ Heriberto Staffa, posteriormente a janeiro de 1921, adotou posições claramente anti-bolcheviques e se tornou um dos testemunhas citados pelo Relatório. É por isso que acreditamos que, neste ponto e em outros, a história tem que ser interpretada com supremo cuidado e lida nas suas entrelinhas. Como foi argüido depois pelo grupo de García Thomas, se os anarquistas como Staffa e outros eram tão opostos à influência da Revolução Russa, por que tiveram tanto desespero para entrevistar-se com o delegado soviético? Mais tarde os ortodoxos aduzem que era para vigiar seus passos, mas a resposta mais simples consiste em que ainda naquele momento, a quase totalidade do anarquismo rioplatense continuava deslumbrada pela Revolução comprovada e que só algumas pessoas como

Ferrer, García Thomas e outros. Por último, Guerrero estava informado de que Davis não tinha vindo para distribuir dinheiro, mas fazer um estudo para elaborar um orçamento para financiar um programa completo de atividades revolucionárias.

Embora este Relatório realmente se sustente em uma base verdadeira, e, efetivamente se trata aqui do mesmo delegado, denominado Abramson pelos serviços secretos do Pentágono, é, sobretudo nas palavras que Guerrero coloca na boca de Davis, que começam a surgir grandes dúvidas sobre se essas idéias seriam, realmente, de Davis. Tudo se parece demais a uma "profecia do passado" e que se quer acusar os anarco-bolcheviques de terem começado a publicar o jornal *El Trabajo*, subsidiado por Moscou e ainda, que esses mesmos anarco-ditadores tivessem sido os escolhidos pela III Internacional para fazer da ponte de união entre o anarquismo e o sindicalismo, por uma parte, com o propósito de levar a cabo a coalizão das organizações operárias e aderí-las em massa para a uma Internacional Sindical Vermelha. Ao lado disto, em maio de 1922, essa acusação já não era uma novidade, porque tinha sido formulada -em frases quase idênticas, pelos protestistas desde fins de agosto de 1921:

*São os renegados do anarquismo e do sindicalismo revolucionário os únicos que podem levar a termo feliz os ditados de Moscou e deles se utilizam, em todos os países, os agentes políticos da III Internacional e da Sindical Vermelha.*³⁵⁴

Ora, se Ristori e seu grupo de Montevideu e Barcos com sua base em Buenos Aires, tiveram um contato estreito com Davis, eles nunca negaram isto e, por outro lado, todos os esforços dos grupos de Ristori, García Thomas e Barcos estavam centrados em atrair a atenção de Moscou sobre o fato de quem eram os verdadeiros revolucionários do Rio de la Plata. Estamos, assim, quase seguros de que se tratou de *uma profecia do passado*, na parte em que se sugere o caráter conspirativo que buscou enganar as bases para fazê-las acreditar que o movimento anarco-bolchevique era anti-político. Nem Moscou nunca escondeu sua intenção de criar partidos comunistas nacionais como seções políticas do grande partido da revolução, a III Internacional, nem os anarco-bolcheviques rioplatenses aceitaram jamais o nível da ação política, nem no futuro imediato, nem como objetivo secreto a ser implantado num futuro longínquo. Além disto, o próprio *Relatório* entra em contradição consigo mesmo, já que, em um determinado momento, se informa que Watson Davis haveria manifestado ter vindo para aderir os trabalhadores americanos a ambas internacionais, e não só à Internacional Sindical Vermelha.

Uma ausência que chama a atenção nesta documentação é sobre a falta absoluta de referências de possíveis contatos de Abramson/Ramison/Davis com os socialistas uruguaios ou

Leuenroth, Florentino de Carvalho, José Tato Lorenzo, González Pacheco, Teodoro Antillí ou de la Fuente se recusavam a colaborar com um emissário de Moscou que veio organizar e financiar a Revolução.

³⁵⁴ *La Protesta* 6.9.1921: "La Lucha por la Dirección del Proletariado. El Comunismo de los Ex-anarquistas". Neste artigo, também aparece a frase seguinte -quase idêntica à de Davis, de acordo a Guerrero: *Os elementos socialistas, que hoje se chamam comunistas, não têm bastante prestígio na massa operária, nem o espírito revolucionário que os destaca do grupo político eleitoralista. (...) É aos ex-anarquistas que evoluem para as concepções marxistas que a realização do vasto programa político de Moscou é encomendada.* Ver também os artigos de, *La Protesta* do 23 de Setembro de 1921: "Una Puente y Dos Orillas", onde pode-se ler entre outros conceitos: E para esses políticos, disfarçados de anarquistas, para os que a Sindical Vermelha recomendou a parte mais delicada de sua propaganda unificadora. Mais adiante sublinha ainda mais ainda caráter conspirativo: *Claro está que os apolíticos ainda não admitiram isto, determinados como estão em continuar simulando uma prescindência completa em matéria de partidos e tendências.*

com os internacionalistas argentinos e, mais ainda, se nos lembramos de que Borodin no México foi procurando, em primeiro lugar os socialistas e não os anarquistas. Davis há pouco tinha vindo do II Congresso do Comintern onde tinha concorrido, em representação dos internacionalistas, Rodolfo Ghioldi e é improvável que, antes de viajar a Latino-América, Davis não tivesse entrado em contato com o argentino para planejar sua relação com essa divisão do Partido Socialista com os terceiristas argentinos ou com os socialistas uruguaios que aderiram em massa à política da III Internacional. Até agora, não achamos evidências certas - aparte esse *Relatório*- de que Moscou tinha mostrado, em algum momento, preferência por esses anarquistas por cima das frações internacionalistas argentinas ou uruguaias. Nunca, em toda a década de 1920, a Rússia deu sinais para os anarco-bolcheviques no sentido de que estivesse interessada em trabalhar juntos, com preferência aos, geralmente, dóceis e disciplinados partidos comunistas e isso foi, exatamente, o drama principal de nossos protagonistas. Para Rússia viajaram anarquistas, sindicalistas e internacionalistas, mas só em 1929 -quando já ficava claro que o anarco-bolcheviquismo não acabaria lançando raízes profundas no Rio de La Plata- viajaria para lá o primeiro anarco-bolchevique, José Vidal Mata.

Em toda essa documentação -recolhida depois do passo do Cometa de Manchester pelo Rio de la Plata e publicada em um momento em que a divisão de águas já tinha acontecido no sindicalismo anarquista- existem duas graves tergiversações que saltam à vista. A primeira é o anacronismo consistente em demonstrar que só os que se consolidariam nas posições anarco-bolcheviques, depois de agosto de 1921, tiveram interesse na entrevista com o delegado internacional; e a segunda, na intenção clara de conceder um caráter altamente conspirativo ao plano esboçado por Davis e a ser executado por Gonçalves, Ferrer, Barcos, Ristori, Llorca, García Thomas e outros: esconder ao proletariado anti-apolítico os propósitos políticos que se ocultavam sob a adesão do movimento operário unificado à nova Internacional Sindical de Moscou. Os anarco-ditadores nunca pensaram na adesão à III Internacional política e, na prática, eles só propuseram a afiliação da FORAC e da USA à Sindical Vermelha, com a condição de continuar agindo com inteira autonomia com respeito à III Internacional política.

Os motivos pelos quais uma reunião de delegados da FORAC que, em 20 de agosto de 1921, desqualificou a Jesús M. Suárez, Sebastián Ferrer, Antônio A. Gonçalves, Julio R. Barcos, Alejandro Alba, Enrique García Thomas e Nemesio Canale, estavam fundamentados, em primeiro lugar, nos contatos que tiveram todos eles com Watson Davis. Barcos e Canale, que tinham ido vê-lo em Montevideu, e que o alojaram na sua casa; Gonçalves, Ferrer e Alba, que o colocaram em contato com as duas FORA e García Thomas, embora não deixasse pistas dos seus contatos com Davis, por ser considerado o protagonista principal atrás de todas as iniciativas do grupo. O único que não parece ter contactado o visitante inglês foi o professor Suárez, mas ele foi acusado de ter sido delegado à Internacional Sindical Vermelha, junto com um russo ferroviário rosarino, N. Glinsky.

Sobre o secretariado da FORAC que estava à frente da mesma desde fins de 1919 até maio de 1921, também pesou a acusação de ter delegado a Tom Barker ao Congresso Fundador da Sindical Vermelha. Este fato passou a formar parte de uma lista de iniquidades executadas pelos anarco-ditadores, próximo ao desempenho em *Bandera Roja*, na Greve das Bombas e o "Affaire Internacional", com Watson Davis. Tom Barker era um militante inglês da III

Internacional e do I.W.W. que tinha vivido durante um tempo na Argentina e Chile. De fato, recebeu uma delegação, com credencial incluída, da secretaria da FORAC, mas não existem evidências de que, nesse momento, os outros delegados do Conselho Federal tinham sido opostos a essa delegação, ou a ignorassem. Aliás, Barker foi delegado "a título informativo" e não tinha sido autorizado a aderir a FORAC à Sindical de Moscou, sem ser autorizado pelo Conselho ou algum Congresso a ser convocado. Também, de acordo ao clima reinante no Congresso Extraordinário de setembro/outubro de 1920, tudo leva à conclusão de que a grande maioria das bases anarquistas concordaram com aquela adesão a uma Internacional Sindical de características universais e revolucionárias. Naquele mesmo Congresso tinha sido acrescentada a palavra *comunista* ao nome da FORA como sinal daquela conformidade com os acontecimentos russos, se bem que a palavra comunista, pertencia à tradição anarquista rioplatense. O que não pertencia a essa tradição foi o aparecimento no carimbo da FORAC, de uma foice e um martelo.

Quando *La Organización Obrera* (anarquista) resolveu publicar os contatos ilícitos do grupo de García Thomas com o marxismo internacional, estes se preocuparam para esclarecer sua posição. Em momento algum negaram haver mantido contatos reais com Davis; mas, com respeito à delegação de Tom Barker, se sentiam na obrigação de publicar uma Carta do inglês para Sebastián Ferrer em *La Montaña* na qual, Barker relaciona os detalhes de sua missão em Moscou. Como essas micro-histórias são ignoradas na literatura argentina é que a passamos a referir alguns detalhes dela.

Em primeiro lugar, Barker não era o único delegado argentino naquele Congresso de Moscou. Também tinha viajado à nova capital russa Rodolfo Ghioldi em representação da minoria (sic) da FORA sindicalista. Por outro lado, Ferrer clarifica que, de fato, Ghioldi não representava a FORA, nem mesmo a sua minoria, mas só o Partido Comunista. Quanto à posição de Barker assumida naquele Congresso, na sua carta afirma que votou com a minoria sindicalista revolucionária da França, contra a incorporação da Internacional Sindical Vermelha à III Internacional política e que verificou com muita pena que a delegação da CNT espanhola tinha votado contra a moção dos camaradas franceses. Também clarifica que, junto com alguns camaradas franceses, organizações alemãs, holandesas, suecas e do I.W.W., tentaram persuadir os russos de não votar na moção que aprovasse que em todos os países os partidos comunistas controlassem e dirigissem os movimentos operários e sindicais. De fato, afirmava Tom Barker, foi a grande maioria dos votos das minorias comunistas o que fez triunfar aquela proposta dos russos. Menciona também que tinha chegado em Moscou a 7 de julho 1921 e que ninguém lhe telegrafou sobre o fato da demissão do secretariado de Gonçalves-Ferrer, ou que o novo Conselho rejeitasse sua representação. Por último, declara que sempre agiu em forma leal e coerente na sua militância na I.W.W., em Nova Zelândia, Austrália, Chile, Argentina, Inglaterra, Estados Unidos e outros lugares, defendendo a independência das uniões do controle político e que, em forma definitiva, pensava radicar-se na Rússia para trabalhar pela Revolução e que tinha-se casado com uma revolucionária bonita e que estava à frente de 6000 trabalhadores em uma mina de carvão em Sibéria.³⁵⁵

³⁵⁵ *La Montaña*. 7.7.1922: "Tom Barker, representante de la FORAC. Informe acerca de su actuación en ese Congreso". No mesmo jornal. ao dia seguinte, foram publicadas as saudações de Barker a García Thomas, Eva

Da mesma forma que o *Relatório* do "Affaire Internacional", especialmente no que se refere ao testemunho apresentado por Guerrero, suscita suspeitas sobre sua autenticidade, também a Carta de Barker a Ferrer possivelmente foi publicada em forma maquiada. Aliás, aparece a contradição de que Barker estivera planejando voltar à Rússia quando, ao mesmo tempo, já estava dirigindo uma mina de carvão em Sibéria. As especulações fazem possíveis todas as conjeturas, inclusive que Ferrer tenha sintetizado várias missivas do esforçado wobbly. Para nós, a maquiagem da Carta se revelaria sobretudo, na ênfase que põe Barker na autonomia da I.S.V. com referência à influência partidária e da III Internacional.

De fato, se Barker representou a FORAC em Moscou, em maio de 1921, alguns delegados foristas estavam investigando as pessoas que tinham tido contatos com Davis e souberam também, por uma denúncia chegada de Rosario, que Jesus María Suárez, editor do *El Comunista* de Rosario e um delegado das oficinas ferroviárias da mesma cidade santafesina, N. Glinsky, estavam embarcando no "Limburgia" que levantaria âncora para Amsterdã, no dia 26. Num cenário próprio de romance policial, Glinsky e Suárez foram vigiados de perto pelos companheiros de afinidade, mas souberam que Suárez desistiu da sua viagem por falta de meios econômicos. Restava Glinsky. Depois de árduas procuras pelo porto de Buenos Aires, foi achado finalmente por vários camaradas do Conselho. Submetido a um interrogatório, o russo negou que o secretariado anterior lhe tivesse dado credenciais da FORAC e que só levava uma credencial de *La Voz del Ferroviario*, publicação da qual era correspondente.³⁵⁶

Apesar do exposto, as razões da desqualificação de meia dúzia entre as figuras principais dos anarco-ditadores, não se reduzem aos contatos não desejados com Moscou. Em agosto de 1921, um grupo importante de anarquistas da FORAC e da FORU -entre os quais se salientavam López Arango e Edelberto Goñi, na Argentina e Heriberto Staffa e Domínguez, no Uruguai- começam a contrariar à tendência unionista que se estava fortalecendo entre anarquistas, autônomos e sindicalistas desde o ano anterior. Um dos fundamentos que estavam na base daquela rejeição da unidade era a convicção de que os que mais se estavam esforçando para criar uma central sindical única de trabalhadores eram os anarco-bolcheviques, e que seu intuito era levar a nova central para a esfera política de Moscou. Porém, nas genealogias repetidas da história sindical, os anarquistas insistem também no fracasso das ações empreendidas por ambas FORA até agosto de 1921 e, especialmente, a relutância dos sindicalistas em dar seu apoio efetivo à luta dos grevistas de *La Forestal* -em fevereiro de 1921- e a seu proceder ambíguo no conflito portuário, em mayo/junio de 1921. O fracasso daquela greve deu sustento aos anarquistas contrários à unidade para boicotar a futura coalizão da FORAC com os sindicalistas e autônomos. Sem lugar a dúvida, esse processo não era linear e deveria ser levado em conta a influência de outros fatores, como as notícias cada vez mais assustadoras sobre o que acontecia na República dos Soviéticos.

Vivé, Antônio A. Gonçalves, J. R. Barcos, Fernando Gonzalo e, especialmente, para seu amigo Vidal Mata. Também convida a Ferrer visitar a Rússia.

³⁵⁶ *La Organización Obrera* (anarq.) 1.5.1922: "Informe..."

5.2 A UNIÃO TÃO DESEJADA. A UNIÃO SINDICAL ARGENTINA, 1922-1930.

Afirmar que a única vanguarda revolucionária do proletariado é constituída pelos aguerridos sindicatos que integram a U.R.A. do T. (depois, USA) fazendo sua a tese: "Todo o poder para os sindicatos".³⁵⁷

Mais de um especialista em história social argentina chamou a atenção o giro para a esquerda do sindicalismo reunido em março de 1922 para criar a União Sindical Argentina, a USA, radicalismo que foi expressado, por exemplo, nos enunciados da sua Carta Orgânica. A maioria desse Congresso de União impôs seus objetivos revolucionários, a luta de classes, a rejeição total da atividade política no seio dos sindicatos e o "obreirismo" nas lutas sociais e na direção da sociedade futura.

O ano de 1922 não foi o primeiro em que os grupos de anarquistas passaram a reforçar o sindicalismo, já que a mesma coisa tinha acontecido em 1909, 1912 e, sobretudo, em 1915, sem que isto significasse, necessariamente, uma inflexão significativa nas linhas teóricas ou nas práticas do sindicalismo rioplatense. Mas se nas ocasiões anteriores foram os setores anarco-sindicalistas que se associaram aos sindicalistas abandonando o padrão forista anarco-comunista, em 1922 foram os anarco-bolcheviques da FORAC e das uniões autônomas, os que se aliaram aos sindicalistas sorelianos para tentar juntar os trabalhadores em uma central sindical de poder sem igual. Como procuraremos demonstrar, foram os anarco-bolcheviques, reunidos ao redor do seu jornal, os líderes desse projeto e os que puderam imprimir suas características anti-políticas e revolucionários na central sindical nova.

Ao contrário de outros tempos, não foram, desta vez, os líderes sindicais clássicos - que tinham se separado do Partido Socialista nos dias distantes de 1905- os que em 1920 e na primeira metade de 1921 recolocaram o tema da unidade proletária, mas os líderes de algumas uniões independentes e os participantes do Congresso Extraordinário, dos Congressos Provincianos de Santa Fé e de San Juan -todos eles afiliados à FORAC. Quanto à FORA chamada do IX Congresso, tinha se levado a cabo, certo em fins de dezembro de 1918, seu Décimo Congresso e no seu novo Conselho Federal continuaram predominando os líderes sindicalistas, sobre os socialistas, internacionalistas e os que *La Vanguardia* chamava de indefinidos. Naquele Congresso -como nos outros que aconteceram entre 1917 e 1921- foi debatida a posição a ser assumida pelo proletariado regional em face à realidade da Revolução Russa. Naquela ocasião, os assistentes ao Congresso terminaram seu trabalho expressando sua:

solidariedade mais ampla e adesão aos trabalhadores da Rússia e Alemanha pelos esforços heróicos que levam a cabo para realizar os desejos que constituem o nervo da atividade criativa do proletariado universal: liberdade de trabalho e suprimir a exploração odiosa do homem pelo homem, condição primordial para a instauração do regime de produtores livres e iguais.³⁵⁸

³⁵⁷ "Proyecto de Carta Orgánica de la USA", artigo 4. Ver, S. Marotta. *op. cit.* vol III, p. 83/84

³⁵⁸ Em, Martín Cassaretto. *op. cit.* p. 132

Os sindicalistas também exortaram os países aliados a não colaborar com o restabelecimento da ordem burguesa na Rússia operária e para não bloquear a revolução proletária alemã. Porém esse Congresso, levado a cabo uns dias antes da explosão social da Semana de Janeiro, não fez grandes esforços para procurar a unidade sindical e a FORA sindicalista enviou de fato, em 1919, dois delegados à Internacional Sindical de Amsterdã, e esses delegados afiliaram sua organização à central sindicalista dirigida pela social-democracia.

A dupla influência da Revolução Russa e do clima da época, por um lado, e das lutas para a recuperação do salário, pelo outro, não produziram, de uma forma automática, um movimento de convergência entre os setores diferentes do gremialismo. Por exemplo, de 1917 a outubro de 1920, a confrontação entre as duas FORAS continuou de forma permanente e repete, uma e outra vez, a tática anarquista de intervir nos conflitos dos trabalhadores organizados pelos novenários para tentar radicalizar esses movimentos e, se possível, separá-los de seu útero sindicalista. Por exemplo, isto aconteceu nas greves dos frigoríficos de Zárate, Campana, Avellaneda, e Berisso; em Las Palmas, La Forestal ou entre os Professores de Mendoza. Recém em agosto de 1920, podemos perceber um movimento para a unidade, quando a União Chauffeurs da Capital Federal -uma união anarquista mas, naquele momento na autonomia- se dirige aos sindicalistas, propondo uma coalizão. Porém, os antigos campeões da unificação, em uma primeira instância, não aceitaram a união com os grupos anarquistas.³⁵⁹

Os objetivos principais que procuravam os anarco-bolcheviques no seu Congresso Extraordinário da FORAC, realizado de setembro/outubro de 1920, consistiram em fomentar a criação das uniões industriais, quer dizer, centralizar a todas as uniões em uma organização única e deixando de lado a recomendação do comunismo anárquico e estando dispostos a reformar o Pacto Federal de 1904.³⁶⁰

O Congresso anarquista declara-se em favor da coalizão com as uniões autônomas e outras centrais operárias, mas só enquanto essa união fosse levada a cabo de acordo com os princípios da ação direta e os propósitos revolucionários. De fato, estes princípios pareciam excluir os sindicalistas, mas os partidários da união no Congresso acharam outros meios para atrair às outras organizações e propuseram a formação de uma *Entente*. Esta propunha a ação em comum ao redor das lutas concretas seguintes:

1. A liberação dos prisioneiros por questões sociais e políticas.
2. A revogação da Lei Social e de Residência.
3. Solidariedade internacional.
4. Liberdade ampla para a imprensa operária e revolucionária.
5. A organização da luta contra todo ataque que afetasse a organização geral dos trabalhadores por parte da patronal e do Estado.³⁶¹

³⁵⁹ *El Comunista*. 28.8.1920: "La Unificación Obrera. Su Rechazo por la FORAS de los Vividores". Este artigo é publicado no primeiro número desta publicação rosarina anarco-bolchevique. Mostra, também que os anarquistas partidários da Revolução Russa não só se encontravam na FORAC ou na FORA mas também nas uniões autônomas. Por outro lado, a passagem de algumas uniões portuárias de condutores de carros e de motoristas para a autonomia era constante. A atividade e a relevância das uniões autônomas, ainda não foram pesquisadas.

³⁶⁰ Ver, *El Comunista*. 18.9.1920: "Primer Congreso Extraordinario de la FORA Comunista. Programa de Trabajo". Este Programa de Trabalho reflete elementos do ideário anarco-bolchevique, o que não resulta estranho se consideramos que Gonçalves, Ferrer e Vidal Mata estavam, em dezembro de 1919, no Conselho da FORAC.

³⁶¹ Ver, *El Comunista*. 25.9.1920: "primer Congreso Extraordinario de la FORA Comunista".

No debate sobre a conveniência de criar uma *Entente* com as outras organizações operárias, participaram aproximadamente quarenta oradores entre federados e autônomos. Ao término do debate, foi rejeitada a coalizão com os sindicalistas mas foi aprovada a criação da *Entente* formada por anarquistas, autônomos e sindicalistas, não sem uma ameaça direta aos líderes sindicais, no sentido de que se esses rejeitassem essa proposta, *começaria uma luta a morte entre a FORA e a FORA comunista.*³⁶²

Aparentemente os dirigentes novenários se surpreenderam com aquela oferta inesperada de colaboração em assuntos de solidariedade operária e sua primeira reação foi de desconfiança, embora -sindicalistas ao fim- se mantivessem à espera da evolução dos acontecimentos. Aliás, nas suas fileiras havia alguns grêmios internacionalistas e sindicalistas revolucionários que mostraram sua inclinação para práticas mais radicalizadas que as normalmente aceitas pela cúpula dos dirigentes sindicalistas.³⁶³

Na ordem internacional os delegados da FORAC aprovaram a entrada para a futura Internacional Econômica Vermelha e o envio de um delegado para o Congresso de Moscou, sob as condições de que essa Internacional fosse, *comunista, anti-amarela, anti-estatal e anti-política.*³⁶⁴

Nos meses seguintes a esse Congresso começou-se a concretizar a união dos sindicatos do porto e a FORAC estabeleceu um Comitê de Relações com as seções ferroviárias argentinas de Central Argentino, Central Norte e Pacífico e, desde fins de 1919, funcionavam também as uniões *nacionais* da UTA e da FORP.³⁶⁵ Já em janeiro de 1921, nos encontramos com uma mudança qualitativa na atitude dos anarco-bolcheviques com respeito à unidade: seu maior líder extra-sindical, Enrique García Thomas, que em vésperas do X Congresso da FORA sindicalista, declarou ser partidário da eliminação da recomendação do comunismo anárquico para uma central sindical unificada, pois a experiência teria confirmado que nem os anarquistas nem os sindicalistas dariam qualquer oportunidade aos socialistas ou comunistas para que esses impusessem sua estrutura política nos sindicatos. Também professava em um discurso contemporizador para com os sindicalistas:

*Justo é reconhecer que a FORA do X soube conservar sua atitude de prescindência sindical ante as freqüentes exigências dos líderes do Partido Socialista amarelo. Atitude que conserva invariável na frente dos avanços do novo Partido Comunista para o qual não basta ter-se submergido nas águas lustrais de Moscou para ser creditado como revolucionário.*³⁶⁶

³⁶² *Ibidem.* 2.10.1920.

³⁶³ Não é que os integrantes do Conselho, Penelón e Docal, tivessem muita simpatia pelos anarquistas, em geral, ou pelos anarco-bolcheviques, em particular. Mas os unia o fato da possível adesão para a *Profintern* com estes últimos. Entre os líderes sindicalistas também havia um grupo de filo-bolcheviques: nucleados em torno à pessoa de Augusto Pellegrini -um ex-anarquista que tinha entrado no sindicalismo em 1915 e que, em 1920, editava *La Batalla Sindicalista*.

³⁶⁴ Ver, *El Comunista*. 9.10.1920: "La Política Internacional de la FORA comunista. Nuestra situación ante los trabajadores del mundo. Puntos que nos unen y separan de Moscú". Neste artigo pode-se notar já uma característica que será uma constante para os anarco-bolcheviques: nunca aceitaram a observância incondicional das diretivas de Moscou.

³⁶⁵ Ver, *Ibidem.* 23.10.1920: "Con el Secretario de la FORAC, compañero Abilio Gonçalves e do 22.11.1920: "Proyéctase la Unificación de los portuarios".

³⁶⁶ *El Comunista*. 22.1.1921: "Reportaje a García Thomas".

Com essas frases García Thomas reforçava o dito três meses antes por Gonçalves e se propunha pressionar as forças anarquistas para que estas se unissem às dos sindicalistas e entrassem, no futuro, à Internacional Sindical Vermelha de Moscou, junto ao I.W.W, a União Sindical Italiana e à C.N.T espanhola, sempre que a Comintern respeitasse a autonomia da organização operária mundial e não buscasse dirigi-la. Quanto à atitude a assumir por ambas FORA, considerava García Thomas que elas tinham que abandonar sua *estratégia de absorção* para formar -junto com os autônomos- uma central operária anti-política cuja primeira tarefa seria levar a cabo a Revolução. As únicas categorias de trabalhadores que o "Mariscal" descartava de antemão, eram as dos Círculos Operários e dos trabalhadores recrutados pela Liga Patriótica e a Associação do Trabalho. Com respeito ao Partido Comunista, opinava que não se podia chegar a qualquer acordo se eles não rejeitassem, previamente, *toda pretensão de escravizar, sob sua direção, o grande organismo operário*. Para tanto reivindicava a convocação de um Congresso de Unidade. Essa grande central operária e revolucionária, evitaria à III Internacional *o esforço inútil de criar partidos comunistas fracos que nunca poderiam se subordinar às poderosas organizações operárias*.³⁶⁷

A mudança operada no discurso de García Thomas demonstra que as decisões adotadas pelo Congresso Extraordinário de 1920 se fundamentavam no fato de que os anarquistas ainda esperavam atrair a sua organização a todo o proletariado combativo da época para levar a cabo uma união na metade de caminho entre os modelos sindicalista e anarquista.

Ao término de janeiro de 1921, os sindicalistas se encontraram no seu XI Congresso, no Teatro Argentino da cidade de La Plata. No seu programa de trabalho figuravam a questão das Relações Internacionais e da Unidade Operária. Com referência ao primeiro ponto, também na central sindicalista havia aparecido um grupo que defendia a entrada para uma Federação Internacional Sindical, apolítica e independente da III Internacional de Moscou. Os comunistas, como era de esperar, advogavam pela adesão incondicional às propostas de Moscou, aceitando na sua totalidade a Carta de Zinoviev e o núcleo de sindicalistas puros -agora transformado em uma fração entre outras- defendia a autonomia de todas as ideologias e tendências políticas e, conseqüentemente, da Internacional de Amsterdã e Moscou.³⁶⁸

Depois de superado o trâmite do reconhecimento das credenciais dos delegados -trâmite que costumava ocupar a metade do tempo dos Congressos realizados na época- se começou a debater, em primeiro termo, a questão da unidade. Imediatamente é aprovada uma moção da FOM que rezava assim:

1º Que a FORA destaque uma delegação de seu seio que, junto com os delegados da FORA Comunista anarquista, das uniões autônomas e da Federação de Trabalhadores em Construções Navais, Uniões de Estivadores do Porto da Capital (unificados), Condutores de Carros e União Motoristas, constitua um Comitê encarregado de preparar um Congresso Nacional de Unificação.
2º Que este Comitê trabalhe independentemente dos três núcleos operários que são: a Federação Operária Regional Argentina, a FORA Comunista, anarquista e as uniões autônomas.

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ Ver, S. Marotta. *op. cit.* vol. III, p. 18.

*3 Que se manifeste no termo de três meses e chame ao Congresso todas as organizações sindicais de real existência que tenham adotado os métodos da luta de classes. o que, em última instância, resolverá o problema da unidade.*³⁶⁹

Quanto à adesão a uma das duas Internacionais existiram três pareceres diferenciados. O da Maioria aconselhava a adesão a Moscou e o da Minoria a Amsterdã; por outro lado, o terceiro parecer consistia em uma proposta pela autonomia de ambas organizações. De qualquer maneira, nada foi resolvido nesse momento, naquele Congresso.³⁷⁰ Não há dúvida de que os pontos mais importantes aceitos nessa reunião, foram a colaboração com a *Entente* oferecida pelos anarquistas e autônomos e a decisão de criar um Comitê de Unidade encarregado de convocar um Congresso de Unificação. Em princípio, os delegados da FORAC aceitaram a proposta sindicalista para entrar no Comitê de Unidade e em abril de 1921, planejavam publicar o jornal *El Trabajo*, o qual -sob a direção de García Thomas, Rosales, Castelnuovo, Silvetti e outros- tinha por objetivo único a realização da unidade proletária. Porém, a partir de maio daquele ano uma divisão séria começou a operar-se no campo do gremialismo anarquista. Se de 1919 até maio de 1921, só alguns intelectuais dos círculos chamados *antorchistas*, ousaram criticar sistematicamente o caráter ditatorial da Revolução Russa, a partir de maio, *La Protesta* passou por inteiro ao campo anti-bolchevique e começou uma campanha árdua contra o sistema soviético e contra os anarquistas vernáculos que mantiveram sua adesão à Revolução Russa, à ditadura proletária e à entrada para a Internacional Sindical Vermelha de Moscou.³⁷¹ A razão da mudança copernicana operada no jornal anarquista, obedece, sem lugar a dúvida, às notícias chegadas de Europa, mas também se deve ao fracasso da experiência da *Entente* nas lutas sociais e sindicais dos anarquistas e sindicalistas durante todo o ano de 1921. Nesse sentido pode ser citada a luta no La Forestal, em fevereiro e março e, em forma de fracasso definitivo, a dos trabalhadores portuários, em maio e junho do mesmo ano.

Entre as notícias que continuaram chegando -agora pela agência Rosta-Wien, que dava sua versão particular, diferente à dos cabos burgueses- havia notícias para todos os gostos. Por exemplo, em fevereiro de 1921 e desde Barcelona, José Prat -um dos fundadores da FOA em 1901 e da CNT espanhola, em 1910- denunciou os anarquistas espanhóis que favoreciam a ilusão da instalação da ditadura proletária. Em idioma claro, o veterano militante catalão escreveu em *La Protesta*:

E ao que previ e estou vendo, isto é a questão na Rússia onde há uma autoridade que manda e, pelo tanto, suprime a liberdade individual; uma burocracia que fuzila

³⁶⁹ Ibidem. p. 25 a 26.

³⁷⁰ No novo Conselho Federal, chama a atenção a presença de nada menos que 5 representantes do Partido Comunista, que respondia à estratégia moscovita de entrar nos organismos sindicais existentes. Durante aquele tempo, fora do seu bastião nos Gráficos e Municipais, os comunistas tentaram dominar algumas seções do porto e dos marítimos. É de notar que na história oficial partidária aparece um número de afiliados aos sindicatos comunistas totalmente alheio à realidade. Mas nisto, não eram muito originais.

³⁷¹ O número especial de *La Protesta* do Primeiro de Maio de 1921, foi o último em que os anarquistas pró-russos e os que optariam por uma ortodoxia reconstituída, publicaram seus artigos juntos. Ainda naquele número, os artigos pró-russos, superavam amplamente a quantidade dos críticos da Revolução, em uma proporção de 12 contra 4. A partir daquela data, o jornal dedicará muito espaço ao combate à revolução russa e aos anarco-bolcheviques.

ao que não obedece, e, pelo tanto, o aflorar de iniciativas inovadoras, um capitalismo de Estado que militariza o trabalho.³⁷²

Esse testemunho se somava aos de Malatesta, Fabbri, Carbó, Nettelau e tantos outros. Mas tudo filtrava-se pela distância e o desejo. Por exemplo, no mês seguinte da publicação do artigo de Prat, o jornal anarquista publicou um artigo de Alexander Berkman que ainda defendia fervorosamente o paraíso soviético:

*A Revolução Russa é um evento tão grandioso e de um significado tão alto que no momento atual, ninguém pode o apreciar em seu verdadeiro valor. (...) O que podem saber Wells e Russell sobre a verdadeira situação daqui? Nenhum deles sabe o idioma, a psicologia e a vida do povo. (...). A Revolução Russa é um fato e não uma teoria. E como frequentemente acontece nestes casos, os fatos vão, fortemente, contra as teorias.*³⁷³

Se os escritos anarquistas da época ofereciam um cardápio que poderia satisfazer todos os gostos, a falta de solidariedade denunciada pelos anarquistas nas práticas sindicalistas contribuíram tanto ou mais que as notícias chegadas de Europa para dividir as águas novamente e deixar aos anarco-bolcheviques da FORAC e das uniões autônomas isolados no seu projeto de criação de uma grande central operária unificada.

Como escrevemos, em fevereiro uma grande greve aconteceu nos domínios de La Forestal, uma greve com muitas características de rebelião. É certo que os trabalhadores de Rosario e Santa Fé que pertenciam à Federação Operária Provincial, expressaram sua solidariedade com esse movimento, proclamando uma greve escalonada que acompanhou durante 28 dias os lutadores sociais das tanineiras inglesas do Norte de Santa Fé. Porém, para *El Comunista*, de Rosario, embora houvesse solidariedade, o Comitê de Greve pecou de pacifismo excessivo e não chamou nunca à mobilização popular.³⁷⁴ Para *La Protesta*, faltou um apoio revolucionário à ação dos trabalhadores do Norte de Santa Fé e em todas as obras posteriores de Santillán, a falta de solidariedade dos sindicalistas para com a luta de La Forestal era uma das causas da deterioração da *Entente* acordada entre os sindicalistas e anarquistas. De acordo com o historiador libertário, em virtude daquele acordo, os anarquistas propuseram à Federação do IX Congresso uma ação solidária em favor do grupo de trabalhadores que estava sendo massacrado na floresta do Chaco. Porém, os sindicalistas evitaram, diplomaticamente, dar uma resposta concreta, para dar tempo às tropas do governo a submeter os grevistas.³⁷⁵ Embora seja certo que os sindicalistas argentinos poucas vezes utilizaram a ação direta e,

³⁷² *La Protesta*, 27.2.1921: "Delicias de la Dictadura". Este artigo foi publicado primeiramente em Barcelona, em setembro de 1920. O anarco-sindicalista catalão denuncia aqui o Capitalismo de Estado e a militarização do trabalho, muitos anos antes de que certos certos analistas políticos e intelectuais.

³⁷³ *La Protesta*, "Desde Rusia. Carta de Alejandro Berkman". Esta carta foi publicada primeiro no *Freie Arbeiter Stimme*, Nova Iorque, 15.1.1921. Para ironia da história, naquele mesmo mês de março em que *La Protesta*, publicou essa carta de Berkman. Ele e Emma Goldman, ficaram apavorados por causa da repressão exercitada por Lenin e Trotzky contra os marinheiros de Kronstadt, a glória da revolução. Enquanto que Víctor Serge ficava calado e não se decidia por sua desfiliação ao partido bolchevique, Goldman e Berkman tiveram que abandonar a Rússia e dedicariam uma parte do resto das suas vidas a denunciar o autoritarismo do regime no qual também eles acreditaram por alguns anos.

³⁷⁴ Ver, *El Comunista*, 19.2.1921: "Comentarios a la Huelga general". É de remarcar que na Federação santafesina, predominavam os líderes anarco-bolcheviques, o que indicaria que suas práticas não sempre acompanhavam o radicalismo das suas falas.

³⁷⁵ D. Abad de Santillán, *op. cit.* p. 257. Idem. *Memórias, 1897-1936*. Barcelona, Ed. Planeta, 1977, p. 70

portanto, não tinham respostas imediatas para situações como as que se apresentaram no Chaco -ou as que se apresentariam em Santa Cruz ao término desse ano- também é certo que eles não estavam dispostos a declarar uma greve pacífica, em solidariedade com os trabalhadores do interior, sobretudo se essas categorias não se mostrassem dóceis a suas diretivas. Deste modo as lutas esforçadas da FOM se misturavam com a falta de solidariedade para com os companheiros longínquos do Chaco e da Patagônia.³⁷⁶

Já vimos, em um capítulo prévio, o fracasso da greve do porto de meados de 1921. De fato, no porto de Buenos Aires havia seções de sindicalistas, anarquistas e autônomos e, em geral, a ocasião era favorável para uma ação em conjunto, liderada pelo Comitê de Unificação, como, de fato, foi tentado. Também já relatamos como Francisco Javier García, líder da ainda poderosa FOM, na frente da possível ruptura de suas bases, assumiu naquele momento uma atitude mais que prudente com respeito à greve dos estivadores, condutores de carro, carvoeiros e outros. Em contato com os líderes da FORAC e com os autônomos, demorou vários dias para declarar a greve geral e, uma vez declarada, se apressou para deixá-la, enquanto os anarquistas continuavam sozinhos na resistência.

Esta falta de coincidência sobre os métodos e estratégias a utilizar nos casos sérios de repressão estatal e para-estatal deu sustento a alguns líderes gremiais, próximos aos círculos protestistas a pronunciar-se contra todo intento de coalizão com os sindicalistas. Com efeito, a 20 de agosto de 1921, em uma reunião de delegados da FORAC e contra os resultados de uma pesquisa levada a cabo entre as suas bases, é decidido o fim de toda tentativa de coalizão ou unificação. Por sua parte, o novo Conselho Federal da FORAC desqualifica como agentes políticos infiltrados na organização operária a Julio R. Barcos, Nemesio Canale, Jesús Suárez, Alejandro Alba, Antônio Gonçalves e Sebastián Ferrer -esses dois últimos expulsos da direção da FORAC alguns meses antes e agora representantes de uniões autônomas. Ferrer e Gonçalves foram acusados de misturar a FORAC, sem o consentimento do resto do Conselho Federal, em assuntos contrários aos objetivos da organização, tais como estavam estabelecidos na sua Carta Orgânica.³⁷⁷

Deste modo, quando em 5 de setembro de 1921 saiu o jornal fusionista *El Trabajo*, os anarco-bolcheviques já se encontravam isolados nas uniões autônomas de marceneiros, motoristas, construções navais e pintores e lhes era proibido o acesso aos territórios da FORAC e de *La Protesta*.

Em abril formou-se um Comitê para publicar *El Trabajo* com a participação de Rosales, García Thómas, Gonçalves, Berón, Rotger, Ferrer e Paulotti, isto é, com uma maioria de homens do gremialismo portuário. Como seu predecessor *Bandera Roja*, o jornal saiu com o apoio financeiro dos sindicatos simpatizantes, mas algo tinha mudado no tempo que separava ambos jornais: enquanto *Bandera Roja* havia pretendido fazer a revolução como na Rússia, *El*

³⁷⁶ Ver, *La Protesta*. 1.5.1921: "Síntese del Año Obrero en la República Argentina".

³⁷⁷ Ver, *La Montaña*. 3.9.1921: "La Reunión del 20 de Agosto". O questionário havia sido distribuído entre as uniões afiliadas à FORAC, e deu este resultado: Para a Unificação: 110 uniões. Contra a Unificação: 26 uniões. Abstenções: 10 uniões. Ver, *El Trabajo*. 7.9.1921: "Sindicatos que integran la FORAC anhelan la unidad". Estas mesmas figuras também foram publicadas por *La Protesta*. Os delegados da FORAC ignoraram os resultados desta consulta a suas bases. Quanto ao desconhecimento, por parte de Ferrer e Gonçalves, dos propósitos da FORAC, se refere, no primeiro lugar, a seus contatos com Watson Davis e à delegação de Tom Barker para Moscou.

Trabajo só pretendia a coalizão de todas as correntes sindicais em torno a sua liderança doutrinal.³⁷⁸

O Comitê Mixto para preparar o Congresso de Coalizão, originalmente estava formado por 15 integrantes: 5 da FORAC, 5 da FORA e 5 de sindicatos autônomos. Ora, em agosto, quando os delegados anarquistas o abandonaram, ficaram só os sindicalistas e autônomos. O Comitê elaborou duas propostas: uma chamada da Maioria -a que no Congresso fundador da USA mostrou ser a proposta minoritária- assinada por Juan Greco, Francisco Pérez Leirós, Enrique Pedretta, Edelmiro Bernárdez, Teófilo González, Cayetano Oriolo e José P. Aragall e outra da Minoria que foi apoiada por José de J. Pérez, José López e Rufino Jodzinsky. Enquanto essa expressava as idéias dos anarco-bolcheviques, a da maioria teve o apoio de comunistas e socialistas.

Aqui só queremos analisar aqueles tópicos de ambos projetos que revelam, de algum modo, a presença dos ativistas do grupo investigado. No Preâmbulo das Bases da Minoria, é reivindicada para a região argentina a defesa da sua tradição anti-política, o método da ação direta, o caráter revolucionário da luta sindical e a adesão à Internacional Sindical Vermelha. Por outro lado, nas Bases da Maioria se insiste na luta de classes -com que a Minoria não discordaria- mas se omite toda declaração anti-política ou adesão à prática da ação direta. Chama a atenção que, apesar da presença dos homens do Partido Comunista na proposta da Maioria, são os anarco-bolcheviques os que expressam explicitamente sua intenção de aderir à nova central sindical a Moscou.

Ao contrário dos Congressos de 1918, 1920 e 1921, em que os anarquistas, sindicalistas e marxistas aprovaram por aclamação as moções em favor da Revolução Russa, agora, durante o Congresso fundador da USA, em março de 1922, os partidários e oponentes da Revolução Russa se confrontavam em ásperos debates. Tanto no seio do anarquismo como no marxismo e sindicalismo, as opiniões estavam divididas, porque a Revolução Russa traçou uma linha divisória em cada tendência política e social da esquerda. Nos debates durante o Congresso, Pedro Milesi -um futuro trotsquista- e Teófilo González -comunista- defenderam a adesão da USA a Moscou, enquanto que José Marotta -socialista- e José Maqueira -sindicalista- pleiteavam pela autonomia da central sindical com o propósito de conseguir a unificação de todo o proletariado regional. Por outro lado, Jesús González Lemos -anarco-bolchevique- recomendava à USA para que mantivesse relações com todas as organizações proletárias do mundo. Propunha González Lemos que era necessário estreitar os laços com todos os

³⁷⁸ Para publicar *El Trabajo*, a lista de contribuições monetárias é a seguinte:

Uniões de O. Marceneiros e Anexos. Capital	2.000
Metalúrgicos Navais	1.000
Serrarias, Carpinteiros e Anexos	1.000
Carpinteiros Navais	1.000
Calafateiros	500
Pintores e Raspadores Navais	250
Empregados de Comércio e Anexos	200
Federação Operária Local. Mar del Plata	200
Dr. Lelio O. Zeno	50
TOTAL	6.200

Fonte: *El Trabajo*. 7.9.1921. Possivelmente existam outras listas, mas, se não fosse assim, chama a atenção a ausência da militância santafesina.

trabalhadores do mundo que sustentassem métodos revolucionários e anti-estatais de luta, para realizar a expropriação integral da burguesia.³⁷⁹

José Maqueira, embora se declarasse simpatizante dos soviéticos, defendia a autonomia para salvar a unidade. Esse delegado também fez uma proposta para enviar delegados a todos os Congressos europeus para estudar, objetivamente, a situação das Internacionais, antes de que a USA se compromettesse à adesão a Moscou, Amsterdã ou Berlim, o que colaboraria com a divisão do campo operário nacional. *Não poderíamos pesar na balança da Revolução, se não estamos perfeitamente unidos.*³⁸⁰ Finalmente, o comunista político Teófilo González passou a defender a autenticidade da ação política revolucionária no seio dos sindicatos. Atacou os sindicalistas, os quais chamou de reformistas, e acusou os anarquistas pelo fato de não quererem enxergar que no Bureaux da Internacional Sindical Vermelha havia nada menos que 4 anarquistas.

O Congresso se prolongou durante muitos dias e conforme os dias iam passando, ficava claro que o tema da adesão para Moscou dividia profundamente os delegados operários e, desse modo, não se chegou a resolução nenhuma até que, na Sessão XV, a maioria dos delegados descobriu que a grande clivagem continuava sendo, como antes, a divisão entre os setores políticos e anti-políticos, que, evidentemente, passou a esconder aquela outra divisão entre os partidários e oponentes da adesão a Moscou. Apesar das expectativas dos delegados anarco-bolcheviques, comunistas e de um setor de sindicalistas-revolucionários liderado por Augusto Pellegrini, o Congresso fundador da USA, por causa da unidade proletária, não se pronunciou em favor de Moscou. Ante a iminência de uma votação com caráter vinculante, impedisse a realização da precária unidade operária, a votação sobre a adesão a Moscou deu como resultado 106 votos em contra, e só 25 em favor -22 em forma incondicional e 3 condicionados. Os anarco-bolcheviques quiseram forçar as coisas, publicando a último momento umas notícias -talvez apócrifas- consistentes no fato de que a III Internacional tinha promulgado uma Resolução na qual reconhecia que os partidos comunistas eram inferiores às organizações sindicais, quanto a sua capacidade para dirigir a Revolução. Com esta declaração de última hora, argüia-se, já não tinha razão de ser a prevenção contra uma Internacional Sindical Vermelha.³⁸¹ Porém, a pressão exercitada por *El Trabajo*, não deu resultados positivos e não modificou em nada a atitude dos delegados, que, entre Moscou e a unidade, optaram pela última.

Aparentemente nenhum setor saiu muito beneficiado desse Congresso. Os sindicalistas moderados -os que tinham associado a FORA IX a Amsterdã e agora pleiteavam pela autonomia internacional- tiveram que compartilhar a direção da central sindical com setores muito mais radicalizados e, também, ver aprovado durante o Congresso, uma recomendação do comunismo libertário, um ponto que eles tinham conseguido eliminar no IX Congresso da FORA, em 1915. Os anarco-bolcheviques, os delegados do Partido Comunista e a Federação Sindicalista Revolucionária de Pellegrini, não conseguiram aprovar a adesão à I.S.V. de Moscou, e os comunistas e socialistas tiveram que engolir uma violenta declaração anti-política, inscrita na nova Carta Orgânica, no seu ponto 8º, onde a USA se declarava, *anti-*

³⁷⁹ *El Trabajo*. 11.3.1922: "La Gran Asamblea Unionista".

³⁸⁰ *Ibidem*.

³⁸¹ *El Trabajo*. 8.3.1922: "La Resolución de la Tercera Internacional"

estatal porque um estado forte anti-proletário só é concebido exercendo o domínio sobre os interesses da classe trabalhadora.

A União Sindical Argentina, foi constituída com 14 sindicatos da FORAC anarquista, 60 autônomos e com as uniões da FORA sindicalista. E, de acordo com a *La Unión del Marino*, no novo Conselho Federal havia 6 delegados de Construções Navais, só 3 da FOM e 2 representantes de Expendidores de Combustível, Metalúrgicos, Gráficos, Trabalhadores do Calçado, Lustradores de Calçado, Empregados de Comércio e Marceneiros.³⁸² No total os filiados à USA podem ser calculados em torno a 32.000 cotizantes efetivos, quer dizer, algo menos que a metade dos afiliados FORA sindicalista, em 1921 e algo mais que a FORAC naquele mesmo ano. Aquela diminuição era uma consequência direta da desmobilização geral dos movimentos sociais e das derrotas das greves do ano prévio, em primeiro lugar as do Chaco e Santa Cruz.³⁸³

Como veremos mais tarde, os anarco-bolcheviques compartilharam, a partir de 1922, a direção da USA com os sindicalistas e com uma participação muito escassa de comunistas e socialistas. Agora, em 1922, tinha passado o tempo revolucionário e só uma minoria de trabalhadores encontrava motivações para continuar sindicalizada, ante um Estado indiferente e uma sociedade na qual o caminho da prosperidade próprio dos anos prévios à Primeira Guerra Mundial parecia haver sido retomado, o que, em 1930, resultou mais ilusório ainda que a mesma Revolução.

Depois da sua fundação, a USA realizou dois Congressos: em 1924 e em 1926. Em ambos foi debatido novamente o assunto da afiliação à Internacional de Moscou, mas -como em 1922- essas moções não prosperaram. Em 1924 um intento foi feito de eliminar a recomendação do comunismo libertário da Carta Orgânica para evitar a abandono da Central por parte dos socialistas e comunistas, mas aquela iniciativa só teve êxito dois anos mais tarde quando a USA tinha perdido a metade de seus afiliados e estava enfrentando o cisma dos socialistas, esses que -em base às uniões ferroviárias e dos empregados Municipais- fundariam a Confederação Operária Argentina (COA) naquele mesmo ano de 1926. Até o fim da sua existência -ou seja, até setembro de 1930- a USA, cada vez mais reduzida, permaneceu fiel a seu caráter anti-político e anti-estatal.

As tradições libertárias -fundamentadas na acumulação de experiências nas lutas sociais da região- resultaram um obstáculo difícil de vencer para os militantes de sindicais comunistas e socialistas. Elas explicam, em parte pelo menos, que muitos líderes gremiais anarco-bolcheviques, com o decorrer dos anos, preferiram integrar-se ao sindicalismo revolucionário do que reforçar as lideranças sindicais do Partido Comunista.

³⁸² *La Unión del Marino*. Maio de 1922

³⁸³ Ver, *La Organización Obrera*. 1.10.1921, onde o número de cotizantes da FORA Novenária é determinado para alguns meses de 1921. De fato, os números oscilam bastante porque durante as greves os trabalhadores são isentos de pagar suas taxas.

Março de 1921,	67.706
Abril,	58.337
Maio,	39.274
Junho,	45.818
Julio,	59.174
Agosto,	61.093

5.3. ARGENTINOS NO HOTEL LUX

O que me obrigou a iniciar este livro foram as despedidas singulares de Kamchugov, antigo operário da usina de Kirov, em Leningrado, e do ótimo Leonidze, Presidente da União dos Escritores Georgianos. Essas duas criaturas, de meios diversos e naturezas diversas, mostraram depositar em mim uma confiança que muito me sensibilizou. E há também a moça da Rua Petrowka, as linhas escritas por Neberidze Tamara, a alegria ruidosa de Keto, Assia, Liuba e Nadiajda, no teatro Paliachvili, em Tbilissi. Esses viventes entraram-me na alma, e necessito apresentá-los.³⁸⁴

Em 1952 o escritor brasileiro Graciliano Ramos publicou suas memórias de viagem pela União Soviética, segundo ele, por uma questão de gratidão para várias pessoas que tinha conhecido lá e que lhe pediram, fervorosamente, que escrevesse suas experiências sobre o que tinha visto pessoalmente, ou seja, "a verdade". Chama a atenção, como em uma época tão recente -estamos em 1952, o ano prévio à morte de Stalin- alguém com um espírito de observação tão agudo e com uma ironia tão fina, poderia ter-se deixar seduzir, tão completamente, pelo socialismo real. Claro está, que estamos na presença de um comunista que viaja à República dos Sovietes, durante o período da Guerra Fria.

Porém, outra foi a experiência de André Gide, 14 anos antes. Se em seu *Retorno da U.R.S.S.*, de 1936, ainda manifestava uma mistura de admiração e crítica para Rússia, ao ano seguinte, no seu *Retoques a meu Retorno da U.R.S.S.*, denuncia, severamente, o conformismo que tinha tomado conta da sociedade soviética, mais que nada nos seus estratos privilegiados de funcionários públicos que garantiam seu bem-estar pessoal por meio da renúncia a qualquer crítica ao sistema e suas práticas.³⁸⁵

Para a Argentina chegaram, nos anos vinte, alguns anarquistas de prestígio que vieram de Rússia, tais como o anarco-sindicalista catalão, Gastón Leval, e um dos editores de *Golos Truda* de Petrogrado, Anatole Gorelik. Por outro lado, aquilo que se escrevia, em 1922, sobre a situação russa, não era nenhuma novidade para os libertários que voltaram à ortodoxia no Rio de la Plata. Pelo contrário, para os anarquistas e sindicalistas simpatizantes da Revolução Russa, esses testemunhos dos viajantes ou exiliados, se constituíam em um problema difícil de resolver. Desde 1922, não podiam afirmar com tanta segurança que todas as críticas à União Soviética eram devidas à má fé dos cabos burgueses ou à senilidade de alguns líderes libertários tais como Piotr Kropotkin, Jean Grave ou Sébastien Faure. Por outro lado, as reflexões de Malatesta, Fabbri, Nettelau ou Carbó, não eram tão facilmente rebatíveis como as

Setembro,

84.964

³⁸⁴ Graciliano Ramos. *Viagem*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1980, p. 15³⁸⁵ André Gide. *Regreso de la U.R.S.S. e Retoques a mi regreso a la U.R.S.S.*. Barcelona, Muchnik Editores, 1982. André Gide, em 1936, não foi o primeiro marxista ou comunista escandalizado pelo que viu na Rússia. Em 1926, por exemplo, já o tinha precedido o espartaquista alemão Joseph Roth. E, está claro, os anarquistas como Emma Goldman, Alexander Berkman, Néstor Makhno, Volin, Anatole Gorelik e outros.

posições do ortodoxismo local de López Arango, Santillán e González Pacheco que falavam sobre assuntos que não tinham visto pessoalmente. Com o lento passar desses anos as perseguições, por parte da liderança política russa, a todos os grupos da esquerda não bolchevique, dificilmente poderiam ser registrados na conta de uma necessidade histórica própria de um tempo de transição. Aliás, para todos os anarquistas do mundo, cada vez era mais evidente que na Rússia de Lenin, Trotsky e Stalin, ninguém pensava em abolir o Estado e que todas as instituições e práticas sociais estavam estritamente subordinadas ao poder político e partidário, cada dia mais monolítico, maquiado pelo eufemismo de centralismo democrático.

Todos estes debates, que eram intensos no Rio de la Plata, produziram uma fissura radical entre os anarco-bolcheviques e também dentro do Partido Comunista Argentino. As divisões contínuas que aconteceram no curso da década dos 20 nos movimentos anarquistas e comunistas, não só são devidas ao sectarismo dos seus líderes ou à prevalência da ideologia sobre as práticas, mas também à tendência sectária da política de Moscou que visava dividir o movimento operário no mundo inteiro.

O primeiro anarquista dessas regiões, que foi delegado à República Soviética, foi o russo Komin Alexandrovsky e o foi por parte da Confederação Sul-americana de Trabalhadores Russos, isto é, aquele agrupamento que publicava em Buenos Aires a publicação chamada *Golos Truda*.³⁸⁶ Sua delegação data de abril de 1919, mas ignoramos a data exata em que chegou a Rússia. Alexandrovsky emigrou para não voltar e, possivelmente, contou suas experiência no porta-voz dos libertários russos de Buenos Aires. Ao final de 1922, o sindicalista Augusto Pellegrini o encontra à frente de uma fábrica de sabões e perfumes, denominada "A Liberdade 4"; também tinha sido escolhido como deputado pelo Soviet de Moscou. Naquela ocasião, o anarquista parece ter se transformado em um perfeito bolchevique já que mostra para Pellegrini uma parte da fábrica de sabões convertida em um "Museu da Contra-revolução" no qual se exibiam os trabalhos de sabotagem industrial dos mencheviques que *atentaram contra as máquinas, as portas e as paredes, propriedade do proletariado universal*.³⁸⁷

Tínhamos mencionado que, entre os líderes sindicalistas da FORA/ USA, havia surgido um grupo favorável à Revolução Russa e à entrada à I.S.V. -a Profintern- de Moscou. A partir de 1921, publicaram a *La Batalla Sindicalista*, e seu líder era o dirigente rosarino Augusto Pellegrini, até 1915, anarquista. Entre os editores daquele jornal encontramos também a Bartolomé Bosio, médico, e o nosso conhecido Antônio A. Gonçalves que militava, ao mesmo tempo, no agrupamento de Pellegrini e no de García Thomas.³⁸⁸

Podemos perguntar-nos porque pessoas como Pellegrini queriam conhecer a Rússia, ou o que era que legitimava esse tipo de viagens levadas a cabo por meio do sacrificio dos

³⁸⁶ Ver, Max Nettlau, *op. cit.* Vol de XVI. p. 23.

³⁸⁷ Ver, *La Batalla Sindicalista*. 20 de Maio de 1923. De fato, as palavras de Alexandrovsky são terríveis. Relata a Pellegrini como era impossível consertar o elevador saboteado pelos mencheviques e como os trabalhadores deviam carregar as mercadorias por uma escada. Mas, concluiu com satisfação, *todos os mencheviques estavam mortos e agora, livres daquela gentalha, transformaremos esta fábrica em um exemplo vivo de tudo aquilo que é capaz de realizar o esforço inteligente e criador dos proletários*. A história simboliza bem a convicção dos bolcheviques russos de 1922: para poder construir o socialismo, era necessário eliminar primeiro a todos os opositores da esquerda. Porém, esses opositores foram *construídos da mesma maneira que foram construídas as fábricas de sabão ou as usinas elétricas*.

militantes que tiveram que financiar essas despesas nada insignificantes. Pelos anos 20 e 30 - nos poucos casos nos quais pudemos obter dados fidedignos- era, acima de tudo, conferir a verdade das declarações dos inimigos ou amigos da Rússia, verificar no terreno da realidade a situação russa. No caso peculiar de Pellegrini, -estamos em novembro de 1922- a Federação Sindicalista, um Grupo de Afinidade com ramificações em diferentes cidades da região, o delegou recomendando-lhe o estudo de nada menos que 46 tópicos, entre os quais encontravam-se as questões e perguntas seguintes:

- Visitar as prisões e os prisioneiros (22):*
- Há sindicalistas e anarquistas presos? (24):*
- Por que foram dissolvidos os Conselho de Trabalhadores. Soldados e Camponeses? (27):*
- Que papel desempenhou a ditadura na liberdade de imprensa? (29):*
- É fácil comprovar que a tendência fortemente centralizadora e exclusivista do Partido Comunista violou esta verdade que fundamentaram todos os teorizadores do materialismo histórico anteriores e posteriores a Marx: "Só as formas econômicas da produção podem determinar as formas políticas na vida de relação? (31)*
- A burguesia residente em Rússia, ainda continua constituindo um perigo para a Revolução? (37)*
- Resulta evidente o começo de uma terceira revolução que os camaradas sindicalistas, anarquistas e comunistas da extrema esquerda se dispõem a realizar contra o regime atual?(38);*
- Fizeram-se efetivos, na prática e nos costumes, a igualdade de direito? (43):*
- A Revolução criou novas manifestações artísticas? (46)³⁸⁹*

Nos seus Relatórios, publicados a partir de fevereiro de 1923, Pellegrini não responde, praticamente, a nenhuma destas perguntas encomendadas, se excluirmos uma reflexão sobre o escasso protagonismo que teve, na Revolução, o movimento sindicalista russo, o que explicaria seu papel irrelevante no período pos-revolucionário. A razão da ausência de um olhar crítico é fácil de adivinhar: ofuscado pelo paraíso soviético, tal como lhe foi apresentado, eliminou todo tipo de dúvidas que poderia ter tido ele ou o seu grupo, sobre a verdadeira situação na Rússia.

Além dos estudos encomendados, Pellegrini devia assistir ao II Congresso da I.S.V. em caráter de observador, pois a maioria da USA tinha rejeitado a afiliação a ela. De qualquer forma chegou tarde ao Congresso que havia sido clausurado no dia anterior. Então se dirigiu, de trem, para o Hotel Lux onde Penelón, Pintos, Greco e outros delegados americanos se encontravam hospedados.³⁹⁰

³⁸⁸ Sobre a viagem de Pellegrini, ver seus artigos em *La Batalla Sindicalista* de 1.3.1923 e 1.4.1923: "Delegación de la Federación Sindicalista a Rusia".

³⁸⁹ *La Batalla Sindicalista*. Novembro de 1922: "Partida de nuestro delegado a Rusia. Estudirá las instituciones surgidas de la Revolución".

³⁹⁰ A história de Pellegrini em Rússia por momentos assume características patéticas: quase perde o "Transbaltic" em Holtenhaus, Kiel; em Moscou chega tarde ao II Congresso da Profintern; não lhe é permitido entrar ao Kremlin por não ter o *propusk* (carnê de identificação) apropriado. Porém nada abala seu espírito de êxtase para com a experiência russa. Os anarquistas de *La Protesta* em dois artigos intitulados "Pellegrinadas", se divertem cruelmente às custas deste peregrino desavisado que relatava que o condutor russo do trem não entendia o espanhol, e que foi mantido pelos outros delegados estrangeiros do Hotel Lux, que o fizeram acreditar que isso era um ritual socialista para receber os viajantes recentemente chegados. Para ponderar o êxtase de Pellegrini, ele chegou a sustentar que até os jardins de Moscou eram mais bonzinhos que seus congêneres de Buenos Aires já que as crianças russas não lançavam pedras neles. Estava vivendo seu tempo utópico.

Se o delegado sindicalista não respondeu ao questionário, do qual só transcrevemos os pontos que achamos mais interessantes, também não se percebeu nos seus artigos qualquer comentário crítico. Só por uma única vez expressa uma dúvida quando passa na frente da fortaleza de Kronstadt:

E deste modo, depois de vários dias de navegação, enfrentamos a Kronstadt, a famosa fortaleza no Báltico: a cidade à qual, um dia, os canhões do soviet silenciaram seus protestos, até agora sem saber se eram justos ou não, porém talvez inoportunos.³⁹¹

Quanto aos elogios, são múltiplos e sem medida. A partir de seu embarque no "Transbaltic", foi envolvido pelo espírito de uma sociedade igualitária, contagiado pelos marinheiros russos que o abraçaram e o chamaram de *Tavarichi*. De acordo com a leitura de seus Relatórios, acreditamos que foram três os tópicos privilegiados por Don Augusto: as mulheres liberadas, as fábricas e usinas elétricas e a vida sindical, assim, nesta ordem. No primeiro tópico, ficou surpreso de que as moças cantassem tão livremente pelas ruas seus hinos revolucionários, que se burlassem dos popes e, sobretudo, que fumassem tão livremente seus *pápiroch*.

A revolução as liberou de milhares de preconceitos e não ficou, a propósito, em seu espírito o rastro mais mínimo de hipocrisia e de maldade. Elas não temem a companhia do homem, porque nele -que também foi elevado pela revolução - uma nova moral e uma cultura sadia faz com que na mulher não veja mais que uma companheira agradável (...). De lá vem aquela liberalidade e sua honradez ao mesmo tempo, nos assuntos das relações sociais.³⁹²

Seis anos depois, Vidal Mata fará avaliações semelhantes sobre a liberação feminina na União Soviética e uma foto, que publicou em seu livro, leva a inscrição seguinte: "A renovação moral das filhas da aldeia". Na imagem se observam adolescentes de saias curtas, com as pernas ao ar. Resulta difícil não se lembrar aqui dos comentários de Víctor Serge -funcionário dos bolcheviques entre 1917 e 1933- que sustentava que nos hotéis de Leningrado e de Moscou -e em primeiro lugar no Hotel Lux, sede da III Internacional- lá onde os representantes do proletariado mundial se hospedavam: havia uma numerosa presença de agentes femininos dos serviços secretos, mulheres que estabeleciam relações facilmente com os viajantes descuidados do paraíso socialista.

Outro aspecto freqüentemente comentado por Pellegrini é o avanço econômico e técnico alcançado pela U.R.S.S. na sua, ainda efêmera, existência. O peregrino se maravilha deste modo com o espetáculo oferecido por uma fábrica elétrica de Kaschirstroy e com a já mencionada fábrica de sabões e perfumes "A Liberdade 4". Estas visitas para fábricas e usinas, com o tempo, se tornou um ingrediente clássico de toda excursão para o país da utopia realizada.

Quanto ao protagonismo das uniões na sociedade russa, verificou-se que os grêmios não ocuparam um espaço relevante na revolução proletária; isto seria explicado porque, de fato,

³⁹¹ *La Batalla Sindicalista*. 16.2.1923: "Mi Viaje a la Rusia de los Soviets". Nesta pequena dúvida, Pellegrini diferiu da maioria dos delegados que, durante aquele tempo, assistiram ao Congresso da III Internacional, os quais, de acordo com Serge: *Não se interessaram pelo drama de Kronstadt*.

tiveram uma participação escassa nos eventos revolucionários de 1917. Acredita, porém, que em um futuro os sindicatos se capacitariam para dirigir a vida política e social do país.³⁹³

Se os sindicalistas revolucionários enviaram seu observador para Moscou, os que, em 1923, fundaram a Aliança Libertária Argentina, não podiam ficar atrás. Em 1924, foi delegado para Europa o estudante em letras Luis Di Filippo, e junto com ele iria Rolando Martell, pseudônimo de Luis Martínez Franco, operador de cinema e poeta, cujo trabalho literário comentamos no Capítulo II deste trabalho. Di Filippo seria o correspondente de *El Libertario* e Martell de *La Batalla* de Montevideo. O primeiro objetivo da viagem de ambos era defender nos foros internacionais -e especialmente no Congresso da A.I.T., de Amsterdã- o prestígio da Aliança e da USA ultrajado pelos protestistas. O roteiro dos viajantes passaria por Espanha, França, Itália, Alemanha e Holanda e, na medida das possibilidades, por Rússia. De fato, tinham temor de que a Rússia não os deixaria entrar no seu território por causa dos relatórios dos *falsos bolcheviques de América*.³⁹⁴ Como o dinheiro recolhido pelos aliancistas para a viagem não era abundante, Di Filippo e Martell pretendiam trabalhar nas capitais européias para financiar sua permanência no velho continente. Ora, foi exatamente por causa da penúria econômica que tiveram que ir para Itália, à casa de uns parentes de Di Filippo, para garantir sua sobrevivência. Assistiram ao Congresso de Amsterdã, onde fizeram conhecer a verdadeira identidade da Aliança e da USA, mas tiveram que desistir da sua viagem à União Soviética.

Martell e Di Filippo pertenciam à fração da Aliança que -a partir de 1924- se distanciou cada vez mais de sua identidade anarco-bolchevique, começando seu caminho de volta para o anarquismo ou para um anarco-sindicalismo diferente do forismo anarquista influenciado pelos de *La Protesta*. Deste modo se explica também que sua vontade de conhecer a Rússia não era muito grande.

A outra fração da Aliança -a qual, liderada por García Thomas, manteve os postulados básicos de apoio à Revolução Russa, à ditadura do proletariado e à entrada da USA à Internacional Sindical Vermelha- também enviou seus delegados para Europa nas pessoas dos organizadores sindicais, Antonio A. Gonçalves e José Vidal Mata. No que concerne a Gonçalves, a eleição não poderia ter sido pior. Antônio Abílio foi visitar a sua família em Moledo do Minho e cooperou, bucolicamente, nos trabalhos da coleta de uvas no campo de seus pais e enviou um artigo sobre a situação da agricultura portuguesa para *La Rebelión*. E nada mais. Pouco tempo depois de sua volta para a Argentina, Gonçalves abandonou toda militância em face à indignação do grupo de *La Rebelión* que lhe tinha financiado a viagem.³⁹⁵

Somente três anos depois, a Aliança de García Thomas enviou um novo emissário para Europa. Dessa vez o eleito era o agrarista José Vidal Mata, que cumpriu com as expectativas depositadas nele e publicou à sua volta um livro, *La verdad sobre Rusia*.³⁹⁶ Neste trabalho,

³⁹² Pellegrini. *Ibidem*. 1.3.1923

³⁹³ *Ibidem*.

³⁹⁴ *El Libertario*. 1.11.1924: "Nuestra Delegación a Europa". Parte da informação sobre esta viagem, a conseguimos num depoimento oral de Luis Di Filippo, em julho de 1994.

³⁹⁵ Ver, *La Rebelión*. 10.8.1925 e 11.5.1926. Gonçalves se havia candidatado já para ir a Rússia em 1922 e, novamente, em 1924, mas foi relegado por Pellegrini e Di Filippo, respectivamente. Tinha-se preparado especialmente para esta viagem aprendendo vários idiomas, mas parecia que as varandas da sua terrinha o fizeram desistir da revolução mundial.

³⁹⁶ O subtítulo do livro era: *Informe presentado a la ALA por el delegado en la Unión Soviética*. Buenos Aires. Edición de la ALA, 1930, 287 páginas.

Vidal insistiu muito em que seu único interesse havia sido investigar a verdade para dizê-la no seu retorno. Sua experiência não diferiu muito da de Pellegrini que o precedeu em seis anos. O livro está abarrotado de uma mistura de informação econômica com que os guias russos abrumavam as suas visitas estrangeiras. Vidal Mata viajou, visitou fábricas e campos -por exemplo, lhe pediram para pronunciar uma conferência em espanhol para 80 tractoristas que só entendiam o russo, porém isso, no seu estado de levitação utópica lhe parecia mais que normal- e visitou a Casa da Armada Vermelha onde pôde ver a coleção de fotos que evidenciavam os crimes de Machno -*aborto puritano e pequeno burguês*. Possivelmente, a parte mais interessante de seu livro seja seu diálogo com Losovsky; lá, ambos defenderam seus pontos de vista sobre quem eram -ou deveriam ser- os verdadeiros protagonistas da Revolução. O Secretário da I.S.V. postulou a necessidade de uma direção política sobre as outras organizações e Vidal Mata defendia uma direção específica, de acordo com a natureza de cada região. Deste modo, os bolcheviques na Rússia, os espartaquistas na Alemanha e os aliancistas no Rio da Prata, seriam os líderes naturais da revolução social nos seus lugares de origem. Vidal Mata se viu na obrigação de testemunhar frente a Losovsky que o proletariado da região argentina nunca aceitaria uma liderança política comunista e que os socialistas e os sindicalistas puros, conspiravam contra a Revolução Russa:

*Que a maioria dos militantes operários, levados de um ódio ao Partido Comunista, coincidem com os inimigos mais conservadores e reacionários do proletariado. Que as frações em conflito são uma só quando se trata de ultrajar os militantes defensores da Internacional Sindical Vermelha. Que existia uma conspiração socialista, anarco-sindicalista anti-soviético, que atuava de acordo com procedimentos capitalistas.*³⁹⁷

Vidal Mata, com isto, não diz nada de novo. Repete -frente a um Losovsky fictício ou real- os argumentos usados, em 1919, por García Thomas, Jesús M. Suárez e outros, quer dizer, que no Rio de la Plata, a direção da Revolução deveria estar em mãos das uniões ou, na falta delas, dos anarco-bolcheviques da Aliança. Demais está dizer que fazia muito tempo que Moscou tinha optado por trabalhar, em forma quase exclusiva, com os partidos comunistas -seções locais do grande Partido da Revolução Mundial, a III Internacional- e que suas reiteradas tentativas de convocar as organizações operárias tiveram como objetivo quase exclusivo, integrá-las à sua órbita política e gremial.

Uma pessoa que foi a Rússia e abandonou em forma quase definitiva sua adesão ao anarquismo foi Elías Castelnuovo. Ele pôde ir para a União Soviética, em 1931, como secretário do médico Lelio O. Zeno, uma figura próxima ao anarquismo, ao sindicalismo revolucionário e, já nos anos 30, ao Partido Comunista. O Dr. Zeno, tinha publicado com Castelnuovo a revista literária e social *Prometeo* no começo da década dos 20.³⁹⁸ Depois da sua viagem à Rússia, o escritor da Escola de Boedo publicou -a partir do primeiro de abril de 1932- suas experiências sobre o país dos soviets, em *Bandera Roja, Diario Obrero de la Mañana,*

³⁹⁷ J. Vidal Mata. *La Verdad sobre Rusia*. p. 151-152

³⁹⁸ Lelio O. Zeno foi convertido às idéias -como diziam os anarquistas- ao término de 1902, por Orestes Ristori, quando este -expulsado do país pela Lei de Residência- fraturou uma perna pulando do navio que o levava para Europa, no porto de Montevideú. O médico que o atendeu naquela ocasião foi, precisamente o Dr. Lelio O. Zeno, e o libertário italiano o convenceu da bondade do ideário anarquista. Zeno não era o único médico aliado aos movimentos trabalhistas, estavam também os doutores Emilio Troise, Bartolomé Bosio e Julio Arraga.

órgão do Partido Comunista Argentino.³⁹⁹ A publicação de seus numerosos artigos sobre Rússia custou a Castelnovo não poucas perseguições, registros da sua casa por parte da polícia, não chegando a ir preso, de forma permanente, nem a ser torturado, pela intercessão da mãe de seu amigo, Liborio Justo. Pequeno detalhe: a mãe de seu amigo era também a esposa do presidente argentino, o General Agustín P. Justo.⁴⁰⁰

No primeiro artigo publicado em *Bandera Roja*, Castelnovo fez uma confissão pessoal. Reconheceu ter sido anarquista -por outra parte, nunca o deixaria de ser totalmente- e que a viagem à Rússia o devolveu à militância ativa, o que, em 1923, tinha abandonado, parcialmente, por causa de sua vocação literária. Explica sua metamorfose operada pelo contato com a revolução proletária, deste modo:

Modifiquei os termos da minha concepção revolucionária. Deixei de ser um pensador aristocrático e elegante e pus, intelectualmente, outra vez minha blusa operária. Adquiri um sentido de conjunto que antes não possuía e acabei percebendo a revolução social, não como um fato catastrófico, nem como uma conspiração de gênios ou de generais, mas como um fenômeno histórico que levará a cabo o proletariado quando chegar à sua maturidade a preparação revolucionária das massas. Entendi perfeitamente que Carlos Marx disse que a liberação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores. Também entendi o significado da disciplina e da organização. A mudança que experimentei devo à Rússia.⁴⁰¹

Note-se aqui, que em pleno começo da década dos 30, em tempos em que reinava o *diamat* staliniano do determinismo econômico, temperado com um molho de vanguardismo leninista, Castelnovo, em seu resumo teórico, deu uma máxima relevância ao protagonismo dos agentes históricos, neste caso, claro está, aos trabalhadores.

Em algum momento da sua obra, sintetizou sua conversão como uma *mudança de método* e, realmente, muitos de seus enunciados pertencem ao legado socialista, comum a todas tendências de esquerda, mas a *visão de conjunto* e o *significado da disciplina*, indicam, claramente, sua opção por um caminho bem definido. Em outros momentos, enfatizou a supremacia da coletividade e de suas realizações -fábricas, usinas e represas, por suposto- sobre a importância da opinião individual dos Máximo Gorki, Víctor Serge ou Stálin. Como último parágrafo de seu artigo, testemunhou:

Eu não estive muito tempo. Em total, ao redor de dois meses. Caminhei, isso sim, daqui para lá como uma locomotiva. Falei com todo o mundo. Visitei tanto quanto poderia visitar: fábricas, usinas, superusinas, museus, repúblicas de crianças, quartéis, cadeias, tribunais, salões de jantar de todo tipo, bibliotecas, teatros, festas, residências e praias para trabalhadores. Sempre que pude fui sozinho. Eu

³⁹⁹ Ver, John Eipper. *Elias Castelnovo. La Revolución hecha Palabras. Biografía, estudio crítico e antología*. Bs. As., Ed. Rescate, 1995, p. 100. Eipper conta que uma série de relatos foi publicada, em forma de livro, nesse mesmo ano, com o título, *Yo vi... en Rusia*. Bs. As., Ed. Actualidad, 1932

⁴⁰⁰ Ver, E. Castelnovo. "Es fácil detener a los revolucionarios, es difícil detener la revolución". Este artigo permaneceu inédito até que Eipper decidiu publicá-lo no seu livro. Neste texto, Castelnovo reproduz as ameaças que recebera do Chefe da Seção Especial da Polícia -ninguém menos que Fernández Bazán- no sentido de que só não o submetiam à picana elétrica e a uma prisão prolongada por causa de uma protetora muito especial que tinha ameaçado a Fernández Bazán de demissão e prisão se perseguisse a Castelnovo, o amigo de seu filho, o trotskista Liborio Justo. Ver, Eipper. *op. cit.* p. 141-142

⁴⁰¹ *Ibidem.* p. 101

*percorri tudo ao meu gosto e meu modo. Nunca fui barrado em parte alguma. Não tive dificuldades em lado nenhum. E voltei, quando voltei, contra minha vontade.*⁴⁰²

Como Vidal Mata, Castelnuovo fundou a verdade na observação, no olhar, na experiência individual: *Eu vi na Rússia*, diz, como também Vidal Mata tinha afirmado dois anos antes que a ALA o tinha enviado para Rússia para pesquisar a verdade e dizer a verdade a seu retorno ao Rio de la Plata. Porque *viram e investigaram* poderiam testemunhar sobre a verdade, ao contrário desses que difundiram, sem fundamentos, as versões dos inimigos da Revolução. É o que acreditavam já que, escassamente, parecem ter percebido que também a observação direta podia estar -e, geralmente, o é- influenciada pelo mundo de representações de cada observador. Este fenômeno parece ter sido muito persistente e durou até o período da Guerra Fria. Por exemplo, Graciliano Ramos, duas décadas depois das viagens de Vidal Mata e Castelnuovo, novamente apelou ao testemunho dos sentidos e dos sentimentos, como ficou evidenciado na epígrafe que reproduzimos. Está claro que, sem querer incorrer em julgamentos de valor, a maioria dos viajeiros mundiais foram a ver na Rússia o que quiseram ver, ou o que lhes era possível ver, nas condições objetivas da sua viagem e nas condições específicas de suas opções políticas e sociais.

Por momentos, os viajantes se sentiam transportados de entusiasmo no sentido literal do palavra: *endeusamento*. Pellegrini, apenas chegado a Petrogrado, exclamou:

Tudo na Rússia é liberdade, direito, justiça e até privilégio para os produtores; e Castelnuovo: Rússia é imensa nos seus quatro lados: por sua extensão territorial, pela quantidade de habitantes, por sua ideologia e pelos contornos da obra que está realizando.

Nos primeiros anos da Revolução também os anarquistas como Volin, Berkman, Goldman, Pestaña, Gorelik e Leval, foram levados por aquele fogo sagrado até que a massacre de Kronstadt, em março de 1921, e a traição à machnovichina, no mesmo ano, os confrontou com a face mais desleal da revolução que, de fato, lutou desde seu início, em duas frentes diferenciadas: contra a reação branca e seus aliados imperialistas e contra todas as tendências de esquerda que não obedeciam aos ditados de Lenin, Trotsky e, a partir de 1924, de Stálin e seus corifeus. Também alguns marxistas como Joseph Roth, em 1926, e André Gide, dez anos depois, ficaram totalmente desapontados com Rússia, apesar de terem ido para lá com o mesmo fervor que os viajeiros cujas experiências tentamos descrever. Os que, como os anarquistas ou Roth, Gide, Koestler e outros, se converteram em críticos da Revolução, muito cedo observaram as duas facetas daquela complexa realidade: por um lado, *a revolução*, exteriorizada, sobretudo, na fé dos simples militantes, esses que continuavam acreditando nela, e, pelo outro, o *autoritarismo* e o *conformismo* praticados pelos que detentavam o poder ou se beneficiavam com os privilégios econômicos do sistema estabelecido. Aqueles que conseguiam olhar através do muro das simpatias humanas e das grandes realizações econômicas, eram -se excluirmos os anarquistas- as exceções entre a esquerda. A grande maioria, precisava acreditar na Rússia ante o avanço do fascismo italiano, do nazismo alemão ou das expressões políticas autoritárias em Iberoamérica, especialmente, a partir de 1930.

⁴⁰² *Ibidem*, p. 104

Para avaliar, de alguma maneira, o entusiasmo que tomou conta dos três viajantes mencionados -ou dos sindicalistas Atilio Biondi, Abraham Resnik e Martín García que visitou Rússia em 1927- não é suficiente o comentário de que todos foram a ver aquilo que quiseram ver. A sedução que a Rússia exerceu sobre seus visitantes de esquerda, foi complexa e, em muitos casos, poderia-se observar um fenômeno que poderia ser denominado como *suspensão do julgamento crítico*. Senão, vejamos: Por que Pellegrini se esqueceu, completamente, do questionário que lhe foi encomendado para seu estudo? Uma vez na Rússia, o líder sindicalista -que não era mesmo um convidado muito privilegiado, já que não tinha um *propusk*- entrou em um estado de adesão incondicional à realidade russa em todos seus aspectos. Também podemos desejar saber, por que uma pessoa com convicções éticas tão inveteradas como Castelnovo - que afirmava ter visitado as prisões e ter conversado com Víctor Serge já desiludido com a realidade russa- só expressava sua admiração para com o paraíso dos soviéticos, sem manifestar crítico alguma imitando, na prática, os figurões do Partido Comunista como Vittorio Codovilla ou Rodolfo Ghioldi. Uma explicação para tudo isso, talvez oferece Víctor Serge, ao afirmar que esses delegados operários ou revolucionários em geral, desprezados e perseguidos nos seus próprios países- quando chegavam à Rússia, eram recebidos e homenageados como representantes autênticos do proletariado universal, aos que pertencia o futuro da humanidade. Tratados como reis, hospedados no Hotel Lux e levados de passeio em trens pelo paraíso socialista foram invadidos pelo entusiasmo, a admiração e a gratidão. Serge o expressa deste modo:

*Luxuosamente alimentados na miséria geral (embora fossem-lhes servidos ovos estragados numa quantidade realmente excessiva...); passeando de museus para creches-modelos, os delegados do socialismo mundial tinham o ar de se sentirem em férias ou fazerem turismo em nossa república sitiada. exangüe, em carne viva.*⁴⁰³

Novamente, essa é só uma explicação parcial. Havia em 1922 e ainda em 1929 e 1931, um espírito revolucionário *apesar* dos líderes da revolução verificada, esses que em 1918, 1921, 1927 e, especialmente, em 1936 e 1938, fizeram todo o possível para transformar uma revolução social -consideramos que realmente existente- em uma ditadura férrea da liderança política. Foram os contatos com os trabalhadores russos da fábrica de Kacharchiai, com os estaleiros de Putilov e com os tratoristas de Kaborga que convenceram Pellegrini e Vidal Mata de que a revolução existia. Foram as pessoas comuns, que ainda acreditavam na sua Revolução -contrárias às palavras de um Serge, já desiludido, ou das acusações na obra de Panait Istrati- o que convenceu a Castelnovo a abraçar a causa do marxismo. Diante da população soviética, os viajantes se questionavam: Quem somos nós para criticar uma revolução verificada, já que se vê tão feliz o povo russo e com tanta fê revolucionária?

⁴⁰³ Víctor Serge. *op. cit.* p. 126-127

CAPÍTULO VI. A ALIANÇA LIBERTÁRIA ARGENTINA, 1923-1930

6.1 FUNDAÇÃO DA ALIANÇA LIBERTÁRIA ARGENTINA PELOS GRUPOS DE AFINIDADE

Para nós a revolução é um episódio sangrento e cruel que se decidirá a favor da fração que signifique mais inteligência organizadora, contribua com mais claridade de pensamento e, principalmente, a favor daqueles que levam à luta uma soma maior de vontade impositiva e de energia revolucionária. Aspiramos a dirigir a revolução para a anarquia na consciência de que as sociedades só marcham e se orientam graças a quem inspirem seus objetivos e imponham seus designios.⁴⁰⁴

Com anterioridade a 1922, freqüentemente surgia a iniciativa entre os anarquistas de levar a cabo um Congresso de Grupos de Afinidade para constituir uma Federação Anarquista. Já em 1910, tinha aparecido em *El Libertario* -uma substituição clandestina de *La Protesta*- a proposta de uma aliança entre grupos de anarquistas e em janeiro do ano seguinte se consolidou um Comitê de Relações que tinha por missão a criação de uma Confederação Anarquista da Região Argentina. Porém, esta Confederação teve uma vida efêmera, entre outras razões, porque alguns de seus protagonistas -tais como Jesús María Suárez, José Borobio e Juan Emiliano Carulla- abandonaram o país. De acordo com Max Nettlau, naquela mesma época, o procurador Santiago Locascio e o livreiro Bautista Fueyo, quiseram fundar um partido anarquista operário, o que não parece ter prosperado.⁴⁰⁵

Em 1918, foi o grupo de *La Rebelión*, de García Thomas, Alejandro Silvetti e Jesús María Suárez que quis formar uma Federação Anarquista, com a publicação de um jornal próprio. Como a idéia surgiu do círculo rebelionista, o grupo de *La Protesta* não só se opôs, desde o começo à iniciativa, mas também os futuros antorchistas, depois de meses de tratativas, desistiram de colaborar com os rebelionistas por causa da sua tendência autoritária. Em todos estes eventos, pode-se observar que, fora das organizações sindicais, existiam agrupamentos variados com objetivos diferenciados -tais como a sustentação de uma Biblioteca Popular, de uma Escola Racionalista de um Grupo de Estudos ou de um grupo de apoio para um sindicato específico- e todos estes agrupamentos, em algum momento, pensavam em reunir-se numa Federação específica.

Quando, em outubro de 1922, se realizou o Primeiro Congresso Anarquista Regional, os anarco-bolcheviques foram os únicos excluídos deste evento. Ao lado disto, o temário a tratar neste Congresso não lhes poderia ser mais adversa, já que os protestistas, antorchistas e

⁴⁰⁴ *El Libertario*. 3.4.1923: "De Cuerpo Entero".

⁴⁰⁵ Ver, Max Nettlau. *man. cit.* vol. XV, p. 12 a 14.

os autônomos, tinham cruzado o Rubicão, condenando vigorosamente a Revolução Russa, a ditadura do proletariado e a entrada do movimento operário da FORAC para a Internacional Sindical Vermelha. Por exemplo, na quinta sessão do Congresso foi sancionada, sem deliberação, a declaração seguinte:

*O Primeiro Congresso Anarquista Regional se declara contrário a toda ditadura, ainda quando fosse a que se procura exercer pelos sindicatos e que só dando liberdade ao espírito construtivo do povo, depois do fato violento que causará a queda dos poderes constituídos, é como se poderá chegar à completa emancipação econômica, política e moral do homem.*⁴⁰⁶

Em total convergiram para Buenos Aires 84 agrupamentos nacionais, 2 do exterior e 40 representantes individuais. Alguns dos tópicos debatidos foram a necessidade de uma Federação de agrupamentos libertários, a Questão Agrária e a necessidade da Educação Racionalista.

Quanto à criação de uma Federação Anarquista permanente, as opiniões estavam divididas. Como tendências, os antorchistas rejeitavam uma institucionalização das relações entre grupos de afinidade e os agrupamentos sindicais foristas presentes neste encontro tendiam a defender a organização de uma estrutura federativa relacionada à FORAC e a *La Protesta*.⁴⁰⁷

Em segundo lugar, foi debatido um tópico muito caro à esquerda argentina daquela época, quer dizer, a questão agrária, a qual se subdividia, basicamente, em duas questões diferenciadas: a necessidade para organizar os trabalhadores do campo e a posição que as organizações anarquistas deveriam adotar com respeito aos *chacareros* ou arrendatários. Discutiu-se se o arrendatário era um, *explorado pelo capital* e, por tanto, a conveniência de criar sindicatos rurais mistos de colonos e jornaleiros. Nessa ocasião, foram os delegados portuários os que arbitraram fortemente neste debate e acabaram inclinando a balança a favor da não integração dos colonos aos grêmios anarquistas, já que os *chacareros* eram, na sua visão, ao mesmo tempo explorados pelo capital e exploradores da força de trabalho dos jornaleiros.⁴⁰⁸

Finalmente, no Congresso emergiu uma temática ausente durante o Triênio Vermelho, nos referimos à educação racionalista. Durante as sessões foram expressadas fortes críticas à forma em que era dado o ensino racionalista -aliás, só estava presente uma divisão da Educação Racionalista de Rosario. A crítica consistia em que se aceitavam nas escolas novas todas as idéias e práticas dos socialistas, comunistas, liberais e maçons e que a infância não era educada na moral transformadora do anarquismo.

Frente à exclusão de que foram objetos, não é de estranhar que os anarco-bolcheviques tentaram criar uma organização específica -denominada, com frequência, grupo extra-sindical- e isto foi levado a cabo alguns meses depois da realização do Congresso mencionado. Com efeito, em 23 de janeiro de 1923, se encontraram em Alsina 3.223, Capital Federal, aproximadamente 60 militantes de grupos de afinidade, esses que, em nome de 8 organizações da Capital Federal e 9 do Interior, deram por fundada a Aliança Libertária Argentina.

⁴⁰⁶ Ver, *La Protesta*. 5.10.1922: "El Primer Congreso Anarquista Regional".

⁴⁰⁷ Ver, *La Protesta*, do 4.10.1922 ao 12.10.1922.

⁴⁰⁸ *La Protesta*. 8.10.1922.

A 3 de Abril de 1923, começou a aparecer a publicação *El Libertario. Decenario Anarquista*. O periódico durou até 1932 e, em total, foram publicados 109 números. É necessário destacar que, já em 1924, começou a mudar sua orientação ideológica tornando-se a porta-voz daquela fração do aliancismo que empreendeu seu caminho de retorno para o anarquismo e o anarco-sindicalismo. Ao mesmo tempo, em 1925, se fundava um núcleo ortodoxo que editava *La Rebelión* e constituía uma organização específica, que denominaremos Aliança II, para diferenciá-la da outra. Em 1923, foi escolhido um Comitê Federal de 9 titulares e 9 substitutos e uma Secretaria integrada pelas pessoas seguintes: Antônio A. Gonçalves, Secretário Geral; Enrique García Thomas, de Finanças; Elias Castelnuovo, de Imprensa; Julio Amor, para o Exterior; Leopoldo Alonso, de Agrárias; Sebastián Ferrer, Secretário Sindical e Luis Di Filippo, Secretário para o Ensino, Estudantes e Classe Média. Um ano depois, se acrescentaria a Secretaria para Assuntos Femininos, com Sara Yacoub como responsável, já que a Aliança -e isso era uma novidade para aquela época- acabou organizando três grupos de afinidade femininos, uma chamada *Luisa Michel*, da Capital; outra, *La Antorcha Chaqueña*, de Las Palmas, e um terceiro, *Teresa Claramunt*, de Avellaneda.⁴⁰⁹

Os Grupos de Afinidade que fundaram a Aliança foram o Agrupamento Feminino, *Luisa Michel* onde, além de Eva Vivé e Juana Pauna, militava um grupo de mulheres como Sara Yacoub, Micca Felman, Haydée de Bonachera e outros; *El Trabajo*, do grupo que tinha publicado o jornal homônimo até o ano anterior e onde, além de García Thomas, militavam alguns líderes sindicais; *La Lucha*; *Tybor Samuelly*; *Pietro Gori*; *Carlos Cafiero*; *Bruno Filippi* e *La Plebe*. Do Interior eram *La Revuelta*, de San Fernando; *Los Sembradores de la Verdad*, de Casilda; de Santa Fé; *Despertar*, de Salta; *La Lucha* de Rosario; *El Escardillo*, de Sanford; *Alianza Libertaria Local*, de Mar del Plata; de Totoras e *Anarco-Sindicalista*, de Tandil. Este último era formado por um agrupamento de pedreiros sindicalistas, de um longínquo passado anarquista. Três meses depois, nos encontramos 4 agrupamentos novos da Capital e outros 3 do Interior. Respectivamente: *El que quiere comer que trabaje*, *La Racha*, *Ricardo Flores Magón* e *En Marcha*. No Interior apareceram: *Armonia*, de Tucumán; *Nuevos Caminos*, de Avellaneda e *Cultural Libertaria*, de Firmat. Em julho do ano da sua fundação, a ALA menciona os grupos novos de *Remember*, *Voluntad*, *Rafael Barrett* e *Kurt Wilckens*, os quatro de Buenos Aires, e *Sembrando Ideas*, de Ingeniero Luiggi; *Néstor Makhno*, de Córdoba e *Cultura y Trabajo*, de Caleufú. Já no ano seguinte, em ocasião da Primeira Conferência Regional da ALA, realizada em março de 1924, estavam presentes os agrupamentos novos de *Renovación* -do sindicato de motoristas- e *Fermín Salvochea* da Capital, além de *Porvenir*, de Tucumán; *Anselmo Lorenzo*, de Mar del Plata; *La Antorcha Chaqueña*, e *Kurt Wilckens*, ambos de Las Palmas; *Tierra y Libertad*, de Sanford e *Florentino Ameghino*, de Reconquista.⁴¹⁰

⁴⁰⁹ Ver, *El Libertario*. 3.4.1923: "Alianza Libertaria Argentina. Documentos Oficiales". Formavam parte do Comitê Federal, além dos secretários mencionados, Martín Gamíndez, Alejandro Chapella, Luis Pérez, Eva Vivé, Juana Pauna, Teófilo Dúctil, Alejandro Protti, Máximo Rita, Vicente Ferreyro, José M. López e Jesús M. Suárez. Castelnuovo só editou os primeiros 8 números de *El Libertario* e, de fato, quase não assistia às reuniões da ALA.

⁴¹⁰ Em fevereiro de 1924 -ou seja antes da divisão da ALA- assistiram à Primeira Conferência da Aliança as agrupações e delegados seguintes: da Capital: *Flores Magón*, T. Donato Gigena; *La Racha*, Barrajón e Durán; *El Trabajo*, Locascio e Rosales; *Luisa Michel*, Juana Pauna e Sara Yacoub; *Pietro Gori*, Ordines; *El que quiere comer que trabaje*, Bertelli e López; *Carlo Cafiero*, Rotger e Caló; *La Lucha*, Semoff e Otero; *Voluntad*, Chapella e Somoza; *Tybor Samuelly*, Chaparro e Pérez; *Remember*, Villabrile e Muñoz; *Renovación*, Frade, Fernández e Marcos; *Rafael Barrett*, de Micheli; *Kurt Wilckens*, Gómez; *Fermín Salvochea*, Filgueiras e Lamella. Do Interior

No total, o número de agrupamentos de existência comprovada possivelmente não passou de umas três dúzias e as pessoas afiliadas que estavam representadas, em 1924, na ocasião da Primeira Conferência Regional eram algo cerca de 300. Muitos dos agrupamentos eram verdadeiros núcleos de extra-sindicais, constituídos por trabalhadores de uma certa união, para formar uma corrente interna no seu sindicato. Sua finalidade era criar grupos de pressão para induzir à USA, pelo programa dos aliancistas.⁴¹¹

Como acontecia com o movimento operário organizado, a maioria dos agrupamentos eram da Capital e das cidades do Pampa Úmido. Chama a atenção que um único agrupamento era de Rosario, a "Barcelona Argentina", cidade de onde eram García Thomas e Eva Vivé e onde tinha sido publicado *La Rebelión* e *El Comunista*. As cidades de Córdoba, Salta, Tucumán e Las Palmas representavam o Interior distante. Em Tucumán, o agrupamento sustentava uma publicação chamada *Armonia*, a qual exercia uma certa influência sobre os trabalhadores dos engenhos de açúcar, com seus agrupamentos de Concepción, Lules e da Capital da provincia. O caso de Las Palmas é peculiar, já que as grandes lutas do Triênio Vermelho, levadas a cabo na grande tanineira e engenho dos ingleses, os aliancistas tinham mantido fortes laços com aquele lugar. Francisco Coronel e José García Pulido -este último se fez conhecer muito tempo depois por seus escritos contra as companhias estrangeiras do Chaco argentino- eram os principais referentes daquela cidade do litoral paranaense.

Poderíamos nos perguntar, em que consistiam exatamente esses agrupamentos de afinidade. Uma possível definição -embora se refere a agrupamentos tipicamente anarquistas- é aquele que oferece Elíseo de Carvalho. Ele os vê como unidades de cooperação voluntária, abertas a todos os indivíduos, sem obrigações e sanções e sem uma estrutura fixa.⁴¹²

Estes agrupamentos poderiam ter propósitos tão variados como manter uma Biblioteca Popular, uma Escola Racionalista ou um Centro de Estudos, publicar uma revista, constituir um Comitê de Ajuda para os prisioneiros sociais ou uma organização extra-sindical. Uma das suas atividades consistia na difusão da cultura proletária com a organização de veladas libertárias, onde se recitavam poemas e se representavam dramas sociais, acompanhado por uma conferência de algum orador de fama. Também organizavam os famosas piqueniques com jogos, canções e bailes de família, em lugares como o Delta do Tigre, a Ilha Maciel, no bairro da Boca, na Ilha Paulino, no Rio de la Plata, perto de Berisso e Ensenada.

convergiram *La Lucha*, de Santa Fé, Morales; *La Lucha*, de Rosario, Reinoso e Rodríguez; *Nuevos Caminos*, de Avellaneda, Gamíndez e Cepeda; *Anselmo Lorenzo*, de Mar del Plata, Marín; *Armonia* e *Porvenir* -ambos de Tucumán- Jardón; *La Antorcha Chaqueña*, Las Palmas, Eva Vivé; *Anarco-sindicalista*, de Tandil, Protti; *Florentino Ameghino*, de Reconquista, Bacaicoa e Brusa; *Tierra y Libertad*, de Firmat, Vidal Mata; *Néstor Makhno*, de Córdoba, Casas; *Kurt Wilckens*, de Las Palmas, Pérez; *Francisco Ferrer*, de Totoras, Lazarte e Despertar, de Salta, Ferrer. Em total: 29 agrupamentos em representação de algo mais de 300 representados. Ver, *El Libertario*. 10.3.1924. De acordo com outro artigo do decenário, não puderam concorrer *Bruno Filipi* e alguns grupos do Interior. Entre esses do Interior são citados, *Libertad*, de San Fernando; *Los Sembradores de la Verdad*, de Casilda; *Cultura e Trabajo*, de Caleufú; *Sembrando Ideas*, de Ingeniero Luiggi; *Tierra y Libertad*, de Chabás; *Tierra y Libertad*, de Concepción, Tucumán; *Agrupamento Feminino Teresa Claramunt*, de Avellaneda e *Tierra Libre*, de Las Nutrias. No caso de que todos estes agrupamentos teriam tido uma existência real, a Aliança acabaria abraçando um total de 38 grupos de afinidade, os que, provavelmente, nunca existiram ao mesmo tempo. Ver, *El Libertario*. 1.3.1924.

⁴¹¹ Sobre os que convergiram à Primeira Conferência da ALA, ver, *El Libertario*. 10.3.1924. Pelo que consta das votações, o número de representados não acabou superando os 304 sócios.

⁴¹² Ver, Edilene Toledo. *O Amigo do Povo: Grupos de Afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo, nos primeiros anos do século*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1994.

A Aliança Libertária Argentina -como Federação de grupos de afinidade- tinha objetivos múltiplos, os que não sempre coincidiam com os de cada grupo em particular. No primeiro lugar, pretendia influenciar diretamente sobre a vida sindical da USA, com a intenção de radicalizar suas atividades, de propagandizar sua entrada à Profintern de Moscou, de organizar os portuários e os trabalhadores rurais em sindicatos únicos e de promover a entrada das associações de colonos para a central sindical. Outros objetivos proclamados -tais como o trabalho a favor da emancipação da mulher, a difusão da educação racionalista ou a difusão da cultura libertária- não acabaram tendo uma expressão muito relevante, embora o grupo feminino *Luisa Michel* publicou alguns números da revista *Nosotras* e que, ao término da década dos 20, um grupo de teatro formado por famílias anarco-sindicalistas, representou alguns dramas sociais, típicos da época.

No seu *Manifiesto Constitutivo*, a Aliança se autodefine como uma organização anarquista disciplinada, organizada e construtiva, unida estreitamente à classe trabalhadora, já que nela se incubava a revolução transformadora.⁴¹³ A Aliança proclamava uma e outra vez, uma idéia característica do sindicalismo revolucionário: que na região do Río de la Plata, os protagonistas principais da revolução social eram os afiliados aos sindicatos da USA, cuja vanguarda estava constituída, precisamente, pelos militantes da Aliança. Também manifestava, insistentemente, que eles procuravam cumprir uma função semelhante à dos bolcheviques russos e dos espartaquistas alemães.

Já vimos que muitos grupos de afinidade estavam integrados por gremialistas afiliados à USA, e entre eles achamos a Mariano Barrajon, sapateiro, Alejandro Protti e Ramón Suárez, marítimos, Benigno del Cueto, marceneiro, Alejandro Chapella, metalúrgico de Construções Navais, Julio Amor e David Valdés, do grêmio da Construção e Leopoldo Alonso, motorista. Uma grande parte da secretaria da Aliança também foi constituída com líderes operários como Ferrer, Gonçalves, Alonso e outros. Os aliancistas Silvetti, Ferrer e Alonso, acabaram exercitando a função de Secretário Geral da USA, em 1922, 1924 e 1926, respectivamente.

Uma outra função prioritária que pretendia exercitar a Aliança, consistia na organização de sindicatos de jornaleiros e colonos. Aqui se salientou o grupo de García Thomas e Vidal Mata, o qual, no final de 1924, se separou da Aliança para formar uma organização independente com o mesmo nome. Veremos mais tarde, e de modo detalhado, alguns aspectos dessas tarefas que a Aliança II, pretendia realizar.

⁴¹³ Alianza Libertaria Argentina. *Manifiesto Constitutivo*. Bs.As., 1925.

6.2 O DESEMPENHO DA ALIANÇA NA USA, 1923-1930

A adesão da USA à Sindical Vermelha tem um significado muito diferente que se fosse para a A.I.T. ou para Amsterdã. As três são Internacionais Sindicais, mas o conteúdo, as projeções de cada uma diferem fundamentalmente. Berlim é o dogma: Amsterdã a traição: Moscou o sol revolucionário, a chamada para a liberação dos escravos do mundo. À primeira vão os sectários: à segunda os reformistas, esses que medem com conta-gotas sua resistência ao capitalismo (...): à terceira vão os revolucionários de verdade.⁴¹⁴

Tínhamos visto que, em março de 1922, em ocasião do Congresso fundador da USA, o grupo de anarco-bolcheviques não tinha podido levar a cabo um de seus objetivos principais, quer dizer, afiliar a nova central operária ao Profintern de Moscou. Ora, essa foi uma das tarefas que pretendeu realizar a Aliança, junto com a de colaborar na organização gremial como um grande organismo extra-sindical. Como veremos mais adiante, no mesmo ano da fundação da primeira organização específica do anarquismo, as pessoas e os agrupamentos começaram a dividir-se em torno à questão das Internacionais e tudo ficou ainda pior com a constituição definitiva da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), com sede em Berlim, que buscava reunir no seu seio os anarco-sindicalistas e os sindicalistas-revolucionários-opostos a Moscou e Amsterdã. O debate que se originou dentro da Aliança - e que acabou dividindo-a em duas organizações paralelas- era o mesmo que se colocava em cada Congresso da USA: manter a autonomia ou afiliar-se a Moscou e -a partir de 1923- escolher entre a autonomia, Moscou ou Berlim.⁴¹⁵

No começo, dentro da Aliança, esta polêmica se manteve em condições razoavelmente civilizadas, até que, ao término de 1924, uma ruptura começou a se produzir na organização.

O debate sobre as internacionanais estava unido a outro polêmica, a qual começou a emergir, lentamente, no transcurso de 1922, e que versava sobre a legitimidade da ação de um grupo extra-sindical -como todas as organizações não sindicais, isto é, o Partido Socialista e Comunista, a Aliança, a Federação Sindicalista, etc.- para intervir na vida das uniões ou da USA. Por exemplo, de 1922, o Secretário Geral da USA, Alejandro Silvetti -um velho colaborador de García Thomas, desde os tempos rosarinos- se devotou à tarefa de minimizar, dentro do possível, a influência que os partidos políticos e a Aliança pudessem exercer sobre a central sindical. De fato, o trabalho extra-sindical da Aliança, era uma constante espinha nos olhos dos sindicalistas puros e a USA estava realizando a obra de transformar, lentamente, alguns dirigentes anarco-bolcheviques em sindicalistas, sindicalistas revolucionários ou

⁴¹⁴ Enrique García Thomas. *Comentarios a la Primera Conferencia Regional de la ALA*. Bs. As., Agrupación Libertaria El Trabajo. 1924.

⁴¹⁵ Recordemos que, em 1919, os sindicalistas puros, Sebastián Marotta e Pedro Vengut, viajaram para Europa e, de fato, afiliaram a FORA à II Internacional de Amsterdã. Porém, no clima de lutas sociais da época, aquela filiação não teve resultado e, na atmosfera que dominava a USA, nem os socialistas, nem os sindicalistas puros, insistiram em afiliar a central sindical a Amsterdã e só defendiam a autonomia de todas as Internacionais, para evitar a filiação a Moscou ou Berlim.

anarco-sindicalistas. Aliás, muitos aliancistas, à medida que iam abandonando sua adesão a Moscou, já não tiveram tantas razões para que a Aliança influenciasse decisivamente na orientação teórico-prática da USA.

As reclamações de alguns líderes da União Sindical Argentina contra a ingerência da Aliança foram muitas, mas a organização extra-sindical não desistiu facilmente de sua determinação inicial, quer dizer, a de imprimir um caráter revolucionário e anarquista à organização da qual eles tinham sido os promotores principais. Já ao término de 1922, Silveti impediu a García Thomas que publicasse seus artigos em *Bandera Proletaria*, órgão oficial da USA, já que o aliancista não era um trabalhador federado.⁴¹⁶

Esse fato deve ter estado na base da criação do decenário *El Libertario* que apareceu em abril do ano seguinte. Também Sebastián Marotta -um oponente firme à influência dos socialistas, comunistas e aliancistas na vida sindical- relata, em ocasiões repetidas, os esforços dos sindicalistas puros para eliminar ou minimizar a influência da Aliança na USA. Deste modo, em março de 1923, a central operária rejeitou a oferta da ALA, de pôr ao serviço da USA seus oradores para as manifestações operárias. Salientava-se naquela rejeição que o laço principal que unia os sindicalizados com suas organizações, era sua condição econômica, e não sua crença política ou religiosa. Nestas palavras pode-se visualizar uma razão muito forte para limitar a influência da ALA, já que se se permitia a atuação dela na USA, não havia forma para negar o mesmo direito aos socialistas e comunistas, a quem os líderes sindicalistas, de fato, temiam e odiavam muito mais que aos aliancistas. Neste assunto podemos observar que os sindicalistas -a igual que no Congresso de 1922- embora tivessem perdido a hegemonia sobre a central, puderam se impôr, como fiel da balança, por sua localização estratégica no lugar comum da economia, com o qual conseguiram minimizar as influências das ideologias adversárias.

A questão da relação da USA com os grupos extra-sindicais também deu origem a um debate árduo no Congresso da USA, realizada em 1924. Lá, o representante da Federação Gráfica Bonaerense denunciou o trato preferencial que o Comitê Central concedia à ALA, o qual se evidenciava, por exemplo, na distribuição de folhetos aliancistas nos grêmios da Capital e do Interior, em ocasião da comemoração do Primeiro de Maio daquele ano. Também se criticou que o Comitê Central tinha delegado a Julio Barcos, como conferencista da USA, para o ato da comemoração dos Mártires de Chicago em Rosario.⁴¹⁷ Em geral, a USA saiu vitoriosa desta confrontação com a Aliança, já que ela não era capaz -ou não tinha a vontade política- de se aliar com os socialistas e comunistas para legitimar sua ingerência na vida sindical. Neste sentido, a fraqueza da Aliança descansava no fato de que se queriam impor todos seus objetivos -o caráter revolucionário da Central, sua entrada à Profintern e o caráter anti-político da USA- seguramente se produziria uma ruptura naquela unidade tão dificilmente alcançada no Congresso de 1922. Por outro lado, naquela coalizão, todos os setores participantes deram a impressão de ter sido derrotados -ao menos em alguns dos seus objetivos fundamentais- naquele Congresso.

A Aliança tinha sido fundada em 1923, em um tempo de refluxo da militância tanto no nível mundial como na ordem regional. A isto pode-se somar o fato de que os líderes e bases

⁴¹⁶ Ver, *La Protesta*. 15.10.1923: "La Protesta en Rosario".

⁴¹⁷ Ver, S. Marotta. *op. cit.*, p. 135/136.

aliancistas não foram para nada imunes às notícias contínuas que chegavam de Rússia que confirmavam a perseguição do regime soviético para toda a oposição de esquerda e a subordinação, de fato, da Profintern para o Comintern. Por isso fica evidente que, ao longo de 1923 e 1924, as opiniões com respeito à entrada para o I.S.V. de Moscou -uma das razões mais fortes para a fundação da Aliança- começaram a se separar inexoravelmente.

O primeiro que chegou a lançar o proverbial pau no galinheiro aliancista, foi o próprio García Thomas em uma *Carta Abierta* dirigida a seus amigos e camaradas Fernando Gonzalo, Luis Di Filippo, Leopoldo Alonso, Pedro Casas, Juan Lazarte e Sebastián Ferrer. Nesta carta, datada em outubro de 1923, o militante catalão manifestava suas suspeitas que estes companheiros estavam apoiando a entrada da USA à A.I.T. de Berlim, ao contrário dele, Gonçalves, Rosales e os outros afiliados ao grupo de afinidade *El Trabajo*, partidários da entrada para a central internacional de Moscou. Para Thomas, entrar na A.I.T. de Berlim significava o isolamento, enquanto que a participação na Profintern, significava estar junto às tropas preparadas para a ação audaciosa do anarquismo organizado. Acrescentava a esta razão, um argumento relevante: uma vez ingressados na Internacional Sindical Vermelha, no caso de que os comunistas políticos conseguissem expulsá-los daquela organização, isto representaria uma vitória para a USA, desde que, deste modo, o comunismo político de Moscou, ficaria desmascarado.⁴¹⁸

No seio da Aliança, a fase mais álgida na polêmica sobre as Internacionais, durou de outubro de 1923 até a Primeira Conferência, realizada em fevereiro do ano seguinte. Como porta-vozes da autonomia com respeito a toda Internacional sindical, mas com uma simpatia crescente para a A.I.T. de Berlim, se perfilavam Luis Di Filippo, Jesús M. Suárez e Leopoldo Alonso, naquele momento, os editores de *El Libertario*. Por outro lado, os defensores mais fortes do ingresso -agora condicional- à central de Moscou, eram o Antônio A. Gonçalves e, naturalmente, García Thomas. Em dezembro de 1923, Di Filippo escreveu um longo artigo que deixou mais que clara a posição dos novos partidários da autonomia internacional. Em um dos seus parágrafos, expressava:

A experiência já deu seu julgamento sobre o reformismo de Amsterdã, sobre a maquiavélica política do comunismo estatolatra da Sindical Vermelha e também sobre o "bluff" sindical pseudo internacional de Berlim (...). É verdade que a política indecente levado a cabo por Moscou e desde Moscou pelos líderes da I.S.V., é culpável do afastamento dos anarco-sindicalistas e da divisão de Berlim; como também é verdade que Berlim não é outra coisa que uma força muito relativa, quase inexistente hoje em dia. A política de absorção e de mútuo desprestígio é a única preocupação dos três "bureaux".⁴¹⁹

Assim como García Thomas, talvez para ganhar seguidores para sua causa, defendia a entrada condicional para a Profintern, da mesma maneira Di Filippo, apesar das frases drásticas que reproduzimos, sustentava que a autonomia com respeito às Internacionais, deveria ser circunstancial por razões muito concretas. Ir a Moscou representava favorecer a política do Partido Comunista e ir a Berlim significava aderir e solidarizar-se com o passo errado dado pelos sindicalistas-revolucionários, isto é, fomentar o divisionismo esterilizador. O estudante

⁴¹⁸ E. García Thomas. *El Libertario*. 1.10.1923. "Carta Abierta. Para mis amigos y camaradas F. Gonzalo...".

⁴¹⁹ *El Libertario*. 1.12.1923: "El Problema de las Internacionales".

santafesino de letras, afirmava que a USA deveria enviar delegados diretos a Europa para todos os congressos que se realizassem. Imediatamente, passou a responder ao argumento mais sólido, utilizado, segundo ele, por Gonçalves e García Thomas, aquele que defendia que os anarquistas deveriam estar presentes onde se encontravam seus adversários -argumento que foi expressado, fazia já décadas, por Malatesta, Fabbri, e Neno Vasco e outros, em contra das organizações operárias específicas do anarquismo, tais como a FORA argentina e a FORU uruguaia. Di Filippo argüia que se este critério prevalecesse, seria necessário entrar à II Internacional de Amsterdã, já que tinha um maior número de sócios que a de Moscou. Ora, dizia Di Filippo, nem a II, nem a III International permitiriam que aflorasse nas organizações operárias controladas por elas, a natureza proletária dessas instituições já que sua doutrina estatolatra, esmaga tudo.⁴²⁰

A novidade neste debate é que um grupo de anarco-bolcheviques, de fato, deixava de sê-lo, por causa da sua oposição, cada vez mais frontal, a Moscou. Pelo contrário, embora García Thomas e seus seguidores se mostrassem cautelosos ante a situação social e política russa, não tinham perdido seu entusiasmo e adesão à Revolução. Isto ficou evidente na ocasião da necrologia de Lenin que foi publicada em *El Libertario* acompanhada por uma fotografia com a manchete seguinte escrita por García Thomas: *A maior figura da revolução mais gigante que registra a História acabava de desaparecer. LENIN morreu. A Revolução Socialista deixou de ser uma utopia e o apocalipse do capitalismo começou.*⁴²¹

Esse artigo caiu como uma bomba no grupo da Aliança que agora tinha se tornado opositor ao comunismo político russo. A partir daquele artigo, García Thomas e seus partidários foram afastados da redação de *El Libertario*.

A pesar de que alguns dirigentes aliancistas da USA opinaram que a questão das Internacionais não deveria formar parte do temário da Primeira Conferência aliancista, passou a constituir o tópico principal tratado e -embora não de um modo imediato- foi a razão principal da divisão acontecida ao término de 1924. Com anterioridade à reunião da Conferência, muitos grupos de afinidade, enviaram suas opiniões sobre este assunto ao porta-voz da Aliança. A grosso modo, prévio a esta Conferência, os campos dos autonomistas e dos moscovitas contavam com a mesma quantidade de grupos de afinidade, mas, como veremos logo, os que estavam em favor da autonomia aumentavam na mesma medida que iam diminuindo os grupos propriamente anarco-bolcheviques.

Entre as respostas enviadas pelos agrupamentos, pode ser comentada a de José Martínez, de *Despertar*, de Salta. Martínez negava a possibilidade de que a USA pudesse impor seus critérios específicos a Moscou, já que as Confederações de Espanha, Portugal, Itália e também a I.W.W. de América do Norte, terminaram por separar-se, em forma definitiva, da I.S.V. por causa de sua orientação e de suas práticas. Contra o A.I.T. de Berlim, Martínez não apresentava objeções de princípio, mas sim a incidental que aquela organização deveria retificar-se com respeito às calúnias que fizeram circular contra conhecidos militantes revolucionários da região. Sustentou, deste modo, a remessa de um delegado para a Internacional de Berlim, mas não para as de Amsterdã e Moscou, proposta aceita, fazia pouco

⁴²⁰ Ibidem. Ver também os artigos de García Thomas em *El Libertario* do 20 de janeiro e do 10 de fevereiro de 1924, os quais tentaram afinar os argumentos em favor da entrada para a I.S.V., argumentos que já comentamos na última parte deste trabalho.

tempo, pela Aliança. Um sinal dos tempos foi que no mês de janeiro de 1924, *El Libertario* traduziu um artigo de Malatesta publicado em *Pensiero e Volontá* em que explicava a derrota social italiana de 1922, tanto pelo excesso de espontaneísmo por parte das massas como pela crença cega nas leis históricas ou nas intervenções providenciais.

A Conferência Regional começou a 23 de fevereiro de 1924 e contou com a assistência de 29 agrupamentos que começaram com expressar sua solidariedade com todos os prisioneiros, *sem distinção de matizes*. Só na sua terceira jornada, foi abordado o tópico espinhoso da opção da USA para a autonomia internacional ou sua afiliação para Moscou ou Berlim. Previamente ao debate, foi aprovado um Considerando do agrupamento *Despertar* de Salta, em que se estabelecia que a Aliança deveria limitar-se a levar a cabo tarefas como de formação sindical e evitar as interferências políticas e divisionistas no seio da USA. Esta proposta significava pouco menos que a Aliança passaria a operar como um tipo de Escola de Formação Sindical, em vez de constituir um grupo que disputasse a direção e o poder da principal organização operária do país. A moção foi aprovada por 20 grupos, com 5 grupos em contra e 4 abstenções.

Como surgiram só duas moções sobre a questão internacional -a autonomia circunstancial e a entrada condicionada a Moscou- para acelerar os debates foram designados quatro oradores, Antônio Gonçalves e Hermenegildo Rosales, por parte dos defensores de Moscou e Leopoldo Alonso e Juan Lazarte, pela autonomia. Os quatro experientes oradores pronunciaram seus longos discursos, e todos eles foram recompensados com aplausos por parte dos delegados e público assistente. Hermenegildo Rosales, de Construções Navais, insistiu nas realidades práticas e censurou os lirismos ideológicos. Expôs que a Sindical Vermelha tinha levado a cabo uma revisão das suas posições, em ocasião da realização do Congresso do C.G.T.U. de França e, para concluir, apelou à consciência dos delegados para que não se separassem dos que já fizeram a revolução. Em continuação, falou Leopoldo Alonso, militante da união dos Motoristas. Seus argumentos estavam fundamentados na denúncia ética das perseguições bolcheviques aos anarquistas russos e no caráter eminentemente político da Internacional Sindical Vermelha. Na sua conclusão acabou manifestando que as três Internacionais tinham sido fundadas para responder aos interesses de outros tantos grupos. A mudança de atitude de muitos aliancistas para com o regime soviético foi expressada por Alonso, nas seguintes palavras:

*Eu, dois anos atrás, defendi a adesão à Internacional Sindical Vermelha. Por aquela época não eram conhecidos os massacres, humilhações, encarceramentos, relaxamentos e outros fatos que constituíram armas de combate para os bolchevistas com o consentimento da Internacional Sindical Vermelha, que nunca emitiu um protesto. Mas nestes dois anos, para o estudioso da questão, já não existe segredo sobre o comportamento geral daquela Internacional subordinada ao poder do P. C. Estatal da Rússia e seus derivados em todos os países.*⁴²²

Finalmente, o pintor português Gonçalves se pronunciou em favor da adesão a Moscou. Partiu da premissa que optar pela autonomia significava optar pelo divisionismo na ordem

⁴²¹ *El Libertario*, 1.2.1924.

⁴²² Discurso de Leopoldo Alonso pronunciado na Primeira Conferência Regional da Aliança, reunida em Fevereiro de 1924. *El Libertario*, 10.3.1924.

internacional e defendeu que o unionismo revolucionário, postulado por Moscou era o único caminho seguro para a emancipação humana. O último locutor foi o estudante de medicina, Juan Lazarte. Defendeu a autonomia incidental mas não escondeu suas simpatias pela A.I.T. de Berlim. Passou revista à história de, *barbarismos protagonizada pelos bolchevistas para com todos aqueles que pensam na elevação espiritual para realizar um mundo novo*. O futuro médico de San Genaro, no seu discurso, acabou questionando a essência mesma da Revolução Russa. Na opinião dele, esta era a obra do povo russo e o Partido Comunista tinha-se apoderada dela. Como Alonso, postulava que a I.S.V. não passava de um apêndice do Partido Comunista e que foi fundada -com um caráter proletário- para atrair, novamente, as organizações operárias que já tinham abandonada a III Internacional política. Finalmente, passou a dar leitura a algumas teses sustentadas pela I.S.V. e as comparou com os estatutos e práticas da USA.⁴²³

Terminados os discursos, passou-se à votação das moções e prevaleceu a da autonomia com 181 votos, contra 113 obtidos pelos partidários de Moscou. De fato, a partir desta votação, a maioria da Aliança dificilmente poderia ser considerada como uma organização anarco-bolchevique, nem uma organização unida por um patamar mínimo de consenso.

A grande discrepância no seio da Aliança foi, sem dúvida, a posição com respeito à entrada da USA à Internacional Sindical Vermelha e este foi o ponto que decidiu que a organização se fraturasse em duas partes. Onde houve consenso na Conferência, foi na defesa da finalidade libertária inscrita na *Carta Orgânica* da USA, declaração que os sindicalistas, comunistas e socialistas quiseram suprimir no Congresso de 1924. Este objetivo dos não anarquistas seria realizado só dois anos depois, no II Congresso da USA. Este ponto não deixa de ser irrelevante, porque contradiz a opinião difundida entre os historiadores sociais do trabalho que consideram que a USA era uma central "sindicalista", ou seja uma simples continuação da FORA do IX Congresso. Em 1922, para diferenciar-se da FORA anarquista, não foi aprovada, *uma recomendação do comunismo anárquico, mas uma declaração da finalidade libertária*.

Finalmente a *Carta Orgânica* reformada pela Conferência ficou fundamentada em oito princípios de ação que já não mencionavam a afinidade com o regime soviético:

1º. *Intervir nas agitações de caráter social, para guiá-las a práticas do anarquismo construtivo.*

2º. *Trabalhar para unificar forças operárias, nacional e internacionalmente, fazendo um esforço para dotá-las de objetivos libertários.*

3º. *Propagar os sindicatos de indústria, os conselhos de fábrica, aconselhando o uso das armas da ação direta, preferindo as ações coletivas para a obra revolucionária do anarquismo.*

4º. *Declarar-se adversária a toda forma de Estado. antiparlamentaria e inimiga do reformismo sindical, por isso só utilizará os recursos da ação direta, desde a obra educacional que cumprem os centros culturais passando pelas várias atividades dos agrupamentos, até a mesma Revolução.*

5º. *Afirmar que nos períodos revolucionários não se devem rejeitar os procedimentos compulsivos, se a consolidação da vitória proletária os reclama.*

6º. *Considerando útil a presença de soldados conscientes nos institutos armados da burguesia, aconselha a entrada em suas linhas à mocidade anarco-comunista.*

7º. *Cooperar em ações coletivas com as extremas esquerdas nos casos que contemplam um*

interesse geral, sempre que os procedimentos a ser usados sejam contrários às práticas da ação direta.

8º. Estreitar as relações com os organismos semelhantes à Aliança que existam ou foram criados em qualquer região do mundo e convergir aos congressos para salvaguardar os interesses do anarquismo.⁴²⁴

Ao término daquele ano de 1924, quando se produzia a saída da Aliança do grupo de García Thomas, só 7 agrupamentos o acompanharam para reconstituir uma Aliança sobre as bases de 1923. *El Trabajo*, *Tibor Samuelly*, *Pietro Gori*, *Luisa Michel*, *La Racha*, *Libertario Cultural*, de Firmat e *Tierra y Libertad*, de Chabás, ficaram fiéis à posição favorável a Moscou e às idéias e práticas que tinham constituído seu fundamento, dois anos antes. Entre esses agrupamentos alguns eram tipicamente extra-sindicais, como *Tibor Samuelly*, dos marceneiros, ou *La Racha*, dos trabalhadores do calçado; outros eram agraristas, como os de Firmat e Chabás. Porém, é difícil descobrir um certo perfil de trabalhadores naquela divisão de águas entre as duas Alianças. Em linhas muito gerais, o Aliança I, optou pela ética anarquista e reteve as bases sindicalistas urbanas, enquanto que a Aliança II escolheu o pragmatismo revolucionário e tentou reconstruir suas bases sociais com *chacareros* e jornaleiros rurais.

A votação maioritária da Aliança em favor da autonomia, se adiantou por dois meses à mesma questão colocada no Primeiro Congresso Ordinário da USA, reunido em abril de 1924. O assunto foi votado sem debate prévio e lançou os seguintes números: para a autonomia: 16.312 votos; para a adesão condicional à União Internacional Vermelha: 376; para a adesão incondicional à Internacional de Moscou: 64 e abstenções: 11.264.⁴²⁵

Se consideramos que a maioria da Aliança tinha se distanciado de Moscou há pouco, este número alto de abstenções, que representariam, de acordo com as fontes primárias, os partidários da I.S.V., não deixa de chamar a atenção. Além dos comunistas, da fração de sindicalistas liderada por Augusto Pellegrini e da minoria aliancista que seguiam a García Thomas, Gonçalves e Rosales, parecem ter existido outros delegados que ainda simpatizavam com Rússia, naquele abril de 1924.

Em ambos Congressos, nem os aliancistas nem os anarco-sindicalistas propuseram à USA a afiliar-se à Internacional de Berlim. Alguns agrupamentos declararam nas suas respostas ao Referendum que mencionamos, que a Internacional de Moscou e Berlim deveriam se unir em uma única central operária apolítica e revolucionária. Muitos aliancistas não viram com maus olhos a organização de Berlim e a evidência disto pode ser encontrada nos vários objetivos recomendados a Luis Di Filippo e Rolando Martell, para ser levados a cabo durante sua excursão europeia. Sem lugar a dúvidas, o principal de todos eles consistia em participar da reunião do A.I.T. e defender ante este foro internacional, o prestígio da Aliança e da USA, ultrajado, como consideravam, pelas calúnias de Juan Guerrero, Abad de Santillán, Ángel Orlando e Julio Díaz, representantes das organizações operárias anarquistas do Uruguai, da Argentina e do México. Se a Aliança I, não estivesse interessada em um possível ingresso a Berlim, o envio desses delegados careceria totalmente de sentido. De fato, Luis Di Filippo pôde pronunciar conferências sobre o sindicalismo argentino na Universidade de Barcelona. Na capital de Catalunha entrou em contato com o Comitê de Relaciones Anarquistas de Espanha,

⁴²⁴ E. García Thomas. *Comentarios a la Primera Conferencia Regional de la Alianza*. p. 32.

⁴²⁵ *El Libertario*. 1.5.1924.: "El Congreso de la USA".

sem dúvida um precursor da organização da famosa Federação Anarquista Ibérica, F.A.I. De acordo com a correspondência que Di Filippo enviou a *El Libertario*, os delegados argentinos conseguiram mudar a opinião que Pestaña, Carbó, Buenacasa e Souchy tinham sobre a USA e a Aliança. Na realidade, e isto se oculta bastante nos artigos aliancistas, não se tratava tanto de uma mudança de opinião do anarco-sindicalismo europeu com respeito às duas organizações, mas da sua falta de conhecimento sobre as transformações acontecidas no seio da Aliança nos anos 1923 e 1924. Por exemplo, isto é revelado na carta de Augustin Souchy dirigida à ALA:

*Com satisfação tomamos nota de que a USA é antiparlamentaria, partidária da ação direta e que, como finalidade, procura o comunismo libertário. Mas o que achamos estranho é que nas publicações da USA -por exemplo, Bandera Proletarias comunicações da Internacional Sindical Vermelha e os artigos favoráveis à entrada da USA à dita Internacional, encontram um espaço extraordinário, de forma tal que, lendo este jornal, se tem a impressão de que é um órgão guiado por Moscou.*⁴²⁶

A impressão de Souchy não era infundada, mas durante o ano de 1924 essas comunicações da I.S.V., desapareceram das publicações da USA e da Aliança I.

Di Filippo participou do Congresso da A.I.T. celebrado em Amsterdã, ao contrário de Rolando Martell, cuja figura se desvanece na passagem por Paris. Conseguiu que a Internacional anarco-sindicalista nomeasse um Comitê, integrado por Rocker, Jensen, Campos e Carbó, para tratar da "Questão Argentina". Foi lido, na presença de Di Filippo, Santillán e Julio Díaz, o *Relatório da FORA* -a principal pedra de escândalo para a USA e a ALA. Neste Relatório, obra de Santillán e López Arango, se afirmava que eram 200.000 os afiliados à FORA anarquista, enquanto que os aliancistas eram caracterizados como agentes de Moscou, encarregados de produzir a transição do comunismo anárquico para o comunismo político. Foram debatidos também -aliás, em alemão- os assuntos do célebre "Affaire Internacional" e o processo da unidade sindical promovida, em 1921, por Gonçalves e Ferrer. Nesta confrontação, Diego Abad de Santillán mostrou-se de uma moderação surpreendente, mas não assim o carpinteiro Julio Díaz -de desempenho longo no forismo argentino das décadas seguintes- que acusou a ALA e a USA de organizações policiais.⁴²⁷

⁴²⁶ *El Libertario*. 1-12-1924

⁴²⁷ *El Libertario*. 30.4.1925. "El Congreso de la A.I.T. El Conflicto de la Argentina". Julio Díaz generalizava para toda a USA e a Aliança, os casos peculiares de confidentes policiais de dois de seus afiliados, David Valdés e Julio Amor, os que foram expulsados das duas organizações a meados de 1923. É de notar que o *Suplemento de La Protesta*, publicação que concedia um grande espaço ao desempenho de Santillán na A.I.T., não menciona em nenhum momento, a presença do aliancista Di Filippo na reunião de Amsterdã. Dito seja de passagem, Santillán e Díaz quiseram impor à A.I.T. um caráter exclusivamente anarquista, à semelhança da FORA e da FORU e expressaram suas críticas severas e arrogantes contra o CNT espanhola, a USI italiana ou as seções da I.W.W. dos Estados Unidos. E isto, em um momento em que a FORA e a FORU, que representavam, se encontrava num momento de decadência quanto a seu número de afiliados e suas atividades. Também foi importante a polêmica que Abad de Santillán e López Arango mantiveram com Luigi Fabbri, ao longo de 1925. Os primeiros defendiam como um valor de aplicação universal o forismo e o pensador italiano sustentava a postura mais moderada e pluriforme de um sindicalismo revolucionário ou anarco-sindicalismo. Para o desempenho de Santillán e Guerrero nas Conferências do A.I.T. em Innsbruck e Berlim, ver o *Suplemento de La Protesta*. 4.2.1924. Para a presença de Santillán e Julio Díaz em Amsterdã, ver, *Ibidem*, 27.3.1925. Santillán, em suas *Memórias*, publicadas em 1977, continuou reivindicando para si um protagonismo na AIT que, na realidade, esteve longe de ter. Pretendeu, sem êxito, internacionalizar os conflitos argentinos e não só não menciona a presença de Luis Di Filippo, mas também não as de seus companheiros Juan Guerrero e Julio Díaz. Santillán transforma este assunto em outro capítulo de sua história oficial do anarquismo, na qual são exaltados seus amigos e criticados, caluniados ou ignorados seus

De fato, a divisão significou o enfraquecimento de ambas Alianças já que, depois de 1924, seus agrupamentos vão diminuindo e as duas organizações não puderam superar sua estagnação. Enquanto a Alianza I pôde manter uma influência relativa no interior da USA, a Aliança II, tentou, com escasso êxito, organizar novamente os jornaleiros e arrendatários em associações específicas de resistência. Estamos em presença da decadência de todos os setores da esquerda e da ascensão da influência socialista -manifestada, em 1926, com a fundação da Confederação Operária Argentina- é o resultado, quase exclusivo, da entrada à COA de um grupo nutrido de ferroviários, os quais os sindicalistas vacilaram em admitir nos seus Congressos de 1918, 1921 e 1922, temendo ser ultrapassados em número.

As correntes anarquistas que, entre 1919 e 1922, tinham voltado para uma ortodoxia reconstituída e especialmente o protestismo, sempre acusaram os anarco-bolcheviques e a Aliança, de tentar construir uma ponte de passagem do anarquismo para o comunismo. Esta teoria conspirativa, nem mesmo no momento de sua formulação, estava fundamentada em evidências históricas e, depois, não se confirmou. Ora, em uma análise global, o anarco-bolchevismo funcionou como uma ponte de passagem para alguns líderes e seus seguidores, mas era uma ponte que levava do anarquismo forista -que se recusava a trabalhar com outras correntes sindicais- para o anarco-sindicalismo ou, inclusive, para o sindicalismo revolucionário. De fato, de 1922 a 1924, repetiu-se o processo que tinha sido delineado a partir de 1910 e que eclôsionou no Congresso de 1915. Uma parte do anarco-comunismo, passou a reforçar as fileiras do sindicalismo, em 1915 e do anarco-sindicalismo, a partir de 1922.

Deste modo, a maioria dos aliancistas, a que permaneceu na Alianza I, cada vez mais se mimetizava com a estrutura da USA e com seu modelo sindical. Se no sindicalismo tradicional -o da UGT, CORA e FORA do IX Congresso- o lugar privilegiado da luta era o do trabalho -tal como pretendemos demonstrar na ocasião das greves marítimas e portuárias, especialmente durante o Triênio Vermelho- agora a USA, sem deixar de lado aquela tradição, também se mobilizava por razões de solidariedade, o que foi demonstrado pelas greves a favor da liberdade de Silveira, de Wilckens, de Mañasco e de Sacco e Vanzetti.

Para ilustrar esta nova atitude sindical pela solidariedade com questões extra-gremiais, queremos comentar algumas ações solidárias realizadas pela USA e a Aliança, nesse período. Por exemplo, o processo e a condenação de Mañasco constituíram um caso típico de justiça classista, ao estilo de Sacco e Vanzetti ou, depois na década dos 30, dos Prisioneiros de Bragado. Mañasco era um organizador de *mensús* dos ervatais e *obrajes* do norte, um desses lutadores sociais que quiseram transformar o trabalho semi-cativo desses trabalhadores endividados e coagidos por *capangas*, em trabalhadores livres com direitos operários estabelecidos. Como operário fogueista da FOM, tinha fundado a União de Operários Ervateiros, em San Ignacio, Missões. Depois de uma greve exitosa, a união estava estendendo sua influência para outras cidades missioneiras, tais como Corpus, Candelaria e Puerto Istueta, usando a infra-estrutura da Federação Operária Marítima. Em junho de 1921, Eusebio Mañasco foi culpado do assassinato de Allan Stevenson, um vizinho de San Ignacio. Quando um dos suspeitos declarou, sob torturas, contra Mañasco, ele, Cirilo Ramírez, Liberato Espinoza e Crescencio López, foram condenados a reclusão perpétua. Durante o julgamento, o fiscal do distrito acabou questionando a legitimidade da existência de sindicatos já que, de acordo com

ele, os trabalhadores tinham descoberto o sindicato para levar a cabo greves para se apropriar dos ervatais, uma vez eliminados seus donos. A USA levou o caso ao Tribunal Supremo e organizou uma vasta campanha ao longo do país inteiro em favor dos condenados. Finalmente, a 20 de fevereiro de 1927, puderam organizar uma série de tribunas em Plaza Once e entre os oradores encontramos a Alfredo Palacios, Emilio Troise e Julio R. Barcos.⁴²⁸

No mês seguinte, em um novo comício, achamos entre os oradores a Hermenegildo Rosales e Luis Di Filippo. Por seu lado, os líderes sindicalistas Alejandro Silvetti e Leopoldo Alonso tiveram uma entrevista com o Presidente Alvear, não para pedir anistia para Mañasco, mas para exigir a liberdade deste lutador social. Como consequência destas campanhas, a reclusão perpétua foi mudada para uma condena de 25 anos de prisão.⁴²⁹

Também no caso de Sacco e Vanzetti, a USA e a Aliança mostraram sua solidariedade para os anarquistas italianos condenados à morte nos Estados Unidos. A 15 de julho de 1927, e nos dias 5, 6 e 10 de agosto, foram decretadas greves gerais no país inteiro e foram realizadas concentrações, nos dias 31 de julho e 7, 21 e 23 de agosto. Nesta última data, falaram desde 4 tribunas instaladas na Praça do Congresso, Leopoldo Alonso, Euclides Jaime, Juana Maria Begino, Antônio Tomaso, Teófilo González, Julio R. Barcos, Augusto Pellegrini, Luis Di Filippo, Pascual Plescia, Rafael Grecco, Ángela Mendoza, Mario Bravo, Adán Ibáñez, José Penelón, Hermenegildo Rosales e Alfredo Palacios. Como em algum momento observou Osvaldo Bayer, os atos de solidariedade para com os prisioneiros sociais e contra o fascismo internacional constituíram, na prática, as únicas manifestações de unidade por parte das esquerdas. Na ocasião que relatamos, havia entre os oradores, futuros trotskistas, socialistas, comunistas, sindicalistas, aliancistas, anarquistas, etc. Um conglomerado muito variado, daquela esquerda, tão dividida como ideologizada, dos anos vinte.

Um outro exemplo de um prisioneiro ilustre foi Marcos Kaner. Organizador agrário da UTA, em 1919, era, como Eusebio Mañasco, um desses que tentaram melhorar a situação dos mensús da floresta do Alto Paraná. Foi, aliás, um dos poucos anarquistas e aliancistas que, com o tempo, passariam às fileiras do Partido Comunista.⁴³⁰

Podemos verificar que uma das funções exercidas pela ALA consistia, exatamente, em oferecer seus oradores para as conferências e reuniões do Primeiro de Maio e, em ocasiões especiais, para objetivos concretos como os atos levados a cabo a favor da liberação de Wilckens, Mañasco, Sacco e Vanzetti, Radowitzky, Kaner, Lorenzo Barrios e muitos outros. Embora as greves gerais da USA por razões de solidariedade, nem sempre tiveram êxito, o fato de que a liderança as proclamasse nos resulta bastante significativo, dado o grau de desmobilização geral das lutas sociais dos anos vinte.

A medida que -ao longo da década dos 20- as ações combativas da Alianza I iam diminuindo, pode-se notar a presença de algumas atividades sociais que pertenciam à tradição

⁴²⁸ S. Marotta. *op. cit.* p. 238 a 245.

⁴²⁹ Falamos de uma atitude nova em relação a questões sociais por parte da USA e comparada com a da FORA sindicalista. Esta última, em geral, não se interessava muito pelas práticas de solidariedade operária, como foi demonstrado nos eventos da Semana Trágica e nas Greves de Las Palmas, la Forestal e de Santa Cruz. Postulamos aqui que foi o novo implante anarquista na USA, o que produziu aquela mudança de atitude.

⁴²⁹ Comissão do Comitê Central do Partido Comunista. *Esbozo de Historia del Partido Comunista de la Argentina*. Bs. As., Anteo. 1947, p. 75.

⁴³⁰ Comissão do Comitê Central do Partido Comunista. *Esbozo de Historia del Partido Comunista de la Argentina*. Bs. As., Anteo. 1947, p. 75.

anarquista local entre as quais se salientavam os piqueniques de verão, as veladas culturais, nas quais as representações teatrais constituíam, costumeiramente, o ingrediente principal. Por exemplo, durante o sábado 9 de novembro de 1929, foi anunciada a realização de uma, *Gran Velada Teatral, Conferencia y Baile*, em benefício de uma Biblioteca Social de La Plata. Depois que os atores e o público entoassem o hino anarquista de Ghiraldo, *Hijos del Pueblo*, o elenco filodramático, representaria *MADRE TIERRA*, de Rodolfo González Pacheco, um drama ruralista com a, já clássica, intervenção de *linyeras, puesteros*, imigrantes, sargentos e fazendeiros. Depois daquela representação, seria cantado o *Hino dos Trabalhadores*; César Godoy Urrutia, ditaria a conferência *A Educação Futura*; a menina Aurora Caló, recitaria poemas e o cantor platense, Pedro Palomo, executaria sus *payadas* gaúchas. Antes de voltar para suas casas, o público cantaria *A Marselhesa* e, novamente, *Hijos del Pueblo*.⁴³¹ É de interesse que essa velada era organizada no local da União de Trabalhadores da Industria Metalúrgica, da cidade de La Plata e que os atores eram de famílias anarco-sindicalistas, tais como os Caló, Schmidt e Suárez.

Na semana seguinte, o mesmo elenco filodramático aliancista "Arte y Labor", representaria o trabalho de Mario Flores, denominado de, *clima anticlerical, CRUZ DIABLO*. Esta obra seria representada no Teatro Verdi, cenário de muitos Congressos sindicais. Um conhecido nosso, da época de *Bandera Roja*, Amadeo Chapella, falaria sobre sindicalismo revolucionário e Godoy Urrutia sobre o tema *O Crime e a Moral*. Tudo isto se pareceria demais às veladas anarquistas do começo do século, a não ser pela presença de uma Orquestra Típica, na qual participavam 3 sanfonas, 5 violões e 3 violinos para interpretar tangos, valsas, *zambas* e *tonadas*. Até os anarquistas começaram a admitir que o tango tinha parado de ser uma, *música de bordéis*, adquirindo carta de cidadania entre as pessoas decentes, fossem operários ou burgueses. Esta vez os organizadores do evento cultural foram os líderes de Metalúrgicos Navais e os ingressos se destinavam -por partes iguais- aos prisioneiros sociais da USA e para a Caixa Social da Aliança.⁴³²

A ALA I -a qual, em forma geral, poderia ser chamada anarco-sindicalista- morria lentamente, ao mesmo tempo que a USA, entre os anos 1925 e 1930. Cada vez mais se transformaram em pacíficos grupos extra-sindicais, os quais, aparentemente, mostravam poucas semelhanças com a combativa Federação Anarquista Ibérica, fundada em 1927 -da qual, de fato, a Aliança era o antecedente direto. Alguns poucos de seus integrantes participaram, em 1930, da coalizão entre a COA e a USA para formar a Confederação Geral do Trabalho, a CGT, mas a maioria dos seus dirigentes desapareceu do cenário sindical depois do Golpe de Uriburu, em setembro de 1930. Pelo contrário, uma quantidade relativamente importante de aliancistas concorreu para o II Congresso Anarquista Regional, levado a cabo em Rosario em dezembro de 1932. Só o Golpe Militar, as numerosas expulsões do país e os encarceramentos, foram capazes de unir em um Congresso a comunidade anarquista, prisioneira de ferozes lutas intestinas durante toda a década dos 20. O que restava em 1930, do movimento anarquista no Río de la Plata, era muito pouco: alguns sindicatos foristas e pequenos cenáculos de libertários devotados ao estudo, ao debate e a encontros fraternais.

⁴³¹ *El Libertario*. Outubro de 1929.

⁴³² *Ibidem*.

6.3 A QUESTÃO AGRÁRIA E A ASSOCIAÇÃO ARGENTINA DE COLONOS E ARRENDATÁRIOS, 1925-1926

Qual é nossa política, nosso programa? Luta declarada e sem quartel contra o dogmatismo doutrinário e o reformismo sindical. Rejeição do eleitoralismo e priorização da ação direta, insurreccional e revolucionária. Organização anticapitalista dos trabalhadores industriais e agrários. Entendimento internacional com as esquerdas revolucionárias extremas toda vez que a ação contra o capitalismo e o Estado o aconselhasse. Cuidar para que na USA não se entronize a direção reformista. Na questão internacional, apoio moral à Rússia, na sua qualidade de país governado por homens e instituições proletárias.⁴³³

Ao término de 1924, a divisão da Aliança em duas instituições paralelas, a que estava nucleada em torno de *El Libertario* -a que poderia ser caracterizada como anarco-sindicalista- e a que vai fundar *La Rebelión*, reafirmada em suas convicções e práticas do revisionismo anarquista, quer dizer, a fração que se manteve no território anarco-bolchevique.

Da epígrafe que precede, podemos deduzir os pontos principais do programa desta fração. Quanto à sua importância real, podemos verificar que ela teve escasso êxito na sua autoatribuída agenda de tarefas, ou seja de deslocar os dirigentes sindicais *reformistas* da direção da USA.-é dizer, os da Alianza I, amsterdâmianos e *indefinidos*. Por exemplo, no Comitê Central eleito ao término de 1924, seu único representante foi Hermenegildo Rosales, enquanto que a Alianza I, ocupou numerosas secretarias, além da Secretaria Geral. Também na organização dos trabalhadores industriais, os obstinados anarco-bolcheviques partidários de dirigir com autoridade ao proletariado, não obtiveram resultados tangíveis, já que as seções de construções navais, portuários e dos trabalhadores do calçado optaram pela adesão ao círculo de *El Libertario*. Outro fracasso foi constituído pela tentativa de estabelecer uma Entente com as extremas esquerdas e tampouco aconteceu uma coalizão com o Partido Comunista, embora a relação do grupo de García Thomas com aquele partido parece ter melhorado, durante aquele tempo, já que seus oponentes o acusavam de imprimir *La Rebelión*, nas oficinas gráficas de *La Internacional*.

Tudo nos leva a pensar que o único rubro em que a Aliança II se salientou, consistiu no seu intento de fundar uma Associação Argentina de Colonos Arrendatários (A.A. de C.A.). Por outro lado, esta idéia não era nova. Durante o Triênio Vermelho havia-se mencionado a existência de uma associação semelhante no Sul de Santa Fé, e ainda previamente, a partir de 1912, as fontes mencionam a existência de organizações regionais de arrendatários, paralelas e opostas à Federação Agrária Argentina, com sede em Rosario.⁴³⁴ De 1919 a 1921, encontramos também organizações efêmeras de colonos nas regiões de Arata, território de La Pampa, e de

⁴³³ *La Rebelión*. 15.1.1925: "¿Decadencia o Renovación?"

⁴³⁴ Ver, por exemplo, *La Tierra*. 26.8.1913 e 3.4.1914; Plácido Grela. *El Grito de Alcorta. Historia de la Rebelión Campesina de 1912*. Rosario, Ed. Nuestra Tierra, 1959, p. 51. Antônio Dieciduc. *Netri, Líder e Mártir de una Gran Causa*. Rosario. Federação Agrária Argentina, 1969, p.105 a 108.

Los Surgentes, Córdoba.

Antes de entrar a analisar esta organização curiosa de agricultores anarquistas, que tinham como bandeira a socialização da terra, queremos destacar que, a partir de 1925, os novos rebelionistas declararam que continuavam sendo anarquistas *revisionistas*, *construccionistas* e *novos* e, que não eram nem *dogmáticos*, nem *cristalizados*, nem *liberais*, nem *evolucionistas* e que consideravam que o *anarquismo romântico* tinha sucumbido com a Guerra Grande. Durante aquele tempo, começaram também a desautorizar, sem muitas sutilezas, as figuras prestigiosas do anarquismo mundial. Godwin e Tolstoy eram *doutrinários puros*; Kropotkin, Grave e Faure foram acusados de *belicistas* e Malatesta, Rocker e Fabbri, foram premiados com o epíteto de *piruetistas verbais*. Não só continuavam defendendo a ditadura do proletariado -embora este tópico é menos mencionado que antes- mas enfatizam sua visão classista da sociedade e postulam que a luta de classe será a que destabilizará o capitalismo. Isto não carece de interesse, já que na década dos 20, o protestismo desenvolveu uma teoria histórica que não só negava a importância da unidade do movimento operário, mas também renunciava, explicitamente, à luta de classes, em prol da luta no campo das ideias. Queremos enfatizar aqui, que isto constituiu uma novidade, já que a imensa maioria dos autores anarquistas anteriores à Grande Guerra, defendeu, em termos claros, a luta de classes, uma concepção sobre a qual os marxistas não possuíam o monopólio absoluto, como vulgarmente se acreditava. Por essa razão, a Aliança II, se confrontava com seus antigos companheiros, já que os considerava reformistas e inimigos da ação direta, uma das expressões anarquistas mais tradicionais da luta de classes. Isto fica evidente quando *La Rebelión* assume a defesa de José García Pulido, delegado da USA em Las Palmas, que foi acusado, pela polícia do lugar, de preparar atentados com armas e bombas. *Para os reformistas -escreviam os anarco-bolcheviques- é um crime de lesa-USA, que seus delegados sintam inclinações bélicas e fazem armazenamento de armas*. Podemos detectar aqui que, em 1925, o grupo de García Thomas -al contrário de Silvetti, Alonso e Ferrer- manteve a mesma tendência à conspiração que em 1919 e 1920 e que priorizava a luta social à ocupação de secretarias rentadas da USA.⁴³⁵

A vocação pela organização agrária deste grupo não data de 1925, senão que, como todas as outras atividades dos anarco-bolcheviques, afunda suas raízes em seu passado libertário prévio a 1917, isto é, na tradição dos *linyeras* anarquistas, os que, ao trabalhar na colheita das chacaras, conheciam muito bem o tema da questão agrária. Uma vez mais -como no caso do poderoso, porém efêmero, *sindicato industrial* de jornaleiros rurais, a União de Trabalhadores Agrícolas, UTA- o promotor principal da organização agrária destes anos, foi José Vidal Mata. Embora seu trabalho entre os jornaleiros e os chacareros, não tivesse deixado um legado durável, seus artigos e folhetos sobre a questão agrária, clarificam muitos aspectos da mesma. Vidal Mata se posiciona, claramente, contra uma reforma agrária capitalista, no sentido da formação de uma poderosa classe média rural, proprietária das terras que anteriormente arrendavam. Deste modo, se afastava do paradigma para o qual pleiteou, o líder socialista, Juan B. Justo. Outra parte de seus escritos visava a tecnificação crescente dos trabalhos da colheita no agro pampeano, tecnificação, segundo dizia, altamente expulsora de força de trabalho jornaleira. Um outro elemento abordado foram os contratos de arrendamentos

e nisto Vidal Mata foi um dos pioneiros da história agrária nacional. Estava claro que para ele, o chacarero não era, em primeiro lugar, um explorador de força de trabalho, mas um explorado pelo capital, representado pelo contratista, as casas cerealistas, os latifundiários e as grandes companhias ferroviárias e marítimas, junto com as empresas exportadoras. Nos seus artigos e folhetos denunciou a expulsão dos chacareros das suas terras quando não pudessem pagar suas dívidas ou não tivessem os meios de renovar seus contratos por estar descapitalizados. Estes artigos foram numerosos e nos anos vinte começaram a ser acompanhados de fotografias as quais, hoje em dia, constituem outros tantos documentos históricos.

Os aliancistas não só agiram entre os jornaleiros e *chacareros*, mas também tentaram contribuir à formação da consciência de classe com suas contribuições teóricas e com a sua defesa dos interesses dos residentes rurais. Por exemplo, na *Doutrina do Camponês Argentino* - uma espécie de catecismo rural, provido de ilustrações- são representados *linyeras* que viajam em trem de carga; um peão, amarrado a um poste por um afiliado da Liga Patriótica Argentina e com a epígrafe, *estar na rua*, aparece um *linyera* com bombachas, alpargatas e trouxa, vigiado, de longe, por uma horda de cossacos a cavalo. Também é representado um colono no momento em que o capataz, de fraque e galera, lhe comunica o aumento do aluguer. O núcleo da *Doutrina* consiste na oposição dialéctica dos ociosos ricos com o trabalhador pobre e explorado. Os capítulos que se referem aos jornaleiros descrevem como viajam, como trabalham, como são tratados e como morrem e lembram as histórias autobiográficas do Castelnovo anterior a 1923. Quanto à parte dedicada aos colonos, Vidal Mata usa o recurso literário de pôr em cena um diálogo entre um dono de campo e um chacarero. O primeiro argumenta que a boa colheita e a faculdade concedida para criar alguns animais, lhe garantizam ao colono uma existência digna. Por outro lado, o chacarero enumera uma lista de todas suas despesas, dos perigos de geada, pedra ou nuvens de gafanhotos, do endividamento e do perigo de embargo das ferramentas agrícolas. O agricultor finaliza o diálogo com uma reflexão filosófica: *Mas não importa; já virá o momento de mandar vocês passear, zangãos!* Nas últimas 4 páginas do folheto, Vidal reproduz um *diálogo entre um padre e um linyera* em que se mencionam os sete pecados capitais e as oito bem-aventuranças do camponês argentino. Por seu colorido, que reflete o espírito da época, os reproduziremos em forma abreviada.

Pecados Capitais.

1. *Ser bobo; (pensar que trabalhando se chegará a rico).*
2. *Viver de ilusões, sonhar; (pensar que os patrões fazem viver aos peões)*
3. *Confiar em que deus se ocupa da sorte do trabalhador pobre; (deus está morto, velho)*
4. *Ir para o patrão com histórias sobre os peões companheiros.*
5. *Chupar-se o dedo acreditando que é caramelo; (quando chamam aos gaúchos para votar ou lutar pela pátria)*
6. *Pensar em respeitar a autoridade; (a autoridade é uma mentira que inventaram os ricos e os governos para tê-los ao seu gosto e não trabalhar)*
7. *Não aprender bem este catecismo; (que abre os olhos do agricultor e do gaúcho)*

As Bem-aventuranças.

1. *Bem-aventurados os pobres porque serão tratados como cachorros.*

⁴³⁵ *La Rebelión*. 15.1.1925. "García Pulido, víctima de la policía chaqueña, ha recobrado la libertad".

2. Bem-aventurados os submissos, porque patrões e policia os farão pôr valentes a chicotaços.
3. Bem-aventurados os que choram, porque não há e faltar quem se ria deles.
4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque os satisfarão a cepe e prisão e lhes meterão bala e machete de.
5. Bem-aventurados os misericordiosos, porque os rebentarão a bofetões.
6. Bem-aventurados os limpos de coração, porque serão tomados por sonsos.
7. Bem-aventurados os pacíficos, porque, embora não queiram, serão enviados para a guerra.
8. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça porque, além de ser postos na prisão, lhes farão pagar os custos do processo e as justiças abusarão da mulher e das filhas.⁴³⁶

De fato, ao apóstolo agrarista sobraram-lhe algumas bem-aventuranças já que, mais tarde, acrescenta algumas à lista. Entre elas achamos uma de grande interesse: *Bem-aventurados os que intentam unir os gaúchos (paisanos) com os gringos (estrangeiros) para fazer-se respeitar pelos patrões*. Vidal Mata, como aquele outro espanhol, Jesús María Suárez, foi um dos poucos militantes sociais que percebeu que os trabalhadores *criollos*, das estâncias e das chacaras, formavam também parte do proletariado argentino e que a clivagem entre nativos e estrangeiros, fomentado pelo nacionalismo nascente da Liga Patriótica Argentina, era um obstáculo para que os lutadores sociais tinham a obrigação de remover.

Já na fase da Aliança II, Vidal Mata publicou *Aspectos do Problema Agrário na Argentina*.⁴³⁷ Neste trabalho reaparece o tópico dos altos custos de produção, por parte do arrendatário, em contraste com as rendas escassas. O autor aborda também uma questão que o preocupou muito durante aquela época: o avanço tecnológico no campo argentino que desapropriaria, em forma progressiva, um contingente cada vez maior de força de trabalho. Outro problema agrário fundamental era o desalojamento dos *chacareros* e neste sentido o folheto não só descreve alguns casos peculiares de *chacareros* expulsados, mas mostra algumas fotografias que ilustram as histórias relatadas.⁴³⁸

O arrendatário entregará como renda para a Senhora de Devoto 27% do produto da chácara, trilhado, debulhado e embolsado em sacos tipo exportação, devendo ser entregue o cereal na balança de meu galpão em Bigand.

Os artigos estabelecem, minuciosamente, a forma em que a terra deve ser trabalhada, o tipo de semente a ser usada, os insetos a ser combatidos -em especial, claro está o devastador gafanhoto- as ervas nocivas a ser erradicadas -o Artigo 11 nomea o abrolho, o *chamico*, o cardo, a *visnaga* e a *chinchilla*- e as estradas locais a ser mantidas. Estabelece uma série de multas para o incumprimento do Contrato. Por exemplo, onera com um pagamento, de 35 pesos a hectare não trabalhada pelo agricultor. Aquela multa, e outras, poderiam ser pagas em dinheiro vivo, mas também em porcentagem da colheita. Entre as franquicias do *chacarero*, estão a licença de possuir três vacas leiteiras, quatro porcos e a possibilidade de criar 5 potros ou potrancas por ano. Também a quantidade de galinhas, e até de pombas, dependia do

⁴³⁶ José Vidal Mata. *La Doctrina del Campesino Argentino*. Bs. As., Edición de la UTA, 1921.

⁴³⁷ José Vidal Mata. *Aspectos del Problema Agrario en la Argentina*. Bs. As., Agrupación Libertaria El Trabajo, 1925. Deste opúsculo foram publicados, nada menos que 10.000 exemplares.

⁴³⁸ Entre o material fotográfico, o folheto mostra uma imagem da família de José Cabo de Viamonte; esta família estava literalmente na rua, com alguns cavalos, maquinária agrícola e as chapas de zinco e o madeirame do rancho. Quanto aos peões das estâncias, o autor assegura que a Grande Coleta Nacional, patrocinada por Monsenhor Miguel D'Andrea, em 1919, arrecadou 14 milhões de pesos que teriam sido destinados a comprar armas para os *gaúchos crédulos refugiados nas estâncias, para o caso de que uma revolução proletária*

consentimento da proprietária.

Resulta evidente que a Aliança não publica este Contrato de Locação de Serviços ao acaso. Também nos dá notícias de que Luis Di Filippo e outros entraram em disputa com Esteban Piacenza e a Federação Agrária Argentina e que -em base ao grupo de Colonos Unidos de Bigand- tentam organizar os arrendatários de "La Adela" em uma Federação alternativa. Como acontecia em casos semelhantes, naquela ocasião a Federação Agrária Argentina interveio e conseguiu da proprietária a supressão de algumas das cláusulas mais conflitivas.⁴³⁹

Indubitavelmente os aliancistas perceberam que o mundo das representações coletivas dos colonos não coincidia com o dos jornaleiros e, menos ainda, com o do proletariado industrial. Porém, tiveram a lucidez teórica de considerar que os colonos, como classe social, não podiam ser assimilados à burguesia e que possuíam uma virtualidade revolucionária não desprezível. Também postulavam que a classe de arrendatários -por causa do custo da tecnificação e das transformações no mercado de trabalho- evoluia rapidamente para a pauperização e a proletarização, à semelhança do que já estava acontecendo nas áreas densamente povoadas do Sul de Santa Fé e Córdoba.⁴⁴⁰

Também os grupos de afinidade aliancistas de Tucumán estavam preocupados com a questão agrária local, neste caso com a situação dos trabalhadores dos engenhos. A meados de 1923, Francisco Racedo, do grupo *Armonia*, nos oferece uma breve descrição histórica do trabalho na atividade do açúcar. Foram os militantes ferroviários Central Norte que, em 1917 e 1918, puderam organizar os primeiros sindicatos e introduzir melhorias na situação operária de uma das categorias de trabalhadores mais exploradas do país. A posteriori, algumas organizações sindicalistas foram seduzidas pela política obreirista e pre-populista do Governador Bascari, o qual -como Lencinas em Mendoza- usou os trabalhadores na sua luta política contra os conservadores, e não porque lhes concedia um peso específico próprio à questão social. No trabalho da safra continuou dominando o trabalho por empreitada apesar de Bascari, e a família dos que trabalhavam no canavial só ganhava 2,70 a 3 pesos a tonelada de cana cortada. Racedo denota a presença de organizadores da FORA anarquista e da USA entre os trabalhadores dos engenhos. Está claro que os aliancistas trabalhavam com os militantes da USA e estes -embora Racedo procura negá-lo- colaboravam ativamente com a política trabalhista do governador Bascari. A presença dos organizadores da USA coincide com os lugares onde a Aliança tinha seus grupos de afinidade, quer dizer, Tucumán, Lules, Vila Luján e Concepción.⁴⁴¹ Entre os militantes aliancistas tucumanos se destacavam Vicente Ferreyro, José Martínez e Francisco Coronel, além do já mencionado Racedo.

Já falamos que uma organização anarquista de colonos a meados da década dos 20 não

estourasse

⁴³⁹ Ver, *El Libertario*. 3.4.1923. "Nuestro Feudalismo Agrario". Resulta interessante que Vidal Mata tenha escolhido, em 1923, um contrato de Alcorta, exatamente o lugar onde, em 1912, surgiu a importante rebelião de chacareros mais célebre e que deu origem a uma greve rural regional e a fundação Federação Agrária Argentina.

⁴⁴⁰ *Ibidem*. 1.6.1923. "El Anarquismo Agrario".

⁴⁴¹ *Ibidem*. 20.7.1923: "De Tucumán. Situación de la Clase Trabajadora. Los Ingenios de Azúcar. Para la Historia Argentina". Um fator que limitou, fortemente, as possibilidades de avanço social da classe operária tucumana era a abundância da força de trabalho disponível no Norte argentino. Os engenhos de Tucumán, Salta e Jujuy, tiveram uma ampla reserva de trabalhadores -criollos e índios- nas províncias de Santiago del Estero e Catamarca, nos territórios do Chaco e Formosa e, inclusive na Bolívia.

era um fato novo na história agrária argentina, já que tinham sido fundadas, a partir de 1913, diversas organizações de colonos arrendatários, antagônicas à Federação Agrária com sede em Rosario. Essas organizações tinham um caráter muito radicalizado, se comparadas com a Federação de Pascual Netri e Esteban Piacenza. Além disto, não eram obra exclusiva dos anarquistas, mas também de socialistas e, freqüentemente, -sobretudo na província de Santa Fé- de políticos radicais tais como Toribio Sánchez, José Yamandi, J. Daniel Infante, Ricardo Caballero e Juan Luis Ferrarotti. Entre eles, os três nomeados em último termo, tiveram um passado anarquista e seus contatos com chacareros libertários como os irmãos Menna, Damián Arfinetti, Francisco Capdevila e José Ghilarducci, constitui um capítulo da história, não investigada ainda, das relações entre os radicais e anarquistas em Santa Fé.⁴⁴²

Já nos meses prévios ao *Grito de Alcorta*, de junho de 1912, alguns arrendatários anarquistas como Ghilarducci e os irmãos Francisco e José Menna, tinham se encontrado, secretamente com alguns companheiros socialistas, para planejar a rebelião agrária.⁴⁴³ A meados do ano seguinte, os chacareros anarquistas se opõem, firmemente, à iniciativa da Federação de fundar um Partido Agrário Nacional e nesta oposição joga um papel relevante, não só a ideologia, mas o fato de que muitos colonos continuaram sendo estrangeiros sem direitos ao voto. Recém em 1914 ocorreu a separação definitiva dos líderes anarquistas da Federação e estes fundaram a Sociedade Cosmopolita Agrária, à qual se aderiram as seções de Alcorta, Bigand, Máximo Paz e Bombal. A seção de Firmat também separou-se da organização principal de Rosario. Quando foi fundada a Sociedade Cosmopolita, *La Tierra*, porta-voz oficial da Federação, lançou sua maldição:

Os de Alcorta, ou melhor, uns quantos Alcorta, seduzidos pelas clarinadas anárquico-revolucionárias de Capdevila, Ghilarducci e Companhia, se lançaram na aventura separando-se da F.A.A. (...). Lançam este grito misterioso e ridículo: Viva a organização revolucionária dos camponeses!! E de que revolução pretendem falar estes insensatos? Talvez da social?⁴⁴⁴

O Conselho Diretivo de Alcorta estava integrado por José Ghilarducci, secretário geral, Marcelo Rigotti, secretário de atas, Francisco Menna, Luis Simonetti, Francisco Capdevila e Damián Arfinetti, vogais e o conselheiro letrado eram o advogado radical, ex-anarquista, Juan Luis Ferrarotti. Na qualidade de delegados propagandistas -afirma Diecidue- foram designados Salvador Caprio, Pedro Casas, Santiago Pisani e Marcelo Rigotti.⁴⁴⁵ Os nomes destes propagandistas nos lembram a militância anarquista de Rosario e a publicação de *La Rebelión*. Aliás, o gremialista Pedro Casas será um dos fundadores da Aliança Libertária Argentina. A

⁴⁴² Embora este não seja o lugar para reescrever a história da Federação Agrária, podemos mencionar, brevemente, que o radicalismo teve uma presença forte na primeira direção da organização de arrendatários, mas, a posteriori, foi deslocado pelo setor Netri/Piacenza. Deste modo se explicaria que o radicalismo santafesino, de 1913 em adiante, desse um apoio discreto às organizações agrárias paralelas. Por exemplo, o ex-anarquista espanhol, convertido à causa radical, Daniel J. Infante -e não Pascual Netri, como sustenta a história oficial- foi o primeiro Presidente da Federação. Infante era o representante dos colonos de Firmat, próximo a Alcorta.

⁴⁴³ Ver, Plácido Grela. *op. cit.* p. 51.

⁴⁴⁴ *La Tierra*. 3.4.1914.: "Los de Alcorta"

⁴⁴⁵ A. Diecidue. *op. cit.* 105. Diecidue foi um protagonista direto do Grito de Alcorta na sua mocidade e seu livro reflete a história oficial da Federação Agrária Argentina, isto é, a versão de *La Tierra*. Já em 1914, este porta-voz considerava que o setor netrista, então hegemônico, era o único portador da bandeira gloriosa e verdadeira que se levantou em Alcorta o 25 de junho de 1912.

relação da militância anarquista rosarina, com seu *hinterland* agrário santafesino, foi mantida ao longo de todos esses anos e demonstra que o movimento libertário de Rosario, na sua versão rebelionista, sempre mostrou um grande interesse pela organização específica dos colonos arrendatários. Por exemplo, isto foi demonstrado nos "Eventos de Firmat", em que os militantes anarquistas de Rosario foram para um protesto rural. Realmente, em 11 de março de 1917, em uma assembléia de agricultores realizada na praça de Firmat, os colonos sustentaram um tiroteio com a polícia, em que morreram os colonos Arturo Barros, Francisco Menna e três policiais. Naquela ocasião a polícia capturou, entre outros, a José Vidal Mata e a Jesús M. Suárez.⁴⁴⁶

Também durante o Triênio Vermelho, o Sul de Santa Fé e de Córdoba, como também uma faixa do território do Pampa Central, viram emergir, durante algumas estações, organizações regionais de colonos, dirigidas por anarquistas ou socialistas. A escassez de dados, durante esses anos turbulentos, não facilita muito a procura de testemunhos firmes sobre essas organizações alternativas de chacareros mas, de qualquer maneira, achamos -para novembro de 1920, a menção de uma denominada Sociedade de Resistência de Colonos Unidos de Arata, organizada pela Federação Operária regional Portuária, na época em que a FORAC era dirigida por Sebastián Ferrer e Antônio Gonçalves. Os colonos de Arata, sob a condução de Natalio Graciano, parecem ter pedido a adesão à FORA anarquista, com o que os líderes daquele momento, concordaram completamente e a mesma coisa aconteceu com uma seção de colonos de Los Surgentes, Córdoba, no ano seguinte.⁴⁴⁷

A Associação Argentina de Colonos e Arrendatários -a A.A.C.A.- foi fundada em uma data incerta mas, seguramente, antes de 1925. A primeira referência que encontramos está em *El Libertario*, em um artigo que dá conta do nascimento de uma nova Aliança. Há uma frase curiosa:

*Nasceu, então, outra ALA que pretende organizar os colonos capitalistas e depois organizará os empresários pintores, e deixará para o final a fundação de uma associação de importadores de cafeteiras "expresso" e de procuradores.*⁴⁴⁸

No mesmo número da porta-voz da Aliança I, o secretário de agrárias -o marítimo Alejandro Protti- declara que não conhece nenhum dos signatários e integrantes do Comitê da chamada Associação Argentina de Colonos e Arrendatários.⁴⁴⁹

Já vimos que a questão da organização dos *chacareros* em uniões afiliadas às organizações anarquistas não era um tópico de consenso nos congressos operários, nem para os

⁴⁴⁶ Ver *La Nación* e *La Protesta*, do 13 de março de 1917, em diante. *La Tierra* condena a atuação da polícia de Firmat, mas não menciona os nomes dos líderes agrários mortos, nenhum dos militantes libertários prisioneiros. Plácido Grela, no seu trabalho -muito influenciado pela sua ideologia marxista- em uma passagem procura fazer acreditar que os colonos, no seu tempo de lazer, acostumavam ler *O Capital* de Marx. Porém este autor tem o mérito de ter entrevistado -na década dos 50- o octogenário Ghilarducci e a outros militantes anarquistas e socialistas de Alcorta. Ghilarducci contou-lhe a história ao invés da oficial.

⁴⁴⁷ Ver, *La Organización Obrera*, 17.11.1920: "F. O. R. Portuaria y Anexos. Informe de nuestro delegado para el interior". Para Los Surgentes, ídem. 5.2.1921.

⁴⁴⁸ *El Libertario*. 1.12.1924: "Oposición". As supostas associações profissionais de pintores, importadores de cafeteiras e procuradores, constituem um ataque pessoal às pessoas de Gonçalves, García Thomas e Santiago Locascio, respectivamente.

⁴⁴⁹ *Ibidem*. pouco tempo depois, em 15 de março de 1925, *El Libertario* chama a *La Rebelión*, de Órgão da A.A. de C.A. e afirma que sua impressão se fazia na gráfica do Partido Comunista e que a sede da sua redação era o local da Federação Sindicalista Rojista.

anarquistas, nem para os sindicalistas. Ora, sim o era para o grupo de rebelionistas e aliancistas, em 1913, 1919 e, novamente, em 1924. É mais, a tentativa de organizar os chacareros ao redor da idéia da socialização da terra, passou a constituir o objetivo principal dos que se nucleavam em torno de *La Rebelión*.

Uma curiosidade da nova organização agrária anarco-bolchevique consistiu no fato de que seus núcleos não estavam no Sul santafesino, como era o caso das organizações anteriores. De fato, os novos rebelionistas, organizaram algumas seções de arrendatários em duas regiões muito específicas da província de Buenos Aires. A primeira teve seu epicentro em Tandil e a segunda em Carlos Casares. A base com a qual operavam os aliancistas na região de Tandil e Balcarce era, sem dúvida, os pedreiros do grupo Anarco-Sindicalista; e em Carlos Casares eram os agricultores hebreus das colônias agrícolas fundadas pelo Barão de Hirsch.⁴⁵⁰

O grupo de afinidade que sustentou, economicamente, o trabalho de organização agrária de Vidal Mata era *El Trabajo*, onde militavam García Thomas, Rosales, Gonçalves e operários de Construções Navais. Em um *Relatório* daquele agrupamento, se relata que Vidal Mata tinha sido enviado em excursão, em abril de 1924. A Asociación Argentina de Colonos e Arrendatários -informa o grupo- começou em Campo Lucerna, no distrito de Tandil, depois de numerosas visitas, a pé, pelas chacaras, por parte de Vidal. Em Campo Lucerna, um agrupamento chamado *Brisas Libertarias* foi fundado na ocasião em a proprietária da fazenda El Vergel, a viúva Mercedes de Bilbao -por meios de seu representante, o linguista José Juan- pretendia expulsar a seus 80 colonos. A organização pôde eliminar o intermediário e reduzir o aluguel de 65 pesos para 25 pesos a hectare. O Relatório nos menciona que na região de Tandil existiram, durante aquela época, 7 seções do A.A.de C.A.: Campo Lucerna, El Vergel, Desvío Aguirre, La Federación, La Unión, Gardey, Cerro Leones e Vela.⁴⁵¹ Uma das peculiaridades destas seções era que, a maior parte dos agricultores, eram também trabalhadores da pedra, que alugavam campos entre as montanhas para cultivar batatas. Deste modo combinavam o trabalho nas pedreiras -com suas freqüentes temporadas de desemprego- com o da agricultura. Evidentemente sua ideologia anarquista e sindicalista tinha origem em sua condição de operário e não na de colono. Além das 7 seções da região de Tandil, Vidal Mata organizou a seção *Los Pinos*, em Balcarce com colonos que também se dedicavam ao cultivo da batata.⁴⁵²

Em uma segunda excursão, Vidal Mata visitou uma região que conhecia já há mais de 10 anos, a área de Chabás, Firmat e Chovet, no Sul de Santa Fé, mas desta vez não parece ter tido êxito na organização dos arrendatários. (Cabe comentar que, de 1919 a 1921, houve uma

⁴⁵⁰ Isto é percebido claramente no artigo de Rosales que esteve em Tandil em dezembro de 1924 para participar em um piquenique organizado pela A.A.de C.A. Aquele piquenique foi realizado no local de Cerro Leones e a presença dos líderes históricos do sindicato da pedra, tais como Joaquín e Bogdan Vucomanovich, Aurelio Recuna, Alfredo Tuero e outros, fundamenta nossa afirmação. Ver, *La Rebelión*. 15.1.1925. "De Tandil". Este evento foi bem sucedido, porque foram coletados nada menos que 2.269,15 pesos em conceito de entradas. Dos benefícios foi comprado uma carroça e um cavalo, para facilitar as excursões de propaganda de Vidal Mata, no meio rural.

⁴⁵¹ *La Rebelión*. 10.2.1925: "La agrupación El Trabajo informa sobre sus giras de propaganda por las chacras y poblaciones rurales". Frente à organização, havia um Comitê Central Agrário, presidido pelo secretário geral, Manuel Cevallo e com os delegados, Félix Arrazola e Jaime Muntet Barnet.

⁴⁵² O contato de Vidal Mata com os agricultores da batata de Tandil e Balcarce, não era casual. Um dos seus numerosos ofícios tinha sido o de pedreiro em canteiras do Uruguay, Brasil e Argentina. Enfatizamos que a combinação do trabalho nas pedreiras com o cultivo de batatas, explica os contatos que mencionamos. Aqui queremos agradecer o historiador tandilense Hugo Nario, que nos chamou a atenção sobre este aspecto da história social do trabalho.

organização agrária nessa região e o próprio Vidal Mata viveu muito tempo na localidade de Sanford). Ao contrário, no partido de Carlos Casares obteve mais sucesso e em abril de 1925, funda a seção de arrendatários de Smith a qual, por sua vez, organiza à União de Ofícios Vários de Jornaleiros, Estivadores e Condutores de Carros. É mencionado que a seção de Smith conseguiu reunir o número nada desprezível de 70 sócios. A organização de chacareros desta cidade do Oeste da província de Buenos Aires também pretendeu empreender atividades cooperativistas com um moinho de farinha próprio e a compra de batatas da seção de *Los Pinos*, de Balcarce. Em Smith morava o colono russo José Kondrasgky que se tornou o principal organizador agrário da região e que parece ter tido uma influência importante nos colonos hebreus da Colônia Mauricio.⁴⁵³

Outra seção foi constituída em Carlos Casares e se menciona que em Nueve de Julio, Moctezuma, Carlos Tejedor, Winifreda, Martínez de Hoz, La Niña, San Rafael, Prieto, Carlos María Naón, Denehey, La Sofia e Ordoque, estavam sendo organizadas seções novas da Associação. De entre estas localidades, só Moctezuma, Martínez de Hoz e La Sofia se constituem em seções permanentes da A.A.de C.A. Em La Sofia, além dos 40 arrendatários afiliados, se funda um Sindicato Único de Trabalhadores Rurais.

Impressiona bastante o relato que Vidal Mata escreve sobre suas observações feitas em um percurso de sete léguas de Smith para Carlos Casares. Descreve a situação das famílias dos colonos hebreus que visitou de passagem deste modo:

Os residentes destes labirintos são, na sua maioria, hebreus emigrados de várias partes do Mundo para vir colonizar as terras da companhia judia fundada pelo Barão de Hirsch. Estes campos, de uma extensão de 11 léguas quadradas, foram fracionados há uma vintena de anos e foram dados em propriedade, a razão de 70 pesos a hectare, pagável em 20 anuidades. O cultivo da terra, com todas suas contingências, não é muito do agrado destas pessoas e formam uma população indolente sem o mais mínimo afeto pelos trabalhos da agricultura.⁴⁵⁴

Já a meados do ano 1926 -ou seja a dois anos de sua fundação- a A.A.de C.A. parece ter entrado em decadência. Por outro lado, ainda que tivesse tido uma sobrevida, nos faltam notícias sobre a organização já que, a partir do Primeiro de Maio de 1926, *La Rebelión* deixou de aparecer. Não muito antes, Eloy Marco havia conclamado o proletariado organizado das cidades para apoiar a seus irmãos do campo porque, caso contrário, a A.A. de C.A. correria a mesma sorte que a UTA, alguns anos antes.

De qualquer maneira, nós temos que perguntar por que motivos grupos de arrendatários, em uma época como a década dos 20 -que não era exatamente de crise econômica para a agricultura- optaram por associar-se em uma organização radicalizada, a qual nunca escondeu seu objetivo da socialização da terra, e não a reforma gradual, a melhoria nas condições de arrendamento ou o acesso à pequena propriedade agrícola. Em primeiro lugar, podemos verificar uma certa dualidade entre o discurso revolucionário de *La Rebelión* e as práticas dos organizadores agrários. De fato, o prestígio de José Vidal Mata em Tandil, estava

⁴⁵³ *La Rebelión*. 10.8.1925: "Nuestras Giras de Propaganda por las Zonas Agrícolas". Além da nova excursão de Vidal Mata, é mencionada a de Eloy Marco por Santa Fé e Córdoba; Eloy passou pelos municípios de Lúcio V. López, Serodino, Clarke, Andino, Chabás e Firmat. Mas esta excursão não parece ter obtido frutos permanentes.

⁴⁵⁴ *Ibidem*.

fundamentado na organização da luta contra os desalojamentos dos colonos de El Vergel e a favor de melhores condições de arrendamento para os mesmos.

Outra explicação para a existência mesma desta organização peculiar está no fato de que muitos dos cultivadores de batatas eram, de fato, trabalhadores da pedra que utilizavam a agricultura como estratégia de sobrevivência e melhorar sua situação econômica. Em troca, na área de Carlos Casares, Vidal Mata, sem lugar para dúvidas, trabalhou com o descontentamento dos colonos hebreus para com sua situação social. Uma boa questão seria perguntar-se por que estes arrendatários não se associaram à Federação Agrária Argentina. De fato, a Federação tinha demorado em organizar-se na região de Tandil, mas esta mesma demora necessitaria de uma explicação adequada. Na área de Carlos Casares, também estamos em presença de colonos -como os da Colonia Mauricio- extremamente desconformes com sua fortuna e que mostravam a tendência para deixar suas chacaras para se estabelecer nas pequenas localidades de Algarrobo e Smith. Também aqui nos encontramos com a ausência da F.A.A., na região. Resulta significativo que a organização agrária se apressasse a organizar sua seção em Tandil, em resposta a esta organização alternativa dos agraristas anarco-bolcheviques.

Um dos aspectos da história agrária argentina, consiste no pouco interesse que mostraram os partidos políticos e o movimento sindical pela situação dos arrendatários rurais. Os radicais santafesinos mostraram uma certa inclinação a dirigir à Federação Agrária Argentina mas, quando foram derrotados na política interna desta instituição pelo setor autonomista e quando tiveram que cumprir seus *compromissos implícitos* com a elite terratenente para possibilitar sua chegada ao governo, não deram uma resposta coerente à questão agrária. Nisto também não era alheio o fato, já mencionado, de que uma grande parte de chacareros e jornaleiros, continuavam sendo estrangeiros, quer dizer, uma categoria que não votava. Por sua parte, desde o princípio do Século, os socialistas se esforçaram em estudar a questão agrária e, durante o tempo do Grito de Alcorta, Juan B. Justo, visitou a região santafesina e cordobesa para interiorizar-se das demandas. Porém, como demonstrou Jeremy Adelman, eles foram vítimas de sua própria racionalidade socialista, a que dificilmente se adaptava à racionalidade chacarera. O apriorismo de Justo considerava que a solução para o colono argentino constituía na sua transformação em um proprietário pequeno, ao estilo do *farmer* norteamericano- que trabalharia, com uma tecnologia avançada, ajudado pelo cooperativismo, de forma tal que o avanço do capitalismo, abrisse o caminho para o socialismo.⁴⁵⁵

Nem os anarquistas da FORA nem os sindicalistas da FORA/USA, mostraram muito interesse pela situação dos arrendatários, ainda quando, em 1919, a FORA sindicalista subscreveu um pacto de colaboração mútua entre sua organização e a Federação Agrária Argentina, um pacto que não demonstrou resultados tangíveis. Considerado tudo isso, chama a atenção que um grupo de anarquistas, entre 1913 e 1926 -embora de um modo descontínuo e agindo em regiões diferentes- mostrasse a vontade de organizar os arrendatários para uma melhor defesa dos interesses imediatos e pregando, para um futuro indefinido, a socialização da terra. A solução teórica, na frente da crescente pauperização dos colonos, radicava em

⁴⁵⁵ Jeremy Adelman. "Una Cosecha Esquiva. Los Socialistas en el Campo antes de la Primera Guerra Mundial". Em. *Anuario del IEHS*, Tandil, 1989.

socializar a terra e, uma vez mais, imitar o exemplo russo, como eles diziam, expropriando o expropriador. Ora, na prática a organização dos anarquistas dificilmente poderia competir com a da Federação Agrária Argentina que não abria muitos espaços para objetivos utópicos. Além disto, o sistema de arrendamento estava desenhado de forma tal que o chacarero se relacionava com o dono do campo como subordinado e com os jornaleiros, como patrão. A Federação Agrária aceitava isso e só visava melhorar a situação econômica dos *chacareros*. Em algumas áreas de conflito, como o Sul de Santa Fé, ou em aquelas regiões onde ainda não se tinha consolidada a organização de Rosario, se abriam espaços, geramente por pouco tempo, para organizações alternativas como a A.A. de C.A.

6.4 OS FANTASMAS SEMPRE REAPARECEM

*O pior governo que faz Uriburu -pior que a morte, porque é de mordança- fará também que, quando houver eleições, não já 800 mil, mas um milhão votarão no Peludo. Porque o eleitor diz: a fim de contas roubar, todos roubam. Mas entre os que matam de vez em quando e os que fazem isto por sistema e além disso, perseguem, encarceram e deportam ao que protesta, a eleição não é duvidosa.*⁴⁵⁶

Apesar de que as balizas periodizadoras costumam ser bastante arbitrárias, há poucas dúvidas de que o Golpe Militar de 6 de Setembro de 1930 significou o fim definitivo do que ficava das Alianças e do movimento anarco-ditador em geral. De fato, a reação setembrina, operou como um acelerador para o inglorioso fim de um movimento que nunca pôde se perfilar, com clareza, na frente da massa da classe trabalhadora da região. Ora, a mesma coisa poderia ser verificada -embora em um grau menor e de um modo mais demorado- para o gremialismo forista e para o sindicalismo revolucionário. Realmente, setembro de 1930 cataliza, politicamente, não só as grandes derrotas sociais, de 1921, em Buenos Aires, Rosario, o Chaco e Santa Cruz, mas também a perda definitiva, em 1926, dos trabalhadores ferroviários, às mãos do COA socialista, e a incapacidade, por parte da USA e da FORA, de organizar os trabalhadores das grandes agro-indústrias tais como os dos frigoríficos, engenhos e tanineiras. Vimos também como os anarco-bolcheviques só obtiveram sucessos muito efêmeros, nas suas tentativas de organizar aos jornaleiros rurais e chacareros arrendatários. Com respeito a este último tópico, estamos convencidos de que é necessário resgatar a memória dos movimentos fracassados, porque temos exemplos mais que suficientes que as lutas fracassadas também tiveram seu impacto na mais recente evolução das sociedades.

Freqüentemente, nos encontramos diante do fato de que certos movimentos sociais costumam gozar de uma sobrevida razoavelmente saudável, depois que algum historiador desavisado, decretou sua morte definitiva em uma obra historiográfica, também definitiva.

⁴⁵⁶ *La Antorcha*. 16.10.1930: "Viva el Ladrón Yrigoyen".

Acontece, às vezes que o historiador faz coincidir a data da morte de um movimento social, com a data em que sua pesquisa conclui; deste modo, para Bilsky, a FORA praticamente deixa de existir depois de 1910 -embora que mais recentemente a ressuscite como um dos protagonistas da sua Semana Trágica de 1919. Já criticamos abundantemente a posição historiográfica de David Rock, que parece não ter percebido o grande ressurgimento do movimento anarquista entre 1917 e 1922 e também poderiam ser mencionadas as predições sociológicas quanto ao fim do movimento peronista, que constituiu outro clássico do gênero, e que lembram os presságios da esquerda sobre o próximo desaparecimento do capitalismo.

Não obstante o afirmado, 1930 constitui um fim, ou uma morte, aliás anunciada, para ambas Alianças. Só que, ao mês seguinte do Golpe de Estado -o qual se assanhou na perseguição aos yrigoyenistas, anarquistas e comunistas- alguns sobreviventes do movimento aliancista reaparecem, em primeiro lugar, para combater, junto aos radicais, os militares golpistas e, em segundo lugar, para lamentar a dissolução da USA, na pragmática CGT, a qual, desde o momento de sua fundação nos últimos dias do mês do Golpe, não duvidava em se tornar um instrumento dócil em mãos dos vencedores armados.

Em 1930, a Alianza I, se reduzia a alguns Grupos de Afinidade como, por exemplo, *La Lucha* de Rosario, no qual Roberto Marrone, José E. Vega, J. C. Molina, Ciriaco Jiménez e Victorino Rodríguez, se encarregavam da edição de *El Libertario*. Depois do Golpe de Uriburu, alguns números vieram ainda à luz, nos quais, os últimos mohicanos da Aliança, denunciavam o, *rumor ridículo sobre uma contrarrevolução planejada pelos radicais, comunistas e anarquistas*.⁴⁵⁷ No número do 1º de Maio de 1932 -possivelmente o último da série- Élite Roqué, de Rosario, anuncia a convocação da II Conferência Anarquista Regional e a Secretaria de Assuntos Sindicais, apresenta um Relatório sobre a dissolução da USA na CGT, no mês de setembro de 1930. Quanto ao *rumor ridículo* da conspiração *anarco-radical*, não era tão ridículo nem só um rumor. Encontramos alguns testemunhos de que tanto Enrique García Thomas quanto Julio R. Barcos, conspiraram com os exiliados radicais de Montevideo e com a oficialidade jovem do Exército para derrubar os governos de Uriburu e Justo.

Antes de entrar em alguns detalhes daquela atividade conspirativa, queremos mencionar que o Golpe de 1930 foi muito duro para o que restava do anarquismo rioplatense e a única virtude que teve foi que conseguiu unir os restos das diferentes tendências que se tinham combatido mutuamente, durante toda a década dos 20. Por exemplo, *La Antorcha*, que aparecia de forma clandestina, nos oferece várias listas dos prisioneiros condenados a Devoto e Ushuaia, além dos prisioneiros estrangeiros dos navios ancorados no porto de Buenos Aires, e que esperavam por sua deportação para Europa. Entre os expulsados encontramos a García Thomas, Florentino de Carvalho, Aurélio Hernández, Tomás Frade, Manuel Cernadas, Pedro e Benigno Mancebo, Jorge Rey Villalba, Benassi Aladino, Manuel Cerviño e muitos outros aliancistas, foristas, ou antorchistas. Entre os editores das publicações de esquerda, os que puderam evitar sua captura, tiveram que exiliar-se em Montevideu. Pior ainda era o destino dos anarco-expropriadores, muitos dos quais foram condenado à morte -o governo militar tinha reinstaurada, por decreto, à penalidade máxima- e outros foram vítimas do terrorismo de Estado que aplicou, entre outros procedimentos secretos, a célebre "Lei de Fugas".

Entre os 500 "subversivos" a ser deportados, encontramos a Enrique García Thomas.

Em novembro de 1930 foi embarcado no "General Belgrano", rumo à Espanha, mas pôde desembarcar em Montevideu, já que em dezembro voltou, em forma clandestina, à Argentina, para visitar, nada menos que a Severino Di Giovanni, em nome do dirigente radical Horacio Oyhanarte, o qual, desde Montevideu, dirigia a revolução contra a ditadura. Osvaldo Bayer é o que nos dá a informação de que Garcia Thomas assistiu a uma reunião na quinta "Ana María", o lugar de refúgio de Severino e outros anarquistas expropriadores capturados e fuzilados poucos dias depois. Vejamos o que diz Bayer:

Oyhanarte -ex-ministro de Yrigoyen exilado em Montevideu- e Garcia Thomas -um anarquista independente- concebem no Uruguai um plano de desestabilização contra a ditadura. Garcia Thomas se mudará para Buenos Aires e lá conversará com os anarquistas que restam, que são muito poucos. Também participará de uma reunião na quinta "Ana María" com o grupo de Di Giovanni. Aquela reunião ocorre ao término de dezembro. No começo de janeiro muitos notáveis da vida política argentina, empresários, funcionários, etc., começam a receber um folheto denominado "Intimidação".⁴⁵⁸

O panfleto, distribuído pelo centro de Buenos Aires e nas estações de trem, dava um prazo até o dia 20 de janeiro a Uriburu e Sánchez Sorondo para que abandonassem o poder e, caso contrário, seriam condenados à morte e se daria começo a uma campanha dinamiteira contra as empresas que tinham apoiado o Golpe. Seguindo a história de Bayer, no amanhecer de 20 de janeiro, realmente explodiram três bombas poderosas: Paulino Scarfó pôs uma na estação subterrânea de Praça Onze, Mario Cortucci, na estação Maldonado e Márquez, em Constituição. Resulta difícil saber se havia nestas ações uma participação efetiva dos anarquistas que respondiam a Garcia Thomas. No caso da redação do folheto, pareceria que as palavras finais da *Intimidação* de dezembro de 1930, se parecem demais às do *Ultimatum* de dezembro de 1919:

O 20 de Janeiro de 1931 deve ser lembrado por todos nós. A partir daquela data, milhares de mãos vingarão as afrontas que a ditadura causou, começando a sistemática destruição dos bens do capitalismo. Morrerão todos os que têm que morrer, tudo aquilo que têm que ser queimado se queimará. Mãos à obra! Nós, que não tememos o estado de sitio nem a lei marcial, começaremos a batalha. Ajudai-nos, trabalhadores do campo e das cidades!⁴⁵⁹

O panfleto, além de denunciar a natureza reacionária do Governo encabeçada por Uriburu, também ataca virulentamente os políticos anti-yrigoyenistas, o jornalismo independente e os estudantes universitários que apoiaram o Golpe contra o governo radical, provocando assim o ataque contra a classe trabalhadora e a expulsão dos colonos (!) de seus campos e o ódio classista contra os prisioneiros Ares, Gayoso e Montero. Junto com Uriburu, são também intimados, a banca, o comércio, a indústria, os fazendeiros, os frigoríficos e as companhias ferroviárias e de navegação.

⁴⁵⁷ *El Libertario* do de Janeiro de 1931. "¿Anarquistas? ¿Radicais?"

⁴⁵⁸ Osvaldo Bayer. *Severino Di Giovanni, el idealista de la violencia*. Bs. As., Legasa, 1989, p. 297. O texto não menciona a fonte donde o autor extraiu a sua informação. Surpreendentemente, a data de 20 de janeiro, coincide com a do ultimatum da FORAC, durante o Verão Vermelho da UTA, em 1920. Talvez constitua uma indício da presença anarquista na coalizão contra o ditador Uriburu.

⁴⁵⁹ *Idem*, p. 432. Compare-se com o *Ultimatum*, de 1919, da UTA que reproduzimos na terceira parte do Capítulo

Laureano Riera Díaz, em suas *Memórias*, também nos permite entrever que havia anarquistas que conspiravam com os radicais contra os generais golpistas da década dos 30. Ele afirma ter-se unido a grupos de ação e que entre os libertários e os radicais existiam alguns pontos de coincidência. De acordo com Riera, se queria derrubar a Uriburu e Justo, uns para retomar o poder e outros para liberar os prisioneiros sociais, pelo direito de continuar editando suas publicações e continuar atuando no seio da classe operária para construir um sindicalismo independente do Estado militar e conservador.⁴⁶⁰

Outro anarquista, que participou ativamente nas conspirações radicais dos começos da década dos 30, foi Julio Ricardo Barcos. Por um livro de memórias do tenente-coronel radical Atilio Cattaneo, conhecemos alguns detalhes sobre a conspiração que seria levada a cabo pelos oficiais do Exército junto com grupos de civis, entre os quais se encontrava o de Barcos. Em 1931 e 1932, houve várias tentativas insurrecionais cívico-militares, todas elas derrotadas. Já ao término de 1933, e no começo do ano seguinte, realizou-se a famosa *patriada*, na qual, desde sua base brasileira do rio Quarai, Gregorio Pomar avançou sobre a cidade de Uruguayana. A maioria dos autores que descrevem estas insurreições, não mencionam a participação de trabalhadores ou anarquistas, de forma que elas aparecem como ações épicas exclusivamente radicais. Porém, Cattaneo, quando descreve o processo conspirativo de 1932 e 33, menciona a vários ex-aliancistas e anarquistas, como Atilio Bacaicoa, Horacio Badaracco, Eduardo Colombo, Rodriguez, "Miguel" -representante da FORA- Vallejos e, sobretudo, Barcos.⁴⁶¹ Da correspondência entre Cattaneo e Barcos, que o primeiro conservou e reproduziu no seu livro, se conclui que Barcos, além de aspirar à chefia do movimento armado contra Justo, afirmava dispor de 400 homens armados, prontos para entrar em ação. (Em outra ocasião aumentou esse número para 5.000). Em um fragmento de uma carta datada em 13 de junho de 1933, Barcos lhe comunica a Cattaneo o seguinte:

Eu posso garantir que, além dos 1.500 trabalhadores equipados haveria, no período de uma semana outros 1.000 providos de "trechos" para cooperar eficazmente. Há 2.000 motoristas inteligentes dispostos a transportar 4.000 cidadãos de Vila Desocupación (Puerto Nuevo) para os lugares estratégicos: Julio R. Barcos.⁴⁶²

Por sua parte, Cattaneo chama Barcos à moderação a usar o cérebro e a aceitar as ordens do General Ábalos, chefe da insurreição de 1933. Embora Cattaneo, chamasse a Barcos de, *meu grande amigo*, na correspondência que os militares radicais rebeldes mantiveram entre si parece que, de fato, Barcos constituía para eles um grande problema. Pouco a pouco perceberam que o pedagogo santafesino, blefava sobre a quantidade de homens e armas que afirmava ter e lhes aborrecia muito que aquele civil tivesse a pretensão de dirigir a operação militar contra o General Justo. Por causa de todos esses problemas -e porque na década dos 30,

III. Ignoramos qual era o charme especial daquela data do 20 de janeiro.

⁴⁶⁰ L. Riera Díaz. *op. cit.*, p. 200. Entre os conspiradores anarquistas, Riera cita a Enrique Balbuena. Horacio Badaracco e Jacobo Prince. O apelido protestista de *truculento* foi dado aos chamados "homens da ação", quer dizer, aos anarquistas que não condenavam o uso da ação direta. No contexto da conspiração anarco-radical, Riera também menciona a José María Álvarez, *filho espiritual de García Thomas, um conspirador nato que pertenceu à Alianza Libertaria Argentina*. *Idem* p. 201. Porém, os dados que fornece Riera não são muito confiáveis, a julgar pelo egocentrismo que percorre sua obra.

⁴⁶¹ Atilio Cattaneo. *Plan 1932. Las conspiraciones radicales contra el General Justo. El concurrentismo y la revolución*. Bs. As., Proceso Ediciones, 1959, p. 110 e 120.

⁴⁶² *Idem*. p. 361.

se repetiram, novamente, os curto-circuitos entre exército e os civis à semelhança do que tinha acontecido na Revolução de 1905- Giordano lhe aconselha a Cattaneo, de que prescindir de Barcos e de seus seguidores.⁴⁶³

Finalmente, os nomes de Barcos, ou outros anarquistas, não figuram entre os combatentes vencidos nas jornadas de fins de 1933 e começos de 1934, o qual não significa, necessariamente, que os anarquistas, ou ex-anarquistas, não tivessem jogado nenhum papel relevante na oposição armada contra os governos ilegítimos, já que foram muitas e variadas as conspirações e rebeliões da época.

Quanto ao *Programa* dos rebeldes, transparece, em primeiro lugar, o projeto político-social nacionalista da oficialidade radical jovem -o paralelismo com o Programa dos rebeldes, com as propostas do tenentismo brasileiro, é notável- mas também inclui pontos sociais que refletiriam as idéias de um García Thomas ou Barcos, ainda levando em conta que eles estavam em um processo de transformação ideológica. Trata-se de um calendário de reinstauración da democracia com eleições dentro de 90 dias; de um controle estatal vigoroso sobre a economia nacional, como resposta para a situação que emergiu da Crise; da posta em prática de uma série de medidas para castigar a corrupção e eliminar os vestígios do Golpe Setembrino; a investigação dos grandes negócios ilícitos públicos e a instalação do, *castigo à vadiação*, uma iniciativa escassamente libertária, ou mesmo, liberal. Pontos de reivindicação, especificamente militares, eram, sem dúvida, a revisão dos ascensos militares; a questão da redução do tempo de serviço militar para só seis meses e o uso dos navios da Marinha de Guerra, como frota mercantil, para nacionalizar o tráfico marítimo de importação e exportação. Entre os pontos que apontaram às reformas sociais, muitos se referem à morigeración da miséria gerada, entre as classes trabalhadoras, pela Crise dos 30. Se propõe a redução dos preços dos artigos de primeira necessidade e do aluguel; a semana laboral de 48 horas; créditos para os pequenos comerciantes e industriais; terras para as famílias rurais indigentes, etc.⁴⁶⁴ Se este Programa revela uma preocupação social maior que a que manifestaram os radicais nas décadas anteriores, seguramente teve influência nisto o impacto da Crise, mas não deveria ser menosprezada neste projeto, a intervenção dos aliados civis que mencionamos.

De acordo com Riera, também no II Congresso Regional Anarquista, levado a cabo em Rosario do 13 ao 17 de Dezembro de 1932, fizeram uma chamada à ação insurrecional para derrotar a injustiça capitalista. Não só se tratava de combater o sistema capitalista -o qual, como acreditavam, estava ferido de morte por causa da crise econômica- mas também de confrontar, com determinação, a ação brutal do fascismo. Além disso, o Congresso fez uma chamada para combinar os métodos tradicionais de luta -a greve, o boicote e a sabotagem- com a ocupação de terras, fábricas, oficinas, meios de transporte e moradias.⁴⁶⁵ Queremos enfatizar aqui que o grupo de afinidade que convocou este Congresso, *La Lucha* de Rosario, era um agrupamento que tinha estado aderido à Aliança e onde militavam Victorino Rodriguez, Élite

⁴⁶³ Em uma carta de Giordano para Cattaneo -este estava na prisão desde dezembro de 1932- o primeiro manifesta: *Barcos continua enrolando. As vezes dá a impressão de aceitar a chefia inquestionável, a observância de ordens, etc., e outras se movimenta, agita as coisas como se fosse ele o chefe absoluto. (...) Eu acho que a melhor coisa seria abandoná-lo, porque admito que, em parte, suas ações se estendem e prosperam graças à relação de suas forças com as de você.* Ibidem, p. 236-237.

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 21

⁴⁶⁵ L. Riera. *op. cit.* p. 178 e 179

Roqué, Desiderio Funes e outros.⁴⁶⁶

Quanto ao que tinha sido o líder inquestionado dos anarco-bolcheviques, Garcia Thomas, em 1933, foi expulsado do país -pela segunda vez em três anos- e desta vez fracassou o "Operativo Montevideu", aquele em que os companheiros anarquistas do Uruguai ajudavam às vítimas da Lei de Residência a saltar dos navios que os levavam para a Europa.⁴⁶⁷ Em 1933, Garcia Thomas envia, desde Barcelona, o último documento publicado em nome da Alianza Libertaria Argentina, no qual reafirma todas suas crenças anarco-bolcheviques e a firme convicção de que a crise econômica mundial e o auge dos movimentos fascistas constituíam os sinais inequívocos da vinda do socialismo, para o qual os trabalhadores lutaram por décadas.⁴⁶⁸

Tínhamos mencionado que uma secretaria de questões sindicais da Aliança, publicou, a primeiro de Maio de 1932, um Relatório sobre a atitude da Aliança com respeito à CGT, fundada em 1930, como resultado da coalizão entre a USA e a COA. O Relatório não pôde ser mais negativo e vale a pena transcrever alguns de seus parágrafos:

Não

podemos aceitar, passivamente, uma unidade operária com grandes massas amorfas, carentes de todo conteúdo ideológico, de toda finalidade revolucionária e com uma orientação netamente reformista e corporativista, castradora de todo espírito de luta e combatividade nos sindicatos, chegando até à negação absoluta da obra emancipadora ao colocar os organismos operários dentro das leis do estado burguês. À continuação menciona às circunstâncias históricas em que nasceu a C.G.T: Produto é a nova central operária da fusão entre a USA e a COA, realizada sob o império da mais sinistra ditadura que suportou o país, num momento que era totalmente impossível a crítica. (...) A Junta Executiva, assumindo uma representação que ninguém lhe tinha dado, adopta -não uma atitude passiva- mas levou a sua ousadia até expressar às autoridades da ditadura sua prescindência na situação de força colocada -quando a reação cruelmente se assanhava com o movimento operário revolucionário- e dava sua garantia ao governo de que não seriam alterados os serviços públicos que afetavam os grêmios afiliados.⁴⁶⁹

A proposta sindical do grupo *La Lucha* de Rosario, não visava uma restauração do modelo anarco-sindicalista, tal como o tinha incorporado a Aliança I, a partir de 1924 e também não propunha aos sindicatos o abandono da C.G.T., mas advogava -mediante um programa de seis pontos- para que a C.G.T. assumisse uma orientação revolucionária, anti-autoritária e anti-legalitária e para que a central entrasse em contato com a FORA anarquista para realizar uma luta, à semelhança do que já estavam realizando a FOM, da C.G.T., e a Sociedade Operária do Porto, da FORA.

O movimento operário argentino, entre 1930 e 1945, teve um desenvolvimento historiográfico muito superior ao da década dos 20 e, por tanto, é suficientemente conhecido.⁴⁷⁰

⁴⁶⁶ Ao II Congresso convergiram protestistas, antorchistas, autônomos e ex-aliancistas. Riera transcreve a lista de participantes e propostas do Congresso: em total havia 44 pessoas que representavam entidades diferentes e 9 participantes a título individual. Ver, L. Riera. *op. cit.* p. 176-177.

⁴⁶⁷ Santillán relata que chegou a resgatar, em Montevideu, nada menos que 300 deportados, sobre um total de 400. Duas vezes menciona o caso de Garcia Thomas que não pôde ser liberado do navio que o conduzia para Barcelona. D. Abad de Santillán. *Memórias, 1897-1936*. Barcelona, Ed. Planeta, 1977, p. 144 e 168.

⁴⁶⁸ E. Garcia Thomas. *Crítica Revolucionária*. Bs. As, Alianza Libertaria Argentina, 1933.

⁴⁶⁹ *El Libertario*. 1.5.1932: "La ALA y la CGT".

⁴⁷⁰ Por exemplo, Hugo do Campo. *Sindicalismo y Peronismo*. Bs. As., Clacso, 1983 e, Hiroshi Matsuhita.

Aqui sómente queremos destacar que -apesar da ditadura militar e do regime democrático fraudulento- o número dos operários sindicalizados se multiplicou por cinco em poucos anos e que a nossa interpretação para esse fenômeno coincide com o artigo que comentamos de *El Libertario*, ou seja que, *a colocação das organizações operárias dentro das leis do estado burguês*, foi a causa tanto do reformismo como do crescimento da central sindical. É de notar que essa nova situação não começa na época do peronismo, mas em setembro de 1930.⁴⁷¹ Porém, os que lideravam este novo tipo de movimento sindical -onde a eventual ideologia socialista e sindicalista tinha uma importância bem menor que a que tiveram as ideologias entre 1900 e 1930- se encontravam com a resistência de grupos de sindicalistas revolucionários com saudades dos tempos da USA. O ressurgimento de uma central sindicalista, em 1935 -denominada C.G.T. de Catamarca, primeiro, e USA, mais tarde- só parcialmente representava essa fração de sindicalistas revolucionários que criticavam à C.G.T. seu reformismo e sua obsequência para com os governos ilegítimos. Entre os 42 sindicatos que formaram, em 1937, a nova USA os grêmios mais importantes eram os da FOM, os telefônicos e os das construções navais.⁴⁷² Se bem nos encontramos com sindicatos tipicamente aliancistas como, por exemplo, os construtores navais, é notável a ausência de outros tais como os motoristas de táxis e os portuários. Alguns dos dirigentes gremiais que em outros tempos eram aliancistas -por exemplo o ex-secretário da FORAC e da USA, Sebastián Ferrer- reaparecem na nova central, mas seus compromissos se referem mais à organização sindicalista em si, que com uma orientação revolucionária, própria da época anterior. Com razão diz Hugo del Campo que a USA, *passaria a ser, cada vez mais -seguindo o caminho da FORA- uma reliquia do passado*.⁴⁷³ Em 1937, o sindicalismo revolucionário, de tendências variadas, específico das primeiras três décadas do Século, tinha morto definitivamente.

Se o movimento operário, da década do 20, se caracterizou tanto por representar o final de uma época, predominantemente a- ou anti-política, a década do 30 iniciava um período novo em que se intentava mitigar à Crise econômica com a expansão do mercado interno, mediante um Estado com muito mais intervenção nos assuntos econômicos que anteriormente. Esse Estado -apesar de estar prisioneiro de grupos de militares e conservadores- mudava sua relação com a classe trabalhadora, a qual, de modo crescente, começa a depender desse mesmo Estado, ainda que de forma mais oculta que durante o período netamente populista. Se isto só aparece, claramente, à luz a partir de 1943, a década do 30 deu bastantes sinais que apontavam nessa direção. Nessa nova evolução pereceram não sómente os anarquistas e aliancistas, mas também os sindicalistas. A questão que fica no ar consiste no legado que deixaram esses movimentos para uma sociedade em procura de novas relações sociais.

Movimiento Obrero Argentino, 1930/1945. Bs.As., Siglo Veinte, 1983. Ambos livros coincidem no ano da sua edição, no período que tratam e, ainda em grande parte, nas suas interpretações.

⁴⁷¹ Entre 1930 e 1943 emergem muitos elementos que se cristalizarão mais tarde durante o governo peronista, o que não é levado em conta pela maioria dos historiadores.

⁴⁷² H. Matsuhita. *op. cit.* p. 178.

⁴⁷³ H. Del Campo. *op. cit.*, p. 93.

FIM DO TEMPO UTÓPICO. MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

*Por que será que os homens lutam pela sua escravidão como se fosse sua liberdade?*⁴⁷⁴

Durante o Século de XX existiram na região do Rio de la Plata, vários períodos de auge das lutas populares como, por exemplo, o da emergência do movimento anarco-sindicalista, de 1897 a 1910, o Triênio Vermelho, de 1919 a 1921, a Resistência Peronista, de 1955 a 1958, ou o guerrilha urbana e rural de 1966 até 1976. Ao término do Século XIX, emergiu na região, o movimento operário organizado sobre uma base libertária, socialista e sindicalista. As greves gerais e outras ações diretas contra a classe empresária e o Estado liberal-conservador, conseguiram que, para 1910 -apesar das leis repressivas com suas seqüelas de deportações e prisões- a questão operária adquirisse carta de cidadania social na região, o que ficou evidenciado na fundação e na ação do Departamento do Trabalho, por um novo diálogo iniciado, timidamente, entre o governo e alguns setores da classe operária e no debate no Congresso sobre a amplificação dos direitos civicos, debate no qual a questão social -imposta no cenário político pelos trabalhadores- estava no centro dos discursos pronunciados nas Câmaras.

Na Argentina e no Uruguai, o período que se abre com a Crise Agrária de 1912 e, parcialmente ao menos, termina a fins de 1921, era tanto uma rebelião de estrangeiros e nativos contra a pauperização causada pela dependência extrema da região do setor externo, como uma revolta de pequenos setores que quiseram transformar aquela crise do capitalismo em uma Revolução Social. De acordo com as representações da época, esses setores, quiseram estar preparados para receber a Revolução e colocar-se à cabeça de um processo social que mudasse, parcial ou totalmente, as estruturas sociais. Ora, se em 1910, a reação do Estado e das classes dominantes ainda era a repressão combinada com a Lei do Voto Universal e, na década dos 70, os golpes militares mais selvagens do Século, entre 1919 e 1921 as respostas foram, uma vez mais, à coerção estatal e para-estatal, por um lado, e algumas poucas concessões em matéria de legislação social, pelo outro. A democratização política operada nas primeiras décadas do século na sociedade argentina e uruguaia, não se mostrou capaz para conter, por si só, o protesto social, entre outras causas porque grandes contingentes de trabalhadores continuaram sendo estrangeiros e eram os que se encontravam nos lugares mais desqualificados e precários no mercado de trabalho regional.

Chama a atenção na Argentina, e isto vale para todo o período que transcorre entre 1900 e 1930, o grande peso relativo da repressão, em comparação com as estratégias de canalizações de conflitos. Como vimos, as escassas e limitadas respostas políticas e sociais dadas pelo governo de Yrigoyen às rebeliões sociais do período, não passam de algumas leis trabalhistas urbanas e rurais de um impacto social bastante reduzido. Deste modo, o que, finalmente, acabou morigerando a situação social do Triênio Vermelho, foi a recuperação do crescimento econômico durante a década dos 20, uma vez mais sobre as bases débeis do padrão agro-

⁴⁷⁴ Baruch de Espinoza. *Tratado Teológico Político*.

exportador. Por outro lado -e exatamente por causa de que os trabalhadores não responderam às expectativas políticas do radicalismo- o diálogo começado entre o governo de Yrigoyen e os sindicalistas, foi interrompido a meados do ano 1921, restabelecendo-se, em grande parte, a antiga brecha entre as esferas políticas e o mundo do trabalho.

Aparte disto, não é necessário exagerar, além das evidências concretas, a situação revolucionária da região entre 1919 e 1921. A maioria dos que protagonizaram os movimentos de protesto do período reivindicava melhorias nas suas condições de vida e de trabalho e não mudanças transcendentais na estrutura social tais como a socialização dos meios de produção. Como dissemos, Argentina e Uruguai não eram Rússia, nem o Norte de Itália, nem Catalunha ou Andaluzia, embora os anarquistas e anarco-bolcheviques o vissem deste modo. Os *chacareros* queriam melhorar suas condições de arrendamento, as quais tinham-se deteriorado por causa da falta da incorporação de terras novas à agricultura e pelo excesso de oferta de arrendatários. Resulta bastante duvidoso que estes arrendatários tivessem uma fome de terra semelhante aos camponeses andaluzes e mexicanos da época ou aos jornaleiros do Brasil atual. Da mesma maneira, a maioria dos assalariados lutou para recuperar o nível anterior de suas rendas e -embora nas regiões centrais os trabalhadores italianos, espanhóis, russos e argentinos tivessem um certo conhecimento da mudança social operada na Rússia- nem por isso a classe trabalhadora, em seu conjunto, poderia ser considerada revolucionária ou maximalista. Neste sentido, nosso objeto de estudo consiste em uma minoria dentro de outra minoria. O interesse historiográfico nos parece residir na questão do por que, em certas circunstâncias, a ação dessas minorias questiona a toda a sociedade levando-a a adotar medidas que modificam, de modo variado, o curso da história.

Os que aderiram, com suas palavras ou ações, à Revolução Russa, não só eram uma minoria de intelectuais anarquistas e socialistas, como procura sustentar Rock, mas a maioria do movimento operário organizado da época, a qual, é necessário destacar, constituía, por sua vez, um setor minoritário da classe trabalhadora total. A FORA anarco-comunista só se afastou, definitivamente, da influência russa em agosto de 1921 e na USA, a Revolução manteve uma porção importante de simpatizantes até a sua dissolução na CGT, em setembro de 1930. Tanto na FORAC, primeiro, como na USA, depois, o setor que com mais decisão se preparou para receber a Revolução Social, era o anarco-bolchevique. Este grupo não só manifestava uma ideologia -a que combinava elementos anarquistas com outros bolcheviques- mas tentou levar a cabo uma série de ações concretas, embora terminassem sendo mais humanitárias e sindicalistas que revolucionárias.

Se seu tempo revolucionário e utópico havia concluído ao término de 1921, recém na Primeira Conferência da Aliança, em fevereiro de 1924, a maioria dos grupos de afinidade se afastaram de Rússia para assumir uma identidade e práticas anarco-sindicalistas, diferenciadas tanto do forismo anarco-comunista, como do sindicalismo ou do sindicalismo-revolucionário. Uma outra peculiaridade histórica dos anarco-bolcheviques foi que, apesar da sedução dos acontecimentos russos e das divisões múltiplas no movimento anarquista, o grupo -com a exceção de alguns poucos indivíduos- não passou a reforçar as estruturas do Partido Comunista. Ora, o crescimento do anarco-bolchevismo, foi delimitado tanto pela sua inabilidade de criar uma identidade coletiva própria capaz de perfilá-los na frente da sociedade e diferenciá-los dos outros atores sociais- como por encontrar-se embretado dentro de um

corredor estreito entre os comunistas e socialistas, por um lado, e os anarquistas e sindicalistas, pelo outro. Como dissemos, para os conservadores, radicais, comunistas e socialistas eram *anarquistas*, enquanto que para os libertários eram cripto-políticos, cuja função consistia em construir uma ponte para facilitar a passagem do anarquismo para o comunismo de Moscou. Todavia eles mesmos pretendiam ser o centro diretor da Revolução no Rio de la Plata sem subordinar-se aos veredictos políticos Internacionais da Terceira Internacional e, menos ainda, ao Partido Comunista Argentino.

Se as convicções ideológicas não sempre resistem ao embate dos fatos e se estes anarquistas aceitassem elementos, como a ditadura proletária transitória, para estabelecer o Reino da liberdade, seria razoável esperar que, com o passar do tempo, os anarco-bolcheviques ingresassem ao movimento comunista internacional, sobretudo quando ficou em evidência que Moscou -com a exceção da misteriosa visita de Watson Davis a Montevideu e Buenos Aires, no começo de 1921- não demonstrava um interesse particular em apoiá-los, dispensando-lhes o mesmo trato que o dispensado aos sindicalistas em geral. Várias vezes os anarco-ditadores platenses espalharam a notícia de que a Internacional Sindical Vermelha de Moscou era autônoma com respeito à Internacional política, até que, por 1924, a maioria percebeu que I.S.V. estava fortemente subordinada à estrutura política e esta à estratégia do Comitê Central do Partido Comunista. Aderir a Moscou, sem subordinar-se à hegemonia da política, mostrava, uma vez mais, a força da tradição libertária no Rio de la Plata, sua oposição ao nível político, considerado plataforma de ação da burguesia e dos reformistas.

Não existe dúvida de que estamos em presença de um movimento fracassado o qual, na sua maior parte, se autoeliminó, transformando-se, em 1924, de anarco-bolcheviques em anarco-sindicalistas, desaparecendo, junto à minoria ortodoxa, no vórtice da Revolução do 30. Porém, o fracasso de um movimento em si, não significa que alguém plasme nas suas memórias os fatos mais relevantes numa história da qual foi protagonista, embora só fosse para aparecer em cena. Visto em perspectiva, também as histórias do anarquismo em geral, o da FORA, do sindicalismo e até dos partidos socialista e comunista terminaram se tornando outros tantos fracassos se as comparamos com as expectativas depositadas nelas, e apesar disto, Santillán, Marotta, Oddone e Iscaro escreveram as suas crônicas hagiográficas respectivas. Acreditamos que a recusa dos anarco-bolcheviques em escrever sua história obedece a causas muito particulares. Por um lado, os escritores que participaram do movimento, depois de 1930 -quando se iniciava a fase de fazer um balance provisório dentro das diferentes tendências sociais- já tinham abandonado o campo ideológico e de ação onde tinham entrado, a partir de 1917, com exceção de García Thomas e Vidal Mata. Castelnuovo estava próximo ao comunismo político, Barcos ingressou ao radicalismo, Di Filippo -antes de retornar ao anarquismo- teve uma passagem surrealista pela polícia do conservadorismo santafesino dos anos trinta, García Thomas e Eva Vivé estavam em Espanha, Silvetti y Ferrer estavam integrados ao sindicalismo e Rosales e Lazarte militariam no anarquismo ortodoxo, da década do 20 até o fim de seus dias. Mais forte que estas aleatórias circunstâncias biográficas foi o fato de que a maioria dos protagonistas não parece ter tido algum interesse em salvar suas experiências do esquecimento e da condescendência da posteridade. Se as outras tendências sociais que enumeramos atribuíam suas derrotas respectivas à repressão dos anos trinta ou à emergência do sindicalismo socialista ou do movimento peronista, o grupo que estudamos

aparece com características de auto-destruição e se em algumas das suas obras escritas posteriores se menciona esta história sempre é com um caráter aleatório ou anedótico, como uma mera contingência incidental. Parece como se fosse um período das suas vidas sobre o qual estavam envergonhados; uma época, como a do fascismo, nazismo ou da ditadura de Videla, que não merecia, ou convinha, ser lembrada.

Uma outra questão reside no fato seguinte: para que haveria que resgatar, a partir do ambiente acadêmico, a história dos anarco-bolcheviques? Embora não pareçam existir critérios de relevância muito sedimentados para os possíveis objetos da historiografia, não é fácil descobrir o legado histórico deixado por estes grupos de afinidade que constituíram, em 1923, a Aliança Libertária Argentina. Com sua dupla identidade, os anarco-bolcheviques, nada parecem ter realizado que os libertários ou os comunistas políticos não tivessem podido levar a cabo, sem a ambigüidade que levavam em seu seio os seguidores dos Garcia Thomas. Nossa curiosidade para com o grupo nasceu, exatamente, por causa da incerteza e vaguidade com que era mencionado por alguns autores. Para usar uma metáfora, a história dos anarco-bolcheviques se assemelha a um baralho que caiu ao chão. O baralho não é dos mais importantes, mas sem ele, o jogo fica incompleto. Se nos lembramos, por exemplo, da história da USA da década dos 20, resulta incompreensível entender porque os líderes sindicalistas da FORA do IX Congresso, normalmente tão bem comportados, puderam promulgar declarações tão radicalizadas, que remetiam mais ao discurso anarco-comunista que ao do sindicalismo descrito por Marotta. A mesma coisa acontecia com episódios sociais como o Verão Vermelho de 1919/20 ou com a fracassada Greve das Bombas de Março de 1920. Não se pode entender completamente a história social argentina da época sem reconhecer que, da Semana Trágica às Greves da Patagônia, a região se confrontou com um Triênio, em que grupos de militantes - minoritários sem dúvida, mas combativos- em vez de aceitar a situação social como um fato natural dado, quiseram levar a cabo uma utopia igualitária, sustentada em sua tradição libertária e com os ingredientes novos aportados pela Revolução que transformou o mundo, em 1917.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.⁴⁷⁵A. FONTES ESCRITAS DA ÉPOCA E MEMÓRIAS DE CRONISTAS..A.1. PERIÓDICOS

-*La Antorcha*. 1921/1931

-*Bandera Proletaria*. Órgano de la USA. 1922/1930

**Bandera Roja*. Diario de la mañana. 1919

**La Batalla*. Decenario anarquista. Montevideo, 1915/1928

-*La Batalla Sindicalista*. Periódico editado por la Agrupación Sindicalista. 1921/1923

-*Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*. 1919/1922

_____. *Anuario Estadístico*, 1917/1919

-*Boletín de la Unión del Marino*. Órgano de la Federación Obrera Marítima. 1920/1921

-*Brazo y Cerebro*. Periódico quincenal anarquista. Bahía Blanca. 1922; 1924/1930

**El Burro*. Seminario anticlerical ilustrado. 1918; 1930

**Caminos Nuevos*. Publicación quincenal. Avellaneda. 1920

**La Campana*. Santa Fe. 1919

-*Caras y Caretas*. 1917/1930

**El Comunista*. Periódico obrero. Rosario. 1920/1921

-*Crítica*. 1917/1921

**Cuasimodo*. Revista decenal. 1921

**Despertar*. Salta. 1921

-*Dirección General de Inmigración, 1914-1915*

-*La Época*. 1918/1920

⁴⁷⁵ No caso de não citar o lugar da edição se entende que é Buenos Aires. Marcamos con un asterisco (*) o material específico editado pelos anarco-bolcheviques.

-*Golos Truda*. (La Voz del Trabajo). Órgano de la Federación Obrera Rusa Sudamericana. (En ruso. Apareció entre 1918 y 1930)

-*Ideas*. Editado por el "Centro de Estudios Sociales". La Plata. 1921/1932

-*Ideas y Figuras*. Revista semanal de crítica y arte. 1909; 1911/1916

-*La Internacional*. 1917/1920

-*El Látigo del Carrero*. Órgano defensor del gremio de conductores de carros. 1920/1921

**El Libertario*. Decenario anarquista. (más tarde: Órgano oficial de la ALA), 1923/1932

-*La Mañana*. 1918/1920

-*La Montaña*. 1918/1922 (Diario del leninismo mendocino, que abrió sus páginas a los aliancistas)

-*La Nación*. 1915/1923

-*La Obra*. Periódico de ideas. 1917/1918

-*Organización Obrera*. Órgano de la Federación Obrera Regional Argentina. (Portavoz de la FORA desde 1901. A partir de la escisión de la FORA, en 1915, había dos publicaciones con el mismo nombre: una sindicalista (1915-1922) y otra anarco-comunista (1915/1940))

-*La Pampa Libre*. Publicación anarquista. General Pico, La Pampa. 1922/1930

-*El Picapedrero*. Órgano de la Federación Sudamericana. Montevideo, 1919/1921

-*La Prensa*. 1918/1922

**Prometeo*. Quincenario. 1919

-*La Protesta*. Diario de la mañana. 1915/1930

**La Rebelión*. Periódico quincenal. Rosario. 1913/1914

**La Rebelión*. Órgano de la Alianza Libertaria Argentina. 1925/1926

-*Reconstruir*. Por el socialismo y la libertad. 1950-1959

-*The Review of the River Plate*. 1919/1921

-*Revista de Policía*. 1919/1921

**Soldado Rojo*. 1921/1922

-*Suplemento Semanal de La Protesta*. 1922/1930

-*La Tierra*. Órgano de la Federación Agraria Argentina. Rosario. 1912/1921

**El Trabajo*. Diario de la mañana. 1921/1922

-*Tribuna Obrera*. Diario de la mañana, defensor de la clase trabajadora. 1921/1922

**Tribuna Proletaria*. Diario de la mañana. Órgano defensor de los intereses gremiales. 1919

-*Unión Sindical*. Órgano de la Unión Sindical Argentina. 1922

-*La Unión del Marino*. Órgano de la Federación Obrera Marítima. 1917/1923

-*La Vanguardia*. Órgano del partido Socialista. 1917/1923

-*La Verdad*. Editado por la Agrupación Anarquista "Aurora Libertaria". Tandil. 1923/1930

**Vía Libre*. Publicación mensual de crítica social. 1919/1922

-*A Voz do Trabalhador*. Coleção-facsimilar do jornal da Confederação Operária Brasileira. 1908-1915. Sao Paulo, Imprensa Ificial do estado S.A. IMESP, 1985

A.2. LIVROS E FOLHETOS

-Abad de Santillán, Diego. *La FORA, Ideología y Trayectoria*. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1971

_____. Santillán, Diego Abad de. *La Bancarrota del Sistema Económico y Político del Capitalismo*. Prólogo de Luis Fabbri. Buenos Aires, Nervio, 1932

_____. *La FORA. Ideología y Trayectoria del Movimiento Revolucionario en la Argentina*. Prólogo de Juan Lazarte. Buenos Aires, Nervio, 1933

_____. *El Movimiento Anarquista en la Argentina*. Desde sus comienzos hasta 1910. Buenos Aires, Argonauta, 1930

_____. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona, Editorial Planeta, 1977

_____. *Gran Enciclopedia Argentina*. (9 vols.) Buenos Aires, Ediar, 1956/1964

*Alianza Libertaria Argentina. *Manifiesto Constitutivo y Estatutos*. Buenos Aires, 1925

-*Almanaque de La Protesta para 1927*. Buenos Aires, La Protesta, 1926

-*Almanaque del Trabajo del Partido Socialista*. Buenos Aires, 1922

-Antillí, Teodoro. *Comunismo y Anarquía*. Buenos Aires, Grupo Editor "Acracia", 1919.

Archinov, Pedro. *Historia del Movimiento Machnovista*. Buenos Aires, Argonauta, 1926

*Barcos, Julio Ricardo. *El Sofisma Socialista*. Buenos Aires, La Escuela Moderna, s.d.

- * _____ . *Política para Intelectuales*. Buenos Aires, Ed. Claridad, 1931
- * _____ . *Por el Pan del Pueblo. Nueva representación de los hacendados*. Buenos Aires, Librería "Renacimiento", 1933.
- Bellamy, Edward. *Cien Años Después o el Año 2000*. Buenos Aires, Biblioteca La Nación, 1902
- Boglich, José. *La Cuestión Agraria*. Buenos Aires, Ed. Claridad, 1936.
- Casaretto, Martín. *Historia del Movimiento Obrero Argentino*. Buenos Aires, Imprenta Vescovo, 1946.
- Carta Orgánica de la Unión Sindical Argentina*. Buenos Aires, 1922.
- *Castelnuovo, Elías. "Sacrificados". En, Lubrano Zas. *Nacimiento, Vida, Muerte y Resurrección del grupo de Boedo*. Buenos Aires, Ed. Rescate, 1988.
- * _____ . *El Arte y las Masas. Ensayos sobre una nueva teoría de la actividad estética*. Buenos Aires, Editorial Claridad, 1935.
- * _____ . *Tinieblas*. Buenos Aires, Ed. Convergencia, 1975.
- Cattaneo, Atilio. *Plan 1932. Las conspiraciones contra el general Justo. El concurrencismo y la revolución*. Buenos Aires, Proceso Ediciones, 1959.
- Comisión del C. C. Del Partido Comunista. *Esbozo de Historia del Partido Comunista de la Argentina*. Buenos Aires, Anteo, 1947.
- Crusao, Juan y Eduardo Gilimón. *Para los que no son Anarquistas*. Buenos Aires, La Protesta, 1922.
- Diecidue, Antonio. *Netri. Líder y Mártir de una Gran Causa*. Rosario, Federación Agraria Argentina, 1969.
- Donamaria, Pedro. "Como se hizo la Revolución, o el Sueño de un Sindicalista". En, *La Voz del Chauffeur*, Marzo de 1922.
- *Di Filippo, Luis. *Nuestro Tiempo*. Buenos Aires, Ed. Claridad, s./d.
- Dittrich, Julio O. *Buenos Aires en 1950 bajo el Régimen Socialista*. Buenos Aires, 1909. (Félix Weinberg, reeditó una parte de esta obra bajo el título de *Dos Utopías Argentinas*. Buenos Aires, Solar/Hachette, 1976. La otra utopía -también recortada- era el de Pierre Quiroule. *La Ciudad Anarquista Americana*, la cual fue reeditada en 1991).
- Fabbri, Luis. *Dictadura y Revolución*. Prólogo de Errico Malatesta. Buenos Aires, 1923.
_____. *¿Qué es la Anarquía?*. Buenos Aires, La Protesta, 1924.
- Falco, Ángel. *Troquel de Fuego*. (Bocetos en rojo sobre la tragedia) Buenos Aires, casa Editora Ferrari Hermanos, 1917.

- Faure, Sebastián. *Mi Comunismo*. Buenos Aires, 1922.
- *García Thomas, Enrique. *Comentarios a la Primera Conferencia Regional de la Alianza Libertaria Argentina*. Buenos Aires, Ed. de la Alianza Libertaria Argentina, 1924.
- *_____. *Crítica Revolucionaria*. Buenos Aires, Alianza Libertaria Argentina, 1933.
- *Gonzalo, Fernando. "La Prehistoria del Anarquismo en América". En, *Paris*, n° 2, 1924.
- Gorelik, Anatole. *La Revolución Social*. Buenos Aires, Ateneo Anarquista, 1923.
- Gori, Gastón. *Vagos y Malentretenidos*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor, 1974.
- Gide, André. *Regreso de la URSS y Retoques a mi Regreso de la URSS*. Barcelona, Muchnik Editores, 1982.
- Gilimón, Eduardo. *El Anarquismo en los Gremios*. Buenos Aires, 1921.
- González Pacheco, Rodolfo. *Carteles*. Buenos Aires, "La Obra", 1919.
- _____. *Carteles de Ayer y Hoy*. Buenos Aires, "La Antorcha", 1928.
- Gorelik, Anatole. *La Revolución Social. Conferencia...* Buenos Aires, Ed. Ateneo Anarquista, 1923.
- Grave, Juan. *¿Qué es la Anarquía?*. Buenos Aires, La Protesta, 1924.
- Ingenieros, José. "Significación Histórica del Movimiento Maximalista". En, *Revista de Filosofía*. La Plata, Marzo de 1919. Conferencia pronunciada el 22 de Noviembre de 1918.
- Intento, Fernando del. *Libro del Hombre*. La Plata, Ed. "Libre Acuerdo", 1927.
- Iscaro, Rubens. *Origen y desarrollo del movimiento sindical argentino*. Buenos Aires Ed. Anteo, 1958.
- Kamia, Delia. *Entre Yrigoyen e Ingenieros*. Buenos Aires, Meridión, 1957.
- Kantor, Moisés. "El Problema Social y la revolución Maximalista en Rusia". En, *Revista de Filosofía*, La Plata, Marzo de 1919 .
- Kropotkine, Pedro. *La Anarquía. Su filosofía, su ideal*. Buenos Aires, Agrupación de Obreros Ebanistas, 1921.
- _____. *La Ciencia Moderna y el Anarquismo*. Buenos Aires, 1922.
- _____. *Conferencias. I. El Estado*. Buenos Aires, 1922.
- _____. *Ética. Origen y evolución de la moral*. Prólogo de N. Lebedev, Buenos Aires, 1925.

*Lazarte, Juan. *Dictadura y Anarquía*. Buenos Aires, La Protesta, 1932.

-Lazarte, Juan y Abad de Santillán, Diego. *Reconstrucción Social. Nueva edificación económica argentina*. Buenos Aires, Nervio, 1933.

-Leuenroth, Edgard e Hélio Negro. *O que é o Maximismo ou o Bolshevismo*. Sao Paulo, ed. Semente, 1919.

*Locascio, Santiago. *Maximalismo y Anarquismo*. Buenos Aires, Ed. Atilio Moro, 1919

-López Arango, Emilio y Diego Abad de Santillán. *El Anarquismo en el Movimiento Obrero*. Barcelona, Cosmos, 1925.

_____. *El Certamen Internacional de La Protesta*. Buenos Aires, "La Protesta", 1927.

-Malatesta, Enrique. *Anarquía*. Buenos Aires, 1927.

_____. Prólogo de R. González Pacheco. *Un interviú con Malatesta por Eusebio C. Carbó*. Buenos Aires, Agrupación Cultural "Los Incansables", 1920.

-Marotta, Sebastián. *El Movimiento Sindical Argentino, su Génesis y Desarrollo*. Buenos Aires, Ediciones Lacio (vol. 1 y 2), 1961; Ed. Calomino (vol. 3), 1970.

*Montemayor, César. *En la Hora Sangrienta*. Buenos Aires, 1917.

-Morris, William. *Noticias de Ninguna Parte o una Era en Reposo*. (Capítulos para una Novela Utópica). Madrid Ed. Ciencia Nueva, 1968. Esta obra fue editada por primera vez en español por la editorial Maucci de Barcelona, en 1903.

-Nettlau, Max. *Esbozo de Historia de las Utopías*. Buenos Aires, Imán, 1932 (Fue publicado con anterioridad en el *Suplemento Semanal de La Protesta*, del primero de Junio al 27 de Julio de 1925; en 1993, fue reeditado por Ediciones Tuero, Madrid).

_____. *Manuscritos Inéditos*. Vol. XVI. "Von November 1909 bis 1934". 1934

_____. *Contribución a la Bibliografía Anarquista de la América Latina hasta 1914*. Buenos Aires, Editorial La Protesta, 1927.

-Nido, Enrique. *Informe General del Movimiento Anarquista en la Argentina*. Buenos Aires, La Protesta, 1923.

_____. *El Pensamiento Filosófico y el Anarquismo*. Rosario, s./ed., 1921.

-Oddone, Jacinto. *Gremialismo Proletario Argentino*. Buenos Aires, Libera, 1975.

_____. *Historia del Socialismo Argentino*. (2 vols.). Buenos Aires, Ceal, 1983.

-Palacios, Alfredo. *La FORA*. Buenos Aires, Agencia Sudamericana de Libros, 1920.

*Paz, Ricardo. *La Defensa Jurídica de Bandera Roja*. Junio de 1919.

-Quesada, Fernando. "Tres Vidas Libertarias". En, *Todo es Historia*. n° 94, 1975.

- _____ . "La Protesta, una longeva voz libertaria". En, *Todo es Historia* n° 82 y 83, 1974.
- *Quiroule, Pierre. *Sobre la Ruta de la Anarquía*. (Novela libertaria). Buenos Aires, Ed. Fueyo, 1909.
- * _____ . *La Ciudad Anarquista Americana. Obra de construcción revolucionaria con el plano de la ciudad libertaria*. Buenos Aires, "La Protesta", 1914. Esta obra fue reeditada y comentada, últimamente, por Luis Gómez Tovar, Ramón Gutiérrez y Silvia Vázquez en Madrid, Ediciones Tuero, 1991.
- * _____ . *En la Soñada Tierra del Ideal*. Buenos Aires, Ed. Fueyo, 1924.
- * _____ . (Juan de la Ciudad). *A mi Hermano el Obrero del Campo*. Buenos Aires, Grupo Comunista Espartaco, s.d..
- * _____ . *La Teoría Social Constitutivo del Campesino Argentino*. Buenos Aires, Ed. Por el Grupo Anarquista Comunista "Espartaco", 1921.
- Radowitzky, Simón. *La Voz de mi Conciencia. Carta a la FORA Comunista*. Buenos Aires, La Protesta, 1921.
- Ramos, Graciliano. *Memória do Cárcere*. (2 vols.). São Paulo, Ed. Record, 1980.
- _____ . *Viagem*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1980.
- Ravinez, Eudocio. *La Gran Estafa*. Santiago de Chile, Ed. del Pacífico, 1954.
- *Ricard, Fernán. *Fundamentos Biológicos de la Anarquía*. Buenos Aires, 1921.
- Riera Díaz, Laureano. *Memorias de un Luchador Social, 1926-1940*. Buenos Aires, s./ed., 1981.
- Rocker, Rodolfo. *Bolshevismo y Anarquismo*. Buenos Aires, 1922.
- _____ . *¿Soviet o Dictadura?*. Buenos Aires, Ed. Argonauta, 1920.
- _____ . *Max Nettlau. El Heródoto del Anarquismo*. México, "Ediciones Estela", 1950.
- Schmidt, Afonso. *Bom Tempo*. Sao Paulo, 1980.
- Serge, Victor. *Memórias de um Revolucionário*. Sao Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- Skirda, Alexandre. *Kronstadt 1921*. Paris, Ed. De la Tete des Feuilles, 1972.
- Stieben, Enrique. *Compañero Linghera*. Buenos Aires, La Protesta, 1922.
- Tálice, Roberto A. *100.000 Ejemplares por Hora. Memorias de un redactor de Crítica, el diario de Botana*. Buenos Aires, Corregidor, 1989.
- *Torralvo, José. *La Revolución. Estudio constructivo de la civilización del trabajo*. Avellaneda, Nuevos Caminos, 1921.

* _____, *Maximalismo y Anarquismo*. Avellaneda, Nuevos Caminos, 1919 (Fue traducido al portugués por *O Internacional*, en 1922).

-Vasco, Neno. *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Lisboa, Ed. "A Batalha", 1920.

*Vidal Mata, José. *Aspectos del Problema Agrario en la Argentina*. Edición de la Agrupación Libertaria "El Trabajo", 1925.

* _____, *La Doctrina del Campesino Argentino*. Edición de la UTA, 1921.

* _____, *La Verdad sobre Rusia*. Buenos Aires, Edición de la Alianza Libertaria Argentina, 1930.

*Yunque, Álvaro. *La Literatura Social en la Argentina*. Buenos Aires, Ed. Claridad, 1941.

B. FONTES ESCRITAS ATUAIS

B.1. ARTIGOS ESPECIALIZADOS

-Adelman, Jeremy. "Labour Law in Twentieth Century Argentina". Paper inédito. Princeton University, 1995.

_____. "State and Labour in Argentina; the Portworkers of Buenos Aires, 1910-1921". En, *Journal of Latin American Studies*, n° 25, 1993.

_____. "Una Cosecha Esquiva. Los socialistas y el campo antes de la Primera Guerra Mundial". En, *Anuario del IEHS*, Tandil, 1989.

-Agosti, Aldo. "As Correntes Constitutivas do Movimento Internacional". En, Eric Hobsbawm. *História do Marxismo*. Vol 6. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

-Ansaldi, Waldo. "Revueltas Agrarias Pampeanas". En, *Vida de Nuestro Pueblo*. Buenos Aires, Ceal, 1982.

-Arcondo, Aníbal. "El Conflicto Agrario Argentino de 1912. Ensayo de interpretación". En, *Desarrollo Económico* n° 79, 1980.

-Ascolani, Adrián. "El Anarcocomunismo rural argentino. Utopía revolucionaria y sindicalismo (1900-1930)". En, *Estudios Sociales* n° 4. 1993.

_____. "Guerra a Muerte al Chacarero". En, Waldo Ansaldi. *Conflictos obrero-rurales*. (3 vols.). Buenos Aires, Ceal, 1993.

-Babini, Nicolás. "La Semana Trágica". En, *Todo es Historia* n° 5, 1967.

- Bar, Antonio. "The CNT: the Glory and Tragedy of Spanish Anarchosyndicalism". En, Marcel van der Linden and Wayne Thorp. *Revolutionary Syndicalism. An international perspective*. London/Vermont, Scolar Press, 1990.
- Barcia, José. "Claridad, una Editorial del Pensamiento". En, *Todo es Historia* n° 172, 1981.
- Barrancos, Dora. "Resistencia y Negociación: el movimiento obrero argentino desde sus orígenes hasta 1930". En, Omar Moreno. *Desafíos al Sindicalismo en la Argentina*. Buenos Aires, Fundación Friedrich Ebert/Legasa, 1993.
- Bayer, Osvaldo. "Anarquisme argentí, una herència singular". En, *L'Avenç*, n° 143, 1990.
- _____. "Los Vengadores de la Patagonia Trágica". En, *Todo es Historia* n° 14, 1968.
- _____. "Los Anarquistas Expropiadores". En, *Todo es Historia* n° 34 y 34, 1970
- Bergquist, Charles. "Argentina". En, *Los Trabajadores en la Historia Latinoamericana*. México, Siglo XXI, 1988.
- Bonaudo, Martha y Cristina Godoy. "Una Corporación y su Inserción en el proyecto Agro-Exportador: la Federación Agraria Argentina (1912-1933)". En, *Anuario* n° 11. Rosario, 1984-1985.
- Bulmer-Thomas, Victor. "Las Economías Latinoamericanas". En, Lesley Bethell. *Historia de América Latina. Vol. 11*. Barcelona, Grijalbo-Mondadori, 1997.
- Casanova Guarda, Holdenis. "La Auracania Colonial: discursos, imágenes y estereotipos". En Jorge Pinto Rodríguez. (ed.) *Del Discurso Colonial al Proindigenismo. Ensayos de historia latinoamericana*. Temuco, Univ. De la Frontera, 1996.
- Corbière, Emilio. "La Fundación del Partido Comunista". En, *Todo es Historia*, n° 106, 1976.
- _____. "Orígenes del P. C. Argentino". *Todo es Historia*. N° 81, 1974.
- Cordero, Héctor, A. *Alberto Ghiraldo, precursor de nuevos tiempos*. Buenos Aires, Editora Claridad, 1962.
- Crespi, Franco. "Projet social, différence, utopie". In, *L'Imaginaire Subversive*. Genebra, Ed. Noir, 1982.
- Cuadrado Hernández, G. "La Rebelión de Braceros". En, *Todo es Historia*, n° 185, 1982.
- Chasteen, Charles. "Fighting Words: The Discourse of Insurgency in Latin American History". En, *Latin American Research Review*. 1993: 3.
- Dri, Rubén. "Mitos Fundantes de Nuestra Cultura". Ponencia inédita, 1994.
- Falcón, Ricardo. "Aspectos de la cultura del trabajo urbano. Buenos Aires y Rosario, 1860-1914". En, Diego Armus. *Mundo Urbano y Cultura Popular*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990.

- Fuentes, Miguel Ángel y José Barcia. "Martín Castro, el Payador Libertario". En, *Todo es Historia* n° 161, 1980.
- Gordon, Eric, Michael M. Hall, Hobart A. Spalding. "A Survey of Brazilian and Argentine Materials at the Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis in Amsterdam". En, *Latin American Research Review*, Fall, 1973.
- Gutiérrez, Leandro H. "Vida material y Experiencias de los Sectores Populares, Buenos Aires, 1880-1914". Buenos Aires, PEHESA, 1981.
- Groot, Paul L. de. "A Survey of Latin American Material: The International Instituut voor Sociale Geschiedenis in Amsterdam". En, *Latin American Research Review*, Spring, 1977.
- Halperin Donghi, Tulio. "Canción de Otoño en Primavera. Previsiones sobre la crisis de la agricultura cerealera argentina (1894-1930)". En, Idem. *El Espejo de la Historia*. Buenos Aires, Sudamericana, 1987.
- Harwich Valenilla, Nikita. "Imaginario Colectivo e Identidad Nacional". En, Michael Riekenberg (comp.) *Latinoamérica: Enseñanza de la Historia, Libros de Textos y Conciencia Histórica*. Buenos Aires, Alianza Ed., 1989.
- Horowitz, Joel. "Argentina Failed General Strike of 1921: A critical moment in the Radical s relations with unions". En, *HAHR*, n° 75, 1995.
- Laforcade, Geoffroy de. "Port Cities, Trade unions and the Merchant marine: a Case Study of Urban Class and State Formation in Modern Argentina". Paper Inédito. Yale University, 1994.
- Lorenzo Alcalá, May. "El Utopismo en Brasil". En, *Todo es Historia* n° 313, 1993
- Nario, Hugo. "La Increíble Historia de los Picapedreros de Tandil". En *Todo es Historia* n°178, 1982.
- Martin, Francisco Luis y Luis Arias González. "Iconografía obrera: imágenes y símbolos visuales del 1° de Mayo en *El Socialista*, (1886-1936)". En, *Revista das Letras*, vol. 18. Coimbra, 1996.
- Olguín, Dardo. "Los Lencinas: los Gauchos de Mendoza". En, *Los Caudillos de este Siglo*. Buenos Aires, Todo es Historia S.R.L., 1976.
- Pianetto, Ofelia. "Mercado de trabajo y acción sindical en la Argentina, 1890-1922". En, *Desarrollo Económico* n° 24, 1984.
- Unamuno, Miguel. "La Primera Gran Represión". En, *Todo es Historia* n° 248, 1988
- Rocha, Aurora de. "Sierra Chica: sangre, sudor y piedra". En, *Todo es Historia* n° 161, 1980.
- Rock, David. "La Semana Trágica y los Usos de la Historia". En, *Desarrollo Económico*. N° 45, 1972.
- Sartelli, Eduardo. "De Sol a Sol". En Waldo Ansaldi. *Conflictos Agrarios Pampeanos /1*. Buenos Aires, Ceal, 1990.

-Siepe, Raimundo y María Monserrat Llairó. "Peripecias de la Diplomacia Argentina en la Revolución Bolchevique". En, *Todo es Historia* n° 322, 1994.

-Solberg, Carl. "Rural Unrest and Agrarian Policy in Argentina". En, *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*. Marzo de 1971.

-Thompson, Ruth. "Argentine Syndicalism: Reformism before Revolution". En, Marcel van der Linden and Wayne Thorp. *Revolutionary Syndicalism. An international perspective*. London/Vermont, Scolar Press, 1990.

_____ "The Limitations of Ideology in the Early Argentine Labour Movement: Anarchism in the Trade Unions, 1890-1920". En, *Journal of Latin American Studies*, Vol. 16, Part. 1, May 1984.

-Thorp, Rosemary. "América Latina y la Economía Internacional desde la Primera Guerra Mundial". En, Lesley Bethell. *Historia de América Latina. Vol n° 7*. Barcelona, Ed. Crítica, 1991.

-Winslow, Calvin. "On the Waterfront: Black, Italian and Irish Longshoremen in the New York Harboue Strike of 1919". En, John Rule and Robert Malcolmson (eds.) *Protest and Survival. The historical experience*. New York, The New Press, 1993 (o London, The Merlin Press, 1993).

-Zaragoza, Gonzalo. "Anarchisme el Mouvement Ouvrier en Argentine à fin du XIXe. Siècle". En, *Mouvement Social. N° 103* (Paris), 1978.

B.2. LIVROS, TESES Y FOLHETOS

-Ainsa, Fernando. *Necesidad de la Utopía*. Buenos Aires, Tupac Ediciones/ Montevideo NORDAN-Comunidad, 1991.

-Alves de Seixas, Jacy. *Mémoire et Oubli. Anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1992.

-Andreucci, Franco y Tomasso Detti. *Il Movimento Operaio Italiano. Dizionario Bibliográfico, 1853-1943, vol II*. Roma, Editore Reunitti, 1976.

-Armus, Diego.(comp.) *Mundo Urbano y Cultura Popular. Estudios de Historia Social Argentina*. Buenos Aires, Sudamericana, 1990.

-Bandeira, Moniz y otros. *O Ano Vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

-Barrancos, Dora. *Anarquismo, Educación y Costumbres en la Argentina de Principios de Siglo*. Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1990.

-Barsky, Osvaldo.

- Batalha, Claudio. *Le Syndicalisme Amarelo à Rio de Janeiro (1906-1930)*. Thèse de Doctorat, Université de Paris I.
- Bayer, Osvaldo. *Los Vengadores de la Patagonia Trágica*. (3 vols.) Buenos Aires, Editorial Galerna, 1972-1974.
- _____. *Los Anarquistas Expropiadores. Simón Radowitzky y Otros Ensayos*. Buenos Aires, Ed. Galerna, 1976.
- _____. *Severino Di Giovanni, el idealista de la violencia*. Buenos Aires, Legasa, 1989.
- Belloni, Alberto. *Del Anarquismo al Peronismo*. Buenos Aires, Peña Lillo Editores, 1960.
- Bernerì, Maria Luisa. *Viaggio attraverso l'utopia*. Ed. A Cura del Movimento Anarchico Italiano, 1981.
- Bilsky, Edgardo. *La FORA y el Movimiento Obrero, 1900-1910*. (2 vols.) Buenos Aires, Ceal, 1985.
- _____. *La Semana Trágica*. Buenos Aires, Ceal, 1984.
- Biondi, Luiggi. *La Stampa Anarchica Italiana in Brasile: 1904/1915*. Roma, Tese de Laurea, 1994.
- Bonfil, Guillermo. *México Profundo. Una Civilización Negada*. México, CHESAS, 1987.
- Botana, Natalio R. *El Orden Conservador. La política argentina entre 1880 y 1916*. Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1994.
- Campo, Hugo del. *Los Anarquistas*. Buenos Aires, Ceal, 1971.
- _____. *Sindicalismo y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable*. Buenos Aires, CLACSO/Biblioteca de Ciencias Sociales, 1983.
- _____. *El Sindicalismo Revolucionario, 1905-1945. Selección de textos*. Buenos Aires, Ceal, 1986.
- Campos, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário. (Movimento Operário nos anos 1919 a 1921)*. Campinas, Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- Capelletti, Ángel. *Hechos y Figuras del Anarquismo Hispanoamericano*. Móstoles, Ed. Madre Tierra, 1990.
- Catarina, Luis M. *La Liga Patriótica Argentina*. Buenos Aires, Corregidor, 1995.
- Cletus, Daniel. *Bitter Harvest. A History of Californian Farmworkers, 1870-1941*. Berkeley, University of California Press, 1992.
- Corbière, Emilio. *Orígenes del Partido Comunista Argentino*. Buenos Aires, Ceal, 1984.
- Costa, Martha. *Los Inmigrantes*. Buenos Aires, Ceal, 1973.

- Devoto, Fernando y G. Rossoli. (eds). *La Inmigración Italiana en la Argentina*. Buenos Aires, Biblos, 1985.
- Díaz, Hernán. *Alberto Ghirardo: anarquismo y cultura*. Buenos Aires, Ceal, 1991.
- Díaz, Honorio. *Ley Sáenz Peña: Pro y Contra*. Buenos Aires, Ceal, 1983.
- Di Tella, Guido y Manuel Zymelman. *Las Etapas del Desarrollo Económico Argentino*. Buenos Aires, Editorial Universitaria, 1967.
- Doeswijk, Andrés L. *Entre a Unidade e a Autonomia, a Revolução e a Reforma. O movimento operário argentino entre o V e o IX Congresso da FORA, 1905-1915*.(mimeo) Campinas, UNICAMP, 1985.
- _____ y Héctor Alimonda. *Argentina. Fuentes para su Historia*. Campinas, Cadernos do Arquivo E. Leuenroth nº 1, 1983.
- Dorfman, Adolfo. *Historia de la Industria Argentina*. Buenos Aires, Solar/Hachette, 1970.
- Dubief, Henry. *Le Syndicalisme Révolutionnaire*. Paris, Armand Colin, 1969.
- Dubofsky, Melvyn. *We Shall Be All. A history of I.W.W.* New York, Quadrangle/The New Yorks Times Books, 1969.
- Echepareborda, Roberto. *Yrigoyen*. (2 vols.) Buenos Aires, Ceal, 1983.
- Eipper, John E. *Elias Castemuovo, la Revolución Hecha Palabras. Biografía, estudio crítico y antología*. Buenos Aires, Ed. Rescate, 1995.
- Falcón, Ricardo. *Los Origenes del Movimiento Obrero, 1857-1899*. Buenos Aires, Ceal, 1984.
- _____. *El Mundo del Trabajo Urbano, 1890-1914*. Buenos Aires, Ceal, 1986.
- Ferro, Marc. *O Ocidente diante da Revolução Soviética. A história e seus mitos*. São Paulo, Brasiliense, 1984 .
- Gaignard, Romain. *La Pampa Argentina. Ocupación, Poblamiento, Explotación. De la Conquista a la Crisis Mundial (1550-1930)*. Buenos Aires, Ed. Solar, 1989.
- Giberti, Horacio. *Historia de la Ganadería Argentina*. Buenos Aires, Ed. Solar, 1976.
- Giordano, Carlos R. (sel.). *Los Escritores de Boedo*. Buenos Aires, Ceal, 1968.
- Gitahy, Maria Lúcia Caira. *Ventos do Mar. Trabalhadores do Porto, Movimento operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992.
- Godio, Julio. *La Semana Trágica de Enero de 1919*. Buenos Aires, Granica Editores, 1972.
- Gómez Casas, Juan. *Historia del anarcosindicalismo español*. Madrid, Ed. ZYX, 1969.

- Grela, Plácido. *El Grito de Alcorta. Historia de la rebelión campesina de 1912*. Rosario, Ed. Tierra Nuestra, 1958.
- Hájek, Milos. *Historia de la Tercera Internacional. La política del frente único, 1921-1935*. Barcelona, Crítica/Grijalbo, 1984.
- Halperin Donghi, Tulio. *Una Nación para el Desierto Argentino*. Buenos Aires, Ceal, 1995.
- Hall, Michael M. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*. Tesis de Doctorado, Columbia University, 1969.
- Haupt, Georges y Jean-Jacques Marie. *Los Bolcheviques*. México, Ediciones Era, 1969
- Hobsbawm, Eric. *El Mundo del Trabajo*. Barcelona, Ed. Crítica, 1987.
- _____. *Era dos Extremos. O breve século xx, 1914-1991*. Sao Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Revolucionários. Ensaio Contemporâneos*. Rio de Janeiro, paz e terra, 1982.
- Iñigo Carrera, J. *La Experiencia Radical*. (2vols.) Buenos Aires, Ed. La Bastida, 1980.
- Lewin, Boleslao. *Cómo fue la Inmigración Judía en la Argentina*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1983.
- López Alfredo. *Historia del Movimiento Social y de la Clase Obrera Argentina*. Buenos Aires, Peña Lillo Editores, 1974.
- López, Antonio. *La FORA en el Movimiento Obrero Argentino*. (2 vols.). Buenos Aires, Ceal, 1993.
- Mafud, Julio. *La Vida Obrera en la Argentina*. Buenos Aires, Ed. Proyección, 1976.
- Matsuhita, Hiroschi. *Movimiento Obrero Argentino, 1930-1945. Sus proyecciones en los orígenes del peronismo*. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1983.
- Maram, Sheldon L. *Anarquistas, Imigrantes e Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- McGee-Deutsch, Sandra. *Counterrevolution*. Nebraska University Press, 1986.
- Meaker, Gerald. *The Revolutionary Left in Spain, 1914-1923*. Stanford University Press, 1974.
- Mueller, Helena I. *Flores aos Rebeldes que Fracassaram*. São Paulo, USP, 1989. Tese de Doutorado.
- Munck, Ronaldo, Ricardo Falcón y Bernardo Galitelli. *Argentina, from Anarchism to Peronism. Workers, Unions and Politics*. London, Zed Books, 1987.
- Romero Maura, J. *La Rosa de Fuego*. Barcelona, Grijalbo, 1975.
- Ortiz, Ricardo M. *Historia Económica de la Argentina*. Buenos Aires, Ed. Raigal, 1955.

- Oved, Iaacov. *El Anarquismo y el Movimiento Obrero en Argentina*. México, Siglo Veintiuno, 1978.
- Pacheco, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1960)*. São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1984.
- Pagani, Susana y Elena Perego. *La Cuestión Agraria en 1919: chacareros y terratenientes*. Buenos Aires, Ceal, 1988.
- Pannetieri, José. *Los Trabajadores*. Buenos Aires, Jorge Álvarez, 1967.
- _____. *Las Primeras Leyes Obreras*. Buenos Aires, Ceal, 1983.
- Pastoriza, Elisa. *Los Trabajadores de Mar del Plata en Visperas del Peronismo*. Buenos Aires, Ceal, 1993.
- Peirats Valls, José. *Breve Historia de la CNT*. Móstoles, Madre Tierra, 1991.
- Pelai Pagés. *Historia del P.C. de España*. Barcelona, Ed. Ricou, 1978.
- Pelletieri, Osvaldo y otros. *Testimonios Culturales Argentinos: la década del 10*. Buenos Aires, Ed. Belgrano, 1980.
- Perus, Françoise. (comp.) *Historia y Literatura*. México, Instituto Mora, 1994.
- Pinheiro, Paulo Sérgio y Michael M. Hall. *A Classe Operária no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 2 vol., 1979/ 1981.
- Pozzi, Patricia. *Natureza e Artefacto: a Ordem Anárquica. Algumas considerações sobre a gênese da idéia socialista libertária*. São Paulo, USP, 1991, Tese de Doutorado.
- Puiggrós, Rodolfo. *Historia Crítica de los Partidos Politicos*. Buenos Aires, Argumentos, 1956.
- Rama Carlos. *Historia del Movimiento Obrero latinoamericano contemporáneo*. Montevideo, Ed. Palestra, 1967.
- Rock, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.
- _____. *La Argentina Autoritaria. Los nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública*. Buenos Aires, Ariel, 1993.
- Rodrigues, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.
- Romero, Andrés. *Un Siglo de Luchas. Historia del Movimiento Obrero*. Buenos Aires, Ed. Antídoto, 1988.
- Santamaría Daniel J. *Las Huelgas Azucareras de Tucumán, 1923*. Buenos Aires, Ceal, 1984.

- Scobie, James. *Revolución en las Pampas. Historia social del trigo argentino, 1820-1910*. Buenos Aires, Ed. Hachette, 1978.
- Solomonoff, Jorge. *Ideologías del Movimiento Obrero y Conflicto Social*. Buenos Aires, Ed. Proyección, 1971.
- Thompson, Edward, P. *A Formação da Classe Operária Inglesa (3 vols.)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. *Tradición, Revuelta y Conciencia de Clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona, Ed. Crítica, 1979.
- Toledo, Edilene. *O Amigo do Povo. Grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Campinas, Unicamp, 1994. Dissertação de Mestrado.
- Tragtenberg, Mauricio. *A Revolução Russa*. São Paulo, Atual Editora, s./d.
- Teixeira Coelho. *O que é Utopia?* São Paulo, Brasiliense, 1980.
- Troncoso, Oscar. *Fundadores del Gremialismo Argentino. (2 vols.)* Buenos Aires, Ceal, 1983.
- Shumway, Nicolás. *La Invención de la Argentina. Historia de una idea*. Buenos Aires, Emecé, 1993.
- Spalding, Hobart. *La Clase Trabajadora Argentina. Documentos para su historia, 1890-1912*. Buenos Aires, galerna, 1970.
- Walter, Richard. *La Provincia de Buenos Aires en la en la Política Argentina, 1912-1943*. Buenos Aires, Emecé, 1987.
- Weinberg, Félix. *Dos Utopias Argentinas de Principio de Siglo*. Buenos Aires, Solar/Hachette, 1976.
- Zaragoza, Gonzalo. *Anarquismo Argentino (1862-1902)*. Madrid, Ed. De la Torre, 1996.
- Zas, Lubrano. *Nacimiento, Vida, Muerte y Resurrección del grupo de Boedo*. Buenos Aires, Ed. Rescate.
- Zinni, Héctor N. *La Mafia Argentina*. Rosario, Centro Editorial, 1975.
- Zorrilla, Rubén. *Estructura y Dinámica Sindical Argentina*. Buenos Aires, La Pléyade, 1974.